J. MARQUESI
DOIS CORAÇÕES
SÉRIE RECOMEÇO - LIVRO 2

J. MARQUESI

Dedicatória
Agradecimentos
Prólogo
01
02
03
04
05
06

46
47
48
49
50
51
52
53
54
Epílogo
Bônus
Sobre a autora
Outras obras
Contato
Notas

Este livro vai para aquelas pessoas que têm coragem o bastante para enfrentar seus próprios corpos e viver um dia de cada vez.

A Deus, sempre!

À minha família pelo apoio, pelas horas que roubo de nossa convivência para estar focada na escrita e por aguentar todos os altos e baixos que vivi ao escrever esta história.

Às amigas Analine Borges Cirne, que também é revisora dos meus livros, e Wilka Andrade (Kika), que trabalha como *mídia* para alguém tão analfabeta acerca de redes sociais como eu. Vocês têm sido meu apoio, obrigada por existirem em minha vida e me aguentarem mesmo quando surto.

Aos envolvidos na coordenação do A.A., que me ajudaram a tirar muitas

dúvidas de como o grupo funciona. Obrigada!

Às blogueiras, que têm se tornado parceiras a cada novo lançamento.

À Camila Gasana pelo apoio e resenhas lindas!

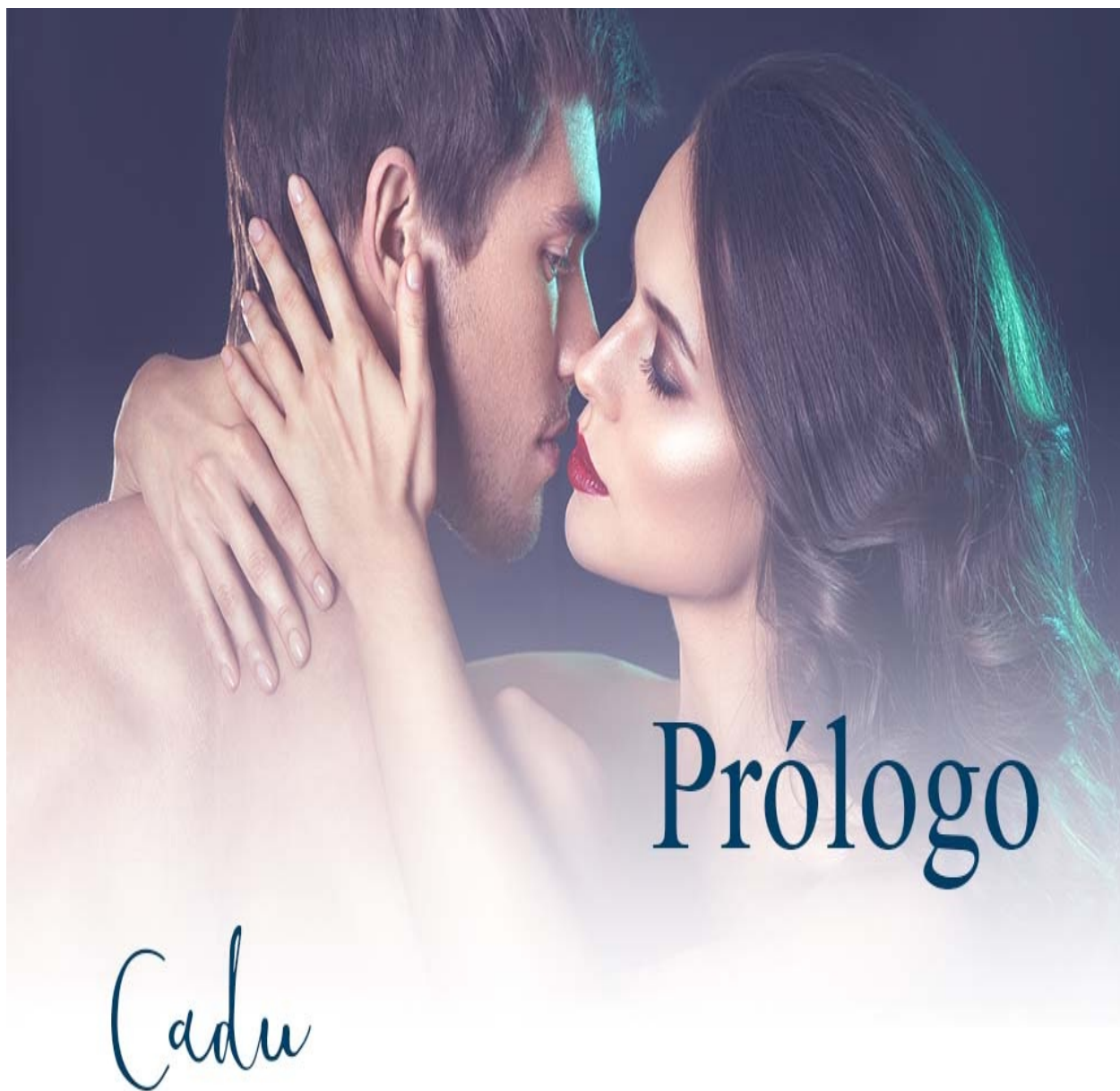
À Leatrice Barros, pessoinha linda que conheci em um evento junto com a Luciany Galvão e de quem já me tornei fã! Obrigada por tudo, lindas!

E, claro, aos meus queridos leitores do *Wattpad*, que acompanharam e vibraram com esta história, deixando-me muito feliz com os comentários e votos. Vocês ajudam a melhorar minha escrita e me auxiliam na caminhada para me tornar uma escritora completa. Obrigada!

Escrever *Dois corações* não foi fácil, confesso. Este foi um livro que nasceu de parto normal, com muitas dores. Os sentimentos dos dois personagens principais e suas lutas mexeram comigo a cada capítulo, eu vivi a angústia de um alcóolico em recuperação e a vontade de viver de uma mulher que teve, desde seu nascimento, uma sentença de morte sobre sua cabeça. Era uma constante montanha-russa, duas contradições que se completavam e um amor tão intenso que me surpreendeu.

Eu espero, do fundo do meu coração, que vocês sintam o que eu senti ao escrever este livro. Que possam viver todas as experiências de Cadu e de Lara e que se emocionem ao descobrir que não há nada mais poderoso do que o amor, qualquer forma de amor.

Boa Leitura,
#GratidãoSempre

J. Marquesi

Julho de 2012.

Minhas mãos tremem, mas eu tento controlar meu nervosismo e não demonstrar o quanto estou emocionalmente mexido com essa situação toda. Porém, basta olhar para os outros quatro rostos iluminados de alegria para eu saber o absurdo que estou fazendo ao refrear minhas emoções.

Sorrio sinceramente pela primeira vez, um sorriso largo, cheio de transparência, completo de toda a felicidade que sinto neste momento. Seguro a caneta com força e, antes de assinar meu nome ao final da folha, olho para minha companheira de vida e minha maior incentivadora.

Deus! Como eu sou sortudo por tê-la ao meu lado!

Seus olhos castanhos brilham emocionados, com lágrimas represadas que ela mantém sem deixá-las cair, mas sei que, assim que nós dois estivermos a sós, nada a impedirá de me abraçar apertado e dar vazão a cada uma delas, gargalhando e chorando como eu já a vi fazer várias vezes.

Mônica balança a cabeça, transmitindo-me a alegria que sente e me incentivando a escrever logo meu nome no papel. Entretanto, eu ainda hesito. Essa será a minha primeira assinatura em um contrato com uma gravadora, a primeira de muitas, eu espero. A partir de hoje, um sonho se realiza na minha vida e mais uma alegria se soma a tantas outras que tive neste ano.

Primeiro, foi o nascimento de minha filha, Amanda Kaufmann Fontenelles. Eu nunca poderia imaginar sentir aquela emoção, era como se meu mundo tivesse ficado pequeno, só dela. Quando a peguei em meus braços, chorava tanto que tive medo de deixá-la cair, de que algo de mal lhe ocorresse e entendi o que minha mãe sempre me disse sobre filhos. A partir daquele momento, eu deixei de ser o Carlos Eduardo Souza Fontenelles e passei a ser o pai da Amanda.

Tudo o que me importa, tudo o que penso para o meu futuro, todos os meus sonhos foram adaptados para que ela coubesse neles e fosse a motivação de cada um deles.

A segunda alegria veio junto à notícia de que a banda da qual eu faço parte – a Off-Road – despertou interesse de um dos melhores empresários do ramo da música no Brasil. Eu estava tão empolgado com a possibilidade de, enfim, poder viver do meu sonho que pedi a Mônica em casamento.

Pode parecer meio louca a situação, pois ela ainda é menor de idade, mesmo já sendo mãe. Na verdade, os seus pais nunca concordaram com nosso namoro. Eu sou um homem simples, nascido e criado na periferia da cidade, onde minha mãe lutou para criar sozinha minha irmã e a mim depois que nosso pai se mandou e nunca mais deu notícias.

Eu só conheci a Mônica porque minha mãe foi trabalhar como faxineira em um colégio particular onde só estudam pessoas da alta-sociedade paulistana. No começo, eu lhe fazia companhia até lá, pois ela acordava de madrugada para chegar no horário e andava pelas ruas escuras de São Paulo, o que era muito perigoso. Então minha irmã e eu fazíamos o caminho com ela e depois seguíamos para nossa escola. No ano seguinte à contratação dela, Milena – minha irmã, três anos mais velha – ganhou uma bolsa para estudar naquela escola, por possuir notas excelentes. Eu continuei no colégio público porque nunca fui um aluno muito interessado e não despertei nenhum interesse do colégio em questão – não pelas minhas notas. Eu confesso que era um tanto rebelde e arruaceiro.

Sempre gostei mais de estar praticando algum esporte ou tocando violão em algum canto da escola a propriamente estar em uma sala de aula, entre cadernos e livros. Enquanto minha irmã se formava com honras e entrava para uma faculdade pública, eu repetia de ano. Cheguei a falar sobre largar o colégio e começar a tocar na noite – o que me rendeu uma surra com cabo de vassoura da minha mãe –, mas continuava a ir às aulas por causa do futebol, pois fazia parte do time da escola.

E foi por esse motivo que recebi a bolsa para entrar na tão famosa escola onde minha mãe trabalhava e minha irmã se formara. O treinador do time deles me viu, gostou do meu desempenho e me chamou para conversar. Eu aceitei ir por causa da minha mãe, porque o pessoal de lá era muito ruim, de verdade.

Cheguei à escola entre cochichos e olhares desconfiados. Tinha 17 anos, estava no segundo ano do ensino médio, pois havia repetido um ano e estava atrasado. Eu não entendia nada das aulas, ficava louco olhando a quantidade de matérias e de tempo que passava fechado dentro do prédio. Eu odiava o lugar!

As meninas me tratavam bem – principalmente as do último ano –, porque eu pegava uma e as outras ficavam sabendo e queriam provar também, mas nenhuma delas conversava comigo ou oferecia ajuda, principalmente perto dos outros alunos. Os outros meninos me odiavam, ofendiam-me, e, quando começaram a ofender minha mãe, parti para cima deles e só não fui expulso porque o professor de educação física me segurou, alegando que descobrira que eu era um ótimo nadador. E era! Por incrível que parecesse, o garoto que nunca havia entrado em uma piscina, mas que nadara muito nos rios e córregos – sujos, por sinal – nadava tão bem a ponto de começar a ir em competições pelo colégio.

O futebol foi deixado de lado, embora eu ainda treinasse, e passei a me dedicar à natação. Eu treinava seis dias da semana depois dos horários das aulas e passei a amar estar dentro do colégio, embora minhas notas ainda fossem um caos.

Um belo dia, estava saindo da piscina, quando uma das treinadoras do time de natação veio andando em minha direção com uma menina loira e muito magrela. A professora me explicou que, se eu continuasse a tirar notas baixas, seria retirado do time e que, por isso, ela havia conseguido ajuda.

Mônica e eu nos conhecemos assim.

Eu, um garoto pobre de 17 anos, bolsista e prestes a repetir o ano, e ela, com 14 anos, fluente em duas línguas além do português e detentora do maior coeficiente de rendimento da escola.

Ela me ajudou a estudar, era atenciosa, tímida, e eu logo a quis como amiga. Passamos a conversar sobre coisas além das matérias, como música, esporte e filmes. Ela comentava sobre artes, mas eu pouco entendia e, todos os dias, eu a

esperava na porta principal da escola e a via descer do carro importado preto com o auxílio do motorista e sorrir para mim.

Foi só no ano seguinte – o último ano em que eu iria estudar ali – que eu percebi que queria mais do que amizade com ela. Mônica estava atrasada para nossa aula de reforço de química na biblioteca, e eu fui procurá-la pelo colégio e a vi na sala de dança, linda, vestida com um tutu e com sapatilhas de ponta, rodopiando ao som de uma música clássica.

Eu sempre amei a música. Tocava violão desde os 10 anos de idade e, aos 13, comecei a compor. A música mexia com o meu coração de uma forma que nada mais conseguia... até vê-la dançar. Os movimentos, o seu rosto ao executar cada passo, sua leveza e classe. Assim que ela parou, viu-me e sorriu daquele jeito só dela – sorriso misturado com bochechas vermelhas –, e eu soube que estava apaixonado.

Demorei um tempo para revelar isso a ela, mas quando o fiz, Mônica me agarrou forte e chorou. Eu fiquei apavorado, achando que a havia ofendido com a pretensão de que uma garota como ela, educada, fina, filha de uma família riquíssima quisesse algo comigo, mas, quando ela me olhou, vi que ela chorava de alegria.

A mesma expressão que vejo agora.

Respiro fundo e assino meu nome, juntando minha assinatura às demais no papel. Atrás de mim escuto risadas e sei que meus amigos estão loucos para comemorarem esse feito. Levanto-me e vou até a mulher da minha vida, minha amiga, minha fã, meu amor.

— Conseguimos! — digo a ela assim que a enlaço apertado.

— Conseguimos! E esse é só o começo, Cadu — sua voz é determinada. — Em alguns meses sua música será cantada por milhares de pessoas e a Off-Road ficará na lista das bandas mais vendidas.

Concordo com ela, emocionado, e indago:

— Vamos pegar Amanda e comemorar?

— Não! Vamos comemorar com o pessoal da banda primeiro. — Olho para os meus três amigos – quase irmãos –, que conheço desde sempre e que estudaram comigo no colégio público. — Nós merecemos comemorar esse momento.

Sim! Ela tem razão. Beijo-a, não me importando com os figurões na sala, apenas querendo-a bem junto a mim.

— Eu te amo e não vejo a hora de ter você e nossa filha comigo para sempre.

— Falta pouco! — Sorri. — Eu completo 18 anos em pouco tempo, e aí damos entrada nos papéis e eu saio da casa dos meus pais. Adeus, gaiola

dourada!

Rio do apelido com o qual ela chama sua casa e a aperto contra mim, cheio de esperança de poder, um dia, estar à altura dela.

— Então, vamos comemorar!

— Vamos! — ela diz animada. — Esse é o primeiro dia do resto da nossa vida feliz!

Sorrio ao ouvir isso, sentindo-me o homem mais sortudo do mundo.

Dias atuais.

— Boa noite, Porto Alegre! — saúdo a multidão que enche o estádio do Colorado, ainda ouvindo pedidos de bis, mas já me retirando do palco, cambaleante e louco para encontrar uma bebida decente, já que a do meu camarim se esgotou antes de o show começar.

Esta vida de fazer shows todo final de semana – que, para a banda, começa na quinta-feira e termina no domingo – é desgastante, mas é ainda melhor do que no começo, quando fazíamos mais de 30 apresentações por mês, com dois shows no mesmo dia na maioria das vezes.

Há quase seis anos a Off-Road está – ao contrário do nome – oficialmente na estrada. Nosso sonho realizado, concreto e permeado de sucesso, prêmios, menções, trilhas sonoras e fama. Quando ainda era um garoto que tocava na noite, achava que isso seria a epítome da felicidade.

Não poderia estar mais enganado!

Não há felicidade nisso sem ela.

Não há satisfação alguma sem ela.

Entro no camarim e me olho no espelho colocado aqui para que eu me arrume. Refletido nele, vejo um homem com os olhos vermelhos, magro e com uma expressão de dor.

Eu me sinto vazio, oco por dentro, vivendo minha vida por viver. Mônica foi a única mulher que amei, e perdê-la da forma como a perdi me deixou sem chão, sem rumo. Fecho os olhos e penso em Amanda, nossa filha, fruto do amor mais puro que já conheci. Eu tenho mantido frequência nas visitações a ela, que mora com os avós maternos, mas sinto que eu deveria estar com ela mais vezes do que consigo.

Gemo e balanço a cabeça, não querendo me torturar com as lembranças do meu fracasso, com o preço que a vida tem me pedido em troca de toda essa fama que conquistei nos palcos.

— Porra!

Soco o espelho, que se parte, e a dor em minha mão, bem como o sangue que escorre dela fazem com que a dor dentro de mim amenize um pouco. Sinto minha boca seca, preciso urgentemente de uma bebida, preciso esquecer, preciso fingir que eu não existo, e, somente entorpecido pelo álcool, é que consigo isso. Ele é o meu remédio.

Pego a jaqueta de couro em cima de uma poltrona e tenciono sair do camarim, mas sou impedido por Cristóvão Barros, meu empresário.

— Que merda foi aquela toda no palco hoje, Cadu?

Bufo impaciente, sentindo minhas mãos tremerem de vontade de sair daqui e conseguir alguma bebida.

— O show foi ótimo! — digo apenas.

— O caralho que foi! — Ele soca uma mesa ao lado. — Porra! Você quer ferrar com todo mundo? Quer fazer da vida de seus amigos o caos que é a sua? Porra, Carlos Eduardo, cresça!

— Você, como sempre, fazendo tempestade...

— Tempestade?! — ele grita vermelho de raiva, o que acentua ainda mais seus cabelos ruivos. — Tempestade?! O Luti está lá no palco, cantando em seu lugar, porque você simplesmente ignorou sua plateia! Você mal cantou esta noite e tocou como um merda! — Ele se aproxima. — Além do mais... você fede a

bebida de longe!

— Eu só tomei uns tragos para relaxar antes do show, Cris. Não enche a porra do saco como se eu fosse adolescente, e você, meu pai.

Ele avança para dentro do camarim, abre o frigobar e, em seguida, a bandeja com bebidas, cujas garrafas em cima estão todas vazias.

— Uns tragos? — Levanta duas garrafas de uísque. — Cadu — ele respira fundo —, eu não posso mais adiar te falar isso, cara, mas você precisa de ajuda.

Rio.

— Eu estou ótimo! Todo mundo bebe aqui, não sou o único!

— Sim, mas ninguém esquece a letra da própria música ou mesmo as notas da canção que compôs por causa da bebida, Cadu! Eu sei que tudo o que aconteceu de uns anos para cá afetou você, sei, sim, acredite!

— Você não sabe de nada! — respondo indignado. — Ninguém sabe de nada! Vocês só querem essa merda de fama e dinheiro... Eu só queria minha vida de antes de volta!

— Não, Cadu! Tudo o que vocês conquistaram vai além de fama e dinheiro. É o sonho de vocês. É a realização de algo, é a música!

— Foda-se a música! Foda-se o sonho! Você realmente acha que eu fazia questão de ter CDs gravados e shows pelo Brasil? Não! Esse era o maior sonho *dela*! — Controlo-me o máximo que posso para não começar a chorar. — Minha música sempre foi suficiente para mim, mas ela achava que isso deveria ser compartilhado, que meu talento deveria ser reconhecido. — Rio. — E agora? Era ela quem mantinha o sonho, sem ela não há motivos para...

— Seus três amigos, que contam com você. Esse é seu motivo — congelo ao ouvir isso. — Seu público, que adora você e suas letras tão profundas. Esse é mais um motivo. — Cerro o punho de raiva, por saber que ele está tentando me comover com essa história. — A vida que você pode proporcionar para sua filha. Esse é outro moti...

— Vá se ferrar, Cris! — grito, virando as costas para ele e seguindo em direção à porta.

— Eles te amam, Cadu, mas não sei até quando irão sacrificar a carreira e a música que tanto amam por você! — Abro a porta com força. — Eu não vou deixar o sonho deles morrer porque você prefere viver sentindo pena de si mesmo!

— Faça o que achar melhor! — rosno de volta antes de bater a porta e deixá-lo lá dentro.

Merda! Preciso de alguma coisa a mais, além da bebida, hoje. Pego meu celular e procuro na agenda números de mulheres com quem já dormi aqui, na capital gaúcha. Ligo para a primeira que aparece em minha lista e marco de a

encontrar no apartamento dela; antes, entretanto, preciso comprar bebida.

Minha cabeça martela, e meus olhos ardem como fogo. Abro-os, e a cena que vejo me tira do chão. Destruição, cheiro de sangue, pedaços do carro espalhados para todos os lados e Mônica, com o rosto todo ensanguentado, olhando-me triste.

— Não! — grito e tento ir até ela, mas não consigo. Estou preso nas ferragens, e minha perna esquerda começa a doer.

Ela mexe somente os olhos, sem falar nada. Suas mãos ainda estão sobre o volante, pressionadas pelo seu corpo, e sua cabeça, enfiada no para-brisa quebrado. Eu não sei o que aconteceu, devo ter dormido ou estar dormindo ainda.

Sim! É um pesadelo!

Acorde! Acorde! Acorde!

— Acorde! — escuto uma voz feminina. — Acorde, Cadu!

Sento-me assustado, sentindo meu corpo suado, minha pele arrepiada e meus músculos tremendo. Olho para o lado à procura de Mônica, mas a mulher que vejo nua na cama comigo em nada se parece com ela.

Não!

Fecho os olhos, tentando clarear minha mente, embora minha cabeça doa e eu me sinta enjoado. Quando torno a abri-los, a mulher ao meu lado parece preocupada.

— Você está tendo um pesadelo. Fiz mal em te acordar?

Pesadelo!

Olho-a. Não era um pesadelo. Era a lembrança do dia em que perdi minha alma. Do dia em que perdi a razão de viver e ser feliz.

— Tudo bem! — Levanto-me, vou até as bebidas que comprei ontem, no caminho para cá, e encho um copo de uísque até a boca. — Foi só um pesadelo!

Ela se levanta e me abraça pelas costas, mas ignoro seu corpo quente e nu atrás de mim, continuando a beber.

— Vamos voltar para a cama? — Ela brinca com minha orelha. — Te faço um carinho gostoso para que esqueça o sonho ruim.

Esquecer... Como se eu pudesse!

As mãos dela descem sobre meu corpo, segurando meu pau excitado pelo tato e pela sua proximidade e começam a masturbá-lo com força, do jeito que gosto. Termino minha bebida e a carrego para a cama.

Ela sorri, logo abrindo as pernas quando chego lá. Eu não me finjo de desentendido e, após colocar a camisinha, entro com tudo nela, fazendo-a arquear as costas. Meto como um louco, como se, a cada movimento mais forte, conseguisse afastar de mim todas as dores e desilusões, mas, ao mesmo tempo, querendo que o diabo me leve, já que levou minha alma em troca da fama, em um acordo que eu nunca fiz com ele.

Esvazio minha mente e me deixo ser guiado pelo instinto, sentindo prazer e satisfação no sexo, completamente molhado de suor por tantas estocadas seguidas, sem parar, ouvindo a mulher embaixo de mim gritando de tesão.

Quando gozo, sinto por um momento que ainda continuo vivo, mas ele é tão fugaz que dura menos do que o orgasmo. Desabo em cima dela, que ri satisfeita e diz coisas safadas em meu ouvido.

Beijo-lhe a testa, agradecido pelo momento de alívio.

Ela segue para o banho, e eu, mais uma vez, para a bebida. Olho para o meu pau, já em descanso, com a camisinha cheia de esperma pendurada nele, e a retiro, jogando seu conteúdo no lixo e, após, descartando-o também. Faço isso desde que um dos componentes da banda, o Pepê, foi pai depois de transar com uma fã. Ele exigiu o exame de DNA, pois transaram de camisinha, mas, depois que o mesmo retornou positivo, ele descobriu que ela usara o sêmen que ficara no reservatório do preservativo para engravidar. Ele é louco pelo filho, mas tem pavor da mãe. A mulher em questão vive uma vida fora da realidade dela graças à pensão que o Phelippe paga para a criança.

Eu já tenho problemas demais para resolver, não preciso conseguir mais um, por isso, desde que soube da história, comecei a tomar mais precauções.

Encho mais um copo de uísque e vejo a mulher sair do banheiro, perfumada e gostosa. Ela sorri para mim e se deita, indicando-me o local para que eu possa passar a noite com ela. Bebo o conteúdo do copo de uma só vez e nego.

— Preciso ir. — Ela faz careta. — Meu voo para São Paulo sai daqui a algumas horas, e eu ainda preciso ir ao hotel.

— Não pode remarcar o voo?

Nego novamente.

— Estamos de jatinho e só não fomos embora após o show porque o pessoal queria descansar um pouco antes de ir.

Ela sorri, safada.

— Você não descansou nada!

— Mas estou relaxado. — Pisco, colocando minha roupa. — Obrigado pela noite. — Cambaleio um pouco ao colocar a calça jeans.

— Tem certeza de que vai mesmo? — Ela parece preocupada. — Cadu, você bebeu a noite...

— Por favor, não!

Ela suspira e dá de ombros.

Depois de nos despedirmos, pego o carro que aluguei assim que cheguei à cidade e vou até o hotel. Em alguns pontos do caminho, penso ter adormecido de leve, mas chego em segurança.

Não estou fora de mim, afinal! A bebida só me ajuda!

Estar em São Paulo, longe da minha família pela primeira vez, foi empolgante quando cheguei aqui há mais de um ano. Tudo era novidade, e eu me sentia, enfim, adulta. Buscar um local para morar que fosse perto da faculdade e barato o suficiente para que eu pudesse pagar com as economias que tinha e com o dinheiro que minha avó Maridalva me dava – a contragosto dos meus pais – não foi fácil, mas divertido.

Tudo era divertido!

Por fim eu estava na capital paulista, estudando o que eu sempre amara e em uma das universidades públicas mais conceituadas do país. Ia poder fazer amigos, encontrar um bom emprego e, quem sabe, achar um amor. Nem dei

muita atenção ao fato de que meu dinheiro dava apenas para pagar uma república onde eu teria que dividir um quarto com uma desconhecida; achei emocionante.

E foi... por dois meses! Meus companheiros de república – 12, no total – eram pessoas legais, mas a maioria deles gostava mais de organizar festas do que de, efetivamente, descansar ou estudar em casa. Comecei a ter dificuldade na faculdade, pois, apesar de tocar instrumentos desde quando me entendia por gente, eu não sabia muita teoria e precisava estudar muito. Então, ficava na faculdade até altas horas da noite, estudando, e só ia para a república dormir.

Um pouco antes de o semestre terminar, minha colega de quarto, Tiana, e mais dois amigos dela resolveram alugar um apartamento pequeno. O valor não mudaria muito do que eu pagava na época, e eu realmente fizera amizade com a Tiana, por isso decidi segui-la. O apartamento em que moramos agora é um pouco mais distante da Escola de Comunicação e Artes do que a antiga república, mas a paz e a tranquilidade são enormes. Meus colegas são demais, embora bem diferentes entre si.

Tiana, a que divide o quarto comigo, é estudante de audiovisual, já o Marlon e a Helô fazem artes cênicas. Todos temos praticamente o mesmo horário e andamos juntos os 3km até a ECA[1]. Eu já estou no terceiro semestre de licenciatura em música e pensei que conseguiria – como o fazia em minha cidade – dar algumas aulas particulares e, assim, conseguir me manter, mas percebi que a capital é bem diferente do interior nesse quesito. Depois de tentativas frustradas, concorrendo com pessoas já formadas, acabei indo trabalhar junto com o Marlon em um pub na Vila Madalena.

E é aqui que estou neste momento, sentindo-me desanimada e cansada, às 4h da manhã, depois de ficar em pé, fazer milhares de drinques e aguentar alguns clientes abusados desde às 8h da noite. Eu ganho um salário de comércio, mas as gorjetas me fazem sorrir e ficar aqui apesar de tudo, pois dobram esse valor todos os meses, além de eu ter feito amizade com o pessoal.

O pub é um local badalado, frequentado por todo tipo de pessoas, desde estudantes ferrados a artistas e empresários. Tem uma música bacana, que varia de acordo com o dia da semana e tem petiscos ganhadores de prêmios. A proprietária, Duda Hill, herdou o bar do pai e o transformou no point do momento, mas, apesar disso, não sai da cozinha e trabalha mais do que nós, os atendentes, garçons e *bartenders*.

Quem diria! Eu, filha de um casal religioso, que aprendeu a tocar na igreja, estou trabalhando como *bartender*. No começo entrei como garçonete, mas depois demonstrei interesse em aprender a fazer drinques, e o Kiko – o mago das bebidas – resolveu ensinar e me colocou para ajudá-lo.

Divirto-me, não nego, são muitas as histórias engraçadas que ouço aqui, de terça-feira a domingo. Entretanto, o trabalho tem feito meu rendimento cair na faculdade. Na segunda-feira, embora eu tenha folga aqui, tenho aula o dia inteiro e só chego a minha casa depois das 19h. Na terça-feira não tenho aula. No entanto, começo a trabalhar no pub às 15h, para compensar duas folgas aos domingos para ir visitar a minha família na cidade onde nasci, no sul do estado, ou apenas para poder estudar a matéria da semana.

Contudo, mesmo diante dessa correria louca, amo todas essas experiências, pois nunca pensei que conseguiria vivê-las. Sou grata, todos os dias, por ter essa oportunidade de viver normalmente, como qualquer mulher da minha idade.

— Ei, Lara! — Marlon vem ao meu encontro. — Terminou de limpar tudo?

Sorrio, olhando para o liquidificador que acabei de lavar, mas que, em vez de já tê-lo secado e guardado, continuou em minha mão enquanto eu divagava sobre minha vida.

— Já. — Seco meu principal instrumento de trabalho e o coloco no armário. — Hoje foi um daqueles dias! Nunca fiz tanto *frozen* na vida!

— É o calor, amiga. — Ele rouba um morango de dentro do recipiente e o põe na boca. — Hum, ainda bem que não guardou esses! Estão suculentos!

Eu o repreendo, sorrindo, e, depois de tampar o pote, guardo-o dentro do refrigerador.

— A casa ficou lotada, vi a fila lá fora — comento. Ele sorri orgulhoso. — E sem nenhuma confusão hoje, graças a Deus!

— Querida, você tem que entender que eu imponho respeito! — Ele cruza seus braços musculosos, forçando a camisa social que veste. — Ah... falando em respeito — gargalha —, viu as duas garotas sentadas na 16? — Aponta para a terceira mesa de frente para o bar. — Ficaram me mandando indiretas a noite inteira!

— Pobres iludidas! — Marlon ri ante minhas palavras. — Nenhum bofe nota 10 hoje?

— Nenhum. — Suspira. — No máximo um nota sete, mas você sabe que sou muito exigente.

Concordo com ele, batendo meu ponto e em seguida entrando na cozinha para me despedir.

Seguimos juntos para o ponto de ônibus, à espera da condução que nos levará ao Butantã. Confesso que ainda tenho muito receio deste horário, mas, vendo a quantidade de pessoas que já estão acordadas esperando o transporte para irem ao trabalho, noto que é algo normal em São Paulo. Há violência? Sim, há, mas ninguém deixa de viver, de comer e de ter de se sustentar.

— Sua aula começa a que horas?

— Às 10h15 da manhã. Vou conseguir dormir umas três horas, mas pelo menos vou conseguir dormir. Tem dias que vou virada.

— Eu também, amiga. Mas o que podemos fazer? Precisamos trabalhar para continuar aqui, e o único trabalho que concilia com nossos horários de aula é o noturno.

— Sim, eu sei. O problema é que não estou conseguindo fazer matérias eletivas e não queria acumular isso para o final do curso. Também gostaria de já fazer algumas atividades extras para conseguir horas.

— Pois é, eu também. — Marlon fecha os olhos assim que conseguimos lugar no ônibus até a estação Pinheiros. — Eu sempre quis ser cenógrafo e tenho talento, mas a faculdade está tirando meu couro.

Rio e encosto minha cabeça na dele, comentando:

— E há quem pense que alunos de "artes" não estudam.

— Aff! Quem é o iludido?

Uma hora depois caminhamos juntos até o apartamento desde a estação do Butantã. Ainda tenho um dia inteiro pela frente e mais quatro noites antes da minha merecida folga de segunda-feira no pub.

Chego a casa, tomo um banho rápido, entro no quarto devagar para não acordar a Tiana e durmo como pedra. Duas horas e meia depois, meu despertador volta a tocar, e começo mais um dia da minha vida corrida, agradecendo novamente pela oportunidade de ainda estar aqui.

Ponho a mão no meu coração, sentindo suas batidas fortes e constantes e, antes de me vestir para ir à aula, olho no espelho para a cicatriz em meu peito. Esta marca em mim me traz sentimentos tão diferentes, mas o maior deles, com certeza, é a gratidão. Pego o pingente do cordão, guardado em um local seguro, e mentalizo um agradecimento à vida e pelo privilégio de ainda tê-la.

— Ei, Lara! — viro-me assim que escuto meu nome e dou de cara com minha professora de AACC[2], Gilda. — Eu queria mesmo conversar com você!

— Olá, professora! — saúdo-a com gosto, pois ela é uma ótima pessoa. Desde que nos conhecemos no começo do semestre, ela tenta me ajudar a conseguir horas para a matéria. — Algum problema com nossa aula?

— Não, não, tudo certo! — Ela parece animada. — Podemos ir para a cantina?

Concordo e a sigo para lá. Sentamo-nos a uma das mesinhas, e eu a aguardo pedir um café, recusando algo para mim mesma.

— Lara, surgiu uma oportunidade maravilhosa! — meu coração dispara ao ouvir isso. — Eu sei que ainda não está fazendo estágio supervisionado, mas pensei em você assim que me procuraram. — Ela me entrega um cartão. — Eu te recomendei para dar aulas particulares.

Meu sorriso de satisfação é enorme, e pego o cartão com alegria e esperança.

— É para uma menininha de uns seis anos. Os avós são conhecidos meus, pessoas importantes e querem que a menina aprenda em casa. — Concordo ao ler o nome de uma senhora no cartão de visitas. — Ela estava em um curso de piano, mas decidiram tirá-la de lá para colocarem um professor com ela em casa.

— Acha que tenho chance? Sou só uma aluna de...

— Lara, você está fazendo licenciatura, aprendendo e se habilitando a dar aulas de música, mas é uma excelente instrumentista. Tenho certeza de que saberá ensinar à menina e, com a minha recomendação, tem muitas chances de ficar com o emprego.

— Será que conseguirei conciliar com a faculdade e meu emprego noturno? Não tenho certeza se dar aulas particulares vai conseguir me manter.

— Provavelmente não. Eles são bem ricos, mas vão te pagar o praticado pelo mercado, então... — Suspiro, sabendo que isso é bem pouco. — Mas pense nas horas complementares que você ganhará. Você estava tão preocupada com isso!

Sim, as horas complementares compensarão ter mais uma atividade ao longo da semana, e poderei começar a ensinar, como sempre sonhei em fazer. Essa é a minha retribuição à música, pois foi por causa dela e dos sonhos que me proporcionava que eu não desisti quando tudo pareceu pesado e difícil demais. Para mim, uma criança que mal podia dar alguns passos sem ver o olhar aterrorizado dos meus pais, com medo de que eu caísse morta a qualquer instante, a música foi minha companheira.

Enquanto minha irmã ia brincar na rua, fazer esportes e ser criança, eu ficava presa dentro de casa, sonhando com o dia em que poderia fazer algo sem pensar que possivelmente me levaria à morte. Foi assim que comecei a tocar, primeiro o piano, sentada durante horas, testando as teclas e as notas, para, enfim, meu pai contratar um professor. Mais tarde comecei a praticar o violino e me apaixonei pelo instrumento. Aí foi natural aprender a tocar violão, violoncelo e contrabaixo. Eu era uma menina que vivia rodeada de partituras 24 horas por dia. Dormia ouvindo músicas clássicas e óperas e, aos 10 anos, fiz minha primeira composição.

Apesar disso tudo, nunca pude me apresentar em público. Meus pais tinham medo da emoção e do nervosismo me matarem, e eu era proibida de cantar, então

apenas balbuciava as músicas, enquanto minha irmã soltava a voz.

Somente com 17 anos é que comecei a me apresentar, a dar aulas particulares e a cantar para valer. Sentava em minha cama com o vilão e ficava horas cantando músicas que sempre sonhara cantar, sem nenhum fantasma da morte a me rondar. Aos 18 formei-me no colégio e contei aos meus pais sobre meu desejo de vir estudar na ECA, mas eles foram contra, alegando que eu não me adaptaria à capital e que poderia ser perigoso.

Estudei escondido por mais de um ano e, quando vim fazer o FUVEST, inventei uma desculpa para eles, ajudada por minha amiga Laine, e viajei para São Paulo. Passar no vestibular foi apenas uma etapa, porque eu sabia que convencê-los a me ajudar com o aluguel seria uma árdua missão, porém, eu estava enganada. Não foi árdua, foi impossível. Eu vi meus sonhos se esfarelarem diante de mim quando eles se negaram a me ajudar a vir para cá. Um vestibular tão difícil e concorrido, tanto tempo focada somente nele e, na hora de vir, não tinha apoio.

Conferi as economias que fizera ao longo de pouco mais de dois anos dando aulas particulares e constatei que não eram suficientes para me manter até eu arranjar um emprego. Foi então que minha avó, enfrentando meus pais, dispôs-se a pagar meu aluguel e me fez realizar meus sonhos.

Ensinar uma criança a amar a música como eu, a talvez salvar seus sonhos ou mesmo lhe dar um será um prazer para mim.

— Vou ligar marcando a entrevista — informo, e Gilda sorri satisfeita. — Obrigada pela confiança, professora.

— Ah, Lara, você tem talento e sensibilidade. É a pessoa ideal para ensinar a jovem Amanda.

Amanda... sorrio pensando no nome, lembrando que tive uma boneca que se chamava assim e que eu dizia que, se sobrevivesse até ser mãe, eu o colocaria em minha própria filha.

Arrumo minha roupa dentro do carro antes de passar pelos portões da mansão dos Kaufmanns. Hoje é o dia em que tenho duas horas para ver minha filha, sob a supervisão da babá, claro. Essa visitação foi estabelecida baseada no meu “histórico” de inconstância, uso de entorpecentes e álcool, assim, segundo os Kaufmanns, eu poderia pôr em risco a vida de minha filha caso ela ficasse comigo por um dia inteiro ou dois.

Duas horas! É esse o tempo que tenho para saber como foram suas duas últimas semanas desde a visita anterior, conversar e tentar brincar um pouco com ela. Olho para o lado e vejo um embrulho com o presente que lhe trouxe. Não é nada caro, mas algo que a fará se lembrar de mim quando sentir minha falta.

Sinto meu coração apertar ao me lembrar de nossa última visita, há duas semanas, quando ela me disse que sentia a minha falta e me perguntou por que, como acontecia com seus amigos e os pais deles, eu não podia levá-la ao parque ou mesmo para conhecer meu apartamento.

Amanda é doce e sensível como Mônica, embora tenha herdado minhas características físicas, é inteligente e, quando sorri, tudo se ilumina à sua volta. Porém, acredito que ela quase não saiba como é sorrir como uma criança. A maneira como os avós a criam é extremamente formal. Claro que eu acredito que eles a amem de verdade, mas parece que estão jogando sobre a criança toda a frustração que sentiram por Mônica não corresponder ao que eles queriam para ela.

Minha filha tem agenda a ser seguida! Cada coisa tem seu horário, e brincar não é prioridade na casa dos Kaufmanns. Ter amigos – na escola e fora dela –, correr, se sujar, é algo inimaginável para eles.

Minha rotina de visitação era mais suave. No começo, eu realmente achei que eles haviam ficado mais flexíveis depois que Mônica partira, pensei que tivessem amolecido o coração, que desejassem que minha filha e eu fôssemos uma família.

Eu ia até a casa deles, pegava Amanda e passava o dia com ela, entre brincadeiras e conversas, aproximando-me de minha filha, ganhando seu coração. Isso durou até que tivemos uma turnê na Europa e a banda e eu ficamos lá por quase um mês. Eu falava com ela por telefone, mas então as ligações começaram a ficar mais rápidas, até que eu ligava, e a babá atendia, dizendo que Amanda estava no meio de uma atividade e que não poderia falar comigo.

Quando retornei, senti os Kaufmanns mais tensos com minha presença na casa, e isso começou a me incomodar, principalmente quando eu perguntava algo à minha filha, e ela buscava os olhares dos avós como se buscasse permissão para falar.

Conversei com eles sobre minha agenda de shows estar mais enxuta, pois vivíamos naquele ritmo louco de apresentações sobre apresentações por cinco anos e era hora de começar a curtir tudo o que havíamos conquistado e, por isso, tínhamos decidido ir devagar. Pedi que a visitação aumentasse, bem como que Amanda me acompanhasse para dormir em meu apartamento, mas eles não só negaram, como me informaram que iriam cumprir a visitação estipulada pelo juiz desde a concessão da guarda.

Duas horas quinzenalmente, sob supervisão.

Estaciono o carro na entrada da casa, sentindo-me suar, e minhas mãos estão trêmulas. Não ponho uma só gota de álcool na boca desde ontem somente para poder visitar minha filha, mas sinto minha garganta seca e sei que, assim

que nosso encontro terminar, irei parar no primeiro bar para beber um pouco.

Rio ao pensar que estou tentando me enganar. Depois de sair daqui arrasado, em frangalhos ao ver o olhar magoado da minha menina, sei que vou me embebedar até perder a consciência e não sentir a dor e o desespero por não a ter comigo.

Olho-me no espelho retrovisor, gostando do resultado de estar sóbrio ao menos por hoje. Meus olhos verdes estão normais, minha barba, aparada, e, tirando as olheiras, vejo o mesmo cara de sempre. A bebida não me faz mal como insistem em dizer por aí! Eu estou saudável!

Saio do carro e sou recepcionado pela governanta da casa, Flaviana, que me encaminha até o quarto feito exclusivamente para os brinquedos de Amanda.

Tremo ao ver minha menina, sentada em uma poltrona com as costas retas e as mãos cruzadas sobre o colo. Seus cabelos loiros estão penteados para trás, e uma tiara preta os mantém no lugar. Sua roupa é uma cópia da roupa de um adulto, saia social, meias, sapatilhas e uma blusa social com gola e botões.

Ela abre um sorriso enorme ao me ver, mas vejo lágrimas deixarem seus olhos mais brilhantes. Abaixo-me e abro os braços para ela, que, depois de olhar para a babá, corre em minha direção para um abraço apertado.

— Oi, pequena! — Cheiro seus cabelos profundamente. — Papai estava morrendo de saudades!

— Eu também, papai! — Ela me aperta ainda mais. — Pensei que você não vinha...

Eu a afasto para encará-la.

— Amanda, eu nunca vou deixar de vir. — Ela sorri. — Esses momentos com você, minha filha, são muito importantes para o papai!

Ela concorda, mas ainda parece hesitante. Olha a babá com o canto dos olhos e, depois, com a voz baixinha, confessa-me o que a está deixando insegura:

— Vovó disse que seus shows são mais importantes que tudo e que você poderia não vir, caso...

A raiva arde dentro de mim, sinto vontade de xingar, mas me contenho na frente dela, dando um sorriso.

— Isso nunca vai acontecer, pequena! Nunca! Você vem em primeiro lugar na minha vida!

Ela parece mais convencida e relaxa um pouco, olhando para o embrulho em minha mão.

— O que é isso? — Aponta, curiosa.

— Ah... é algo que eu lhe trouxe! — Entrego o presente a ela, que o abre rapidamente, fazendo barulhinhos de surpresa ao descobrir o que é. — Cheire-o.

Ela leva o coelhinho até o nariz, aspira e sorri encantada.

— É o seu perfume!

— É, sim. — Eu o pego. — Viu como ele é molengo? Esse bichinho foi feito para as pessoas dormirem com ele.

Ela o segura de volta e o abraça, sentindo a maciez do tecido antialérgico e o leve aroma do meu perfume, que pedi à artesã que o embutisse nele, de forma a ser suave.

— Vai ser como se você estivesse comigo!

Eu assinto, encantado com sua reação deslumbrada.

— A cada vez que sentir saudades e não puder me ligar ou me ver, aperte-o contra você bem forte.

— Você vai sentir esse abraço também, papai?

Prendo o fôlego ao ouvir suas palavras preocupadas. Amanda, tão pequena com seus quase seis anos de idade, preocupa-se com o meu sofrimento longe dela.

— Claro que sim, pequena! Ele vai me contar tudo e me fazer sentir tudo também!

O sorriso no rosto dela é enorme, e eu me sinto o homem mais feliz do mundo neste momento. A música volta a tocar, levemente, em meu coração.

O telefone vibra sem parar em cima do balcão do bar onde estou desde que saí da casa dos Kaufmanns. Deixei minha menina, com lágrimas escorrendo pelo rosto e agarrada ao bichinho que lhe dei, depois de apenas duas horas de visita. Tentamos aproveitar ao máximo, conversamos sobre o colégio e suas – muitas – atividades extras, e ela me contou que a avó a tirou do conservatório de música onde estudava e irá contratar um professor particular para lhe dar aulas em casa.

Além disso, ela me trouxe o livro cuja leitura estava treinando, e o lemos juntos. Por último, terminamos de montar um quebra-cabeça que havia tempo tínhamos começado. As duas horas às quais tenho direito com ela passaram como se fossem minutos, e eu saí de lá tão desolado quanto minha filha. Parei no primeiro bar que encontrei e, desde então, estou aqui, tentando aliviar o peso que sinto em meu coração por ser um fracasso de pai.

O celular volta a vibrar insistentemente, e eu o atendo, irritado.

— O que é, porra?

— Cadu? — escuto uma voz conhecida. — Oi! Bebê, nós tínhamos um compromisso hoje à noite, lembra? Sabe que eu fico irritada por ficar esperando

e...

Paro de ouvir as reclamações de Angélica, lembrando-me de que fiquei de encontrá-la para sairmos, pois não nos vemos há quase um mês, quando ela viajou a trabalho. Passo a mão em meu rosto e olho em volta, tentando me lembrar de onde estou e que horas são.

Ela continua falando. Não parece brava, apesar de ter tomado um bolo, e é por isso que eu gosto de ficar com Angélica. Nós dois somos duas criaturas que não querem compromisso e que não acham possível se apaixonar. Ela é uma modelo que está começando a colher os frutos de tantos anos nessa vida e está focada em fazer dar certo. Eu gosto do sexo com ela, ela gosta, também, e assim nós vivemos nossas vidas.

Angélica sabe que, depois de Mônica, não é provável que eu me apaixone por mais ninguém e por isso ela se permite manter esse “rolo” comigo, porque sabe que eu não espero nada dela além de dar e receber prazer. Nossa relação é esporádica, sincera e aberta. Não há promessas e nem compromisso de nenhum dos dois. Quando um de nós desistir, basta informar ao outro, e a situação se resolverá por si só. Esse foi o acordo que fizemos desde a primeira vez em que dormimos juntos, há quase um ano.

É fato que a imprensa questiona o tipo de relacionamento que temos. Angélica já me acompanhou a algumas premiações dentro e fora do país, e constantemente somos vistos juntos, então há algum tipo de especulação sobre a natureza do relacionamento, que, em todos os momentos, garantimos só se tratar de amizade.

— Ei, Angel, me des-desculpe! — interrompo-a e respiro fundo. — Eu parei para tomar uns... uns drinques e perdi a hora.

— Onde você está agora, Cadu?

Vasculho o local com os olhos e vejo o nome do bar.

— Vila’s Bar, na Vila Madalena, eu a-acho.

— Estou indo te buscar.

— Nãoooooo. — Rio. — Eu estou de carro e posso perfei... perfeitamente ir até você.

Agora é ela quem gargalha.

— Cadu, vai ser um grande feito você sair de onde está sem cair! Você mal consegue falar! Estou indo.

Ela desliga, e eu olho para a tela do meu telefone, com a foto da minha filha agarrada ao bichinho que lhe dei. Theo! Ela colocou o nome de Theo no coelho. Passo a mão de leve sobre seu sorriso largo e seus olhos iluminados de alegria e fico olhando para a imagem até a tela apagar.

Encosto a cabeça no balcão do bar, sentindo os olhos pesados, a cabeça

doendo e meu corpo anestesiado. Sorrio ao constatar que não sinto mais nada. Não sinto dor, raiva, frustração, nada! Tudo se foi, e eu estou bem!

Pego o copo de uísque e sorvo o resto da bebida ainda com a cabeça abaixada. O garçom, muito prestativo, ao ver que a bebida acabou, logo repõe o líquido, e eu lhe agradeço.

Sinto uma mão deslizando pelas minhas costas e fito a moça morena e bonita como uma deusa.

— Precisando de companhia?

— Hum, minha companh... ela já está vindo.

A moça, vestida com uma roupa que não deixa nada à imaginação, senta-se no banco ao meu lado.

— Faço um preço especial para o casal, se estiver interessado.

Sorrio, pensando nas possibilidades, mas já declinando do convite.

— É tentador, mas...

— Cadu!

Angélica aparece no meu campo de visão, e eu aprumo – ou tento – o meu corpo.

— Ei, Angel!

A morena fita a bela modelo esguia, bem-vestida, com cabelos castanhos até a cintura e enormes olhos azuis e sorri para ela.

— O preço acaba de melhorar!

Gargalho ao notar o interesse da mulher em Angélica e a cara assustada da moça ao perceber isso.

— Vamos embora! — Ela joga algumas notas em cima do balcão e me ajuda a descer do banco. — Seu maluco! Olha só a espelunca em que você se enfiou!

— Foi o primeiro bar no meu caminho, e eu...

Minha mente viaja, e não consigo mais coordenar as palavras. Estou com sono e cansado. Sinto-me ser empurrado para dentro de um carro e, em seguida, fecho os olhos e não vejo mais nada.

— Definitivamente não! — grito com Luti. — Você só pode estar louco por achar que eu iria aceitar me internar de novo! Lembra a confusão que deu daquela vez? Isso quase afundou a banda e...

— Você, do jeito que está, vai afundar a banda, Cadu! — ele me diz sério. — A situação em Porto Alegre estampou a maioria dos sites de fofocas e revistas. Você cantando bêbado, fora do tom, caindo no palco... não é pior que passar umas semanas em reabilitação.

— Não vou! Não preciso disso! Já estive lá!

— Cadu...

— Estou sóbrio agora, não estou? — Olho em volta. — Tem um bafômetro

aí? Eu não bebi nada hoje!

— São 9h da manhã, Carlos Eduardo! — Cris diz sarcástico. — Você pode até não ter bebido nada hoje, mas o bafômetro iria te reprovar ainda assim. Você cheira a bebida, de ontem, provavelmente.

Eu sabia que essa ideia esdrúxula veio desse babaca! Pensar que eu o cogitei para padrinho do meu casamento com Mônica! Idiota! Cristóvão está doido para se livrar de mim, essa é a verdade. Eu não sou a porra de um alcoólico, eu só bebo de vez em quando para afogar as mágoas, só isso! Mas ele quer me fazer parecer um doente viciado em álcool e colocar meus amigos contra mim.

— Cadu, mano, nós queremos o melhor para você...

— Não vou, Luti. É minha decisão final, caralho!

Ando até a porta para sair da sala de reuniões do estúdio onde ensaiamos, mas, antes que eu a alcance, o que Cris diz me tira o chão:

— Você acha que as notícias que veiculam por aí não vão te atingir? Vão, sim, Cadu, principalmente em sua situação com a Amanda e...

— Seu filho da puta, deixa a minha filha fora da situação! — Eu voo para cima dele, mas Luti me segura. — Eu sei bem o que você quer! Quer me ver fora da banda!

— Essa nunca foi minha intenção! — ele rebate. — Se eu quisesse você fora, não estaria aqui, implorando para te ver bem de novo!

— Cadu, você está nervoso, cara... — Luti ainda tenta me conter. — Vamos sair daqui! — Empurra-me para fora da sala. — Cris, depois conversamos.

Sinto meu corpo inteiro tremer de raiva ao me lembrar do que Cristóvão disse sobre as notícias sobre mim interferirem no meu processo da guarda de Amanda. Maldita imprensa, que não me larga!

— Mano, sério, você precisa se controlar!

— Você acha que as notícias podem me prejudicar no processo? — Luti assente. — Imprensa desgraçada!

— Bem, só há publicação se tiver sobre o que publicar. — Dá de ombros. — Eu sei que tudo o que passou nesses anos foi barra, meu amigo. Eu acompanhei cada momento seu com a Mônica, ia ser seu padrinho, sou o padrinho da Amanda. Já são quase seis anos, mano, é hora de retomar as rédeas da sua vida.

— Eu retomei, Luti. Porra, você, mais do que ninguém, me viu no fundo do poço, afundado em drogas e álcool. Eu fiquei três meses naquela clínica, com vontade de mudar de vida e mudei, cara, acredita em mim.

Ele nega, e sinto meu coração apertar.

— Você bebe todo dia, Cadu.

— Socialmente...

Ele gargalha, e paro de falar.

— É piada? Angélica me ligou ontem, às 3h da manhã, me pedindo ajuda para tirar você do carro dela. Estava tão embriagado que não conseguia sustentar seu próprio peso! — Estou surpreso, pois não me lembro de tê-lo visto ontem. — Mano, eu quero que você fique bem independentemente da banda. Você é como um irmão, Cadu.

— Eu estou bem. — Bufo. — Eu só bebo quando me sinto mal.

— Procure ajuda, por favor, é só o que eu te peço. — Ele abre a sala de gravação, onde o restante da banda nos aguarda. — Vamos focar nas músicas agora. Deco trouxe uma composição para o novo disco.

O baterista fica sem graça e me olha temeroso, mas eu apenas sorrio e concordo, afundando dentro de mim o sentimento de inutilidade, pois o letrista da banda sempre fui eu. Claro que, eventualmente, um ou outro compunha, e eu nunca causei qualquer problema com isso e também não havia esse clima de constrangimento.

Há muito tempo que não escrevo uma só melodia ou letra. Eu simplesmente não escuto mais nenhuma canção dentro de mim. Não tenho nenhuma inspiração, só vazio e silêncio. Na verdade, estou fazendo tudo no automático. Canto sem sentir nenhuma emoção ou prazer e toco porque é meu ofício e Luti está ao teclado na maioria das nossas músicas.

Pego meu instrumento, vou para a frente do microfone e olho o pedestal com a partitura e com as notas e a letra da música. Ambas parecem muito boas, por sinal. Deco está sentado sobre um *cajòn* e dá instruções sobre o arranjo da música para o baixista, Pepê. Luti dedilha algumas notas no violão, e eu percebo que a canção tem o estilo mais acústico.

— Não vou tocar? — questiono.

— Podemos fazer uma dupla ao violão, um solista e um principal. — Eu concordo, e troco minha Fender por um Gibson e testo a afinação. — Vamos dividir onde?

Luti e eu passamos os próximos minutos marcando a partitura, testando arranjos e solos e depois começamos a ensaiar com os outros dois componentes. Ninguém cantou, apenas passamos a parte instrumental, acertando passagens e criando, juntos, uma roupagem mais comercial à música intimista que Deco compôs.

— Uma voz feminina nessa letra seria espetacular! — Luti fala ao microfone com o nosso produtor do outro lado do vidro. — O que acha, Cassiano?

O som da sala é aberto.

— Ótima ideia, Luti. Cadu? — Olho para sua direção. — Preparado para um dueto?

— Sou eu quem vai cantar?

Minha pergunta parece pegar todos de surpresa, e quatro pares de olhos se fixam em mim. Balanço a cabeça, sentindo-me um otário, porque eu sou o vocalista principal, e fazer essa pergunta em cima de uma música composta por outro integrante pareceu, no mínimo, invejoso e desrespeitoso da minha parte.

— Claro! — ele responde. — A não ser que você prefira revezar com o Luti e...

— Cara, só o Cadu e uma voz feminina — Deco interfere. — Eu creio que essa música não pede muito mais, para não ficar pesada.

Concordo com ele. A música é linda, a melodia tocada acusticamente é harmoniosa e muito fluida, muitas vozes podem deixá-la pesada.

— A vocalista precisa ter uma voz rouca, ao estilo *indie* — sugiro.

— Sim, com aquele som airoso, sussurrante... sexy. — Cassiano aplaude minha sugestão, e meus amigos concordam. — Vou entrar em contato com algumas que...

— E que ela seja desconhecida seria perfeito! — Olho para o Luti. — Ajudar alguém que está começando.

— Hoje você está cheio de boas ideias, mano! — Luti concorda.

Franzo minha testa, pensando que eu sempre tenho boas ideias, mas que ultimamente tenho vindo para os ensaios como se cumprisse uma formalidade. Contudo, hoje foi diferente. Não sei o motivo, mas foi.

Minha irmã, Milena, obrigou-me a sair junto com ela. Vou arrastar o Luti comigo, pois Henrique, o namorado da minha irmã, é um cara bacana, mas muito nerd, aficionado por computadores e games, e eu mal jogo qualquer coisa virtual, porque sempre preferi os esportes reais. Eu não saberia do que falar com ele.

Milena está há dias falando sobre um pub na Vila Madalena. Segundo ela, o lugar, que era quase um boteco há alguns meses, caiu no gosto do pessoal mais jovem e, ultimamente, os clientes fazem fila para entrar. Ela me garantiu boa comida, bebida e música; é claro que eu topei. Liguei para Angélica a fim de compensá-la pelo bolo da outra noite, mas ela disse-me que estaria ocupada, então não insisti, e minha companhia será o Luti mesmo.

Hoje tentei passar o dia sem beber uma só gota de álcool, mas confesso que

não tem sido fácil. A todo momento olho para o aparador de bebidas do meu apartamento, sentindo a boca encher d'água e meu corpo inteiro me impulsionar para uma dose. Eu gosto de beber, faz-me bem, mas, com a marcação do pessoal em cima de mim por causa da bebida, hoje me decidi a não tomar nenhum trago para provar-lhes que estão exagerando.

Balanço a cabeça assim que escuto o som da buzina do carro do Luti, e em seguida chega uma mensagem dele no meu telefone informando que já chegou ao meu prédio. Ele insistiu que eu fosse de carona – bancando a babá, como sempre –, pois ficaria mais tranquilo.

Detesto que me tratem como criança!

— E aí, mano? — cumprimenta-me. — Estou livre para azarar umas gatinhas!

Rio dele, sabendo que Luti é o cara que mais adora ser solteiro nessa vida. Hoje, na banda, apenas ele e eu estamos sozinhos. Pepê, o mais velho de todos, com 30 anos, casou-se há algum tempo e tem um filho com a fã de quem já falei. Deco, com 28 anos, marcou o casamento logo após a assinatura do contrato da banda, há seis anos, casou-se no ano seguinte e já é pai de dois meninos. Luti e eu temos quase a mesma idade, pois eu completei 26 anos em janeiro deste ano e ele ainda não completou 27.

É claro que, vez ou outra, acabo chegando a alguma mulher, tendo sexo esporádico aqui e ali quando a necessidade e a oportunidade casam, mas não estou solteiro porque quero, diferentemente dele. Não foi minha escolha a única mulher que amei ter morrido pouco tempo depois da assinatura do contrato que embalava nossos sonhos. Foi minha culpa, mas nunca a minha escolha. Se eu tivesse alguma, com certeza teria poupado a vida de Mônica e ido em seu lugar.

— Por que essa cara tão sombria? — Luti me pergunta ao volante de sua Agrale Marruá, o que demonstra que ter sido criado por militares moldou o caráter e o gosto dele.

— Não estou sombrio, apenas cansado. — Rio. — O ensaio foi de matar hoje.

Ele concorda.

— Mas gosto quando é assim! É um saco quando entramos lá no estúdio e tudo dá errado e nada flui. — Me dá uma olhada de esguelha. — O que achou da música do Deco?

— Linda. — Mais uma vez, Luti concorda. — Ele está se tornando um compositor extraordinário.

— Como você. — Nego. — Sim! Eu sei que não compõe há algum tempo, mas tenho certeza de que a inspiração está em você em algum lugar.

Bufo, frustrado.

— Acho que não mais, Luti. — Olho pela janela as construções passando, outros carros seguindo seu rumo. Fico boa parte do caminho sem falar, e ele respeita esse momento. Somente quando o GPS informa a chegada eu volto a lhe olhar. — Vamos curtir esta noite e esquecer dos problemas.

— Isso aí, mano!

Ele estaciona. Descemos do carro e encontramos minha irmã e meu cunhado na fila. Olho para Luti com um meio sorriso, querendo ver sua expressão diante da Milena, pois ela teve uma paixonite forte por ele, porém, nunca foi correspondida ou alimentada. Agora eu sei que minha irmã é um mulherão e que ele se arrepende por não a ter "visto" antes de Henrique – o nerd.

— Até que enfim! — Ela me empurra e me dá um abraço forte. — Eu pensei que vocês não iam chegar nunca! — Aproxima-se do meu ouvido. — Queremos furar fila, e vocês são famosos!

— Mi! Você não presta, sabia? — Beijo suas bochechas e em seguida cumprimento Henrique.

— Luti, você não se importa de ir lá dentro falar com a recepcionista, não é? — ela usa sua voz doce de menina – completamente fabricada – com ele, e meu amigo se derrete, concordando em ir. — Viu só, Cadu?

Balanço a cabeça, recriminando-o, mas entendendo que é impossível resistir a ela. Milena é linda, simpática, bem-humorada e uma professora incrível. Ela tem 29 anos, gosta de ser uma mulher independente e dona do seu próprio nariz.

Há alguns anos, quando comprei uma casa para minha mãe, ela mesma poderia ter ganhado um apartamento, mas não quis. Preferiu continuar em seu conjugado alugado e dando aulas de matemática para adolescentes. Ah... além de linda, ela é um tipo de gênio irritante, sempre foi!

— A recepcionista vai nos levar para dentro! — Luti comemora, olhando para Milena. — Disse que a área VIP — ele franze o cenho e olha a fachada simples do bar — tem uma vaga.

Não demoramos nem mais dois minutos fora do bar e somos encaminhados para a tal área, que nada mais é do que uma caixa de vidro com cadeiras e mesas no fundo do salão.

Porém, devo admitir que, embora rústico e precisando de algumas reformas, o pub tem potencial.

— Qual é mesmo o nome daqui? — pergunto à minha irmã.

— Hill Wings Pub. — Ela abre um enorme sorriso. — Eu conheço a Duda, a dona daqui. O pub era do pai dela, mas ele faleceu há alguns anos, e, desde então, ela o tem tocado. Ela estudou gastronomia na Cordon Bleau.

— E cozinha em um boteco?! — Luti questiona.

— Sim! No boteco “dela” — Milena faz questão de frisar isso. — Coma, depois julgue!

Peço uma caipirinha, enquanto Milena pede um “sex on the beach” e os outros dois pedem caneca de chope.

O som da banda que toca ao vivo é muito bom, as pessoas são bonitas e o ambiente, descontraído. Milena – embora magra – é aficionada por comida e faz logo nosso pedido, asas de frango empanadas com molhos e *onion rings marguerita* – o que quer que seja isso!

A caipirinha está espetacular, e pergunto ao garçom sobre a cachaça utilizada. Ele me explica que é artesanal, vinda de Minas Gerais. Peço mais uma rodada, e, animados com minha aprovação à bebida, minha irmã e Henrique pedem para eles também.

— Cadu... — Luti me chama com uma voz que demonstra que algo não o está agradando.

— Relaxa, Luti, eu sei me controlar!

Ele respira pesado e dá de ombros, e voltamos todos a conversar sobre os shows, os alunos da minha irmã e os games desenvolvidos pelo Henrique. Luti faz uma pergunta tão idiota para ele que eu quase caio da cadeira de tanto rir, então, de repente, é como se algo ocorresse dentro de mim.

Eu não sei explicar, mas tenho a sensação de estar sendo observado, e meu corpo reage a isso. Não de uma forma repulsiva, pelo contrário! Meu coração dispara e meu corpo inteiro aquece de uma forma estranha. Levanto a cabeça e olho na direção do bar principal, encontrando enormes olhos castanho-claros sob sobrancelhas escuras e grossas em um rosto miúdo e muito branco.

Ao primeiro olhar parece que estou encarando uma garota, uma menina ainda mal saída do colégio, mas então desço o olhar um pouco e, sob a blusa social branca do bar, há um par de seios e uma cintura muito fina abaixo deles, e o resto, o balcão está...

Ela se abaixa repentinamente, como se soubesse que foi pega no flagra em sua observação fixa. Tenho vontade de rir, pela primeira vez em muito tempo, da reação daquela moça miúda. Aposto que, se eu estivesse olhando-a no rosto no momento em que se abaixou, com certeza veria bochechas rosadas de constrangimento.

— Ei, Cadu! — Luti me cutuca com o dedo. — Já começou a caçar?

Eu o olho, não entendendo a pergunta, e ele aponta para uma moça loira sentada em um dos bancos do bar. Ah, sim! Ele pensa que eu estava encarando a gostosa. Se bem que é mais meu tipo do que a menina de cabelos castanhos, olhos enormes e sobrancelhas grossas.

Volto a me concentrar na conversa, mas, quando chega o nosso pedido, tudo

cessa, e todos ficam mudos. O cheiro que chega às minhas narinas e a aparência dos pratos aguçam meu paladar.

Eu nem bem consigo colocar a primeira cebola frita e recheada com queijo, tomate e parmesão na boca e começo a ouvir meu nome sendo gritado histericamente.

Luti gargalha ao meu lado.

— Acabou a paz! Te reconheceram. — Ele aponta cinco meninas na entrada da caixa de vidro. — Vai lá e joga seu charme!

Pois, sim! Eu me levanto e o faço levantar junto.

— Você também é da banda, então, precisa fazer contato com as fãs junto comigo.

— Porra, mano, comecei a comer agora! — Ele enfia um bocado da porção na boca enquanto o reboco comigo para onde as moças estão.

Rio bastante do jeito desajeitado do Luti, sabendo que ele está fazendo isso mais para chamar a atenção da Milena do que das meninas que gritam. Chego até onde elas estão, e guardanapos são levantados em nossa direção, além de pedidos de *selfies*. Eu, claro, concordo em assinar e em tirar as fotografias, mas antes relanço um olhar para o bar e, novamente, a pequena moça pálida está me observando, porém, agora tem um sorriso – lindo – nos lábios.

O movimento no Hill hoje está frenético, como é esperado de toda quinta-feira, pois, com a aproximação do final de semana, as pessoas começam a querer se divertir, comer alguma coisa diferente, confraternizar com os amigos.

Certamente há aqueles que não precisam de dia certo ou motivos para estarem aqui, mas essas caras conhecidas já nem chamam mais minha atenção.

Kiko me grita pedindo algo do freezer, e, no momento em que me encaminho para lá, encontro um garçom segurando uma bandeja repleta de asas de frango empanadas com molhos variados. O cheiro faz meu estômago roncar, e eu penso logo em comer, mesmo já tendo provado alguns dos quitutes desta noite na cozinha.

Sou uma garota boa de boca, como dizem de gente que ama comer. Eu passei muitos anos da minha vida me privando das coisas, com restrição alimentar por causa do meu problema no coração, então, penso que só estou compensando tudo o que perdi naquela época.

Pego o balde com o preparado de morango usado para fazer o *frozen* e o entrego ao Kiko, que parece atolado entre seus drinques e uma loira peituda sentada ao balcão. Sorrio ante a cena, pegando logo o pedido de outra margarita para fazer.

De repente vejo, na entrada do bar, Marlon pulando e gesticulando, mas tentando ser discreto – sem conseguir, claro – e olho na direção em que ele aponta. A recepcionista leva um grupo até uma das mesas da área VIP – que fica separada do resto do salão por vidros temperados. São três homens e uma mulher que – dá para perceber – faz casal com um deles, pois estão de mãos dadas.

São todos muito bonitos, e eu entendo agora a agitação do meu amigo na portaria. Olho para o Marlon e faço um *joinha* para ele, que volta a ficar sério – ou tentar – ao lado da recepção do bar, onde os clientes fazem cadastro e recebem seus cartões de consumo.

Volto a preparar meus drinques, porém, vez ou outra, meu olhar paira sobre a mesa VIP e seus ocupantes. Tenho a leve sensação de conhecer um dos homens sentados ali e, como sou uma lesada para ligar nomes a rostos, não duvido de que seja famoso.

Na semana passada esteve aqui, sentado de frente para mim, ao balcão, o lindíssimo Bernardo Novak, um surfista que já conquistou vários campeonatos – não que eu soubesse disso no dia – e que é um dos herdeiros da Novak Engenharia. Ele ficou aqui sentado, puxando assunto comigo todo saidinho, com seus olhos castanhos e seus cabelos rebeldes e levemente descoloridos pelo sol, e eu – mesmo me sentindo bem com a atenção de um homem tão bonito – o ignorei friamente.

Ao final da noite, Marlon comentou comigo quem ele era, e eu não pude acreditar momentaneamente, mas, depois que fiz algumas pesquisas na internet – como uma *stalker* –, descobri que era verdade o que meu amigo me dissera e que também Bernardo era reconhecidamente um galinha, sempre trocando de companhia e nunca assumindo nada sério com ninguém, mesmo já tendo 30 anos.

Olho novamente para a mesa, fixando no rosto do homem que está de frente para o bar. Ele possui olhos claros cuja cor – verde ou azul – daqui não consigo discernir, cabelos também claros, num tom de castanho quase mel e um sorriso... Deus, que sorriso!

Retenho o fôlego ao ver toda sua face iluminar ao rir de algo que o outro

homem que o acompanha – não o que estava de mãos dadas com a garota – diz e fico parada, encarando-o.

De repente, talvez sentindo que há uma louca comendo-o com os olhos, seu olhar se encontra com o meu e ele me encara de volta. Eu, sem graça, abaixo-me como se fosse pegar algo sob o balcão e balanço a cabeça, nervosa. Nunca fui de encarar nenhum cliente daqui, mas o homem em questão é um espécime que necessita ser encarado. Lindo, charmoso, parece bem-humorado e muito simpático.

— Lara? Tudo bem aí? — Kiko me chama, e eu aspiro o ar longamente antes de me pôr de pé – não sem antes olhar para a direção do moço bonito de esguelha e constatar que ele já não mais olha em minha direção – e responder ao meu companheiro de trabalho:

— Tudo! Eu achei que havia deixado algo cair e estava procurando.

— Ah, sim! Eu tenho um pedido meio urgente aqui, você pode me dar uma ajudinha?

Olho para a tela do computador, com os pedidos, vendo que tenho três drinques na frente da urgência dele, mas concordando.

— Ótimo! — diz.

Tomo o controle do liquidificador enquanto ele trabalha com suas coqueteleiras e monta drinques que são verdadeiras obras de arte. Embora eu não queira permanecer por muito tempo trabalhando aqui, pois desejo começar a atuar na minha área, confesso que morro de vontade de ser uma *bartender* como Kiko, pois seus drinques, além de lindos, são muito bons.

Uma pequena confusão se forma na entrada da área VIP, e vejo cinco moças gritando um nome. Assim que as ouço, parece que “a ficha cai” em minha mente, e começo a gargalhar.

Claro! Só podia ser ele! O homem que me chamou tanta atenção na mesa VIP povoou meus sonhos durante o tempo em que estive no hospital e durante a minha recuperação em casa após a cirurgia. Cadu Fontenelles, vocalista da Off-Road!

Meu coração dá pequenos saltos e sinto minha pele arrepiar ao pensar na primeira música que o ouvi cantar e que me fez comprar o CD – lançamento – da banda, mesmo não sendo fã de rock-pop.

Sinfonia! A letra da balada romântica comparava o relacionamento amoroso à reunião de todos os sons de forma perfeita e harmônica. Eu a ouvi tantas e tantas vezes que consigo escutar a voz dele ressoando em meu ouvido, cantando para mim, como eu sonhava na época.

Cadu Fontenelles, em carne e osso, a alguns passos de mim. Parece até que estou sonhando novamente!

Tudo o que é bom dura pouco!

Suspiro em meio à aula de coral, lembrando-me da noite de ontem. Eu nunca fui daquelas fãs tietes, principalmente porque a maioria dos compositores de quem eu sou fã já morreu, mas ver Cadu Fontenelles, da Off-Road, na noite passada, deixou-me um pouco de queixo caído.

Bem, pelo menos, no começo da noite. Primeiramente, antes mesmo de saber quem ele era, eu o achei o homem mais bonito que já pisara no Hill. Ele foi entrando com suas calças jeans rasgadas e uma camisa preta com desenhos de caveira, coturnos, além da argola em sua orelha esquerda. Todo roqueiro!

Seus cabelos e olhos claros, além do sorriso, pareciam deixar tudo à sua volta um tanto dourado, e eu me senti como o Marlin – o pai do Nemo, sabe? – quando ele é atraído pela luz-isca do peixe-diabo-negro.

Entretanto, claro que logo voltei à realidade e trabalhei feito louca, principalmente por causa dele. No começo, a mesa toda estava bebendo, mas, a partir da segunda caipirinha, todos pararam, menos o Cadu. Ele continuou a pedir, a pedir e a pedir a noite toda, enquanto os outros pareciam querer experimentar todos os quitutes da Duda.

A banda que estava tocando, a Stage 4, parou no meio da apresentação e convidou o Cadu e o Luti – outro integrante sexy da Off-Road – para tocarem e cantarem com eles. Cadu não quis tocar a guitarra e a cedeu para o Luti, que não parecia nada animado, principalmente porque era perceptível o quanto o seu companheiro de banda estava bêbado.

Cadu pegou o microfone e só disse uma frase que foi capaz de deixar meus joelhos trêmulos: *Seja minha essa noite.*

A música, que eu conheço de cor, é uma balada mais puxada para o pop do que para o rock – características das músicas que ele compõe – e, ao contrário das outras românticas, é totalmente sexy.

Kiko teve de me cutucar várias vezes para eu continuar a operar o liquidificador e a coqueteleira, porque eu não conseguia deixar de olhar para ele, cantando de olhos fechados. A letra invadiu meu sistema e me deixou com vontade de algo que nunca tive na vida.

Suspirei e tentei me concentrar no barulho do liquidificador. Todavia, pegava-me balbuciando algumas partes da canção:

Eu não me importo se está longe ou perto
Seja minha!

Sentir seu corpo inteiro descoberto
Seja minha!
O que me importa é ter você seja como for...

De repente, um barulho alto seguido de microfonia invadiu o ambiente, e, quando levantei os olhos, vi o Cadu no chão e uma multidão se aglomerando em volta dele. Olhei para o Kiko, que parecia tão estarrecido quanto eu com a cena.

A música parou, e tudo o que eu conseguia ouvir eram as risadas dele, bêbado e no chão.

— Lara, isso é triste demais! — Kiko balançou a cabeça. — O cara tem tudo o que um homem pode querer: é bonito, tem dinheiro, é famoso... mas olha aí! Se afundando cada vez mais! Lamentável.

Bem, eu nunca acompanhei a carreira dele ou mesmo a banda. Fui fisgada pelo álbum de lançamento e depois baixei uma música ou outra que escutava na rádio. Sempre fui mais de ouvir música clássica do que pop-rock, então não entendia o que estava acontecendo com ele.

Luti o ajudou a se levantar, fez sinal para o casal que os acompanhava e em seguida o tirou do bar. A mulher parecia desolada e logo pediu a conta para ir embora. Cadu mal conseguia se manter em pé.

— Quantas caipirinhas? — questionei o Kiko.

— 15 só para ele. — Arregalei os olhos, assustada. — Mas, pela fama, achei que isso fosse como água.

— Fama?

— Sim. O cara é uma esponja! Tem dado vexame atrás de vexame por causa de suas bebedeiras épicas!

Prendi o fôlego, tentando imaginar o que o fazia agir desse jeito. Kiko pode até ter razão ao dizer que ele tem tudo o que a maioria almeja, mas eu sei por experiência própria que não é assim. Quando estava doente, ouvia as pessoas me dizendo o quanto eu deveria ser grata por ter uma boa casa, uma família e um bom plano de saúde para me tratar. Eu era grata, mas não era feliz. Eu queria poder ser criança! Brincar na lama, correr, jogar bola, e nunca pude fazer nada disso. Ademais, eu tinha ainda uma sentença de morte que pairava sobre minha cabeça e que poderia cobrar a execução a qualquer minuto.

Nem tudo é preto e branco neste mundo. Nem sempre as coisas são o que aparentam ser, e é por isso que, embora triste pelo que eu havia acabado de ver, tentei não julgar o desespero dele.

Mais tarde, indo para casa com o Marlon, nós dois conversamos sobre o que houve, e ele me contou que o Cadu sempre tivera problemas com álcool e drogas, e eu me senti desmoronar por dentro. Alguma coisa dentro de mim se

partiu ao imaginar que o homem que fazia letras tão lindas e sensíveis, músicas que me ajudaram em um momento de turbulência, estava se autodestruindo.

Sonhei com ele essa madrugada. Com seu sorriso e seus olhos claros cheios de luz. Isso nunca havia acontecido, até eu vê-lo, e talvez nunca mais volte a acontecer, pois dificilmente iremos nos encontrar uma segunda vez. Entretanto, as imagens no sonho, o modo com que ele me tocou, como cantou para mim, me levou ao céu.

Acordei com o despertador do celular gritando e não vi Tiana no quarto. Estava suada, excitada, ofegante, e nem tinha sido um sonho erótico, fora mais um sonho no qual ele me prometia coisas incríveis com os olhos e as mãos. A música que ele cantou – ou tentou – no Hill ontem fez com que o casal da letra se transformasse em nós dois, e todas as ações descritas foram executadas perfeitamente. Cadu cheirou meu pescoço, tirou o meu vestido e contemplou meu corpo.

Eu ri, pensando que somente em sonho um homem como ele se interessaria por uma mulher tão sem atrativos como eu. Eu sou comum demais. Não tenho um belo par de pernas bronzeadas e torneadas, sou toda magra e pálida. Meus olhos são grandes, e minhas sobrancelhas, mais escuras que o cabelo e grossas. Quando eu era adolescente sabia que – pelas costas – as outras meninas me chamavam de Mangá, por eu parecer, naquela época ainda doente e muito mais magra, com um desenho japonês.

Cresci já me achando estranha e, por causa das cirurgias no coração – de peito aberto –, herdei uma enorme cicatriz por todo o tórax. Gosto dela, porque sei o que representa, mas não me engano a ponto de achar que algum cara não vá repará-la. Eu sei que eles vão!

Tive minha experiência sobre isso quando estava com 18 anos e saindo com o primeiro garoto pelo qual me apaixonei. Nós dois ficávamos nos amassos, e, quando enfim ele me convenceu a ser mais ousada, acabou vendo minha cicatriz e seu rosto denunciou tudo o que sentia. Certamente não era desejo!

Naquela época a cicatriz ainda estava muito forte, pois eu havia feito a última cirurgia havia dois anos, porém, ainda hoje, a linha branca enorme ainda cruza o peito de norte a sul.

— Lara? — olho para o lado e vejo a sala vazia e uma de minhas colegas de estudo me chamando. — Em que mundo você estava? — Ri. — A aula acabou faz dez minutos.

Olho para o relógio, assustada, pensando em quanto tempo levarei para ir da cidade universitária até o Jardim Paulistano. Com certeza, com baldeações, não deve levar menos de duas horas, pelo horário. Tempo suficiente!

Concentre-se, Lara, e consiga esse emprego!

Uau!, é a palavra que me vem à mente para descrever esta enorme mansão na qual estou entrando. Eu nunca, nem em novelas, vi algo como isso! Tremo só de pensar em encostar em algo e deixar cair.

A governanta, a senhora Flaviana, está me conduzindo para a sala de música, onde a senhora Kaufmann irá me receber. Enquanto vou passando pelas inúmeras salas, vendo os quadros famosos na parede, os cristais em cima de móveis franceses, fico tentando imaginar como é a dona desta casa. Requintada, elegante e de muito bom gosto, a decoração já me deu essas certezas, mas e o que mais ela é? Esnobe? Elitista? Ou, apesar do dinheiro, uma mulher simpática e simples?

A governanta abre duas portas duplas, e entro num local que mais parece um sonho! No canto da sala, em destaque, há um Fazioli preto brilhante que me faz abrir um enorme sorriso ao me imaginar tocando e ensinando em um instrumento tão bom.

Pela sala há poltronas, uma mesa redonda ideal para estudos e uma lareira. Lareira! Olho para a governanta, parada na entrada da sala, e vou até lá. Eu nunca vi uma lareira de perto, então minha curiosidade é gigante. Sorrio sem graça para a senhora – que tenta ocultar seu próprio sorriso ao ver meu deslumbramento – e, aproveitando a boa receptividade, enfio a cabeça no buraco da lareira para olhar o duto da chaminé.

— Flaviana, eu gostaria que nos trouxesse chá e...

Saio apressada, rindo, de dentro do buraco, sentindo-me constrangida por ter sido pega no flagra e encaro uma senhora muito mais nova do que eu imaginava, provavelmente na casa dos cinquenta anos, cabelos claros perfeitamente penteados em um coque e os olhos azuis brilhando de curiosidade.

Ela caminha com seu tailleur – provavelmente um Dior ou Gucci – e conversa baixinho com a governanta, ignorando-me.

Flaviana faz afirmações positivas e negativas antes que a senhora retorne sua atenção para mim.

— Pois bem, senhorita Martins. — Entrelaça uma mão na outra e as mantêm na frente do corpo. — Acho que houve um pequeno engano aqui. Flaviana disse-me que a senhorita alegou ter sido recomendada por minha querida amiga Gilda, é certo isso?

Aleguei?! Nossa, que escolha de palavras. Estou me sentindo uma mentirosa!

— Eu fui recomendada pela senhora Masters, senhora Kaufmann. — Tiro o cartão de visitas de Gilda do meu bolso e lhe estendo, mas quem o pega é Flaviana. — Ela é minha professora na ECA e...

— Um momento! Você ainda está cursando? — Assinto. — Santo Deus! Gilda acha que, em meio a tantos professores experientes, eu ia escolher uma universitária?

Sinto-me gelar e tenho vontade de ir embora daqui para o mais longe possível dessa mulher, mas me mantenho onde estou, pois preciso lutar por esse emprego e provar a essa empertigada que eu sou, sim, uma ótima professora de música!

— Ela tem confiança no que eu sei, senhora Kaufmann. Eu toco desde muito pequena e já dei aulas em alguns cursos particulares da minha cidade. Além do piano, eu toco violão, vio...

— Uma *quase* professora do interior não era bem o que eu tinha em mente para minha neta, senhorita Martins. Eu entendo que tenha alguma experiência, mas definitivamente não a necessária para ser tutora de Amanda.

Sinto o desânimo tomar conta do meu corpo e, quando começo a me preparar para sair, vejo uma foto de uma menina com um violino, em preto e branco.

— É um Stradivarius? — Aponto para a foto, e ela segue meu gesto com o olhar.

— Naturalmente. — A mulher, tensa como uma corda de violino, parece relaxar um pouco. — Ainda o tenho guardado, mas minha filha nunca quis... — De repente para e me olha questionadora. — Você também toca violino?

— Na verdade é o meu instrumento principal, além de tocar piano, violoncelo, violão e contrabaixo — sou sincera, mesmo que não muito modesta. — Eu sou realmente boa com ele.

A senhora Kaufmann faz um gesto para Flaviana, que abre, com seu molho de chaves, um enorme armário de madeira maciça e tira de lá um *case*. Meu coração dispara ao ver a marca gravada na bolsa, e, quando a senhora Kaufmann o abre, sinto meus olhos lacrimejarem.

Ele é lindo, antigo, mas muito bem-conservado. Eu posso imaginar o som que conseguirei extrair de um instrumento como esse. Sem que eu espere por isso, a senhora Kaufmann o estende para mim, junto ao arco.

— Comece.

Minhas mãos tremem só de tocá-lo. A madeira e o verniz são de alto nível, os detalhes das cravelhas e da voluta entalhados na madeira. Meu coração está a todo vapor, e eu nem quero imaginar o preço de um instrumento raro como esse, pois certamente passa da casa de um milhão!

Posiciono-o perfeitamente, colocando sua queixeira em 45 graus e testo sua afinação. Obviamente, por estar guardado, o instrumento necessita ser afinado e, enquanto a maioria usa instrumentos eletrônicos para fazê-lo, eu o faço usando apenas o ouvido.

Afino as cordas Sol e Lá, que estão completamente desafinadas e somente ajusto a Ré e a Mi. Quando o som sai limpo, preciso e afinado, eu me sinto flutuar de alegria. Fecho os olhos e começo um *detachê* simples, evoluindo para uma peça de Locatelli em sua Sonata nº 7 em Fá menor.

Já nem me importo mais com o emprego. Só de ter a oportunidade de tocar este instrumento, conduzindo esta melodia e...

— Já chega.

Assusto-me com a voz da senhora Kaufmann e, em seguida, entrego o instrumento para Flaviana.

— O emprego é seu. — Arregalo os olhos, completamente surpreendida. — Eu quero começar pelas aulas de piano, fazendo uma introdução musical, apresentando a parte teórica a Amanda. É importante que ela aprenda a ler e, mais tarde, a escrever partituras. Mas... — ela olha sua própria foto ainda criança — eu gostaria que você a ensinasse a tocar como você fez agora.

Sorrio, encantada, sabendo que ela me fez um elogio indireto.

— Como a senhora desejar.

— Ótimo! Flaviana irá acertar seu salário, bem como os dias e horários de acordo com a agenda de Amanda. Tenha uma boa tarde, senhorita Martins.

— É Lara, senhora Kaufmann.

— Pois bem.

Ela sai sem se despedir e me deixa a sós com sua governanta.

— Foi uma jogada de mestre, o violino. — Flaviana ri. — A acertou bem no coração.

— Foi sem querer! Sorte, eu acho.

Ela ri e concorda, indicando-me uma das poltronas para que eu me sente, e, com uma enorme agenda preta, começa a me mostrar a absurda quantidade de atividades que a garotinha tem, e eu tento encaixar dois horários entre elas.

— 15 minutos, pessoal!

Fecho os olhos ao ouvir um dos organizadores do show desta noite anunciar o tempo para a entrada da banda. O festival de pop-rock no qual vamos nos apresentar começou ontem e, como em todos os dias, há apresentações de grupos locais antes da atração principal.

Olho de relance para o espelho, notando um lado do meu rosto mais vermelho e inchado do que o outro. Ontem, de acordo com o que Luti e minha irmã me narraram, fui cantar com o pessoal que estava fazendo o som no barzinho onde estávamos e despenquei do pequeno palco. Provavelmente tropecei em algo, mas eles insistem em dizer que eu estava bêbado demais para

me sustentar em pé.

Claro que não foi isso! E o fato de eu não lembrar com clareza se dá somente por eu ter batido a cabeça na mesa em frente ao palco, o que me deixou confuso e com esse hematoma no rosto.

Dentro do ônibus no qual viajamos para shows em cidades próximas a São Paulo, Luti veio conversar comigo sobre a reabilitação mais uma vez. Eu não preciso disso, eu sei! Posso até exagerar de vez em quando, mas consigo ficar sem a bebida, e um alcóolico, não.

Esta noite estou sóbrio, vou me apresentar na minha melhor forma, fazer o meu trabalho e voltar para casa. Se eu sentir vontade de beber algo, o farei, mas longe do público e, principalmente, da imprensa. O episódio de ontem não foi noticiado, mas eu soube pelo nosso assessor de imprensa que vídeos foram veiculados no *Twitter*.

Não dá para eu sair ileso mesmo das coisas que acontecem ao meu redor ou comigo. Todo mundo hoje em dia tem um celular com câmera e uma conta em rede social, então, é difícil não ser vigiado.

Meu telefone vibra em cima da mesa onde estão as coisas do cabeleireiro, e vejo uma mensagem do meu advogado. Imediatamente peço ao Jô para me dar um tempo para falar com o doutor Freitas, e ele desliga o secador e para de arrepiar meus cabelos, como sempre uso quando estou no palco.

Nós estamos esperando a sentença sobre meu pedido de guarda, que iria sair ainda esta semana, mas até o momento não tivemos notícias.

Ligo para ele, que atende ao primeiro toque.

— Cadu! Estou interrompendo? — pergunta preocupado.

— Não, não. Ainda tenho alguns minutos antes de entrar no palco. Alguma notícia?

— Eu não sabia que você estaria trabalhando hoje. Amanhã a gente se fala, então.

— Não, Aluísio, fala agora! — Levanto-me e vou para o final da sala. — Saiu a decisão, não foi?

Ele bufa, e eu cerro o punho com força, imaginando que a sentença não foi favorável ao meu pedido.

— O juiz negou o pedido, Cadu. — Eu me agacho no canto da sala. — A motivação se dá, claro, pelo melhor interesse da menor. Segundo ele, Amanda já está adaptada à vida com os avós, uma vez que nunca morou com você ou conheceu outra casa. Além disso, as notícias envolvendo você pesaram muito na decisão dele, pois não conseguiu ter certeza da sua estabilidade para garantir a segurança de uma criança.

— Filhos da puta! — xingo entredentes.

— Eu já vou entrar com o recurso na segunda-feira. — Concordo, mas, ainda assim, sinto-me derrotado e, o principal, um fracassado como pai. Amanda merece mais!

— Obrigado, Aluísio — minha voz soa desanimada.

— Não desista, Cadu. Nós vamos conseguir!

Agradeço o incentivo e desligo.

— Cinco minutos, pessoal! — mais uma vez o pessoal da organização anuncia.

— Dudu? — Jô me chama. — Preciso acabar seu topete.

Eu nego, levantando-me. Olho para os meus companheiros de banda. Deco está em um canto, aquecendo-se, agitando as baquetas freneticamente, enquanto Luti e Pepê conversam animadamente, todos prontos, aguardando somente o momento de subir ao palco.

Eu sou um fracasso como amigo também.

— Galera, eu vou embora. — Todos param o que estão fazendo e me olham assustados. — Eu não estou em condições de subir no palco esta noite.

Começo a caminhar para fora do contêiner que serve de camarim, e Luti me detém.

— Que loucura é essa, mano?

— Eu não estou com cabeça. Me desculpem. — Olho para eles. — O Luti e o Pepê podem assumir o vocal. Eu estou fora.

— Porra, Cadu, que merda é essa?! — Pepê grita.

Ignoro a raiva que todos estão sentindo neste momento e saio do local, andando em direção à rua de trás, pronto para chamar um Uber que me leve para qualquer lugar onde eu possa colocar para fora toda a frustração que estou sentindo.

O casal no vídeo parece viver dias felizes, é o que eu penso, vendo as cenas no telão à minha frente. Duas pessoas que se amam desde que começaram a entender o que era o amor, a paixão. Verdadeiras almas gêmeas.

Bebo mais um gole do uísque diretamente da garrafa. Já nem sei mais que horas são, quanto eu bebi ou em que dia estou. Tudo o que sinto é dor e saudades, além de uma enorme sensação de perda, de fracasso. Olho mais uma vez para o casal no vídeo e sinto meus olhos arderem com as lágrimas que eu já não consigo mais verter.

Em minha mão, bem apertada, há uma foto, a única que tenho da minha

família completa. Fecho os olhos, lembrando-me da imagem de um casal tão jovem sorrindo com um bebê no colo, cheio de esperança no futuro. Eu me lembro de quando a tiramos, as sensações, a euforia, o amor.

Nós tínhamos tanto pela frente! Tanto a realizar! Uma filha para criar e ver crescer, a minha carreira para consolidar e – o que ela mais queria ver – o nosso amor se fortalecendo a cada dia.

A música no vídeo aumenta, e escuto a voz do Renato Russo cantando "Eduardo e Mônica". Sorrio ao mesmo tempo em que choro, acompanhando a música com os lábios. A nossa música! Aquela que embalou tantas brincadeiras, momentos de paixão e de alegria. Nossos nomes eternizados em uma canção de um dos mitos do rock nacional parecia o destino, parecia para sempre.

O para sempre foi efêmero demais!

— Porra, ele está aqui! — Escuto passos apressados. — Puta que pariu, *meu*! — Sinto mãos me sacolejarem no chão, onde eu nem percebi que estava deitado. — Deco! — Viro meus olhos na direção da voz que grita desesperadamente. — Deco!

— O que... Caramba, Luti! — Dois pares de mãos tentam me levantar. — Porra, Cadu, o que você fez agora?!

A minha cabeça gira quando eles tentam me levantar do chão, e eu sinto minha roupa colando ao meu corpo, viscosa, gelada e molhada. Solto a garrafa, que cai no meio de muitas outras, fazendo barulho de vidro contra vidro.

— Luti, ele está fedendo! Acho que essa é a mesma roupa desde sexta-feira!

Meu coração dói quando focalizo a tela à minha frente, e os soluços sacodem todo o meu corpo. Mônica... eu a perdi para sempre! Eu perdi a única mulher que já amei, meu primeiro amor, minha companheira, minha amiga, a mãe da minha filha.

O choro aumenta ainda mais ao pensar na Amanda. Eu me lembro quando escolhemos o nome dela. Queríamos que ele retratasse exatamente o que ela era para nós: muito amada! Amanda é resultado do que sentíamos um pelo outro, linda, perfeita...

— Cadu, olha para mim, cara! — Tento olhar para meu amigo e companheiro de banda, mas é difícil focar no rosto dele. — Você está bebendo direto há dias, *meu*. Nós te procuramos por todos os cantos, inclusive aqui! Como você veio para casa? Onde você estava? Você podia ter morrido!

Respiro fundo e balanço a cabeça para demonstrar que entendi, mas não tenho forças nem para falar. Depois que abandonei o show de sexta-feira, pedi um Uber e fui parando com ele em cada bar que encontrava pelo caminho. Chegamos a São Paulo com o dia amanhecendo e, não querendo ir para casa,

enfiei-me em um puteiro e fiquei lá, sem comer ninguém, bebendo e querendo minha vida de volta. Eu sentia falta de ser amado e de amar! Sentia falta de ter uma família! De ser eu mesmo de novo!

Comecei a pensar em como eu era antes de a banda acontecer, antes de tudo terminar. Eu tinha tantos sonhos e esperanças, mas nada se realizou. Sim, a banda fez sucesso, nós ainda estamos no topo, mas eu voltaria a tocar em bares todos os dias se isso trouxesse Mônica de volta.

Ter Mônica e Amanda comigo seria tudo o que eu precisaria para ser feliz. Não há nada mais precioso no mundo do que ter as duas.

— Amanda... — sussurro em meio às lágrimas.

— Ah, mano, nós sabemos! — Luti me toca o ombro, como consolo. — O doutor Freitas disse que ainda temos recursos... que vamos conseguir.

— Não se ele continuar desse jeito! — Deco grita. — Porra, Cadu! Tudo o que aqueles velhos querem é que você morra sufocado no próprio vômito! Você não entende que está fazendo tudo o que eles usam contra você para ficar com sua filha? — Ele me dá um tapa na cabeça. — É hora de você reagir! Chega de bebedeiras, de maluquices, chega, Cadu!

Assinto, ainda me sentindo muito mal, mas compreendendo o que ele quer dizer. Pela primeira vez entendo que estou contribuindo para me ferrar e perder Amanda. Choro ao constatar que, sim, tenho um problema com a bebida e que a uso como fuga, que venho usando-a há muito tempo para entorpecer meus sentimentos de fracasso e de dor.

Eu estou me sabotando, eu sei. Entretanto, não consigo ter outra reação. Eu quero minha filha comigo! Eu quero minha família de volta! Porém, estou fazendo tudo errado.

Sou apontado como o problemático da banda, o mulherengo, o que abusa de álcool, e insinuam até mesmo que eu voltei a consumir drogas. Meus dias são um inferno, e meu sonho virou um pesadelo. A música se calou dentro de mim, e há meses eu não componho nada.

Penso em sair da banda a todo momento, em abrir mão de tudo e me concentrar somente na minha filha, mas não posso fazer isso com os meus amigos. Porém, só tenho feito mal a todos! Eu sou como uma praga, vou destruindo tudo o que está próximo, tudo o que me importa e que eu amo.

Luti e Deco me carregam para fora da sala de vídeo do apartamento que comprei pensando em morar com minha filha. Eu passei seis meses no inferno depois que Mônica morreu. Sentia-me culpado, perdido, um bosta. Trabalhava sob efeito de remédios e dormia depois de cair de bêbado.

Amanda ainda era um bebê, e todos estavam tão abalados com a situação que pensei que, se ela ficasse um tempo com os avós, seria melhor. Fui para a

reabilitação, fiquei na clínica durante alguns meses e saí de lá me sentindo mais forte e disposto a reerguer minha vida.

Visitava Amanda com frequência, pois os Kaufmanns começaram a me tratar bem; pelo menos era o que eu achava. E trabalhei como um louco. Quando ela estava maior e eu já havia me consolidado na carreira, comprei este apartamento, montei o quarto dela e sonhei que os avós me cederiam a guarda sem problemas.

Ledo engano! Eles estão fazendo de tudo para me afastar da minha filha.

Sou empurrado para dentro do boxe do banheiro da minha suíte, e a água fria do chuveiro me traz de volta à realidade. Eu consigo ter noção de que meus amigos me puseram com roupa e tudo aqui. Eu não choro mais, apenas fico olhando fixamente para os azulejos, tentando focalizar e me manter em pé.

— Cadu — Deco me chama. — *Brou,* essa merda tem que parar.

Concordo com ele.

— Eu preciso de ajuda, cara — consigo admitir, por fim, e olho para os meus dois grandes amigos e companheiros de trabalho. — Eu preciso de ajuda.

Sou abraçado pelos dois e sinto a força que vem da nossa amizade. Eu preciso ajeitar minha vida. Eu preciso voltar a viver para conseguir ter minha filha junto de mim e ser feliz. Eu preciso voltar a ser o homem que era antes. Só então, assim, poderei ouvir novamente a música do meu coração. Aquela que se calou quando perdi Mônica e a que morreu ao ser afastado de Amanda. Eu preciso disso mais do que tudo neste mundo.

Fecho os olhos e faço uma promessa, como fazia nos tempos da escola quando precisava estudar e Mônica me obrigava a prometer que o faria. Repito as palavras tantas e tantas vezes em minha mente que elas parecem se transformar em um mantra: “Mônica, eu vou voltar a ser o homem que você amava e vou ter nossa filha conosco!”.

Estou um pouco nervosa, sentada na sala de música da mansão dos Kaufmanns à espera de Amanda. Eu estive ansiosa por este momento durante todo o final de semana e ontem, segunda-feira, mal consegui dormir direito, mesmo indo para a cama cedo, pois era o dia de folga no Hill.

Acordei cedo e, como não precisava ir para a ECA, aproveitei para organizar minhas coisas, lavar roupa, passar, fazer uma faxina na casa e, na hora do almoço, fiquei ainda mais ansiosa, pois sentia como se a hora não passasse. Eu queria muito estar aqui e finalmente conhecer minha primeira aluna paulistana!

Abro a tampa do piano e começo a tocar a esmo, para me aquecer e tentar

aliviar a tensão que sinto por causa da expectativa.

Um barulho à porta chama minha atenção, e eu me viro para encontrar a menina mais linda que já vi na vida. Abro um enorme sorriso e me coloco de pé para cumprimentá-la.

— Olá — saúdo-a. Ela sorri, tímida. — Eu sou Lara, sua professora de música. Tudo bem?

Ela torce as mãos e olha para a governanta, que a incentiva.

— É um prazer conhecer você, senhorita Lara.

Eu me assusto com o tom adulto e a maneira de falar dela. Amanda é pequena e esguia, está vestida com um vestido social vinho com gola boneca e uma blusa branca de mangas longas e tecido caro por baixo. Usa meias brancas e sapatilhas de verniz pretas. Seus cabelos claros estão penteados para trás e amarrados à altura da nunca com um laço vinho.

Deus! A criança parece um enfeite!

Aproximo-me e lhe estendo a mão. Ela titubeia, mas depois põe sua mão pequenina na minha. Levo-a até o piano e a ajudo a se sentar.

— Temos uma hora, duas vezes na semana, para estudar. — Ela assente, provavelmente ciente de sua agenda lotada. — Mas hoje eu gostaria de conhecê-la melhor.

A menina me olha com suas íris verdes brilhantes, assustada, porém, consigo ver mais um sentimento em seu rosto; expectativa. Amanda espera algo de mim, talvez carinho e amizade, além da educação musical, e isso oprime meu peito. Uma menina tão linda, tão nova, que aparentemente tem tudo, mas é tão carente.

Sorrio para ela e decido quebrar o gelo.

— Eu me chamo Lara, mas isso você já sabe. — Faço careta, e ela ri. — Estudo música aqui em São Paulo, mas venho do interiorrrr — puxo o erre de propósito, e o sorriso dela se expande. — Eu adoro a música! Ela me faz feliz, me ajuda quando estou triste, me dá esperança e força. — Arrumo-me ao piano. — Eu vi que você estudava em um conservatório musical. — Ela assente, ainda me olhando curiosa. — Ah, então já ouviu alguns clássicos, certo?

Amanda dá de ombros, e eu começo a tocar uma música, certamente um clássico, tirando-a do desânimo em que se encontra e arrancando-lhe um sorriso travesso.

Let it go do filme *Frozen* sempre faz sucesso com as crianças, e a Amanda tê-la reconhecido logo nas primeiras notas mostrou-me que a menina tem ouvido musical aguçado.

— Minha avó não considera isso clássico — ela segreda para mim, e eu paro, fingindo-me de surpreendida e pondo a mão no coração.

— Não? — Ela nega, mas ainda com um sorriso divertido nos lábios. — Hum... deixe-me pensar. Talvez ela tenha razão, sabe? — Começo a tocar o tema de *A Bela e a Fera*, e Amanda ri, embora ainda não seja uma gargalhada. — Não? — Mais uma vez ela nega, porém, agora muito divertida e curiosa. — Essa com certeza é!

Toco *Dreams Come True*, da Cinderela, e ela já não nega, apenas olha para minhas mãos nas teclas do piano como se fossem mágicas. Bingo! Amanda gosta da Gata Borralheira!

— Estudar música muitas vezes parece chato — digo ainda tocando. — Mas dominar um instrumento te abre muitas possibilidades. Se eu não tivesse aprendido a “chatice” das partituras e notas, nunca poderia saber todo o repertório das princesas da Disney.

— Você sabe todas? — Amanda parece deliciada.

— Basta pedir!

Neste momento faço outra descoberta sobre a menina sentada ao meu lado no banco do piano. Ela adora um desafio! Começa a falar os nomes dos desenhos menos conhecidos e intercalando com outros que não são de princesas. O que ela não sabe é que eu, um pouco maior que ela, passava horas no teclado lá de casa, aprendendo cada uma das músicas dos desenhos e filmes que eu gostava.

Assim seguimos por um tempo, eu começo uma canção, e ela já fala outro nome, e eu tenho que mudar imediatamente. Isso passa a ser uma brincadeira, e, ao final, ela está gargalhando. Chamo-a para tocar comigo uma simples, que eu tenho certeza de que ela aprendeu no conservatório.

Tocamos “Parabéns para você” a quatro mãos. Assim, posso avaliar como é a postura das suas mãos, dos dedos sobre o piano e ver se ela já conhece o básico de posicionamento de dedos e notas.

Gosto do que vejo e ouço. Assim que terminamos, ela me pede para tocar com ela novamente, dessa vez a música “Dó, Ré, Mi, Fá”, e ficamos as duas aumentando a velocidade até que embaralhamos os dedos.

— Agora que já tocamos juntas, somos amigas. — Ela concorda. — Me fale sobre você.

Ela respira fundo e baixa os olhos.

— Meu nome é Amanda Kaufmann, vou fazer seis anos e moro com vovó e vovô porque minha mamãe morreu quando eu era bebê e meu pai quase nunca vem me ver. — Os lábios dela tremem. — Ele me deu Theo de presente, mas vovó disse que me dá alergia e o jogou fora.

Os olhos dela se enchem d’água e sua voz treme de tristeza. Agarro-a em um abraço forte, entendendo sua frustração, compartilhando sua dor de ter

perdido Theo – um coelho de pelúcia com o perfume do seu pai, pelo que ela me conta –, um presente precioso dado por seu progenitor.

— E aí, foi tudo tranquilo com a garotinha hoje mais cedo? — Marlon me pergunta a caminho do Hill.

Imediatamente penso na pequena Amanda e no seu jeito comedido. Contudo, bastaram poucas músicas e brincadeiras para eu ver, debaixo do verniz de pequena dama, a verdadeira criança.

Eu voltei para casa encantada com ela. Sua risada é tão musical quanto seu ouvido, e ela demonstra ter verdadeiro talento para ouvir as notas e conhecê-las nas partituras.

Amanda está sendo alfabetizada ainda, mas já entende muita coisa. A pequena é muito espertinha e sensível também. Várias vezes eu peguei os olhos dela vagando pela sala, tristonhos e se fixando na fotografia de uma moça de cabelos claros e olhos castanhos profundos, provavelmente a sua mãe. Não deve ser fácil para uma criança crescer sem a mãe e o pai por perto, mesmo tendo os avós.

Eu não sei o motivo pelo qual ela não mora com o progenitor, mas com certeza há uma história triste aí, pois, quando se referiu ao bichinho de pelúcia que foi jogado no lixo, ela parecia mais magoada por ter sido um presente de seu pai do que propriamente pelo objeto.

— Ela é encantadora, Marlon. Sensível, inteligente e muito esperta para aprender. — Suspiro. — E parece uma boneca de tão linda!

— Ah, que bom, Lara! Eu fico muito feliz que não seja um monstrinho para lhe atazanar a paciência! — Ele estremece. — Eu não tenho jeito com criança!

— Não, ela não é um monstrinho, mas...

Ele fica um tempo me olhando, esperando que eu continue, porém, não o faço. Não sei ao certo explicar o sentimento que tenho por Amanda. Não é pena, mas é algo relacionado a isso. Ainda é cedo demais para julgar qualquer coisa, mas ela merece ser tratada e agir como criança, pois é uma fase tão especial da vida que nunca mais volta.

Eu sei disso porque deixei de aproveitar a minha própria por causa da doença. Claro que minha criação foi muito mais relaxada em questões de educação e comportamento do que a dela, mas eu não podia espirrar que minha mãe achava que eu estava morrendo e me levava para o hospital.

Eu perdi muita coisa, muitas brincadeiras, mas encontrei a música e me

refugiei nos livros. Com Harry Potter fui uma feiticeira em aprendizagem, estudando em Hogwarts e voando em vassouras para grandes aventuras. Um armário velho de madeira me levava para Nárnia, e eu podia passar a mão e sentir a maciez da juba de Aslan.

Eu vivi entre contos de fadas, livros de fantasia, desenhos animados e música clássica. Minhas brincadeiras permitidas eram jogos variados de tabuleiro, como xadrez, dama, ludo e gamão. Eu amo gamão!

Era assim que eu vivia, enquanto minha irmã praticava esportes na escola, jogava queimado no bairro com as outras crianças e, na adolescência, começou a frequentar festinhas nomeadas de “hi-fi”. Eu sonhava em ser como Clara quando crescesse!

Minha irmã é alta, tem um corpo de dar inveja a qualquer mortal, esculpido em academias – ela mesma é *personal trainer* –, e é dona do seu próprio nariz. Namorou o mesmo cara por quase 10 anos, mas se recusou a casar, e eles terminaram. Meus pais, rígidos como são, a pressionam, mas Clara é independente, tem alunos, tem seu próprio negócio virtual com aulas de ginástica online e milhões de seguidores no *Instagram*.

Às vezes eu me pergunto se viemos da mesma barriga, porque somos tão diferentes! Eu nunca peguei sequer um halter na minha vida. Acordo cedo porque sou obrigada pela escola, mas prefiro a noite ao dia para ficar acordada. Adoro ler, ver filmes e assistir a peças de teatro. E troco qualquer programa por ficar em casa compondo música.

Chegamos ao bar ainda em silêncio e, como sempre acontece antes do expediente, Duda está no salão, distribuindo quitutes para os funcionários.

— Boa tarde! — ela nos cumprimenta quando chegamos e aponta para o balcão do bar, onde passo a noite inteira, cheio de petiscos. — Sirvam-se à vontade, eu já volto.

Ela some para dentro da cozinha, e eu aproveito para cumprimentar os outros colegas de trabalho que já estão aqui. A cozinha chega mais cedo para preparar as coisas, visto que a política da casa é tentar fazer tudo o mais fresco possível, evitando produtos congelados.

Duda volta com uma bandeja com uns bolinhos e pede que eu experimente um com um molho azul. Eu gemo ao mastigar a iguaria, delirando principalmente com o molho.

— É “blue cheese”? — Ela assente, sorrindo. — Mas o bolinho... hum... eu realmente não consigo discernir, mas é muito bom.

— Bolinho de arroz, desses que quase toda dona de casa já fez. Incrementei uma coisa aqui e ali, e o molho fez a diferença.

— É maravilhoso, Duda! — Lambo os dedos. — Vai servir hoje?

— Sim, junto com os de peixe, frango e de feijoada. É uma opção para quem é vegetariano.

A ideia é ótima! Atualmente o Hill caiu nas graças da galera, e a Duda tem investido pesado em marketing digital, nas redes sociais principalmente. O jeito rústico do bar aliado a algumas áreas novas, como a VIP, a cozinha moderna e os banheiros incríveis fizeram deste boteco antigo o novo point da Vila Madalena.

Eu sei que a Duda tem muitas dívidas do pai para pagar – muitas mesmo –, mas ela é incansável e merece se dar bem nesse negócio.

— Coma, senão você vai reclamar a noite inteira que está com fome! — Kiko me dá uma asa de frango com molho picante, e eu agradeço. — Espero que a noite seja movimentada, porque a patroa tem se esforçado muito para manter tudo aqui e nossos empregos.

Sim, eu também! Trabalhar no Hill não é o sonho da minha vida, mas é o que está ajudando-me a realizá-lo.

Desde minha última bebedeira, parece que minha vida está em suspenso. O Cris remarcou ou cancelou todos os shows que a banda tinha este mês e já está preparando a notinha sobre a minha reabilitação. Porém, eu não quero mais voltar para a clínica.

Todos os meus amigos estão me apoiando neste momento, o que demonstra o quanto eu tenho sido egoísta esse tempo todo, pois só pensei em meu sofrimento e prejudiquei a todos. Pus em risco a reputação e popularidade da banda, nosso sonho de criança, e mesmo assim eles aceitaram dar um tempo para não seguir sem mim.

Agora, aqui, sentado na sala do meu apartamento, assisto a Luti e Pepê

limparem todo o meu estoque de bebidas enquanto tentam me convencer a voltar a me internar.

— Não vou ficar longe de Amanda, Luti, não mais — explico, sentindo-me derrotado pela minha própria burrice. — Daquela vez eu fiquei três meses afastado, não quero isso.

— Cadu, o Cris falou sério sobre ser sua última chance — Deco é quem responde. — Nós todos concordamos em estar ao seu lado neste momento, apoiar você no que precisar, dar um tempo com os shows, mas você precisa fazer sua parte.

Entendo a preocupação deles, afinal, estamos falando sobre suas carreiras e o ganha-pão de cada um. Eu sei que não sou insubstituível, mas qualquer banda faz muito marketing em cima de seu vocalista, e isso aconteceu comigo no começo da carreira.

E, *meu*, eu adorei cada momento em que fazia fotos e campanhas. Até que Mônica morreu e tudo perdeu o sentido. Faltava tão pouco para nosso sonho estar completo! Em alguns dias ela sairia de casa para morar comigo, e depois nós dois nos casaríamos e teríamos nossa família, como sempre sonhamos. Então tudo aconteceu e...

— Cadu, eu estava aqui pensando. — Luti anda em minha direção e se senta em uma poltrona à minha frente. — Eu conheço um cara que frequenta o A.A., o grupo Alcóolicos Anônimos. — Eu assinto, pois já ouvi falar sobre isso. — Eu acho que, se você de verdade está disposto a largar tudo e recomeçar, poderia tentar buscar ajuda nesse grupo.

Sim! Dessa forma eu não precisarei ficar longe de Amanda para me tratar.

— É uma ótima ideia, Luti — Deco concorda. — Eu tenho um tio que frequentou o A.A. e hoje ele não bebe uma só gota de álcool.

— Mas é importante que você tenha convicção, mano — Luti continua. — Nós não estamos te obrigando a se tratar, a escolha é sua.

Eu sei. Antes eu não conseguia enxergar dessa forma, mas, depois de ter ficado dias sumido, bebendo, podendo ter morrido sufocado no meu próprio vômito sozinho dentro deste apartamento, eu entendo que preciso de ajuda.

— Acho que, junto com o A.A., você poderia também ter algumas sessões com um psiquiatra. — Concordo com Deco. — O A.A. é um grupo de apoio, de troca de experiências, ele não tem profissionais para tratamento. Se você juntar os dois, vai dar certo!

— Eu espero que sim, manos! — Sorrio para eles, agradecendo todo o apoio. — Eu quero retomar o curso da minha vida. Mônica se foi, infelizmente, mas eu preciso cuidar da Amanda, eu preciso ter nossa filha comigo!

Ficamos conversando ainda sobre o futuro por um bom tempo, até que

minha irmã chega. Milena resolveu se mudar temporariamente para o meu apartamento. Ela dá aulas pela manhã e apenas alguns dias à tarde, então se dispôs a me fazer companhia, junto com a Fátima, a senhora que cuida da minha casa.

Resolvemos não contar nada para nossa mãe, que já passa por alguns problemas de saúde e que está quietinha, feliz e bem-cuidada em sua casa em Itu, no interior de São Paulo, onde ela escolheu morar com seu marido, Cláudio.

Meu padrasto é ótimo para ela e sabe da minha situação, porém, concordou com nossa vontade de omitir tudo de mamãe. Felícia Souza batalhou muito nessa vida, deu duro para criar minha irmã e a mim sem a ajuda do nosso pai, Wander Fontenelles, que simplesmente a abandonou com dois filhos pequenos.

Ele nunca deu notícias, até que eu comecei a aparecer na mídia. Dois anos depois que a banda foi lançada, ele reapareceu em nossa antiga casa, onde minha mãe ainda morava, e quis rever seus filhos.

Milena, que era uma garotinha de cinco anos quando ele foi embora, nem quis olhar para a cara dele, mas eu tinha a curiosidade natural de filho, pois não me lembrava do meu pai. Tinha dois anos quando ele foi para não voltar, sem se despedir, sem dar uma palavra a ninguém.

Nosso reencontro foi estranho. Eu me pareço com ele, tenho os mesmos olhos verdes e os cabelos castanho-claros e o sorriso. Olhei assustado para minha mãe, que na época já era casada com o Cláudio, pois nunca havia visto uma foto dele, mas eu era o retrato do homem mais velho.

Conversamos um pouco, e ele tentou justificar sua partida dizendo que era muito novo, que não aguentou tanta responsabilidade. Disse ainda que havia pegado uma obra no Iraque e que ficara por lá por alguns anos e, depois de voltar ao Brasil, foi morar no Sul. Ele se casou, teve duas filhas – o que magoou ainda mais a minha irmã – e depois se divorciou.

Enquanto ele contava sobre o que fizera no tempo em que tinha estado longe, eu só pensava na minha mãe, trabalhando de sol a sol para colocar comida na nossa mesa, e ele com um bom emprego, construindo casa e nova família e se esquecendo de nós. Wander nunca procurou saber se estávamos bem, vivos ou mortos, ele só apareceu porque soube que eu estava fazendo sucesso com a Off-Road e quis aproveitar uma lasquinha do dinheiro que estava entrando.

O que ele recebeu de mim foi o perdão que estava pedindo e mais nada. Perdoei-o por ter sido um péssimo pai, por ter ignorado nossa existência, por nunca pensar em nós. Perdoei-o e o mandei embora.

Naquele dia abracei minha mãe e jurei a ela que nunca mais precisaria deixar de comer para que tivéssemos comida. Jurei a ela que eu nunca a abandonaria ou a esqueceria e que seria o filho que ela merecia ter.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao pensar nessa promessa, dando-me conta de que não a cumpri. O homem que sou hoje não é nem a sombra do filho que ela merece ter e nem o pai que Amanda precisa.

Sei que não vai ser fácil voltar a ser quem eu era antes que tudo desmoronasse. Estou há dois dias sem beber e sinto meu corpo inteiro doendo como se lhe faltasse algo. Tenho noção de que o caminho é longo e exigirá muito controle e disciplina da minha parte.

— Cadu, fiz um caldo de abóbora para nós — minha irmã me chama da porta do meu quarto.

Depois que os meus amigos foram embora, eu tomei banho e me deitei. Sinto-me destruído fisicamente. Meus braços e pernas doem, e minha cabeça gira. Estou sem nenhum apetite, porém, a boca está seca, e essa secura nunca some, não importa a quantidade de água que eu tome.

Esfrego meu rosto com as mãos e me sento na cama.

— Eu tenho saudades da sua comida. — Sigo-a para a sala. — Lembro de quando a mamãe arrumou aquele emprego à noite, em um restaurante, e você cozinhava para nós.

Milena sorri, lembrando-se também da casa simples, porém, cheia de amor.

— Eu tinha uns 13 anos na época, não é?

Sentamo-nos à mesa na requintada sala de jantar da minha cobertura milionária, adquirida há alguns anos. Sinto saudades daquela época. Eu me sentia livre e feliz, quase um rei. Não tinha dinheiro, andava a pé, sem roupas de grife, e quem cortava meu cabelo era a dona Zinha da casa ao lado e não um *hair stylist*.

Eu era feliz! Estudava a trancos e barrancos, fazia esportes, tinha amigos que estavam comigo o tempo todo, cantando, jogando ou apenas dando uns rolés pela cidade. Depois, quando comecei a tocar na noite com os mesmos músicos e amigos, que estão na Off-Road hoje, eu fazia plano de alugar um pequeno apartamento e morar com a Mônica.

Era tudo tão simples, tão difícil, mas tão bom!

Olho para o meu apartamento decorado, com móveis feitos sob medida, e penso que a casa onde cresci e fui tão feliz caberia nas minhas salas. Eu achava que seria mais feliz quando alcançasse a fama e tivesse dinheiro, mas me enganei.

— Cadu. — Olho para minha irmã, que aponta para o prato à minha frente.

— Coma.

O caldo está cheiroso e aposto que deve estar delicioso, mas meu estômago parece dar um nó a cada vez que o olho. Pego a colher, e minha mão trêmula a afunda na comida, mas não consigo fazê-la chegar até a boca, tamanha a tremedeira.

Milena me encara preocupada, e eu fico constrangido por estar deixando a falta da bebida interferir tanto na minha vida, no meu corpo. Eu nunca pensei que o negócio estava tão sério assim, nunca.

Descanso a colher no prato e começo a chorar. Milena imediatamente vem até mim e me abraça apertado, dizendo palavras de consolo, as mesmas que ela e minha mãe usavam quando eu era criança e me machucava.

Eu destruí minha vida!

— Eu vou pegar algum calmante para você rela...

— Não, Mi, não. Eu não posso usar nada como bengala, eu tenho que sair dessa sozinho. — Ela assente. — Não vou sair do álcool e entrar em calmantes e outras drogas.

— Você precisa de ajuda, meu irmão. Amanhã vamos ao psiquiatra que recomendaram ao Luti, e ele irá passar o tratamento correto para você. Cadu, eu estou aqui, você não está sozinho nessa.

Eu a abraço novamente e saio da mesa, subindo as escadas em direção à minha suíte. Tomo um banho longo, sentado no chão do boxe, sentindo a água quente relaxar meus músculos. Depois, ao passar pela pia do banheiro, noto que meus perfumes sumiram e até o enxaguante bucal desapareceu.

O desespero toma conta de mim ao encarar o fundo do poço onde estou. Eu tenho 26 anos e sou um alcóolico. Não sou alguém que gosta de beber por prazer, mas alguém cujo corpo grita por uma gota de álcool, mesmo vinda de um perfume ou um item de higiene.

Aproximo-me da enorme cama king size no meio do quarto e me deito sem retirar as colchas. Eu sei que mais uma noite insone, tremendo e morrendo de sede me aguarda. Não ignoro que esta não será a última. Entretanto, é mais um dia sem beber, e isso já é um grande feito.

A semana passa depressa, e a quinta-feira chega rapidamente, consequentemente, o dia de ensinar música para Amanda Kaufmann. Eu ansiei por esse momento desde terça-feira, quando nos conhecemos e nos demos tão bem. Usei todo o meu tempo livre – que é pouco – para planejar a aula de uma hora que terei com ela.

Amanda é muito nova, mas esperta e aprende rápido, pelo que percebi, então resolvi trabalhar pesado a teoria musical, base essencial para qualquer musicista. Ficaremos ao piano ainda por um bom tempo, depois de um tempo de teoria, para depois – e só então – eu tocar no assunto do violino com a pequena menina.

Saio com um sorriso da aula e encontro a professora Gilda, que me pergunta como foi tudo com os Kaufmanns e não disfarça o orgulho que sente quando lhe digo que consegui o emprego.

— Eu soube que uma porção de músicos experientes tentaram a vaga, inclusive professores de conservatórios e cursos. — Ela pega minha mão. — Estou muito orgulhosa por não ter me enganado sobre você, Lara. Espero que faça um ótimo trabalho!

Eu lhe agradeço a oportunidade, pois, sem ela, eu nem ao menos teria chance de saber ou mesmo de ser considerada. A indicação dela me ajudou a conseguir esse emprego e abrir minha primeira porta nesta cidade para o que amo fazer.

De alguma forma eu sinto que esse trabalho é especial para mim. Eu tive essa sensação desde a primeira vez em que pus os olhos na pequena Amanda. Eu me vi na garotinha, tão retraída, mas cheia de energia. É como se nós duas nos conectássemos de alguma forma, talvez por eu querer que ela tenha o que eu não tive: infância.

Confiro a hora no meu relógio, calculando a distância até o Jardim Paulistano e percebendo que terei que engolir algum tipo de lanche enquanto faço o percurso até lá. Passo na cantina, compro um sanduíche de queijo e pão integral – não que eu me preocupe com qualquer coisa, mas somente porque é o único que tem – e uma lata de Coca-Cola e sigo para o ponto de ônibus.

Termino meu lanche ainda na primeira metade do percurso e, quando mudo de ônibus, ainda estou com fome, então aproveito um vendedor aleatório e compro um pacote de biscoito.

Faltando 10 minutos para o horário da aula começar, sorrio ao me ver diante do portão da casa dos Kaufmanns. Aperto o interfone e peço autorização para entrar ao porteiro, que libera minha entrada após falar com a Flaviana.

— Boa tarde! — cumprimento-a, ainda um pouco ofegante pela caminhada rápida que fiz até aqui desde que desembarquei do ônibus.

— Boa tarde! Eu falei com Vicente, o porteiro, que a senhorita está autorizada a acessar a casa às terças e quintas-feiras, entre meio-dia e 1h da tarde.

Sigo-a em direção à sala de música, olhando em volta para ver se vejo alguém dessa família, mas a casa parece incrivelmente vazia.

— Amanda chegou há pouco do colégio, tomou banho e agora está almoçando. — Eu assenti. — Ela estará na sala de música no horário combinado. Você aceita um lanche?

Eu me surpreendo com a pergunta, mas nego – depois de um sanduíche e um pacote de biscoito de polvilho, estou satisfeita – e peço somente uma água.

Flaviana se retira, e eu aproveito para me olhar no único espelho emoldurado da sala de música e arrumo meus cabelos bagunçados. O ônibus na saída da ECA estava lotado, e depois eu ainda fiquei com medo de atrasar e corri boa parte do caminho até aqui. Talvez seja mais rápido se eu vier de metrô. Resolvo fazer o teste na terça-feira, já que é um dia mais tranquilo para mim por não ter aula.

Passo os dedos sobre meus cabelos castanho-escuros e os prendo com um prendedor no alto da cabeça. Logo em seguida pego meu planejamento e já vou colocando os materiais em cima da mesa onde estudamos.

Ouço um barulho na porta e abro um enorme sorriso para receber Amanda, mas me deparo com um senhor muito distinto, com os cabelos grisalhos e vestido com um terno sob medida.

— Boa tarde! — cumprimento-o. — Eu sou Lara Martins, a professora de música.

— Sim, eu sei. — Ele entra. — Meu nome é Anselmo Kaufmann, sou o avô da Amanda. — Assinto. — Eu temo que teremos de cancelar a aula hoje, senhorita Martins. — Arregalo os olhos, e meu coração dispara, apreensiva com o motivo do cancelamento. — Minha neta não está bem e...

— Eu posso vê-la? — pergunto sem pensar.

O homem para um tempo para analisar o que eu disse, não tirando o olhar de cima de mim nem por um momento. Talvez tenha sido atrevimento demais da minha parte, mas eu realmente me sinto preocupada e com vontade de ver a pequena Amanda.

— Claro — ele concorda, e eu sorrio. — Venha comigo.

Ele vira as costas, e eu o acompanho com passadas largas, andando pelos corredores da enorme mansão até chegar a uma sala enorme, decoradíssima. Embrenhamos pelos imensos corredores até chegarmos à porta do quarto de Amanda.

— Ela teve uma notícia ruim, e isso a deixou triste — ele me explica. — A decisão de cancelar a aula foi minha, por entender que ela precisa de um tempo, mas, se a senhorita conseguir animá-la...

— Eu vou tentar. Obrigada pela confiança.

Ele sorri, e eu me surpreendo com o carinho no sorriso, tão diferente da esposa.

Bato na porta e enfio o rosto em uma frestinha, ouvindo um choro contido e abafado de criança.

— Amanda, é a Lara. Posso entrar?

Ela não responde e continua chorando. Eu não pergunto mais, apenas entro no quarto escuro, com as janelas e cortinas fechadas e vejo a silhueta pequena dela em cima da cama de dossel.

— Ei, princesa, o que houve?

Ela se assusta com a minha presença, mas, quando consegue me reconhecer, relaxa um pouco e nega com a cabeça.

— Eu não quero estudar hoje!

— Eu sei, eu sei. — Sento-me em sua cama. — Seu avô cancelou a aula, mas eu fiquei preocupada com você. — Tiro uma mecha de cabelo do seu rostinho. — Você quer conversar comigo?

Ela soluça, trêmula, e isso me parte o coração. Acendo o abajur ao meu lado, o que me permite ver o rostinho lindo inchado e vermelho de chorar.

— Maria Antônia disse que meu pai vai ser internado! — ela dispara, e eu controlo minha expressão para não demonstrar o choque que levei com a informação.

Eu não sei nada sobre os pais dela a não ser que a mãe está morta e que o pai mal a visita, coisas que ela mesma revelou na nossa última aula. Eu estive um pouco curiosa sobre essa família, então pesquisei o nome da avó dela na internet e descobri que a sua família tem fábricas de tecidos pela cidade que produzem tanto materiais para confecção de roupas quanto para decoração, e o marido, o senhor Anselmo, que acabei de conhecer, é um médico renomado e dono de um grande hospital aqui da capital.

Os Kaufmanns são judeus, e as fábricas herdadas pela senhora são quase centenárias na cidade. Além disso, o marido possui várias propriedades pelo estado, inclusive um prédio inteiro na Paulista, cujas salas ele aluga para outras empresas.

Sim, eles são muito ricos! Dinheiro antigo, de ambos os lados.

Olho a criança à minha frente, chorando e visivelmente triste, deitada sozinha em um quarto escuro sem nenhum tipo de abraço ou carinho para acalentá-la. Puxo-a para os meus braços e a aperto, o que faz com que ela dê vazão – de verdade – a todas as lágrimas que estava tentando conter. Eu a deixo chorar no meu colo, descarregando toda sua tristeza sobre uma informação que alguém lhe jogou na cara por pura maldade.

— Quem é Maria Antônia?

Ela soluça, agarrada a mim.

— Uma colega da minha sala. Ela disse que o pai dela comentou que meu pai está doente e vai ser internado — sinto meu coração apertar, percebendo o medo nas suas palavras. — Eu não sei se ele está doente, eu não sei...

— Acalme-se, meu bem. Você não pode ligar para ele e...

A porta do quarto é aberta de uma só vez, e a luz, acesa.

— O que está acontecendo aqui? Vocês duas deveriam estar há pelo menos 10 minutos estudando na sala de música!

Amanda se afasta de mim rapidamente e limpa as lágrimas de seu rosto, tentando não parecer triste.

— Senhora Kaufmann, Amanda está preocupada com o pai, pois soube que ele está doente e...

Ela olha para a neta como se a culpasse por ter se aberto comigo.

— Esse assunto não lhe diz respeito, senhorita Martins. — Eu me calo, assinto e respiro fundo para não lhe dizer algumas verdades sobre sua grosseria. — E você sabe muito bem que seu pai não está doente! Ele é só um vagabundo bêbado que não consegue ficar longe de um escândalo.

Arregalo os olhos, pasma com o jeito que a senhora Kaufmann falou com Amanda. Deus! Ela é apenas uma criança! Como ela pode ser tão insensível ao falar do pai – que obviamente a menina adora – desse jeito?

Pego na pequenina mão de Amanda e a aperto, transmitindo-lhe apoio.

— Eu quero vocês duas na sala de aula agora mesmo! — Ela me encara. — Não estou lhe pagando para que você venha até aqui para ficar passando a mão na cabeça da minha neta. Ela sabe muito bem quem é o pai dela e que ele não presta, por isso ela mora conosco! Eu não aceito birra de...

— Geórgia! — o senhor Kaufmann a chama. — Eu liberei Amanda da aula hoje e autorizei a senhorita Martins a vê-la.

— O quê?! — Ela parece irada. — Não! Se ela não der aula hoje, vou descontar do pagamento dela!

— Eu cancelei a aula, não a professora. — Ele olha para Amanda e sorri. — Amanda pode ficar sem estudar hoje.

— Você vai estragar mais uma criança desta família, Anselmo? — eu o vejo ficar lívido com a pergunta. — Mas não vou contestar sua decisão. — Vira-se para mim. — A senhorita pode ir embora, então.

Eu assinto, mas Amanda segura minha mão com força, e eu entendo que ela quer que eu fique.

— Eu posso ficar com Amanda se...

— Por favor, vovó, deixe Lara ficar comigo.

Geórgia Kaufmann abre a boca para protestar, mas seu marido a pega pelo braço e a tira do quarto, despedindo-se.

— Por que será que ele prefere a bebida e a farra a ficar comigo? — a pergunta, dita em tom baixo, surpreende-me.

— Talvez ele não consiga escolher, Amanda. Nem sempre as coisas para os adultos são simples, mas eu tenho certeza de que ele gostaria de ficar contigo. Quem não gostaria?

— Eu não sei... Como você pode ter certeza?

— Ele te deu um coelho, lembra? — Ela assente. — Você me disse que

tinha o cheiro do perfume do seu pai. Isso é sinal de que ele quer que você se sinta perto dele.

— Eu queria meu pai aqui! — Ela me abraça novamente. — Eu queria brincar com ele e contar histórias todos os dias. Por que eu não tenho uma família?

— Você tem, Amanda! Seu pai e seus avós são sua família! Além disso, sei que eu estou aqui para te ensinar, mas eu já me sinto sua amiga.

Ela me encara com olhos brilhantes.

— Já mesmo? De verdade?

Sorrio.

— Sim! Você já é uma grande amiga para mim.

A menina sorri satisfeita e deita no meu colo. Eu instintivamente faço carinho em sua cabeça, deslizando meus dedos pelos fios loiros e lisos.

Durante todo o tempo em que estou alisando seus cabelos, fico pensando no que há por trás dessa distinta e rica família. A avó parece ser uma pessoa extremamente amargurada e, obviamente, odeia o pai de Amanda. O avô dela parece ser mais sensato e pé no chão. As palavras da senhora Kaufmann sobre o pai da menina não saem da minha mente.

Amanda merece mais! Merece um pai que a ame e queira ficar com ela em todos os momentos, avós que a tratem com carinho e uma mãe para que ela adormeça em seu colo.

Eu a olho, noto que pegou no sono e simplesmente fecho meus olhos.

Acordo assustada, olhando o relógio na mesinha de cabeceira e constatando que já é tarde e que vou me atrasar para chegar ao Hill e fazer meu turno, por isso ajeito-a sobre os travesseiros, beijo-lhe a testa e corro o máximo que posso para não me atrasar, porém, ainda com as mesmas indagações na cabeça.

Nessa madrugada dormi pouquíssimas horas. É sempre assim de quinta para sexta-feira, pois saio do Hill às 3h da manhã, chego a casa quase às 5h e vou efetivamente dormir às 5h30 para estar de pé – afobada – às 7h30 e correr até a universidade. Esse é o dia em que eu mais sofro, apesar de estudar apenas até às 11h e, depois disso, tentar recuperar o sono.

Depois da faculdade, chego ao apartamento morta, com olhos pesados de sono, pensando apenas em me deitar um pouco, mas dou de cara com meus amigos em casa, preparando um churrasco na área de serviço do apartamento, com música e animação.

Nada de dormir para você hoje, Lara!

— Oi! — cumprimento-os. — Posso saber o motivo dessa festança? — Aponto para a minúscula churrasqueira com dois bifes grossos de picanha precariamente amontoados e assando.

— Eu consegui! — Tiana vibra. — Sabe a entrevista da semana passada? — Assinto já com um sorriso. — Eu fui chamada!

Ela me abraça e começa a pular como louca agarrada a mim.

— Parabéns! — grito para ela, porque Marlon aumenta o som. — Mar, vamos ser expulsas!

— Larga de ser estraga-prazer, Lara! Todos estão trabalhando a essa hora! — Mostra-me a língua, com um piercing na ponta. — Deixe suas coisas lá dentro e vem festejar com a gente!

Tiana me acompanha até o quarto, e eu desabo assim que vejo minha cama.

— Estou morta, Ti! É sério, amiga, preciso dormir!

— Você vai ter a eternidade toda para dormir quando morrer! Vamos voltar para a festa! — decreta.

Eu abro, com muita dificuldade, um olho e a encaro.

— Você sabe que estão fazendo churrasco numa área de quatro metros quadrados, não sabe? — Ela gargalha e dá de ombros. — Área essa onde ficam nossas roupas sujas, lixo e os bagulhos de arte do Marlon.

Ela arregala os olhos.

— Ai, bem lembrado! — Abre uma gaveta do seu armário e pega um pacotinho. — Estava guardando esse bagulho para uma ocasião especial.

Puxo meu travesseiro e tampo meu rosto.

— Pelo amor de Deus, Ti!

Ela arranca o travesseiro de cima de mim e senta na beirada da cama, já apertando, concentrada, o seu cigarro.

— Lara, você precisa relaxar mais! Nem parece uma garota de 22 anos! — Passa a língua na seda e dá o aperto final, colando o baseado. — Vamos curtir um pouco, aproveitar a vida, pois os anos passam muito depressa.

Eu respiro fundo.

— Eu sei... Mas a pressão no Hill acaba comigo. É o meu primeiro emprego, sei que estou reclamando de barriga cheia, pois ganho ótimas gorjetas, mas trabalhar de pé a noite inteira e ainda estudar quase o dia todo... — Fecho os olhos. — Eu mal tenho ânimo para estudar em casa.

— Mas você está aqui, Lara! — Ela aponta para o meu peito. — Você está aqui, viva, fazendo faculdade, estudando o que você ama e sendo livre pela primeira vez em sua vida!

Tiana estende a mão para mim após se levantar.

— Vem, vamos conversar, você almoça e depois toma um banho e

descansa. — Sorrio. — Prometo! Hoje você vai para o Hill a que horas?

— Entro às 17h hoje, porque o bar vai até às 4h ou 5h da manhã. É sexta-feira, afinal, o pessoal começa a sair para valer. — Abraço-a. — Tenho inveja do Marlon, que trabalha dia sim, dia não.

— Mas até parece que ele dorme quando não está trabalhando! — Tiana ri. — Não sei de onde ele tira tanto boy gato! Que inveja!

Rio com ela, concordando. Nosso amigo é um verdadeiro conquistador de caras bonitos, e nós duas ficamos só babando. Helô não curte nem homem, nem mulher, ela se diz assexuada, por isso está sempre sem companhia, enquanto Tiana e Marlon disputam a liderança da casa.

Quanto a mim? Ah, eu não tenho tempo nem disposição para outra pessoa. É claro que, no começo, quando conheci essa turma tão doida, eu saí para algumas festas, conheci pessoas, troquei uns beijos com uns homens por aí, mas nada além disso.

Sou uma mulher discreta e virgem.

Sim, eu tenho 22 anos, sou estudante universitária, moro em um apartamento com mais três colegas, mas nunca transei com ninguém. A única experiência mais carnal que tive com alguém foi há quatro anos, e nunca mais repeti. Não fizemos nada, ele apenas contemplou meu corpo, com todas as marcas que ele possui, deu uma desculpa esfarrapada, e nunca mais o vi.

Fiquei mal na época, pois me achava apaixonada por ele, mas depois decidi que eu deveria ser feliz de qualquer jeito, com ou sem alguém. Eu tinha recebido uma nova chance de viver, pude recomeçar a vida e iria aproveitá-la. Foi a partir daí que eu comecei a fazer planos para vir para São Paulo e estudar música.

A animação na área de serviço é ruidosa, e Marlon me serve um prato cheio de carne. Vou para a cozinha e encontro Helô terminando o arroz.

— Eu fiz salada, Lara. — Ela aponta para a geladeira, e eu pego a travessa, servindo-me em seguida. — Esses dois são malucos, não são? — Ri. — Mas eu não poderia encontrar melhores pessoas!

— Nem eu, Helô — digo com sinceridade.

Separo a gordura da carne em um canto e a coloco na boca, revirando os olhos ante o delicioso sabor. Eu não como bem em casa, geralmente faço um macarrão instantâneo ou uma salada, e só. Quando Helô cozinha, ela sempre me chama para comer, mas às vezes recuso, sem graça por não ajudar com trabalho ou dinheiro na preparação.

As poucas coisas que sei fazer, como faxina e alguma comida, aprendi depois que saí da casa dos meus pais. Mesmo depois das cirurgias, eles não me permitiam fazer muita coisa, ainda que o médico garantisse que eu estava ótima até para correr numa maratona.

Penso que por isso eu sou “mole”, não aguento a rotina que muitas pessoas têm – trabalho e estudos – e reclamo demais. Sim, posso até reclamar do cansaço, do pouco tempo, mas não desisto. Eu estou vivendo de verdade, e isso para mim é o processo natural de alguém se tornar adulto.

Eu nunca mais quero ser a garotinha que todos olhavam com pena, tentando prever quanto tempo mais lhe restava. Sou uma mulher forte e decidida a ser dona do meu próprio nariz. Passei por muita coisa, mas tudo isso ficou para trás, serviu como aprendizado e como amadurecimento. Sou grata por ter tido essa chance na vida e vou aproveitá-la da melhor forma possível.

Depois do almoço, conversei uns minutos com meus amigos, depois tomei um banho e, por fim, pude descansar. Dormir das 13h às 15h, mas me senti renovada para encarar a agitada noite de sexta-feira no Hill.

Entramos no bar, e a agitação é a mesma de sempre: o pessoal da faxina limpando junto com os garçons, enquanto o pessoal da cozinha, dos drinques e da recepção come. Vejo uma batata gratinada e vou direto fazer meu prato, garantindo a minha subsistência noturna.

— Você viu a repercussão do bolinho com o molho “blue cheese” no *Facebook* e no *Instagram* do bar? — Duda me questiona. — Os clientes adoraram a ideia e como o sabor ficou harmônico.

— Estava uma delícia mesmo, Duda! Como sempre, você arrasa!

Ela dá uma risada rouca, ficando com as bochechas brancas bem vermelhas, como algumas mechas de seu cabelo colorido. Eu torço por ela, pois é uma patroa muito bacana e que trabalha mais do que qualquer um dentro deste bar.

Noto-a olhando, com um sorriso satisfeito, a foto do pai emoldurada na parede. Eu nunca conversei muito com ela sobre assuntos pessoais, mas reza a lenda que ela abriu mão de um emprego na França como *soui chef* de um badalado restaurante para vir ajudar o pai aqui no Hill e, depois que ele faleceu, ela resolveu administrar e manter o bar aberto em sua homenagem.

Vejo Kiko com sua prancheta, conferindo o estoque de bebidas para esta noite e vou até ele a fim de ajudá-lo. Trabalhamos juntos até minutos antes de o bar abrir, então coloco meu avental verde-escuro com o emblema do Hill, ajeito meu coque e confiro a maquiagem leve antes de pôr um sorriso no rosto.

Os clientes sempre passam pelo bar antes de entrar no salão do Hill, e apesar de saber que a maioria nos ignora, eu sempre mantenho um sorriso de boas-vindas.

Mais uma noite de trabalho intenso me espera, e eu não vejo a hora de sentir meu coração acelerar por causa da agitação, afinal, estou viva!

Ao longo da noite, essa sensação, essa gratidão por ter conseguido sobreviver a todos os problemas que tive na infância me assaltam e me fazem ficar ainda mais ativa e sorridente.

Às 2h da manhã, o movimento é intenso, mesmo faltando pouco para a cozinha fechar, geralmente às 2h30. Os pedidos de drinques diminuem um pouco, e eu posso relaxar ouvindo a dupla sertaneja que canta no pequeno palco.

Trabalhar aqui teve esse outro efeito em mim, aprender vários tipos de música. Antes eu ficava restrita à música clássica, jazz e bossa nova. Hoje sei cantar e tocar de tudo um pouco e gosto disso, das variações de ritmo e dos sons.

Marlon se agita na portaria, e eu o encaro com o cenho franzido. Ele faz sinal para frente, e arregalo os olhos e fico parada, sem meu sorriso de boas-vindas, quando quatro homens lindíssimos passam pelo bar. Volto a olhar para o Marlon, e ele se abana e depois junta as mãos em agradecimento.

Eu não consigo me mover e nem sorrir para as gracinhas dele, ainda sem poder acreditar que pode haver tantos homens bonitos juntos ao mesmo tempo.

— Será que algum deles é gay?

Ponho a mão no coração agitado, morta de susto com a pergunta, pois não previ que Marlon viria até o bar falar comigo.

— Do jeito que você é sortudo, com certeza! — Rio, e ele me acompanha, voltando para seu posto rapidamente.

Um garçom vem com mais pedidos de drinques, e eu volto a trabalhar, mas, vez ou outra, olho na direção da mesa dos homens lindos como deuses gregos! Um deles me encara e balança a cabeça em cumprimento para depois sorrir, provavelmente porque fiquei com a cara queimando como se tivesse brasa nela.

Deus! Não basta a altura, o porte, a pele morena e os cabelos escuros, o homem ainda tem que ter um sorriso de matar?

— Ei, para de babar em cima do “Alexsander”[3]! — Kiko pega a taça da minha mão e aperta o botão que avisa que há drinques prontos para serem levados. — Leve essas opções aqui para o grupo da mesa 19. — Entrega um catálogo de drinques especiais ao garçom. — Depois passe o pedido pelo número, ok?

O garçom se afasta, e ele vai até o estoque de bebidas e volta com uma garrafa que nunca vi e outra de licor de anis.

— O que é isso?

— *Raki*. — Sorri. — É uma bebida turca, mas parece com o *uzo* que o pessoal de lá está pedindo. A outra opção é o licor de anis.

Fico atenta à movimentação do garçom que está responsável pela mesa do

grupo, curiosa sobre a bebida exótica que pediram. O rapaz volta e diz os números para o Kiko, que parece um tanto quanto decepcionado.

— O que houve?

— Recusaram o *raki*. — Dá de ombros. — Pediram uma Fada Encantada, um coquetel de anis com lima da Pérsia e duas caipirinhas! — Ri de si mesmo e olha a garrafa de *raki*. — Não é hoje, minha amiga!

Gargalho e me ofereço para fazer as caipirinhas, porém, ele me pede para fazer a Fada. Eu tremo inteira ao fazer o drinque elaborado, tomando cuidado para equilibrar bem o copinho de *shot* dentro da taça alta e modelada. Monto a parte colorida do drinque e ligo o maçarico, indo devagar para não fazer besteira e, quando o copinho pega fogo, retiro a base para que o líquido se misture com a aguardente gelada dentro da taça maior.

Rapidamente chamo o garçom para levar o drinque antes que o efeito se perca e sorrio orgulhosa de executar minha primeira Fada sozinha.

— Parabéns! — Kiko me cumprimenta. — Você é uma *bartender* oficial agora.

Vejo o drinque ser entregue para o homem, que parece ser o mais jovem do grupo, e em seguida cada um pega seu copo.

— Quem serão eles? Modelos? — questiono a mim mesma, mas Kiko responde.

— Beleza não é tudo no mundo, Lara!

Balanço a cabeça concordando, mas ainda assim cheia de curiosidade sobre o grupo.

Mais tarde, na volta para casa, Marlon me conta o que descobriu sobre eles, dizendo que são todos da mesma família, pois têm o mesmo sobrenome. Karamanlis! Sim, eles se parecem mesmo com deuses gregos.

Chego a casa com disposição apenas para tomar meu banho, enfiar-me numa camiseta velha e cair na cama. O final de semana promete ser de muito trabalho no Hill, e eu agradeço a Deus por não ter que estudar no sábado. Sinceramente, acho que será melhor que eu abra mão da folga extra em um domingo para poder diminuir a correria da semana com as aulas de Amanda e o trabalho no Hill, além da faculdade.

Sim, talvez eu tenha que fazer isso. Dói-me saber que não verei minha avó e nem meus pais, embora, a cada vez que eu volte para casa, eles insistam para que eu fique em definitivo e desista da loucura que é viver na capital.

Minha avó não, ela vibra com minhas boas notas e faz muitos planos para mim. Diz que eu vou ser uma mulher bem-sucedida na cidade grande e que devo me concentrar nisso e não ficar ouvindo os choramingos dos meus pais.

A verdade é que eu amo isso aqui. O ritmo me cansa, viver aqui na capital é

acelerar o relógio, não perder tempo com as coisas – a não ser com o trânsito –, o que me faz sentir cada vez mais viva.

Ponho a mão no meu coração e sinto as batidas fortes e constantes.

Obrigada!

— Está pronto?

Luti entra no meu quarto e me vê segurando a jaqueta de couro, mas sem vesti-la. Minhas mãos estão trêmulas, e eu nem tento disfarçar isso. Estou há três dias sem colocar uma só gota de álcool na boca e sem sair sozinho deste apartamento também.

Ontem minha irmã esteve aqui, e fomos até o consultório do psiquiatra especializado em dependentes químicos. Ele me incentivou a buscar um grupo de apoio, além do tratamento e dos medicamentos que irei tomar. Fez-me inúmeras perguntas sobre como eu me sentia sem e com o uso do álcool, bem como meus motivos para beber e o que eu achava de parar.

Tentei ser o mais sincero possível com ele, contei tudo o que aconteceu ao longo dos últimos anos, sobre minha filha longe de mim, sobre como me sinto um homem fracassado em muitos aspectos e que o álcool sempre me ajudou a aliviar todas essas situações.

Ele me perguntou sobre a frequência com que eu bebo e se sei parar quando noto que meu corpo já está apresentando sintomas de embriaguez. Por várias vezes minha irmã corrigiu minhas respostas, séria, sem me olhar. Eu aceitei a intervenção, porque, mesmo sem intenção, eu estava mascarando o problema.

Eu bebia todos os dias e não sabia o momento de parar, porque quanto mais álcool eu ingeria, mais eu queria beber para esquecer, para fingir que era feliz e que tudo estava bem.

— Você já deixou de cumprir compromissos ou mesmo esqueceu algo importante por causa do álcool? — o doutor Steter me perguntou.

Fiquei uns minutos mudo, lembrando-me de todas as vezes em que subi no palco bêbado ou que abandonei algum ensaio ou show e fui beber. Os únicos momentos que eu nunca maculara com a bebida eram as visitas a Amanda. Porém, eu não ficava sóbrio o dia todo; saía da casa dos Kaufmanns e me enfiava em algum bar até perder a consciência.

— Já, doutor — respondi com sinceridade. — Eu já deixei compromissos importantes, com pessoas importantes para mim, por causa da bebida.

Senti a mão da minha irmã apertando a minha com força, como se fosse um grande passo eu estar admitindo isso. E era!

Hoje vou conhecer um grupo de apoio, o Alcóolicos Anônimos. Vou assistir como visitante a uma reunião e descobrir como as coisas funcionam por lá. O doutor me disse que a admissão do problema é o primeiro grande passo para a reabilitação, assim como a vontade real de parar.

— Você precisa entender, Carlos Eduardo, que você não se cura, entende? Você precisa parar e parar para sempre. — Eu assenti. — O alcóolico nunca vai beber socialmente, tomar um trago em uma festa ou mesmo em um bar com os amigos. Ele não consegue isso. — O doutor me encarou sério. — Você não consegue isso.

Eu entendi o recado. Preciso readaptar minha vida também, porque eu não tenho como não conviver com o álcool à minha volta. Esses três dias preso neste apartamento foi a parte mais fácil para mim. Aqui eu não tenho acesso a nenhum tipo de bebida, mas, no meu trabalho, com meus amigos e em qualquer lugar em que a banda se apresente, o álcool estará presente em abundância.

Preciso de muita força de vontade para conseguir me manter sóbrio todos os dias. Olho para a foto de Amanda em cima do móvel do meu quarto e sorrio, pensando que minha força de vontade virá do desejo de tê-la comigo. Eu quero

ser o pai que ela merece, quero voltar a ser o homem que era quando a mãe dela se apaixonou por mim.

— Estou pronto, Luti. — Ele sorri e me dá um tapinha nas costas. — Esse será o começo de uma nova vida.

Meu amigo escolheu o A.A. do bairro do Jardim Paulistano, justamente o local onde minha filha mora com os avós. Isso me parece um sinal de que, se eu conseguir recolocar minha vida nos trilhos, logo estarei mais perto de Amanda.

Chegamos à reunião, e, como eu esperava encontrar um bando de bêbados sujos e maltrapilhos, tenho que expulsar meu preconceito e encarar que as pessoas que já estão no salão, esperando o horário marcado para o início, são completamente normais – uns mais velhos, mas boa parte de homens jovens como eu.

Tento decifrar a reação do Luti, mas ele parece concentrado nos quadros pendurados nas paredes da sala, o que também me chama a atenção. A primeira coisa que vejo é uma oração, o que me deixa tenso.

— Você me disse que aqui eles não pregavam religião! — sussurro entredentes.

— Não pregam, mas, pelo que entendi da conversa que tive com o coordenador de grupo, todos acreditam em um Ser ou uma Força Superior que os mantém e os ajuda na caminhada. — Ele me olha desconfiado. — Um pouco de fé não mata ninguém, Cadu.

— Nunca fui religioso! — Dou de ombros. — Minha mãe é uma pessoa de fé, mas minha irmã e eu a perdemos há muito tempo. Mônica também tinha horror a qualquer tipo de religião, você sabe.

Ele assente e suspira.

— Eu acredito que exista algo além da nossa compreensão, meu amigo. Se não acreditasse, qual seria o sentido de tudo isso? — Faz um sinal para as pessoas aqui presentes. — A fé tem esse poder. Não somente a fé em um deus ou uma divindade, mas principalmente a fé em si mesmo. Acreditar que, independentemente das circunstâncias, somos capazes de achar uma saída, de sermos pessoas melhores. — Ele me encara. — Você amou muito a Mônica, não foi?

— Eu ainda a amo, Luti — digo com convicção, não gostando do termo passado que ele usou.

— Exato! O amor é uma forma de fé, eu creio. Você se entrega ao

desconhecido, põe seus sentimentos e confiança em outra pessoa. Fé!

Uma espécie de sineta é tocada, e todos os presentes começam a ir em direção às cadeiras organizadas como em uma sala de aula, enfileiradas. Luti e eu nos sentamos e observamos os dois homens conversando em uma mesa, à nossa frente, onde também há panfletos e livros.

Um deles se levanta e, com um livro na mão, começa a fazer uma leitura sobre os princípios do grupo. Após isso, todos se levantam. Nós dois acompanhamos o movimento mesmo sem saber o que fazer a seguir, e começam a fazer a oração que tanto me chamou a atenção quando cheguei.

Apesar de avesso a qualquer tipo de religião, eu começo a acompanhá-los juntamente com o Luti:

Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras.

Simplesmente repito as palavras, sem refletir ou entender muito bem o que acabei de dizer, mas querendo me sentir integrado, porque sinto que essa é minha chance de conseguir arrumar minha vida e me curar.

Quando todos se sentam, o outro homem à mesa, munido também com um livro, lê sobre uma reflexão, e várias pessoas sentadas à nossa volta levantam a mão para exemplificar o que foi lido, falando de suas próprias experiências.

Eu ouço atentamente, querendo entender, pensando se um dia conseguirei estar tão integrado a ponto de exemplificar algo usando a mim mesmo como modelo. Hoje sou apenas a sombra de um homem fraco e digno de pena que tenta seguir em frente, mas não consegue expulsar a dor de dentro do peito.

Fico tenso quando é aberto tempo para que os “companheiros” – como o homem que conduz a reunião chama os membros do grupo – possam relatar suas experiências e compartilhar dificuldades e vitórias.

Pela primeira vez durante todo o trabalho aqui desenvolvido, eu me sinto envolvido com os pensamentos e as dores das outras pessoas. Alguns possuem sentimentos muito próximos dos meus e viam o álcool como algo que os ajudava, até que a bebida lhes tirou tudo.

Muitos depoimentos me chocam, pois eu nunca imaginei que alguém pudesse ir tão longe pela bebida, mas, sendo sincero, eu já estava ficando fora de controle. Nunca me vi como um viciado, um alcóolico, mas aqui, neste lugar, ouvindo essas pessoas com dramas iguais ou tão mais fortes que os meus, finalmente aceito a verdade.

Olho para o Luti, que está concentrado e emocionado. Conheço meu amigo,

sei que, apesar da fama de pegador e despreocupado, ele possui um coração que não cabe no peito, começando pelo que está fazendo por mim ao me acompanhar, me apoiar.

— Obrigado, Luti. — Ele se vira para mim, completamente surpreso. — Obrigado por ser meu irmão!

Ele sorri e me dá uns tapinhas no ombro após me abraçar.

— Eu sempre estarei ao seu lado, Cadu. Tudo o que eu quero, que todos nós – seus amigos e companheiros – queremos, é que você seja feliz.

Suspiro.

— Não sei se consigo voltar a ser quem eu era antes, mas...

— Não importa. Nós não queremos o antigo Cadu de volta, queremos quem você é hoje, agora, com sua tristeza e marcas, mas forte e seguindo em frente.

Uma sineta é tocada mais uma vez, e vemos todos se encaminharem a uma mesa com garrafas de café e biscoitos.

— Olá! — um dos homens que estavam sentados à mesa na frente nos cumprimenta. — Sou Joaquim Loureiro, co-coordenador do grupo. Sejam bem-vindos!

— Oi, Joaquim — Luti o cumprimenta. — Obrigado. Espero que não tenha problema termos assistido a essa reunião. Eu falei com o Elias Soares quando liguei para cá.

— Ah... — Ele aponta para o outro homem que o acompanhou na condução da reunião. — O Elias é o coordenador.

— Há algum tipo de ficha de inscrição ou...

— Não. Nós não trabalhamos assim. Para se tornar um membro, basta ter o desejo de parar com o consumo de álcool e entender que ele só prejudica. Após isso, é só vir às reuniões que se torna parte.

Uma moça – também em recuperação – vem em nossa direção com uma sacolinha, e eu vejo o Joaquim tirando umas notas do bolso e as colocando dentro do saco. Luti e eu tentamos fazer o mesmo, mas ele nos impede, dizendo que apenas os membros contribuem para manter o grupo autossuficiente.

— Eu vi muitos livros na entrada. Podemos comprar alguns? — Luti me olha questionando-me sobre adquirir a literatura do local, e eu aquiesço.

Vai ser bom ter algo para me concentrar, preso como estou no meu apartamento. Eu escolhi ficar recolhido lá por um tempo, pois ainda não me sinto suficientemente forte para encarar os locais onde ia beber, sem entrar neles. Minhas saídas serão apenas para ir às consultas com o psiquiatra, ver Amanda e, agora, frequentar as reuniões do grupo.

— ...nós não oferecemos nenhum tipo de ajuda médica ou psicológica, o grupo é para aprendermos a compartilhar, seguirmos os passos, entendendo o

que o álcool causa em nossas vidas e seguirmos sóbrios dia após dia, um de cada vez.

— Eu estou sendo acompanhado por um profissional e medicado. — Ele me olha, compreendendo que, embora eu tenha ficado quieto a maior parte do tempo da nossa interação, sou eu quem precisa de ajuda. — Mas eu gostaria de me integrar ao grupo.

Ele sorri, feliz.

— Ficarei muito feliz em ser seu padrinho, meu rapaz — fico surpreso com essa informação. — Eu vejo em você a disposição de abandonar o vício, e isso é animador.

— Eu quero me curar, Joaquim.

Ele fica sério.

— Alcoolismo não tem cura, infelizmente. Um alcóolico nunca deixará de ser isso, basta apenas uma gota, e tudo se perde, por isso temos o lema de um dia de cada vez. 24 horas sem beber, para nós, é como se ganhássemos uma batalha todos os dias.

— Ele não poderá beber nem socialmente? — Luti parece apavorado.

— Se quiser parar, não.

Absorvo a informação, pensando em meu estilo de vida, nas viagens e eventos, nos camarins cheios de bebidas.

Uma imagem da minha filha me vem à cabeça, bem como a lembrança do dia em que eu podia ter morrido, sozinho, dentro do meu apartamento, completamente embriagado. Amanda já perdeu a mãe, ela não precisa de mais nenhuma perda.

— Eu quero parar, Joaquim. — Luti sorri. — Se for preciso mudar toda minha vida para isso, eu mudarei.

— Bem-vindo, companheiro! — ele me saúda um pouco antes de a sineta indicar que a reunião será reiniciada.

Os dias têm passado rapidamente desde que incluí mais uma atividade na minha rotina. A faculdade, com suas provas, seminários e apresentações, somada ao Hill e às aulas de música de Amanda fazem com que o tempo voe.

Mais um período está se findando e, em breve, eu terei umas semanas de descanso por causa das férias. Minhas notas estão boas, esforcei-me muito para mantê-las assim, porque tempo é algo que eu procuro a todo instante para estudar e não tenho, então presto atenção dobrada às aulas.

A convivência no Hill é sempre maravilhosa, embora o trabalho seja cansativo. Quem já trabalhou atrás de um balcão de bar sabe como é a ralação diária de quem tem que servir. O movimento, a cada dia, tem aumentado, e o

trabalho se tornou cada vez mais intenso. Kiko vive falando para a Duda que precisamos de mais uma pessoa nos coquetéis, porém, embora o bar esteja se tornando um sucesso, sabemos que ela luta para pagar todas as dívidas deixadas pelo pai e, principalmente, pelo irmão. Então, temos que nos virar o mais rapidamente possível no preparo das bebidas.

Marlon é uma pessoa maravilhosa e um amigo para todas as horas. Quando não é dia dele no Hill, eu sinto falta de sua presença efervescente na portaria do bar, dando notas aos homens que passam por ele ou pulando como um doido quando vê um boy nota 10.

Cada vez menos vejo meus colegas de apartamento. Tiana está ocupada trabalhando na produção do filme, Helô, fazendo testes para musicais, e Marlon, com seu estágio de cenografia com uma equipe de teatro. Eu praticamente vou em casa para tomar banho e dormir. Nem mesmo as refeições tenho feito no apartamento, pois como qualquer coisa na rua quando tenho que ir para a casa dos Kaufmanns ou como no Hill quando saio direto da faculdade para lá.

Tudo tem sido corrido e exaustivo, mas eu nunca me senti tão viva em toda a minha existência. Estou feliz! Sim, posso dizer isso com certeza. Estou estudando para ser o que sempre quis, ensinando música como sempre amei e fazendo amigos e me divertindo – mesmo durante o trabalho – no Hill. A vida tem sido tão boa para mim.

Amanda está se mostrando uma aluna esperta e vivaz, e sua risada enche meu coração de alegria. Por vezes a vejo triste, com o olhar tão inocente perdido. Tento consolá-la do modo que sempre usei para me consolar, através da música. E está dando certo. Eu toco e canto para ela músicas incentivadoras, e por vezes ela me acompanha. Fazer Amanda feliz se tornou uma das metas da minha vida. Sei que não deveria me apegar tanto a uma aluna, mas ela é especial para mim, por me trazer tantas lembranças da criança que eu fui um dia.

Entro pela porta dos fundos da casa dos Kaufmanns mais uma vez, sendo recebida pela Flaviana. No começo a achei um tanto metida a besta e empertigada, mas agora, depois de dois meses de convivência, notei que ela é uma mulher muito sábia e conciliadora. Não é fácil aguentar a senhora Kaufmann, mas Flaviana sabe manejá-la com maestria, sempre atendendo a seus pedidos, mas suavizando as coisas depois que a patroa sai de perto.

Fiz amizade com os outros funcionários da casa também e fui muito bem recebida por eles. Eliza, a cozinheira, sempre me manda quitutes deliciosos junto com o lanche que Amanda come depois da aula; Hernani, o motorista, por vezes já me deu carona para o Hill; e até a babá – que cuida da menina à noite – é simpática comigo, embora menos que os demais.

As faxineiras, eu quase nunca as encontro, pois ou estão limpando outras

áreas da casa durante minhas aulas, ou estão de folga, mas sei que são duas senhoras.

Bem, eu sou mais uma funcionária dos Kaufmanns, embora não possua anotação em minha carteira, mas presto serviço ensinando sua neta e devo satisfação de todos os meus atos com a menina.

— Amanda pediu para lanchar mais cedo hoje — Eliza me comunica, confeitando cupcakes. — É aniversário de uma das bonecas, e ela quer fazer uma festinha.

Eu sorrio, achando aquele raiozinho de sol tão fofo.

Raio de Sol! É o apelido que me vêm à cabeça ao pensar em Amanda. Não por ela ser loira e possuir lindíssimos olhos verdes, mas por causa do seu sorriso, que aquece e contagia tudo à sua volta.

— Ela pretende fazer a festinha no horário da aula? — pergunto, já sabendo a resposta.

— Sim. — Eliza disfarça um sorriso. — Adivinha o motivo?

Sorrio, feliz. Ela quer que eu participe da brincadeira, que seja uma das convidadas da festa de sua boneca. Ah, minha menina não tem amiguinhos que possa convidar a vir. A senhora Kaufmann nunca permitiria crianças correndo por sua casa cheia de objetos de arte.

— E a avó dela?

— Não se preocupe — Flaviana responde. — A senhora Kaufmann irá receber umas amigas daqui a pouco e estará ocupada. Mas doutor Anselmo fez questão de participar.

Aquiesço, feliz por, pelo menos, o avô da menina ser um homem mais sensível que a esposa. Ele está sempre passando pela sala de música para assistir a alguma performance – mesmo que mínima – da neta e a elogia muito. Eu noto que ele tem verdadeira adoração pela criança e é uma pessoa muito sensata.

Em uma oportunidade, há algumas semanas, enquanto Amanda treinava um conjunto de notas, ele sentou-se ao meu lado à mesa de estudos e conversou comigo.

— Espero que o tempo que tem dedicado aqui em casa não esteja prejudicando seus estudos — começou.

— Ah, não, doutor. Eu consigo conciliar — garanti.

Ele ficou um tempo olhando para a neta e depois voltou sua atenção a mim.

— Sabe, ela está muito mais solta desde que você veio para cá. — Sorriu para Amanda. — E fica contando os dias para as aulas. Chegou a perguntar se não podia ter aula de música todos os dias.

Eu sorri ao pensar que Amanda queria minha companhia diariamente, mas ao mesmo tempo senti um aperto enorme no peito por ela depender de alguém

que conhecia havia alguns meses para depositar tanto amor e carinho.

— Ela é uma menina incrível, doutor Kaufmann.

— Pode me chamar de Anselmo, Lara — disse. — Todos os demais funcionários me chamam assim, doutor Anselmo.

Eu assenti.

Ficamos um tempo mais em silêncio, observando o empenho da pequena ao piano, notando os olhares que ela nos lançava a cada vez que errava.

— Sua família não é daqui de São Paulo, é?

Eu sorri, sem graça.

— Meu sotaque carregado me denunciou, não foi? — Ele concordou. — Somos do sul do estado, quase na divisa com o Paraná. Eu vim para cá para estudar.

— E na ECA! — comentou parecendo orgulhoso. — A USP é uma universidade muito conceituada. Eu me graduei lá, na era dos dinossauros. — Riu da própria piada. — Depois fiz minha especialização fora do Brasil, mas meu diploma médico é daqui.

Ele começou a me contar como foi a graduação, algumas situações engraçadas sobre sua residência, também como decidiu ser cardiologista e como funcionava o hospital de sua família. Depois da conversa, percebi que Amanda era herdeira de uma verdadeira montanha de bens e dinheiro, mas tudo o que a garotinha queria era carinho e atenção.

Eu estive tentada a contar-lhe sobre o problema congênito com o qual nasci e sobre as cirurgias às quais me submeti, principalmente por ele ser cardiologista, mas esse era um fato que eu queria superar na minha vida. Eu já havia passado tantos anos falando, pensando e dando explicações sobre minha doença que só queria ser enxergada como uma pessoa normal.

Depois desse dia, os lanches da Amanda vinham sempre acompanhados por duas xícaras de café – e os quitutes da Eliza –, e o doutor Anselmo se juntava a nós no lanche antes de eu sair correndo para o trabalho.

Flaviana me informa que Amanda está pronta para a aula, e eu vou até a sala de música. Lá, encontro umas dez bonecas – lindas – sentadas no sofá principal, enquanto outra, vestida lindamente com um vestido cor-de-rosa de organza e chapéu de palha com uma faixa do mesmo tecido do vestido enrolada nele, está em destaque, sentada sozinha em uma cadeira.

— Fiquei sabendo que temos uma aniversariante hoje! — digo assim que entro, e Amanda vem correndo em minha direção para um abraço.

— Sim! Anita está fazendo aniversário hoje, e pensei em organizar uma festa para que recebesse suas amigas. — Ela aponta para as outras bonecas. — Você poderia tocar “Parabéns”, Lara?

— Tenho ideia melhor! — Levo-a até o piano. — Vamos tocar a quatro mãos.

Ela sorri, iluminando tudo em volta.

Tiro a partitura da música em questão da minha pasta e a coloco no suporte. Devagar, vamos fazendo nota por nota, até que Amanda se habitue. Eu não leio a partitura para ela, apenas a sigo, pois, como é simples, Amanda já consegue saber o que significa cada símbolo ali disposto no pentagrama.

Quando ela demonstra que já consegue executar a música usando a partitura apenas como garantia, pois já decorou as notas, eu a acompanho com acordes, fazendo o arranjo da canção.

Ela ri animada com o som e começa a cantar com sua vozinha infantil:

— Parabéns pra você, nesta data querida...

Na segunda vez eu a acompanho, fazendo contralto, juntando nossas vozes num dueto quase perfeito. Amanda ainda precisa corrigir algumas notas em seu canto, mas, para uma menina que acabou de fazer seis anos, ela já canta lindamente.

A porta da sala de aula se abre, e eu me assusto no começo, mas relaxo ao ver Eliza entrar com os cupcakes em uma bandeja, seguida pelo doutor Anselmo, que carrega um presente embrulhado em papel cor-de-rosa.

Amanda sai em disparada até o avô, abandonando-me ao piano. Sigo apenas tocando “Parabéns”, enquanto Eliza acende a única velinha em cima de um dos cupcakes, e Amanda tira de dentro do embrulho trazido pelo avô mais um vestido lindo de organza, porém, dessa vez, amarelo.

Ela pula pela sala, mostrando a todas as “convidadas” o novo vestido de Anita. Doutor Anselmo rouba um bolinho, e Eliza fala algo para ele, que ri ao dar a primeira dentada. A cozinheira me chama para comer, saindo da sala dizendo que vai buscar suco e café.

Começo a me encaminhar em direção à algazarra produzida pela pequena Raio de Sol, mas paro ao ouvir uma gritaria.

— Eu já disse não! — a voz da senhora Kaufmann parece alterada. — Não me importa se aquela sua banda tem show marcado no dia da visitação! Se você não pode vir no dia que eu estipulei, o problema é seu e não nosso!

Amanda para a brincadeira e arregala os olhos, encarando o avô, que larga meio bolinho em cima da mesa e sai às pressas da sala.

— Eu tenho direito a vê-la, Geórgia! — ouço uma voz masculina que soa tão irritada quanto a da dona desta casa. — Eu só estou adiantando alguns dias por motivo de...

— Eu vou chamar a polícia, Carlos Eduardo! Afaste-se de mim, ou irei chamar a polícia!

Amanda tem os olhos cheios de lágrimas e está tremendo. Rapidamente vou até a porta e a fecho, sabendo que a menina não precisa mais ouvir uma das brigas entre seu pai e seus avós.

— Ele veio me ver... — ela diz com os lábios trêmulos. — Por que vovó não quer deixar?

Ajoelho-me de frente para ela e a abraço apertado. Seu corpinho treme, e eu me seguro para não chorar com ela. Não sei o que acontece com essa família, que machuca tanto essa criança, mas, enquanto eu estiver aqui, se puder amenizar sua dor, eu vou.

— Adorei o vestido novo da Anita! — Limpo as lágrimas de seus olhos. — Acho que o amarelo vai combinar muito com o tom escuro dos cabelos dela, não é?

A menina suspira e concorda, mas ainda olhando em direção à porta.

Porcaria! Por que eles simplesmente não permitem que o pai dela suba?

Reabilitação: recapacitação, regeneração.

As palavras frias do dicionário fazem todo o sentido para mim, mas de uma maneira diferente. Regeneração não acontece de uma hora para outra, mas sim gradativamente, um dia de cada vez. É doído, é necessário se quebrar inteiro para ser reconstruído, mas, durante esse processo, eu tenho aprendido a valorizar cada história que ouço aqui, nas reuniões, e vibrar a cada mínima conquista.

— ...mais 24 horas!

Volto ao meu lugar quando escuto aplausos dos meus companheiros de grupo e vejo meu padrinho com um enorme sorriso.

Como eu disse, regenerar meu corpo e minha mente, ensiná-los a não

dependerem do álcool não tem sido uma tarefa fácil, pelo contrário, é uma das mais difíceis e penosas da minha vida, mas ainda assim estou disposto a fazer qualquer esforço para conseguir.

Há dois meses estou frequentando o grupo, além de indo constantemente ao psiquiatra. As medicações estão diminuindo de acordo com que aprendo – com a ajuda dos ensinamentos e do autoconhecimento que o A.A. me proporciona – a controlar meus impulsos pela bebida.

Já passei por fases muito ruins, como nas primeiras semanas. Começou com uma pequena tremedeira, depois veio a febre e, enfim, a insônia. Porém, a cada novo sintoma, o doutor recomendava o uso de um medicamento, e eu voltava a me sentir bem.

No A.A., eu comecei devagar também, apenas frequentando as reuniões, ouvindo e lendo a enorme quantidade de bibliografia que eles possuem. Demorei quase um mês para me habilitar a falar em público e compartilhar minhas experiências com meus companheiros, mas, quando o fiz... eu me senti livre. A primeira vez em que compartilhei o que passei também foi a primeira vez em que me senti parte do grupo de verdade.

Eu vi, nos rostos dos presentes, um reconhecimento de tudo aquilo que passei e que estava passando, e mais, vi apoio, vi orgulho por eu estar ali com eles, enfrentando esse mal que nos ataca e que nós mesmos procuramos.

Não foi fácil, não está sendo fácil, mas todas as noites eu faço uma oração para o mesmo Ser a quem conduzimos a oração da serenidade. Nela, tudo que peço é que eu consiga transpor essa situação e que tenha minha filha comigo, volte a ser um homem com domínio próprio e que esteja sempre focado no que me faz feliz e não no que me fere.

Na maioria das vezes termino chorando, lembrando-me da Mônica, pensando em como minha vida seria diferente se ela ainda estivesse aqui, ao meu lado. No mesmo momento paro essa linha de pensamentos e recordo de minha filha, fruto desse amor, que continua aqui e por quem eu faço qualquer coisa.

Estou tomando antidepressivos, pois, segundo o psiquiatra, o maior motivo para eu ter começado a me embriagar foi a tristeza e inconformidade pela perda da mulher que amo. A medicação tem me ajudado a melhorar a cada dia, assim como o grupo, e eu passei a me sentir mais forte nesta luta.

A banda voltou aos palcos depois de dois meses parada. A sorte é que estávamos em estúdio durante boa parte desse tempo, gravando as novas músicas do álbum a ser lançado, então não tivemos repercussão negativa com essa parada. Pelo contrário! Renovamos nosso som, que está cada vez mais puxado para o pop, e fizemos muito marketing para o lançamento. Um *single* começou a ser veiculado na internet esta semana e foi campeão de downloads. Semana

passada gravamos o videoclipe, e ele será liberado no *YouTube* ainda por esses dias. Eu estou orgulhoso de ter voltado a trabalhar como antes, embora ainda não consiga compor. Nosso show de retorno foi em Curitiba, muito elogiado pela crítica e pelos fãs nas redes sociais.

Tudo tem estado perfeito... quer dizer, ainda falta ter Amanda mais perto de mim ou mesmo comigo. Penso na agenda de shows apertados que nós temos, pois, como Cris cancelou alguns para minha recuperação, estamos tendo que fazer mais do que fazíamos por mês. Infelizmente, um desses shows caiu exatamente no dia da minha visitação à minha filha.

Vou precisar ir até a casa dos Kaufmanns para negociar uma nova data ou pedir que eles me deixem vê-la no mesmo dia em que eu for. Espero conseguir conversar com eles e explicar a situação de trabalho e ver minha filha, pois já estou enlouquecido de saudades.

A reunião acaba, e eu me encontro com meu padrinho, Joaquim, que conversa comigo sobre como foram esses dias e como estou indo com os shows, os camarins e tudo o que envolve meu mundo – que é noturno e tem muita tentação com o álcool.

— Eu estou bem. Meus amigos abriram mão de álcool no camarim, assim, só entregam para a gente sucos e água mineral. — Ele sorri, feliz. — Além disso, eu não tenho saído. Faço o show e vou logo para o hotel ou, se estiver por aqui, volto para o meu apartamento.

— Fico muito feliz em ver sua vontade de superar essa condição, Cadu. — Ele me dá um tapinha nas costas. — Estou feliz por você conseguir ser tão firme na decisão de sair do domínio do álcool, mas não se esqueça, se precisar conversar...

— É só te ligar! — Mostro meu celular para ele. — Não se preocupe com isso, eu o farei caso seja preciso. A medicação tem me ajudado bastante, mas estar aqui, desabafar, tem feito uma enorme diferença para mim.

— É para isso que existimos, para dar apoio e suporte a quem quer parar de beber. — Ele aponta para um dos banners pendurados na sala. — Se você quer beber, o problema é seu; se você quer parar de beber, o problema é nosso!

Sorrio ao ouvi-lo recitar a frase, sabendo que é a mais pura verdade. Joaquim é um alcoólico em recuperação, assim como eu, porém, está há mais de 10 anos sem beber, o mesmo tempo em que frequenta o A.A. Ver a reestruturação, principalmente psicológica de uma pessoa que já passou por tanta coisa – ele perdeu a família por causa da bebida – é motivador para mim.

Eu consigo!

Despeço-me dele, marcando de vê-lo na próxima reunião depois de amanhã, e sigo para meu carro. Entretanto, antes de entrar no veículo, meu

celular vibra no bolso da calça.

Sorrio ao ver o nome da Angélica na tela.

— Ei, baby! — atendo.

— Cadu, meu lindo! Eu estou na cidade, morrendo de saudades — ronrona como uma gata, e eu sinto meu pau reagir. — Você pode vir até meu *apart*?

Respiro fundo na expectativa de encontrá-la e ter sexo, já que faz muito tempo que eu não alivio a tensão sexual acumulada, porém, a consciência martela minha cabeça sobre voltar para casa.

— Não podemos nos ver no meu apartamento? — questiono.

— Ah... Cadu! Preparei uma surpresinha, vem! — ela geme a última palavra, e eu entro no carro já decidido.

— Chego aí em alguns minutos.

Dirijo até o apartamento dela, ignorando no percurso as ligações da Milena. Minha irmã me espera em casa, mas, se eu a atender e disser que estou indo encontrar a Angélica, ela irá dizer que não é uma boa ideia e enumerar – chata como é – todos os motivos que me mantêm em prisão domiciliar.

Eu preciso me distrair um pouco, embora admita que minha consciência briga comigo a cada quilômetro do caminho, porém, ainda assim continuo seguindo. Uma noite de bom sexo não tem como me atrapalhar, pelo contrário!

Assim que chego, estaciono o carro próximo ao prédio dela e interfono. O porteiro, já conhecido meu e também previamente autorizado a me deixar subir, abre a porta principal da portaria, e eu o cumprimento, indo direto ao elevador.

Angélica me recebe vestindo um espartilho de couro preto, e o impacto de ver essa mulher gostosa vestida assim, com o cabelo amarrado em um rabo de cavalo bem apertado e um batom vermelho fogo na boca, deixa-me imediatamente duro.

Mal a cumprimento e já vou logo pegando-a pela nuca e me apossando de sua boca com uma fome que eu mesmo não sabia que estava sentindo. Estou tão focado em me recuperar, em conseguir minha filha por mais tempo, em ter Amanda comigo, que nem me dei conta de que também sentia falta de sexo.

Arrasto-a para o sofá da sua sala, de couro branco, e, sem lhe dizer uma só palavra, viro-a e inclino seu corpo sobre o móvel, deixando-a praticamente de quatro. Sua bunda, lisa e firme, precariamente tampada por uma calcinha fio-dental também de couro preto, empina-se para mim, e arranco a peça mínima e me ajoelho, pronto para provar o sabor de sua boceta.

Angélica geme de tesão e rebola na minha cara enquanto minha língua trabalha em seu clitóris e dois dedos, dentro dela.

Sim! Eu estava sentindo falta disso!

Levanto-me enlouquecido e começo a me despir, mas me lembro de não ter

trazido camisinhas comigo, porém, ela me joga um pacote, e eu sorrio, já o abrindo. Não costumo usar preservativos comprados pelas mulheres com quem durmo, pois nunca se sabe quais ardis algumas podem ter para engravidar, mas Angélica tem tanto pavor de ter um filho que, além de tomar remédio, nunca transa sem proteção.

Ela, agora, está colhendo frutos de anos de modelagem, e uma gravidez seria o fim de seus sonhos. Claro que usamos a camisinha por mais motivos do que somente uma gravidez indesejada, uma vez que nossa relação é completamente aberta e nunca sabemos os parceiros um do outro.

Quando, enfim, estou devidamente "encapado", seguro em seus quadris e brinco com o meu pau na entrada de sua boceta. Ela geme e rebola, e eu fecho os olhos antes de me afundar totalmente em sua carne quente e macia.

— Eu já estava ficando preocupada com você — ela fala do quarto enquanto eu ainda estou debaixo do chuveiro. — Eu liguei algumas vezes de Madri, você não retornou, e depois, quando voltei para Nova Iorque, eu não conseguia mais nenhum contato contigo!

Eu não respondo, sentindo a água caindo sobre minha cabeça, cansado e relaxado depois de duas trepadas deliciosas. Foi bom ter vindo e ter me soltado mais com ela hoje, depois de tanto tempo preso no meu apartamento.

Saio do boxe e enrolo uma toalha na cintura, indo encontrar-me com ela no quarto a fim de me despedir para seguir para casa, já imaginando a aflição da minha irmã com meu sumiço nesta noite. Porém, assim que a vejo segurando dois copos de uísque e com um lindo sorriso, meu corpo inteiro treme. Paraliso, sem reação ante a cena, e ela, percebendo meu espanto, enruga a testa e me olha questionadora.

— Algum problema, Cadu?

Eu não sei se isso é ilusão criada pela minha mente ou se realmente está acontecendo, mas o fato é que, mesmo com ela estando longe de mim, eu posso sentir o cheiro do álcool. Minha boca enche d'água, e meu coração dispara.

Ela começa a caminhar, nua e linda, na minha direção, bebendo sua dose. Acompanho os movimentos de sua garganta ao engolir o líquido, sentindo o sabor em minha própria boca. Quando chega perto de mim, Angélica estende o outro copo em minha direção, mas eu não faço nenhum movimento para alcançá-lo.

Não! Eu não sou forte!

Há, dentro de mim, uma verdadeira guerra emocional. Minha cabeça me diz para sair daqui, de perto dela e da bebida, o mais rápido possível, porém, algo aprisionado dentro de mim grita cada vez mais alto que necessita do líquido ambarino que está no copo.

— Ei? — Ela recua o braço, afastando o uísque de mim. — Tudo bem?

Eu não sei como acontece, mas vejo meu braço se erguer e meus dedos se fecharam no vidro frio do copo e pegá-lo da mão dela. Fico um momento olhando o líquido, salivando e, ao mesmo tempo, engolindo em seco. Há tantas promessas dentro desse pequeno recipiente, há tantos sonhos inseridos no brilho dourado dessa bebida em minha mão.

Conforto! Essa é a palavra!

Eu tenho passado tão mal por tanta coisa que tudo o que preciso é um pouco de calor, de conforto, e isso... Sinto meus lábios tocarem a borda do copo, e inspiro fundo para sentir o aroma do uísque 18 anos que eu tanto aprecio.

No exato momento em que a primeira gota escorre para dentro de mim, eu me lembro de Amanda, do quanto eu quero e preciso ter minha filha de volta e de tudo o que vivi nesses dois meses de tratamento.

“Mais 24 horas!”, eu desejei a mim mesmo e aos meus companheiros do A.A.

Travo os lábios, sentindo-me uma fraude. Eu posso ser acusado de ser sem juízo, bêbado ou qualquer adjetivo pejorativo, mas nunca fui um mentiroso. Nunca!

Afasto o copo dos meus lábios e ando resolutamente até um móvel, onde o deposito. Respiro fundo várias vezes, chamando a atenção de Angélica.

— Me diz o que está havendo, Cadu...

Afasto-me dela, sentindo o cheiro da bebida em seu hálito.

— Eu parei, Angel. — Ela me olha como se não me entendesse. — Com a bebida.

— Ah... — Ela parece ainda não entender. — Eu achava mesmo que você deveria começar a pegar mais leve. — Dá de ombros. — Mas uma dose para me acompanhar não vai te matar, não é?

Não me movo.

— Ah... Cadu! Não é para tanto! — Ela termina de beber. — Mas você é quem sabe. Vai dormir aqui hoje?

— Não — respondo rápido, já à procura das minhas roupas e me lembrando que as deixei na sala. — Preciso ir.

— Já? — Assinto. — Ah... Cadu, não fica chato, vai? Eu tinha pensado em passar esta noite inteira acordada fazendo sexo com você.

— Preciso mesmo ir. — Faço um sinal para ela, uma despedida rápida e à

distância, que ela entende. — Obrigado pelos momentos.

Vou em direção à sala o mais rápido possível e coloco minha roupa de qualquer maneira.

Tentações! Já li sobre isso nos livros que comprei e sei que haverá muitas ao longo do meu percurso, mas essa primeira quase me derrubou, sinal de que eu preciso ainda me fortalecer para estar preparado para as outras que virão.

Entro no carro e dirijo como louco até meu prédio e, nem bem entro no meu apartamento, dou de cara com minha irmã e Luti me esperando.

— Puta que pariu, Cadu! — Luti exclama ao me ver entrar. — Milena e eu já íamos sair para procurar por você em cada bar desta cidade!

É, eu reconheço que foi um vacilo não ter ligado para avisar, mas acontece que fiquei sem celular, pois descarregou a bateria.

— Onde você estava, Cadu? — Milena se aproxima e começa a me cheirar. — Você não está com...

— Cheiro de bebida? — Afasto-a de mim, odiando a inspeção. — Eu não bebi! — Luti me olha desconfiado. — Fui trepar um pouco! — disparo ríspido.

— Angélica?

Assinto para meu amigo, que se senta no sofá visivelmente aliviado enquanto minha irmã ainda permanece ao meu lado de olhos arregalados.

— Desculpa pelo susto, Mi. Angélica me ligou, e, quando eu cheguei ao prédio dela, meu celular descarregou, e eu nem pensei em ligar do dela. Foi uma tremenda falta de consideração não ter te avisado, mas é que foi tudo tão de repente que...

— Não faça mais isso! — Ela me abraça apertado, e eu a sinto trêmula. — Não. — Me dá um tapa na cabeça. — Faça. — Paf! Outro tapa. — Mais. — Esse é bem mais forte. — Isso!

Desviei-me do último, mas já me sentindo um babaca por tê-los deixado tão desesperados com meu sumiço. Eu admito ter sido irresponsável, deveria ter ligado para avisar e... Não! Eu deveria ter declinado do convite de Angélica e vindo para casa, isso sim!

— Me desculpem. — Eu a olho e depois ao Luti. — Eu sinto muito mesmo. Prometo não fazer mais isso sem um aviso.

Ela assente, respira fundo e se despede de nós dois, indo para seu quarto.

— Mano, você vacilou — Luti me repreende. — Ela me ligou desesperada!

Desmonto no sofá ao lado dele.

— Eu imagino! Vacilei mesmo, eu sei, mas é que...

— A vontade de trepar ganhou da razão.

Eu rio e concordo, passando as mãos no rosto.

— Quando ela me ligou, não consegui dizer não. Eu não tinha me dado conta de que estava na abstinência de sexo também. — Bufo. — Só que eu realmente não deveria ter ido.

— O que houve? Brochou? — debocha.

— Não, seu babaca! — Rio. — Ela estava bem satisfeita quando terminei. — Fico sério novamente. — Quase tive uma recaída, e isso me mostrou que não estou tão forte quanto pensava.

Luti arregala os olhos e se apruma no sofá.

— Quase teve uma recaída?! Cadu...

Expiro lentamente, tentando não me lembrar do copo em minha mão e da bebida tocando meus lábios como uma amante proibida. Proibida e muito desejada!

— Ela me entregou um copo de uísque e bebeu o dela na minha frente. — Luti xinga. — Acho que ela não sabe que eu...

— Não sabe?! — ele me interrompe visivelmente irritado. — A imprensa inteira sabe! Foi investida uma grana boa para que sua luta contra o álcool fosse a público da maneira certa e não te mostrando como um viciado louco. Ela não

sabe?! O caralho que não!

Penso no que meu amigo me diz, e sim, foram mesmo investidos tempo e dinheiro em campanhas contra o alcoolismo com minha imagem. Eu mesmo fui a um programa de entrevistas contar sobre minha recuperação e deixar uma palavra de ânimo às famílias que passam por isso.

Claro que fiz isso em nome da banda e não do A.A., porque isso é proibido de acordo com as regras do grupo, que é anônimo. Porém, expor a situação da maneira real, como previu o Cris, foi ótimo, porque evitou especulações e fofocas.

Sinceramente não aprovo todo o marketing feito, mas acredito que, mesmo indiretamente, minha conversa com o apresentador abriu a mente de muitas pessoas.

Agora, se Angélica sabia ou não que eu não estou mais bebendo é outra coisa. Talvez ela não tenha lido ou... Não! Ela é uma mulher muito antenada, muito informada e com certeza viu em algum local sobre isso. Qual é o motivo que ela tem para querer que eu volte a beber? Não faz sentido!

— Você realmente não bebeu nada?

Seguro a mão de Luti, meu amigo desde a adolescência, meu companheiro de todas as horas.

— Não, não bebi. Confesso que fraquejei, mas bastou lembrar da minha filha e da vontade que eu tenho de tê-la comigo, de ser um pai de verdade que eu recusei.

Luti sorri e aperta minha mão.

— Eu fico orgulhoso de saber disso! Você vai tentar vê-la amanhã?

— Vou. — Suspiro, pensando em minha conversa com os Kaufmanns amanhã para tentar adiantar minha visita a Amanda. — Não sei como eles irão me receber, mas o que irei pedir não é nada demais, é?

— Não, meu amigo. Você só deseja vê-la! — Luti me abraça antes de se levantar para ir embora. — Ela ainda vai se orgulhar muito de ser sua filha, Cadu.

Sorrio, com o coração cheio de esperança de que isso, um dia, seja verdade.

Minha rotina com os Kaufmanns desde que eles começaram a pegar pesado com relação às visitas à minha filha tem sido sempre igual. Eu chego à casa, Flaviana é quem me atende e me encaminha até a brinquedoteca, onde passo duas horas com minha filha. É sempre assim, nunca muda.

Eu não os vejo – Geórgia e Anselmo – e nem falo com eles por outro meio senão pelos nossos advogados. E é exatamente por isso que me sinto tão nervoso hoje, com minha visita surpresa à casa.

Toco o interfone ainda no carro e sou atendido pelo porteiro, que o passa para a Flaviana.

— Carlos Eduardo, boa tarde!

— Boa tarde. Flaviana, eu preciso conversar com o Anselmo, ele se encontra?

— Sim. O doutor está no escritório, vou ver se ele pode recebê-lo e... — Ela tampa o microfone do interfone, porém, escuto vozes abafadas. — Lamento muito, mas...

— Foi a Geórgia quem falou aí, não foi?

— Eu sinto muito, mas eles estão ocupados e...

— Flaviana, eu preciso conversar com eles — insisto. — Passe para a Geórgia.

Ela fala longe do aparelho mais uma vez, e eu aguardo que a empertigada senhora Kaufmann me atenda do alto de seu pedestal de tradição e dinheiro. Porém, o interfone é desligado, e o portão principal, aberto.

Fico momentaneamente surpreso com isso, pois nunca pensei que ela fosse me deixar entrar, por isso pedi para conversar com o marido, um homem muito mais razoável do que a esposa.

Não, eu nunca me dei bem com ele também, mas Mônica o amava muito e o admirava por ser um homem justo e humano. E é com essa impressão sobre ele que eu vim até aqui para pedir a troca do dia da visitação.

Assim que desço do carro, vejo Flaviana – de quem sempre gostei muito – à porta principal, esperando-me. Cumprimento-a com um sorriso ao entrar, pouco antes de avistar a grande dama Geórgia Kaufmann, com sua roupa e cabelos impecáveis, atrás dela.

— Boa tarde — saúdo-a.

— Seja breve, por favor — diz tensa e me olhando com superioridade.

— A banda está voltando a fazer shows gradativamente, mas já aumentou muito o número de apresentações em nossa agenda e, infelizmente, temos uma agendada para exatamente o dia em que eu iria ver minha filha. — Ela levanta a sobrancelha. — Por isso, assim que soube, decidi vir aqui para saber se podemos negociar outro dia para...

— Não.

A resposta seca me pega desprevenido.

— Geórgia, eu tenho o direito de vê-la. — Tento não me alterar. — Só estou pedindo que seja em dia diverso do...

— Boa tarde, Carlos Eduardo! — Ela faz um sinal para Flaviana abrir a porta. — Sua prioridade nunca foi sua filha, então não é melhor se dedicar à sua bandinha? Amanda ficaria muito melhor longe de você.

Suas palavras cheias de veneno fazem meu sangue ferver de indignação. Amanda sempre foi minha prioridade, sempre! Eu estou mudando minha vida por ela, para poder estar ao seu lado, para ser o pai que ela merece ter! Fecho meu punho bem apertado, segurando a irritação e a vontade de mandar essa mulher gelada à merda.

— Seja razoável, Geórgia. Eu só estou...

Ela interrompe sua intenção de sair da sala e me deixar sozinho e me olha com desprezo e ódio.

— Eu já disse não! — sua resposta dessa vez é enérgica. — Não me importa se aquela sua banda tem show marcado no dia da visitação! Se você não pode vir no dia que eu estipulei, o problema é seu, e não nosso!

Ando até perto dela, que recua, e sinto Flaviana às minhas costas. Estou irritado e não vou mais disfarçar isso. Ela impedir-me de ver Amanda já está passando dos limites! Eu sou o pai dela!

— Eu tenho direito de vê-la, Geórgia! — respondo-lhe com a mesma intensidade, e ela arregala os olhos. — Eu só estou adiantando alguns dias por motivo de...

— Eu vou chamar a polícia, Carlos Eduardo! — Ela olha para Flaviana. — Afaste-se de mim, ou irei chamar a polícia!

Balanço a cabeça e recuo, porém, sem sair da casa.

— Eu só quero ver minha filha!

Escuto passos apressados na escada e avisto o doutor Anselmo.

— O que está acontecendo? — Ele olha-nos visivelmente assustado. — Vocês assustaram a menina lá em cima!

Imediatamente olho na direção das escadas, imaginando Amanda ouvindo essa discussão, sozinha e amedrontada dentro de um quarto. Droga!

— Eu preciso mudar o dia da visitação, pois estarei trabalhando. Só preciso adiar ou adiantar a data e...

— Eu já dei a resposta final, Carlos Eduardo — Geórgia me interrompe. — Saia dessa casa imediatamente.

Olho para meu ex-sogro, rogando pelo bom senso dele, mas o homem não esboça nenhuma reação.

— Vamos — Flaviana me chama. — Você não precisa piorar as coisas para si mesmo.

Nego e tento uma última vez, uma última súplica.

— Por favor...

— Sua próxima visita será 15 dias após a marcada para esta semana. — Geórgia pega no braço do marido. — Passar bem.

Eles saem, e eu me sinto um inseto pisado e esmagado por eles.

— Carlos Eduardo... — assinto ao chamado de Flaviana, já à porta, esperando que eu saia.

Sem a visita desta semana, vou somar um mês sem ver minha filha até a próxima. Um mês! E ela já sofre tanto por ficar 15 dias sem minha presença, além disso, eu não sei o que a cobra da avó dela vai lhe dizer.

Eu sou patético como pai. Eu sou um merda, não valho porra nenhuma!

Entro no carro, dirijo como um louco pela cidade e, sem me dar conta, paro em frente a um bar. Fico alguns instantes olhando para a fachada dele, pensando em acabar com a decepção, em acabar com minha impotência ante os Kaufmanns me afogando em alguma bebida forte e barata.

Eu nunca vou ser o pai que minha filha precisa. Amanda nunca terá orgulho de mim. Ela está crescendo e, com o tempo, irá parar de sentir minha falta e me esquecerá. Eu serei só o nome de um fracasso em seus documentos.

Entro no bar e peço logo uma garrafa de conhaque, sem me importar com a qualidade ou mesmo o sabor da bebida. Eu só preciso me anestesiar, esquecer, fingir que não sou este homem medíocre que não consegue nem mesmo ver a filha.

— Pagamento adiantado, amigo! — O balconista do bar me olha desconfiado.

Jogo umas notas, sem contar, em cima do balcão, e ele me entrega a garrafa e um copo de vidro, que dispenso. Saio do bar, sabendo que o dinheiro que joguei para ele dá para comprar uma caixa dessa bebida, mas não me importo o mínimo. Dinheiro e fama nunca foram minha prioridade. Ela sempre foi Mônica e a minha família. Quando assinamos contrato, foi porque fazer do meu sonho de cantar uma carreira rentável era o que iria proporcionar uma vida melhor para minhas prioridades. Foi porque Mônica queria o meu sucesso. Eu não precisava de dinheiro para fazer música, nunca precisei!

Volto para o carro já com a garrafa aberta e dou meu primeiro gole, que desce queimando. Meu corpo inteiro se aquece com a bebida, e isso me desperta e me consola ao mesmo tempo. Viro mais uma golada enquanto procuro a chave do carro, sem sucesso em achá-la.

Tiro tudo o que está dentro dos meus bolsos, mas não acho a chave. Então, um simples cartão branco com um nome escrito em preto me chama a atenção e faz meu coração disparar. Olho para a garrafa e depois para o pedaço de papel que joguei em cima do assento do carona. Fechos os olhos, tentando pensar, ao mesmo tempo em que meus dedos travam na garrafa, sem querer soltá-la.

Será mais um fracasso! Você será mais um fracassado!

Vejo a chave do carro ainda na ignição e, assim que o ligo, aciono o *bluetooth* do carro e digo em voz alta:

— Ligar para meu padrinho.

O celular do Joaquim toca duas vezes, e ele atende com voz preocupada:

— Cadu? Cadu, o que houve?

— Eu estou parado na — olho minha localização no GPS — Zona Leste de São Paulo, dentro do carro, sem poder me mexer.

— O que houve? Mande-me o endereço, que eu...

— Em minha mão está uma garrafa de conhaque... Eu bebi, mas... — choro — eu não quero continuar, porém, não consigo soltar.

— Eu estou indo, Cadu. — Escuto um barulho. — Fique aí, lute. Eu estou indo o mais rápido possível.

Recosto-me ao assento, mando a localização para ele e fecho os olhos. À minha mente vem a oração da serenidade, e eu, com um devoto, fico a repeti-la o tempo todo.

Terça-feira! Ainda bem que não tenho aula hoje e posso ficar na cama até um pouco mais tarde que o costume. Esse é um dos poucos dias em que vou conseguir conviver com meus colegas de quarto, embora Tiana já tenha saído cedo para ajeitar as coisas na produção do filme de que ela está participando.

Ontem ela e eu saímos juntas para comer uma pizza, como fazíamos quando cheguei a São Paulo e ela morava no mesmo quarto que eu na república. Foi bom quebrar a rotina dessa forma, pois venho em um crescente de compromissos que têm tomado todo o meu tempo e, embora realizada com a aula particular e com minhas boas notas na universidade, sinto-me esgotada. Continuo dormindo pouquíssimas horas por dia, por causa do Hill, e meu único

dia de descanso na semana passou a ser a segunda-feira, porque estou chegando no restaurante no horário normal nas terças, às 17h, e abri mão de um dos dois domingos de folga.

Eu não estava aguentando a pressão de sair correndo da casa dos Kaufmanns, enfrentar duas conduções para chegar a tempo no bar. Estava me alimentando precariamente e, com isso, fiquei ainda mais magra, para meu total dissabor, voltando a parecer com os desenhos japoneses, como na época em que ainda era doente.

Eu queria ter tempo para praticar exercícios, mesmo que ao ar livre, porque não posso arcar com uma mensalidade de academia, mas infelizmente não dá. Todo meu tempo é contado, e eu tenho me virado para prestar atenção às aulas e treinar as partes práticas em casa – na hora do banho, do café da manhã ou mesmo antes de dormir – para que meu rendimento na faculdade não caia.

Entre outras coisas, por isso foi tão bom sair com a Tiana ontem. Foi uma noite de meninas, só nós duas. Escolhemos uma pizzaria na Mooca, bem italiana, coisa de família, nada chique, porém, com uma pizza extremamente saborosa. Pedimos uma taça de vinho da casa para cada uma – é o que nosso orçamento comporta – e conversamos muito.

Tiana é uma pessoa muito engajada na causa da mulher, seja negra ou branca, mas, por ser negra, acaba se envolvendo mais com causas relacionadas também ao racismo. Ela me atualizou das últimas conquistas de mulheres que, assim como ela, também lutam muito para serem ouvidas e, além disso, contou-me histórias tristes de outras que tiveram sua voz calada.

Eu absorvi cada palavra que ela me disse na noite de ontem, admirando-a ainda mais por ser quem é. Eu sinto muito orgulho por ela ter visto em mim uma amiga em potencial e, mais ainda, sinto-me privilegiada por ter sido acolhida e por saber que ela tem um enorme carinho por mim. Eu – não poderia ser diferente – a acho incrível e sei que muito em breve sua voz será ouvida por mais e mais pessoas e que ela conseguirá de alguma forma disseminar ideias seja por seus filmes ou por qualquer outro método.

Não se engane, minha amiga é uma feminista, sim, mas não daquelas que ficam peladas, que fazem necessidades nas portas das universidades, nem nada disso. Tiana defende direitos iguais e não o ódio aos homens – como algumas linhas existentes –, ela só quer que a Constituição Federal seja cumprida e que parem de achar – principalmente no mercado de trabalho – que valemos menos por podermos ter filhos.

— Mas chega de falar de mim, Lara! — ela disse assim que o garçom começou a nos servir a pizza. — Fale-me sobre os Kaufmanns.

Eu ri e dei de ombros, agradeci ao garçom pelo generoso pedaço de pizza

no meu prato e a olhei.

— Eu não sei o que falar sobre eles. São ricos, a casa é um sonho, e tem Amanda, que é a menina mais incrível que eu já conheci, entretanto... — Suspirei e comecei a remexer o queixo derretido com o garfo. — Eles são estranhos. A verdade é que eu mal os conheço, quer dizer, mal conheço a senhora Kaufmann, que sempre chega perto de mim para mandar que eu faça algo ou para me observar conduzindo a aula.

Tiana estremeceu e gargalhou.

— A mulher me parece ser uma pedra de gelo!

— Temo que seja. — Ri também e mastiguei meu primeiro pedaço de pizza, revirando os olhos. — O doutor Anselmo é diferente, sabe? Ele é sério, distinto, elegante, mas eu vejo seu sorriso se abrir todo ao ver a neta, e ele também me trata muito bem, sempre preocupado com meus estudos e com minha família.

— Que bom, Lara.

— É, sim. E tem Amanda...

— É, tem Amanda! — ela ressaltou. — Você é completamente louca por essa menininha, né? Sempre está falando dela.

— Se você a conhecesse, iria se apaixonar por ela também. — Tiana assentiu. — Ela é doce, inteligente e, ai, Ti, ela parece tanto comigo mesma quando criança! O olhar melancólico quando eu vou embora, como se eu fosse a única pessoa que pudesse alegrá-la, a vontade de brincar. — Eu cochicho: — Às vezes termino a aula mais cedo para brincar com ela, sabe?

— É mesmo? E de que vocês brincam?

— Bonecas, ou então lemos livros de aventura! — Meu sorriso ficou enorme ao lembrar que ela já começava a ler muito bem. — Amanda ama ler, e eu estou incentivando-a a gostar ainda mais. Planejo ir para casa só para buscar alguns livros da minha coleção. Imagina quando ela descobrir Harry Potter!

Bati palmas, animada diante da possibilidade.

— Não é uma leitura um pouco longa para uma criança se alfabetizando?

Concordei com ela que sim, porém, nada me faria mais feliz do que passar meus livros para ela. O aprendiz de bruxo foi meu amigo por muito tempo, com ele eu pude ser a criança que não me deixavam ser na realidade, e eu me aventurava e vivia cada uma de suas aventuras e descobertas.

Conversamos mais um tempo sobre os Kaufmanns, e então ela passou a me perturbar com o assunto que mais gostava de discutir comigo.

— Nenhum boy te chamou a atenção? — Eu ri e neguei. — Uma menina?

Gargalhei.

— Não. Estou achando que vou fazer companhia a Helô e me tornar

assexuada.

— Sem nem mesmo experimentar sexo? — Ela pareceu acreditar. — Tem certeza disso?

— Estou brincando. — Pisquei. — Eu não tenho tempo, Ti. Queria tanto poder me dedicar mais aos estudos, porém, não tenho conseguido, imagina ter de lidar com um relacionamento.

— Se você fosse uma pessoa diferente, eu iria te dizer que não precisa estar em um relacionamento para ter sexo, mas sei que para você precisa. E eu espero, Lara, que, quando você decidir ser hora de descobrir o prazer, ele seja tudo o que sempre sonhou, porque você merece isso, todos os sonhos, e não menos.

Suas palavras me emocionaram. Ela é moderna, mas me conhece e não me julga por eu não querer uma noite de sexo vazio, sem sentido, apenas para ter prazer ou mesmo para me livrar da virgindade. Tiana sabe que eu quero ter minha primeira vez com alguém que eu ame e que pelo menos tenha sentimentos por mim, pois acho que, de outra forma, eu não conseguiria.

Levanto-me da cama, esticando todo o meu corpo, pensando que em algumas horas estarei ao lado da minha Raio de Sol. Olho para a mesinha de cabeceira, onde um embrulho de presente se mostra, e sorrio, pensando na surpresa que farei a ela.

— Eu trouxe algo para você. — Amanda arregala os olhos ao ver o embrulho cor-de-rosa. — Quando eu tinha sua idade e comecei a escrever, descobri que havia um jeito de nunca me sentir só.

Entrego-lhe o presente, e ela o abre calmamente, embora eu possa ver em seus olhos o quanto está ansiosa por descobrir o que há dentro do embrulho. O diário se revela, lindo, como o de uma princesa, e ela sorri toda animada.

— É um diário. — Toco o cadeado. — Você escreve o que está sentindo nele, conversa com ele e depois tranca-o para que ninguém tenha acesso. Além disso — pego a caneta que veio junto —, essa é uma caneta especial.

— É? — Olha curiosa. — Por quê? — Puxo sua mão e escrevo nela, porém, nada aparece. — Não está funcionando?

Ilumino o local com a luz na ponta da caneta, e seu nome aparece. Amanda retém o fôlego ao ver minha letra brilhar em sua palma.

— É uma caneta mágica! Aperte a pontinha duas vezes, e a luz fica acesa, assim você consegue ler o que escreve, e depois é só a apagar, e ninguém verá nada.

Ela abre o diário e começa a testar a caneta entre risadas e surpresas.

Cheguei aqui no horário de sempre, e ela já estava me esperando, ansiosa para contar sobre a escola. Fiquei sentada com ela à mesa, vendo-a almoçar, falando dos deveres de casa e dos colegas do colégio. A senhora Kaufmann foi ao salão de cabeleireiro, e doutor Anselmo está no hospital, então ficamos relaxadas.

Subimos para a sala de música e nos concentramos nas partituras e teorias musicais até agora há pouco. Confesso que eu estava tão ansiosa para entregar-lhe o presente que não via a hora de o tempo de aula acabar, torcendo para que a avó dela não voltasse antes que eu o fizesse.

Desde que abri mão de um domingo de folga, não preciso mais sair correndo daqui para estar no Hill, então, quando dá, curto uns minutinhos a mais com Amanda, tentando amenizar seu olhar triste quando vou embora.

— Eu trouxe um livro da escola — ela diz, indo buscá-lo. — Eu queria muito ler com você.

Pego o volume de *O Pequeno Príncipe*, surpresa por ela tê-lo escolhido.

— É um belo livro, Amanda. — Abro-o na primeira página.

— Estava na lista da vovó. — Dá de ombros. — Mas eu gostei da capa.

Começo a leitura, e ela se encosta em mim, como sempre faz, atenta à minha voz e seguindo, com seus olhinhos verdes curiosos, cada letrinha do livro. Eu perco a noção do tempo aqui, abraçada a ela e lendo. Só interrompo a leitura quando a sinto mais pesada em mim e constato que ela dormiu, porém, não só isso, vejo que está anoitecendo.

Pego meu celular e confirmo meu temor: estou muito atrasada para o trabalho. Penso em chamar a dona Flaviana, mas meu medo de acordar Amanda é maior, assim pego-a no colo, sendo imediatamente interrompida pelo doutor Anselmo.

— Pode deixar que eu a levo, Lara. — Eu não disfarço o susto, arregalando meus olhos, e cedo a menina para ele. — Eu estava aqui há algum tempo, mas não quis interromper. Gostei de ouvir a história, há muito tempo não a lia.

— Sim, é tão boa que perdi a hora. — Pego minha bolsa e contorço meu pescoço dolorido por ter ficado na mesma posição por um tempo longo. — Preciso correr até o Hill e...

— A babá dela não veio hoje, e minha esposa e eu temos um compromisso. — Franzo o cenho, não entendendo aonde ele quer chegar. — Ela tem faltado sem avisar, não é a primeira vez, e Flaviana fica de olho na Amanda quando isso acontece, mas não consegue lhe dar a atenção devida.

— Doutor Anselmo, eu...

— Seu trabalho é desgastante, e eu sei que você dorme pouco, além de ter

de andar altas horas da madrugada sozinha. — Prendo minha respiração, já imaginando o que ele irá me propor. — Por que você não fica conosco? Amanda te adora e...

— A senhora Kaufmann...

— Pode deixar que, com Geórgia, eu me entendo, Lara. — Ele sorri ainda com Amanda dormindo em seu colo. — Você faz minha neta feliz, e isso é o mais importante para mim.

— Para mim também, doutor Anselmo, mas eu estudo durante o dia e...

— Eu sei. Nosso motorista pode deixar Amanda no colégio e você na faculdade pela manhã.

— Eu estudo o dia inteiro na segunda — informo-lhe.

— Pode ser seu dia de folga, um deles — apressa-se em deixar claro. — Podemos combinar algum final de semana livre também ao mês. Pense, Lara. Morando aqui, você não tem despesa com aluguel nem com alimentação, além de ter tempo, quando Amanda estiver em seus milhares de cursos extracurriculares, para estudar.

Oh, Deus! A proposta é realmente tentadora, mas ser babá e morar junto com a família Kaufmann? Eu nunca imaginei essa possibilidade.

— Vocês precisam de mim hoje? — pergunto, e ele afirma. — Eu só preciso avisar ao Hill que não poderei ir. Mas ainda não tenho uma resposta sobre...

— Pense. — Ele me chama, e eu o sigo para o quarto de Amanda. — Ela está cansada, mas deve acordar daqui a uma hora, no máximo. — Doutor Anselmo liga para algum lugar e pede à pessoa para vir até onde estamos. Não demora muito, Flaviana aparece. — Lara aceitou ficar com Amanda hoje. — A governanta sorri. — Você poderia instruí-la sobre a rotina da noite?

— Claro, doutor.

Ele olha em seu relógio e suspira.

— Eu preciso me arrumar, senão daqui a pouco Geórgia vem atrás de mim. — Olha-me. — Obrigado, Lara.

Quando ele sai, consigo respirar normalmente. Flaviana olha divertida para mim.

— Ele é um ótimo patrão, Lara. — Ela pega uma folha e anota algumas coisas. — Depois do cochilo, você deve colocar Amanda no banho e lavar seus cabelos. — Eu assinto. — Como está tarde... — Ela ri, e comenta baixinho: — Eu tinha ido buscá-la quando você iniciou a leitura, e doutor Anselmo chegou e me pediu para que deixasse vocês duas à vontade, então atrasou um pouco as coisas. — Volta a me mostrar a folha. — Enfim, como está tarde, você terá de secar os cabelos dela. Depois disso, fazer a tarefa do dia e, por fim, jantar e

cama.

Eu assinto, nervosa por cuidar de uma criança, mesmo sendo Amanda, pela primeira vez, sentindo o peso da responsabilidade.

Flaviana afirma que, havendo qualquer dificuldade, é só a chamar, e eu concordo.

Assim que a governanta sai, ligo para o Hill e aviso sobre o imprevisto. Fico com pena do Kiko, sabendo que ele irá ficar sozinho no bar, mas, ao mesmo tempo, aliviada por ainda ser terça-feira e o movimento ser devagar.

Deixo minha bolsa em cima do sofá, cheio de bonecas, e penso em como irei fazer para dormir nesta noite. Eu não ando com roupa extra na bolsa e, embora tenha tomado banho ao sair de casa, gosto de tomar um antes de me deitar. *Ah, Lara! Uma só noite sem seu pijama não vai matar!*

Quando Amanda acorda, uma hora depois, eu já explorei seu banheiro, separei um pijama em seu closet e coloquei sua lição de casa em cima da escrivaninha. Ela parece surpresa ao me ver aqui, e, quando digo que irei ficar com ela esta noite, recebo um abraço tão apertado que o sinto no coração.

Faço tudo conforme o recomendado por Flaviana, seco seus lindos cabelos após o banho com um secador potente e muito silencioso. Amanda, mesmo pequena, é vaidosa e me pede para passar hidratante em seu corpo antes de colocar o pijama, e eu acho graça, pois nem mesmo eu faço isso.

A lição de casa é bem simples, e ela a resolve em menos de 15 minutos.

— Vamos jantar e... — antes que eu complete a frase, ouço uma batida na porta, e Flaviana aparece com uma bandeja. Eu estranho que Amanda jante em seu quarto, pois o almoço é sempre feito na mesa da sala de jantar, porém, surpreendo-me quando a governanta levanta a redoma de inox com uma cara divertida.

— Será nosso segredo. — Amanda concorda, com os olhos brilhando. — É para comemorar que a Lara vai ficar com você hoje.

Ela deposita a bandeja repleta de potinhos com batata frita, sanduíches em miniatura e um empanado de frango. Em potes menores há ketchup e molho verde, e dois copos grandes de Coca-Cola completam o menu.

Amanda, sem nenhuma cerimônia, ataca o empanado, molhando-o no ketchup e sorri como se tivesse ganhado na loteria.

— Ela não pode comer esse tipo de coisa? — pergunto baixinho a Flaviana.

— Não. O cardápio dela é montado por um nutricionista infantil. A mãe era gordinha na idade dela e sofreu muito para emagrecer, porém, conseguiu. Mônica tinha o corpo de uma bailarina, realmente!

— Ela era bailarina profissional?

— Não. Ela queria, mas a senhora Kaufmann dizia que isso era apenas um

hobby, que ela precisava de uma profissão de verdade. — Dá de ombros e se cala. — Eu costumo fazer esse lanche para ela quando a babá está de folga e os avós não estão em casa. Geralmente uma vez no mês.

— Ela adora! — Aponto, rindo, para Amanda.

— Coma também. Se mais tarde quiser jantar, peço para Eliza deixar seu...

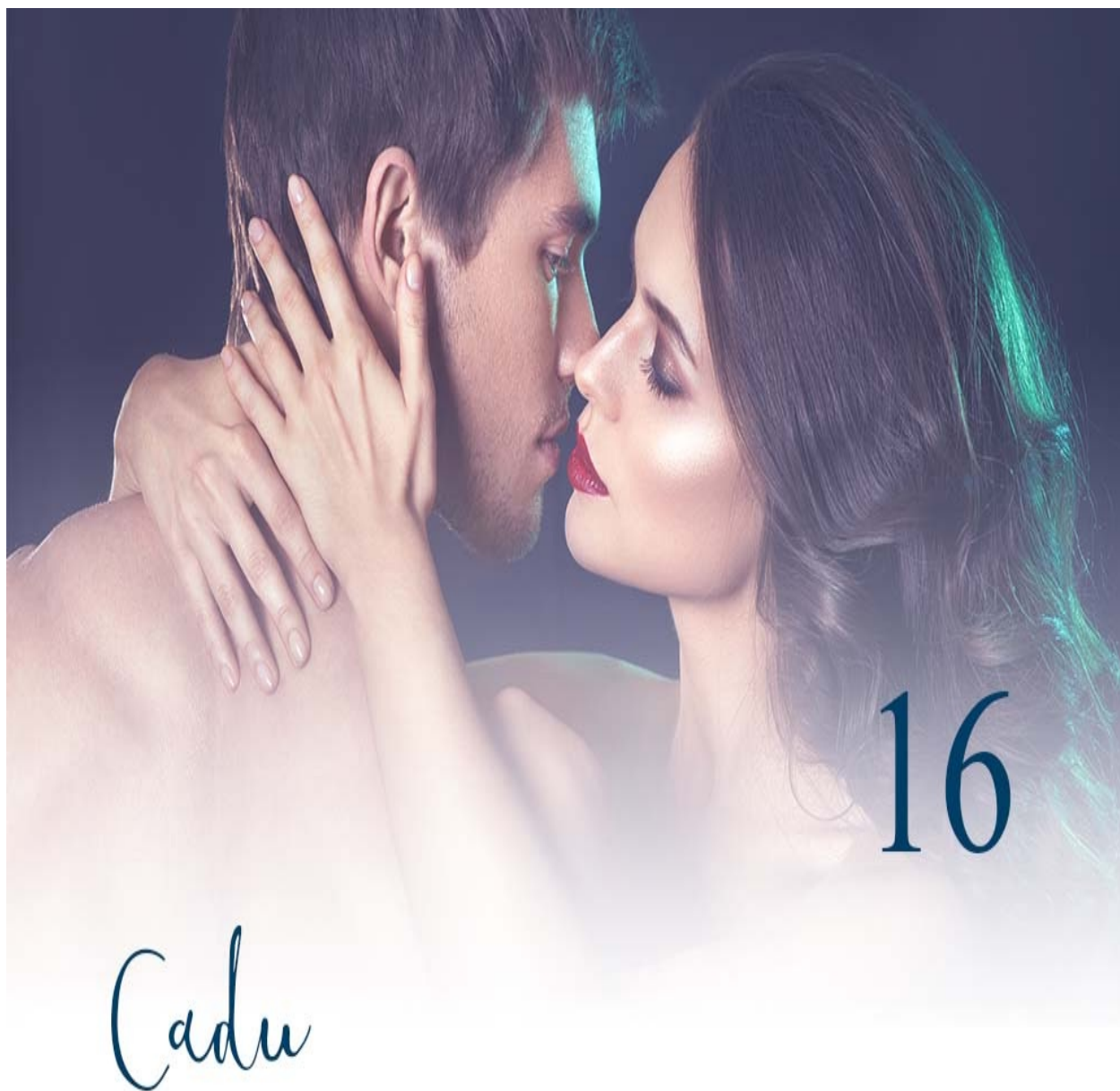
— Não precisa. — Sorrio. — Isso aqui é mais que suficiente. Eu estou preocupada sobre onde vou dormir.

— O quarto da babá é naquela porta. — Flaviana aponta para a porta de ligação ao lado da porta do closet. — Mas está trancado por dentro, basta destrancar a porta que dá para o corredor.

Assinto, e ela nos deixa.

— Está gostoso, Raio de Sol?

— Delícia! — responde de boca cheia, e vejo seu rosto manchado de molho.

— Hum, então vou comer também! — Dou uns pulinhos, bato palmas e corro até a mesinha onde ela come o lanche. — Atacar!

Meus dedos viajam pelo teclado do piano, tocando uma melodia pesada, triste, mas a única que se assemelha ao meu estado de espírito. Eu não sei que horas são, a madrugada avança para a aurora, e eu estou aqui há horas, tocando bossa nova, mais especificamente Tom Jobim, ao piano.

Esse não é meu primeiro instrumento e nem aquele em que eu tenho mais habilidade, porém, ao acordar suado e tremendo de mais um pesadelo sobre a morte de Mônica, eu só consegui me encaminhar até ele, não pensando em momento algum na guitarra.

Detesto esses pesadelos, mas eles vêm ocorrendo muito mais vezes do que o normal. Conversei sobre isso com meu psiquiatra, solicitei algum remédio que

me ajudasse a apagar sem ter que sonhar com aquele momento tão doloroso novamente, mas ele se negou a fazer isso, uma vez que vem diminuindo gradativamente as drogas que estou usando para controlar a ansiedade e a abstinência.

Paro de tocar e encosto minha testa no piano. Imagens daquela noite voltam a me assombrar, e eu luto contra a dor que cada uma delas me traz. A culpa me consome a todo momento, a cada instante da minha vida. Eu a matei; embora não estivesse ao volante, a responsabilidade foi minha.

A Off-Road já havia começado a gravar o primeiro disco e estávamos sempre nos reunindo para conversar sobre arranjos e roupagens novas para as composições escolhidas para estrearem no álbum. Quase sempre essas reuniões se transformavam em festinhas que só terminavam ao alvorecer.

No dia do acidente, não foi diferente. Mônica tinha ido comigo até o estúdio onde ensaiávamos, embora as músicas já tivessem sido gravadas e estivesse em processo de edição. Ela sempre dava ótimos conselhos sobre os arranjos e conhecia nossa música como ninguém, pois me viu compor a maioria do repertório selecionado para o primeiro álbum. Havia um tempinho que ela não aparecia nos ensaios, por causa da nossa filha ainda bebê, e todos ficaram animados ao vê-la.

Meus amigos eram muito gratos a ela por tudo o que fizera para que nosso sonho se realizasse e também por saberem que eu era inspirado a fazer música por causa dela.

Mais uma vez o nosso ensaio virou uma festa, pois, na metade do tempo, começaram a chegar amigos e mulheres, bem como comida e bebida. Uma galera da produção havia levado alguns bagulhos, e a sala estava parecendo tomada por neblina, mas era pura marola da marijuana.

Mônica não estava bebendo, porque ainda amamentava – mesmo que esporadicamente – a Amanda, mas eu, sim, bebi de encher a cara, e, quando fomos embora, mais cedo do que pretendíamos inicialmente, Mônica me pediu para levar o carro, e eu a achei prudente, pois não estava bêbada.

Ela ainda não tinha carteira de habilitação, mas já fazia aulas desde que completara 18 anos, pouco tempo antes, era segura e uma motorista muito cautelosa. Sentei-me no banco do carona e relaxei tanto que acabei dormindo e só fui acordar com o estrondo da batida no poste.

Eu não sentia uma das minhas pernas, presa nas ferragens, mas, antes de apagar pela dor que sentia no corpo inteiro, eu a vi. A imagem de Mônica com a cabeça enfiada no para-brisa e seu corpo todo retorcido é parte do inferno que eu vivo todos os dias. Os pesadelos são constantes, e, em todos eles, eu tento salvá-la. Todavia, na verdade não foi assim que ocorreu, eu simplesmente apaguei sem

poder ajudá-la em nada. Acordei no hospital com a perna operada e cheia de pinos e com o coração disparado, achando que havia apenas sonhado. Eu perguntava por ela a todo instante, mas ninguém me respondia.

Foi Milena quem me deu a notícia de que ela não havia sobrevivido.

Eu entrei em desespero. No hospital, ouviam-se os meus gritos, minha inconformidade por ter perdido a mulher da minha vida. Era como se eu houvesse perdido um pedaço da minha alma, do meu coração.

Tive alta dois dias depois que ela foi cremada e só consegui ir até o cemitério para ver o epitáfio com seu nome inscrito. “Filha querida, mãe amada” foi o que eu li na placa de cimento no chão. Desesperado de sofrimento, pedi algo pontiagudo a Luti, que me acompanhava, e risquei na placa: “Minha alma gêmea”.

Fiquei horas lá, mesmo sabendo que nada dela estava ali. Eu ainda não sei o que a família fez com as cinzas ou onde as deixaram. Eles não conversavam sobre Mônica com ninguém, muito menos comigo, e isso era um vazio enorme que eu carregava.

Dedilho umas notas a esmo no teclado, tentando canalizar minha dor e frustração na construção de uma melodia, porém, não consigo encontrar nada que traduza em sons o que sinto neste momento ou o que venho sentindo ao longo dos anos. Essas semanas sem ver minha filha foram um inferno, e eu pedi ao meu advogado que resolva a situação da guarda ou das visitações o mais rápido possível.

Não quero mais sentir meu peito doer de saudade e, muito menos, imaginar que ela está sentindo o mesmo. A imagem de Amanda sozinha e triste naquele casarão me corrói por dentro. Ela precisa de mim, do meu carinho, do meu amor, e eu tenho tudo isso à sua espera.

Amanhã, finalmente, poderei vê-la e tentarei explicar-lhe o que houve e garantir que isso não irá se repetir. Conversei muito com o Cris, empresário da banda, sobre meus dias com Amanda, e ele concordou em não marcar nenhum compromisso em que eu precise ir. Algumas vezes apenas um dos outros integrantes precisa fazer marketing ou algo do tipo, então esse será o dia escolhido para tal fim. Deixei na agenda dele todos os meus dias de visitação marcados para que saiba que minha prioridade sempre será estar com minha filha. Da próxima vez que ocorrer um evento no mesmo dia, eu não irei.

Mais uma vez tenho que ser grato aos meus amigos, que me apoiaram nesses dias, bem como aos meus companheiros do A.A., principalmente meu padrinho, o Joaquim. Ele me animou quando tive a recaída há 15 dias. Eu estava paralisado dentro do carro, e ele apareceu e ficou sentado no banco do carona, conversando comigo por horas, até que eu consegui soltar a garrafa e desabei a

chorar como um bebê.

Joaquim me levou para casa, instruiu minha irmã sobre os cuidados comigo e, desde então, liga-me todos os dias para saber como estou e me faz desabafar. Segundo ele, os sentimentos ruins dentro de mim é que me levam à autodestruição, consequentemente, ao álcool.

Não sei se sua psicologia é certa, mesmo porque ele é um mecânico, mas nosso papo diário tem dado certo, e, embora com muita saudade, eu não me senti desesperado sem ver minha filha.

Converso com ele sobre os pesadelos, também. Ele ouve calmamente e me pergunta o que eu acho que quer dizer, mesmo eu não tendo visto nada daquilo, sonhar o tempo todo com o acidente. Sempre digo que não sei, porém, não sou sincero, pois já conversei com meu psiquiatra, e ele me aconselhou a deixar Mônica ir.

Sim, eu nunca a deixei ir. Mesmo de luto, eu pedia a ela que ficasse comigo. Não sou religioso, nunca acreditei nesse negócio de alma, mas, de alguma forma, eu ainda a sinto perto de mim.

Eu sei que ela está perto de mim!

— Você quer que eu entre com você caso eles comecem a criar caso com sua visita? — Milena me pergunta, ao volante, em frente à mansão dos Kaufmanns.

Minha irmã resolveu vir comigo, com receio de que, se algo ocorrer, eu me desespere novamente. Pedi a ela que ficasse em casa, garanti que não iria mais me desesperar daquela forma, mas, ainda assim, ela insistiu em vir. Não gosto de ser monitorado assim. Entretanto, entendo o temor dela e aprecio o tempo que ela tem disposto comigo.

No final de semana fomos para Itu, e eu pude conversar com minha mãe sobre minha situação, agora que ela está mais estável. Claro que dona Felícia já estava percebendo que algo estranho estava ocorrendo, pois Milena mudou-se para meu apartamento de uma hora para outra, e ela leu uma coisa ou outra na imprensa.

Eu realmente não sei o que seria de mim sem o apoio da minha família e dos meus amigos. Minha mãe chorou, sim, sentida por eu estar passando por isso tudo, por não ter visto antes, por eu ter tido que chegar ao fundo do poço para pedir ajuda, porém, deu-me um abraço tão apertado e cheio de amor que eu senti que ele levou embora muito da dor e das feridas da luta que enfrento diariamente

para me manter sóbrio.

Mais uma coisa que o A.A. me ensinou ao longo das reuniões é que o apoio é uma base importante para conseguir driblar o vício. A maioria dos meus companheiros estão ali porque perderam tudo, desde bens materiais até a família, e buscam mais do que estruturar sua saúde e vida, mas também ter as pessoas que amam de volta. Por sorte, eu cheguei ao grupo antes de perder tudo, mas esse seria o meu caminho se continuasse a trilhar a vida como estava fazendo.

Olho para a minha irmã, ao meu lado, a responsável, doce e obstinada Milena, e nego.

— Não precisa, Mi. Obrigado por ter vindo comigo até aqui.

— Certo, bobão! — Ela funga por causa do agradecimento, tentando se manter a mulher durona de sempre. — Eu vou ficar aguardando aqui. — Aponta para um livro de teorias matemáticas, e eu faço careta. — Vai e dê um beijo em minha sobrinha... Ah... quero fotos no meu *WhatsApp* para ver como ela cresceu, não esquece!

Saio do carro sorrindo, feliz por saber que vou ver Amanda.

Como sempre, é Flaviana que me atende.

— Boa tarde, Carlos Eduardo! — Sorri. — Amanda está com a babá na brinquedoteca, te aguardando.

— Os Kaufmanns...?

— Doutor Anselmo foi para o hospital, e dona Geórgia, até o clube do livro dela, mas disse que volta antes de sua visita terminar.

Eu rio, assentindo. É óbvio que ela estaria de volta para me enxotar quando desse as duas horas de visitação. Ela não perderia essa oportunidade.

A brinquedoteca fica no piso térreo, já quase no final da construção, com uma bela vista do jardim traseiro com sua enorme piscina. Flaviana abre a porta dupla, e meu coração dispara ao ver minha filha fantasiada de princesa, dançando e cantando feliz ao som de um violão.

Ela para assim que ouve o barulho da porta e corre ao meu encontro, cheia de gargalhadas. Aperto-a bem forte junto a mim, mas dou um olhar questionador para Flaviana, afinal, eu nunca a tinha visto brincando desse jeito.

A governanta aponta para dentro da sala com a cabeça, e eu vejo, por trás do violão, uma moça com olhos muito arregalados, como se tivesse visto um fantasma. Um lampejo de reconhecimento passa por minha mente, mas logo o descarto, pois não é a antiga babá de Amanda, é um rosto bem comum, embora tenha umas sobrancelhas lindas e grossas que se destacam.

— Minha pequena, você está linda! — elogio-a assim que a coloco no chão, e ela gira e gira como se quisesse que eu visse todo seu traje.

— Lara trouxe para mim da 25 de Março. — Gargalha como se a Rua 25

fosse um lugar mágico. — Ela disse que é segredo, mas eu posso contar para você. — Ela para em dúvida e se vira para a moça. — Posso, não posso, Lara?

A garota – que ainda olha embasbacada para mim – parece retomar a consciência e olha para Amanda, porém, sem ter entendido o que minha filha perguntou. Um sorriso se insinua na minha boca, mas eu o contenho para não a constranger.

— Eu posso participar da brincadeira? — pergunto já entrando na sala, ouvindo Flaviana fechar a porta.

— Claro! — ela assente e se levanta. — Eu vou deixar vocês a...

— Não precisa — digo mesmo que a contragosto. — É preciso que você fique para supervisionar. — Ela balança a cabeça afirmativamente. — Eu sou o Cadu Fontenelles, pai da Amanda.

Estendo a mão para ela, que fica um tempo imóvel, mas depois retribui o gesto, tocando minha mão timidamente.

— Lara Martins.

Franzo o cenho, reconhecendo o nome.

— Você não era a professora de música?

Amanda começa a pular em volta dela e a abraça forte, como sempre faz comigo. Imediatamente o rosto tenso de Lara se transforma em um enorme sorriso que a deixa linda.

Caramba!

— Ela é minha babá e minha professora agora, papai! — Amanda a aperta ainda mais. — E minha amiga!

— Sou, sim, Raio de Sol!

Lara retribui o abraço, e eu fico aqui, olhando a cena com uma mistura de alívio – por minha filha estar tão próxima a alguém – e preocupação, pois Lara é uma empregada, e os Kaufmanns podem substituí-la e a distanciar de Amanda.

Amanda falou de Lara nas últimas visitas que fiz a ela, sempre se referindo à senhorita Lara Martins, a professora de música. Eu havia imaginado uma mulher mais madura e não uma menina. Lara é delicada, não é alta, é bem magrinha, e o rosto parece o de uma moça recém-saída da escola.

É uma contratação fora da curva de ação dos Kaufmanns, tanto para professora de música quanto para uma babá. Além disso, a curiosidade desperta em mim acerca do motivo que levou uma musicista a virar babá.

— Do que vocês estavam brincando?

— *Pralendas*! — Amanda corre até um livro e me mostra. — Lara canta e eu danço, é tão divertido!

— Parece legal. Posso brincar?

Amanda gargalha e me chama para dançar com ela, o que faço com muito

prazer, posicionando seus pezinhos em sapatilhas de balé cor-de-rosa sobre meus coturnos de couro preto. Aguardamos que a moça volte a tocar, mas ela continua imóvel, segurando o vilão pelo braço.

— Lara? — eu a chamo, e ela parece acordar. — A ciranda...

Ela se senta, posiciona o violão e começa a cantar. A música é simples, uma repetição engraçada. Amanda ri e se diverte rodopiando comigo sobre meus pés. No entanto, eu não consigo me desligar da voz da babá e curtir o momento com minha filha.

Lara tem *a voz*! Rouca, airosa, sexy... Como é possível? Eu a olho de esguelha, vendo-a tocar o violão – embora com poucos acordes –, sabendo que ela é uma musicista inata.

A canção para, e ela fala algo para Amanda, que sai correndo arrastando-me para outro canto do cômodo a fim de me mostrar a pasta de atividades da escola e seu caderno de caligrafia.

Sem a voz de Lara para me distrair, presto toda minha atenção à minha pequena, elogiando seu progresso na escola, ficando emocionado ao ler, pela primeira vez, um bilhete que ela me escreveu com a frase: *Papai, te amo!* Eu o guardo como a um tesouro dentro da minha carteira e beijo o rostinho lindo e feliz da minha filha.

Quase ao final da visitação, Flaviana entra trazendo um lanche, e mais uma vez percebo o carinho de Lara para com minha filha. A governanta avisa sobre a chegada de Geórgia, então Lara retira a fantasia de Amanda, revelando a roupa sóbria e inapropriada para uma menina brincar, que ela leva por baixo. A babá guarda a fantasia em um baú, longe dos olhos de sua patroa.

Lanchamos os três juntos, e, a todo tempo, minha filha me conta animada sobre as brincadeiras com Lara, bem como seu progresso nas aulas de música.

Restando cinco minutos do meu tempo, Geórgia aparece.

— Lara, hora das despedidas.

E sai da mesma forma que entrou, sem cumprimentar ninguém.

Ouço Lara suspirar – ou melhor, bufar – e dizer à Amanda para se despedir. Como sempre, os olhinhos da minha filha ficam rasos de lágrimas, mas ela vem até mim, toda corajosa, e me aperta forte.

— Vou sentir saudades, papai.

— Eu também, minha princesa, eu também. — Ela corre para perto da babá, e eu a acompanho. — Obrigado, Lara, por tudo.

— É o meu trabalho e um prazer tomar conta dela, senhor Fontenelles.

Rio.

— Cadu. Pode me chamar de Cadu, Lara.

Ela não me responde, mas sorri, e novamente sinto algo estranho dentro de

mim, mas ignoro, afinal, ela é uma menina e cuida da minha filha. Não estou aqui para pensar nela – ou mesmo olhá-la – além do seu interesse em Amanda.

Saio da casa com o coração pesado, pensando nos 15 dias que se passarão até que eu volte a essa casa, porém, sentindo-me mais leve por saber que, agora, há alguém dentro desta casa que é capaz de deixar minha filha brincar e se divertir e que, tenho certeza, tem muito apreço por ela.

Obrigado, Lara, por ter voltado a fazer minha menina gargalhar!

Oh, meu Deus! O pai da Amanda é o Cadu Fontenelles!

Eu fiquei momentaneamente sem reação quando descobri isso. Não me julgue por ter parecido uma completa idiota na presença dele, não foi só pelo fato de o “tal” pai ser famoso, não!

Foi porque ele é o Cadu Fontenelles! Estou sendo repetitiva quanto ao nome dele, mas... poxa, quem diria?!

Emito algumas risadas nervosas, e Amanda me olha preocupada. Balanço a cabeça e sorrio normalmente, e ela começa a saltitar pela brinquedoteca enumerando todos os momentos que passou com o pai hoje. Meu Raio de Sol irradia felicidade, e isso é tão palpável que eu até sinto de onde estou.

Sim! Agora eu entendo o fascínio dela pelo pai – e não é por causa do rosto lindo, dos olhos verdes e do sorriso perfeito! Cadu trata a filha como uma princesa, tem paciência com ela, conversa, brinca, e o amor que sente por Amanda está visível em cada gesto de carinho dele para com a menina.

Flaviana aparece na sala e informa a Amanda que a professora de inglês já está na sala de estudos. Eu arrumo um pouco as coisas e tenciono acompanhá-la na atividade, como faço sempre, mas, antes que eu consiga segui-la, a senhora Kaufmann me intercepta.

— Lara, eu gostaria de ter uma palavrinha com você. — Olha para a neta. — Amanda, siga com Flaviana para a aula.

A menina me olha com olhos arregalados, e eu vejo preocupação em seu rostinho lindo. Sorrio e dou uma piscadinha, fazendo sinal para que ela siga a governanta. Assim que ela vira as costas, é a vez de o meu semblante demonstrar preocupação.

— Algum problema, senhora Kaufmann?

— Não, não. — Ela caminha. — É claro que eu nunca pensaria em você para ser a babá da minha neta, mas estou até surpresa por quão bem tem executado essa tarefa. — Franzo o cenho, andando atrás dela para sentar-me nas poltronas da brinquedoteca, pensando se isso foi um elogio. — Eu gosto sempre de conversar com a babá depois que o pai dela a visita.

— Ah... sim.

Ela quer que eu lhe conte como foi a visitação, por isso fiquei supervisionando! Respiro fundo, sem saber o que realmente dizer a ela. Talvez a verdade. Cadu é maravilhoso, um pai amoroso, um herói como toda menina quer. Por que ele não pode passar mais tempo com ela?! Não, com certeza não posso contar a verdade!

— Como o Carlos Eduardo se comportou? — ela é direta.

Eu me sento devagar, analisando bem como dizer algo para não o prejudicar, mas que também não me prejudique neste emprego.

— Ele foi normal — decido pela evasão. — Os dois conversaram, brincaram um pouco. O tempo não dá para muita coisa... — Pela cara da minha empregadora, noto que pisei na bola com meu comentário sobre o tempo de visitação. Ai, caramba! — Enfim, foi bem normal.

— Normal... — ela parece avaliar a palavra que usei. — Ele disse algo contra nós para minha neta?

— Não! — saliento a negativa não só com a palavra, também com a cabeça agitando de um lado para o outro. — De maneira alguma!

— Você me diria se ele tivesse falado?

Não!

— Claro! — Novamente sou a idiota que gesticula sem parar. Se ela me conhecesse melhor, iria saber que eu faço isso quando estou muito nervosa ou quando minto. — Mas não se preocupe, correu tudo...

— Normal. — Afirmo com um sorriso forçado. — Eu quero que você saiba que aqui, nesta casa, você deve ser nossos ouvidos e olhos quando aquele rapaz estiver com minha neta. E que, só para lembrar, ele é um homem bonito, mas somos nós que pagamos seu salário e a quem o teto que protege sua cabeça à noite pertence.

— Sim, senhora Kaufmann, não se preocupe com isso.

— Bem. — Ela se levanta, ajeita a saia de linho importado – eu realmente nem sei se é linho, mas é algo chique e caro – e me dá uma olhada superior que me faz encolher como um ratinho. — Não precisa acompanhar minha neta nas aulas dela dentro da casa, somente nas externas. Enquanto ela estuda, você pode aproveitar o tempo para preencher os convites do recital de que ela participará com os nomes da lista dos nossos convidados.

— Claro. — Levanto-me.

Ela sai da sala, e eu respiro fundo pela primeira vez desde que a conversa começou. Geórgia Kaufmann tem o dom de me deixar apavorada!

Sento-me novamente e fico prestando atenção em minha respiração, tentando parar de tremer. Veja bem, eu não sou uma garota medrosa e covarde, não mesmo, mas ela consegue mexer com meu emocional de tal forma que, se eu fosse criança, com certeza faria xixi na calça com apenas um olhar dela.

Trabalhar aqui nessas duas semanas tem sido uma bênção e um tormento ao mesmo tempo. Eu andava muito cansada com minha rotina no Hill, ECA e aulas particulares, então vir para cá me possibilitou ter noites normais de sono e tempo para estudar – quando Amanda está fazendo balé, natação ou mesmo judô no clube –, e isso tem sido ótimo.

Sinto falta da agitação e das brincadeiras do Hill e lembro como foi difícil me despedir do pessoal, que me fez uma festinha surpresa que terminou de uma maneira estranha, com a Duda recebendo uma correspondência e se trancando no escritório. Foi tenso para todo mundo. Porém, minutos depois, ela saiu de lá como se nada tivesse acontecido e me deu um abraço de boa sorte e desejou sucesso.

Lá no apartamento não foi diferente. Tiana, Marlon e Helô fizeram um jantar de despedida, ganhei presentes, e, mesmo vendo-os na ECA pelos corredores, sinto saudades daqueles três maluquinhos. Ontem mesmo vi, no mural de recados, um anúncio com uma vaga para dormitório compartilhado, a minha vaga. Eu gostaria de ter pedido para que ela segurasse um pouco, pois não sei se o emprego aqui vai dar certo, mas entendo que Tiana precisa pagar o

aluguel e que dividir só entre eles fica muito caro.

A verdade é que eu não me vejo mais longe daqui, mesmo tendo que controlar meus nervos perto da minha patroa, não me vejo longe de Amanda. A menina já perdeu tantas pessoas queridas, por morte ou por distanciamento, que seria uma loucura da minha parte deixar que entre nós nascesse um sentimento de amizade tão bonito para depois eu sair da vida dela.

Não vou fazer isso! Entendo tudo o que ela passa, orgulho-me de ser uma pessoa em quem ela pode confiar e a quem pode contar seus medos e segredos, alguém para afagá-la quando está triste e que conversa com ela com paciência e respeito. Sei que não sou insubstituível como babá, mas o sentimento que tenho por ela não pode ser simplesmente passado a minha sucessora.

Não, a empatia precisa nascer para ser real, e eu tenho isso por ela.

Sigo para o quarto de Amanda e me sento à sua escrivaninha para preencher os convites do recital no qual a menina irá dançar balé com suas amigas de curso. É algo religioso, mas, ainda assim, parece belíssimo. Eu assisti a dois ensaios da apresentação, e a história me emocionou muito.

Abro a lista de convidados dos Kaufmanns e vou escrevendo nos envelopes os nomes das famílias convidadas. O evento é beneficente, com convites à venda. Entretanto, os Kaufmanns estão convidando e presenteando seus convidados com o ingresso já comprado.

— O nome do meu pai está na lista?

Tomo um baita susto com Amanda ao meu lado me perguntando isso. Eu nem a tinha ouvido entrar no quarto, quanto mais percebido que ela estava tão próxima. Rio de mim mesma, pensando que estava tão concentrada em fazer uma boa caligrafia e não errar os nomes que nem me dei conta da presença dela. Respiro fundo ante a imagem dos seus olhos cheios de expectativa.

— Não, meu Raio de Sol, não está. — Dou de ombros. — São os amigos de seus avós e...

— Ele nunca vai — sua voz é triste. — Nunca! Nem na Páscoa, nem no Hanukkah[4], nem em nenhum outro evento familiar. Todos os papais estão lá, menos o meu!

— Talvez ele não seja judeu e...

Ela assente, não percebendo minha desculpa esfarrapada.

— Vovó diz que ele é um *gói*[5]. — Franzo o cenho, sem saber o que significa, mas imaginando não ser coisa boa. — Que também nunca se interessou pelo nosso povo, que queria levar mamãe para longe e...

Eu a abraço forte, e ela chora. Meu coração se enche de tristeza por saber que ela não entende nada do que está falando, apenas já ouviu tantas e tantas vezes que só repete o que lhe foi contado.

É um absurdo uma criança viver dessa forma, tendo um pai carinhoso quando está próximo e, quando está longe, tendo pessoas falando que ele não liga para ela e que é uma pessoa ruim. Eu sinceramente acho que o intuito dos Kaufmanns – ou pelo menos da avó dela – é afastar de vez Amanda do pai, como se Cadu fosse tóxico para a filha.

Eu preciso intervir nisso de alguma forma. Mesmo não devendo me meter em assuntos que não são meus, mesmo correndo o risco de ficar desempregada e sem ter onde morar, eu preciso fazer algo para que Amanda e o pai se vejam mais, para que meu pequeno Raio de Sol seja feliz.

— Vá tomar um banho bem gostoso. — Ela assente. — Eu vou separar um pijama fofinho, e nós vamos jogar algo divertido, ler e conversar antes de dormir. O que acha?

Ela sorri, ainda com a face molhada de lágrimas.

— Eu te amo, Lara! — a declaração feita tão espontaneamente, vinda numa vozinha tão sentida, tão cheia de expectativa fecha como um punho meu coração. Ah... eu sei que não deveria, mas não resisto.

— Eu te amo também, Raio de Sol. — Aperto-a com força contra mim. — Eu te amo muito, viu? — O sorriso dela agora é enorme, e seus olhinhos verdes ficam levemente repuxados. — Banho!

Ela ri e sai correndo em direção ao banheiro.

Enquanto ela está no banho, fico matutando uma forma de conseguir que um convite siga até o Cadu, mas sei que são todos nominais e que, se sumir qualquer um daqui, eles vão saber que fui eu quem o pegou, e eu nunca fiz uma coisa assim antes.

Ouço uma batida à porta, e doutor Anselmo entra, ainda de terno e gravata, como quando vai trabalhar no hospital.

— Boa noite, Lara. Minha neta?

Eu aponto para o banheiro e tenho a ideia de falar com ele.

— Doutor Anselmo — levanto-me —, Amanda demonstrou que deseja que o pai vá vê-la no evento no qual irá dançar e...

— Lara — ele me interrompe —, eu já conversei a respeito disso com Geórgia, e pensamos que é melhor que ele não apareça. — Minha esperança se rompe. — Eu sei que você se preocupa muito com minha neta, mas o fato é que o Carlos Eduardo teve um comportamento péssimo durante esses anos todos e...

Ele se interrompe ao ver Amanda, embrulhada em um roupão felpudo, saindo do banheiro. Ela se alegra ao ver o avô, correndo para seus braços, e os dois ficam conversando enquanto eu separo o pijama dela, bem como seu hidratante e as pantufas.

Tenho que me conformar com o fato de que fazer o Cadu assistir ao evento

é impossível, mas ainda não desisti de conseguir que pai e filha se vejam mais.

A ideia de como eu posso ajudar no relacionamento de Cadu e Amanda surge hoje, dia seguinte ao preenchimento dos convites do recital, enquanto estou dando aula de música e ela me pede que eu toque algo do pai dela.

Fico receosa em fazer o que Amanda me pediu, por medo de a avó dela escutar, mas, vendo o rosto do meu raiozinho cheio de melancolia e saudade, eu toco *Sinfonia.* Ela fecha os olhos e fica ouvindo a música, como eu mesma fazia quando estava de repouso no hospital depois da cirurgia.

É bom e emocionante saber que a música foi feita para ela e não para um par romântico, como eu imaginei. Não! Essa declaração de amor tão pura e eterna só poderia ter sido feita para Amanda. A dimensão do amor do compositor por sua filha ficou gravada para sempre, e isso ninguém conseguirá apagar.

Assim que a aula acaba, ela me pergunta se eu posso ensiná-la a tocar o começo da canção, mas então se lembra de que irá passar o dia inteiro no clube, entre aulas de balé, natação e judô.

É aí que eu me lembro do espaço de tempo entre uma atividade e outra, na sexta-feira e no sábado, e penso que, talvez, como nós duas costumamos lanchar no gramado do jardim do lado de fora do clube, poderíamos comer na linda e tranquila praça arborizada que há bem perto.

Sim!

Fico tão animada com a ideia que me esqueço de detalhes importantes. Primeiramente, eu não faço ideia de como entrar em contato com o pai dela. Depois, caso eu consiga, será que a agenda de shows dele vai permitir que Cadu vá, uma vez que os cursos são no final de semana?

Enfim, resolvo, então, dar uma de *stalker* e caçar tudo sobre o vocalista da Off-Road na internet. Acordo mais cedo do que eu preciso e venho para a ECA. Fico aqui pesquisando sobre ele no celular e acabo esbarrando no Marlon.

— Ei, sumida! — ele me beija. Em seguida vê a tela de meu telefone. — Hum... Cadu Fontenelles.

— Marlon, eu preciso falar com ele.

Meu amigo se assusta com minha urgência e me questiona o motivo, achando logo, claro, que eu acabei tendo um caso com ele e estou grávida.

— Não, seu louco! — Ri. — Você não vai acreditar nessa coincidência! — Puxo-o para bem perto de mim a fim de falar baixinho: — Ele é o pai da Amanda.

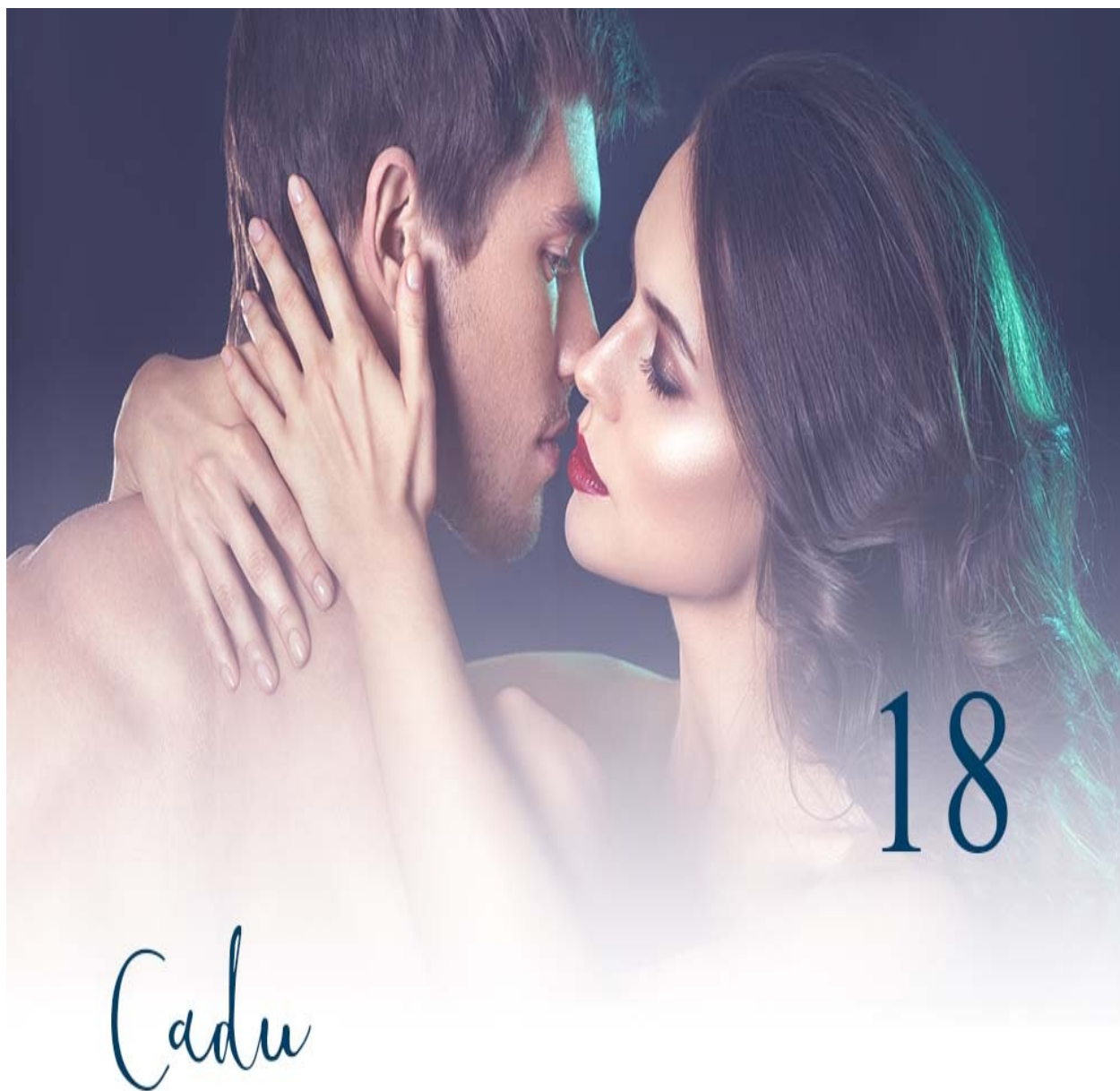
— O quê?! — o *muy* discreto grita, assustando a todas as outras pessoas que chegam.

— É isso! Descobri esta semana que ele é o pai sumido. Ai, Marlon... me ajuda, vai!

Ele me pede um minuto e começa a fuçar seus contatos no celular. Liga para um e depois para outro e enfim sorri.

— Gata, ele está no estúdio terminando de preparar o disco novo. — Não sei se isso é bom ou ruim, então não digo nada, esperando que ele me tire a dúvida. — Eu tenho o endereço, mas você precisa ir agora.

Arregalo meus olhos, constatando que terei de ir atrás dele e *falar* com ele.

Ai, caramba!

— Cadu, entra de novo no refrão, não ficou bom da primeira vez — a voz do produtor ecoa pelo estúdio.

— O tom dela não é confortável para mim, Cassiano. — Bufo. — Mas vamos lá!

Estamos, finalmente, gravando a música composta pelo Deco. Depois de dez cantoras *indie* iniciantes que passaram por aqui, fazendo testes, optaram por uma que eu, particularmente, não gostei. A voz dela é bonita, ela toca bem, mas ainda não é a voz que ouço quando o instrumental da música toca.

Não! Definitivamente a voz que tenho ouvido para essa música é a da babá da minha filha.

Lara!

Penso no quanto o nome dela, pequeno e simples, combina com quem pareceu ser. Eu confesso que fiquei impressionado pela babá da minha filha, não de maneira sexual, mas por algo que não sei explicar. Embora ela tenha me parecido um pouco mais que uma menina, vi tanta coisa em seus olhos, foi quase como se eu pudesse ver sua alma refletida neles, e era algo muito bonito.

Depois de ver como Amanda está feliz e como parece estar sendo bem cuidada, eu me senti mais leve, e meu desespero acalmou. Claro que quero minha filha comigo, mais do que nunca. Entretanto, consolou-me saber que há alguém que se importa verdadeiramente com ela naquela casa. Eu vi minha filha brincar, se divertir, ser acariciada e cuidada, e isso é algo que nunca tinha visto a outra babá ou mesmo a avó fazer.

É verdade que minha surpresa com a babá foi além do seu tratamento com Amanda, embora isso tenha sido o mais importante. Ela canta muito bem e tem a voz que eu gostaria para o dueto nessa música.

Fiquei tentado a conversar com ela sobre e possibilidade de uma parceria. No entanto, Cassiano já havia escolhido a moça que iria cantar, e eu não gostaria de entrar em atrito com ninguém da banda, pois devo muito a todos eles. A Off-Road é como uma família para mim. Cada integrante tem me apoiado neste momento difícil, ficado comigo durante algumas das crises que tive ao longo dessa difícil trajetória que é a desintoxicação, e eu não quero criar atritos. A moça foi aprovada por todos, e, se eu mudar agora, em cima da hora, será um desgaste desnecessário e uma falta de consideração para com o grupo.

Recomeça a música, e eu ouço a voz arranhada e melódica de Sara Antunes, baixa demais para o meu tom. Canto minha parte, sentindo minha garganta reclamar por causa da rouquidão, mas continuo, tentando dar o melhor de mim.

— Cadu, ainda não está legal — Cassiano interrompe. — Vamos fazer uma pausa para o café e depois retornamos. Descanse a voz.

O som do estúdio cessa, e Luti entra na sala acústica.

— Mano, esse tom está uma merda! — Amarra seus cabelos com um elástico e se senta na banqueta ao meu lado. — Eu avisei quando gravamos o instrumental.

— Pois é... Se eu cantar uma oitava acima, vou foder com a suavidade da canção, mas seguir o tom dela está deixando minhas cordas vocais em chamas — digo, tomando chá no lugar do meu tradicional uísque de gravação. A ideia da Lara volta à minha cabeça. — Ontem fui visitar Amanda e conheci a babá nova.

— Hum... megera como a outra?

Rio.

— Não, pelo contrário. Encontrei minha pequena fantasiada e brincando feliz enquanto a babá tocava violão. — A expressão do Luti não pode ser mais surpresa. — Ela é bem novinha, não tem nada a ver com o padrão de funcionários dos Kaufmanns, mas gostei dela. Amanda está solta, sendo criança de verdade, e ela parece realmente gostar da minha filha.

— Ah, mano, isso é um alívio de ouvir. Tem um tempo que não vejo minha afilhada e fico mais feliz por saber que ela está sendo bem-cuidada.

— Sim, eu também fiquei.

— A tal babá é bonita? — Ele pisca o olho. — Notei você um tanto impressionado demais com ela.

Balanço a cabeça, repreendendo-o.

— É bonita, sim, mas nada demais. É uma moça mediana, magra, olhos e cabelos castanhos... embora os olhos... — Respiro fundo e não continuo, porque há algo nos olhos dela que eu não sei explicar. — Enfim, é uma garota que parece ter saído do colégio.

— Novinha assim?

— Pois é. — Dou de ombros. — Mas, Luti, a voz dela... ficaria perfeita nessa música.

— Mesmo?

Assinto e vejo Deco entrar na sala. Resolvo, então, mudar de assunto e pedir opiniões sobre como cantar naquele tom sem arrebentar minhas cordas tamanho grave. Deco me dá umas dicas, e para ele parece tão mais fácil, pois sua voz é mais baixa e rouca que a minha, então ele atinge as notas baixas com mais facilidade.

— Por que você não canta? — questiono. — Eu não me importaria.

— Ah... eu ouço você cantando, Cadu. Quando compus, foi imaginando-a na sua voz.

Sorrio, sem graça, e agradeço. Não quero parecer ingrato insistindo que ele cante a música, que, por sinal, é realmente linda, mas o tom está me incomodando.

— Será que ela não pode cantar mais alto? — Pego o violão e subo dois tons. — Assim ficaria muito confortável para mim.

— Sim, ficaria — Deco concorda. — Mas acho que ela não vai conseguir cantar sem gritar.

— Talvez um contralto nas partes mais altas — sugiro, e Luti concorda. — Se todos toparem em gravar de novo...

— Vou falar com o Cassiano. — Deco sai da sala.

Olho para o Luti, que já dedilha o outro violão e mantém um sorriso estranho no rosto.

— O que você acha?

— Concordo. — Para de tocar e me olha. — Naquele tom está ficando uma merda, e o Cassiano só não muda porque não quer substituir a moça, pois já fez o teste do sofá com ela.

Eu paro de tocar na hora.

— Que porra é essa, Luti? Desde quando compactuamos com essa merda? Isso é a porra de um assédio!

Ele dá de ombros, e eu sinto meu sangue ferver.

— Não vou cantar!

— Mano, não dá para substituir a moça. Se ele fizer isso, ganhamos um processo.

— Porra, Luti, em primeiro lugar, a Off-Road nunca poderia ter consentido com isso, merda! Eu tenho uma filha, e, se algum desgraçado exigir que ela vá para a cama com ele em troca de alguma coisa, do talento dela, eu mato o fulano!

Luti volta a tocar e fala baixinho:

— Fala baixo, Cadu, pode ter algum microfone ligado...

— Foda-se! — Levanto-me. — Cassiano! — grito. — Precisamos conversar!

— Ai, merda! Cadu, a moça é boa, tem talento, se você fizer isso, vai estar punindo-a...

— Não, não vou pedir para substituir a moça, mas vou deixar algo bem claro aqui, para que isso não se repita. — Olho-o. — Tenho sua aprovação nisso?

— Tem, mano! Essa situação me incomodou também.

Ótimo!

Deco entra na sala, perguntando o que eu quero com o Cassiano, dizendo que ele saiu para tomar café. Conto sobre o “teste do sofá”, e ele fica ainda mais puto que eu. Também consulto o Pepê, que fica tão indignado quanto todos. Pronto! Todos os integrantes não querem que isso aconteça de novo.

Ligo para o Cris e comento sobre o assunto com ele. Claro que, como nosso empresário, ele fica louco com a possibilidade de isso vazar e de um processo, então eu aproveito o gancho.

— Não queremos mais trabalhar com o Cassiano. — Todos concordam comigo. — A moça fica, ela faz um contralto ou canta outra música, mas ele sai.

— Vou conversar com ele, falar umas boas merdas e comunicar a decisão da banda.

— Certo, obrigado!

— Cadu — Cris me chama antes que eu desligue —, estou orgulhoso da sua atitude.

— Cris, eu bebia, mas nunca fui um canalha. Se transo por aí, é porque tenho o consenso delas sem nenhum tipo de barganha. Não concordo em fazer do sexo uma moeda de troca. Nem bêbado! E “forçar” alguém a transar por uma chance de realizar um sonho não é só nojento, é baixo.

— Vou resolver isso. Encerrem aí.

— Obrigado!

Mal desligo o celular e já vejo Luti, Deco e Pepê guardando nossos instrumentos nos *cases*. Usamos esse estúdio desde que começamos e vamos continuar aqui, mas a produção tem que ser toda mudada. Isso deve atrasar o lançamento do disco, mas Cris entendeu a gravidade do que o Cassiano fez e, claro, ele está pensando em nossa imagem e no dinheiro de um processo, mas ainda assim vai fazer algo.

Luti sai levando seu violão, e eu vou ajudar Deco com a bateria.

— Eu não sabia, Cadu.

— Eu sei, não se preocupe.

— Que merda, cara! — Ele balança a cabeça. — Que merda!

Luti volta para a sala parecendo intrigado.

— Cadu, tem uma moça aí fora querendo falar contigo. — Franzo o cenho, pois não espero ninguém. — O nome dela é Lara...

— Lara? — Solto a caixa que estava segurando. — Lara Martins?

— Isso. — Ele sorri, malicioso. — Hum... onde você encontrou uma gatinha assim? Eu a vi no Hill quando fomos lá, mas não vi você conversando com ela e...

— No Hill? Aquele bar em que eu caí do palco?

— Sim. — Ele parece desconfortável por me lembrar disso. — Eu tinha esquecido dessa parte, me desculpe.

Lara Martins, a babá, a professora de música, no Hill? Uma imagem de uma moça me encarando aparece, e eu fecho os olhos, reconhecendo que a *bartender* e a babá são a mesma pessoa. Como é possível? Além disso, é coincidência? Ou ela está trabalhando com minha filha para chegar perto de mim?

Merda! O dia hoje não está bom!

Meu bom humor sobre ela muda, e uma enorme desconfiança se instala dentro de mim. A mulher trabalhava em um bar, agora aparece com minha filha e vem atrás de mim? Estranho! Com certeza não é com um recado dos Kaufmanns, pois eles usam advogados para isso.

Saio do estúdio, e o sol me cega por um instante. Pisco algumas vezes e olho para os lados, tentando achar a moça. Balanço a cabeça ao ver uma mulher com uma calça jeans e uma blusa de malha cinza com um Mickey estampado.

Ela realmente parece uma adolescente!

— Senhor Carlos Eduardo? — chama-me, e eu me sinto um velho perto dela, embora nem tenha chegado aos 30 anos.

— Sim. É Lara, não é? — Ela assente, completamente corada. Isso me desarma um pouco, porque me lembro dessa mesma coloração em suas bochechas quando a flagrei me olhando no Hill. — O que você faz aqui, Lara?

Ela respira fundo e ergue o queixo.

— Amanda tem um recital e...

— Eu sei, ele é anual, e eu nunca estou convidado. — Cruzo os braços. — Os Kaufmanns a mandaram entregar-me um convite esse ano?

Ela não disfarça ter ouvido a ironia em minha voz. Suas grossas e escuras sobrancelhas se unem, e ela inclina a cabeça levemente para a esquerda, sem tirar os olhos dos meus. Isso me incomoda. Os olhos dela são como lagoas cristalinas, e eu consigo ver cada um de seus sentimentos e são todos verdadeiros.

— Não. Infelizmente, não — sua resposta me deixa intrigado. — Embora Amanda queira que você esteja lá e eu não entenda o motivo pelo qual você não possa estar. — Abro a boca para dizer que ela deveria questionar seus patrões e não a mim, mas ela não terminou de falar: — Ela sofre, chora, e isso é horrível para uma criança sentir. Ela já não tem a mãe, e eles a impedem de ter o pai. Eu sei que deveria me manter à margem dessa situação, afinal, sou apenas a babá e a professora de música, mas não posso deixar que ela se sinta tão sozinha daquele jeito.

Seu discurso me desarma, não pelas palavras, mas por seus olhos, cheios de lágrimas e sinceridade.

— Não é porque eu quero, Lara. Se pudesse, Amanda estaria comigo todos os dias, moraria comigo, mas...

— Eu sei, eles não deixam. Eu tentei entender, sabe? Mas depois de sua visita, depois de ver vocês dois juntos, acho que eles estão cometendo um erro.

Isso me surpreende, e meu coração começa a bater freneticamente.

— Não posso fazer nada para mudar a opinião deles — declara por fim.

— Então por que veio atrás de mim?

Ela fecha os olhos, e é como se o dia tivesse ficado mais cinzento. O que tem essa moça que parece iluminar tudo a sua volta?

— Amanda está fazendo muitos cursos, a maioria em casa. Porém, na sexta e no sábado, ela estuda em um clube, faz natação, balé e artes marciais. — Ri desse último, e seu sorriso me aquece de um jeito estranho. Porém, logo volta a ficar séria, respira fundo e continua: — Bem, a agenda dela é muito lotada, mas, entre um curso e outro nesse clube, sobra um tempinho, quase uma hora, na verdade, e nós duas aproveitamos esse momento de descanso para lanchar. —

Não estou entendendo por que ela está me contando isso, mas estou curioso pelo desfecho. — Há, na frente dessa academia, uma praça bem agradável, cheia de árvores e gramado. É bem reservada, e muitos estudantes ficam lá esperando seus horários... — Encara-me. — Ela é pública, sabe? Qualquer um pode ir, sentar para lanchar e encontrar pessoas...

Abro um sorriso ao perceber o que ela está me informando. É sério?! Essa moça realmente existe?

— Lara. — Ela me olha, séria, como se não tivesse feito nada. — Quais são os horários dos cursos?

— Começam sempre à 1h da tarde, e o intervalo é a partir das 3h. Não se preocupe, os cursos são muito bons...

— Você e ela ficam sem supervisão nessa praça? Não é perigoso?

Ela ri.

— Na verdade, esperamos alguma supervisão para ir nela. Por enquanto estamos lanchando no gramado dentro da área do clube, mas Amanda está louca por um piquenique...

— Obrigado, Lara. — Aproximo-me e pego sua mão. — Eu não sei o motivo pelo qual você está se arriscando desse jeito, mas saiba que não vou esquecer isso.

— Eu amo aquele pequeno Raio de Sol, senhor Carlos Eduardo. Eu a entendo e quero vê-la tão feliz quanto a vi ontem. — Olha-me séria. — Não me faça arrepender dessas informações, sim? — Eu assinto. — Preciso ir, estou em horário de aula.

Seguro ainda mais forte sua mão.

— Eu a levo...

— Cadu! — escuto Cassiano me chamar. — Preciso falar com você!

Merda!

— Tudo bem, vim de ônibus, posso voltar assim. Não quero atrapalhar seu trabalho.

— Não atrapalha. — Olho para o lado e vejo Luti guardando umas coisas em seu carro. — Luti! — chamo-o. — Lara precisa de uma carona para...

— Não precisa! — ela insiste, sem jeito.

— Claro que precisa! — reforço. — Onde é que você estuda?

— Na ECA.

Eu me surpreendo.

— Cursa Música? — Ela assente, e eu sorrio, curioso sobre ela. Luti chega apressado até nós. — Leva a Lara até o Butantã para mim?

— Claro, mano! — Ele sorri, jogando todo seu charme para ela. — Olá, Lara, eu sou o Luti. — Cumprimenta-a com um beijo na bochecha, e ela fica

ainda mais corada. — Pode confiar em mim, dirijo bem melhor do que ele.

Ela sorri, e eu quase dou um murro no safado do Luti, mas então ouço a voz do Cassiano de novo.

— Lara, muito obrigado. Eu levo a cesta. — Ela assente. — Até amanhã!

— E sábado! — frisa, e eu concordo, pois o show que temos é aqui mesmo na capital.

Despeço-me dela e entro novamente no estúdio para resolver a situação com Cassiano. Ele tem sorte, meu humor está ótimo, mas não o suficiente para engolir a merda que fez. Ele está definitivamente fora!

Ah... Lara não é uma mulher comum, não mesmo! Ela é um anjo!

Rio desse pensamento e entro no estúdio.

Confiro os itens que Milena colocou na cesta de piquenique, achando ora que tem coisa demais, ora que tem poucos itens. Nunca fiz um negócio desse antes, não com uma criança. Se fôssemos somente Lara e eu, em outros tempos, teria vinho, queijos, algumas frutas e...

Puta que pariu! De onde veio esse pensamento?! Lara não é para ser vista assim, não é uma mulher para eu seduzir. Ela é uma pessoa que pode se tornar uma grande amiga e aliada na minha luta pela guarda de Amanda e, por isso, preciso manter-me o mais distante possível dela no sentido sexual. Além do mais, ela não faz meu tipo, e eu parei de beber.

Sim, fiquei puto ao ouvir Luti falando sobre a conversa dos dois no carro, do quanto ele a achou divertida e inteligente, além de muito bonita. O descarado disse-me que estou cego por achá-la comum. Ele ressaltou o formato dos olhos e o sorriso dela, e eu tenho de admitir – apenas para mim, é claro – que o desgraçado tem razão.

Adverti-o a se manter longe, porque não quero que nada a afaste de mim. Não por interesse nela, mas por causa da minha filha. Expliquei a ele o que ela fez, e isso o deixou ainda mais impressionado pela garota.

Garota... Ela tem 22 anos! É apenas alguns anos mais nova que eu, porém, se o intrometido do Luti não perguntasse, eu continuaria achando que ela tinha no máximo 18 anos. Não é uma garota, embora tenha corpo e rosto de uma menina.

Minha irmã ficou louca de curiosidade sobre ela, achando-a, além de corajosa por arriscar seu emprego para a felicidade de Amanda, uma moça de ternos sentimentos – foi a expressão que ela usou – e exigiu que quer ir para um

piquenique em qualquer outro final de semana. Eu disse que iria ver como eram as coisas no local primeiro e garantir que ninguém saísse prejudicado da história.

— Tudo pronto? — Milena me pergunta.

— Acho que sim. — Pego a cesta. — Espero que Amanda goste de algumas dessas coisas que você fez.

Ela ri e joga um pano de cozinha em mim.

— Claro que ela vai gostar! É sua filha, e você nunca resistiu aos meus quitutes. Mande um abraço de gratidão para a tal Lara, sim?

— Pode deixar!

Coloco a cesta no porta-malas do carro e me sento ao volante. Sinto-me nervoso e ansioso, querendo prever a reação de Amanda ao me ver. Será que Lara contou que eu irei? Será que é uma surpresa?

Dirijo até o local, bem próximo ao meu bairro, estaciono em um canto longe do tal clube para que o motorista dos Kaufmanns, que eu sei que deve estar por perto, não me veja.

Chego à praça, que é inteiramente como Lara a descreveu. Procuro um cantinho bem reservado, com árvores e arbustos e estendo a colcha no gramado. Olho o relógio e começo a esperar ansiosamente pelo intervalo.

E se Amanda não veio hoje? E se Lara mudou de ideia sobre me ajudar a ver minha...

Levanto-me ao ver minha filha, de cabelos úmidos, arregalar os olhos e começar a correr em minha direção.

Uma surpresa!

Vou ao encontro dela e a ergo em meus braços, apertando-a contra mim, beijando sua face. Amanda se agarra ao meu pescoço com tanta força que eu gargalho. Ergo meus olhos, encontrando os de Lara, emocionados, e sussurro um obrigado.

— Estão com fome? — pergunto, e Amanda se desgruda de mim e começa a pular e cantar.

— Piquenique! Piquenique!

Estendo minha mão para Lara, que a pega, bem tímida e a acompanho até o canteiro onde coloquei a colcha e a cesta.

— Obrigado por isso!

— Não foi nada! — responde com os olhos fixos no chão. — Espero que haja coisas gostosas nessa cesta.

Rio.

— Com fome?

— Estava nervosa, não consegui almoçar. — Encara-me. — Agora que tudo deu certo, sinto que posso comer um boi!

— Não te garanto um boi, mas sanduíches deliciosos que minha irmã fez.

— Parece o céu!

Ela se senta, e eu observo as duas: minha filha feliz, abraçada a ela, e Lara emocionada por sentir a alegria de Amanda.

— Parece mesmo!

— Como foi? — Marlon me pergunta assim que nos encontramos na ECA.

Eu ainda estou com as pernas tremendo como gelatina, com a boca seca e me sentindo um tanto apavorada que tudo dê errado, mas pelo menos fiz o que meu coração mandou. Juntar Amanda e o pai por algumas horas, toda semana, será algo benéfico para a minha menina, eu tenho certeza.

— Ele me atendeu bem, um tanto ríspido no começo, o que foi estranho, mas depois pareceu ficar feliz com a minha ideia.

— Ah, Lara, eu espero que ele realmente mereça essa ajuda que você está lhe dando, porque você está arriscando tudo, sabe? — Eu suspiro e concordo. Sei disso e espero que Cadu também saiba. — Conseguiu chegar a tempo da última aula?

— Cheguei ainda na metade da segunda. — Rio. — Ele me conseguiu uma carona.

Marlon arregala os olhos.

— Com quem?!

Fico vermelha ao pensar no Luti. Conversamos bastante, e ele aproveitou para me convidar para sair com ele. Confesso ter ficado surpresa e lisonjeada ao mesmo tempo, afinal, eu me acho uma mulher muito comum e aposto que ele tem oportunidade de sair com modelos e artistas. Então, talvez percebendo minha reticência, ele me garantiu que era somente por amizade.

Aceitei, claro, e agora estou querendo arrancar meus cabelos pensando em como irei sair com ele. Veja bem, Luti é lindo, famoso, talentoso, mas eu não saberia lidar com ele. Já percebi que ele me deixa constrangida na maior parte do tempo, não por me "cantar" ou algo assim, apenas porque eu não sou suficientemente "moderna" para receber elogios ou mesmo perceber olhares interessados sem parecer uma caipira e corar. Sermos amigos – Deus! Eu nunca pensei em ser amiga de alguém famoso! –, tudo bem, porém, ele tem que saber que eu não sou... eu não sou como a maioria das mulheres, que levam o sexo como diversão.

Bem que eu gostaria de ser! Eu queria não sentir vergonha do meu corpo, da minha cicatriz no peito, de não ter medo de uma rejeição. Eu queria ser descolada como minhas amigas e não achar tão importante esse pedacinho de pele que há dentro de mim. Entretanto, como diz minha avó, a fruta nunca cai muito longe da árvore, e eu fui ensinada a valorizar minha intimidade e meu corpo desde muito cedo, porque em casa minha mãe sempre frisou isso.

Claro que minha irmã não está virgem até hoje, mas teve sua primeira experiência sexual com o namorado de anos e não é adepta ao sexo sem compromisso, mesmo sendo independente e bem-sucedida.

Eu não espero me casar para me entregar pela primeira vez, eu apenas quero estar apaixonada e sentir que é o momento, mesmo que não dure para sempre. Eu quero alguém especial, que olhe para mim de forma que me faça sentir a mulher mais linda do mundo e que entenda meus medos.

Eu sei, eu sei! Quero muito! Sou romântica, fazer o quê?

— Lara? — Marlon passa a mão na frente do meu rosto. — Ei! Quem te trouxe?

— O Luti, o...

— Puta que pariu, que sorte! — Ele bate palmas. — Luti é um gostoso com aquelas tatuagens, o cabelo comprido e a barba! Que homem!

Sim, Luti é lindo, mas não é o sorriso dele que aparece a cada vez que eu fecho os olhos.

Droga!

— Ei, Raio de Sol! — Amanda sai correndo da aula de natação e me abraça apertado. — Vamos lanchar?

— Sim!

Ela pula, e eu sorrio, imaginando a surpresa que ela terá quando perceber com quem iremos lanchar hoje. Quer dizer, se ele veio!

Que tenha vindo! Que tenha vindo!

Pego-a pela mão e a levo para o vestiário, onde ajudo-a com o banho e a trocar de roupa. Daqui a algum tempo, teremos que voltar para que ela possa vestir a roupa do balé, mas espero que dê, mesmo em menos de uma hora, para que os dois matem a saudade.

O evento e a apresentação de Amanda são domingo à noite, e eu fiquei surpresa ao saber que também não poderei estar presente, pois não fui convidada. Senti-me um tanto frustrada, porém, foi um lembrete de meu lugar na vida da família Kaufmann: uma empregada.

Eu amo a Amanda, sinto-me muito ligada a ela, mas sou apenas a babá que caiu de paraquedas em sua vida. Nada mais. A senhora Kaufmann muito "gentilmente" me informou que eu terei a noite de domingo livre para me divertir, e estou seriamente pensando em ir ao Hill encontrar o pessoal.

Nunca fui lá como cliente e gostaria muito de poder sentar a uma das mesinhas e aproveitar os petiscos da Duda sem correria, tomando um drinque chique do Kiko. O problema é que eu ainda não tenho companhia e, definitivamente, ir sozinha é um tanto triste.

Atravessamos a rua e entramos na praça. Meus olhos passeiam atentamente por cada canto do local, esperando ver o Carlos Eduardo e, quando o vejo, meu coração acelera tanto que, por um momento, esqueço que Cadu está aqui apenas por Amanda e não por mim.

Droga, Lara! Não siga nessa direção de pensamento!

A menina começa a correr até o pai, e eu sinto meus olhos se encherem de lágrimas ao ser testemunha da emoção que ambos partilham. É realmente um pecado manter os dois separados, pois é óbvio que se amam muito!

— Estão com fome? — Cadu nos pergunta, e Amanda começa a pular à sua volta.

— Piquenique! Piquenique!

De repente, ele estende sua mão em minha direção, e eu fico um tempo

olhando para ela, sem poder acreditar no que está acontecendo. Ainda bem que não tenho mais um coração univentricular, porque, senão, cairia dura aqui mesmo!

Pego sua mão, um tanto constrangida, não querendo que ele veja em meu rosto o quanto o gesto mexe comigo. Esse homem tem algo que, desde a primeira vez em que o vi, me chama, me atrai, e não é só a beleza dele. Minha pele se arrepia, principalmente aquela parte sensível da nuca, e eu suspendo a respiração por um momento, sentindo tantas coisas ao mesmo tempo que não sei definir o que é.

— Obrigado por isso! — ele me agradece. No entanto, eu não posso ainda olhar para ele. Solto o ar devagar e tento voltar a agir normalmente, afinal, não sou uma adolescente apaixonada, sou uma mulher de 22 anos!

— Não foi nada! — Vejo a cesta em cima da colcha e mudo de assunto rapidamente. — Espero que haja coisas gostosas nessa cesta.

Ele ri, e o som da sua risada me afeta tanto quanto seu toque.

— Com fome?

Deus, não! Meu estômago está embrulhado, parecendo cheio de borboletas revoltas. Não penso na comida... na verdade, não penso em mais nada que não seja na mão dele na minha e nos sonhos eróticos que já tive com ele.

Droga, Lara!

— Estava nervosa, não consegui almoçar — digo uma meia-verdade e tento relaxar. — Agora que tudo deu certo, sinto que posso comer um boi!

— Não te garanto um boi, mas sanduíches deliciosos que minha irmã fez.

A irmã dele fez sanduíches! Nada comprado em uma padaria qualquer, ele teve o trabalho de trazer algo de sua casa!

— Parece o céu!

Sorrio e me sento ao lado de Amanda, que me abraça feliz por fazer um piquenique comigo e com seu pai. Ah, eu gostaria de vê-la assim todos os dias, mesmo eu tendo que passar por essa confusão de sentimentos quando ele está por perto.

O pai dela tinha que ser justamente o Cadu Fontenelles? Mal acabo de me questionar isso, e o cheiro do perfume dele chega a minhas narinas. Como uma louca, respiro bem fundo, absorvendo cada nuance.

Ele se senta sobre a colcha e abre a cesta, o que me faz perceber que as borboletas ouriçadas voando em meu estômago estão famintas de verdade.

Vejo-o tirar os sanduíches, feitos em baguetes – alguns com salada e outros apenas com frios ou mesmo com uma pasta –, sucos em garrafas térmicas e um pote onde, provavelmente, há algum tipo de doce.

Amanda pega um guardanapo e escolhe um sanduíche com salada, e ele

sorri, surpreso. Percebo que a variedade não se deu por ele querer impressionar, mas sim por não saber exatamente o gosto da filha. Essa constatação deixa meu coração pequenininho, apertado, ao perceber o quanto da vida um do outro eles estão perdendo.

Sirvo suco de laranja em um copo descartável e o entrego para ela, pensando no que mais poderei fazer para encurtar a distância dos dois. Talvez fazer uma lista com coisas que ela gosta – desde comida até filmes – e mandá-la para ele, porém, o ideal seria que eles conversassem bastante e se conhecessem o máximo possível.

— Sabia que foi sua tia quem preparou tudo isso, Amanda?

A menina sorri.

— Tia Mi? — Cadu assente. — Hum... está tão bom quanto os da Eliza!

— Vou dizer a ela. — Ele parece muito feliz ao vê-la devorar o sanduíche. — Ela é uma ótima cozinheira, filha, e também uma professora de matemática excelente.

Ela o olha séria.

— Eu não gosto muito de matemática... — Faz careta.

— Vou te contar um segredo. — Ele, para se aproximar dela, praticamente passa por cima de mim. Deus! — Eu também nunca gostei, mas sua tia é tipo... uma gênia dos números!

Os dois riem, mas eu não os sigo, tensa com a proximidade dele e com a resposta do meu corpo ao seu. *Lara!* Tenho vontade de me dar uns petelecos para que me concentre no que realmente é importante neste encontro: o relacionamento de pai e filha.

Não quero me sentir atraída por ele, mesmo porque Cadu não deve sentir nada disso perto de mim. Detesto estar fazendo papel de boba e detesto ainda mais estar maculando com essa atração o momento mais emocionante que eu poderia criar para Amanda.

Por que não me senti atraída pelo Luti ontem? Eu não teria essa preocupação e talvez até conseguisse que ele retribuísse, embora não saiba exatamente como. *Mas não!* Eu tenho que ferrar tudo ficando excitada com a proximidade do Cadu. Justamente o pai da Amanda! Fecho os olhos ao pensar que, se ele perceber meu interesse, pode imaginar que estou fazendo tudo isso apenas para me aproximar dele, o que nunca foi minha intenção.

Na verdade, nem mesmo me passou pela cabeça que as sensações daquele sonho que tive há meses pudessem se fazer reais com ele por perto. Contudo, infelizmente, elas estão presentes aqui, e eu me sinto constrangida e brava por estar sentindo isso.

Acompanho, quieta, a conversa dos dois e decido me concentrar no tempo.

Suspiro de alívio quando a hora da próxima aula se aproxima, mesmo sabendo que Amanda vai ficar triste.

— Nosso tempo de intervalo acabou — anuncio, e o sorriso morre no rosto da minha menina. — É hora de colocar a roupa do balé.

— Sim! — Cadu pega a mãozinha dela. — Mas amanhã estarei aqui de novo.

Ai, Deus! Sorrio, mesmo já imaginando a dificuldade que passarei amanhã.

— Ah, papai! — Ela se joga em cima dele e o abraça forte.

Acompanho a cena já guardando as coisas dentro da cesta, mas, ao ver lágrimas escorrendo pelo rosto dele, paro e penso que meu constrangimento não é nada perto do que os dois sentem por ser verem tão pouco. Eu tenho que engolir essa atração, ignorar o jeito que ele mexe comigo e proporcionar essa felicidade a ambos. Eu não sei por que tenho que fazer isso, mas sinto que não foi à toa que acabei indo tomar conta de Amanda.

— Precisamos ir.

Ponho-me de pé, e ela me acompanha, limpando o rostinho.

— Até amanhã, papai!

Ele sorri.

— Até, pequena!

Dou apenas um aceno de cabeça ao me despedir, mas ele novamente pega minha mão.

Senhor!

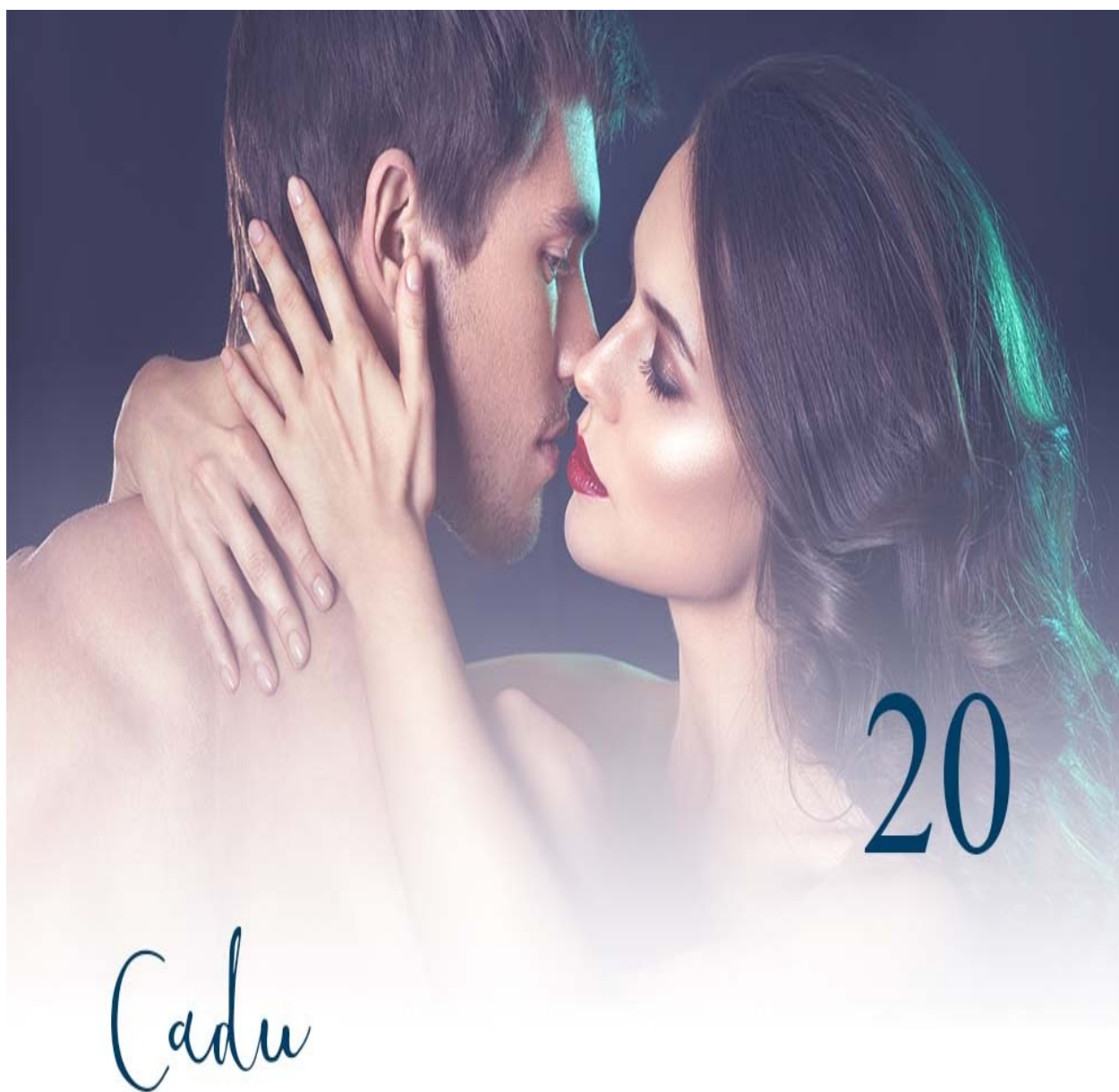
— Obrigado, Lara. Eu nem sei como agradecer.

— Não precisa, apenas faça Amanda feliz, é agradecimento suficiente.

Ele fica sério com minha resposta um tanto ríspida e solta minha mão, colocando as suas nos bolsos de seu jeans.

— É tudo o que eu mais quero — afirma. — Até amanhã.

Aceno e volto com Amanda para dentro do clube.

Céus! Preciso resolver essa questão e me manter longe dele.

O primeiro piquenique com minha filha foi muito bom, mas o segundo foi extremamente melhor. Milena mais uma vez insistiu em fazer a comida e ainda gravou um vídeo para a sobrinha, ao qual Amanda adorou.

Ela fez salgadinhos variados e um bolo confeitado, e, quando as duas – Amanda e Lara – apareceram no sábado na praça, parecia que uma festa tinha sido programada. Eu nunca tinha feito uma só festa de aniversário para minha filha, e, como os Kaufmanns não comemoram, ela também nunca participou de uma.

Comemos os quitutes de Milena em meio a conversas e risadas. Amanda estava nervosa com a apresentação do dia seguinte – hoje –, mas Lara a todo

tempo a acalmava, lembrando-a de que ensaiara muito para o dia.

Eu gostaria de ver minha filha dançar um dia, saber se ela tem o talento da mãe para a dança, e, se tudo der certo, em breve conseguirei tê-la comigo e poderei acompanhar cada coisa que ela goste de fazer, cada apresentação, recital ou mesmo ensaios.

— Quando sua mãe dançava, tudo o mais se iluminava — eu disse em certa altura da conversa. — Eu me apaixonei por ela vendo-a dançar e me apaixonava cada dia mais a cada ensaio e apresentação.

— Vovó me mostrou vídeos.

Eu sorri, consolado de, pelo menos, eles manterem a memória de Mônica viva na mente da minha filha.

— Mamãe era muito bonita, né, Lara? — A moça concordou, e eu fiquei surpreso por ela já ter visto fotos de Mônica. — Lara disse que eu danço igual a ela.

— Eu sabia disso, pequena.

Olhei para a babá, que parecia constrangida e muito séria, nada parecida com a moça que encontrei na casa dos Kaufmanns e nem com a que tinha ido atrás de mim havia dois dias. Fiquei preocupado com o fato de ela estar com medo de ser descoberta ou mesmo de já ter sido. Não quero prejudicar a Lara de forma alguma, ela se mostrou uma pessoa disposta a ajudar minha filha e, por isso, terá sempre minha eterna gratidão.

Daquela vez eu estava atento ao relógio e, quando notei a proximidade do nosso tempo se esgotando, resolvi conversar com a babá.

— Lara. — Ela me olhou assustada, e eu continuei, não entendendo o que estava acontecendo: — Você poderia filmar a apresentação para eu ver depois?

O rosto dela me deixou tenso, pois demonstrou tristeza.

— Não poderei filmar, porque não fui convidada. — Bufei; por um momento, havia esquecido como o Kaufmanns eram. — Mas, quando eu tiver uma oportunidade...

— O que você vai fazer amanhã? — a pergunta saiu quase sem querer, e não foi só ela quem se surpreendeu.

— É... Eles... Eu vou tirar folga. — Ela parecia muito nervosa.

— Tem algum compromisso? — Lara arregalou os olhos, mas negou. — Deixe-me agradecê-la por hoje, então. Amanhã também não teremos shows, então poderemos conversar.

Ela olhou para Amanda e depois para mim, sem saber o que responder. Talvez eu não tenha me feito entender, por isso ela estava tão confusa. Obviamente eu não a estava convidando para sair comigo, era apenas um jantar em agradecimento, no qual eu iria aproveitar para conhecer a babá da minha

filha melhor e conversar sobre esses encontros clandestinos.

Para falar a verdade, a ideia nem era de todo minha, pois, quando contei para a Milena sobre a Lara, minha irmã cismou de que queria conhecê-la e me pediu para sondar uma oportunidade para um jantar.

— Minha irmã quer te conhecer e agradecer também — expliquei.

— Não é necessário! Eu faço isso por...

— Eu sei, pela Amanda. — Sorri. — Exatamente por isso queremos agradecer. Milena quer fazer um jantar lá em casa para você, e, como amanhã parece ser uma data em que tanto eu quanto você estamos livres, é uma oportunidade perfeita.

Lara me encarou por alguns minutos, aqueles enormes olhos castanhos nos meus, tão sinceros, demonstrando toda a incerteza sobre o jantar, porém, também mostraram quando ela tomou a decisão.

— Tudo bem, diga à sua irmã que agradeço e que vou ficar feliz em conhecê-la.

— Obrigado, Lara.

Fiquei aliviado por ela aceitar e as acompanhei até a calçada da praça, vendo-as atravessarem a rua na faixa de pedestre em direção ao clube onde minha filha estuda.

Quando cheguei a casa e comuniquei a Milena que o jantar seria no dia seguinte, ela quase pirou fazendo uma lista de compras e planejando o menu. Minha irmã estava com uma ótima impressão sobre Lara, mas creio que ela esperava uma mulher mais “formada”. Eu não a desiludi, deixando-a acreditar que a mulher forte e admirável que estava me ajudando, mesmo correndo risco, era mais velha e não praticamente uma menina.

Lara está sempre de camisa de malha folgada, jeans e tênis. Todas as vezes em que a vi fora da casa dos Kaufmanns – onde ela usa um uniforme que parece feito para uma pessoa bem mais corpulenta que ela – ela se vestia assim.

— Ei, Cadu, a que horas ela chega? — Luti me questiona.

Reviro os olhos para ele, pois sei que ele adora uma “novinha”, mesmo que a Lara só pareça uma. Eu não convidei o Luti para o jantar, ele se autoconvidou quando a Milena comentou sobre receber a Lara no meu apartamento. Ele a encheu de elogios, disse que conversou bastante com ela durante o percurso para a ECA – o que eu acho um exagero, porque a moça mal fala – e que teve uma ótima impressão dela. O desgraçado chegou a dizer para a minha irmã que ela parecia um anjo de tão doce e sincera.

Milena, claro, gostou de tê-lo à mesa para que ficássemos em número par – coisa que só mulher entende. Segundo ela, a mesa, assim, ficaria mais harmoniosa. Eu não entendi nada, achei que ela iria assar alguma coisa, fazer um

arroz e uma salada e que iríamos nos servir e conversar.

Pois qual não foi minha surpresa quando me deparei com um menu completo, com entrada, prato principal e sobremesa, além de uma mesa decorada? Ah... ainda temos aperitivos – sem álcool, obviamente – para comermos e bebermos antes de irmos à mesa.

Confesso que está tudo muito bonito e de ótimo gosto, pois Milena nunca faz nada pela metade, inclusive há um serviço de copa para nos servir, com a alegação de que, assim, poderemos conversar mais à vontade, sem preocupação com a comida.

Márcia, a senhora que já trabalhava aqui em casa antes de Milena se mudar para cá, ficou encarregada de tomar conta da comida que foi preparada e servi-la no momento certo, utilizando os dois garçons.

Bem, eu esperava algo simples, mas nada para Milena é simples.

O interfone toca, e Luti abre um sorriso.

— Comporte-se! — ameaço. — Lara é uma ajuda importante no meu relacionamento com Amanda, não deixe seu pau atrapalhar isso.

— Ei, quem disse que meu pau tem a ver com isso? — Ele ri. — Quer dizer, não é *só* o meu pau!

— Luti, sério, nada de gracinhas com ela.

— Ela chegou — Milena anuncia. — Ainda não me conformo de vocês não terem insistido em buscá-la!

— Ela não quis, achou melhor não ser vista conosco, Mi. Você sabe que ela tem razão sobre isso — pondero, e minha irmã bufa, mas aceita.

A campainha toca, e ela vai atender a porta. Milena está usando uma blusa bem justa no corpo e calça pantalona preta e branca, e eu admiro como ela é linda. Minha irmã poderia ser facilmente uma modelo, mas nunca teve essa vontade.

Olho para o Luti, usando seu tradicional coque samurai no alto da cabeça, com a metade inferior do cabelo raspada. Suas tatuagens estão cobertas pela jaqueta de couro e, assim como eu, ele usa jeans rasgados, com a diferença apenas na cor do tecido, o dele um black jeans, e o meu, um blue jeans bem claro.

Hoje, em vez da minha tradicional camisa de malha preta, resolvi vestir uma azul sem nenhuma estampa e, no lugar de meus coturnos, calcei tênis.

Milena abre a porta, mas eu não consigo ver a Lara, pois minha irmã a abraça imediatamente. Rio, com pena da moça tímida, imaginando que ela deva estar querendo um buraco para se esconder com a espontaneidade da minha irmã.

— Mi, você vai sufocar nossa convidada! — brinco com ela.

— Ah, desculpa, Lara! — Milena ri e se afasta da porta para que a moça entre.

Franzo o cenho assim que a vejo entrar, não acreditando se tratar da mesma garota que vi ontem. Mas é claro que é! Lara está usando um macacão com listras e estampas de flores. O modelo é justo, e eu consigo ver curvas... CURVAS! Fico em choque por um tempo, entendendo, pela primeira vez, que a babá da Amanda não é *mesmo* uma garota.

Não entenda mal, ela não é um mulherão, continua miúda e magra, mas possui seios bonitos e uma cintura tão fina que talvez eu consiga envolvê-la inteira com minhas mãos. A roupa a vestiu muito bem, e seus cabelos, belíssimos, por sinal, estão soltos pela primeira vez.

Olho para meu amigo e o vejo babando por ela. Porra!

Lara entra na sala sorrindo de leve e cumprimenta o Luti. Ele lhe fala algo que a faz rir com vontade, e isso é mais um choque para mim, pois ela sempre é séria e distante comigo. Vejo-o monopolizando-a tanto que Milena precisa tirá-la de perto dele para que chegue a mim.

— Oi, Lara — cumprimento-a e, em vez de receber o sorriso ou as risadas que Luti e minha irmã receberam, ela apenas acena com a cabeça e olha para o chão. Caralho! — Seja bem-vinda!

— Obrigada — mal responde e olha para Milena, que acompanha a interação – ou a falta dela – com uma expressão estranha.

Luti salva-nos de um silêncio constrangedor ao entregar um coquetel de frutas para ela e lhe avisar que não contém álcool.

— Eu quase nunca bebo, obrigada.

Lara prova a bebida, e eu acompanho sua boca se fechando contra o vidro da taça e o movimento de sua garganta. Balanço a cabeça, sem saber o que está acontecendo comigo, principalmente sem entender por que recebo dela um tratamento tão frio e, ainda assim, ela tem me ajudado.

— Como uma *bartender* não bebe? Nunca prova o que faz? — resolvo perguntar, deixando claro que a reconheci do bar, mas também para lhe chamar a atenção.

— Ah, eu provava, sim, mas, embora goste de uns poucos coquetéis, não sou fã de bebidas alcóolicas. — Olha para mim pela primeira vez. — Como você sabia que eu trabalhava no Hill?

— Me lembrei de você lá. — Ela arregala os olhos, e eu sorrio, adorando deixá-la tão surpresa. Olho para o Luti. — Lara trabalhava no Hill, aquele pub...

— Eu sei. — Ele a olha. — Como foi que não te vi por lá?

Ela sorri para ele, e eu fico intrigado.

— Eu estava atrás do balcão de coquetéis, fiz alguns para a mesa de vocês...

— Ela me olha de soslaio e fica vermelha.

Ah! Ela se lembra do vexame que eu dei!

— Eu adorei a comida do Hill — Milena se intromete. — Sou amiga da Duda.

As duas começam a conversar sobre o bar, e, mais uma vez, a desenvoltura de Lara conversando com eles me deixa atordoado.

Nesses dois dias de piqueniques, ela mal abriu a boca, a não ser que eu perguntasse algo. Será que ela achou que deveria ficar quieta e me deixar à vontade com Amanda? Não! Se fosse isso, hoje estaria me tratando igual faz com Milena e Luti. Ela parece me evitar ou... Não, deve ser impressão minha! Lara não tem motivos para me tratar friamente. Fico um tempo pensando em nossas conversas, tentando me lembrar de ter dito ou feito algo que a tenha desagradado, mas sinceramente não me lembro de nada.

As duas mulheres sentam-se no sofá da sala, enquanto Luti e eu permanecemos de pé, perto do aparador cheio de canapés.

— Mano, ela é ainda mais bonita!

— Luti, já falamos...

— Ei, Cadu, relaxa! Lara não é sua filha, ela *cuida* da sua filha! — Ri. — Não precisa ser tão paternal com ela.

Paternal?! Que porra é essa? Respiro fundo e olho para a noite escura, iluminada pelas luzes dos muitos prédios ao entorno do meu. Luti tem razão! Lara não é uma garota, não é nada minha, ela está me ajudando com minha filha, e eu sou grato a ela, só isso.

— Apenas não estrague as coisas — peço. — Não quero que você quebre o coração da moça, pois ela se mostrou ser uma pessoa bacana.

— Cadu, não tenho intenção nenhuma de quebrar nada. Também a acho bacana, mas creio que ela seja do tipo que quer compromisso, como sua irmã sempre foi.

— Completamente fora do seu ideal.

— Exato!

Não vou mentir, sinto-me aliviado ao saber disso. Se ela não é – e eu acho realmente que não – do tipo que topa apenas curtir umas horas de sexo sem compromisso, é melhor mesmo o Luti ficar bem longe dela.

O jantar é servido, e a conversa à mesa gira em torno de música, assunto que Lara domina tanto quanto nós todos, pois está se graduando na área, e sobre minha filha. Ela surpreende a todos trazendo cartinhas de Amanda, ainda com a letra de quem está aprendendo a escrever, e muitas fotos.

Minha irmã e ela estão se entendendo como ninguém. As duas conversam sobre vários assuntos comuns, uma vez que Lara também já deu aulas em sua

cidade natal, e trocam números de celular.

Ela está à vontade com todos, menos comigo.

Um pouco antes da sobremesa, Luti recebe um telefonema, e Milena vai terminar o doce na cozinha, restando apenas Lara e eu à mesa. O silêncio reina durante longos minutos, até que não aguento mais.

— Amanda estava arrumada quando saiu de casa?

Ela me olha e nega.

— Para a apresentação, não. Ia se trocar lá.

— Ah... — Ela volta a mexer em seu prato praticamente vazio. — Como tem sido trabalhar com os Kaufmanns?

Ela respira fundo.

— É tranquilo, Amanda é uma menina ótima, não dá trabalho. Doutor Anselmo é generoso e carinhoso com ela, e a senhora Kaufmann tem um jeito mais sério, porém...

— Lara. — Ela volta a me olhar. — Você está entre amigos. Eu sou grato por tudo o que você fez para me aproximar da minha filha, inclusive por hoje, então já a considero minha amiga. Eu conheço os Kaufmanns muito bem e entendo sua lealdade aos seus empregadores...

— Não é fácil trabalhar lá, ainda mais que a avó de Amanda não me queria como babá. — Ri pela primeira vez na minha presença. — Mas eu sei me fazer de invisível, e ela aprovou isso, por isso não tenho problemas com ela. O doutor Anselmo realmente é tudo o que eu disse. Ele adora a neta.

— Que bom. Eu quero que você saiba que sei que você corre o risco de perder seu emprego por estar me ajudando e desde já faço uma promessa de que, caso isso aconteça, ajudá-la no que...

— Não preciso da sua promessa, Cadu — Lara me chama pelo meu apelido, e eu sorrio involuntariamente. — Faço isso sabendo dos riscos, mas também crendo que é o certo. Se perder o emprego, irei lamentar apenas ter de ficar longe de Amanda.

Luti e Milena retornam para a mesa. Comemos a deliciosa torta holandesa que minha irmã preparou, e, quando Lara diz que está no horário de voltar, meu amigo imediatamente se propõe a levá-la.

— Eles não conhecem meu carro, não se preocupe — tranquiliza-a quando ela demonstra medo de seus patrões descobrirem onde estava, e ela aceita.

— Adorei te conhecer, Lara! — Milena a abraça forte de novo. — Espero poder voltar a te ver mais vezes. Vamos nos falando pelo celular.

— Pode deixar. O jantar estava maravilhoso, obrigada! — Olha-me. — Obrigada.

— De nada, Lara. — Sorrio. — Nos vemos na sexta-feira?

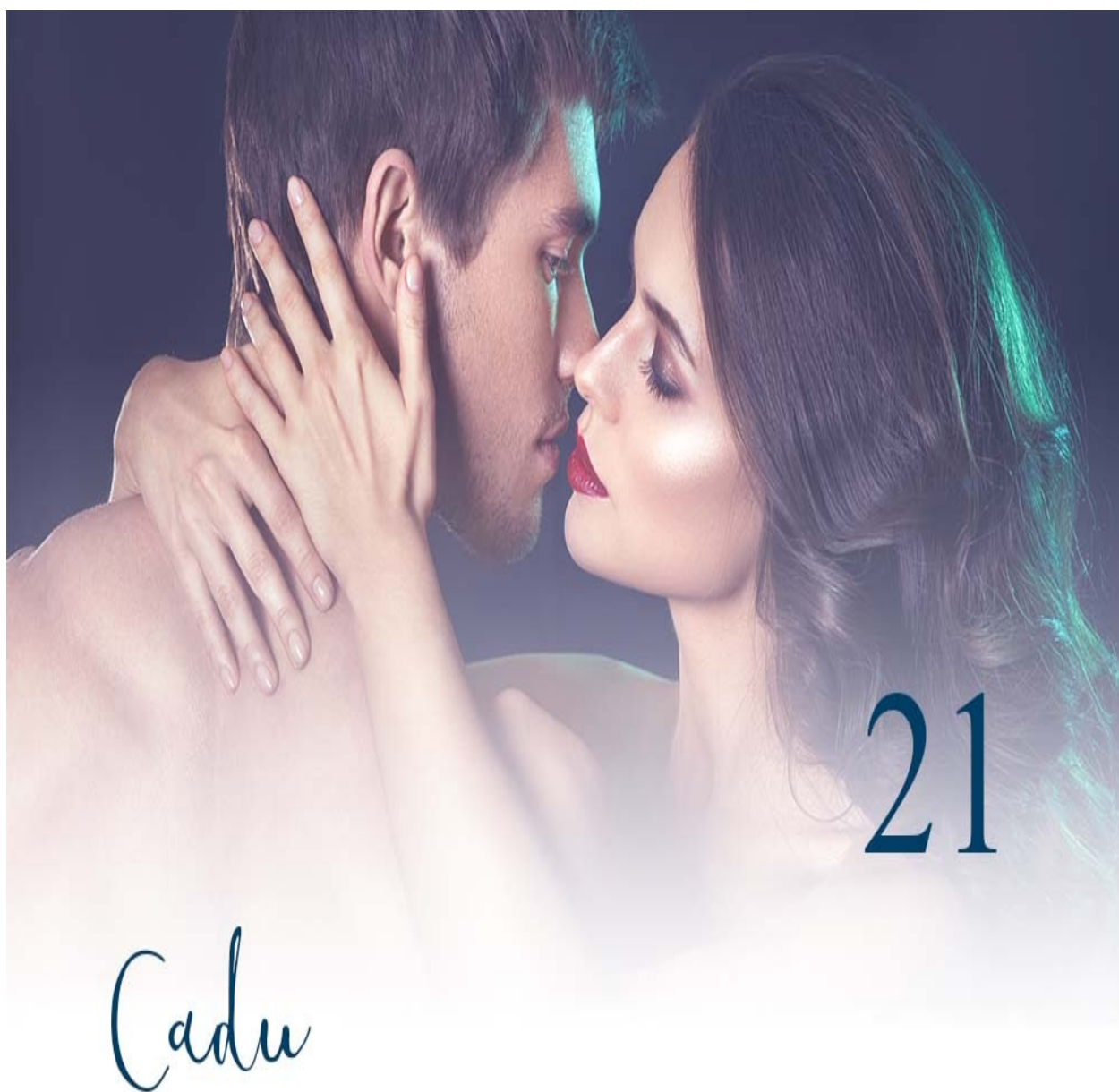
Ela dá um sorriso sem graça e confirma, saindo com Luti.

— É impressão minha ou está rolando um clima estranho entre vocês? — Milena dispara.

— O quê? — Olho-a como se fosse louca. — Que merda de clima estranho? A moça é tímida!

Milena gargalha.

— Ou você é cego ou é um idiota, Cadu!

Ela começa a ajudar Márcia a recolher as coisas sobre a mesa e me deixa intrigado e sem saber o que falar bem no meio da sala de estar. Clima estranho? Ela só pode estar louca!

Depois do primeiro final de semana furtivo com minha filha, planejei melhor como serão nossos encontros. Minha irmã continuou fazendo questão de preparar o lanche delas – Milena sempre inclui Lara nas nossas conversas. As duas começaram a se comunicar por mensagens todos os dias – o que eu gostei, mas, ao mesmo tempo, faz-me continuar com a sensação de que a babá de Amanda tem algo contra mim –, e, assim, eu tenho notícias diárias da minha filha, além de fotos.

Milena está preocupada com a Lara, com medo de que ela possa ser descoberta e da reação de Geórgia ao que ela vem fazendo pela Amanda e por mim. Eu nunca vou conseguir lhe agradecer o bastante pela oportunidade de ter

mais de minha filha, de conhecê-la melhor e de criar novamente um vínculo.

Ainda não é o que eu quero. Para ser perfeito, eu quero criar minha filha, integrá-la a minha família como nunca pude fazer – minha mãe, minha irmã e meus amigos – e poder ser o pai que ela merece, o que prometi ser quando ela nasceu.

Todavia, esses momentos com ela, que consegui pela boa vontade da Lara, já são como pequenas pedrinhas na construção do relacionamento que quero com minha filha.

Até hoje não sei o que motivou a moça a tomar tal atitude a meu favor. Tentei tirar qualquer tipo de informação de minha irmã. Entretanto, ela diz que suas conversas com Lara não são da minha conta, a não ser as notícias sobre a Amanda. Além disso, Milena – que se tornou uma fã da babá – sempre frisa que Lara é um anjo e que é a pessoa mais incrível que ela já conheceu.

Isso me faz relaxar, pois confio no julgamento da minha irmã. Milena sempre foi ótima em ler as pessoas à sua volta, é muito racional e não se deixa levar apenas pela emoção. Se ela confia na Lara, eu também confio.

Meu único questionamento é o motivo de tanta distância. Não me entenda mal, eu não quero que a moça fique muito próxima ou que nossa relação seja algo além da amigável, mas não entendo como uma pessoa que aparentemente interage, ri, brinca e, principalmente, conversa com todo mundo fica muda perto de mim. Foi assim nos dois dias do piquenique, bem como no jantar aqui em casa. Não vou mentir que isso não me incomoda, claro que o faz, só não sei o motivo de ela ser tão fria e reservada em minha presença.

— Animado para sexta-feira? — Luti aparece, vindo do estúdio que mantenho aqui em casa e se senta no sofá ao meu lado.

— Claro! — Sorrio, satisfeito. — Só de pensar que eu tinha duas horas quinzenais com ela e agora, além desse tempo, tenho mais duas horas por semana é um sonho total.

— Vamos tocar em Floripa no outro final de semana. — Eu aquiesço. — Como você vai fazer?

Dou de ombros.

— Semana que vem tenho visita oficial e já irei conversar com elas.

Luti prende seus cabelos em um coque alto em cima da cabeça e se recosta ao sofá, suspirando. Eu o encaro surpreso, porque esse tipo de reação não combina muito com ele.

— Almocei com a Lara ontem.

Eu praticamente me levanto do sofá, mas só dou um pulo, virando-me mais na direção dele. Luti almoçou com a Lara? *A* Lara?! Mas que porra está acontecendo?!

— Luti, eu pedi para você...

— Ei, relaxa! — Ri. — Somos amigos, mano, só isso! — Dá outro suspiro, e eu fico intrigado. — A voz dela e a forma como toca violino... mano do céu!

Violino? Fico um tempo parado, digerindo mais uma informação sobre a misteriosa babá. Eu já a vi tocando violão e cantando e sei que toca piano, então sei que tem uma voz muito bonita. Entretanto, não sabia que tocava violino.

Quase rolo os olhos para mim mesmo diante do meu pensamento. Como eu poderia saber disso, se trocamos apenas meia dúzia de palavras?

— Eu já tinha ouvido ela cantar, te falei sobre isso.

— E tinha razão, *mon ami*! A voz dela é a que procurávamos para a música do Deco.

— Ela tocou no tal almoço?

Luti concorda.

— Apareci meio de surpresa na ECA, e ela nem estava comendo, mas sim aproveitando o tempo do intervalo da aula para praticar o violino. Fiquei lá, sentado na grama com ela, ouvindo-a tocando tão perfeitamente e com tanta emoção que perdi a noção do tempo e do espaço. — Franzo o cenho para ele. — Então ela "cantou" a melodia junto com o instrumento, e nem pude acreditar nos meus ouvidos. — Luti me encara. — Estou começando a dar razão para sua irmã e acreditando que ela é um anjo.

— Que coisa mais brega, Luti! — debocho dele. — Você está um tanto apaixonado, é?

Ele se apruma no sofá e fica sério.

— Claro que não! Já te disse que gosto dela como amiga e que Lara não parece ser o tipo de garota que aceitaria um acordo sem compromisso e aberto.

Sim! Ela não parece ser desse tipo!

— Só deixe tudo às claras com ela sobre isso, Luti. Não quero a moça magoada porque confundiu sua atenção com outro sentimento.

— Não se preocupe com isso. Depois nós apenas comemos um sanduíche lá na ECA, conversamos, e eu fui embora para ela voltar para a aula.

— Ela disse algo sobre minha filha?

— Não. Não conversamos sobre Amanda.

Ele se levanta para ir até a cozinha, e eu não deixo de encará-lo. Se não conversaram sobre Amanda, falaram sobre o quê?

A proximidade e o modo como a moça está ganhando todas as pessoas que me são queridas começa a me assustar. Minha irmã parece deslumbrada por ela, agora o Luti anda suspirando! SUSPIRANDO!

— O que essa Lara tem que deixa vocês todos assim, tão encantados? — disparo a pergunta para o Luti.

— Vontade de viver, Cadu — ele responde, e eu continuo sem entender. — A garota é toda miúda e frágil, mas se vê nela uma força de vontade e uma felicidade tão grande que me faz refletir.

— Ela é daquele tipo que está sempre grata pelas coisas que lhe acontecem, sejam boas ou ruins? — Faço careta. — Ninguém é assim, Luti!

— Talvez ela tenho motivo para ser assim. — Ele volta para perto de mim. — Ou talvez você precise conhecer melhor a mulher que está te ajudando a se reaproximar de sua filha.

— Ela praticamente me ignora... — arrependo-me assim que faço a declaração, porque, além de parecer despeito, faz o Luti me olhar de um jeito estranho.

— Sério? — Faço careta, como se fosse algo irrelevante. — Hum, por que será?

É o que tenho me perguntado desde que percebi que ela é assim somente comigo.

Na quinta-feira, fui até o escritório Navega, Medeiros e Villazza encontrar-me com o doutor Freitas e sua equipe de Direito de Família. O prédio onde funciona o escritório fica bem no meio da Paulista, moderno, cheio de segurança e com duas especializações por andar.

No quarto andar, para onde eu fui, ficam o pessoal do Direito de Família e Sucessões. Contatei-os por recomendação de um grande amigo meu, Bernardo Novak, cuja irmã é cunhada de uma das sócias. Além da indicação do Bê, a altíssima reputação do escritório me fez buscar assistência jurídica com eles, uma vez que meus sogros também estão com um escritório de peso.

Ao chegar lá, encontrei-me com o Aluísio Freitas, o Coordenador de Direito de Família do escritório, mas também com uma das advogadas, doutora Tessália Gomes, que vai brigar pelo aumento da minha visitação a Amanda em uma ação de alienação parental.

Ela me explicou que vai pedir a revisão da visitação baseada nas barreiras que os Kaufmanns têm imposto para que eu veja minha filha, além de alguns relatos sobre a forma que eles falam de mim para Amanda.

Fiquei extremamente impressionado com a mulher em dois sentidos. Primeiramente me chamou a atenção sua pele morena, seus cabelos e olhos negros num corpo escultural. Depois, à medida em que íamos conversando, tive a certeza de sua capacidade profissional e sua seriedade.

Saí de lá com a esperança renovada de que iremos conseguir, pelo menos, mais tempo de visitação – com pernoite incluídos – e mais flexibilidade nos dias e horários por causa do meu trabalho. Assim sendo, o que ocorreu há algumas semanas não voltará a acontecer, pois eu terei *judicialmente* autorização para pegar minha menina fora dos dias de visitação, caso esses coincidam com minhas apresentações.

O único ponto de que não gostei da reunião foi quando contei sobre a Lara e os encontros com minha filha entre as suas aulas nos finais de semana. Os dois advogados se entreolharam, e a doutora Gomes me pediu para encerrar esse tipo de arranjo. Questionaram a conduta da Lara, os motivos dela, bem como sua intenção ao me ajudar correndo tantos riscos. Além disso, avisaram que, se os encontros forem descobertos antes da decisão do juiz sobre a visitação, dificilmente ele mudará o que já foi sentenciado.

Eu garanti a eles que Lara é de confiança e que as reuniões duram pouco tempo e são em local público, além de o tempo todo a babá ficar presente. Eu não vou abrir mão de estar com minha filha!

A doutora ainda se manteve contra, mas respeitou minha decisão de continuar e pediu apenas que fôssemos cuidadosos, pois poderia prejudicar o processo.

Nem preciso dizer que hoje, sexta-feira, eu acordei animado, de bom humor, descendo para correr às 6h da manhã. Ah... você não estava sabendo, não é? O doutor Steter, o psiquiatra, disse que a prática de alguma atividade física iria me ajudar a controlar melhor a vontade de beber que ainda existe no meu corpo. Inicialmente pensei em fazer natação, mas, quando estivesse em turnê, seria difícil ficar procurando locais para nadar, e frequentar as piscinas dos hotéis seria inviável, porque, além de geralmente estarem cheias, eu não conseguiria tempo para nadar. Então resolvi começar a correr.

Nunca fui um bom corredor, nem na época da escola. Sempre fui bom no futebol e ótimo na natação, mas a corrida nunca me atraiu. Contei sobre essa minha nova empreitada lá no A.A. e consegui mais dois companheiros de corrida: Joaquim – o meu padrinho – e o Flávio, um dos novos que chegou por lá e que Joaquim também pôs debaixo de suas asas.

Nós estamos nos encontrando todos os dias na portaria do meu prédio e corremos até o Ibirapuera, damos algumas voltas nas pistas de lá e depois voltamos.

O começo foi desgastante e engraçado, mas, com o passar dos dias, foi ficando mais fácil e mais prazeroso. O doutor Steter tinha razão sobre a vontade de beber passar, e não só isso: o efeito da corrida é tão bom quanto o que a bebida me proporcionava, então diminuiu o sofrimento do meu corpo com a

abstinência.

Eu sempre volto cansado das corridas matinais; hoje, não. A ansiedade em ver Amanda está a mil por hora, principalmente depois de ver os lindos doces confeitados que minha irmã fez e colocou em caixinhas, como sobremesa. Tanto carinho dela pela minha pequena, que, em apenas imaginar sua carinha ao ver o presente da tia, fiquei emocionado.

Milena foi para a escola, dar suas aulas, e eu estou tomando conta do relógio como se meu olhar pudesse fazer com que o tempo passe mais depressa. Saio de casa com uma hora de antecedência, estaciono longe da praça e vou caminhando – usando boné e óculos escuros para me ajudar a não ser reconhecido – até chegar ao local que escolhemos para nossos lanches.

Disponho a colcha sobre a grama, coloco a cesta em um canto e tiro meu violão da capa protetora. Sorrio ao imaginar a surpresa que preparei para Amanda. Desde que ouvi uma música em uma *playlist* aleatória durante minha corrida, eu me imaginei cantando-a para ela.

Queria poder compor de novo, mas ainda não consigo, e a música que trouxe para tocar para ela hoje transmite tudo o que eu gostaria de ter escrito.

Olho para meu relógio e respiro fundo, constatando que Lara e Amanda estão atrasadas. Tento não me apavorar e pensar que os Kaufmanns descobriram, ou que ela não veio, ou que elas não vêm mais.

Quando as duas surgem, passos apressados, mãos dadas e largos sorrisos, sinto meu coração disparar. A cena de ambas juntas é linda! Eu posso sentir o carinho e a cumplicidade que há entre elas, o que me faz ter – ao mesmo tempo – tranquilidade e inveja.

— Ei, chegaram! — Levanto-me, não sem antes notar o olhar de Lara para o violão.

— Desculpe o atraso, a professora de natação fez uma reunião com as meninas, e isso tomou um tempinho do intervalo — Lara justifica. — Amanda trouxe uma surpresa!

Ela se vira para minha filha, que sorri e chega bem perto de mim.

— A Lara revelou. — Estende um envelope. — Ela disse que você queria ver, papai.

Eu me abaixo e a abraço apertado.

— Senti sua falta, pequena! — Cheiro seus cabelos. — Senti muito a sua falta!

— Eu também! — Sinto suas mãozinhas me apertarem.

Pego o envelope, e elas se sentam na colcha. Pela logomarca no papel, já sei que são fotografias, mas nada me preparou para ver minha pequena em um lindo tutu branco, dançando com outras meninas.

— É da apresentação de domingo?

—Sim! — Amanda diz animada. — Guilhermina e eu estávamos dançando juntas. — Ela aponta para a sua imagem e a da amiga. — Mas vovô disse que só conseguiu me ver no palco. — Ri. — Ele é tão bobinho...

Meu coração se aperta ao ouvir o carinho na voz de Amanda ao falar do avô. Sei que o doutor Anselmo é um homem bem mais flexível do que a esposa, mas isso não diminui meu ressentimento por ele ter estado lá, e eu, não. Amanda é minha filha!

— Amanda estava linda, não estava? — Lara olha-me seriamente.

Deixo de lado o sentimento de injustiça que sentia há pouco para focar no que realmente importa.

— Sim, ela é sempre linda, mas no domingo estava igual a uma princesa!

Com esse elogio, ganho um abraço apertado em meu pescoço. Lara sorri ante a cena, e eu balbucio um agradecimento para ela, que, surpreendentemente, retribui igualmente, apenas mexendo os lábios.

O gesto, tão inofensivo e despretensioso, pega-me de surpresa e me faz ter noção de sua boca bem-desenhada e sensual. O pensamento erótico com a boca de Lara vem sem eu ter incitado, e, da mesma forma repentina com que aparece, eu o repreendo.

Porra, Cadu!

Eu estou há algum tempo sem transar. Desde a última vez com Angélica, tenho me aliviado como posso, mas ainda assim sinto falta de um contato íntimo, de um corpo feminino junto ao meu, de dar prazer e ouvir gemidos, mas, definitivamente, Lara está fora dos meus limites.

Amanda volta a se sentar, e eu retiro os sanduíches de Milena, vendo, pela primeira vez, que a maluca da minha irmã mandou personalizar os guardanapos: neles há o desenho de três pessoas fazendo piquenique.

Minha filha também percebe isso e, de repente, aponta para o desenho e fala para a babá:

— Lara, é você! — Ri bastante.

Olho cada um dos desenhos com atenção, detalhe por detalhe. Milena desenhou nós três juntos. Reconheço os traços da minha irmã, que, embora sempre tenha gostado de desenhar, nunca levou a arte a sério. O homem, de camiseta preta com uma caveira, cabelos arrepiados e olhos verdes, é exatamente como ela sempre me desenha. A menina, com uma coroa na cabeça e olhos como os do homem, é linda e meiga, como Amanda, e, junto a nós dois, há uma mulher com seus cabelos longos soltos e brilhantes e um sorriso enorme, além, claro, de olhos tão grandes emoldurados por sobrancelhas grossas: Lara.

Fico um tempo mudo, olhando o desenho, que, aparentemente, parece se

tratar de uma família, tentando entender o que Milena pretende com isso.

Lara, apesar de ser uma pessoa incrível por fazer o que tem feito por Amanda e por mim, não é da minha família. Nesse local onde está o desenho dela deveria estar o de Mônica. Fecho os olhos, respirando fundo, tentando não me irritar com a intromissão de Milena.

— Tudo bem? — ouço a voz melódica de Lara.

— Papai?

Encaro minha filha e sorrio.

— Foi sua tia quem desenhou, e ela deve ter mandado imprimir nos guardanapos. Você gostou?

Amanda sorri e se agarra a Lara.

— Sim! — Ela me pega pela mão e me puxa para perto. — É como se eu tivesse uma família de verdade!

Vejo Lara arregalar os olhos e me encarar, extremamente constrangida com a situação.

Milena, Milena!

— Ah... Raio de Sol, você é muito importante para mim. — Beija seus cabelos. — E eu fiquei feliz em estar nesse desenho com sua família. — Lara aponta para mim. — Nós seremos amigas para sempre!

Amanda sorri, e eu sinto alívio ao perceber que a babá não está unida com minha irmã no que quer que aquela mente genial esteja tramando.

Comemos os sanduíches, bebendo suco de abacaxi com hortelã que a Mi preparou e depois os doces, enquanto Amanda e eu conversamos. Lara, como sempre, mantém-se à margem de nosso encontro, mas, por algum motivo, eu não consigo desviar os olhos dela.

Um pouco antes de dar o horário de me despedir de ambas, pego o violão.

— Quero te mostrar uma música, filha. — Amanda sorri. — Não fui eu quem fez, mas, assim que a ouvi, pensei em você.

Começo os primeiros acordes, e Lara sorri, reconhecendo a canção.

— Conhece? — pergunto-lhe, e ela apenas assente. — Então me ajude.

Promete que não vai crescer distante
Promete que vai ser pra sempre assim
Promete esse sorriso radiante
Todas as vezes que você pensar em mim

Canto mais algumas partes da canção e então resolvo inserir a Lara neste instante. Faço um gesto para que ela cante, pensando que irá negar, mas, quando a ouço cantar... Ah! Ela realmente tem a voz que eu estou buscando!

Para um pouco com a bagunça
Deixa eu te olhar
Que o tempo voa e olha só
Você sabe falar
E diz tudo que eu preciso escutar

No último trecho, decido cantar com ela e sou surpreendido com um contralto perfeito me seguindo:

Promete ser pra sempre "a minha menina"
Me deixar cantar pra te fazer dormir
Que eu prometo que vou te cuidar pra sempre
Eu te amo infinito
"Minha guria"[6]

Amanda me abraça forte e depois faz o mesmo com a Lara. Estamos todos emocionados, e me despedir delas é um pouco mais difícil hoje do que foi nos outros dias... quer dizer, me despedir de Amanda é mais difícil. Eu gosto da Lara, claro, mas não tenho que ficar me "apegando" à presença dela entre mim e minha filha e, muito menos, ficar com a imagem do desenho no guardanapo na mente.

Uma família. Minha filha quer uma família! Será que apenas eu não serei o suficiente para ela?

Os dias que tenho vivido depois que comecei a tomar conta de Amanda têm sido intensos. Não por ela! Amanda é uma criança extremamente fácil de se lidar e muito obediente. Claro que já faz alguma manha comigo, pois sabe que não resisto ao seu olhar triste, mas ainda assim não dá trabalho.

Acontece que, ao aceitar trabalhar cuidando de Amanda, eu acabei entrando em situações que nunca havia imaginado entrar.

Primeiro, trabalhar para os Kaufmanns de forma constante e diária. Os funcionários são bacanas, a casa é ótima, e realmente todas as vantagens que o doutor Anselmo me prometeu, cumpriu. O salário é o dobro do que eu ganhava no Hill, não tenho despesa com aluguel e quase nenhuma com transporte, pois

Hernani – o motorista – está sempre me dando caronas ou mesmo me levando e buscando na faculdade, meu gasto com alimentação se restringiu ao que como durante as aulas, porque a comida da Eliza é incomparável, tanto que as gorjetas que eu recebia nem me fazem falta.

Quando o doutor Anselmo me entregou um cartão de saúde do hospital dele, eu fiquei ainda mais surpresa. Eu ainda tenho plano de saúde, garantido pelo emprego do meu pai, e, enquanto eu estiver estudando, ainda poderei utilizá-lo até os 24 anos. No entanto, eu já não faço nenhum uso dele, embora deveria estar fazendo algum tipo de acompanhamento no hospital.

Tenho pavor de tudo o que me lembra o que passei nos 16 anos em que estive doente. Teve um ano que eu passei mais tempo internada do que em casa, então voltar para um hospital, mesmo que para exames, me deixa tensa.

— Eu gostaria que você fizesse uma bateria de exames, Lara — ele me surpreendeu com o pedido. — Sei que é uma moça jovem e saudável, mas nós solicitamos isso a todos os funcionários, e não se preocupe, os exames são só para termos um histórico do funcionário e acompanhá-lo.

Fiquei temerosa de ele descobrir minhas cirurgias e me despedir, por isso, decidi contar sobre minha situação. Ele, como cardiologista, ouviu tudo calmamente, fez-me inúmeras perguntas e pediu para que eu fosse ao hospital e tivesse um acompanhamento.

— O senhor acha que...

— Não, Lara. — Tocou com carinho na minha mão. — Você está saudável e forte, mas eu prefiro que faça os exames.

Concordei com ele e prometi que iria ligar para marcar.

— Não precisa. Eu mesmo agendo sua consulta com um dos cardiologistas de lá. Eu estou aposentado, fico só com a parte burocrática do hospital, mas vou te acompanhar de perto. — Sorriu. — Eu admiro muito sua força, Lara. Tenho muito orgulho de ter tido a oportunidade de te conhecer.

A senhora Kaufmann não comentou nada comigo sobre o que contei ao marido, então concluí que ou não ligava a mínima para a saúde de seus funcionários, ou o doutor não contou sobre a doença que tive para a esposa. Menos mal, porque estar na presença dela já me deixa próxima de um ataque cardíaco!

O olhar da senhora Kaufmann me deixa trêmula e desajeitada. Eu me sinto pequena e deslocada cada vez que ela fala comigo com seu tom superior e sua voz fria. Não me entenda mal, ela não parece ser uma pessoa má, ela é apenas um desses seres que acham que, por terem nascido em berço de ouro, terem tradição familiar, são superiores a todos os demais. Na verdade, tenho pena dela. Pena de nada parecer o suficiente para alegrá-la. Nem todo seu dinheiro e

prestígio, nem sua família cheia de saúde, nada disso parece ser suficiente para ela, infelizmente. Eu a enxergo como alguém que busca a perfeição o tempo todo. Seus cabelos nunca estão desarrumados, o esmalte de suas unhas nunca está lascado, sua maquiagem – mesmo se ficar o dia inteiro dentro de casa – está sempre bem-feita, discreta, mas presente. E o modo como ela se veste ou mesmo anda, demonstra que nada menos que a perfeição é o suficiente para ela.

O que talvez Geórgia Kaufmann não tenha percebido é que perfeição demais torna tudo chato e monótono. A graça da vida está em pequenas coisas a arrumar, a perseguir, a buscar. Se não a nada a ser conquistado, qual é o sentido de aprendermos diariamente?

Uma coisa que minha avó sempre me disse – principalmente nos momentos em que estive mais doente – é que a felicidade não está no fim do caminho. Ela não é um pote de ouro ao fim do arco-íris, mas sim o deslumbramento das cores na caminhada. A descoberta do novo, o desejo de continuar caminhando, a vontade de ir sempre mais longe, essa é a verdadeira felicidade.

Aparentemente, a senhora Kaufmann nunca percebeu isso, o que é uma pena, porque, se ela soubesse, seria mais feliz e faria a todos felizes à sua volta.

Fiz minha apresentação, recebi minha avaliação – a última do semestre – e fiquei aliviada ao constatar que não precisarei fazer prova final em nenhuma matéria. Falta pouco para as aulas acabarem, e eu posso me dedicar mais à Amanda.

Penso na minha família e no quanto minha mãe ficou horrorizada de eu ter virado uma babá. Ela chegou a ponto de me perguntar se ser empregada dos outros era melhor do que estar em casa, sendo cuidada por eles. Eu tive que ser sincera e respondi que sim. Eu valorizo meus pais, mas também os conheço bem. O cuidado deles é me colocar em uma redoma como faziam quando eu era criança. Eles ainda não entenderam que o pior já passou, que estou saudável e preciso crescer. Eu preciso ter uma vida, fazer meu caminho em busca da felicidade, aproveitando cada momento.

Os encontros no segundo final de semana com a Amanda e o Cadu foram incríveis, mas muito confusos para mim.

Primeiro, o tal guardanapo que a irmã dele desenhou e mandou estampar. Milena é um amor! Temos trocado mensagens quase diariamente. No começo, eram todas sobre Amanda, porém, à medida em que íamos nos conhecendo melhor, começamos a conversar sobre tudo.

Ela me contou sobre a família e a difícil missão de Cadu em sua reabilitação. Eu não tinha ideia do que ele está passando para ter Amanda consigo, e isso me deixou ainda mais atraída, com os pensamentos fixos em todos os momentos em que estive perto dele nos últimos tempos, desde que nos

vimos no Hill.

Tenho me mantido o mais distante possível dele. Não por não gostar do Cadu, pelo contrário! Meu corpo já responde ao dele de um jeito que nunca aconteceu, além disso, há os sonhos – sim, *sonhos*, no plural – que tenho com ele.

Minha mente sonhadora e meu coração romântico não precisam mais de incentivos para que eu faça papel de boba me apaixonando por um homem que nunca deixou de amar a mãe da Amanda, mesmo ela estando morta há quase seis anos. É esse o motivo de eu não querer estreitar laços de conhecimento com ele.

Contudo, o que eu evito conhecer dele conversando com o próprio, acabo fazendo por outras pessoas. Luti e Milena sempre o incluem nas nossas conversas, e eu nunca deixo de pensar nele.

Eu não sei lidar com esse sentimento de sentir atração por alguém. Eu queria saber, ser moderna e demonstrar a ele que o quero, mas não sei mesmo. Ademais, tenho medo da rejeição.

Sei que ele faz sexo por aí, que tem um caso ou outro, afinal, não está morto, embora quebrado e rasgado por dentro. E, sendo sincera, eu gostaria de ser uma dessas mulheres apenas uma vez, para conhecer o prazer com ele, mas nunca conseguiria manter meu coração protegido se eu fizesse amor com o Cadu.

Continuar mantendo distância era a melhor alternativa... *era*! Bastou que ele cantasse uma das músicas mais lindas que já ouvi nos últimos tempos, da Ana Vilela – uma artista que eu adoro –, e pronto! Lá estava eu fazendo um dueto e me sentindo em outra dimensão.

Estava feliz com os dois, quase como se realmente pudéssemos ser a família retratada no desenho. Eu amo a Amanda, e ela é filha dele, embora eu tenha tido que deixar claro para a menina que somos amigas e nada mais. Eu sei o quanto ela quer uma família "de verdade", e incentivar uma situação ilusória para ela seria muita maldade.

A maioria das crianças entende a família como sendo aquela do comercial de margarina – pai, mãe e irmãos. Entretanto, nem sempre é assim. Amanda não tem mais a mãe e mora com os avós, enquanto o pai luta contra eles para tê-la ao seu lado. Tudo isso já é confuso demais para ela, que não precisa que eu interfira e crie uma situação pior ao iludi-la.

No sábado, o piquenique foi mais tranquilo – em termos de sentimentos – e agitado, porque Cadu apareceu na praça com pipas! Sim, pipas, ou papagaios, ou arraias, como você preferir. Ele explicou que o outono é a melhor época para fazê-las voarem, por causa dos ventos fortes da mudança de estação, e ele e Amanda se divertiram bastante com a brincadeira. Ela ria muito, e ele estava em

êxtase com isso. Trocamos muito olhares entre nós, felizes, comemorando a felicidade dela.

Lanchamos – mais uma vez Milena se esmerou nos mini-hambúrgueres que fez –, e, quando fui me despedir de Cadu, surpreendi-me.

— Quando é sua próxima folga?

A pergunta me pegou de assalto, e eu fiquei um tempo tentando raciocinar.

— Segunda eu tenho folga porque estudo o dia todo, porém, só preciso ir na ECA para buscar minhas notas e...

— Podemos almoçar juntos? Eu gostaria de conversar com você.

Não sei quanto tempo passou, porque meu cérebro travou uma luta comigo. Ao mesmo tempo em que eu queria aceitar, ele me mandava ponderar, manter distância, proteger o idiota do meu coração.

— Claro — respondi, enfim.

— Certo. Te pego ao meio-dia na ECA. Dá tempo de você resolver tudo?

Assenti, acenei uma despedida e fui com Amanda para o clube.

Agora estou aqui, minhas pernas não param de balançar de nervosismo, e eu olho no relógio de minuto a minuto, aguardando-o. Passei o resto do final de semana andando em círculos dentro do meu quarto ou mesmo no quarto de Amanda, e nem mesmo os exercícios ao violino ou as conversas com o doutor Anselmo me acalmaram.

Ele me questionou sobre meu temperamento no domingo, e eu usei a desculpa das notas que iria buscar na ECA na segunda-feira. Ao que parece, o doutor engoliu minha mentira e ainda me consolou dizendo que tudo ia dar certo.

Liguei para a Tiana mais uma vez para saber o que eu deveria vestir. Ah! Eu sempre faço isso. Você acha que minha vontade, no dia do jantar no apartamento do Cadu, não era ir de jeans e camiseta de malha até os joelhos? Era, sim, mas minha amiga é uma maga da moda e conhece meu guarda-roupa melhor do que eu.

Como, dessa vez, eu ainda iria à faculdade e o almoço seria informal, ela me falou para usar um vestido de malha – um preto com estampa do Guns ‘N Roses que ganhei dela e nunca usei – e um tênis *old school*. Apesar de usar o vestido justo, não estava me sentindo desconfortável, embora fosse mais o estilo da Tiana do que o meu.

Meu celular apita com a chegada de uma mensagem, e eu confiro ser do Cadu. Vou para fora do prédio e vejo seu carro parado.

— Boa tarde! — cumprimento-o quando ele abaixa o vidro do carona.

— Boa tarde, Lara. Conseguiu resolver tudo? — Concordo. — Então entra aí para irmos comer.

Ele destrava a porta, e eu entro no carro, sentindo logo o cheiro delicioso do

seu perfume.

— Você está linda assim — elogia. — Eu nunca pensei que fosse fã do Guns.

Gargalho.

— Não sou. — Faço careta e dou de ombros. — Ganhei esse vestido de uma amiga.

— Hum... sua amiga tem bom gosto! — Sorrio, pensando que ele se refere à banda. — Ficou lindo em você.

Tenho certeza de que estou vermelha, porque vejo-o sorrir pelo canto dos olhos. Eu deveria agradecer o elogio, não é? Ai... sou muito ruim com isso!

— Vamos comer em um local que eu gosto muito. Você tem alguma restrição? — Nego. — Gosta de experimentar coisas diferentes?

— Não sei... — Rio nervosa.

— É um restaurante turco. Eu adoro comida árabe, tudo bem para você?

— Claro!

Ficamos em silêncio boa parte do caminho. Para me acalmar, resolvo focar nas músicas que escuto no rádio do carro, quando começa a tocar uma canção da Off-Road.

— Eu gosto dessa música — comento.

— Eu também. Eu me lembro de quando a fiz. — Ouço-o suspirar. — Mônica havia acabado de saber que estava grávida.

— Posso sentir a emoção tanto na letra quanto na sua voz.

Ele para no semáforo e me encara.

— Lara, eu posso fazer um desvio antes do almoço? — Sinto minhas mãos tremerem. — Eu gostaria de te mostrar algo.

Assinto. Na minha mente passam várias imagens do que ele quer me mostrar e – por incrível que pareça – a maioria é de cunho sexual. Cadu me deixa assim, nessa tensão sexual louca, e nem parece notar. Será que eu não exalo nenhum tipo de cheiro que demonstre o quanto ele mexe comigo? Isso iria facilitar as coisas, porque eu definitivamente não sei flertar.

Ah, Lara! Volta a raciocinar! O homem em momento algum demonstrou qualquer tipo de interesse senão o de amizade e gratidão pela ajuda que estou dando nos encontros com a Amanda. Ele não se interessa por mim! Olho para o meu corpo e tenho vontade de rir ao pensar que possa atraí-lo.

Cadu para de frente para uma construção toda fechada, e imediatamente reconheço o local. O estúdio de gravação.

— Um amigo meu compôs uma música, e eu gostaria de te ouvir cantar, se você aceitar.

Cantar uma música da Off-Road? Olho mais uma vez para o estúdio,

sentindo meu coração retumbando de expectativa. Eu nunca estive em um estúdio profissional. O da faculdade foi o melhor em que já estive até hoje!

Acompanho-o para dentro do prédio e fico deslumbrada com tudo, desde o revestimento acústico que isola totalmente o local dos ruídos externos aos equipamentos de ponta.

— Esse aqui é Lucas, um dos nossos produtores. — Cumprimento o homem de cabeça raspada e alargadores nas orelhas. — Luc, essa é a Lara.

— É um prazer. — Eu o cumprimento de volta. — *Brou,* está tudo certo já. Você ligou um tanto em cima da hora, mas eu já estava por aqui, então deu tempo de preparar as coisas.

— Ela precisa aprender a melodia e a letra. — Cadu me entrega *headphones* e uma folha de papel. Eu me sento em uma das cadeiras próximas da mesa de som e começo a ouvir a canção na voz dele.

A letra da música é poética e sensível, a melodia é linda. Entretanto, o que mexe de verdade comigo é ouvir a voz do Cadu e saber que ninguém mais além dos envolvidos com a produção da canção o ouviu cantando isso.

Ele quer que eu faça um teste para um dueto?

— Lara? — chama-me. — Você quer fazer isso? Eu sou um pouco afoito com as coisas e posso ter forçado uma...

— Eu vou adorar cantar essa música, Cadu — respondo, sincera. — É linda!

Ele sorri e abre a porta do estúdio de gravação.

— Luc, vamos fazer as duas vozes juntas, ok?

O produtor assente.

Cadu me indica uma cadeira, onde me sento, coloca novos fones em mim, tocando-me sem querer no percurso, o que me causa sensações deliciosas que eu deveria repreender.

Quando ele se senta ao meu lado, dá-me um sorriso tão lindo que eu quase derreto. Porcaria, Lara, se contenha!

— Faça sua mágica. — E pisca para mim.

O som começa, e eu inicio a canção, ainda seguindo a letra. Na quinta gravação, a música fica perfeita. O produtor elogia muito o resultado e diz que irá mostrar para os outros componentes.

Cadu pega minha mão.

— Obrigado por isso, Lara.

— Sou eu quem agradece, foi uma experiência ótima! Tenho certeza de que a voz feminina que vocês escolherem para gravar essa música...

Ele começa a rir, interrompendo-me.

— Ei, *você* é a voz feminina! — Ri ainda mais. — Eu sei, isso foi apenas a

prova, mas eu não tenho dúvida alguma de que minha parceira nessa música é você.

Ai, meu Deus! Sinto o sangue correndo dentro de mim, meu rosto gela, e minhas mãos começam a formigar.

Não! Eu deveria ter comido algo... tudo escurece.

Quando vejo a Lara ficar branca como um papel, paro imediatamente de rir e ajo por puro reflexo, pegando-a em meus braços antes que ela caia no chão. Escuto um barulhão e vejo Luc correndo desesperado para dentro do estúdio.

— O que houve?

— Não sei. — Ergo-a em meus braços e caminho correndo para fora, em direção ao carro. — Vou levá-la ao pronto-socorro do hospital mais próximo.

— É o Hermman Kaufmann, Cadu.

Ignoro a informação de que o hospital mais próximo é o da família da Mônica e coloco Lara, ainda desacordada, no banco do carona, prendendo-a com o cinto de segurança. Ela está tão fria que fico apavorado, assim, dirijo como um

louco até o hospital de luxo onde Amanda nasceu há pouco mais de seis anos e onde nós dois – Mônica e eu – ficamos internados após o acidente.

Essas lembranças, principalmente as últimas, são dolorosas demais para mim. No entanto, tento ignorá-las e sigo em frente. Nunca mais estive lá desde que recebi alta e soube que Mônica havia morrido. Lembro-me da dor da notícia, do desejo de ter ido com ela, da culpa que senti e que sinto até hoje.

Olho para o lado, e Lara ainda permanece desmaiada, o que renova minha convicção de entrar de novo naquele hospital. Sinto-me culpado por ela estar nessa situação, pois eu deveria a ter levado para almoçar, conversado sobre Amanda, como tencionava fazer, e não ter ligado para o Luc, aproveitando a oportunidade para testar minha teoria sobre sua voz e a música do Deco.

Porra, Cadu!

No entanto... como eu poderia imaginar que a mesma garota que não tem medo de ter de enfrentar a fúria dos Kaufmanns iria desmoronar quando eu dissesse que a havia escolhido para cantar comigo?! Provavelmente foi a falta de comida. Só pode ter sido isso! Lara estava na faculdade desde cedo, e eu, como um idiota, deixei-me empolgar e esqueci de priorizar a alimentação dela.

Estaciono à porta da emergência do HK e entro correndo com ela em meus braços. Sou atendido assim que as portas da emergência se abrem, e logo enfermeiros aparecem, tiram-na do meu colo e a colocam em uma maca, conduzindo-a para dentro do pronto-socorro. Uma das recepcionistas me chama para fazer a ficha do atendimento, e eu me lembro de que deixei a bolsa dela na sala do Luc.

Não sei nada sobre a Lara, apenas seu nome e sobrenome, por isso preencho a ficha com meus próprios documentos e pago o atendimento, informando que sou parente para poder entrar e vê-la.

Fico andando de um lado para o outro na recepção e, quando um dos médicos aparece e vem até onde estou, sinto-me suando de ansiedade.

— Você foi quem trouxe a Lara Martins? — questiona e olha no formulário. — Carlos Eduardo Souza? — Assinto, lembrando que omiti propositalmente o meu sobrenome famoso. — Sou o doutor Chagas, cardiologista de plantão.

Cardiologista?! Ela teve um ataque cardíaco? Fico nervoso por Lara estar sendo socorrida por um especialista e não um clínico.

— Como ela está, doutor?

— Bem, não se preocupe. — Respiro aliviado. — Foi apenas uma queda de pressão, e já a colocamos no soro. — Tenciono perguntar se posso vê-la, até que ele completa: — Entretanto, acho que ela deveria passar por uma bateria de exames por causa das cirurgias...

— Cirurgias? — interrompo-o.

— Ela tem cicatrizes de cirurgias no peito, provavelmente no coração, por isso me acionaram. Coloquei-a, antes de ela despertar, no eletrocardiograma e estou monitorando seus batimentos. — Começo a tremer ao imaginar que Lara sofre de alguma doença séria. — Aparentemente seu coração está saudável, mas, pelas condições das cicatrizes, creio que ela tenha sofrido intervenção cirúrgica mais de uma vez. — Ele franze o cenho ante minha expressão de surpresa. — O senhor não é parente?

Porra! Coloquei na ficha que era, mas como um parente não saberia disso?! *Pensa, Cadu!*

— Namorado — respondo rapidamente. — Estamos juntos há pouco tempo e...

— Há algum parente dela que possamos contatar? — Nego. — Certo. Assim que ela estiver em condições de conversar, fale com ela sobre os exames. — Ele aponta para uma salinha, e eu entro, vendo-a deitada na cama, com soro intravenoso no braço esquerdo.

Aproximo-me de Lara, que abre os olhos lentamente, a cor voltando à sua face.

— Ei, você me deu um susto! — brinco com ela. — Bem-vinda de volta!

Ela sorri sem jeito e, quando vai tomando consciência de onde está, noto o pânico tomar conta de seu semblante.

— O que houve? — Imediatamente vejo-a colocar a mão sobre o tórax.

— Eu deveria ter ido direto ao restaurante! Você teve uma queda de pressão. — Pego sua mão que está sobre a cama. — Lara, o doutor ficou preocupado com... — Aponto para sua mão.

Ela fecha os olhos, como se lamentasse que eu tenha descoberto sobre sua situação.

— Está tudo bem. — Ela olha para o lado e vê a máquina de eletrocardiograma. — Ou não está?

Pela primeira vez Lara parece tão insegura que eu, para acalmá-la, rio e aperto sua mão com delicadeza.

— Está, sim, mas ele acha que você deve fazer uma bateria de exames.

— Eu vou. Depois de amanhã, na verdade. O senhor Kaufmann agendou um cardiologista do hospital dele para mim.

A informação me pega de surpresa. Anselmo cuidando pessoalmente de uma empregada? O que está acontecendo?!

— Já estamos no HK, Lara. — Ela fica tensa. — O que houve com você?

Ela me encara, séria.

— Não é contagioso, não se preocupe!

Bufo diante da minha rispidez ao perguntar aquilo. *Mula!*

— Porra, desculpa, eu não quis insinuar isso, apenas estou preocupado com...

— Eu nasci com uma deformidade no coração — Lara não me olha e, pela sua voz, percebo que detesta falar do assunto. — Operei desde bebê e, enfim, na adolescência, tudo se resolveu. Fim. — Ela se levanta, e eu me movimento para ajudá-la. Entretanto, Lara não aceita meu auxílio. — Eu não gosto de falar sobre isso, Cadu. Não é algo que eu goste de ficar anunciando, principalmente porque sei que vou receber olhares de pena, como o seu agora.

Balanço a cabeça, negando.

— Meu olhar é de preocupação, não de pena, Lara. — Chego bem perto dela. — Não tenho motivo para ter pena de você, pelo contrário. Saber que você passou por tudo isso e ainda é como é só me faz te admirar, de verdade.

Mais uma vez sinto o clima entre nós mudando, e isso não me agrada. Não sei o motivo pelo qual me sinto tão atraído por ela, afinal, nem é meu tipo de mulher. Todavia, ela me atrai de uma maneira tão forte, tão diferente de tudo que tenho sentido desde que Mônica se foi. Talvez por ela ser mais do que apenas uma mulher bonita. Lara é linda por dentro e por fora, eu sinto que ela é especial. Sim, todos à minha volta já tinham notado isso, menos eu, mas agora eu sei que a menina – não, a mulher! – à minha frente é uma pessoa muito especial.

Saber que passou por momentos difíceis na infância me faz entender por que Amanda é tão importante para ela. Entendo também o motivo pelo qual ela está se arriscando tanto para deixar minha pequena feliz. Lara sabe o que é não ter infância, não ser livre para brincar como as outras crianças, ela entende minha filha.

Começo a fazer carícias em sua mão, sentindo a emoção de saber o quão especial ela é e a gratidão por ter entrado na minha vida. Fico alguns instantes assim, apenas tocando-a lentamente, até que nossos olhares se cruzam de novo e o carinho, até então completamente casto, transforma-se em algo mais.

Não é o local nem o momento para eu admitir, enfim, que o meu corpo reage ao dela, mas não reprimo o sentimento, como o fiz nas vezes passadas, deixando-me sentir o que a proximidade da sua pele com a minha, mesmo através de um toque tão sutil, faz com todo o resto de mim.

Sei que nunca vou demonstrar para Lara que sinto essa atração ou mesmo nunca vou ter coragem de lhe propor uma noite apenas. Contudo, esse mesmo conhecimento não me impede de sentir, de querer, de fantasiar. Ah... as fantasias em minha mente!

Escuto uma batida à porta e me arrumo na cadeira, liberando Lara do meu contato, totalmente constrangido por ter dado asas a algo que eu deveria reprimir

a todo tempo. Não devo ter esse tipo de pensamento com ela, não devo alimentar algo que pode só quebrar sua confiança em mim e, consequentemente, afastá-la.

Quando o visitante aparece, fico tenso e temeroso de que tenhamos nos arriscado demais e de que tudo o que conseguimos até agora com Amanda acabe ruindo.

— Lara, eu soube que... — Anselmo me encara. — Carlos Eduardo?

Respiro fundo e me ponho de pé.

— Boa tarde, doutor — cumprimento-o, embora ele pareça em choque por me ver aqui com ela. — Eu estava com a Lara quando ela passou mal.

O olhar do médico se intercala entre nós dois, visivelmente confuso com a informação.

— Doutor Anselmo, eu... — Lara começa como se fosse contar tudo, e eu a interrompo a tempo:

— Eu pedi para conversar com ela, pois queria uma ajuda para escolher algo para minha filha.

Ele assente, embora contrariado.

— É o dia de folga dela, Carlos Eduardo. — Passa por mim e vai até o papel que a máquina de eletrocardiograma emitiu. — Você já pode ir. — Encara-me. — Obrigado por tê-la socorrido.

Olho para Lara, que me faz um gesto para que eu saia.

Merda! Sinto-me descartável e, ao mesmo tempo, desconfortável em deixá-la sozinha com o médico. Não sei o que diabos está acontecendo entre os dois, mas o jeito do meu ex-sogro com ela não é normal! Definitivamente ele tem algum interesse nela!

— Lara, melhoras, e qualquer coisa que precisar...

— Ela está sob nossos cuidados, Cadu — Anselmo me interrompe mais uma vez. — Pode ir.

Saio do quarto puto, batendo a porta, querendo questionar o que está acontecendo, os motivos de ele ser tão possessivo em relação a ela. Alguma coisa está estranha nessa relação e, além de me encher de raiva pensar que ele possa estar se aproveitando da Lara, também fico louco de ciúmes.

Porra!

— Como assim estranho? — Milena me questiona.

— Protetor demais, quase possessivo — informo.

Quando cheguei a minha casa, vindo do hospital, Luti estava aqui no

apartamento me esperando e Milena ainda não tinha saído para trabalhar. Contei a eles o que havia acontecido e, ignorando totalmente o fato de eu ter levado a Lara para o estúdio e a feito desmaiar, eles se fixaram no que eu disse sobre o doutor Anselmo e ela.

— Você acha que está acontecendo algo entre... — meu amigo finalmente pergunta.

— Lara não faria isso! — Milena a defende, interrompendo-o. — Gente, a moça é um doce, tímida, não tem perfil de quem se meteria em uma relação dessas.

Concordo com minha irmã, mas acontece que talvez ela não tenha tido escolha.

— Nem sempre as coisas são simples assim, Mi — manifesto meus pensamentos, e ela concorda. — Eu vi como ele a tratou, verdadeiramente preocupado, como se ela fosse importante para ele. Sinceramente, não gostei, pois isso não é o normal daquela família.

— Talvez ele soubesse do problema no coração — Luti arrisca. — Pessoal... claro! Ele é cardiologista, não é? — Assinto. — Então! Talvez Lara tenha sido paciente dele desde criança e ele até conheça a sua família, por isso a empregou.

Olho para minha irmã e vejo que ela parece achar a suposição de Luti algo provável. Sim, há essa possibilidade, mas Lara é do interior do estado, e, se Anselmo conhece a família dela, porque só agora, depois de mais de um ano em São Paulo, ela foi trabalhar para eles?

Sinto que há algo errado acontecendo nessa história. Conheço meus ex-sogros, principalmente a Geórgia, e sei que Lara nunca preencheria o perfil de uma funcionária. Professora de música já era difícil de acreditar, mas, como ela é realmente muito talentosa, acredito que possa ter provado para minha arrogante ex-sogra que era boa, mas daí a ser contratada como babá?

Não sei se ela já teve alguma experiência com isso antes, mas ela é jovem demais para o padrão dos Kaufmanns, além de ser estudante, sem referências na capital... O casal nunca a colocaria para morar com eles, tomar conta de Amanda sem ter – um deles ou os dois – algum interesse na moça.

Minhas mãos se crispam ao pensar que Anselmo a queira e que por isso a colocou dentro de sua casa, para ficar mais perto e ter mais chances. Lara fala muito bem dele e, pelo que vi hoje, ele parece cuidar das coisas pessoais dela, como marcar suas consultas. Bufo, confuso e muito irritado.

— Ei, Cadu, não se preocupe! — Milena balança o celular. — Enviei mensagem para o celular dela e espero que, assim que ela tenha alta e receba a bolsa que você mandou entregar, me responda.

— Eu estou preocupado com as consequências de terem descoberto que ela e eu estamos mantendo contato — digo com sinceridade, porque isso não me sai da cabeça. — Eu não quero prejudicá-la, e, se não fosse por minha filha, eu lhe diria para nunca mais voltar para aquela mansão, então estou mesmo preocupado com ela, é inevitável.

— Vamos torcer para que tudo dê certo — Luti fala. — Ela comentou comigo sobre a doença da sua infância. Claro que eu pensei que não fosse algo tão grave, mas a vontade de viver intensamente que ela demonstra deveria ter me alertado. Deus do Céu, ela é tão frágil, no entanto, é uma das mulheres mais fortes que já conheci.

Sou obrigado a concordar com o Luti, mesmo me sentindo um tanto preterido por ela ter contado algo pessoal para ele e eu só ter descoberto sobre a doença e as cirurgias porque ela passou mal. Porém, o que eu queria? Ela mal fala comigo!

O jeito da Lara, seu físico, seu rosto angelical, tudo isso passa a impressão de que ela é frágil como uma boneca de porcelana, porém, sua coragem e força de vontade são de ferro, eu já percebi.

— Vocês dois tinham razão — confesso. — Ela é incrível!

Milena não esconde o sorriso, e balanço a cabeça, já sabendo – por causa da nossa conversa sobre o guardanapo – que ela tem algum tipo de intenção de nos aproximar. Na oportunidade, deixei bem claro para minha irmã que eu não estava nem considerando uma situação dessas e ainda não estou. Não seria justo para a Lara que eu me aproximasse dela apenas pela Amanda, sendo que nunca poderia oferecer mais do que amizade e algumas trepadas ocasionais.

O melhor – para ela e para minha filha – é manter nossa relação estritamente amigável, e apenas isso. Se Milena soubesse que tenho tido pensamentos eróticos com a Lara, iria forçar ainda mais a situação.

Eu não tenho culpa de sentir isso! Reprimo, finjo que não sinto e tento ao máximo ignorar as sensações, mas é bem difícil me enganar quando estou sozinho na cama à noite e imagens dela sorrindo, cantando me fazem ter uma ereção.

Porra! Sei que ela não é uma menina, é uma mulher de 22 anos. Contudo, sinto-me horrível por me masturbar pensando em Lara. Não deveria ser assim! Ela nunca fez nada que demonstrasse que sente o mesmo por mim, e isso me faz sentir nojo da minha atitude. É como se eu estivesse abusando de sua confiança. Eu preciso trepar urgente, é isso!

— Ela respondeu! — Milena praticamente grita, resgatando-me dos pensamentos sobre como a babá de Amanda me faz sentir. — Disse que está bem, que foi só um susto e me pediu para te agradecer.

— E o Anselmo? — não consigo evitar que minha voz demonstre a contrariedade que sinto por ele ter ficado com ela e me dispensado.

Milena dá de ombros.

— Não disse mais nada, Cadu. — Mostra-me o celular. — Me deu boa noite e agradeceu a preocupação.

— Caralho!

Minha irmã se assusta com meu xingamento e com a forma como me levanto do sofá. Não vou conseguir simplesmente ficar aqui em casa, sem notícias direito.

— Vou até lá — informo, já me encaminhando para a porta.

— Mano, está louco?! — Luti me detém. — Lara deve estar cansada, ficou o dia todo no hospital, e nós não sabemos com o que ela está lindando lá com os Kaufmanns. Pense!

— Luti tem razão, Cadu. Amanhã você irá visitar a Amanda, então terá a oportunidade de saber em que pé estão as coisas.

— Eu me preocupo com ela, com a forma como eles a estão tratando e...

— Mano, amanhã! Se você for até lá alterado como está, vai pôr tudo a perder. Todos vão descobrir que Lara tem amizade conosco, ela será mandada embora, e aí, adeus encontros com Amanda além da data determinada pelo juiz.

Respiro fundo, buscando me acalmar e concordo.

Sim, Luti tem razão! Amanhã é meu dia de passar duas horas com Amanda, então vou ver a Lara – caso Anselmo não a tenha demitido – e poderei saber como ela está, além de tentar entender o que existe entre a babá e o patrão.

Amanhã!

— Você está bem, Lara, não se preocupe. — Doutor Anselmo sorri. — Seu coração está forte e saudável. Mas me diga, o que houve? O que a fez desmaiar?

Suspiro, sabendo que, de forma alguma, vou mentir para ele.

— Eu ia almoçar com o Carlos Eduardo, mas acabei passando mal e ele me trouxe para cá. — Doutor Anselmo tem sido ótimo comigo, mentir para ele – mais do que já tenho feito ao levar Amanda para encontrar o pai às escondidas – me deixa com a sensação de deslealdade. — Eu tenho mantido contato com ele.

— Eu sei. — Encaro-o apavorada. — Já estou ciente dos piqueniques nos finais de semana.

Deus! Sinto vontade de sumir em um buraco tamanho meu constrangimento

e ingratidão. O que será que ele deve estar pensando de mim?

— Me desculpe por ter feito isso às escondidas. Eu entenderei caso vocês decidam me...

— O que a levou a fazer isso? — ele me interrompe, e eu estranho a pergunta. — Você já conhecia o Carlos Eduardo antes? — Nego. — Então por quê?

Não há outra resposta, novamente, a não ser a verdade.

— A doença me impediu de viver muitas coisas por 16 anos. — Ele concorda, pois, como médico, sabe das limitações que sofri por causa do problema em meu coração. — Mas sabe o que mais me marcou durante esse período? Não poder ser criança. Quando conheci Amanda, senti o mesmo, por isso me apeguei e quis muito poder fazê-la brincar e se divertir. — Doutor Anselmo abre um sorriso emocionado. — Quando soube da situação do pai e de como estar longe dele a machucava, eu pensei que gostaria de ajudar.

— Fez isso, então, pela minha neta.

— Claro! — afirmo. — Tudo o que eu mais quero é ver a menina feliz!

Ele senta-se na beirada da cama onde estou.

— Não condeno você. Não concordo com essa briga com o Carlos Eduardo, não mais — essa confissão me surpreende e, ao mesmo tempo, me enche de esperança. — No começo, ele realmente não tinha condições psicológicas de ficar com a Amanda. Para ser sincero, até pouco tempo eu não o deixaria com minha neta, mas ele é o pai, a ama, e ela retribui esse sentimento. — Concordo. — Entenda bem, Lara, não quero perder minha neta, só acho que ele poderia passar mais tempo com ela.

— Também acho! — Animo-me. — Seria ótimo se...

— Geórgia não pensa assim. — Sinto parte da esperança esmorecer. — Ela nunca vai aceitar que ele fique mais tempo com minha neta e muito menos que a crie. Nós perdemos nossa única filha, e ela se apegou a Amanda para não enlouquecer de dor. Não concordo com os métodos dela, mas sei que tudo o que faz é para o bem da menina.

— Mesmo fazendo-a sofrer? Mesmo deixando um enorme vazio em seu coração?

Ele dá de ombros.

— Tento compensar. — Assinto, pois sei que ele o faz. — Eu penso que você foi a melhor coisa que aconteceu na vida da minha neta e é por isso que, além de não ter revelado nada sobre os “encontros”, também resolvi deixar que vocês tivessem esse tempo.

Sorrio, agradecida.

— Essas horas têm sido muito importantes para a Amanda...

— Lara — ele não me deixa concluir a frase, e sinto que o que vai dizer será sério —, eu pensei que os “encontros” fossem entre Amanda e o Carlos Eduardo e que você apenas supervisionava. — Abro a boca para dizer que é assim, mas ele continua: — Hoje vocês estavam indo almoçar juntos e, apesar da hora em que você deu entrada, sei que não o fizeram, o que ocasionou seu desmaio.

— Ele me levou para o estúdio e me pediu para cantar uma música. — Vejo surpresa no semblante do doutor. — Só isso! Achou que eu tinha uma voz boa e quis fazer um teste.

— Eu notei... — Ele se levanta. — Lara, o Carlos Eduardo era apaixonado pela minha filha, e, quando a perdeu, nós achamos que ele iria cometer uma loucura. Não fez o que imaginávamos, mas acabou com sua vida. Eu sei que ele teve problemas com drogas e com álcool, além de outras coisas, escândalos, mulheres e... enfim, ele é um homem muito complicado.

Entendo aonde ele quer chegar. Mesmo querendo negar e retrucar que não é nada disso, não o faço. Decidi não mentir para ele, ainda que não diga diretamente que o Cadu mexe comigo, com meus sentimentos. Sei de tudo o que ele falou, e é a pura verdade! O amor que Cadu sente pela mãe de Amanda não morreu com ela, vive, persiste e é claro como água. Ainda que eu o queira, que eu sonhe com ele, entendo que me envolver com um homem assim é pedir para sofrer.

— Não se preocupe comigo, doutor. Sei o quanto ele é apaixonado pela sua filha. Não albergo nenhuma intenção de um relacionamento com ele além do amigável, em prol de Amanda.

Ele sorri, satisfeito com minha resposta.

— Eu gosto de você, Lara, e não gostaria de vê-la em uma situação tão... complicada como essa com ele. Não vou proibir os piqueniques e muito menos delatá-la para minha esposa. — Agradeço. — A única coisa que peço é para não se envolver demais; você pode sair muito machucada disso.

— Eu não vou — prometo.

— Ótimo! Vou pedir ao doutor que assine sua alta, já mandei mensagem para o Hernani vir buscá-la.

Ele sai do quarto, deixando-me pensativa sobre essa conversa. Ele sabia o tempo todo que eu estava levando a Amanda para se encontrar com o pai e mesmo assim não disse nada. Agora, mesmo com tudo isso revelado, disse que não vai proibir e nem me denunciar, apenas pediu para que eu me proteja, para manter meu coração a salvo.

Não compreendo como um homem como o doutor Anselmo pode conviver e ser casado com a Geórgia Kaufmann. Os dois são tão diferentes! Ao mesmo

tempo, é um alívio saber que há alguém sensato e sensível dentro daquela família. Isso me faz feliz por Amanda.

O motorista chega e, após a alta médica, sou levada para a mansão dos Kaufmanns. Flaviana me recebe já comunicando que o doutor avisou que eu havia passado mal na ECA e que tinha estado um tempo no hospital e que, por isso, deveria manter repouso pelo resto da tarde.

É claro que meu repouso é feito na cama, lendo histórias com Amanda – que estava muito angustiada –, e só interrompo o programa para responder uma mensagem mandada por Milena, que parece bem preocupada.

Não quero conversar sobre o que o doutor Anselmo me revelou, uma vez que amanhã o Cadu estará aqui conosco e poderei falar com ele pessoalmente. É o melhor, com certeza!

Amanda adormece na segunda história que começamos a ler, e eu aproveito o momento para abraçá-la bem juntinho a mim e fechar meus olhos também.

— Que horas papai chega? — Amanda me pergunta pela milésima vez.

Abraço-a apertado e peço para que volte a fazer a lição de casa enquanto esperamos pela visita de seu pai. Cadu não deve demorar e, para ser sincera, estou tão ansiosa por essa visita quanto a menina, mas por outros motivos. Preciso conversar com ele sobre o que o doutor Anselmo me disse no hospital. Cadu necessita saber que pode vir a ter um aliado dentro desta casa, pois o médico não é contra que ele veja mais a menina, como também, mesmo sabendo sobre os encontros às escondidas, não os impediu.

— Lara... — a senhora Kaufmann me chama à porta do quarto de Amanda. — Preciso dar uma palavrinha com você antes de o Carlos Eduardo chegar.

Meu corpo inteiro estremece de medo, mas tento parecer calma e sorrio para a Amanda, pedindo que ela continue seu exercício enquanto falo com sua avó. Meu coração está disparado, as palmas das minhas mãos suam ao sair do quarto, e em minha cabeça fico tentando adivinhar o motivo da conversa. Não é possível que ela saiba dos encontros! *Por favor, por favor! Que ela não saiba!*

— Pois não?

— Aquele vagabundo pediu a revisão da visitação alegando que nós o impedimos de ver a filha e que estamos prejudicando minha neta psicologicamente — a informação me pega de surpresa também, porém, tento não transparecer. — É absurdo que ele use de tantas mentiras para conseguir tirar Amanda de nós! Eu pedi ao nosso advogado que coloque você como nossa

testemunha de defesa e...

A partir daí eu não consigo ouvir mais nada! *Testemunha de defesa?!* O que eu terei de fazer? *Mentir?!* É claro que *ela* impõe mais dificuldade nas visitações dele, e sim, ela faz da cabeça da minha menina uma bagunça, falando mal do pai dela o tempo todo!

Se eu já estava nervosa antes, apenas com o chamado dela, imagina agora, ao me encontrar contra a parede deste jeito? Ela, claro, espera que eu concorde em detonar o Cadu diante do juiz e os ajude a manter Amanda longe do pai. Eu não posso fazer isso!

— Você entendeu, Lara? — Faço sinal afirmativo com a cabeça, mesmo não tendo a menor noção do que ela continuou a falar. — Ótimo, antes da viagem, o doutor Amarantes vai passar aqui para conversar com você.

— Viagem? — pergunto curiosa.

— Sim. — Ela me olha como se eu tivesse demência. — Está na agenda de compromissos da Amanda. — Bufa impaciente quando eu não consigo disfarçar que não faço ideia do que ela está falando. — Viajamos na sexta-feira para Berlim.

— Berlim?

Ela rola os olhos, provavelmente me achando burra. Claro que eu sei onde fica Berlim, mas não fazia ideia da viagem!

— Na Alemanha, Lara! Nossa família veio de lá e... — ela desiste de perder tempo comigo. — Enfim, quando voltarmos de viagem, o doutor...

— Eu terei que ir também? — indago, sentindo-me apavorada.

— Óbvio! — A senhor Kaufmann me dispensa com a mão e caminha de volta para sua suíte.

Fico um tempo ainda parada no corredor, estarrecida, surpresa por saber que a família vai viajar para a Europa e eu não tinha percebido isso na agenda. Porém, não tanto quanto ao descobrir que a senhora Kaufmann tenciona que eu vá junto com eles. Eu! Deus! Nem quero ver a reação dela quando eu disser que não tenho passaporte! Eu *nunca* viajei de avião na vida! Por que deveria ter sequer um passaporte?

Olho para o relógio em meu pulso, conferindo que faltam menos de 30 minutos para o horário de chegada do Cadu e desço correndo ao encontro da senhora Flaviana. Encontro-a na cozinha, repassando o menu do jantar com a Eliza.

— Ei, Lara, o que houve? — Ela se levanta ao me ver. — Você está branca como cera!

— Acabei de descobrir que a família vai viajar no final de semana. — Flaviana assente. — E que eles esperam que eu vá junto!

— As babás de Amanda sempre os acompanham, isso é normal e...

— Flaviana, eu não tenho passaporte! — disparo com voz desesperada.

Ela fecha os olhos e faz uma careta, e isso, vindo de uma mulher que sabe fazer a tal da *poker face* perfeitamente, quer dizer que eu estou encrencada.

— Na contratação eles sempre perguntam sobre o documento, mas a sua não foi convencional, eu sei — comenta. — Prepare-se, Lara.

— Acha que ela vai querer me mandar embora?

— Provavelmente, mas o doutor Anselmo deve intervir ao seu favor. Ele sabe o quanto a menina é apegada a você e valoriza muito seu trabalho com ela.
— Eu assinto, esperançosa. — Mas vai ser um caos!

Deus do Céu, mais essa! Agradeço a ajuda da governanta e subo de volta para o quarto, onde Amanda já me espera com a lição feita. Corrijo o dever para que ela não perceba minha aflição, mas minha cabeça não para de produzir imagens horríveis sobre ser demitida e ter de permanecer longe dela para sempre.

Elogio o capricho de sua letra e o seu desempenho no exercício e, em seguida, chamo-a para esperar seu pai na sala de brinquedos. Descemos juntas, de mãos dadas, e eu vou forçando sorrisos para disfarçar meu receio e inquietação.

Preciso conversar com o doutor Anselmo! Ele provavelmente não está em casa, então devo ficar atenta para falar com ele assim que chegar. Flaviana tem razão ao dizer que ele pode me ajudar a sair dessa enrascada, embora eu tenha certeza de que não dá tempo de produzir um passaporte em alguns dias!

E o visto? Não precisa de visto para ir até a Alemanha? Sinceramente não sei, mas penso que não, uma vez que, se assim fosse, eles já teriam me pedido os documentos para solicitar a permissão de entrada.

— Vamos fazer uma pintura juntos hoje? — Amanda sugere, apontando para seu cavalete de pintura e as aquarelas.

— Claro, Raio de Sol, é uma ótima ideia!

Ela sorri animada e me ajuda a organizar tudo para a sessão artística.

Minutos depois, ouvimos a porta dupla da sala ser aberta, e Cadu aparece com um sorriso no rosto e presentes nas mãos.

— Papai! — Amanda corre em sua direção, e ele a abraça forte. No entanto, seus olhos verdes estão fixos em mim.

Sorrio nervosa para ele, sabendo que deve estar preocupado por causa de ontem. Eu gostaria de poder falar com Cadu sobre os últimos acontecimentos – a descoberta do “nosso” segredo e sobre a viagem –, porém, devo esperar até o final da visita para não correr o risco de estragar o dia.

Minha intenção é nobre, mas eu já disse a vocês que não sei disfarçar as

coisas muito bem, não é? Assim que ele se aproxima para me cumprimentar, já parece perceber que algo errado está acontecendo comigo.

— Tudo bem, Lara? — Sorrio, ou acho que sorrio, e assinto. — Tem certeza? — Reafirmo que sim. — Não está se sentindo mal ainda e...

— Está tudo bem, obrigada. — Coloco minha mão no seu braço, e o contato me faz lembrar da maldita atração que sinto por ele, motivo pelo qual me mantenho distante.

Ontem, no hospital, um pouco antes de o doutor Anselmo aparecer, eu senti um clima estranho. Não sei se foi o jeito que ele me olhava – como se visse além de mim – ou as carícias que fazia na minha mão que me deram essa sensação. É quase como se ele também sentisse o que sinto cada vez que estamos próximos, o que me faz achar que eu deveria estar realmente mal. Cadu nunca se sentiria atraído por mim, ainda mais depois de eu lhe ter dado um susto ao desmaiar no estúdio e de ele ter descoberto que passei a maior parte da minha vida em hospitais. Provavelmente o que ele sentiu naquele momento foi pena, e meu tolo coração apaixonado romantizou o sentimento.

Ele olha para a minha mão em seu braço, e eu faço um movimento para retirá-la. No entanto, ele a toca, mantendo-a no local.

— Eu preciso conversar com você, Lara.

— Eu também. — Olho para Amanda, que está separando folhas e pincéis. — Queria que fosse pessoalmente, mas não agora. Esse tempo é de vocês, e não quero atrapalhar isso.

Ele concorda e sorri.

— Eu te trouxe uma coisa. — Entrega-me uma caixinha. — Abra somente depois que eu for embora.

Eu concordo, e ele vai até a filha e lhe entrega uma sacola. A caixinha de presente em minha mão me deixa feliz e curiosa, porém, guardo-a, como me pediu e caminho ao encontro deles, assistindo a Amanda tirar um livro de dentro de seu embrulho.

Ela fica encantada com os desenhos, apenas traçados, que ela poderá pintar. É um livro grosso cheio de imagens sem cores, no qual ela poderá exercitar sua imaginação e colorir como quiser.

— Olha, Lara! — Agarra-o pelo pescoço. — Eu quero pintar já!

— Vou pegar lápis de cor! — Vou até seu material de pintura e tiro o enorme estojo de lápis do meio de tintas e pincéis. — Acho mais apropriado que a aquarela, por causa da folha fininha.

Ela concorda e leva seu livro para a mesa infantil, abrindo-o bem e nos chamando para pintar com ela. Sentamo-nos um de cada lado de onde ela está e começamos a brincadeira.

Começo a relaxar ouvindo a conversa dos dois, as risadas e, principalmente, sentindo o amor e carinho de pai e filha. Espero que o Cadu vença a tal ação de revisão e que os dois possam passar mais tempo juntos, embora isso faça com que nossos piqueniques percam o sentido e, consequentemente, que eu o veja menos. Talvez o único contato que terei com ele, caso consiga mais tempo de visitação, seja quando ele vier buscar e quando trouxer a menina de volta a essa casa. Isso se eu ainda for a babá dela!

Estremeço ante a possibilidade. Devo ter emitido algum som – um gemido, talvez –, pois recebo um olhar preocupado do Cadu. Sorrio, sem jeito, e ele volta a se concentrar na filha.

Como sempre, faltando alguns minutos para o fim da visita, a senhora Kaufmann aparece e anuncia que é hora da despedida.

— Amanda — ele a chama. — Papai não vai poder participar do piquenique nesse final de semana, pois vai precisar viajar a trabalho. — A menina assente, triste. — Mas prometo mandar fotos e vídeos para o telefone da Lara.

Concordo, parecendo animada para Amanda.

Eles se abraçam, e meus olhos se enchem de lágrimas. Faço uma prece pedindo para que ele consiga mais tempo com ela, para que os dois possam ficar juntos, para que Amanda receba esse afeto todos os dias, não importando se eu vou deixar de vê-lo por causa disso. Eu e meus sentimentos – tanto pela filha quanto pelo pai – nunca fomos o foco da questão aqui. O importante sempre foi a felicidade de Amanda, e estar com o pai é o que a faz feliz.

Flaviana aparece na sala, com lanches, mas Cadu e eu declinamos. Peço à governanta para ficar com Amanda durante um instante para que eu troque umas palavras com o pai dela.

A mulher me olha desconfiada. Contudo, aceita.

— Não posso demorar muito — aviso a Cadu. — Ontem, no hospital...

— Lara — ele me interrompe e pega minhas mãos —, o que está acontecendo entre o doutor e você?

Franzo o cenho, não entendendo a pergunta.

— Eu notei o quanto ele é possessivo e o modo como agiu ontem no hospital. Isso não é o normal dele, não é próprio dos Kaufmanns serem tão paternalistas com um empregado. — Ainda continuo muda, sem saber do que ele está falando. — Lara, ele mantém com você algum tipo de relação além da de patrão?

Arregalo os olhos diante do que ele me questiona. Cadu não está pensando que o doutor Anselmo e eu.... encaro-o e vejo a verdade em seus olhos. Deus! Ele está pensando, sim!

— Claro que não! — Solto minhas mãos das dele, indignada. — Ele é apenas preocupado e gentil comigo!

— Lara, isso não é...

— Nunca — digo tremendo —, nunca mesmo o doutor foi inconveniente comigo! Ele é gentil com todos, preocupado, humano e...

Cadu segura meus ombros, e eu me dou conta de que estou soluçando. A tensão deste dia e agora a pergunta desconcertante me deixam nervosa e, antes mesmo que eu saiba do que está ocorrendo, sou puxada para um abraço apertado. Ele me envolve firme, suas mãos passando em minhas costas como quem está consolando, e eu apoio minha cabeça em seu peito, sentindo seu cheiro bom e ouvindo as batidas de seu coração, deixando-me ser apaziguada.

— Tudo bem, Lara, eu entendi. Me desculpa por ter pensando isso ou mesmo por ter te perguntado. Eu sinto muito ter te deixado nervosa.

Ergo a cabeça e assinto, e Cadu segura meu rosto, olhando-me dentro dos olhos.

— Você é especial, Lara, e eu odiaria que alguém te magoasse.

Sorrio ante o elogio e o cuidado. Sinto seus dedos limpando as minhas lágrimas, e em seguida ele beija minha testa.

Ai, porcaria! Fecho os olhos para não imaginar seus lábios tocando os meus, para que eu não me iluda achando que o que ele disse significa mais do que realmente é. Cadu me vê como uma amiga, alguém com quem ele pode contar na luta para conseguir mais tempo com a filha, nada mais.

— Ele sabe, Cadu — decido contar de uma só vez, sem enrolação. — Ele sabe sobre os piqueniques.

— O quê?! — Sinto-o apavorado.

— Acho que, desde o primeiro dia, ele ficou sabendo, mas disse que não ia impedir e nem nos delatar. — Cadu parece surpreso. — Além do mais, me contou que não concorda que você tenha tão pouco tempo com a Amanda. Ele é diferente dela, da esposa.

Carlos Eduardo nega, mas eu reafirmo. Ele parece realmente surpreso, e eu me questiono o quanto realmente conhece o ex-sogro. Doutor Anselmo não é como a senhora Kaufmann, nunca foi, e, embora Cadu alegue que os conhece muito bem, penso que ele se baseia no que conhece dela para julgar o marido.

— Você tem certeza de que ele não irá impedir ou usar isso contra mim?

— Tenho, sim, ele me garantiu.

— Uau! — Ri, sem jeito. — Essa me pegou desprevenido.

— Eu soube do pedido de aumento da visitação. — Ele franze a testa. — A senhora Kaufmann veio conversar comigo. Ela quer que eu dê algum tipo de declaração contra.

— Merda, Lara!

— É. — Dou de ombros. — Eu não vou mentir, Cadu.

— Ela vai te demitir, e isso vai ser pior para Amanda. — Ele começa a andar em círculos na cozinha. — Imagina se eu não conseguir aumentar meu tempo e ainda você não estiver aqui. Não, Lara, faça o que eles te mandarem fazer.

— Eu não posso!

— Pode, sim! — Segura-me novamente. — Eu não posso deixar você sair da vida da minha filha, ela precisa de você aqui! Eu também preciso! — Assinto. — Enquanto Amanda estiver sob a tutela dos Kaufmanns, preciso de alguém que me dê a segurança de que ela está sendo bem-cuidada, amada!

Sim, eu sei que ele tem razão. Todavia, pensar que eu posso vir a prejudicar seu pedido é doloroso. Além do mais, há a questão do passaporte. Abro a boca para falar do assunto, mas, no justo momento, Eliza aparece.

— Lara, a Flaviana mandou avisar que a senhora Kaufmann quer falar com você. — Ela olha para as mãos do Cadu nas minhas, e eu me solto dele. — Eu disse que você tinha ido ao banheiro, então não demore.

— Eu já vou embora — ele declara. — Posso te ligar mais tarde? — indaga baixinho.

— É melhor não. Falo com você por mensagem no celular da Milena, pode ser?

Ele assente e se despede, deixando-me sozinha na cozinha.

— Isso vai dar merda para o teu lado, Lara — Eliza comenta. — Sei que ele é um gato, te entendo nisso, mas se os Kaufmanns sonharem que você está tendo esse tipo de contato com ele...

— Tipo de contato? — ela sorri, maliciosa, ao meu questionamento. — Não, Eliza! — Rio nervosa ao constatar que ela pensa que está rolando algo entre nós dois. — Ele só queria saber umas coisas sobre Amanda, não está acontecendo nenhum “tipo de contato” entre nós.

— Sei... Eu não te julgo, ele é um espetáculo de ver e ouvir. — Abana-se, e eu rio. — Mas tome cuidado.

Não insisto negando que há algo entre mim e ele. Contudo, fico imaginando o que a levou a pensar isso. Nossas mãos juntas, talvez? Ora, somos amigos! Amigos se tocam!

Vou, com o coração na mão, ao encontro da senhora Kaufmann, torcendo para que ela não peça meu passaporte – aquele que não possuo – para a viagem.

Doutor Anselmo, me salve!

Porra, Cadu!

Entro no carro e encosto a cabeça no volante, sentindo-me um boçal por ter feito Lara chorar ao questionar o tipo de relação que ela tem com o doutor Anselmo. Claro que ela nunca se submeteria a uma coisa dessas! O que me levou a ter essa atitude tão... Bufo, tentando ignorar a palavra, mas sabendo que é a verdade. Eu senti ciúmes, além de indignação e preocupação com ela. Lara é especial, é doce, sincera, e eu deveria apenas olhá-la como a amiga que tem se mostrado, mas não consigo.

Ela está mexendo comigo como mulher alguma tem feito há muito tempo. Não entenda mal, não estou falando de sentimentos profundos, mesmo porque

meu coração e meu amor ainda continuam sendo de Mônica, mas de *vontade*. Eu sinto vontade de conhecê-la melhor, além de apenas trepar com ela.

Rio de mim mesmo ao pensar na reação da moça se soubesse que penso nela de forma sexual. E penso muito, aliás! Lara virou minha principal fantasia. Mesmo com seu jeito tímido, eu penso em como seria tê-la em minha cama, nua, pronta e entregue.

Imagino como são suas reações ao prazer, seus gemidos, seu toque. Ah, tocá-la é bom demais! Mesmo um abraço, ou sua mão na minha, me traz uma sensação deliciosa. Eu me sinto mal por reagir dessa forma, porque não acho certo ter esse tipo de pensamentos sobre ela, que nunca sequer demonstrou interesse em mim.

Não sou esse tipo de homem que acha que tem direito de encostar numa mulher com malícia, nunca fui. Cresci com duas mulheres fortes que sempre me ensinaram que isso não é certo. Se há interesse recíproco, ótimo! Se não há, é assédio! É por isso que tento ao máximo reprimir as sensações que a proximidade com ela me causa, porque, além de não achar correto, é a Lara! Eu a vejo como uma mulher com quem quero manter amizade para o resto da minha vida por quem ela é, como ela é e tudo o que faz pela minha pequena. Não posso colocar tudo a perder por causa do meu pau, que não entende limites e está sem sexo e desesperado há algum tempo.

Eu preciso trepar!

Dou a partida e sigo em direção ao apartamento. Hoje tenho reunião no A.A., e amanhã, consulta com o doutor Steter, então preciso continuar focado na minha recuperação para estar forte quando e se o novo pedido de revisão da visitação for negado.

Não vou prejudicar a Lara, mesmo correndo o risco de os Kaufmanns usarem-na para derrubar meu pedido. Sorrio ao lembrar que ela estava disposta a perder o emprego para não falar mal de mim. Claro que eu não ia permitir, mesmo porque, sem ela, prejudico não só meus encontros com minha filha, mas a entristeço.

Esse é só o pedido de aumento de tempo de visitação, não é ainda o da guarda, o principal, que está em sede de recurso. Não adianta eu ter mais tempo com Amanda se, durante todos os dias em que ela estiver na casa dos Kaufmanns, ficar sem a Lara. Não! É preferível eu perder essa ação do que minha filha perder a companhia dela.

Meu telefone celular vibra no bolso, e o nome da Angélica aparece na tela do carro. Respiro fundo, pois meu último encontro com ela foi tenso e penoso demais para mim, e eu não sei se deveria voltar a vê-la. No entanto, atendo ao telefone. Eu a conheço há muitos anos, seria muito mal-educado não responder à

sua ligação.

— Cadu, seu lindo sumido! — sua voz é animada.

— Oi, Angel. Como vai?

Ela ri, sexy, e meu pau dá início a uma reação. A falta de sexo vai me enlouquecer!

— Louca de vontade de ser fodida por você. Estou em Sampa, que tal a gente se encontrar no meu...

— No seu apartamento não dá, Angel — interrompo-a, resguardando-me de qualquer problema. — Você pode me encontrar no meu apartamento agora?

— Agora? — Ri. — Uau, quanta pressa! Claro que posso!

— Te espero lá.

Desligo e, quando paro em um sinal de trânsito, fecho os olhos, sentindo-me tenso. Eu trepo com ela há anos, não estou fazendo nada demais ao continuar assim. E agora tomei precauções! Sim, vou estar em casa, sem bebidas por perto, seguro.

Além disso, Milena está na escola dando aulas e não volta até o começo da noite, tempo suficiente para umas duas trepadas boas. Mato minha vontade e a dela e, após, vou para a reunião no A.A.

Subo para a cobertura onde moro me sentindo nervoso, como se estivesse fazendo algo errado. Ainda tenho a sensação da Lara nos meus braços, de quando a abracei. Pude sentir os contornos de suas costas, o cheiro do seu perfume ficou impregnado na minha camisa, e eu sei que essa tarde de foda é mais para espantar todos essas sensações que meu corpo captou do dela. Querer aquela mulher é loucura!

Vou direto para o banho, mas, em vez de colocar a camisa para lavar, fico com ela na mão por um longo tempo. Droga! Jogo-a no cesto de roupa suja e entro no chuveiro, lavando-me com muito sabonete para que a ilusão do perfume de Lara em minha pele suma.

Instantes depois, vestido com meu roupão, o interfone toca, e eu autorizo a subida de Angélica para o meu apartamento.

— Ei, lindo! — Ela me beija.

Retribuo, mas a porra do seu perfume é forte, doce e enjoativo, e, incrivelmente, meu pau não emite nenhuma reação. Respiro fundo, tentando relaxar, dizendo a mim mesmo que a tensão sexual de mais cedo me deixou no limite.

— Seu apartamento está diferente! — Ela olha tudo em volta. — Há alguém morando com você?

Assusto-me com a sua perspicácia.

— Por quê?

— Toques femininos. — Aponta para alguns arranjos e objetos de decoração que Milena incluiu nas salas. — Aqui sempre foi mais masculino e impessoal.

Franzo as sobrancelhas ao comentário, pois nunca pensei que ela fosse tão observadora.

— Milena está morando aqui comigo.

— Sua irmã?! — espanta-se. — Hum... ela tem bom gosto. Vou conhecê-la?

Novamente estranho a pergunta.

— Não, ela está no trabalho.

— Ah... uma pena, mas também uma ótima notícia! Estamos sozinhos para fazermos umas loucuras... — Pisca, cheia de malícia, uma coisa nela que eu sempre achei excitante, mas que no momento me parece forçado. — Trouxe umas coisinhas e...

Fico tenso.

— Que coisinhas?

Ela abre a bolsa e tira de lá uma porrada de camisinhas – coloridas, com cheiro, sabor, fluorescente – e alguns pinos de cocaína.

Porra!

— Caralho, Angélica! — Afasto-me dela. — Porra! O que está havendo com você? — Ela me olha assustada. — Primeiro a bebida, agora coca? Você sabe que eu não curto isso há anos!

— Se você não quiser, sem problemas! — Ela caminha até o aparador, e eu lhe assisto afastando uma das esculturas de Milena. — Eu aproveito sozinha, e depois você se aproveita de mim e...

— Não, não vai rolar, Angel. — Aproximo-me dela e a seguro pelo braço. — Isso nem deveria estar aqui, sabia? Eu estou me desintoxicando, em recuperação por causa da bebida e lutando para ter Amanda. — Ela não me olha. — Você sabe que eu a quero comigo há anos e agora posso finalmente ter uma chance e... — Ela chora. — Angel, o que está acontecendo?

— Eu fiz um aborto, Cadu — a confissão me deixa em choque. — Ano passado, na Europa, eu estava saindo com uma pessoa e acho que a camisinha rompeu e não vimos. — Soluça. — Descobri que estava grávida e me desesperei por causa da carreira.

— O pai...

— Era um modelo também, casado. — Eu assinto, entendendo a situação. — Achei que era só ir até uma clínica e resolver o assunto, mas...

— Não foi tão simples assim?

Ela nega, ainda chorando.

— A sensação de culpa nunca me deixou. E isso me deixou meio louca,

porque eu nunca quis um filho e sempre acreditei no lema “meu corpo, minha decisão”, no entanto, parece que não posso controlar tudo em meu corpo, não é? — Ela aponta para sua cabeça. — Eu perdi meus dois maiores contratos e por isso tive que voltar para cá.

— Ah, Angel... — Abraço-a. — Por que você não me disse? Por que não me pediu ajuda?

Ela começa a chorar copiosamente, e eu a aperto mais em meus braços.

— Nunca pensei que você estivesse tão bem a ponto de oferecer ajuda. — ouvir isso me dói, mas é a verdade. Nos nossos últimos encontros, ela praticamente me carregou de tão bêbado, e eu estava tão perdido quanto ela parece estar neste momento. — Eu pensei que poderia me afundar junto com você e que estaria tudo certo, cada um na sua dor.

— Eu não quero que você se afunde, Angélica. — Ela sorri, triste. — E estou tentando não afundar.

— Eu não sei mais o que fazer para não sentir isso... — Aponta para o próprio peito. — Eu sonho com um bebê todas as noites. Sonho com o sangue, sonho com a dor, embora nada disso tenha ocorrido! Eu tinha poucas semanas, Cadu, logicamente sei que não é nada tão concreto assim, mas...

— Você não estava pronta psicologicamente para isso — completo, e ela assente.

— E o que aconteceu com minha carreira após... — dá de ombros — sinto como se fosse castigo.

— Ah, Angel, não é nada disso! Você só precisa de ajuda para se recuperar.

— Tenho que sair do apartamento em alguns dias — informa. — Vou voltar para a casa da minha avó no Sul. Estou enterrando meus sonhos, Cadu.

— Não! Você não vai fazer isso! Vamos fazer o seguinte. — Olho-a com firmeza. — Eu vou pagar um ano do seu aluguel e te conseguir ajuda médica. — Ela nega, mas eu finjo não ver. — Você vai continuar tentando. Se, dentro desse período, você quiser mesmo parar e voltar para a sua terra, tudo bem, mas tente, por favor.

— Por que você quer fazer isso por mim?

— Porque eu tive amigos que me estenderam a mão no pior momento da minha vida. Agora tenho a oportunidade de ajudar, mesmo que financeiramente, uma amiga. — Ela sorri. — Eu gostaria de fazer mais, porém, ainda lido com as dores do meu passado, e tudo o que eu te dissesse sobre superação e seguir em frente seria hipocrisia da minha parte.

— Ah, Cadu! — Abraça-me. — Você sempre foi incrível!

Eu me sinto bem, feliz em saber que poderei ajudá-la nisso.

— Angel, me prometa parar com tudo isso — peço. — Não sei o quanto

você está envolvida...

— Não sou viciada. — Ri. — Sei que isso é a primeira coisa que um viciado diz, mas é a primeira vez que compro. Eu estava utilizando calmantes e bebidas. — Assinto. — Pensei em algo mais...

— Eu sei, algo que pudesse fazer você esquecer. — Ela concorda. — Vá atrás dos seus sonhos, você sempre terá um amigo aqui.

Pego toda a droga que ela trouxe e a jogo no sanitário do lavabo. Quando retorno, ela já está mais composta e com a bolsa no ombro.

— Quer que eu te leve? — Ela nega e diz que pediu um Uber. — Nos falamos amanhã, tudo bem?

— Obrigada por tudo, Cadu. Eu nunca vou esquecer. Tenha certeza disso!

— Eu estarei aqui se precisar. — Beijo sua testa. — Vá com cuidado.

Ela sai, e eu desabo no sofá, tremendo inteiro. De repente ouço soluços e constato que são os meus próprios. Pela primeira vez pude sentir o que meus amigos e minha família sentiram quando me viram no fundo do poço: a sensação de desespero, de medo, de inutilidade ao ver a dor em alguém querido e não poder fazer nada para curá-la.

Esse momento com Angélica me fez ver o quanto fui sortudo por ter tantas pessoas preocupadas comigo e o quão importante foi ter alguém que me impulsionasse a querer melhorar e a lutar.

Pego meu celular e acesso uma das milhares de fotos de Amanda que Milena me repassa quando as recebe da Lara. Minha filha foi o motivo de eu não ter enlouquecido e cometido um ato desesperado. Foi por causa dela que enxerguei que precisava me reerguer. Agora é também por minha causa que quero continuar de pé. Eu não posso mais ser o homem que era quando perdi a Mônica, mas hoje, ao lidar com a situação de Angélica, percebi que, mesmo diferente, posso ser alguém que faz a diferença, o amigo apoiador e não só o apoiado.

Eu quero isso! Eu quero ser um homem ao qual os amigos procurem para serem ajudados a permanecerem firmes e não para afundarem ainda mais.

Seco meu rosto e sigo para o andar superior a fim de me arrumar para a reunião do grupo onde tenho aprendido muito mais do que ficar sóbrio.

— Que situação, Cadu! — Luti exclama assim que conto o que aconteceu comigo e com Angélica na tarde de ontem.

— Mas ela vai ficar bem, eu acredito nisso! — digo confiante. — Hoje falei

com o doutor Steter, e ele indicou um terapeuta para acompanhá-la.

— Foi um belo gesto! — Sorri, visivelmente orgulhoso. — Digno do amigo que sempre conheci.

Estamos novamente no escritório de advocacia, pois o doutor Freitas pediu para que eu viesse, e, como eu estava com Luti no estúdio, mostrando a gravação da Lara, ele me acompanhou.

A secretária nos manda entrar, e seguimos para a sala de reuniões onde estive há alguns dias.

A doutora Tessália está mais bonita do que eu me lembrava e imediatamente chama a atenção do Luti, que assovia baixinho, apenas para que eu ouça. Reprimo minha vontade de rir dele e o apresento aos dois advogados.

— Algum problema? — pergunto assim que nos acomodamos.

— Com a visitação, não. — Ela sorri. — O advogado da outra parte já está ciente, e o dia da audiência já foi marcado. Estamos muito confiantes, e o laudos que recebemos ao seu favor exercem muito peso, além das testemunhas que arrolamos.

Penso no que Lara me disse sobre ela ser uma possível testemunha dos Kaufmanns.

— Eles vão vir com artilharia pesada — confesso.

— Vão, sim, mas o cenário ainda é favorável para nós. — Ela parece segura e confiante, e eu espero que tenha razão.

— O problema, Cadu, é a ação de guarda. — O doutor Freitas parece realmente preocupado. — O estudo social que fez com que negassem nosso pedido apontou questões já solucionadas, como o problema com bebidas e alguns escândalos que a imprensa noticiou. — Concordo. — No entanto, existem pontos que ainda estão frágeis.

— Quais? — indago ansioso. — O que eu tiver que fazer para conseguir minha filha, farei!

Os advogados se olham.

— A rotina da Amanda é fundamental para que o laudo seja favorável. — Sim, eu concordo. — Ela já está adaptada aos Kaufmanns, e sua rotina, por causa da sua profissão, pode ser um ponto desfavorável.

Arregalo os olhos.

— Eu vou precisar escolher entre a minha carreira e minha filha? — Olho para o Luti, que está branco como um papel. — É isso?

— Não! Não entenda mal, ninguém disse que você precisará parar de trabalhar, apenas que deve criar um ambiente mais estável para ela, uma vez que, por causa dos shows, você estará em constantes viagens e...

— O que é preciso fazer, doutor? — questiono, já sem paciência para

enrolação.

— Seu estado civil não está ajudando, Carlos Eduardo — é a doutora que responde, sem rodeios. — Eu sei que muitos pais solteiros detêm a guarda de seus filhos, porém, sua situação é diferente. Recorrentemente os Kaufmanns citam que você não tem rotina em casa. — Ela abre o processo. — Aqui diz que houve um ano em que você ficou fora por mais de um mês!

— Estava em turnê pela Europa! — defendo-me.

— Sim. — Ela me encara. — E a Amanda, com quem ficaria?

— Você acha que são os avós que cuidam dela? Ela tem uma babá que faz tudo!

A imagem de Lara vem à minha mente, mas eu a apago a fim de me concentrar no assunto.

— Mas os avós estão lá — seu argumento é bom, e eu sou obrigado a concordar. — O andamento do nosso recurso deve demorar ainda um tempo, então nós pensamos que, se você tiver um relacionamento, é uma boa hora para consolidá-lo e formar uma família.

Puta que pariu! Sinto meu sangue gelar ao ouvir isso. Luti xinga baixo, não tão baixo quanto seu assovio, e vejo a doutora reprimindo um sorriso.

— Vocês estão me dizendo que eu devo me casar? — minha voz transmite minha indignação.

— Sim, embora não precise ser tão tradicional, mas, se for, melhor. Precisamos de um relacionamento constante e uma rotina familiar para serem avaliados pelos psicólogos e assistentes sociais.

— Eu não... — paro antes de me negar a fazer isso. — Eu vou ver o que posso fazer. — Ela sorri, e o doutor concorda. — É uma mudança grande, mas estou disposto a fazer qualquer coisa pela minha filha.

— Carlos Eduardo. — Tessália parece preocupada. — Essas coisas de casamento arranjado, acordo de casamento só para conseguir a guarda só funciona no cinema, ok? Não faça nenhuma loucura dessas! Sua filha precisa de uma família de verdade!

Porra! Eu sinto vontade de beijar essa mulher! Eu nunca poderia construir uma relação com alguém a ponto de me casar. Para isso, é preciso que haja sentimentos envolvidos, e a mulher que amo – a única que já amei – está morta.

Contudo, a ideia da doutora de eu fazer um arranjo com alguém, alguma amiga que esteja disposta a brincar de casinha por um tempo, é maravilhosa, embora ela apregoe o contrário!

Sorrio para a advogada com a maior cara de pau.

— Não se preocupe, doutora. Eu nunca faria uma idiotice dessas!

Bato à porta da sala íntima da senhora Kaufmann com as mãos trêmulas e só giro a maçaneta quando a escuto autorizar minha entrada. Ando devagar e com a cabeça baixa até onde ela se encontra e fico esperando-a falar comigo.

— Nosso advogado vai vir aqui amanhã, às 15h, para conversar com você sobre as visitações do Carlos Eduardo. — Levanto minha cabeça, apenas para constatar que ela fala comigo ainda lendo algo em sua escrivaninha. — Eu acompanharei a conversa, mas, antes, quero que você saiba que "normal" não é aceitável.

Respiro fundo quando ela me encara, olhando por cima dos óculos de leitura.

— O que devo dizer? — pergunto.

Ela sorri, enfim.

— A verdade! Que acompanhou poucas visitas dele à filha, porque ele faltou em um dos dias marcados, e que Amanda não possui nenhum tipo de identificação com ele.

Verdade, hein?! Crispo minhas mãos, lembrando-me das risadas e da felicidade da menina com o pai. Amanda não tem nenhum tipo de intimidade com a avó, que quase não se aproxima dela ou conversa. Se existe alguma “falta de identificação” é com ela mesma e não com o Cadu.

Penso no que devo responder, se devo retrucar que os dois se dão muito bem e que eu não notei nenhum desconforto em ambos, mas me lembro do que Cadu me pediu. Ele tem razão! Se eu for a favor dele, vou acabar sendo demitida e, assim, perderei o contato com Amanda.

— Sim, senhora — respondo friamente. — Mais alguma coisa?

Ela nega e faz sinal para que eu saia.

Dessa vez tenho vontade de sair daqui correndo, por isso ando depressa e sinto um enorme alívio ao sair da sua presença. Ainda bem que não era sobre o passaporte!

Pego meu celular para passar uma mensagem para a Milena, porém, recordo-me de que ela dá aulas neste horário e decido fazer isso mais tarde. Antes, preciso conversar com o doutor Anselmo e resolver a questão do passaporte, porque, senão, estarei sem emprego mesmo que concorde em mentir.

Eu não sei se ele poderá me ajudar nessa situação, pois creio que não dará tempo de eu tirar o documento e acompanhá-los, mas acredito que possa tentar apaziguar as coisas com a esposa e assim manter meu emprego para eu continuar cuidando de Amanda.

Sigo em direção ao quarto da minha pequena Raio de Sol e a encontro abraçada ao livro que o pai lhe trouxe. Sorrio ante a cena, achando graça de seu olhar sonhador e seu rostinho satisfeito. Tão pouco tempo com o pai, e vejo a transformação que esses momentos com Cadu fazem na filha. Amanda merece ter essa felicidade estampada em seu semblante constantemente.

— Lara? — Eu a olho. — Não vai abrir seu presente?

Ela aponta para o embrulho em cima de sua escrivaninha, e meu coração dispara ao lembrar que ele o trouxe para mim. Cadu me trouxe um presente em agradecimento a tudo o que fiz por eles, para juntá-los. Claro que não precisava, mas eu seria hipócrita se dissesse que não gostei. Sim, eu amei receber o mimo!

— Claro que vou, mas, antes, que tal tentarmos adivinhar? — Pego a pequena caixa e a balanço. — Hum, tem algo dentro.

Amanda gargalha e pede para balançar também.

— Sim! E, pelo barulho, não é roupa!

Rio e concordo com ela, lembrando-me de que, quando era criança, odiava ganhar roupa de presente.

Minha vez de balançar, e eu aproveito para apertar um pouco a caixa, procurando por algum ressalto, mas não encontro nada.

— Será que ele me comprou um livro também? — chuto.

— Se for, é um bem pequeno!

Ficamos dando palpites por mais alguns minutos, até que decido abrir a caixinha e, dentro, encontro um pen-drive. Fico um tanto curiosa sobre isso, mas Amanda parece decepcionada.

— O que é?

Olho em volta, à procura da caixa de som dela e, quando a acho, plugo o presente nela. Imediatamente as primeiras notas da canção que gravei com ele no estúdio enchem o quarto, e eu, feito uma boba, sinto meus olhos se enchendo d'água.

Quando Amanda ouve minha voz, tão límpida e perfeita como só um estúdio profissional pode deixar, arregala os olhinhos verdes, surpresa, depois sorri para mim.

— É você, Lara! — Eu concordo. — Ah...

Abraça-me forte, e eu aproveito o embalo da canção e me movo com ela no colo.

— Espere só para ver se acerta a outra voz — cochicho, e, quando a voz de Cadu entra, sinto-a reter o ar nos pulmões.

— É o papai?

— É! — Levanto-me e rodopio com ela pelo quarto. — Ele canta muito bem, não é?

Ela assente e encosta sua cabeça em meu ombro, suspirando ao ouvir seu papai cantar comigo.

Ah! Eu suspiro também, deslumbrada, apaixonada, completamente seduzida e enfeitiçada por sua voz. A letra e a melodia são de uma sensibilidade tamanha que fazem qualquer um se sentir bem.

A música acaba, e eu paro de dançar, ainda com Amanda em meus braços.

— Ei, Raio de Sol? — Ela não se mexe. Sinto seu corpo todo relaxado e sua respiração cadenciada. — Ah, princesa, dorme feliz!

Coloco-a na cama para seu cochilo e tiro o pen-drive da caixinha de som, apertando-o contra o coração. Ficou perfeita a gravação, e eu ainda me lembro de que ele disse que quer que eu cante com ele no álbum da banda.

Seria maravilhoso se pudéssemos compartilhar esse momento juntos e que ficasse na história da banda um pouco da minha voz, mas eu realmente não sei se

estou pronta para isso. Sei que é só uma participação. No entanto, sou uma cantora mediana, sempre me dediquei mais a tocar, não sei se sou a escolha certa.

Abro a porta de ligação para o meu quarto e coloco o pen-drive no meu computador, baixando o arquivo e enviando-o, via *bluetooth*, para o celular. Entro no banheiro, tiro minha roupa e aperto o play, tomando banho ao som de *Flor*, um dueto lindo entre uma babá e um ídolo da música.

Mais tarde, depois de ter terminado a rotina de Amanda, sou chamada ao escritório do doutor Anselmo, pois deixei um recado para ele mais cedo com Flaviana.

Vou ao seu encontro com os dedos cruzados, esperando que ele me ajude com a situação da viagem, sabendo ser o único jeito de não ser demitida pela avó da Amanda. Tomo o ar devagar, tentando me acalmar e bato à porta.

— Pode entrar! — Ele está sentado a sua mesa, já de roupa comum – sem seu terno – e com óculos de leitura. — Oi, Lara, como foi seu dia? Sente-se melhor?

Sorrio pela preocupação dele, lembrando o absurdo de Cadu sequer pensar que esse homem pudesse querer um caso comigo. Eu sei que não é assim! O doutor Anselmo é apenas um homem muito bom e generoso.

— Boa noite! Estou bem, obrigada. — Suspiro, e ele franze a testa. — Preocupada com a viagem desse final de semana.

— Ah, a viagem! — Encosta-se na cadeira e se balança um pouco. — Tem medo de voar?

Rio nervosa.

— Eu nunca voei, doutor.

Ele volta a se sentar ereto, tentando entender o que significa minha resposta.

— Nunca voou? Nem mesmo dentro do país? — Nego. — Entendo.

— Eu não tenho um passaporte — sinto-me constrangida ao dizer isso. — Não sabia que era necessário ter um para ser a babá da Amanda.

— Tudo bem, Lara, não se preocupe. — Ele caminha até onde estou e põe a mão em meu ombro. — Eu vou conversar com Geórgia sobre esse assunto.

— Obrigada, doutor!

Ele sorri, mas fica sério quando a porta é aberta.

— Lara? — pulo de susto, bem no meio do cômodo, ao ouvir a voz da

senhora Kaufmann. — O que você faz aqui?

— Ela veio resolver um problema comigo, Geórgia — doutor Anselmo responde. — Pode ir, Lara!

— Certo. — Tento um sorriso, mas tremo tanto que não consigo. — Boa noite.

Passo pela minha patroa rapidamente, mas ainda posso ouvi-la quando, antes de fechar a porta, ela pergunta:

— Que espécie de problema ela tem agora?

Que seja o que Deus quiser!

— Ainda bem que deu tudo certo! — digo aliviada, ajudando Flaviana a guardar as roupas passadas do casal Kaufmann na mala. — Não sei como foi depois que eu saí do escritório, mas sinto-me aliviada por ainda estar aqui.

— Eu também! — afirma. — A menina Amanda tem muito apreço por você, e eu iria detestar vê-la sofrer.

— Eu também.

Olho para o relógio, tomando conta da hora de levar Amanda para o clube a fim de fazer seus cursos de sexta-feira. É uma pena não poder encontrar o Cadu hoje, pois adoraria lhe agradecer pelo presente. No entanto, ele nos avisou que estaria viajando nesse final de semana.

Cadu! Um sorriso bobo se insinua em minha face ao pensar nele e no abraço delicioso que ele me deu. Estar entre seus braços foi uma das melhores sensações que eu já tive. Fiquei encostada em seu peito, ouvindo as batidas de seu coração enquanto sentia suas mãos me consolando.

Suas mãos! Como eu queria senti-las em mim! Respiro fundo tentando parar o pensamento. Desde aquele dia eu tenho fantasiado com ele, com seu abraço e suas mãos, porém, não da maneira como aconteceu de verdade.

Durante o banho, ouvindo a música que cantamos juntos, eu fechei os olhos e me deixei levar pela canção. A letra, embora sutil, fala exatamente do que eu queria que ele fizesse comigo. Se entranhar em mim, sentir minha pele, meu cheiro e desejar conhecer todos os meus segredos.

Enquanto a água deslizava sobre mim, minhas mãos cheias de espuma do sabonete iam passando por todos os locais do meu corpo e, em minha mente, na minha fantasia secreta, era ele quem fazia isso.

Nunca fui de me masturbar, de tocar meu corpo, mesmo porque, em casa, eu dividia o quarto com minha irmã, e depois, aqui, dividia com Tiana e, por

isso, ficava constrangida. Naquele momento, porém, sozinha no banho, fantasiando com um homem que nunca será meu, eu quis sentir o prazer que teria com ele. E foi uma delícia. Embora também tenha deixado um gatilho. Cada vez que eu volto a pensar nele, meu corpo já reage, querendo sentir mais, pedindo por libertação de um desejo guardado em mim há muito tempo.

— Lara? — pulo de susto ao ouvir a voz de Flaviana. — Você vai colocar isso na mala ou não?

Sorrio e acomodo a peça, assistindo-lhe fechar a bagagem.

— Nem sei o que vou fazer nesses dias aqui sem a Amanda.

— Divertir-se? Tocar? Namorar um pouco? — Ela impede um sorriso, mas seus olhos brilham.

— Não tenho namorado, Flaviana.

— Porque não quer! — Passa por mim e dá um tapinha no meu ombro. — Você é linda, doce, inteligente e talentosa. O homem que não enxergar isso em você é um idiota!

Rio, nervosa com os elogios.

— Você sabe que não é exatamente essas coisas que chamam a atenção de um cara!

— Tem razão — concorda. — Pode até não chamar a atenção. A maioria dos homens é muito visual. — Assinto. — Mas você é linda! Ainda que ele seja "visual", tenho certeza de que já te viu, e as outras coisas que citei podem não atrair, mas são elas que mantêm o interesse, Lara.

— Não sei se alguém já me viu...

Ela gargalha.

— Tenho certeza de que sim, vocês dois já se viram — não entendo o que ela diz, e Flaviana parece também não querer explicar. — A mala da Amanda você arruma sozinha ou precisa da minha ajuda?

— Fiz uma lista para não esquecer de nada e acho que dou conta.

— Se precisar de ajuda, pode pedir. — Ela entra no closet e volta com uma caixinha. — Joias que ela separou para levar. — Flaviana as coloca na mala de mão da senhora Kaufmann. — Eu pedi uns dias de dispensa enquanto eles viajam, então irei para Sorocaba, para a casa da minha irmã. Volto um dia antes deles.

— Eu pensei em ir para casa também. Estou de férias, mas... — Suspiro.

— As coisas lá são difíceis para você ainda, Lara? — Assinto com a cabeça. — Se você fosse minha filha, teria muito orgulho da sua força, contudo, não posso julgá-los. Deve ter sido horrível pensar que podiam perder você a qualquer momento. — Ela se senta na beirada da cama. — Eu estava aqui quando a Mônica morreu, fui eu quem atendeu o telefone e quem avisou do

acidente. O doutor Anselmo saiu correndo desesperado a fim de transferir a filha para o HK, mas a dona Geórgia... Eu nunca poderia tê-la imaginado daquela forma.

— Ela sofreu muito?

— Parecia que ia morrer. Acho que toda a vizinhança ouviu seus gritos. — Fecho os olhos, imaginando que, se fosse minha mãe, também agiria assim. — As duas nunca se deram, sabe? Dona Geórgia sempre pressionou demais a menina, primeiro por ser gordinha, aí ela emagreceu. Depois foram desempenhos na escola, no balé, na música. A menina estava sempre aquém do que a mãe desejava, e isso as afastou.

— É triste, Flaviana. — Sento-me ao lado dela. — Mônica era linda! Amanda tem muito dela, embora se pareça com o Cadu. O sorriso, as covinhas, e até o modo de ser, delicada, é bem parecido.

— Delicada... — Flaviana se levanta e faz um gesto para que eu também faça o mesmo. — Sim, ela foi uma criança delicada, mas, na adolescência, nem tanto. O namoro com o Carlos Eduardo foi uma das formas de afrontar a mãe.

Arregalo os olhos.

— Mas eles se amavam!

— Sim, tenho certeza que sim. Ela uniu o útil ao agradável, Lara. Usava o relacionamento para jogar na cara da mãe que estava namorando um pobre, um bolsista. Depois, quando começou a dormir com ele, deixava camisinhas em cima do criado-mudo para que a mãe visse.

Eu nunca poderia ter pensado nisso! Todas as imagens que vi da mãe da Amanda anunciavam uma garota doce e muito tranquila.

— Por que não a afastaram dele? Ela era menor, não era?

— Sim, mas Mônica sempre teve um trunfo: o pai. O doutor fazia de tudo por ela, inclusive ir contra a esposa. Quando ela engravidou da Amanda, o doutor disse que a apoiaria no que decidisse. Se quisesse ir morar com o pai da criança, ele a deixaria ir.

— Ela não quis?

Flaviana dá de ombros e começa a sair do quarto, e eu entendo que o assunto se encerrou.

Minha avó sempre diz que toda história tem dois lados. Eu sempre julguei a senhora Kaufmann como a bruxa má que impediu que Cadu e Mônica fossem felizes, e, talvez, ela tenha sido mesmo, mas, ao que parece, Mônica a provocava muito.

Saio do quarto e fecho a porta, encontrando Flaviana ainda no corredor, arrumando alguns quadros que estavam tortos.

— As faxineiras nunca arrumam isso direito, e a...

— Ah... — Geórgia Kaufmann para ao nos ver no corredor. — Eu preciso falar com vocês duas, agora! — Aponta para sua saleta.

Flaviana franze o cenho e me olha, e eu apenas dou de ombros, sem entender, sabendo que, pelo tom da patroa, a coisa não está boa. Caminho ao lado de Flaviana, tremendo como vara verde, com medo de a história do passaporte ainda estar repercutindo e a deixando nesse mau humor.

— Feche a porta, Flaviana. — Geórgia está parada no meio da saleta. — Eu desmarquei a entrevista com nosso advogado, não acho que será preciso. — Sinto-me aliviada com a informação. — Flaviana, eu preciso que você suspenda sua ida até a casa da sua família por uns dias. — A governanta assente sem nem perguntar o motivo. A senhora Kaufmann me encara. — Lara, você está demitida.

Sinto-me gelar inteira, minhas mãos formigam, e meu coração... meu coração parece querer explodir. Demitida? Penso em Amanda e tenho dificuldade de respirar.

— Senhora Kaufmann, eu pensei que... — Puxo o ar com força.

— Você é uma abusada, mentirosa e manipuladora! — ela me acusa. — Eu não sei como conseguiu fazer isso, mas pensava mesmo que eu não ficaria sabendo dos seus encontros às escondidas com o Carlos Eduardo?

Deus! Ela descobriu! Como?!

— Do que ela está falando, Lara? — Flaviana parece perdida.

— Ele tem visto minha neta nos intervalos das aulas no Clube Kiefer. — Flaviana fica atônita, e eu abaixo os olhos, sentindo-me traidora, mesmo que eu saiba que tudo que fiz foi para ajudar a menina. — Essa cobra tem levado minha neta para encontrá-lo em uma praça!

Fecho os olhos e sinto uma lágrima escorrer.

— Eu só quis ajudar — defendo-me. — Amanda se sentia muito triste longe do pai e...

— Arrume suas coisas, Lara — ela fala duro comigo. — Flaviana, acompanhe-a para fora desta casa.

— Amanda ainda não voltou da escola, e eu gostaria de conversar...

— Você nunca mais vai chegar perto da minha neta! — Geórgia praticamente grita. — Fora!

Sinto Flaviana tocar meu braço e me deixo ser levada.

Quando entramos no corredor, começo a soluçar, nervosa, sentindo-me mal por ter traído a confiança de todos nesta casa, por agora ter de me afastar de Amanda, por não poder mais ajudar o Cadu.

— Eu sinto muito, Flaviana — digo à governanta.

— Eu sinto ainda mais, Lara. — Abraça-me. — Eu sei que você só quis

alegrar a menina, e o fez. Pode deixar, que eu vou conversar com a Amanda.

— O doutor Anselmo sabia. — Olho-a esperançosa. — Será que ele não poderia conversar com a...

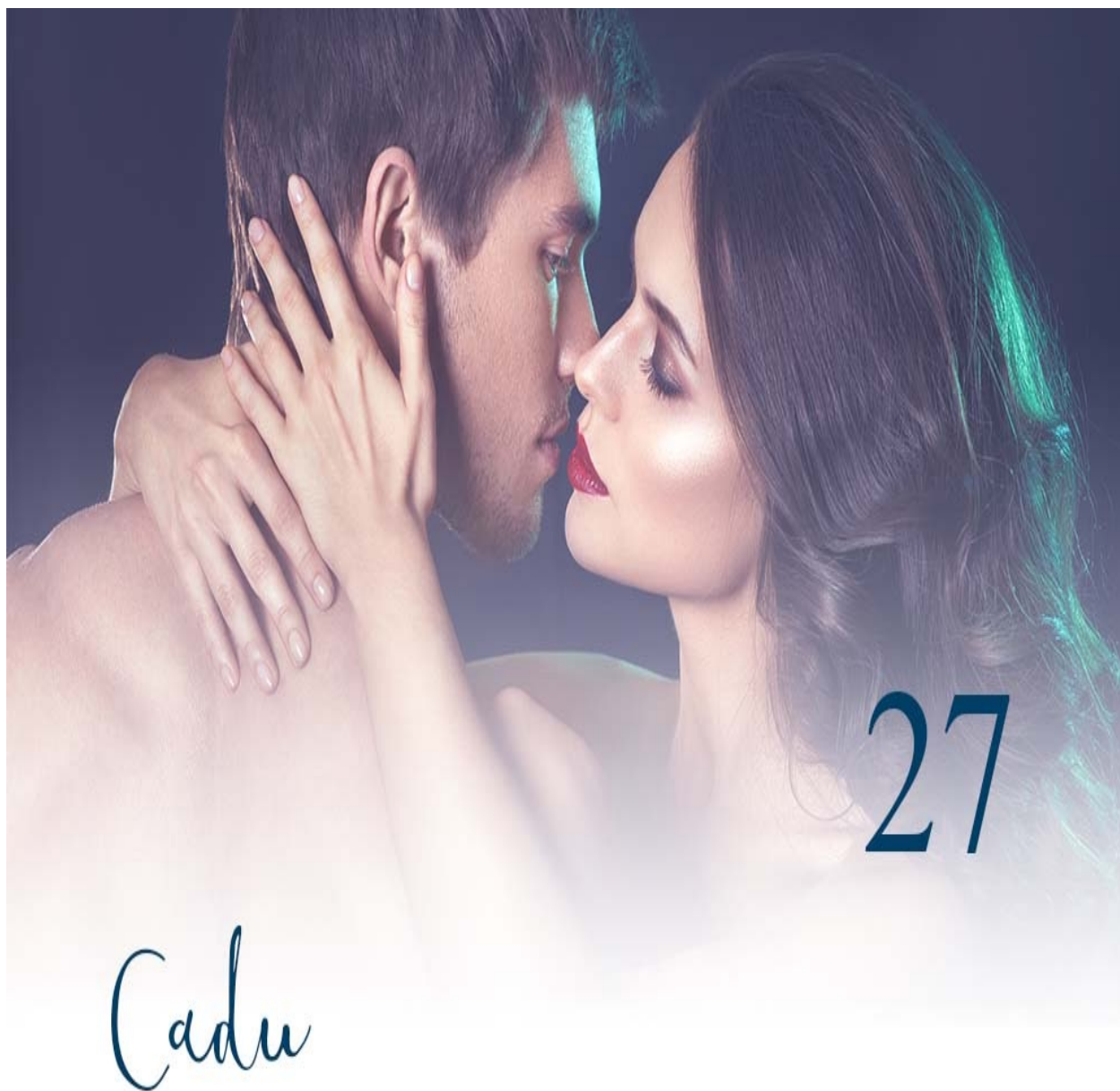
— Ela não vai voltar atrás, e eu duvido que ele a contrarie nisso. — Respira fundo. — Ela o culpa por ter feito as vontades de Mônica e, por isso, ela ter morrido.

— Ai, Flaviana! O que eu vou fazer agora?

Eu não tenho para onde ir! Eu não tenho mais emprego! Ponho a mão no rosto, tentando achar uma saída, mas não vejo nenhuma. Minha vaga no apartamento de Tiana já foi preenchida; no Hill, a Duda já contratou outra *bartender*. E o Cadu...

Não! Eu não tenho por que pedir ajuda a ele. Não posso mais ajudá-lo a ter mais tempo com a filha, e esse era o único vínculo que tínhamos.

Penso que, há poucos minutos, estava pensando em não ir para casa nessas férias e agora talvez eu vá para lá e não retorne mais a São Paulo.

Arrumo minhas malas com a ajuda da Flaviana, ainda em prantos, pensando em como Amanda vai receber a notícia de que fui embora. Minha pequena Raio de Sol vai ficar de coração partido, como eu estou, e isso me faz sentir ainda mais dor.

Desde que tive a conversa com meus advogados que a ideia de me casar com alguém em comum acordo de negócios não sai da minha cabeça. Eu preciso apenas de uma esposa no papel, alguém com quem eu iria passar a ideia de uma família para minha filha e estabilidade para a rotina dela.

Fiz uma lista com nomes de algumas mulheres do meu convívio, mas depois risquei a maioria, pois já transei com elas, e o acordo que eu tenho em mente não prevê isso, para não complicarmos as coisas. Cada um pode levar sua vida individualmente, desde que discretamente, claro.

Quebrei a cabeça com essa ideia, pensando e repensando em possíveis candidatas, até chegar a Florianópolis, onde iremos nos apresentar. Do aeroporto,

seguimos direto para o hotel, onde descansamos algumas horas antes de seguir para a casa de shows.

O camarim está como pedimos, sem nenhum álcool, e os meus amigos se encontram animados com a apresentação. É aí que o Luti liga o celular, e todos ouvimos o som da música do Deco. A voz da Lara me impacta como da primeira vez em que a ouvi, perfeita, suave, sexy, o timbre ideal para a canção que ela canta.

— Quem é a vocalista? — Deco pergunta-me.

— Lara Martins. É uma musicista, estuda na ECA.

Ele sorri e fecha os olhos, deliciando-se com sua letra na voz dela. No refrão, cantamos juntos, e eu sorrio, satisfeito com a música, mesmo que fuja um pouco do rock-pop a que estamos acostumados.

Flor, deixa a brisa me trazer o seu perfume
Invadir, impregnar, me consumir
Para mostrar o tom dessa paixão
Flor, seus acordes vão alcançar toda a cidade
Abrir janelas, jardineiras e portais
E revelar nossa perfeita união

— Vocês são perfeitos juntos, Cadu! — Pepê declara. — Onde essa mulher estava escondida esse tempo todo?

Luti ri, amarrando seus cabelos no alto da cabeça.

— Na casa dos Kaufmanns.

Todo mundo fica sério, e Luti gargalha do espanto dos nossos amigos, o desgraçado! Claro que eles iam ficar assim ao saber que a Lara é a babá da Amanda.

— Que loucura é essa, Cadu? — Deco é o primeiro a questionar.

— Ela é a babá da Amanda, pessoal. A conheci há pouco tempo, mas o talento dela é inegável. — Eles concordam. — Eu gostaria muito que gravássemos com ela.

— Cara, temos que ver com o Cris. — Concordo com Pepê. — Por mim, é ela!

— Por mim também! — Deco sorri. — Luti?

Ele coça a barba, encostado na parede, com uma garrafa de água mineral na mão.

— Acho que vai ser mais difícil convencer a Lara do que o Cris, pessoal. Ela caiu dura, literalmente, quando o Cadu disse que queria que ela gravasse a música.

— Deixe que, com a Lara, eu me entendo. — Luti levanta uma das suas sobrancelhas, mas o ignoro. — Ela toca também, é uma musicista completa e...

Converso com meus amigos sobre Lara, descrevendo suas habilidades com o piano, violão e violino – embora esse último foi o Luti quem a ouviu tocar. Olho para ele, que continua encostado na parede, de olhos fechados, não participando da conversa. Estranho essa sua reação, pois sempre está animado e fazendo piadas.

O nosso pessoal de apoio entra para nos arrumar, e assim o assunto sobre Lara cessa, pois cada um começa a fazer seu aquecimento para subir ao palco.

Chego a São Paulo no domingo de manhã e vou direto para meu apartamento. Foram dias estranhos... Luti e eu tivemos um final de semana atípico, sem conversas e brincadeiras. Meu amigo e companheiro estava introspectivo e um tanto mal-humorado.

— Teve alguma notícia da Lara? — pergunto para ele antes de descer do carro, à porta do meu prédio.

— Não, ela não me mandou nenhuma mensagem — responde seco. — Para você também não?

Nego, dando de ombros, não contando a ele que ela *nunca* me mandou uma mensagem sequer.

— Será que ela ficou sem telefone na Alemanha? — questiono. — Mas internet com certeza ela tem!

— Verifica com a Milena. — Ele bufa. — Mano, estou cansado, preciso ir para casa.

— Não vai subir? — Estranho, porque ele sempre sobe. — O que está acontecendo, Luti?

— Nada! Cansado, apenas.

Não acredito na desculpa. Ele esteve estranho durante todo o final de semana, pensativo, calado, sem seu bom humor característico. Contudo, respeito se ele não quer conversar comigo, pois sei que, quando estiver pronto, serei o primeiro a saber o que tanto o incomoda.

Assim despeço-me dele e subo, louco para encontrar a Milena e saber notícias de Lara e de Amanda na Alemanha. Bastou um final de semana sem as ver – sim, as duas –, e eu estou louco para saber como estão as coisas. Acho que me acostumei a pensar em vê-las juntas, mesmo tendo tido somente dois finais de semana de encontros clandestinos.

Contudo, hoje já não consigo imaginar minha filha sem a presença de Lara e, para ser sincero, também não me vejo sem ela estar de alguma forma ligada a nós dois. Sempre vou ser grato a ela pelo que fez por mim e por Amanda.

Entro no apartamento e encontro Milena ao telefone com alguém. Ela parece um tanto chateada, irritada e, pelo que conheço da minha irmã, tenta provar um ponto.

Suspiro, resignando-me a esperar o que quer que a tenha deixado assim, pensando que possa ser algo relacionado ao namorado – que anda sumido desde que ela se mudou para cá – ou até mesmo coisa do trabalho.

Ela está tão absorta na conversa que nem me vê passando pela sala e subindo as escadas para minha suíte. Acordei cedo, enfrentei algum tempo de voo antes de desembarcar e, depois de duas noites intensas de shows, estou de volta e querendo um banho quente e um pouco de mimo – nisso leia-se um cafuné da minha irmã e alguma coisa gostosa para comer.

Meu banho mais uma vez é povoado pela sensação de Lara nos meus braços, o que me faz lembrar que eu ainda não transei e que deveria resolver essa situação antes de vê-la novamente.

No entanto, não é algo para eu me preocupar agora, não tendo que pensar em uma mulher para um acordo sobre casamento.

Eu não esqueci essa história, claro que não! Ela pode ser a chave para eu ter Amanda comigo e, por isso mesmo, estou disposto a fazer essa loucura. Sim, sei que é loucura, afinal, fui alertado pela doutora Tessália. Entretanto, acho que pode dar certo, desde que haja limites.

Desço esperando encontrar Milena já desocupada e com algum lanche à mesa. Sinto-me decepcionado quando constato que nem uma coisa, nem outra se confirma. Encontro a Márcia sozinha arrumando a mesa do almoço e não vejo minha irmã em local algum.

— Ah, seu Cadu! — ela me cumprimenta, surpresa. — Nem sabíamos que o senhor havia chegado!

— Cheguei há alguns minutos e fui direto para o banho. — Milena ainda não aparece. — Tudo bem por aqui?

— Sim. O almoço está quase pronto, e dona Milena teve que sair...

— Para onde minha irmã foi?

Antes mesmo que ela possa responder, Milena entra batendo a porta, furiosa.

— Cadu! — Ela parece aliviada em me ver. — Achei que você estivesse com o Luti! — franzo o cenho pelo tom de sua voz, e um frio sobe pela minha coluna. — Estou ligando para vocês dois como uma louca, e só agora ele atendeu e me disse que você estava aqui.

— O que foi que aconteceu? — Vou ao encontro dela e a seguro pelos ombros. — Aconteceu algo com minha filha?!

Ela nega, mas ainda assim parece preocupada.

— Amanda está na Alemanha com os avós, deve estar bem...

— Deve? Lara não entrou em contato com você para dar notícias?

Milena suspira e fecha os olhos. *O que aconteceu com a Lara?!* O mesmo desespero que senti ao pensar que algo pudesse ter ocorrido com a Amanda me assalta novamente.

— Ela foi demitida, Cadu — ela informa com voz baixa e triste, e eu fico perplexo. — Só consegui falar com ela há pouco, e a teimosa não quer minha ajuda.

Sento-me no sofá e coloco as mãos no rosto, imaginando o motivo de Lara ter sido mandada embora. Geórgia descobriu ou o marido não cumpriu o que disse e contou para ela sobre nossos encontros às escondidas.

Porra, é minha culpa! Lara está sem emprego, longe de Amanda e... Gemo ao pensar em como minha filha está se sentindo longe da babá que tanto ama. Tremo só de pensar nela sozinha com os avós em Berlim.

— Cadu, você precisa fazer algo para ajudar a Lara! — Milena me traz de volta à realidade. — Ela arriscou tudo para ajudar você e agora ela nem sabe se volta para São Paulo!

— O quê? — Olho-a espantado. — Onde ela está?

— Foi para a casa dos pais, na divisa com o Paraná. Ela já havia me dito que eles são contra ela morar aqui na capital, e agora, sem emprego e sem ter onde morar...

— Caralho! — Ponho-me de pé. — Por que ela não me ligou? Por que não me pediu ajuda?

— Eu ofereci, e ela negou! Lara é muito orgulhosa, disse que te ajudou sem esperar nada em troca e que não quer caridade.

Bufo de raiva e começo a andar de um lado para o outro, pensando. Lara adora minha filha, e Amanda é louca por ela. De qualquer forma, eu preciso de algo que as reaproxime, que as mantenha juntas, pois não adianta conseguir um emprego para Lara e deixar minha filha longe dela.

Se eu ganhar mais tempo de visitação, posso contratar a Lara como babá da Amanda para quando ela vier para cá, embora possa calhar de ser dia de semana e ela estar ocupada na escola, e no final de semana... Uma ideia absurda passa pela minha mente. Na verdade, é como se eu tivesse ouvido uma sugestão sussurrada aos meus ouvidos. Claro que não! Que ideia idiota!

— Cadu? — Milena me chama. — O que nós vamos fazer?

Carlos Eduardo Souza Fontenelles! Claro que é uma péssima ideia!

Péssima ideia!

Péssima ideia!

Péssima...

— Eu vou atrás dela! — Milena pula de susto com minha voz firme e decidida. — Vou trazer a Lara de volta para São Paulo!

— Eu já me dispus a ir buscá-la, a hospedá-la aqui ou no meu apartamento, mas se negou a vir!

— Ela vai vir comigo!

— Como? Ela disse para mim que não queria caridade!

Rio, confiante. *Péssima ideia!*, escuto a voz da doutora Tessália replicando no meu cérebro. É, pode até ser mesmo uma ideia ruim, mas eu mando tudo pelos ares e escuto apenas meu desespero em ter Lara de volta para alegrar a vida da minha filha.

— Eu vou me casar com ela — declaro em um só fôlego.

Milena arregala os olhos e fica branca.

— Cadu, você não pode estar falando sério! — Eu digo que sim. — Sei que os advogados te pressionaram, mas envolver a Lara nessa mentira? Cadu, não faz isso!

— Deixe que a decisão seja dela, Mi. Eu vou explicar tudo, dizer como funcionará nosso acordo, garantir que ela também saia ganhando. Se concordar, ótimo! — *Eu espero que ela concorde!* — Eu tenho certeza de que, em pouco tempo, teremos Amanda conosco, e as duas poderão ficar juntas. Se, depois disso, Lara quiser seguir sua vida sem mim, vou ajudá-la no que precisar.

— E vocês dois? — Minha irmã me encara. — E quanto aos sentimentos? Cadu, a Lara é uma mulher romântica! Não acredito que ela aceite uma situação dessas, mesmo pela Amanda ou por você.

Sim, eu também acho que Lara não é a escolha ideal para o acordo, *para mim*. É ideal para minha filha. Eu havia pensado em uma mulher mais prática e moderna, que aceitaria fazer-me esse favor em troca de algum tipo de ajuda, seja financeira ou não.

Tenho certeza de que Lara não vai aceitar que eu lhe dê uma mesada ou mesmo uma vultosa quantia ao final do acordo, mas vou dar mesmo que ela não queira. Ela nunca mais terá que se preocupar em se manter sozinha e poderá investir em seus estudos, mesmo fora do Brasil, nas melhores escolas de música.

Sei que, se ela aceitar, o fará por Amanda. Penso em como minha pequena deve estar desconsolável em Berlim e fico puto ao pensar que os Kaufmanns mais uma vez não pensaram na criança ao despedir a Lara.

— Ela é a minha escolha, Milena. Talvez não aceite, e eu tenha que encontrar outra pessoa, o que eu não espero que aconteça. Lara é a escolha ideal

por causa de Amanda.

Ela expira raivosa, pois sabe que eu sou um cabeça-dura do caralho!

Não vou mudar de ideia sobre o casamento com ela. Pego o celular e ligo para o doutor Freitas. Converso com ele sobre seguir seu conselho e que pedi minha "namorada" em casamento e peço ajuda para agilizar os trâmites no cartório.

— O que eu posso conseguir, conversando com alguns conhecidos, é que saia a habilitação em 15 dias, Cadu. — Bufo. — Menos tempo não consigo, é improvável.

— Tente, por favor, Freitas. — Ele promete fazer o máximo. — Eu estou indo conversar com os pais dela, no interior, mas devo voltar até amanhã.

— Eu vou dando notícias... Mas adianto, serão os 15 dias, ainda mais que ela não é natural da capital.

Ah, caramba!

— Certo, então. Esse é um bom prazo para organizar tudo.

Desligo e vejo Milena balançando a cabeça me recriminando.

— Cadu, não faz isso! Algo me diz que não vai dar certo.

Eu a abraço.

— Mi, você gosta da Lara, não é? — Ela assente. — Eu também gosto. Somos amigos, e, se ela aceitar se casar comigo para me ajudar a ter Amanda, eu nunca a deixarei passar por qualquer situação ruim.

— Eu sei o quanto você é leal com as pessoas. — Sorri. — Fui criada pela mesma pessoa que você, e nossa mãe sempre nos ensinou a não abandonar ninguém que nos é importante, como aquele homem fez com a gente. — Ela soluça. — Eu só tenho medo porque sei que, embora sejamos pessoas racionais, algumas coisas dentro da gente não são assim. — Ela me encara, seus olhos verdes como os meus cheios de lágrimas. — Ninguém consegue controlar o coração, meu irmão. O seu ainda está em pedaços, eu sei, mas o da Lara está curado e prontinho para amar.

Esse último argumento da minha irmã me faz titubear na minha decisão. Penso na mulher carinhosa e dedicada que vi com minha filha, na amiga que se sacrificou por mim, na cantora sensível e concordo com Milena. Lara se doa às pessoas que gosta e, sim, transborda sentimentos.

Apaixonar-se por mim seria a pior coisa que lhe aconteceria. Eu não posso amar ninguém, eu ainda amo a Mônica. Meu coração se partiu quando ela morreu e nunca mais foi emendado.

— Eu vou conversar com ela, Mi. Ser sincero ao extremo sobre minha situação. — Ela assente. — Se ela topar, vai entrar nesse casamento sabendo que é apenas um papel e que o único sentimento que terá de mim é o de amizade e

profunda gratidão. Eu não vou tocá-la como mulher, Mi. Acho que é o mínimo que farei por ela, respeitando-a, mantendo nossa amizade e não a confundindo.

Milena ergue uma de suas sobrancelhas.

— Tem certeza disso? — Balanço a cabeça positivamente. — Ainda acho uma loucura, mas sei que a Lara é a melhor escolha para minha sobrinha. — Sorrio e lhe beijo a testa, indo correndo para subir as escadas e arrumar uma pequena mala para ir atrás de Lara. — E talvez seja para você também.

Tento ignorá-la. Minha irmã não entende que eu não posso mais sentir nada por alguém além de amizade e carinho. Há quase seis anos meu coração está de luto. Ele e eu nos acostumamos a viver assim, e eu sei que o que me mantém é a esperança de ter Amanda e o amor que sinto por minha filha.

O telefone toca assim que volto a ligá-lo.

Passei todo o final de semana com o aparelho sem bateria e sem carregá-lo, de propósito, pois não queria falar com ninguém. Eu estava me sentindo em frangalhos, fracassada, triste.

Saí da casa dos Kaufmanns na sexta-feira sem poder falar com o doutor Anselmo e pedir uma nova chance – implorar, se necessário – e sem poder dizer a Amanda o que aconteceu.

Choro ao pensar que minha menina, meu pequeno Raio de Sol, deve ter se sentido abandonada por mim. É isso o que mais dói em meu coração, imaginar que ela está sofrendo, que terá de lidar com mais uma perda em sua vida. Eu não

queria isso! Sabia o tempo todo que eu era substituível para a família dela, quis controlar o sentimento de amizade, de amor, mas não pude. Eu me apaixonei por aquela garotinha e sei que ela também sente o mesmo por mim. Espero, sinceramente, que possam encontrar outra babá que se importe com ela e que a faça brincar e sorrir. Desejo que ela me esqueça e que siga em frente, que faça amigos de sua idade e que consiga mais tempo com o pai.

Olho novamente para o telefone, com várias chamadas perdidas de Milena aparecendo na tela e outras tantas mensagens de Luti e Cadu no *WhatsApp*.

Não estou pronta para conversar com Cadu. Sei que parece bobagem da minha parte, afinal, ele me vê como amiga, mas o que aconteceu pode prejudicá-lo, pois com certeza Geórgia Kaufmann vai jogar isso no processo. A ideia, embora boa, foi minha, e eu talvez tenha prejudicado mais do que ajudado pai e filha a ficarem juntos.

É por isso que não falei com ninguém sobre o que aconteceu. Fui direto para o apartamento no Butantã e, graças a Deus, encontrei-me com Tiana. Ela tentou me fazer ficar, pediu para que ficasse hospedada com ela, mas eu não poderia alterar a rotina de todos – inclusive da nova moradora – dividindo um espaço já tão pequeno. Não dava!

Marlon prometeu conversar com a Duda sobre uma vaga no Hill, mesmo de garçonete ou faxineira, e eu agradeci a ajuda. Espero conseguir voltar para o bar e, com isso, devo retornar para a república de onde saí, pois sempre abre vaga agora, no meio do ano.

Eu não desisti dos meus sonhos, mas, se eu não conseguir a vaga – ou mesmo um emprego qualquer em São Paulo –, não tenho como voltar.

Vim lamber as feridas em casa, buscando apoio – não dos meus pais, que achariam o que aconteceu ótimo – da minha avó, que sempre esteve disposta a me ouvir e me animar.

Dona Maridalva ficou bem chateada com tudo o que lhe contei, com a forma como fui tratada pelos Kaufmanns, mas também por eu ter me metido nesse imbróglio. De certa forma, ela diz entender o motivo que levou Geórgia Kaufmann a me demitir, pois fui desleal com ela. Mesmo eu não concordando, mesmo sabendo que não era o certo, minha patroa confiava em mim, e eu menti para ela.

Garanti à minha avó que fiz o que meu coração mandou e que minha consciência estava tranquila. Ela me entendeu, mas ainda assim lamentou que eu estivesse de volta.

— Seus pais te amam muito, Lara. E, se souberem o que aconteceu, vão exercer uma enorme pressão para que você não volte e fique por aqui. — Concordei com ela. — Eles não o fazem por mal, mas não compreendem que

você não é mais a garotinha que eles precisavam controlar e vigiar o tempo todo.

— Eu sei disso, vó. — Suspirei. — Eu os amo também, mesmo que eles não apoiem minha decisão de voltar para São Paulo.

— Eu espero que você consiga voltar, minha filha. — Abraçou-me — Lembra-se do que eu sempre lhe falava sobre os sonhos?

— Sonhos são como os deuses. Se você para de acreditar neles, deixam de existir. — Ri. — Sabe que eu sempre acreditei que a senhora fosse fã do Paulinho Moska?

Ela me olhou sem saber do que eu estava falando.

— Ele tem uma música com essa letra. — Ela sorriu, entendendo que eu não sabia de onde vinha a frase que ela me falou a vida toda. — Há algum tempo descobri que foi um filósofo quem disse isso.

Ficamos conversando horas depois disso, minha avó, com sua sabedoria enorme e lucidez, fazendo-me pensar e rever várias situações da minha vida. Eu queria muito contar a ela sobre o Cadu, sobre as coisas que sentia perto dele, sobre ele nunca sair da minha cabeça. Porém, não; não contei. Há certas coisas que não devem ser ditas, senão se tornam concretas. Quando eu estava doente, nunca falava sobre a morte, com medo de que ela escutasse e viesse me buscar. Quando tive minha decepção amorosa, também não disse a ninguém, guardei-a e a sufoquei dentro de mim. Se eu não contasse, ninguém me olharia com pena, como faziam havia anos pela minha saúde. Dessa vez, não contei porque admitir para alguém que me apaixonei platonicamente por um cantor famoso, um homem lindo que pode ter qualquer mulher ao seu lado iria fazer minha avó sofrer por mim. Iria me tornar alguém mais patético do que eu já me sinto.

Nunca deveria ter confundido o sentimento de amizade dele com outra coisa. Não deveria o ter desejado como desejo, nem mesmo ter imaginado nosso relacionamento de forma diversa do que era. Carlos Eduardo Fontenelles é o pai da Amanda, o homem apaixonado pela filha falecida de Anselmo e Geórgia Kaufmann. Cadu é o astro pop, desejado por tantas mulheres, que sai com modelos e não se envolve com ninguém a sério. Resumindo: ele não olharia para mim, muito menos me amaria.

No entanto, o coração tem dessas coisas. O amor surge não só quando é correspondido ou mesmo chamado e desejado. Ele apenas surge, e nós temos que lidar com as consequências.

Pego o aparelho celular, tocando mais uma vez, e atendo a Milena.

— Lara? — Ela parece nervosa. — Caramba! Eu estava aflita tentando falar com você! Tudo bem na viagem?

Fecho os olhos.

— Não viajei com os Kaufmanns, Milena. Eu não tenho passaporte.

Ela fica um tempo muda.

— Ah... eu pensei que você estivesse com eles, pois tentei falar contigo todo o final de semana e...

— Eu fui demitida, Milena — digo limpando as lágrimas.

— Demitida?! — ela quase grita. — Por causa de um passaporte?! Esses Kaufmanns são mesmo uns insensíveis! Onde já se viu? Você é ótima com minha sobrinha, Amanda deve ter ficado arrasada e...

Começo a chorar ao telefone, e Milena tenta me consolar.

— Eu nem pude falar com ela, Mi — desabafo. — Não me despedi, não deixaram.

— Filhos da puta! Eu deveria falar com eles umas poucas e boas! Um passaporte? Pelo amor de...

— Ela descobriu — interrompo-a. — Ela descobriu os encontros. Alguém do clube deve ter nos visto e contado. — Soluço. — Estou com tanto medo de isso prejudicar o Cadu e Amanda ainda mais!

— Lara, não pensa nisso! — Ela bufa de raiva. — Merda! Onde você está? Vou até aí pra conversar com você e...

— Vim para a casa dos meus pais. Eu não tenho onde ficar em São Paulo e nem emprego. Poderia pagar um hotel, mas estou tentando segurar o salário que recebi, pois, como ela alegou justa causa, eu...

— Porra, Lara, por que você não nos ligou? Nós poderíamos ter ajudado você!

— Não — sou incisiva. — Eu não quero caridade, Milena. Fiz o que fiz porque acreditava que era o certo e não me arrependo. Não espero nada em troca.

— Eu sei, Lara! Mas nós podemos...

— Não! Eu estou tentando voltar a trabalhar no bar e vou ver se consigo uma vaga na república em que morava quando comecei a estudar na ECA. Enquanto isso, vou ficar por aqui enquanto as férias durarem.

— Assim que o Cadu chegar, eu...

— Mi, é sério! Vocês não me devem nada, de verdade! Eu só quero que Amanda seja feliz, então, se o Cadu puder me atualizar quando a vir...

— Claro que ele o fará! Eu mesma vou garantir isso, não se preocupe.

— Obrigada por tudo! — agradeço, sentindo o coração apertado, pois ela se tornou uma grande amiga.

— Somos amigas, Lara. Eu não vou deixar você sair prejudicada sem fazer nada, pode acreditar. — Abro minha boca para retrucar, mas ela não me deixa falar: — Você merece tudo o que sonha, tudo! Mesmo que não queira, nós vamos dar um jeito de arrumar as coisas para você voltar para São Paulo.

— Talvez seja melhor que eu fique por aqui, Mi — confesso, sentindo-me derrotada. — Eu não quero ser peso extra para ninguém nunca mais.

— Para com isso, sua boba! Ter você por perto é um privilégio!

Sorrio, agradecida pela amizade dela. Sei que o que me uniu a eles foi a ajuda que dei para que ficassem mais próximos de Amanda – os encontros com Cadu, as fotos e mensagens trocadas pelo *WhatsApp* de Milena –, então é bom saber que, mesmo eu não podendo mais dar esse acesso a eles, ela ainda me quer como amiga.

— Vai dar tudo certo, Lara.

— Vai, sim! — tento parecer otimista. — Obrigada por ter ligado.

Desligo o telefone sentindo um enorme peso em mim. Medo de ter prejudicado a ação de visitação do Cadu, medo de Amanda estar sofrendo, medo de sofrer também, de saudade da filha e do pai.

— Lara, você pode ir até o mercado da esquina buscar um pouco de queijo parmesão fresco?! — minha mãe, Josely Martins, me pede gritando de dentro da cozinha.

Paro de tocar o violino e o guardo na capa, pronta para fazer o que ela me pede. Mal saio do lugar, e minha irmã, linda e maravilhosa, entra na sala.

— Caramba, Lara, a cidade está agitada hoje! — Ri. — Tem uma galera em frente ao hotel do centro. Será que tem algum show ou alguma gravação de novela acontecendo e eu não sei?

Dou de ombros, pois não faço ideia.

— Vou ao mercado buscar queijo para a mãe — informo-lhe. — Você quer alguma coisa?

— Não, Biju. — Rolo os olhos ante o apelido pelo qual ela me chama desde criança. — Pensando bem, é melhor pedir para você trazer um pouco de abobrinha para mim. — Faz careta. — Mamãe fez macarronada, né? — Assinto. — Glúten e *carbo*, inimigos da minha barriga negativa!

Caio na gargalhada com o exagero dela.

— Você está linda, Clara! — Ela sorri ao meu elogio, sabendo que é a verdade. — Abobrinha para fazer espaguete verde? — Ela levanta os polegares. — Vi você dando essa receita no *Instagram*.

— Só não fez, né? — Nego, com a língua para fora. — Se você ficar aqui durante as férias todas, vou vir malhar contigo.

— Não, por favor!

Saio da sala quase correndo, ouvindo-a me ameaçando com os nomes dos exercícios que vai fazer para mim. Ah, eu sentia falta da minha irmã e sua mania de querer transformar o mundo em *fitness*.

Ando pela calçada do bairro onde cresci e cumprimento alguns conhecidos pelo caminho. O farmacêutico acena, do outro lado da rua, e eu devolvo o cumprimento, lembrando-me das vezes em que ele ia até minha casa para aferir minha pressão. Um pouco antes do mercado, encontro a Laine, uma amiga de colégio e fico surpresa com sua enorme barriga de grávida.

Conversamos durante um tempo, inclusive ela ressalta a confusão na praça – em frente ao hotel –, dizendo que estão todos curiosos sobre quem é o famoso que está de passagem por nossa pacata cidade. Nós nos despedimos, e ela vai ao encontro do marido – que também foi nosso colega de turma e que agora é professor na mesma escola na qual estudamos.

Ainda tenho um sorriso no rosto ao voltar para casa, portando queijo ralado fresco e uma enorme abobrinha na sacola de compras. Abro o portão com a mesma chave que uso desde a adolescência e subo os três degraus da varanda assoviando parte da sinfonia nº 4 de Tchaikovsky[7], pensando em tocá-la um pouco.

Abro a porta e deixo a sacola cair da minha mão assim que vejo, sentado no sofá e conversando com minha família, Carlos Eduardo Fontenelles em pessoa, com sua jaqueta de couro, roupa preta e coturnos.

— Ah, ela chegou! — Minha irmã aponta para mim com um sorriso enorme e os olhos brilhando.

Ah, sim, eu sei que ele é lindo de morrer, Clara! Mas, pelo amor de Deus, não babe em cima dele!

— Você demorou muito, filha! — Minha mãe, tão bonita quanto minha irmã, levanta-se de uma das poltronas e pega a sacola do chão. — O senhor Fontenelles... — Ela sorri sem jeito. — O Cadu está esperando você.

Aponta para ele como se eu já não o tivesse visto.

O que ele está fazendo aqui? E como achou minha casa?!

— Oi, Lara! — Cadu sorri para mim, e eu me seguro para não derreter e ficar babando como minha irmã. — Adorei conhecer sua família!

Clara quase suspira audivelmente, e eu rolo os olhos de novo.

— Oi, Cadu. É uma surpresa e tanto ver...

— Minha irmã nunca nos falou que conhecia você, Cadu! — Clara me interrompe. — Se soubéssemos que vinha, tínhamos preparado um churrasco!

Sério, Clara?! Gordura? Lembro-me da abobrinha na sacola e quase dou um sorriso perverso.

— Clara, eu trouxe sua abobrinha, você não quer ir lá transformá-la em

espaguete?

Recebo, claro, um olhar irritado dela, mas logo se levanta.

— Obrigada por isso, *Biju*. — Forço um sorriso, querendo matá-la. — Cadu, você vai amar meu espaguete verde! — Fico lívida ao ouvir isso, e ela percebe minha surpresa. — Mamãe convidou-o para o almoço, não é ótimo?

Não, não é! Olho para ele, que parece bem divertido com a interação entre mim e minha irmã, tentando entender o motivo pelo qual ele está aqui. Com certeza Milena comentou com ele o que houve, e ele está aqui tentando consertar as coisas ou mesmo para me oferecer ajuda. Porcaria!

Clara se despede dele, com seu lindo corpo abraçado por uma calça de malhar estampada e sua barriga cheia de gominhos de fora, mostrando não só sua barriga seca, mas também destacando todo o resto, seu bumbum durinho e empinado e seus seios fartos – de silicone – em um top azul-marinho.

Fico encarando o Cadu para ver se ele irá – como todo homem que conheço – comê-la com os olhos, mas não, ele nem mesmo a olha, mantendo aquelas lindas íris verdes nas minhas.

— Vou tentar de novo. — Levanta-se. — Oi, Lara!

Retenho o fôlego ao vê-lo se aproximar de mim, já sentindo o cheiro do seu perfume e meu corpo reagir ao dele. Fico logo irritada com isso e esqueço a boa educação aprendida com dona Josely.

— O que você veio fazer aqui, Cadu? — disparo com os braços cruzados nos seios.

— O que você veio fazer aqui, Cadu?

Lara não parece nada feliz ao me ver aqui, mas eu não me importo com isso. Sei que ela não queria que eu viesse atrás dela e que também não quer nenhum tipo de ajuda. Eu, claro, imagino que ela seja muito orgulhosa, conhecendo-a o pouco que conheço, mas sei também que ela nunca se negaria a ajudar alguém, ainda mais sendo para a felicidade de Amanda. Então mudei a tática e vim aqui *pedir ajuda*. Dirigi como um louco para cá e cheguei ainda na noite de ontem.

Como não pude vir imediatamente aqui, procurei por um hotel e fiquei pesquisando sobre a casa e a família da Lara. Eu sabia o nome da cidade onde a

família dela morava, mas não tinha o endereço. Agradeci por ela ser de uma cidade pequena, com menos de dez mil habitantes e, ao que parece, por todo mundo conhecer todo mundo. Algumas pessoas são melhores fontes do que jornais!

Quando amanheceu, fui surpreendido com uma gritaria na porta do hotel em que eu estava hospedado e descobri que alguém me reconheceu e que colocou a informação na internet – ou simplesmente foi no “boca a boca” –, e as adolescentes lotaram a praça, esperando por mim.

Foi impossível sair de manhã, e só consegui chegar aqui agora porque um dos hóspedes se compadeceu de mim e me enfiou em seu carro, dando-me carona. Sei que vou ter que voltar para buscar meu carro e minhas coisas e vou tentar atender algumas das meninas, autografar e tirar fotos – isso faz parte de quem eu sou, não tem como fugir.

Cheguei aqui, na casa dela, toquei a campainha e fui atendido por uma versão bem parecida com a Lara, porém, mais alta e encorpada, a tal irmã que tem legiões de seguidores.

Clara – como ela se apresentou – ficou um tempo sem acreditar que era eu, um tanto nervosa, mas muito educadamente me fez entrar e me apresentou para sua mãe, dona Josely.

As duas quiseram saber como eu conhecia a Lara – a Biju, como a chamam –, e eu lhes contei que somos amigos. Elas me fizeram sala, convidaram-me para o almoço – que eu aceitei de bom grado – e me encheram de perguntas sobre a banda.

A Clara é muito simpática, além de bonita, mas não me chamou tanto a atenção quanto a irmã mais nova – o que eu estranhei, porque ela é muito mais o meu tipo. Ela não possui as sobrancelhas grossas e perfeitas de Lara, e seus olhos, embora enormes também, não têm o brilho dos da irmã. O que é mais diferente entre as duas – além da aparência – é a voz e a forma de falar. Clara é desinibida, expansiva e segura de si. Sua voz é alta, um tanto aguda e firme. Já a da Lara é baixa, rouca e airosa – quase sussurrante –, perfeita!

Eu sabia que ela ficaria surpresa ao me ver aqui, mas não imaginei que se espantaria. Foi engraçado quando a sacola caiu de sua mão e seus olhos se arregalaram, porém, eu não esperava tanta tensão e, muito menos, sua pergunta irritada.

— Precisamos conversar — é o que respondo, com um sorriso. — Era impossível que eu não viesse, Lara.

— Eu disse a Milena que não...

— Eu sei, ela me contou. — Afasto uma mecha de cabelo do seu rosto e a ponho atrás da orelha, adorando o contato com ela e a forma como Lara

rapidamente fecha os olhos quando meus dedos roçam sua pele. — Mas eu repito: era impossível que eu não viesse.

A porta da sala se abre de repente, e ela se vira para ver o recém-chegado.

Surge, então, o dono das sobrancelhas grossas que ela herdou, porém, em um homem alto e bem robusto.

Eita!

— Olá! — ele me cumprimenta, mas seu olhar questionador vai para a filha.

Lara respira fundo.

— Pai, esse é o Carlos Eduardo. — Ela me olha sem jeito, e eu tenho vontade de rir de seu constrangimento e suas bochechas vermelhas, achando lindo. — Cadu, esse é o meu pai.

— Ulisses Martins. — Estende a mão, e eu o cumprimento de volta. Ele olha para a filha — É seu amigo de São Paulo?

Lara tenciona responder, mas para quando eu a abraço pela cintura.

Eu gostaria de ter tempo para conversar com ela direito, mas a situação do pai dela me pegou desprevenido. Eu não posso simplesmente pedi-la em casamento sem que eles pensem que há um namoro acontecendo, não é? Sorrio para ela, que parece espantada com meu comportamento, e respondo:

— Sou o namorado de São Paulo. — Ela fica tensa ao meu lado, e eu a aperto contra mim ainda mais. — É um prazer conhecê-lo.

O senhor Ulisses também parece não saber o que falar, e eu me questiono sobre eles pensarem que a filha não namora. Como podem? Lara é adulta, mora longe da família em uma capital – a maior do Brasil – e é linda! Por que o espanto?

— A almoço está... — a voz potente de Clara interrompe – providencialmente – o momento tenso. — Oi, pai! Você já conheceu o Cadu?

O homem agora me encara e, dessa vez, eu penso que poderia ter ido mais devagar. Terei sorte se sair vivo daqui!

— Você está louco?! — Lara me barra à porta do lavabo, onde eu vim lavar as mãos antes de me sentar à mesa para o almoço. — O que foi aquilo lá na sala?!

Não há ninguém no corredor, mas consigo ouvir as vozes dos parentes dela na sala de jantar. Eu gostaria de mais tempo e de um local mais reservado para conversar com ela. No entanto, temo que não seja possível. Puxo-a para dentro

do lavabo comigo e fecho a porta.

— Cadu, você está doido?! — Ela se afasta de mim, e eu levanto as mãos.

— Eu preciso conversar com você. Não queria que fosse assim, muito menos aqui... — Aponto para a pia e o vaso sanitário. — Mas eu acho que me enrolei há pouco lá na sala e...

— Se enrolou?! Você disse ao meu pai que somos namorados! Agora ele deve estar dizendo isso à minha mãe, e os dois estarão se questionando o motivo pelo qual eu nunca mencionei o assunto! — Ela bufa. — Como se fosse possível!

A sua declaração me intriga.

— Como se o que fosse possível?

— Eles acreditarem nisso! — Franzo o cenho, ainda sem entender. — Olha para você! Nem precisava ser um cantor famoso para que eles não acreditassem... Se fosse a Clara... mas eu?

Ela ri, nervosa e sarcástica ao mesmo tempo.

— O que tem você, Lara?

Ela fica séria e balança a cabeça.

— Não importa! Por que disse aquilo?

— Porque quero que eles pensem que já temos um relacionamento há algum tempo. — Ela me questiona novamente o porquê. — Para não ficar estranho quando eu pedir você em casamento no final do dia.

— O quê?! — ela quase grita, e eu faço sinal para ela falar baixo. Lara põe a mão na boca, espantada, e sussurra: — Você voltou a beber?

Eu gargalho e depois tapo minha boca igual a ela.

— Não! — respondo sussurrando também. — Estou sóbrio, pode acreditar! Eu preciso me casar, Lara.

— Eu não estou entendendo na...nada.

— Os advogados acham que eu ser solteiro e levar a vida que levo, com shows e turnês, é algo que prejudica meu pedido de guarda. — Ela parece entender. — Eles disseram que eu deveria assumir um relacionamento e torná-lo estável.

— Comigo? — Ela senta-se sobre a tampa do vaso. — Isso é loucura, Cadu!

É, eu sei que é, mas resolvi comprar a ideia, e você é a pessoa ideal para enlouquecer comigo. Resolvo ser bem sincero com ela.

— Eu não tenho nenhum relacionamento, Lara. E, bem, não vejo mais ninguém tão perfeito para Amanda a não ser você. — Agacho-me e pego suas mãos, que estão frias e úmidas. — Você e eu a amamos e queremos vê-la feliz. Essa é a minha chance de ter minha filha comigo, me casando.

— Casamento é coisa séria, Cadu!

— Eu sei, por isso quero que seja com alguém em quem eu confio, com quem tenho amizade e que sei que vai entender tudo o que eu propor. — Lara parece interessada. — Eu me apaixonei pela Mônica na escola, pensei que ia passar minha vida com ela, envelhecer com ela, ter filhos. Pouco disso aconteceu, ela se foi, mas o sentimento que havia em mim, não.

— Você ainda a ama.

— Como no primeiro dia, Lara. — Sorrio. — Nunca deixei de amá-la e penso que nunca deixarei. É por isso que resolvi conversar com você e te propor mais do que casamento. Te propor uma parceria.

— Parceria?

— Sim. Eu preciso de você para ter minha filha. Não estou pedindo nada além de você assinar um papel e morar comigo por um tempo. — Ela arregala os olhos, e eu vejo medo neles. *Merda, Cadu, explica direito!* — Eu não vou tocar em você, Lara, prometo! Seremos como colegas de apartamento. Você terá seu quarto, sua independência. Continuará estudando, porém, com a vantagem de não se preocupar mais com dinheiro e...

— Você não pode me comprar, Cadu! — Ela solta minhas mãos. — Você acha que eu faria isso por dinheiro?

— Tenho certeza que não, Lara! Eu só acho justo que eu cuide de você enquanto estivermos nessa situação. Só isso! Você poderá se dedicar aos estudos, à música, e eu poderei ter a chance de ser pai da minha filha.

Ela fecha os olhos.

— Eu não sei o que dizer! Nunca pensei em fazer uma coisa dessa. — Concordo com ela. — É algo muito sério!

— Eu sei. — Levanto-me e ponho as mãos nos bolsos do meu jeans. — Desculpe-me por ter feito a proposta. É melhor esquecer, realmente. — Sinto-me derrotado. Gostaria muito que fosse a Lara e que eu não precisasse recorrer a mais ninguém, mas não depende só de mim. — Eu não tinha pensado em mais ninguém para isso, mas...

— Você acha mesmo que casar vai mudar a decisão da guarda?

— Vai ajudar. Ter uma família estabelecida vai me ajudar, segundo meus advogados. — Ela assente, mas não me olha. — Eu vou precisar achar alguém que goste de...

— Eu aceito, Cadu.

Paro, sem fôlego, não acreditando que tenha ouvido certo.

— O quê?

Ela me encara, parecendo perdida, mas determinada.

— Eu aceito o acordo. — Respira fundo. — Pela Amanda.

Fecho os olhos, sentindo uma mistura de alívio e medo. Agora é concreto, é real, realmente vou me casar. Ouço o barulho de ela se levantando e a encaro.

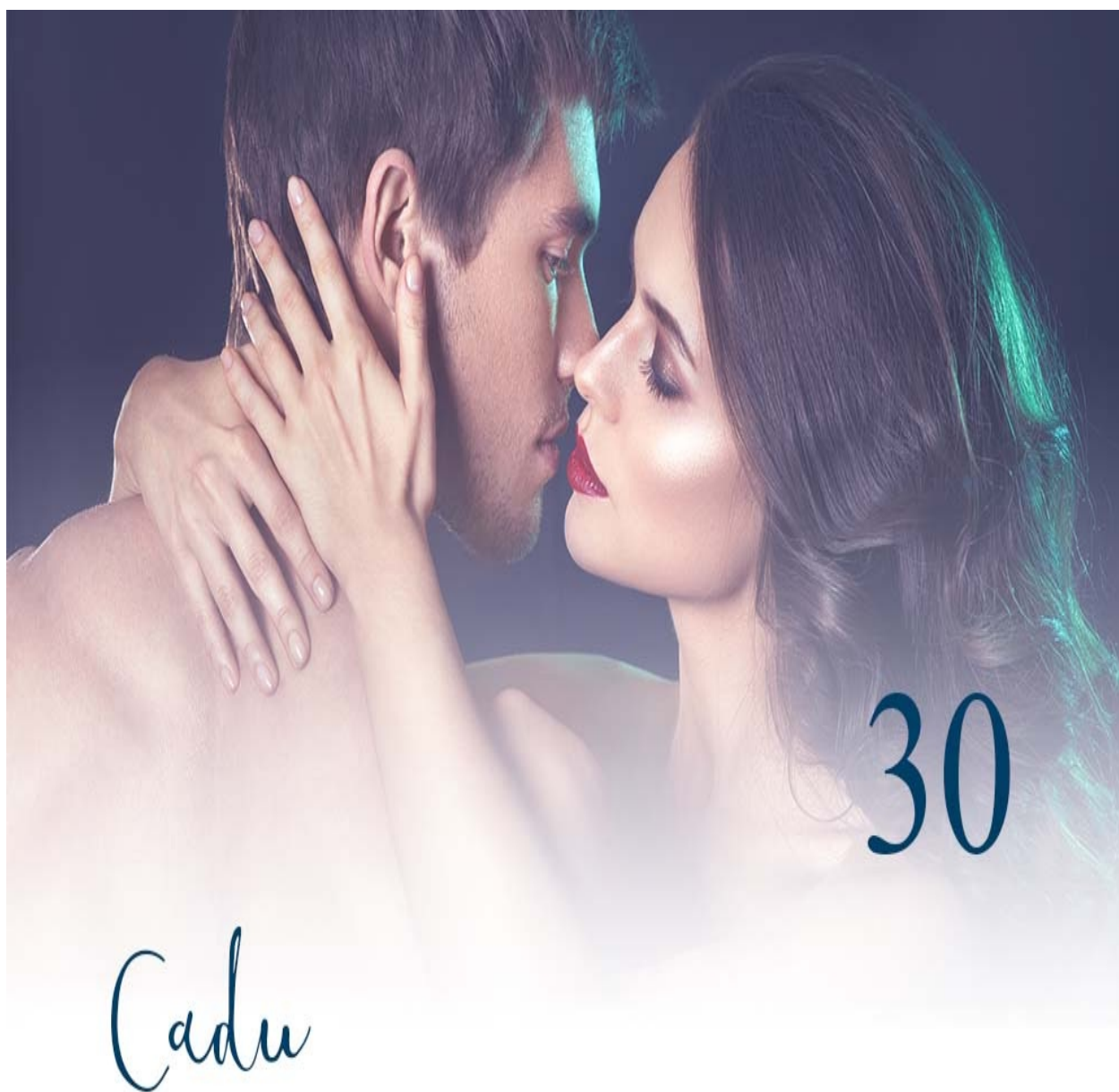
— Pela Amanda! — Sorrio. — Obrigado, Lara!

— Eu espero que possa ajudar, Cadu. De verdade, vocês dois merecem ficar juntos.

Puxo-a para mim e a abraço bem forte. Lara retribui na mesma proporção, e eu sinto meus olhos úmidos de emoção, sabendo que, a partir deste momento, minha vida vai mudar para sempre. Lara vai ser minha esposa!

A constatação disso faz meu corpo todo tremer, e as sensações que ela sempre me despertou resolvem aparecer novamente. Eu tento freá-las, mas, como ondas turbulentas, não consigo detê-las.

Afasto-me dela, mas seu sorriso misturado às lágrimas que caem me toca o coração, e tudo o que eu posso fazer é deixar a emoção tomar conta de mim.

Seguro seu rosto e a beijo.

O beijo é algo inesperado, não estava nos meus planos, simplesmente acontece. A emoção que senti quando ela disse que aceitava minha proposta, a alegria de saber que poderei continuar contando com ela na luta para ter Amanda e, claro, a atração que sempre está presente quando Lara está próxima de mim, fizeram-me agir sem pensar.

A carícia leve e despretensiosa é quase como um roçar de lábios, um beijo simples, mas que faz estremecer meu corpo inteiro, como um furacão. Pulo para longe dela no mesmo instante, notando o olhar surpreso de Lara.

Sorrio sem jeito, sentindo-me a porra de um adolescente desajeitado roubando um beijo dentro do lavabo apertado da casa dos pais de uma garota. *O*

que está acontecendo contigo, Cadu?

— Perdoe-me, Lara. — Passo a mão nos cabelos, bagunçando-os e olhando para ela com medo de que meu ato impulsivo tenha posto tudo a perder. — Eu me empolguei com essa coisa de pedido de casamento e... — Bufo sem saber como disfarçar a vontade que tenho de beijá-la para valer, de encostá-la contra a parede azulejada e me espremer contra ela, fazendo-a saber da dimensão do meu desejo. — Prometo que não vai mais acontecer.

O seu silêncio me deixa tenso. Não sei o que pensar, e, como ela não me encara, olhando fixo para o chão, não consigo saber o que se passa em sua cabeça. Lara assente devagar. Vejo-a tomar ar e então aprumar o corpo.

— É melhor mesmo que não aconteça — afirma. — Temos um trato por Amanda, e é nela que temos que focar.

Uau! Sinto a rejeição como um soco na boca do estômago, embora saiba que ela está coberta de razão. Ainda assim, é-me dolorido saber que somente eu senti tudo aquilo com um encostar de lábios. Será que Lara me acha repulsivo? Ou será que...

Sinto o gelo tomar conta das minhas veias ao imaginar que ela possa ter sentimentos por outra pessoa, e eu, com essa proposta, esteja fazendo-a desistir de viver uma paixão. Sequer perguntei a ela se estava livre para isso, sequer pensei em seus sentimentos... Porra, sou um idiota!

Tenho medo de conversar com ela sobre o assunto e ouvir algo que me faça abrir mão dos meus planos. É egoísta, eu sei, mas não me vejo me casando com outra pessoa senão a Lara. Contudo, reconheço que é injusto com ela e que eu, como amigo, deveria me importar mais com os seus sentimentos.

— Lara? — Minha garganta seca, impedindo-me de continuar e perguntar para ela sobre uma pessoa em sua vida. Obrigo-me a continuar, mesmo com a voz um tanto embargada: — Você é apaixonada por alguém? — Ela arregala os olhos. — Ou, sei lá, está pensando em ter um relacionamento de verdade com alguém? Eu não quero atrapalhar isso e deveria ter perguntado antes de...

— Tudo bem, Cadu! — Ela me interrompe, e noto o quanto estou nervoso. — Eu não estava pensando nisso.

— Mas há alguém? — insisto. — Seja sincera, Lara.

— Talvez. — Fecho os olhos ante a resposta, mas logo me recomponho, pronto para recuar na oferta, pelo bem dela. — Mas não ia acontecer nada, não se preocupe. A pessoa em questão não está livre...

— Um homem casado? — questiono, achando muito estranho.

— Não. — Ela ri sem jeito. — Ainda não.

Ah... um homem em um relacionamento estável!

— Você quer continuar mesmo assim? O nosso acordo? — Ela assente, e

fico aliviado. — Eu tenho certeza, Lara, que um dia você vai achar alguém que a ame como merece. Se esse babaca não se deu conta da mulher incrível que você é, foi ele quem saiu perdendo!

Ela segura o riso, e eu sorrio feliz por ter aliviado o clima entre nós.

Batidas à porta nos fazem pular de susto, e eu começo a rir da cara desesperada da Lara.

— Ai, meu Deus! — Ela tampa os olhos. — Estamos aqui há um tempão, já... O que eles vão imaginar que estávamos fazendo?!

Infelizmente, neste momento, o inconveniente do meu pau reage às imagens que minha imaginação produz. Em todas elas nós estamos nus e fazendo muitas safadezas dentro deste minúsculo banheiro.

Porra, Cadu!

— Lara, você está aí? — a irmã dela pergunta à porta.

— Estou, sim!

Ela aponta para a maçaneta, e eu abro a porta, dando de cara com a mulher e recebendo um sorriso bem malicioso. Aproveito o gancho para dar mais realidade à nossa encenação de namoro.

— Estamos aqui, Clara. — Abraço a Lara. — Hum, estou sentindo o cheiro do almoço! — Sorrio. — Morrendo de fome!

Ela fica olhando de mim para a irmã o tempo todo, processando meu braço na cintura da Lara e o que significou esse tempo em que nós dois passamos trancados no lavabo. Pela primeira vez desde que entrei nesta casa, a irmã comunicativa e despojada parece sem palavras.

— Mamãe cozinha muito bem! — Lara quebra o silêncio. — E suas macarronadas de forno são famosas.

Eu sorrio e a olho cheio de fome, embora não seja da comida.

Lara percebe o significado do meu olhar e fica sem jeito, e eu lhe dou um beijo na testa. É tão fácil fazer a irmã dela acreditar que existe algo entre nós, mesmo que não exista! Eu não consigo esconder ou controlar o desejo que sinto, mas fiz uma promessa de não tocar em Lara e vou cumprir, mesmo que seja uma tortura.

— Vamos para a mesa! — Seguro sua mão, entrelaçando nossos dedos, e seguimos em direção à sala de jantar.

O pai da Lara olha-me como se quisesse me tirar um pedaço, e eu penso que, se fosse um sujeito qualquer com Amanda, eu o olharia da mesma forma, ainda mais se o tal sujeito tiver na mente tudo o que se passa na minha neste instante apenas por ter a mão dela na minha.

— O almoço já está esfriando, filha — a mãe das garotas comenta. — Sente-se, Cadu.

Ocupo a cadeira entre Lara e Clara e sou servido pela dona Josely. Fico um tempão perdido na sonoridade dos nomes das irmãs, diferente apenas por uma mísera letra. Parece até que os pais estavam com preguiça. Todavia, ambas são bonitas e combinam com seus nomes.

— Então, Carlos Eduardo, você também estuda música? — o pai me pergunta, e Clara dá risada na mesa.

— Pai, ele é vocalista e guitarrista da Off-Road! — ela informa, mas ele parece não saber do que ela fala. — Uma banda famosa de pop-rock.

— Famosa? — Ele me encara. — Eu nunca ouvi falar!

— Pai! — Clara o repreende, mas Lara gargalha.

Olho para a minha “noiva” – *uau, ela é minha noiva!* – e vejo-a achando muita graça da situação. É normal ter gente que não nos conhece, principalmente se não curte nosso som, nosso gênero, embora agora estejamos bem diversificados.

Ouço uma conversa sobre “quem sou” entre Clara e seus pais, mas meus olhos e atenção estão fixos na Lara e na expressão divertida e mortificada de vergonha em seu rosto. Suas bochechas estão coradas, seus olhos, brilhando, e ela morde o lábio um pouquinho ao sorrir. Ela é lindíssima!

— Minha família é estranha, desculpe-me por isso — sussurra.

— Toda família é. Espere só para conhecer minha mãe e meu padrasto, eles são umas figuras!

Ela para de rir, e a sinto ficar tensa.

— Todos já sabem sobre nosso acordo? — ela me indaga.

— Não. Apenas a Milena. — Assente. — Ela foi contra, acha loucura e queria que eu não envolvesse você. Eu prometo que não vou te machucar, Lara.

— Eu sei que não. — Sorri. — Nós vamos contar a verdade?

— Só para o Luti — informo. — Quanto mais pessoas pensarem que estamos apaixonados e casando por causa disso, melhor.

Ela suspira e brinca com o macarrão no seu prato.

— Lara? — Volta a me encarar. — Eu vou falar com sua família ou você quer fazer isso? — Ela dá de ombros. — O correto sou eu falar. Tudo bem para você?

— Sim, mas agora, não. — Assinto. — Depois do almoço minha irmã e eu costumamos lavar a louça, e a mamãe e o papai vão para a sala conversar até o final do horário dele.

— Essa será uma boa hora?

— Acho que sim. — Ela sorri. — Ele estará de barriga cheia e mais calmo.

Sorrio, tenso. Saber que terei que enfrentar o pai dela é uma situação que me lembra demais de quando fui conhecer os Kaufmanns. Eu coloquei minha

melhor roupa, passei perfume e comprei um buquê – o mais barato da floricultura – para a mãe da Mônica.

Quando cheguei, eles me olharam como se eu fosse um inseto. Mônica fez questão de ficar ao meu lado o tempo todo, abraçando-me, beijando-me e não deixando que eu me sentisse mal, mas eu me senti; o tempo todo, eu me senti. Disse a ela que nunca mais voltaria lá, e ela me convenceu de que, com o tempo, as coisas iriam melhorar. Não melhoraram. A cada nova visita, eu recebia piores olhares, perguntas cada vez mais humilhantes e desprezo. Até que eles a proibiram de me levar lá.

Passamos a nos encontrar escondidos, e ela engravidou. Todo o resto foi uma luta e uma sucessão de xingamentos e discussões sem fim. Mônica e eu sofremos muito para ficar juntos, e, quando finalmente iríamos conseguir, ela foi tirada de mim para sempre.

Começo a suar e esfrego minhas mãos na calça sem parar, até que Lara, debaixo da mesa, agarra a que está ao seu lado e a aperta, como se soubesse do meu nervosismo e do que estou sentindo. Seu toque firme é reconfortante e me ajuda a relaxar. Eu aperto sua mão de volta, roçando meus dedos sobre as costas de sua mão em uma carícia sem fim, impedindo a mim e a ela de continuarmos a refeição.

O clima muda, meu desespero pela lembrança do passado dá lugar a outro, o da vontade de descobrir como seria acariciar todo o corpo de Lara. Eu gostaria de desvendar cada coisa que lhe dá prazer, abrir cada recôndito da mulher que ela está se mostrando para mim. Não há mais a menina, a garota intocável; agora minha mão roça a mão de uma mulher que eu quero muito.

Deve ser o desejo do proibido que me atrai, só pode! Quanto mais os pais de Mônica diziam não querer nosso namoro, mais eu a desejava. Agora, quanto mais digo a mim mesmo para não me aproximar de Lara dessa forma, mais a quero na minha cama, mais quero estar dentro dela.

Ergo meus olhos para Lara, mas ela observa nossas mãos unidas e meus dedos se mexendo sem parar sobre sua pele. Quando ela ergue os olhos.... *Puta que pariu!* Como é que eu vou conseguir me manter afastado dessa mulher?

Lara e Clara, como fui avisado, ficam encarregadas da louça após o almoço. O senhor Ulisses me convida para sentar na sala e ver um pouco do telejornal esportivo e, diferentemente do que Lara previu, a esposa não o acompanha.

Nós nos sentamos em poltronas, e ele liga a TV. Fico tenso, porque sei que,

a qualquer momento, vai rolar algum tipo de começo de conversa e...

— O que você e minha filha são, afinal?

Uau! Seguro um sorriso para não parecer desrespeitoso, mas a “conversa” vem antes mesmo do que eu imaginava. O homem não gosta de rodeios!

— Eu namoro sua filha, senhor...

— Rapaz, eu conheço minha Lara, ela não te namora!

Ergo a sobrancelha, tentando entender o que ele quer dizer com isso.

— Tem razão, nós não namoramos. — Ele se recosta na poltrona, parecendo o dono da razão. — A gente tem saído, se encontrado às escondidas, ficado junto. — O rosto dele vai se enfurecendo. — Nunca realmente a pedi em namoro.

— O que você está...

— Foi por isso que vim atrás dela. Para consertar as coisas.

— Como assim? — Ele cruza os braços.

— Lara é a mulher mais corajosa que já conheci. — Ele ri, como se o que eu estivesse falando fosse loucura. — Ela é amiga, legal, forte e obstinada.

— Ela é sensível, frágil e nunca deveria ter ido para São Paulo e cair no papo de pessoas que só querem machucá-la.

Fico um tempo parado, questionando se ele realmente conhece a filha que tem. Lara me pareceu assim quando a vi, mas, depois que a conheci, percebi que sua fragilidade é só aparente. Ela é forte, sim!

— Eu não vou machucá-la e não vou permitir que ninguém o faça. — *Nem mesmo vocês.* — Eu vim aqui para receber uma resposta, e ela já me deu, porém, por questão de consideração, pedi a ela para falar com o senhor. — O homem fica branco ao entender do que falo. — Vou levar Lara de volta para São Paulo comigo. Ela aceitou meu pedido de casamento e...

Ele se levanta.

— Lara! — grita em direção à cozinha. — Lara!

As três mulheres da casa aparecem, apavoradas. Lara me olha questionadora, e eu dou de ombros, afinal, conversei com o seu pai sobre a decisão dela, não pedi permissão. Lara não é mais criança, tem idade suficiente para tomar uma decisão dessas.

— Que loucura é essa, Lara?!

— Eu... — Ela parece trêmula, e eu tenho medo de que desmaie, mas, para minha surpresa, levanta a cabeça e encara o pai. — Eu aceitei, pai. Eu vou me casar com o Cadu.

Sorrio ante a sua confiança.

— Casar? — A sua mãe parece tão perplexa quanto o pai. — Você não pode casar com...

— Por quê? — Ela se vira para dona Josely. — O que me impede de fazer isso? Eu não estou mais morrendo, mãe! Eu estou saudável e posso viver normalmente como qualquer outra pessoa e...

— Você pode ter filhos com o mesmo problema! — senhor Ulisses dispara, e eu a vejo emudecer. — Você não quer passar pelo que nós passamos, filha! — Ele se vira para mim. — Você sabe o que é ter medo de dormir e acordar com sua filha morta? Medo de que um tombo ou um susto a mate? Sabe quantas cirurgias, quantas internações e...

— Pai! — ela grita. — Eu não sou mais assim! Acabou! — Ulisses nega, mas Lara se mantém firme. — Eu pensei que vocês pudessem perceber isso. Eu saí de casa, mudei para uma cidade grande, trabalhei, deixei de dormir, estudei, mas ainda assim vocês me veem como aquela garota que não podia nem correr!

O clima na sala me dá a dimensão do que todos aqui passaram durante os anos em que Lara esteve doente e me faz entender o motivo pelo qual ela não gosta de falar sobre esse período. Os pais sentiam e ainda sentem medo de perdê-la. Cuidaram dela, protegeram-na, mas, quando ela abriu as asas, quando ela pôde ser livre, eles quiseram mantê-la como antes.

Caminho até ela, pego sua mão e sorrio.

— Eu gostaria de contar com a presença de vocês — Lara aperta minha mão, mas eu a ignoro. — Vamos nos casar no civil daqui a duas semanas, e haverá um jantar no meu apartamento depois. — Eu a olho. — No nosso apartamento.

— Filha... — Josely se aproxima. — Você não falou nada quando veio para cá. Tem certeza? — seu tom é de preocupação e cuidado, bem diferente do de antes.

— Sim, mãe, eu tenho.

— Mas vocês se amam para isso? — Clara se intromete pela primeira vez, e eu fico sem resposta.

— Claro! — Lara responde tranquila. — Nós estamos fazendo isso por amor, Clara.

Sim! Por amor a Amanda! Sorrio para Lara, demonstrando o quanto eu apreciei a resposta. Ela foi sincera com sua família, e eu nunca poderia pensar em uma resposta tão certa como essa.

— Nós estaremos lá. — Josely afirma. — Não é, Ulisses?

O pai dela, ainda contrariado, assente, e Clara corre para abraçar a irmã.

Enfim posso respirar de verdade, aliviado, sabendo que a primeira barreira – a família dela – foi vencida. Lara é formidável, e eu tenho certeza de que, com o seu apoio, com seu amor e dedicação, nós vamos conseguir ter Amanda conosco.

Nunca vou poder agradecer o que ela está fazendo pela minha filha e por mim mesmo, nunca! Eu só espero ser um parceiro fácil de lidar e que a deixe feliz e segura. Lara já passou por muita coisa e, por isso mesmo, é a mulher extraordinária que é. Tudo o que ela precisa é poder ter segurança para avançar em suas conquistas e, assim, ir longe.

E, quando ela for... Bem, quando ela for, eu vou sentir falta, mas nunca irei impedi-la.

Casar! Eu vou me casar com o Cadu daqui a duas semanas!

A informação sobre o tempo em que ocorrerá o enlace me tomou mais de surpresa do que o pedido em si. É verdade que eu nunca esperaria que ele viesse até aqui atrás de mim e me fizesse essa proposta maluca, muito menos poderia prever que – ainda mais louca – eu a aceitaria.

Não deveria! Deus sabe que tenho motivos para não embarcar nessa história por causa dos sentimentos que trago dentro de mim com relação ao Cadu, mas, por Amanda – ainda acredito que estar com o pai é o melhor para minha pequena princesa –, eu cedi. Um acordo entre amigos, uma ajuda mútua, sem nenhum tipo de envolvimento físico ou sexual, porém, selado com um beijo.

Suspiro ao me lembrar da carícia fugaz. Um beijo roubado, mas tão desejado, que não durou tempo suficiente para que eu sentisse o gosto da boca de Cadu. Um leve revoar sobre meus lábios, como se algo bem leve os tivesse tocado, porém, com uma proporção de significado para mim que abalou tudo à minha volta... não mais que o pedido de desculpa e a sua promessa de nunca mais me beijar que se seguiu!

Um acordo entre amigos!

Pego mais uma peça de roupa e a dobro, colocando-a de volta na mala que desfiz há alguns dias apenas. Era para eu já estar em São Paulo, Cadu insistiu nisso, mas pedi um tempo para poder conversar com minha família, principalmente com minha avó.

Não pude esconder dela o que realmente está acontecendo entre mim e Cadu. Ouvi seus conselhos, sua discordância com a loucura de eu me casar com um homem do qual não conheço quase nada e, principalmente, seu pedido para eu ter cuidado com o meu coração.

— Vovó, a senhora sabe que este coração está ótimo! — Apontei para o meu peito e sorri.

— Fisicamente, Lara — dona Maridalva ressaltou. — Mas seus sentimentos por esse rapaz são fortes, eu vejo nos seus olhos, e não há nada pior para um coração apaixonado do que não ser correspondido.

— Ah, vó, também não é assim.

Ela pegou minhas mãos.

— Eu a admiro muito por estar fazendo isso pela criança, mas tenha em mente, minha filha, que você vai viver uma mentira. A convivência pode ser benéfica, fazendo-a esquecer essa atração para enxergá-lo somente como o amigo que se dispôs a ser, ou pode ser fatal, deixando-a cada vez mais apaixonada e sem perspectiva de ter o sentimento correspondido.

— Eu sei, vó.

— Lara — eu a encarei com atenção, pois sabia que, quando ela me chamava com aquele tom de voz sério, era porque ia dizer algo muito importante —, se você não conseguir controlar a paixão, deixe-a nascer e lute por ele.

— Mas ele ainda é...

— Eu sei, você me disse. Não seja covarde, minha filha, você nunca foi. Sei que é uma situação nova para você, além disso, conheço sua inexperiência em certos assuntos. — Senti meu rosto arder e soube que fiquei vermelha como um tomate. — Você está viva! Você é real! — Assenti, entendendo. — Mas preste atenção. Nunca, em hipótese alguma, deixe de se amar para amá-lo. Não o coloque em um pedestal, pelo contrário! O gesto admirável foi o seu, então ele precisa te tratar como uma rainha!

— Vó, eu não sou assim. Fiz de coração.

— Eu sei. Ele sabe, também! Se você o quiser, tenha-o. No entanto, não permita que ele a tenha se não te tratar como você merece. Você se entrega demais, é boa demais para os outros! É hora de pensar em você.

Eu concordei com ela. Sei que minha avó não quer que eu seja uma egoísta ou algo do tipo, ela quer apenas que eu pense em mim também.

Pego meu cordão e seguro firme o pingente, fazendo uma prece para que, seja como for meu relacionamento com o Cadu, eu me proteja, proteja meu coração e também *me permita*. Preciso me permitir viver, conhecer, explorar, e, se ele for o homem que me fará ter essas experiências, mesmo como amigo, não vou me negar. Eu quero!

Balanço a cabeça, tentando não me preocupar com isso e contando com o que minha avó sempre diz: *o que será, será!*

Estou voltando para São Paulo, voltando para os meus sonhos. Vou ajudar no que for preciso para Cadu ter a filha de volta, mas vou continuar com minha vida. Sei que ele mencionou vantagens, porém, tudo o que eu quero é poder terminar meus estudos. Compreendo que Cadu tem algum dinheiro e que pode – e muito – melhorar minha situação na capital, só que isso não é o que eu quero dele.

Ainda não conversamos sobre a dinâmica do nosso casamento. Não sei se serei tipo uma babá de luxo, ou uma companheira de apartamento, ou mesmo algum tipo de funcionária. Tudo o que sei é que não serei esposa. Eu vou me casar, mas continuarei “solteira”. Vou ter um marido e morar sob o mesmo teto e continuar virgem.

Rio disso bem no justo momento em que minha mãe entra no quarto.

— Você parece bem feliz, Lara.

Ah, mãe, se a senhora soubesse!

— Estou, sim, mãe. Foi inesperado, mas certo.

Ela franze o cenho ante a minha resposta e, de repente, arregala os olhos.

— Você está grávida, Lara?

O susto que tomo com a pergunta é tão grande que deixo umas peças de roupa caírem.

— Não! — quase grito e caio na gargalhada. — Não, mãe, eu não estou grávida.

Ela respira fundo.

— Você já está tomando contraceptivos? — mais uma vez a pergunta me surpreende, porque nós nunca tivemos esse tipo de conversa. — Se ainda não, precisa marcar uma consulta e pedir a prescrição. — Concordo. — A menos que vocês não queiram... impedir.

— Mãe! Eu vou marcar um médico quando estiver em São Paulo, e não se preocupe com nada, está bem?

— Sim, é que foi repentina para mim essa história, e eu... eu acho você muito nova ainda.

Rio e a puxo para um abraço.

— Mãe, eu vou fazer 23 anos daqui uns meses, sabia? Com essa idade, você já tinha a Clara!

Ela funga, mas não me contesta.

Claro que eu sei que eles nunca vão conseguir me ver adulta. Talvez por nunca pensarem que eu chegaria tão longe, não depois do fracasso e das complicações da segunda cirurgia pela qual passei. Entretanto, eu cheguei, eu cresci, e a vida segue.

— Não se preocupem comigo. — Beijo seu rosto. — Daqui a alguns dias, nos veremos de novo. Vocês vão conhecer a família do Cadu – que são pessoas ótimas! – e ver toda a estrutura que terei por lá. Eu estarei bem-cuidada.

— Eu espero que sim. — Ela se abaixa e pega minhas roupas do chão, e eu as dobro, guardando na mala em seguida. — Quero que você saiba que, independentemente de você se casar, esta aqui continua sendo sua casa.

— Eu sei, mãe. Obrigada!

Fecho minha bagagem e fico apenas à espera do motorista que Cadu mandou para me buscar. Ele saiu daqui, depois da conversa com meus pais, há uma semana, e, desde então, temos somente nos comunicado por telefone.

Fizemos uma procuração em meu nome para que o advogado dele – que se chama doutor Freitas – desse início ao pedido de habilitação de casamento, e, de acordo com as informações que chegam até mim, está tudo dando certo.

Faltam poucos dias para o casamento, e Milena está ajudando nos preparativos do jantar após a assinatura no cartório. Eu vou começar a me envolver com isso quando chegar lá, mas, como tudo será muito simples, creio que não haverá muito a fazer.

Nunca imaginei me casar assim. Todas as vezes em que sonhei com esse momento era da forma mais tradicional e romântica possível. Um vestido branco rodado, um enorme véu, muitas flores e uma festa. Há muito tempo essa fantasia deixou de povoar minhas noites. No entanto, agora, voltou para me lembrar de que não será como eu sempre quis. Não haverá um noivo sorridente e emocionado no altar, e isso é mais assustador do que não ter vestido e festa.

Assusta-me pensar em dar um passo tão importante como esse, por motivos tão nobres, porém, tão diversos do que sempre sonhei.

— Eu tenho uma surpresa! — Milena invade meu quarto muito animada. — Acorda!

Gemo e abro os olhos, buscando meu celular para ver as horas.

— Mi, são 7h da manhã! — reclamo, querendo voltar a dormir, pois estava tão nervosa ontem, quando cheguei, que demorei a pegar no sono.

— Vamos lá, Lara! — Senta-se na cama. — Os meninos voltam hoje, e eu não quero que eles atrapalhem.

Abro um dos olhos apenas, desconfiada.

— O que você está aprontando?

Ela sorri, matreira, e eu tenho certeza de que a surpresa é algo muito malvado. Sento-me na cama, curiosa e – confesso – bastante animada.

— Eu sei que esse é um casamento nada ortodoxo, mas não é por isso que vamos deixar de curtir as coisas que só uma noiva e — aponta para si mesma — uma madrinha curtem.

Levanta-se.

— Agora nós vamos para um SPA e almoçaremos por lá. Depois vamos às compras. — Bate palmas. — E, enfim, antes de os meninos aparecerem por aqui, vamos ter uma festinha com algumas amigas.

— Amigas?

O rosto de Milena se ilumina.

— Chamei suas amigas que moravam com você e algumas pessoas lá do Hill. — Abro um enorme sorriso. — Ah... seu amigo Marlon vem também. — Dá de ombros. — Disse-me que era café com leite!

Eu gargalho, caindo para trás na cama, feliz por poder passar esse momento com pessoas queridas e amigos que fiz aqui nesta cidade.

Cadu tem ressaltado que, para isso dar certo – nosso acerto de casamento –, temos que agir normalmente. Então ficou decidido que não íamos esconder e nem pegar a todos de surpresa. O empresário dele já soltou uma notinha para a imprensa, dizendo que o vocalista da banda está completamente apaixonado e, depois do casamento, serão liberadas fotos do jantar e mais uma notinha explicando a união.

Uma encenação perfeita para um casamento perfeitamente falso.

— Lara? — Milena está me encarando, e então me dou conta de que parei de rir, e agora uma lágrima rola em meu rosto. — Eu sei que eu deveria estar ajoelhada a seus pés, agradecendo por tudo o que fez e está fazendo pela minha

família, mas eu gosto tanto de você que tudo o que penso em te dizer é que dá tempo de desistir.

— Eu sei, Mi, mas não vou. — Levanto-me da cama de vez. — Eu vou fazer isso, não é tão sacrificante assim. Cadu e eu somos amigos, tem você e o Luti de bônus, e o mais importante...

— Amanda — ela completa, e eu apenas concordo. — Se você não estiver no clima, eu posso cancelar tudo o que planejei e...

— Não! — Rio. — Estou me casando pela primeira vez e quero sentir todas as experiências de uma noiva.

Milena faz careta.

— Só não comece a surtar, pelo amor de Deus.

Abro minha mala e resolvo brincar com ela.

— Ai... eu não tenho roupa, e meu cabelo não vê tesoura há meses! — finjo uma voz esganiçada. — Convence?

Ela ri.

— Quase! Geralmente as noivas reclamam do peso e de como vão ficar no vestido.

Olho para mim mesma, magra como sempre fui e dou de ombros.

— Não vou usar um vestido.

— Quem disse? — ela joga a pergunta e sai do quarto, deixando meu coração acelerado.

O SPA é tudo o que eu nunca pude sonhar na vida. Uma enorme mansão cercada de jardins, com piscinas e muitas tendas para massagem ao ar livre.

Ao chegarmos, fomos direto para um salão reservado, onde uma equipe de profissionais nos atendeu.

Finalmente pude mexer nos meus cabelos e decidi por um corte um pouco mais ousado do que o fio reto que sempre usei. Agora possuo franja!

A pele de meu rosto e do corpo foi cuidada enquanto meus pés e mãos passavam por uma manicure. A todo instante vinha um garçom nos servir champanhe, mas tanto Milena quanto eu dispensávamos a bebida, ficando apenas com chás e sucos.

Eu nunca gostei muito de beber, fazia-o mais por curiosidade do que por gostar. E agora, ao lado do Cadu, sabendo de todo o esforço que ele faz para se manter sóbrio, não há motivos para que eu beba.

Sei que o resto do pessoal e até mesmo Milena tomam um drinque ou outro,

mas sempre quando estão longe do Cadu e evitam chegar com cheiro de bebida perto dele. Eu, por minha escolha, decidi não beber mais. Tenho vontade de ir até o grupo que ele frequenta e conhecer o tal padrinho que ele cita nas conversas às vezes, mas não quero me intrometer em sua vida e nem forçar uma situação.

Meu papel na vida dele é claro demais para mim. Estou aqui, passando um dia especial na semana em que vou me casar, porque seus advogados o aconselharam a isso, a se estabelecer, e eu, por algum motivo, entrei na vida de pai e filha.

Depois de uma massagem corporal e de eu ficar alguns minutos na banheira de hidromassagem com óleos exóticos, secaram e modelaram meus cabelos e me maquiaram, e eu encontrei a Milena em uma sala reservada para o almoço. Tiramos fotos, rimos, nos divertimos.

Eu nunca passei um dia como este, nunca tive essa interação com minha própria irmã, e, mesmo Milena sendo uns sete anos mais velha que eu, nós duas temos muito assunto em comum e a amizade flui naturalmente.

Saímos do SPA e viemos direto para o shopping Cidade Jardim, onde ela insistiu para que fizéssemos compras – e onde estamos agora. Eu nunca havia sequer entrado no luxuoso prédio, cheio de lojas das grifes mais caras do mundo, e estou encantada e apavorada.

— Mi, eu não posso comprar nada aqui — aviso olhando uma vitrine.

— Claro que pode! É presente de casamento do seu noivo!

Paro de andar, completamente pega de surpresa com a informação.

— Foi ele quem pediu para que você fizesse isso tudo?

— Não! — Ela ri. — Ele me pediu para lhe comprar um presente de boas-vindas, e é isso que estou fazendo. — Ainda continuo parada, desconfortável por Cadu pagar por minhas roupas. Será que ele sente vergonha de mim? — Lara, eu sei que você é uma mulher que se orgulha em conquistar as coisas por si mesma. Acredite, eu também sou assim. Eu não quero te ofender te trazendo aqui, pelo contrário! Como esposa do Cadu, você vai precisar acompanhá-lo em alguns eventos, premiações e, com certeza, vai haver alguma imprensa querendo noticiar o casamento e o relacionamento de vocês.

A sua explicação não me acalma, pelo contrário. Eu nunca havia imaginado que, casando-me com alguém famoso, eu iria ficar também.

— Eu não sei se consigo...

— Para com isso! — Ela sorri e me puxa pela mão. — Claro que consegue! Você vai conquistar todo mundo com seu jeito doce, tenho certeza. — Olha-me cheia de expectativa. — Deixe-me ajudar você a se sentir confortável, sim?

Eu assinto, e ela parece com uma criança que acabou de receber um

presente de Natal.

Visitamos inúmeras lojas, desde de calçados e acessórios a de vestidos de festa, todas de grifes renomadas. Em nenhum momento eu quis saber o quanto ela estava gastando com tudo aquilo, mesmo assim, a todo tempo, ela frisava que Cadu iria aprovar.

Só chegamos à casa agora, à noitinha, cheias de sacolas de compras e algumas encomendas de roupas que precisarão de reparos e que nos mandarão depois.

— Você tem exatos 20 minutos para tomar banho e se aprontar, porque as meninas já estão chegando para nossa comemoração. — Milena me empurra. — Vai, não podemos demorar, porque a banda deve estar de volta antes da meia-noite.

— Deus, me sinto a própria Cinderela desse jeito! — faço piada com o horário, mas subo correndo para o quarto onde estou hospedada – o meu novo quarto – para poder me arrumar. Não resisto e retiro peça por peça das sacolas, sorrindo, passando a mão nos tecidos variados, sentindo os aromas dos perfumes e cremes, além de uma infinidade de maquiagem que nunca pensei que existia.

Tenho tanto a aprender ainda! Sempre fui muito básica, e isso nunca me incomodou, mas agora quero ousar um pouco mais – não apenas por estar me casando com um astro da música, mas porque quero explorar minha feminilidade pela primeira vez; deixar de ser uma garota e me tornar uma mulher.

Sei que roupa e outras coisas materiais não fazem isso, é a atitude que mostra que a gente cresceu. Eu sempre achei que fosse uma pessoa covarde, envergonhada e fraca. No entanto, tudo o que aconteceu nessas semanas desde que conheci a Amanda e o Cadu serviram para me mostrar algo que eu não notava: eu sou forte!

Olho para o espelho com um sorriso nos lábios, repetindo isso para mim mesma. Foram tantos anos vivendo com minha família tentando me proteger de tudo e de todos, dizendo o quão frágil eu era, que eu simplesmente não percebi que me tornei uma mulher forte, que luta pelo que quer e sabe o que quer.

Entro no banheiro para um banho rápido, visto novamente o mesmo macacão que usei na primeira vez em que estive neste apartamento e desço para saber o que Milena organizou para mim.

No meio das escadas, noto tudo escuro. O andar de baixo do apartamento é todo cheio de vidraças, bem-iluminado, mas, neste instante, todas as cortinas

estão fechadas, e as luzes, apagadas.

— Mi? — chamo-a, estranhando o silêncio. — Milena?

Escuto um barulho de algo estourando. Ponho a mão sobre o coração quando as luzes se acendem e vejo confetes voando pelos ares. Aqui estão Tiana, Helô, Duda, Milena e Marlon fazendo a maior algazarra. Uma enorme faixa anuncia o que minha futura cunhada planejou. Santo Deus! Um chá de lingerie!

— Lara M., sua safadinha! — Tiana me abraça, mesmo comigo ainda em estado de choque com a descoberta. — Quando a Milena entrou em contato para informar que minha amiga tinha fisgado o irmão dela... — Ela se abana. — Ah, Lara! — Segreda em meus ouvidos: — As dicas de roupa que eu te dei ajudaram, não foi?

Eu rio dela e a abraço feliz.

— Amiga, ainda dá tempo de desistir e deixar o boy livre! — Marlon comenta, entregando-me um quitute que eu imediatamente reconheço como sendo criação da Duda. — Um homem como aquele nunca deveria ser de uma pessoa só! Deveria ser patrimônio da humanidade!

Todos gargalham, e ele começa a saltitar abraçado a mim.

Helô me cumprimenta um pouco mais tímida. É seu jeito de ser, mas, ainda assim, eu noto que ela está feliz por mim.

Não vou mentir que essa situação com meus amigos não me incomoda um pouco, afinal, tudo isso é uma encenação, uma fraude. Não há nenhum casamento, eu não fisguei ninguém... eu só sou útil e me dispus a ajudar.

— Lara! — Duda me cumprimenta. — Você merece ser muito feliz! Parabéns!

— Gente, como vocês deixaram o Hill hoje para estar aqui comigo? — Ela dá de ombros e diz que depois irá para lá. — Eu nem sei como agradecer! — Olho para Milena. — Obrigada!

— Não agradeça ainda! — Ela me mostra uma venda, e Marlon começa a assoviar. — Vamos começar a brincadeira!

Sou vendada, mesmo sob protestos, e depois começam a me entregar um monte de coisas estranhas, em sua maioria sexuais, para eu adivinhar o que é e para que serve. Nem preciso dizer que fico como um pimentão de constrangimento, e o pouco que eu sei – já assisti a uma coisa ou outra pornô na minha vida – é comemorado por eles como se eu fosse a rainha do sexo. Se soubessem!

O problema é que, a cada erro, eu sou obrigada a responder perguntas. E, quando a coisa vai ficando mais séria, as perguntas, cada vez mais íntimas, começo a suar e ficar tensa.

— Quero saber sua posição preferida, Lara! — Milena inquire toda

animada. — Vamos lá, é um chá de lingerie e só tem amigas aqui!

Eu não sei o que responder.

— Lara? — ouço a voz da Tiana. — Oh, meu Deus, Lara! Ainda não...?

Retiro a venda dos meus olhos e sorrio para todos. Milena tem razão, estou entre amigos. Três aqui presentes dividiram a casa e os segredos comigo, a Duda é especial para mim, pois sempre me tratou muito bem e me deu a oportunidade de trabalhar mesmo sem experiência, e a Milena tem sido uma fofa comigo o tempo todo.

— Eu ainda continuo virgem, pessoal! — admito com uma risadinha nervosa.

Minha futura cunhada não esconde o espanto e, de repente, põe a mão sobre o rosto, muito constrangida.

— Ah, Lara, desculpa...

— Tudo bem, Mi! — tento aliviar um pouco o clima.

— Bem, de qualquer forma, essa sua situação não deve durar muito tempo mais, né? — Marlon brinca. — Vocês não são do tipo que vão esperar assinar os papéis para poder transar... ou são?

Eu respiro fundo, abro um sorriso, o mais malicioso que consigo, e Marlon comemora, entendendo que eu não vou esperar.

A conversa na sala muda, e todas as mulheres – e o Marlon – presentes começam a contar histórias engraçadas sobre como foi a primeira vez e me dão dicas, muitas dicas.

Horas depois e muitos petiscos da Duda devorados, meus amigos se despedem, e Milena me abraça apertado.

— Desculpe-me pelo desastre desta noite! Se eu tivesse imaginado, não teria programado algo assim.

— Tudo bem, Mi. Foi bem engraçado e instrutivo...

— Por quê, Lara? Me desculpe ser invasiva, mas por que você aceitou essa loucura com o meu irmão?

— Amanda...

— Eu sei que você gosta muito dela — interrompe-me. — Mas você é jovem, pode conhecer alguém, se apaixonar, viver um grande amor. Por que se prender a um relacionamento de mentira e por tempo indeterminado?

Dou de ombros.

— Eu não encontrei ninguém ainda, nem mesmo por interesse meramente sexual. Não estou abrindo mão de alguém, Mi. E eu terei tempo depois para...

— Meu irmão sabe que você...

— Não! — respondo apavorada. — E nem tem motivo para saber. Nosso acordo não envolve sexo, Mi. É um pacto de amizade, um casamento de fachada,

só isso.

Ela fica um tempo quieta e em seguida balança a cabeça.

— Não sei, Lara. Eu vou voltar para casa na semana que vem, logo depois do casamento. Você é linda, doce, inteligente, e meu irmão também não é de se jogar fora...

— Nós combinamos, Mi.

Ela ri.

— Eu sei, mas quer um conselho? Nem sempre a gente consegue controlar o desejo. — Ela pega minha mão. — Eu gostaria muito que fosse de verdade, sabe? O casamento. Eu te admiro e sei que ter você só faria bem ao meu irmão — meu coração dispara ao ouvir isso. — Eu não concordo com esse eterno luto em que ele vive por causa da Mônica.

— Eu não quero seguir por esse caminho, Mi.

Ela assente.

— Eu respeito isso. Mas, caso queira, não permita que "o combinado" a faça desistir de tentar, e, se meu irmão quiser, dê uma chance. Eu acredito que, de verdade, vocês dois ficam muito bem juntos.

Sorrio e agradeço por isso.

Começamos a arrumar a bagunça da sala. Junto todos os presentes que ganhei e – mesmo que não tenha pretensão de usar nada disso – os levo para o meu quarto.

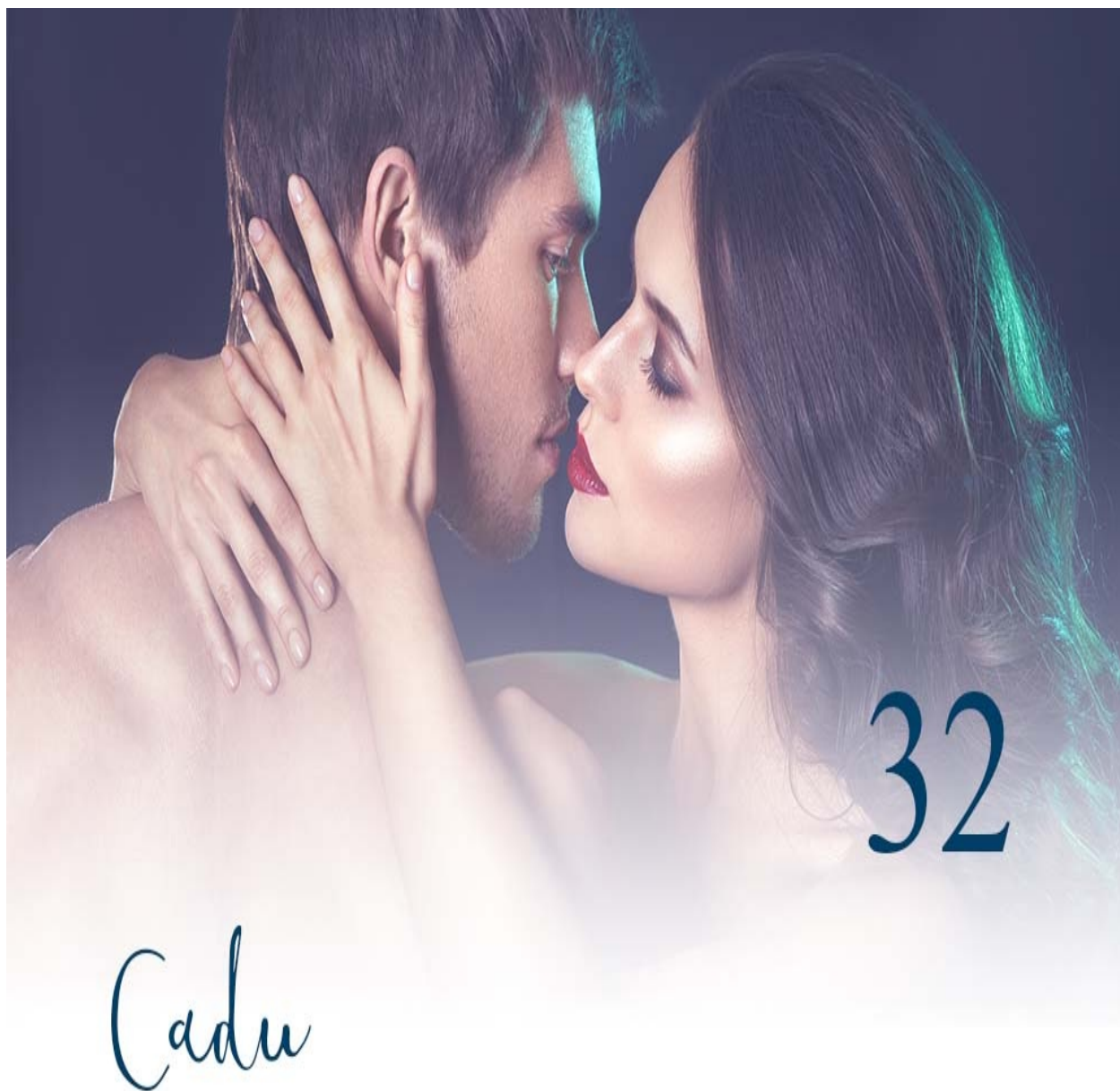
Minutos depois Milena bate à minha porta e entra, avisando-me que Cadu ligou avisando que irão se atrasar e que ela vai dormir.

— Boa noite! Obrigada pelo dia, foi muito divertido.

Ela sorri sem jeito.

— Desculpe a mancada de hoje à noite!

Gargalho e digo que está tudo bem. Ela se despede, e eu entro no banho mais uma vez, pensando em tudo o que aconteceu. Cada vez mais as imagens de Cadu comigo na cama preenchem minha mente. Eu não sei como vou fazer para controlar esse desejo que sinto por ele, mas vou conseguir.

Fecho os olhos e deixo a água quente escorrer pelo meu corpo, perguntando-me desde quando comecei a mentir para mim mesma.

Chego a casa cansado depois de horas parado no aeroporto de Belo Horizonte porque não tínhamos teto para levantar voo. Estava caindo uma chuva de dar medo em qualquer pessoa, um verdadeiro toró, como diria minha mãe.

Eu pensei que estaria em casa antes da meia-noite, mas não aconteceu, e Lara passou o segundo dia no meu apartamento sem mim.

Olho para as escadas que levam ao primeiro andar e suspiro ao pensar que ela está aqui, sob o mesmo teto que eu, e que ficará aqui por muito tempo mais. Ainda não sei se realmente foi uma loucura ter feito essa proposta para ela, como me acusou o Luti, ou se o plano para ter Amanda assim pode dar certo.

Dizer que o Luti me chamou de louco por causa da Lara é eufemismo. Meu

amigo – meu melhor amigo – perdeu a cabeça comigo pela primeira vez, e nós discutimos feio, a ponto de eu perguntar a ele qual era o seu real interesse na Lara.

A partir daquele momento, ele mal falou comigo. Geralmente, antes de um show, discutimos sobre trabalho, algum tipo de “improviso” que poderíamos tentar no palco, mas, dessa vez, Luti ficou na dele o tempo todo.

Deixo minha mala em um canto da sala e desabo no sofá sem nem mesmo acender sequer uma luminária. Fico um tempo imóvel, os pensamentos disparados, o coração palpitando, e eu sei bem o motivo. *Ela!*

Lara está aqui, deitada na cama de um dos quartos de hóspedes. Respiro fundo, tentando expulsar as imagens dela sozinha na enorme cama, coberta com um edredom quentinho, dormindo tranquilamente. *Sozinha!*

Eu preciso me controlar! Preciso controlar esse desejo inapropriado que desenvolvi por ela, senão não haverá condições de continuar nosso acordo sem que minha vida vire um inferno, tamanha a tortura que será tê-la tão perto e não poder tocá-la.

Passo as mãos no rosto, bufando e então abaixo-as rapidamente, dando uma espécie de soco no couro branco do sofá onde estou jogado. Franzo o cenho ao sentir uma embalagem de papel e ouvir o barulho da mesma sendo amassada pela minha mão. Pego-a, mas a fraca iluminação que vem de fora não me deixa ver o que é. Parece uma sacola de compras pequena, de papel e com alças de tecido. Sorrio ao pensar que é o presente que pedi à minha irmã para comprar para Lara e estico meu braço em direção à luminária a fim de ver pelo menos se reconheço o nome da loja, mas paro ao ouvir barulho de alguém descendo as escadas.

Fico em silêncio, parado, sentindo meu corpo inteiro reagindo, torcendo para ser Milena, mas sabendo se tratar de Lara. Droga! Tudo o que não preciso é vê-la de pijama!

Consigo ver apenas a sombra pequena passando – o que ressalta a certeza de que não é minha irmã –, agradecendo por estar tudo escuro. Ela para e acende uma das luminárias da sala de jantar, e, como não há paredes aqui, na parte debaixo do apartamento, eu consigo vê-la se encaminhando para a cozinha usando apenas uma camisa de malha larga.

Eu deveria fechar os olhos ou mesmo me anunciar aqui, mas a imagem das pernas dela, o contorno de seu corpo contra o tecido da camisa me deixam paralisado. Não consigo tirar os olhos dela e, a cada movimento, vou ficando mais e mais paralisado e excitado.

Porra, Cadu!

Lara abre um dos armários da cozinha, e – por causa do balcão que separa o

cômodo da sala de jantar – eu só consigo vê-la da cintura para cima, mas... Merda! Eu não deveria estar olhando!

Os seios de Lara estão apertados contra a camisa. Eu consigo saber seu tamanho, ter uma pequena ideia de seus mamilos duros – por frio ou pela fricção do tecido – e noto que ela mudou algo em si mesma, ficando mais sexy do que antes.

Os cabelos! Sorrio, vendo uma franja e um corte novo. Eu não entendo muito dessas coisas, mas posso dizer que a mudança no visual a deixou ainda mais linda do que era. Assisto-lhe pegar um copo e caminhar para a geladeira – consigo ver todo seu corpo novamente – e se abaixar de leve para colocar seu copo no *dispenser* de água.

Gemo baixinho, obrigando-me a fechar os olhos ao avistar uma calcinha de renda branca e parte de suas nádegas. Meu pau lateja, dói de tão duro e apertado contra meus jeans, e minha consciência me condena, pois me sinto um voyeur aqui, excitado enquanto a observo.

Lara toma a água, e eu escuto o barulho da torneira da pia da cozinha. Fico tenso, sabendo que, ao retornar, ela me verá aqui sentado e saberá que eu acompanhei cada um dos seus movimentos.

Tento achar uma saída e penso em fingir que estou dormindo no sofá, mas não dá, não consigo me mover. *Eu quero essa mulher!*, admito, enfim. Eu quero mergulhar nela, sentir sua pele, provar o sabor de seu corpo inteiro... Eu preciso disso!

Abro os olhos e me mantenho encarando-a, pronto para me sentir mal por ela descobrir que estou aqui furtivamente. Lara fala algo para si mesma, sorri e balança a cabeça, caminhando sem olhar para frente e apagando a luminária.

Surpreendo-me por não ter sido flagrado, aliviado, mas, ao mesmo tempo, puto por não poder saber da reação dela sobre minha presença aqui na sala e nem demostrar o quanto a quero e descobrir se há alguma esperança de que ela sinta o mesmo.

Balanço a cabeça, ouvindo os passos dela na escada novamente. Fico parado, sem nem mesmo respirar e, quando acho que o tempo foi suficiente para que ela tenha entrado no quarto, gemo e acendo a luz.

Porra, Cadu! Estou excitado como um garoto, dolorido de vontade de tê-la. Posso continuar alegando que é a falta de sexo que está causando isso, mas sei que não é. Há, infelizmente, uma atração enorme da minha parte. Mesmo que ela não tenha feito nada para que ela nascesse, está aqui, eu a sinto.

A partir dessa admissão, tenho duas escolhas: deixo a atração crescer e começo a sondar a possibilidade de ela sentir o mesmo ou sufoco o que estou sentindo, essa vontade desenfreada e totalmente fora de contexto e continuo a

vê-la como quando nos conhecemos, uma amiga, apenas.

Aperto a sacola em minhas mãos, sem saber o que fazer. A sacola cor-de-rosa e dourada chama minha atenção, e espio seu conteúdo. Retiro um tecido de seda e renda, vermelho, bem como um bilhete. Suo por causa da minúscula calcinha fio-dental, imaginando-a no corpo de Lara – ou melhor, imaginando-me *retirando-a* do corpo de Lara.

Penso no motivo pelo qual minha irmã a presenteou com uma peça íntima tão sensual e não resisto a invadir sua privacidade, lendo o bilhete.

Não é possível! Fico branco ao ler, em uma letra feminina perfeita, um cartão desejando felicidades pelo casamento, além de *bom proveito* da peça na lua de mel. Não reconheço o nome de quem assinou a nota, também sei que não é de minha irmã por causa da letra. O que aconteceu aqui?

Devolvo a peça e o bilhete para a sacola e a deixo em cima do sofá. Levanto-me o mais depressa que consigo, subindo os degraus de dois em dois, louco para estar na minha suíte, liberar-me dessa roupa e do tesão que sinto.

Durante minha masturbação, debaixo do chuveiro, a imagem da peça vermelha cobrindo a bunda da Lara não me sai da mente e me faz ter um orgasmo intenso.

Eu estou fodido!

Joaquim me manda mensagem às 6h da manhã, perguntando se irei correr ou estou cansado. Sim, estou cansado, mas resolvo ir para o exercício matinal, pois, além de seguir a rotina para evitar o sofrimento da falta da bebida, hoje tenho um motivo a mais.

Olho, puto, para o pau se sobressaindo debaixo da coberta e me levanto, indo direto para uma ducha fria. Eu preciso colocar a cabeça no lugar, esfriar os ânimos antes de me encontrar com Lara.

Corro como um louco, gastando toda a energia sexual, transformando-a no prazer de me exercitar. Meu padrinho me conhece muito bem e, assim que paramos de volta em frente ao meu prédio, questiona-me sobre o motivo da correria tão desenfreada.

— Há algo que ainda não compartilhei. — Joaquim fica tenso ao ouvir isso. — Não é uma recaída, não se preocupe. — Ele sorri aliviado. — Eu vou me casar.

O susto não passa despercebido em sua expressão.

— Casar?!

Rio de mim mesmo.

— Sim. Eu conheci alguém, fizemos amizade e, como ela não é do tipo que faria sexo sem compromisso, resolvi dar esse passo. — Ele estranha. — É a Lara.

— A babá? — Ele franze o cenho. — Cadu, você me disse que...

— Sim, eu sei. Eu a via apenas como amiga e achava que ela também não tinha nenhum interesse em mim além de me aproximar da minha filha. — Ele concorda. — As coisas mudaram.

— Mudaram... você está apaixonado pela moça?

Ai, merda! Nunca menti para ele e não quero começar agora. Para dar certo o apadrinhamento é necessário que eu seja 100% sincero com Joaquim.

— Não, mas eu a desejo tanto que chega a doer.

— Isso não é motivo para...

— Além disso — continuo antes que ele conclua a frase —, ser casado vai me ajudar no processo de guarda. Estabilidade familiar, já que eu vivo na estrada fazendo shows.

— Ah... — Ele parece entender o que realmente importa nesse casamento. — Mas você a quer? — Concordo. — Cadu, eu preciso ser sincero e direto contigo. Esse é o meu papel, independente se você concordar ou não. Você já deixou de amar a...

— Não! — interrompo-o. — Nunca deixarei de amar a Mônica. Não é disso que se trata.

— Não? — Nego. — Então seja sincero com ela. Diga que você a quer, que a deseja, mas que não pode oferecer mais nada além disso. E deixe que ela decida. — Concordo. — Você está disposto a se casar mesmo se ela não quiser nada contigo?

— Sim. A ideia original era essa, Joaquim.

Ele fica um tempo processando a informação.

— Foi você quem decidiu mudar?

— Ainda não decidi nada. — Dou de ombros. — Para começo de conversa, nem sei se ela me quer também. E, se ela me quiser como a quero, no que isso influenciaria nossa convivência? Eu não sei se devo...

— Eu acho que não. Sinceramente. — Assinto. — Sexo na situação de vocês pode pôr tudo a perder. É gostoso, mas complica. Você sabe sobre seu coração, mas não sobre o dela. E se ela não se contentar somente com o tesão e quiser algo mais?

Sim! Joaquim é um homem sensato. Tudo isso que está se passando pela minha cabeça se deve unicamente ao desejo. É o tesão comandando minha mente e minhas escolhas, e me deixar ser guiado por ele pode ser um desastre.

Ele me dá um tapa no ombro e se despede, olhando o relógio e dizendo ter um compromisso.

— Pense melhor, com calma. Eu não gostaria que você saísse disso magoado, seja por ter ferrado com tudo ou por fazê-la sofrer.

Subo para meu apartamento pensando em suas palavras, dando-lhe total razão e voltando a pensar como antes. Nosso acordo é de amizade, somente isso, e deve continuar assim.

O problema é que essa resolução dura até o momento em que entro em casa e vejo Lara com um vestido acentuando todas as curvas de seu corpo, em pé na sala, conversando com minha irmã.

— Bom dia! — ela me cumprimenta com um enorme sorriso, e eu gemo, sabendo que estou *muito* fodido!

Acordei sonolenta hoje, pois demorei a conciliar o sono na noite passada. Fiquei me revirando na cama até que, por fim, decidi descer para tomar água. Somente quando aliviei a sede, percebi que estava andando apenas de camiseta e calcinha, como sempre fiz quando morava com Tiana.

Subi de volta para o meu quarto o mais rápido possível, com medo de que Cadu me flagrasse daquele jeito e fiz uma anotação mental de dormir com uma das camisolas que comprei.

Já deitada na cama, ouvi quando o Cadu chegou. A porta do último quarto – a suíte máster – foi fechada rapidamente, e isso me deixou agitada. A constatação de que ele estava tão perto de mim, me fez ter uma porção de

sentimentos ao mesmo tempo. Nervosismo, ansiedade e desejo. Claro que o último se sobressaiu, e eu fiquei imaginando Cadu no banho, tentando supor como era o cheiro do seu sabonete, se ele dormia de pijama ou nu. Meu corpo despertou de uma tal forma que não me deixava dormir ou relaxar. Eu ansiava por Cadu, esfregava meus pés na cama e me contorcia. Não pude dormir enquanto não aliviei todas as sensações... mais uma vez.

Não entendo o que ele faz comigo, por que tenho essa necessidade com ele, pois nunca aconteceu tanto!

Estou com medo de ver Cadu logo cedo, embora tenha escolhido um vestido novo que me caiu como uma luva, esperando encontrá-lo. Será que Cadu vai notar meu novo corte de cabelo? Será que aprovará as roupas que comprei ontem?

Depois de – infantilmente – mostrar a língua para mim mesma de frente para o espelho, achando-me uma boba por imaginar que ele possa sequer me enxergar além da amiga que o está ajudando, desço.

— Bom dia, Lara! Você está linda! — Milena me cumprimenta.

— Seu bom gosto! — Sorrio. — Bom dia!

A senhora que trabalha aqui, que eu conheci ontem, está arrumando três lugares à mesa, e eu a cumprimento com o coração disparado, sabendo que o Cadu está mesmo em casa.

— Você se importa de esperar para tomar o desjejum? — Nego. — Cadu saiu cedo para correr, como faz todos os dias — Milena explica —, e já deve estar voltando.

— Ah... ele corre! — digo sem jeito, imaginando-o suado da corrida.

— Sim, começou há pouco tempo. É para ajudá-lo a permanecer sóbrio.

— Que bom, espero que esteja fazendo efeito.

— Até agora parece que sim — os olhos de Milena brilham animados ao me responder.

Eu entendo que não tem sido fácil para o Cadu, como também para sua família e amigos. A luta contra o vício é constante e diária, e todos precisam estar com o mesmo pensamento, na mesma sintonia para que ele ache o apoio que precisa para conseguir superar.

Ouvimos o barulho da porta se abrindo, o que me faz virar para ver quem chegou. Cadu aparece, suado, corado, com os cabelos bagunçados e usando apenas bermuda e tênis.

Meu Deus! Seguro momentaneamente a respiração, ficando sem jeito por olhar seu abdômen definido, e disparo logo um cumprimento para disfarçar o desejo que me invade:

— Bom dia! — Sorrio.

Cadu parece um tanto cansado, olhando-me de um jeito estranho, e demora a me responder. Milena fala algo, mas eu não consigo me concentrar em nada além do corpo dele brilhando com gotinhas de suor. *Ai, Lara!*

— Bom dia! — por fim ele retorna o cumprimento e entra na sala, andando o mais depressa possível. — Podem tomar o café, vou tomar banho!

Sobe as escadas correndo, sem mais um olhar sequer e sem falar mais nada. Confesso que me sinto um tanto decepcionada, afinal, ele não estava aqui quando cheguei, e pensei que, quando me visse, viria conversar comigo, saber como estou e... Suspiro, pensando que nada disso importa aqui. O único motivo pelo qual Cadu me propôs esse acordo é a filha, só isso.

— Ei... — Milena me chama, e percebo que ainda estou com o olhar fixo na escada que leva ao primeiro andar do duplex. — Ele está suado e cansado. — justifica. — Se você quiser, vamos tomar nosso café e...

— Não, tudo bem, Mi. — Forço um sorriso. — Eu nem sinto fome de manhã. — Dou de ombros. — Vou lá para o meu quarto terminar de arrumar...

— Lara. — Encaro-a. — Ele é um babaca. — Surpreendo-me. — Eu estou com vontade de dar uns cascudos nele, como fazia quando era criança. Ele deveria ser, no mínimo, educado com você.

— Ele foi. — Sorrio. — Nos cumprimentou.

Milena balança a cabeça.

— Não faça isso. Não fique justificando ou passando a mão na cabeça dele, Lara. Meu irmão não precisa disso. — Fico sem jeito. — Sei que a situação de vocês é diferente, mas eu vou embora para o meu apartamento, e ele precisa de alguém que o mantenha na linha. Não seja condescendente com ele em nada, muito menos na forma com que ele a trata. — Eu aquiesço. — Você merece que ele rasteje aos seus pés por tudo o que você está fazendo...

— Eu não quero isso, Mi.

— Eu sei que não. Mas é o que ele deveria fazer. Por isso, não aceite menos do que ser tratada como merece! Eu não sei o que acontece com o Cadu, mas, se ele fizer algo que a desagrade, faça-o saber!

Assinto e suspiro.

— Vamos tomar café da manhã! — Ela me puxa para a mesa. — Márcia preparou coisas deliciosas, não vamos mais esperar pela boa-vontade dele.

Sorrio, animada por ela, e me sento à mesa, olhando para a infinidade de coisas que há nela. Eu usei minha falta de apetite matinal como desculpa para subir e me refugiar no quarto, mas ainda assim é verdade que quase não como de manhã. Acostumei-me a ser assim, pois eu nunca tinha tempo de tomar o desjejum antes de ir para as aulas na ECA, mesmo depois de ter ido morar na mansão dos Kaufmanns.

— Suas aulas começam na próxima semana? — Milena me pergunta.

— Não — respondo, servindo-me de um copo de suco de laranja. — Como eu terminei o semestre sem provas finais, tive uma semana a mais.

— Ah, então terá tempo de se acostumar com tudo aqui, com o trajeto até a ECA. — Ela morde seu pão. — Você tem carteira de motorista? — Nego com a cabeça. — Eu tenho e quase não a uso, o trânsito daqui de São Paulo é um inferno, prefiro usar o metrô.

— No meu caso, eu ando de ônibus mesmo. Preciso só verificar horários e...

— Ônibus para onde? — Cadu chega, interrompendo a conversa. — Bom dia novamente. — Ele me olha e dá um enorme sorriso. — Bem-vinda, Lara!

Milena estampa um sorriso radiante e orgulhoso, e eu olho sem jeito para o copo de suco à minha frente. *Não seja uma ratinha, Lara!*

— Obrigada — agradeço abrindo um sorriso sem jeito, mas me recriminando por estar assim, pois Cadu e eu já ultrapassamos essa fase de constrangimento há muito tempo!

Ele toma assento ao meu lado e se serve de café puro.

— Vocês estavam conversando sobre ônibus antes que eu chegasse. — Encara-me. — Precisa ir a algum lugar?

— Não. Milena e eu falávamos sobre quando eu voltar a estudar.

— A Lara não tem carta, Cadu. No entanto, concordamos que é melhor usar o metrô do que veículo particular aqui na cidade.

Vejo-o franzindo a testa.

— Não há nenhuma linha que a leve daqui até o Butantã, há? — Nego. — O sistema de transporte público desta cidade ainda tem muito a evoluir, pois ônibus ficam presos em engarrafamentos como qualquer outro veículo particular. — Ele toca minha mão. — Você não vai de ônibus para a faculdade, vou procurar um motorista para...

— Não precisa! — Surpreendo-me, sem jeito. — Eu sempre andei de ônibus desde que me mudei para cá. Estou acostumada!

Ele ri.

— Lara, você é minha noiva — meu coração dispara ao ouvir isso. — E, quando suas aulas retornarem, você já será minha esposa. Não acho seguro você andando por aí de ônibus.

Rio, nervosa.

— Você está exagerando...

— Não, não estou — ele diz, e Milena concorda. — Eu sou uma figura pública, e isso nos priva de algumas situações de normalidade.

— Experimente ir a um supermercado com ele. — Milena gargalha. —

Assim que alguém o reconhece, começa a se formar aglomerações pedindo autógrafos e selfies.

Sim, eu imagino que seja verdade, afinal, presenciei isso quando ele esteve no Hill. Pela primeira vez desde que aceitei a proposta de Cadu, vejo o quanto esse casamento fará minha vida mudar.

Fotos do casal para a imprensa, mais segurança para transitar normalmente pela cidade... O que mais esse mundo artístico dele irá mudar na minha rotina?

— Tudo bem? — Cadu me pergunta. — Espero que isso não seja um problema.

— Tudo bem. — Tomo um gole do suco. — Eu me adapto.

Eu espero que sim!

A semana passou tão intensamente que eu fiquei um tanto confusa quando minha mãe ligou para avisar que já estavam todos hospedados em um hotel aqui na capital. Minha avó, minha irmã e meus pais, além dos amigos que fiz aqui, serão os meus convidados para o casamento.

Da parte do Cadu, eu sei que estarão presentes a mãe e o padrasto, além da irmã e do pessoal da banda – desde seus companheiros ao pessoal do staff. Amanda – ainda que já tivesse voltado de Berlim – não estará presente, como queríamos Cadu e eu, afinal, toda essa encenação é por ela.

A nossa semana juntos não foi tão difícil quanto eu imaginei que seria por causa da atração que sinto por ele. Na verdade, nós mal nos vimos durante esses dias.

De manhã, como no primeiro dia, ele saía para correr, depois tinha compromissos como ensaios, publicidade, entrevistas em rádios, shows na cidade ou na região metropolitana – os distantes, eles só fecham nos finais de semana – e, claro, consultas médicas e reuniões de sua reabilitação.

Eu aproveitei os momentos a sós para fazer amizade com a Márcia, aprender um pouco da rotina da casa, além de estudar e praticar com meus instrumentos.

Foi em um desses dias, enquanto eu estava praticando violino na sala, que o Luti chegou. Era de tarde, e Milena não estava em casa, pois tinha ido até a escola em que trabalhava para entregar relatórios, e o Cadu havia ido para a consulta com o psiquiatra.

Recebi-o sem jeito, não sabendo o que exatamente ele estava sabendo sobre essa situação entre mim e o Cadu, mas bastaram alguns minutos de conversa

para eu saber que, além de já ter lhe explicado tudo, Cadu ainda estava contando com o apoio do amigo para fazer com que todos acreditassem na história.

Foi no meio de nossa conversa que ele me disse que havia um estúdio no apartamento e me levou para conhecer o local. Entrei com ele no espaço, maravilhada pela aparelhagem de som. Claro que não é um estúdio profissional, é uma sala com revestimento acústico, alguns instrumentos – inclusive um piano – e uma mesa de som de respeito.

Luti me ensinou a ligar tudo por lá e a gravar o som para que eu pudesse me ouvir depois. Eu me senti como criança ao fazer isso e, a partir daquele momento, elegi aquele o melhor lugar do apartamento.

Ele ainda ficou um tempo me ouvindo treinar, e até dei umas aulas para ele, porém, o som que saiu do instrumento foi tão medonho que eu tive de me controlar para não fazer careta e ofendê-lo.

Quando Milena chegou, eu ainda estava por lá, e ela me disse que demorou quase meia hora me procurando. Contei sobre Luti ter vindo e ter me mostrado a sala, e ela disse, bem contrariada, que o irmão já deveria ter me mostrado o local.

Naquela noite, jantamos os três juntos, e por várias vezes flagrei o Cadu me encarando. Isso começou a me deixar incomodada, porque eu não fazia ideia do que se passava pela sua cabeça – ainda não faço.

— Lara e eu vamos assistir a um filme na sala de televisão. Quer vir conosco? — Milena o convidou, mas ele negou. — Tem certeza?

Mais uma vez seu olhar estava fixo em mim.

— Tenho. — Sorriu. — Vou dormir um pouco. Bom divertimento para vocês duas.

Só voltei a vê-lo ontem, quinta-feira. Eu estava eufórica com a aproximação do casamento, com medo de tudo o que ia acontecer, com a saída de Milena do apartamento e minha convivência com o Cadu. Sabia que, depois que eu voltasse a estudar, iria me sentir menos solitária no apartamento, mas, ao que tudo indicava, Cadu me trataria de forma distante. Nem mesmo o clima amistoso que desenvolvemos em sua última visita a Amanda eu sentia mais. Eu não conseguia entender o motivo pelo qual ele parecia querer evitar minha companhia. Era como se eu fosse uma intrusa, um incômodo, e isso me deixava chateada.

Eu não consegui dormir, fiquei rolando na cama sem saber o que fazer, o que pensar. Levantei-me, peguei o violino e desci para o estúdio.

Mal abri a porta da sala acústica e ouvi o som do piano. Era Cadu, tocando aleatoriamente, olhos fechados, usando apenas uma calça de pijama listrada de azul e cinza, pés descalços, totalmente entregue ao seu momento.

Eu nem fazia ideia de que ele estava no apartamento, pois, quando sei, não

saio do quarto. Tencionei sair sem fazer barulho, obrigando-me a parar de olhar para ele, de sentir vontade de tocá-lo, mas bati meu violino contra o batente da porta, fazendo-o parar de tocar e olhar na minha direção.

— Desculpa — eu disse sem graça. — Eu não fazia ideia que...

Os olhos verdes dele passearam por toda a extensão do meu corpo, e eu lembrei que estava vestindo uma camisola de seda preta finíssima e quase transparente. Contive-me para disfarçar meu constrangimento e não levar as mãos aos seios, cujo mamilos duros já deviam estar marcando o tecido.

— Não tem problema. — Suspirou. — Entra.

Arregalei os olhos ante o convite.

— Eu já estava indo dormir...

Cadu riu e apontou para minha mão. Fechei os olhos ao me lembrar do violino.

— Eu nunca a ouvi tocar violino — comentou. — Sou sofrível ao piano, mas posso tentar acompanhar.

Deus do Céu! Cadu vestido apenas com uma calça fina e larga – e talvez sem cueca por baixo –, e eu, com uma camisola que não deixava nada à imaginação. Nós dois sozinhos, dentro de uma sala à prova de sons... Minha mente produziu mil e umas cenas, e nenhuma delas compreendia a execução de um instrumento.

Balancei a cabeça, limpando esses pensamentos, e entrei no estúdio. Era preciso encarar a situação entre nós com naturalidade, afinal, íamos morar juntos por tempo indeterminado. Eu precisava frear essa atração e começar a vê-lo como o amigo que se propusera a ser.

— O que você quer tocar? — indaguei-lhe.

— Não conheço muitas peças clássicas...

Eu ri, coloquei o violino na posição e comecei a tocar a introdução de “Nothing Else Matters” do Metallica, e ele ficou parado um momento. Pensei que não havia reconhecido as notas e passei a tocar a música.

Cadu se levantou do piano, ligou sua guitarra e extraiu um som tão perfeito da introdução que eu abri um sorriso enorme. Voltei à introdução para acompanhá-lo, sentindo a emoção de vê-lo tocar de perto, olhos fechados e com cada nota se mostrando em sua expressão. Vi a música fluir por todo o seu corpo, como acontece comigo sempre, e isso me fez relaxar e curtir o momento.

Acompanhei-o quieta, lembrando-me de cada acorde da canção, que aprendera um tanto sem querer, pois assistira com minha irmã a um show antigo do Metallica com uma orquestra sinfônica. Clara sempre gostou mais desse estilo – rock –, mas, como eu sempre amei e fui curiosa sobre música em geral e seu significado, fiz questão de tocá-la.

Cadu começou a cantar, e meu coração disparou ao ouvir sua voz. Ah, era tão perfeita! Era como uma carícia ou um furacão, e eu me senti despertar inteira. Meu corpo reagiu desmedidamente ao seu som, a pele se arrepiando, os mamilos se excitando e minha calcinha ficando úmida.

Quando, por fim, a música acabou, eu estava sem fôlego, meu rosto estava quente, e eu tinha certeza de que estava corada. Era como se eu tivesse acabado de praticar algum esporte. No entanto, estivera parada o tempo todo, apenas tocando e sentindo.

Tomei coragem de encará-lo, e o que vi não foi diferente do que eu estava sentindo. Ele parecia tão afetado, tão excitado e ofegante quanto eu, e isso me deixou paralisada. A possibilidade de Cadu sentir algo parecido com o que eu sentia perto dele me deixou completamente congelada no lugar.

— Isso foi... — ele tentou explicar, mas apenas sorriu. — Há muito tempo não me sentia assim.

— Nem eu... — Respirei fundo, tentando entender o que estava acontecendo.

Ele deixou a guitarra no pedestal e caminhou em minha direção. Olhar fixo no meu, passos decididos e uma expressão que fazia minhas pernas tremerem.

Baixei o violino lentamente à medida em que ele se aproximava e, quando senti suas mãos em meus ombros, fechei os olhos.

— Lara... o que é isso que está acontecendo? — Cadu sussurrou. — O que é isso que... Porra!

Abri os olhos ao ouvir o xingamento, no exato momento em que a sua boca tomou a minha. Levei uns segundos para voltar a fechar as pálpebras novamente, completamente deliciada com o contato, diferente daquele que tivéramos lá na casa dos meus pais.

Não havia mais um leve roçar de lábios. Sua boca consumia a minha, sedenta, a língua brincando no céu da minha boca, as mãos apertando minha nuca. O corpo inteiro dele estava me beijando. Eu podia sentir cada pedacinho dele que se encostava em mim, mesmo com a camisola entre nós.

Cadu estava fervendo e me fez entrar em ebulição também. Correspondi ao beijo desesperadamente, deliciando-me com o contato tão aguardado, tão desejado.

Senti-me sendo levada e dei de encontro com a parede revestida às minhas costas. Podia sentir a espuma macia do revestimento enquanto ele esmagava seu corpo contra o meu e uma das suas mãos deslizava pelas minhas costas.

Gemi de prazer, como vinha gemendo sozinha havia meses, desde que o conheci, desde que ele começou a povoar minhas fantasias e meus sonhos mais eróticos. Porém, naquele momento, não era ilusão, era real. A mão que apertava

minha cintura, deslizando até minha bunda, apertando uma das nádegas e me colando ainda mais contra um corpo masculino bem-definido, fazendo-me sentir um volume grosso e duro entre as pernas, era real.

Cadu soltou um gemido desesperado, e eu não me contive mais. Eu queria muito ser dele, entregar-me a ele, como não fiz com ninguém mais. Queria que ele me fizesse amor, me fodesse, me comesse... não importava o que fizesse, desde que me tornasse sua.

O som do violino caindo no chão o fez se afastar.

Eu, que sempre fui extremamente cuidadosa com meu instrumento, sequer dispensei um olhar para saber como ele estava, apenas delirava de desejo e queria continuar.

Percebi que isso não ia acontecer quando vi Cadu arregalar os olhos e, em seguida, xingar.

— Puta que pariu! — As mãos, que estavam enlouquecendo meu corpo havia pouco tempo, tamparam seu rosto, e ele não parava de xingar.

Por favor, não peça desculpas, não lamente, não diga que nunca mais vai acontecer!, implorei em pensamento.

— Lara, eu... — Xingou novamente e começou a andar em círculos na sala. — Caralho! Perdoe-me, eu não sei o que...

Fechei os olhos, querendo evitar ouvir as desculpas ou mesmo desejando desaparecer. Cadu falava, ainda andando em círculos, quando passei por ele e saí da sala.

O sabor do beijo, a sensação, tudo ainda estava presente em mim, e eu não ia deixá-lo estragar minha ilusão mais uma vez. Entrei no quarto e joguei-me na cama, sentindo meu corpo ainda reclamar por um prazer que não viera e que talvez eu nunca conhecesse – não com ele.

— Lara? — Milena me chama, e eu sorrio, deixando de me lembrar do episódio de ontem à noite. — Você está pronta para se arrumar? O Juiz de Paz chega em alguns minutos.

Alguns minutos! Em alguns minutos vou ligar minha vida à de Cadu, pelo menos aos olhos da Lei. Vou representar o papel de uma mulher apaixonada – o que é verdade – e amada – algo que nunca serei por ele.

— Tem certeza? — Milena me pergunta, segurando o vestido de noiva ainda embalado. — Lara, se você quiser desistir...

— Não, não quero — digo com convicção. — Acha mesmo que eu posso pensar em desistir se nem ao menos vi meu vestido de noiva? — brinco, e ela sorri.

Milena fez questão de me fazer essa surpresa. Mostrou-me várias revistas e pediu para que eu marcasse os modelos que mais gostava, mas não me disse qual

havia sido feito pelo estilista. Eu gostei disso, porque, além de confiar no gosto dela, todas as possibilidades foram escolhidas por mim, então não há como eu não gostar.

Seguro o fôlego quando ela tira a capa, completamente apaixonada pelo meu traje nupcial. Nem em meus mais secretos sonhos eu poderia imaginar-me usando algo assim.

Aproximo-me, tocando a seda branca e delicada da saia, seguindo em direção ao busto em forma de coração coberto por uma renda muito delicada.

— Mi, é lindo! — Meus olhos ficam cheios de lágrimas.

— É como você pediu. A frente coberta, mangas longas, sem brilho ou bordados. — Eu assinto. — Todos os modelos que você escolheu eram assim.

Ela vira o cabide, e eu emito um gritinho ao ver as costas, completamente de fora, expostas pelo enorme decote até a cintura.

— Posso chamar o pessoal para te arrumar?

Rio, feliz.

— Pode!

Minutos depois o cabeleireiro, que já veio antes, lavou, secou e enrolou meus cabelos, finaliza o penteado, um coque simples e muito sofisticado para não atrapalhar o decote do vestido e destacar meu rosto.

O maquiador demora quase nada, o tempo todo elogiando minha pele e minhas sobrancelhas. E, quando por fim vou colocar o vestido, todos saem e me deixam com Milena.

— Você gostaria que eu chamasse sua mãe?

— Não. — Respiro fundo. — Ela vai gostar muito mais de ver “a obra” toda terminada.

Ela me auxilia a vestir a peça e abotoa os pequenos e poucos botões existentes. O vestido é justo, a saia é ao estilo sereia e abre apenas levemente quase aos meus pés. Não é um vestido de noiva suntuoso, de princesa, e é exatamente por isso que eu gosto dele. É simples, discreto e moderno.

— Você está linda!

Dou uma rodadinha, realmente me sentindo bela, e ela ri. Milena é minha madrinha, e o Luti, o padrinho do Cadu. Escolhemos os dois, pois são os únicos que sabem do nosso acordo e achamos que isso seria o certo, não envolver mais ninguém na nossa encenação.

Ouvimos uma batida à porta, e Milena avisa que é o sinal de que já posso descer.

— Está pronta para se tornar a senhora Carlos Eduardo Souza Fontenelles?

Não! É o que sinceramente quero dizer. Não assim. Não de mentira.

— Vamos lá! — é o que respondo, com um sorriso, tentando parecer

animada por começar um relacionamento falso.

— Porra, Luti! — resmungo pela terceira vez quando ele me espeta com o alfinete que deve manter a flor na lapela do meu terno. — Eu já tenho que vestir isso, e você ainda fica me furando?

Ele rola os olhos e tenta de novo, sem sucesso.

— Milena disse que era dever do padrinho fixar o cravo no seu terno, mas essa porra não fica! E, mano, você está parecendo uma velha rabugenta hoje!

Bufo, ignorando a verdade nas palavras dele. Eu estou mesmo mal-humorado, e não é para menos! A semana toda foi um inferno para mim.

Eu pensei que, mesmo com essa atração fora de propósito que sinto pela Lara, nossa convivência seria tranquila, mas me enganei. Não há forma de eu

não a querer sabendo que dorme ao lado do meu quarto, que está a poucos metros de mim. Não aguento mais tocar punheta como um adolescente, tentando esfriar o tesão, tentando não sentir, porém, basta a mulher entrar no meu campo de visão ou mesmo minhas narinas captarem seu perfume suave e pronto, meu pau acorda como um soldado na alvorada!

Decidi evitá-la nesta semana, mas sei que, a partir de hoje, quando assinarmos aquele papel, terei de conviver com ela, levá-la a eventos, jantares e ser visto com Lara feliz ao meu lado. Nós precisamos parecer um casal de verdade.

Um casal de verdade...

Minha mente viaja para a noite de ontem, no estúdio aqui de casa, quando estava mais uma vez tentando acalmar a maldita atração, quando, sem aviso, ela entrou. Usando a porra de uma camisola sexy! O tecido fino contornava todo o seu corpo, deixando pouco à minha fértil imaginação. Os bicos dos peitos dela apontando contra a seda negra me deixaram louco, e eu não pude vê-la voltar para o quarto. Convidei-a a entrar. O idiota, que passou a semana inteira procurando o que fazer fora de casa para evitar estar perto dela, convidou-a para entrar vestindo somente uma camisola!

Masoquismo? Com certeza!

— O que você quer tocar? — ela me perguntou tão inocente, parecendo não se dar conta de como estava vestida e de como eu a olhava. Eu a queria! Poderia arrastá-la para cima do piano, abrir suas pernas sobre as teclas e me deliciar com sua boceta até ouvi-la gritar de tanto gozar. Meteria com vontade, deslizando por seus sucos, enlouquecendo com o seu calor e...

Porra, Cadu!

Tentei me concentrar na música e disparei a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Não conheço muitas peças clássicas...

Ela, então, sorriu e se posicionou com o violino, tão linda, serena... perfeita! Eu só pude ficar olhando, embasbacado com ela, perdido em cada movimento de seus braços e nos sons que vinham do instrumento. Lara me hipnotizou, sua expressão deliciada tocando o violino, e eu estava sentindo cada uma dessas sensações no meu corpo.

Não demorou muito mais, e reconheci a música. Por incrível que pudesse parecer, era “Nothing Else Matters”, do Metallica, a minha favorita da famosa banda de metal. Eu não podia acompanhá-la ao piano de jeito algum!

Levantei-me do banco e peguei minha guitarra preferida, uma Fender Stratocaster 1966, liguei a caixa e a pedaleira e fiz a introdução da música. Naquele momento, com ela ao violino e comigo à guitarra, nossos sons se

misturaram como eu gostaria de fazer com nossos corpos. A sensação, a vibração de cada acorde, a proximidade dela, tudo isso me deixou em um estado de desespero tão grande que eu, para tentar conter o tesão e a vontade, comecei a cantar, chegando ao final da canção completamente exausto, como se o tempo todo estivesse travando uma guerra dentro de mim.

Meu corpo, meu desejo a queriam. No entanto, minha consciência dizia que seria loucura me envolver com Lara daquele jeito. Olhei-a, e tudo o que vi na sua expressão era o mesmo desejo que me consumia desde que ela aparecera aqui.

Lara também me quer!

A constatação disso rompeu com todas as barreiras que me seguravam, que me mantinham distante dela. Tudo o mais deixou de ter importância, até mesmo o motivo pelo qual ela estava morando em meu apartamento. Naquele momento, não me lembrei do acordo para conseguir minha filha de volta, não me lembrei da amizade, nada mais importava.

Nothing else matters!

Tomei ar, numa última tentativa de controlar a vontade de envolvê-la nos meus braços, de apertá-la contra mim e me perder em sua boca, enroscar-me em seus cabelos e saboreá-la inteira.

— Isso foi... — ensaiei uma desculpa, mas não havia nenhuma em minha mente. Ri de mim mesmo. — Há muito tempo não me sentia assim.

— Nem eu... — ela confessou baixinho.

A voz sussurrante, linda, ofegante de desejo foi o que bastou para que eu jogasse tudo para os ares em um enorme FODA-SE! Eu queria aquela mulher, ela me queria... nada mais era relevante além do que sentíamos.

NADA!

Ela abaixou seu instrumento, olhando-me com expectativa e medo ao mesmo tempo. Eu apoiei as mãos sobre seus ombros, sentindo sua pele macia, o perfume dela me envolvendo, seu corpo a um palmo do meu.

— Lara... o que é isso que está acontecendo? — sussurrei. — O que é isso que... Porra!

Já não dava mais. Ataquei-a, essa é a verdade. Atraquei-me a ela, a sua boca, como um desesperado, um homem faminto, louco de vontade, sorvendo cada sabor, querendo que ela me correspondesse da mesma forma. E ela o fez. Nossos corpos agarrados, a seda de sua roupa, antes fria, aquecendo-se com o calor que emanávamos, seus mamilos roçando em meu tórax, o corpo dela à minha disposição, como o meu estava.

Lara acompanhou-me na loucura dos nossos lábios, sua língua brincou com a minha, provocou, acendeu ainda mais a vontade que eu tinha dela.

Arrastei-a contra a parede e me colei ainda mais a ela, desesperado para senti-la em mim, para entrar em seu corpo e me perder de prazer. Minhas mãos, agarradas à sua nuca, começaram a se mover. Uma continuou brincando com os cabelos dela, roçando as pontas dos dedos na parte sensível de seu pescoço, fazendo-a se arrepiar inteira. A outra deslizou sobre a seda preta, sentindo os músculos em suas costas, a profundidade de sua coluna antes do início da sua bunda e, por fim, não satisfeito, agarrei uma de suas nádegas, mergulhado na fantasia de estar fazendo isso sem nenhum tecido a me impedir de sentir.

Lara gemeu de prazer, e eu comecei a roçar meu quadril no dela. Não era o suficiente! Eu queria a mão dela no meu pau, queria sua boca em meu corpo inteiro, queria moer meus quadris enterrado dentro dela. O meu desejo tomou proporções viscerais, animalescas, eu queria possuí-la, tornar-me parte, unir-me a ela.

O baque surdo de madeira contra o carpete me fez sair do transe sexual no qual me encontrava. Tudo o que eu havia suprimido de minha mente quando o desejo por ela falou mais alto, voltou com força total, e eu me afastei.

Porra, Cadu!

Eu não podia fazer aquilo com ela. Não podia abusar de sua amizade e de sua confiança. Eu não tinha nada a oferecer a ela, sendo uma casca vazia cujo coração havia muito tempo tinha sido quebrado e cujo conserto era impossível.

Pensei em Mônica e em todo o amor que sentia por ela, sabendo que nunca poderia amar outra pessoa como a amara. Eu não podia misturar as coisas, não podia exigir de Lara que, além de me ajudar no processo, ainda suportasse meus avanços.

Além disso, ela disse que havia outra pessoa. Lara ainda devia estar magoada por não ter podido ficar com o homem que amava, o tal que era comprometido. Definitivamente, era uma péssima ideia haver um envolvimento sexual entre nós.

Desculpei-me com ela e assumi toda a responsabilidade pelo que aconteceu. Ela, constrangida, foi embora da sala, e eu me senti ainda pior.

O casamento estava marcado para o dia seguinte – hoje –, já estava tudo arranjado, e eu, pela primeira vez desde que a pedi para entrar nessa encenação comigo, questionei-me até quando nossa união iria continuar sendo falsa.

— Ei, *brou*! — Deco aparece. — Tudo certo lá na sala, o pessoal que estava arrumando a noiva já foi embora, e o juiz já chegou. — Ele sorri. — Hora de se tornar um homem de família!

Sorrio sinceramente, pois isso é tudo o que eu mais quero. Ter minha filha comigo e forma uma família com ela.

Entro na sala, e uma grande parte do pessoal que trabalha comigo, bem

como minha mãe, meu padrasto e a família da Lara, já estão todos com taças de champanhe – uma exceção que fiz questão de abrir, mesmo não bebendo – esperando para brindar meu casamento.

Cumprimento meu futuro sogro, sogra, cunhada e a avó da Lara, que – minha irmã me informou – é a maior apoiadora dela e a pessoa que minha futura esposa mais ama na família, e me posto, com Luti, ao lado da mesa onde estão os documentos a serem assinados.

Não haverá nenhum tipo de cerimônia. Conversei com o juiz e pedi a ele para que falasse o exigido por lei e depois nos desse o documento para assinar. Paguei uma taxa extra a ele para que viesse ao meu apartamento, então posso exigir celeridade e praticidade.

Não haverá votos – não são exigidos por lei –, ele só fará a pergunta sobre se voluntariamente estamos aceitando um ao outro e, depois da resposta, questionará se há empecilho. Após isso, vai nos declarar casados. Simples e...

Meus pensamentos se perdem ao ver Lara no topo da escada. Não é possível! Eu sabia que Milena estava preparando tudo para que fosse o mais verídico possível, mas nada me preparou para ver minha noiva em um vestido branco, delicado e sensual.

Ela desce as escadas sorrindo como se não estivesse nem um pouco nervosa, o que me deixa inseguro e ansioso. Lara parece tão segura, tão firme, e isso me abala, fazendo-me desejá-la ainda mais.

O pai dela a encontra no final da escadaria e a beija na testa, vindo com ela até mim. Nada disso estava no meu planejamento, mas de forma alguma está me desagradando.

— Rapaz — seu Ulisses começa assim que se aproxima —, essa moça é o meu tesouro, sempre foi. Faça-a feliz, porque, senão, vou fazer da sua vida um inferno...

— Pai... — ela o repreende sem jeito, sorrindo e com as bochechas vermelhas. Linda!

— Não se preocupe, eu vou me esforçar para que ela tenha tudo o que desejar — afirmo sinceramente. — Eu vou protegê-la, cuidar dela e...

— Ei, Cadu, ainda não é hora dos votos! — Pepê me sacaneia, e eu sorrio sem graça, percebendo que, mesmo não querendo pronunciar nenhuma promessa, eu o fiz, e a ninguém menos que o pai dela.

Pego a mão da Lara e fico olhando nossos dedos entrelaçados por um momento. Sonhei com esse instante a vida toda, só que a noiva em questão era a Mônica. Depois que ela morreu, nunca mais pensei que iria viver isso, mas estou vivenciando. Olho Lara nos olhos, notando como os dela brilham de emoção.

— Obrigado, Lara. — Ela para de sorrir. — Não há outra pessoa além de

você com quem eu gostaria de estar fazendo isso. Obrigado por ter aceitado.

Ela assente, e um pequeno sorriso está de volta em seus lábios.

Vou com ela até a mesa onde estão os livros e os documentos. O juiz começa fazendo a leitura e segue direto ao que interessa, fazendo todas as perguntas práticas que já expliquei.

Confesso que, até este momento, tive medo de que ela voltasse atrás, mas me sinto aliviado ao ouvi-la concordando em se casar comigo.

O juiz mal nos declara casados, e eu, mais uma vez fugindo do planejado, aproximo-me dela e a beijo quase com o mesmo afinco da noite de ontem. Lara, pega de surpresa, inclina-se levemente, e eu a seguro, apoiando minhas mãos em suas costas nuas.

A pele dela na palma das minhas mãos causa sensações como se fossem descargas elétricas, e eu esqueço onde estamos e quem mais está neste ambiente. Durante o beijo, molhado e profundo, sinto como se estivéssemos a sós.

O barulho de aplausos e assobios nos separa. Lara me encara surpresa, mas ainda com os lábios brilhando e mais vermelhos do que no começo do casamento, e eu apenas sorrio e dou de ombros, tentando disfarçar o que acabei de fazer.

— Um pequeno show para dar veracidade.

O sorriso morre em seus lábios, e ela olha para o chão.

— Espero que, da próxima vez em que pensar em fazer “um show”, me avise antes.

Abro a boca para me desculpar, mas logo somos engolidos pelos cumprimentos dos nossos convidados, e passo o resto da noite olhando-a de longe, sentindo-me um idiota por ter dito aquilo.

— Eu estou morta de cansaço — Lara declara depois que o último convidado – que, por incrível que possa parecer, não é o Luti – vai embora. — Boa noite a todos.

Milena lhe pergunta se ela quer ajuda, mas Lara nega e sobe as escadas sozinha em seu lindo vestido de noiva.

— Ela deve estar cansada mesmo... — minha irmã comenta. — Mal a vi tocar na comida ou no bolo. — Bufo ao ouvir isso, sabendo que, por algum motivo, eu a magoei. — As fotos ficaram lindas! Você e Lara formam um casal lindíssimo...

— Eu não sei se fiz a coisa certa, Mi — confesso, e ela para onde está,

olhando-me apavorada. — Envolver a Lara nessa farsa não é justo com ela.

— Cadu, o que aconteceu? — Ela se senta ao meu lado no sofá. — Você estava tão decidido, mas anda tão estranho ultimamente que...

— Ela me atrai, Mi — confesso. — Porra... está sendo um inferno tê-la aqui e ter que ficar longe. — Falar com minha irmã faz meu desespero aparecer, e não me contenho: — Eu sonho que a estou fodendo e...

— Cadu...

— O cheiro dela mexe comigo, a voz dela, e eu só penso em...

— Ela é virgem, Cadu — Milena dispara de uma só vez.

Paro no mesmo instante de falar, impactado pelas palavras da minha irmã.

— Como assim?

Milena gargalha.

— Nunca fez sexo. Sabe, ainda tem o...

— Puta que pariu, Mi! — Levanto-me e começo a andar pela sala.

Virgem? Lara é virgem? Penso em todas as coisas que a imaginei fazendo comigo, tudo o que eu quero fazer com ela. Ela não tem nenhuma experiência, nunca foi tocada... Ninguém nunca tocou nela como eu a toquei?

Fico aturdido com a informação, em pânico, na verdade, porém, ao mesmo tempo, um sentimento de posse e cuidado tomam conta de mim. *Não, Cadu, não pense nisso!* Mas é impossível não pensar, é uma batalha perdida lutar contra o que ela desperta em mim. Eu estou simplesmente fodido!

— Meu irmão, senta aqui. — Mi bate no sofá. — Você sabe que eu odeio que se metam na minha vida e evito fazer isso na sua. E eu realmente levo a sério aquela máxima sobre conselhos.

— Mas...?

Ela ri. Sim, eu conheço minha irmã muito bem para saber que tem um porém na fala dela.

— Eu acho uma boa ideia vocês tentaram fazer esse casamento verdadeiro. — Nego, assustado. — Sim! Cadu, Lara é companheira, amiga, a mulher que você merece, e você, apesar de um tanto teimoso, é o homem ideal para ela também. Larga de ser jumento uma vez na vida e transforma essa farsa em algo real, uma família de verdade, como Amanda, Lara e você merecem.

— Mi... você sabe que eu não posso envolvê-la mais. Não posso! Lara só irá se machucar, porque eu sempre vou amar a Mônica.

— Eu sei, você nunca deixou ninguém se esquecer disso — não gosto do jeito que ela diz essas palavras. — Mas quem pode controlar o coração, Cadu? Você pode? Lara pode? Ninguém consegue isso, por mais que tente.

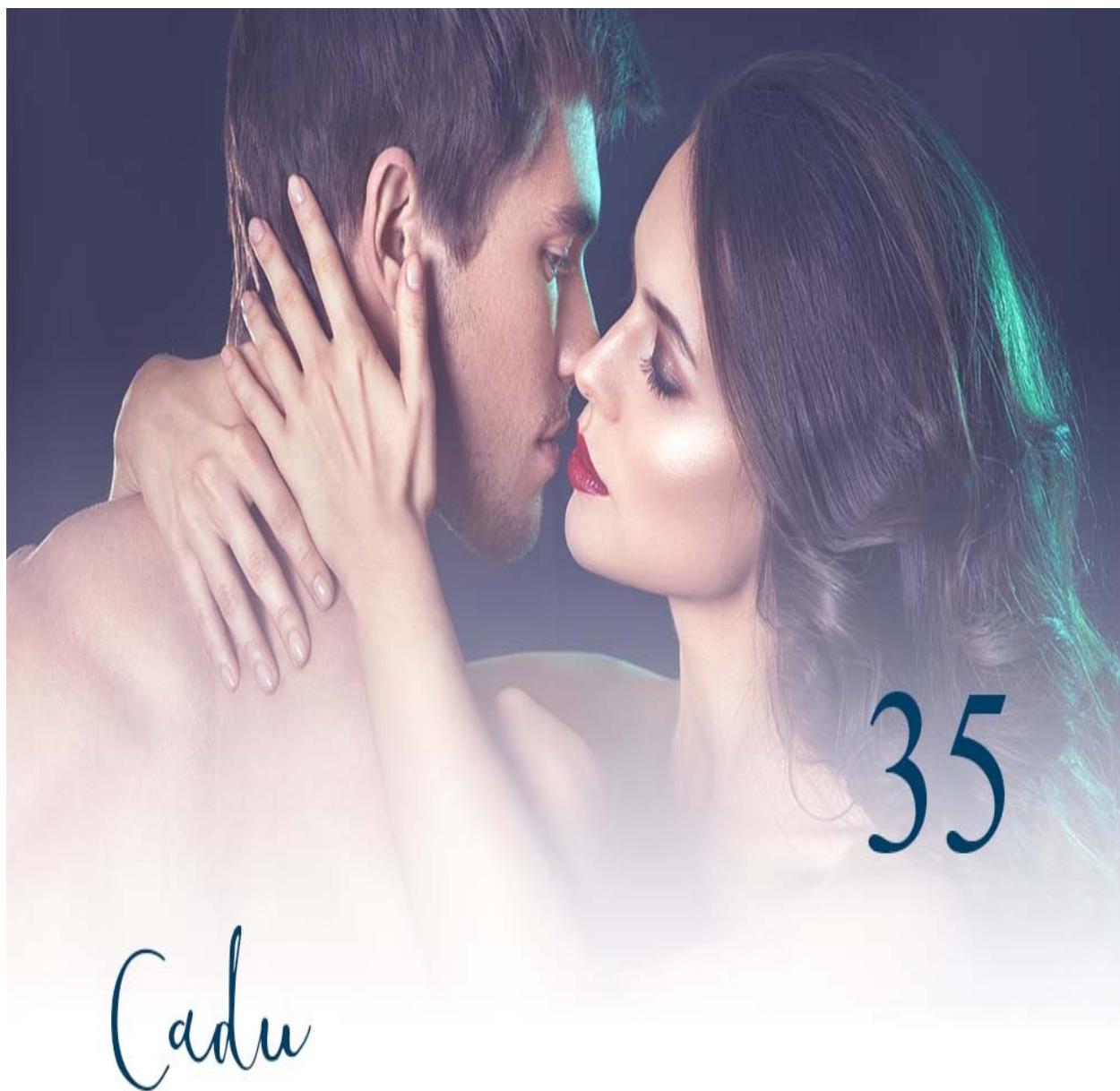
— Não, Mi. — Levanto-me novamente, encerrando o assunto. — Eu vou ter que aprender a lidar com a atração que sinto por ela. Não vou arriscar. Não

vou!

Sigo em direção às escadas, ouvindo o bufo irritado de Milena e, quando começo a subir, ela me chama, mas não paro e muito menos a olho.

— Cadu, do que você tem medo?

Ignoro a pergunta, pois sei a opinião dela sobre eu guardar o sentimento por Mônica intacto dentro de mim. Milena sempre disse que nós éramos jovens demais e que eu não deveria me negar a amar de novo.

Eu não me nego! Simplesmente não consigo. É isso! Minha capacidade de amar morreu junto com a Mônica.

Tentar sufocar o que quer que eu sinta pela Lara não foi a parte mais fácil, confesso. Porém, ainda mais difícil foi vê-la se afastar de mim também, como fiz com ela na semana em que nos casamos. Eu pensei que não poderíamos ter começado nosso casamento de forma mais tensa, mas descobri que estava enganado. Vi a Lara assumir o papel de esposa, de dona da casa, mas deixar o papel de amiga e ignorar totalmente minha presença.

Claro que não ficamos sem nos falar. Sim, nós nos falamos todos os dias. No entanto, eu sinto que ela age como uma funcionária, falando-me sobre as coisas práticas da casa, como o menu do almoço e jantar, supermercado e a decoração do quarto de Amanda, que – mesmo eu querendo contratar um

profissional – ela insistiu em fazer.

Desde que Milena voltou para seu próprio apartamento, Lara tomou para si todas as funções que minha irmã exercia, bem como pegar no meu pé com relação aos medicamentos e horários de consultas e reuniões.

Passei a me sentir constrangido por ela fazer essas coisas, porque dão a impressão de que ela está executando “sua parte” no acordo, e em momento algum eu pedi nada disso. Não quero uma funcionária, quero uma parceira, mas sei que fui eu quem ferrou com tudo.

À noite, sozinho no meu quarto quando estou em casa, fico horas pensando no que devo fazer. Se devo chamá-la para conversar, acertar os ponteiros e seguir com a amizade, ou se o certo seja jogar tudo para o alto e pedir a ela para encerrarmos a farsa e tornar o casamento real.

Tê-la na minha cama é ainda a minha maior fantasia, o meu maior tormento. Ainda sinto o gosto de sua boca, a textura de seus lábios, o calor do seu corpo e, mano, eu preciso foder essa mulher! Sexo com a Lara tornou-se uma necessidade, por isso é um inferno essa situação em que vivemos.

Na semana em que ela voltou a estudar, fiz uma visita a Amanda na mansão dos Kaufmanns. Minha filha está arrasada, pois voltou das férias e descobriu que Lara não é mais sua babá e que, em seu lugar, está uma senhora muito sisuda.

Estou receoso de contar a ela que Lara e eu nos casamos, preocupado com sua reação, então, tudo o que disse era que Lara estava comigo e que, em breve, Amanda poderia ir nos visitar. Minha filha ficou feliz em saber disso, e eu, ainda mais confiante de que irei vencer a revisão de visitação.

Tive dois shows fora do estado, e, com isso, Lara ficou o resto da semana sozinha no apartamento. Durante a viagem, meus colegas de banda voltaram ao assunto da música do Deco, insistindo que minha esposa e eu deveríamos gravá-la.

Nem preciso dizer que tanto o Luc – nosso novo produtor – quanto o Cris – nosso empresário – começaram a fazer uma pressão enorme para iniciarmos a gravação e lançarmos a faixa digital, bem como um clipe com momentos reais nossos. Realmente a ideia, comercialmente falando, é fabulosa! Explorar meu casamento recente e gravar uma faixa inédita cantada por mim e pela minha esposa com cenas nossas no dia a dia é uma tacada de mestre.

No entanto... como eu poderia pedir mais isso a ela?

A verdade é que não precisei pedir. Lara tocou no assunto à mesa do café da manhã, numa segunda-feira em que ela não tinha aula. Eu fiquei surpreso sobre como o assunto fora parar nos ouvidos dela, achando que o muito inconveniente do Cris tinha ligado para ela e lhe contado para fazer pressão.

— Se é bom para a banda, claro que podemos fazer — ela disse. — Eu

nunca fiz nada profissional, mas, como é só uma faixa especial e...

— Lara, não precisa. Você já tem feito muito por mim, de verdade.

Ela ficou um tempo me olhando, muda.

— Você não quer?

— Se eu não quero? — Ri com o absurdo da questão. — Desde que eu a ouvi cantar pela primeira vez, sabia que seria você a intérprete dessa canção. Eu ouvia a sua voz cada vez que lia a letra.

— Eu topo fazer. — Sorri, pensando no sortudo que eu era em tê-la ao meu lado. — Luti disse que essa música vai mostrar o amadurecimento da banda e...

Franzi o cenho e não escutei mais nada. *Como assim "Luti disse"?*

— Quando Luti conversou com você sobre isso? — interrompi-a sem cerimônia. — Foi ele quem te falou sobre a reunião?

— Foi — respondeu naturalmente.

Porra! Eu senti meu sangue ferver ao pensar que Luti e ela estavam mantendo contato, que eles vinham se falando sem que eu soubesse, e o pior: morri de ciúmes por ela ter conversado com ele e não comigo.

— Luti tem vindo aqui? — Ela parou a xícara de café na metade do caminho até sua boca e ficou me encarando por um instante. *Merda!* — Lara, o que está acontecendo?

Ela arregalou os olhos e depositou, ruidosamente, a xícara sobre o pires.

— O que está acontecendo?! — Ela riu. — Que tipo de pergunta é essa? Ele é meu amigo, claro que temos nos falado e é claro que ele vem aqui.

— Quando eu não estou? — minhas palavras foram altas e ríspidas.

— Às vezes, sim, ele vem tocar comigo...

— Tocar com você? — Levantei-me da cadeira. — Vocês ficam sozinhos no estúdio?

Lara ficou pálida, como se não entendesse minha reação, e saí de perto da mesa, caminhando pela sala e tentando me acalmar.

— Cadu, você acha que está acontecendo alguma coisa entre mim e o Luti?

Bufei só de imaginar uma coisa daquelas. Eu sei que não tenho direito, que nosso casamento é um acordo, mas imaginar Lara tendo algum tipo de relacionamento com Luti, meu melhor amigo, foi aterrador. E se eles estivessem se apaixonando? Eu conseguiria abrir mão dela por ele? Eu...

— Só me pegou de surpresa — tentei disfarçar. — Não sabia que a amizade de vocês estava tão forte assim e nem que tocavam juntos. Foi uma surpresa.

— Eu gosto do Luti, ele é bacana, divertido, e eu passo tanto tempo aqui sozinha... — Suspirou. — Se te incomoda, eu peço para ele não vir mais...

— Não, por mim tudo bem! — Dei de ombros. — Ele sempre frequentou aqui, sem problema.

Porém, é claro que não estava bem! Ele me escondeu que estava se encontrando com minha esposa, que estava vindo na minha casa vê-la, e isso me deixou puto e desconfiado. Eu realmente não acredito que eles se envolveriam pelas minhas costas, mas, talvez, eles apenas pensassem que eu não me importaria, afinal, sempre frisei que meu relacionamento com a Lara era de amizade e nada mais.

Quando ela foi ao estúdio oficialmente pela primeira vez, vi todo o pessoal derreter por ela. Todo o mundo! Desde meus companheiros de banda, que já a conheciam, até o pessoal que não pôde estar no casamento e a conheceu naquele momento.

Fiquei encantado com a educação musical dela ao conversar com o pessoal da técnica. Ela tem um ouvido musical total, sabe exatamente quando algo não está bom, seja instrumento ou voz, e eu a vi se integrando à Off-Road, sendo parte da banda tanto quanto eu e os outros.

— Olha só, vamos fazer o seguinte — Cris conversou conosco no final do ensaio. — A partir de hoje vamos gravar umas cenas aleatórias dos ensaios, e preciso também de umas cenas do casamento. — Olhei para Lara, visivelmente corada. — Quando formos gravar para valer, vamos filmar o tempo todo, e aí editamos o clipe.

— A ideia é mostrar a Lara conosco, se integrando, tocando junto? — Luti questionou.

— Sim, mas o foco principal é o romance com o Cadu — Cris sorriu quando disse isso. — Eu gostaria de algumas cenas deles em casa, mas conhecendo o Cadu...

— Nós topamos! — eu o interrompi, ganhando um olhar questionador da minha esposa. — Podemos gravar algumas cenas. — Olhei para ela. — Coisas simples. Lara arrumando a mesa do café da manhã como faz todos os dias ou mesmo lendo na sala de TV, deitada no sofá. Podemos tocar no estúdio lá de casa também...

— Ótimo, Cadu! — Cris comemorou.

A testa de Lara estava franzida como se algo que eu disse a tivesse pegado de assalto. Provavelmente foram as descrições da rotina dela. Ela pensara que eu não percebia? Eu poderia descrever muito mais coisas. Gestos dela, manias, seu perfume, o sabor do seu beijo.

Eu queria uma forma de me reaproximar dela, e o videoclipe me deu a desculpa perfeita.

— Está posicionada? — Lara me pergunta.

Dou ok e deixo a câmera gravando enquanto vou até minha guitarra. Nós combinamos de começar as gravações tocando juntos. A música será *Sinfonia*, do primeiro álbum da banda.

Lara, em vez de tocar violino, decidiu tocar o piano, e eu pedi a ela que cantasse comigo, embora tenham nos explicado que o vídeo não terá nenhum som, para não poluir a nossa música.

Ela é ótima ao piano, e eu me sinto medíocre perto dela, vendo a musicista completa e excelente, admirando sua técnica e sensibilidade. Tento acompanhá-la fazendo o que eu faço há anos, que é tocar essa música na guitarra, mas só consigo focar na mulher perto de mim.

Lara é tão perfeita! Essa perfeição a que me refiro vai além dos atributos físicos – ela é linda, sim –, chega à alma dela. Eu vejo sua alma se derramando, se revelando em cada nota que ela toca, e isso me choca. Sinto em mim a emoção, a devoção e o amor que a música entrega a ela de volta. Eu, que costumo rasgar-me inteiro ao tocar algo, desnudar-me de todo e qualquer tipo de armadura e ficar exposto, em carne viva, pulsando pela música, ouço-a ir além do que eu vou.

Somos ótimos juntos! Ela é pura luz, límpida, clara, suave e quente, e eu sou carne viva, sangrando, demonstrando em cada acorde a dor dentro de mim, a escuridão que me envolveu ao longo dos anos e todas as marcas da batalha constante que se tornou minha vida. Eu sou só uma casca, vazio há anos, e Lara é...

Noto-a tensa, olhando para a câmera e tentando não olhar. A concentração dela na música mudou, as emissões de emoção sumiram. Tomo consciência da câmera também, e meu corpo inteiro, aquecido pela energia dela, esfria.

A música acaba totalmente diferente do modo que começou. E, assim que me livro da guitarra, vou até o pedestal perto do piano e pego a câmera, sentando-me ao lado da Lara.

Vemos a filmagem e rimos juntos do resultado.

— Ficou péssima! — ela afirma.

— Sim, estamos parecendo robôs — concordo, mesmo tendo adorado o começo da canção. — Não está natural.

— A câmera me deixa tensa.

Eu concordo, levanto-me e reposiciono a filmadora para começar de novo,

mas o suspiro cansado de Lara me faz olhá-la.

— Quer deixar para outra hora? Você levantou bem cedo e já foi estudar...

— Acho melhor. — Sorri, agradecida.

Não resisto e vou ao seu encontro, sentando-me ao seu lado no banco do piano.

— Eu gosto de tocar com você — confesso. — Eu gosto de estar com você. Estava sentindo falta desses momentos.

Ela sorri.

— Eu também. É que tudo ficou tão estranho desde o casamento.

— Eu sei e assumo a culpa. — Passo minhas mãos em seu rosto, e ela fecha os olhos. — Eu não sei como agir com você, Lara.

— Nem eu... — sua resposta vem como um gemido.

Os seus olhos continuam fechados, e ela inclina a cabeça na direção da minha mão, que não para em nenhum momento de acariciá-la.

— Eu quero você — confesso. Lara abre os olhos. — Não deveria, não era o combinado, mas eu quero. — Chego mais perto. — Se você não quiser, juro que irei respeitar...

— Eu quero, Cadu.

Puxo-a contra mim com força e a beijo sem nenhum controle. Tenho desejado essa mulher em silêncio, represado toda a atração, todo o tesão por tempo demais, e ouvi-la admitir que me quer também arrebenta com todas as minhas dúvidas e me faz ansiar por ela ainda mais.

Devoro sua boca sem nenhum pudor ou mesmo empecilho. Lara corresponde ao beijo se aferrando contra meu corpo, suas mãos agarradas ao meu pescoço. Meto minha língua em sua boca, roçando-a na dela, explorando, provocando, querendo mais, querendo fazer isso em sua boceta, querendo fazer isso no seu corpo todo.

Eu quero essa mulher! Eu preciso dela.

Puxo-a para o meu colo e, no percurso, arrasto-a sobre as teclas do piano, o que nos mostra o quanto o local é impróprio para o que quero fazer. Rimos juntos. Lara gargalha, na verdade, jogando a cabeça para trás, sentada no meu colo e imprensada contra o instrumento.

— Eu preciso foder você, Lara — digo em desespero, e ela geme. — Mas acho que, antes, a gente precisa conversar. — Ela assente. — Eu não quero machucar você de forma alguma e, embora queira muito dormir contigo, não posso prometer mais nada além disso.

Ela fica séria, olhando-me atentamente.

— Eu ainda amo a mãe da Amanda. Continuo amando-a mesmo estando morta, e isso não é segredo para ninguém. Eu tentei manter nosso acordo, me

manter longe de você, mas meu corpo quer o seu, entende?

Ela assente, mas não responde nada.

— Lara, eu...

Meu telefone celular começa a tocar estridentemente, e eu vejo o nome da doutora Tessália aparecer na tela.

— É melhor você atender. — Lara sai do meu colo.

Quero dizer a ela que não, que preciso saber se, mesmo depois de tudo o que eu disse, mesmo sabendo que entre a gente o que está acontecendo é puramente carnal e que não posso prometer nada mais do que isso, ela ainda me quer.

Lara pega o aparelho e o estende a mim.

— Depois conversamos. Atende.

Faço o que ela pede, vendo-a sair do estúdio e me deixando sozinho. Tão sozinho como nunca me senti antes.

— Cadu? — Tessália questiona quando eu não emito nenhum som.

— Sim, sou eu, pode falar.

— Fiz o pedido de incluir a Lara como sua testemunha, mas creio que não iremos conseguir adicioná-la, pois os Kaufmanns já foram citados, mas, ainda assim, acho prudente que ela esteja na audiência.

— Ela vai estar, doutora — garanto. — Acha que, mesmo agora, depois do nosso casamento, o depoimento dela terá algum peso?

— Nunca é demais. Eu estou muito confiante!

— Eu também. Quanto tempo depois da audiência vamos saber da sentença?

— Essa juíza que pegou o processo é bem célere. Em breve, Cadu, você poderá levar sua menina para passar os finais de semana com vocês.

A expectativa me deixa feliz, saber que, dessa vez, tenho chances reais.

— Eu espero que consigamos reverter a guarda também — confesso. — Quero Amanda comigo todos os dias.

— Nós vamos conseguir!

A doutora me dá mais algumas informações sobre minhas duas ações e, quando desligo, não consigo fazer outra coisa senão encostar minha cabeça no piano e pensar em tudo o que aconteceu antes da ligação. Tudo o que poderia ter ocorrido se a advogada não me ligasse!

Olho para a porta do estúdio, pensando em ir atrás de Lara e levá-la para a cama. No entanto, decido me acalmar e dar espaço para que ela pense e tome uma decisão sobre minha nova proposta.

Mudar o acordo! Ficou tão fria essa definição, e definitivamente essa não é a sensação que tenho quando penso em tornar a Lara minha de verdade. Nem de

perto é o que eu sinto! Saber, sentir que ela me quer tanto quanto eu a quero me deixou ainda mais fissurado em tê-la. Preciso dela de uma maneira que não tem nada a ver com nossa amizade ou nosso acordo.

Respiro fundo, rogando por paciência, sabendo que passarei mais uma noite com meu pau na mão e Lara na mente.

Hoje, dia seguinte à minha proposta de mudança de acordo a Lara, tenho uma reunião na gravadora junto com o Luti, pois nós dois representamos a Off-Road em questões burocráticas ou administrativas. O presidente da gravadora sempre nos ajudou e, desde o lançamento do nosso primeiro álbum, nós o temos em alta conta.

A reunião é para falar da nova roupagem que estamos dando a nosso repertório e sobre as mídias adotadas para a divulgação e distribuição do nosso álbum.

Encontramo-nos com o Cris na recepção do prédio e subimos com ele, comentando sempre sobre o trabalho, principalmente sobre o clipe da música que Lara e eu cantamos em pareceria.

— Ontem tentamos gravar no estúdio, mas tanto ela quanto eu achamos que ficou robotizado demais.

— Não seria melhor se instalássemos algumas câmeras...

— Não, Cris! — nego a ideia. — Seria invasivo demais.

Luti dá uma gargalhada.

— Não esqueça que eles ainda estão em lua de mel, Cris.

Eu o encaro com uma sobrancelha erguida, questionando o motivo da ironia, e ele dá de ombros, como se não tivesse conseguido resistir à piada. Porra! Ele sabe muito bem sobre meu acordo com a Lara e, ainda que eu queira deixar os outros de fora dele, Luti não precisa ficar zombando da situação.

Eu não sei se todos compraram a ideia desse casamento como a apresentei a eles. Com certeza Pepê e Deco ficaram muito desconfiados, mas não falaram nada. A alegação foi de que o convívio com Lara nas visitas a Amanda – oficiais ou não – fez nascer uma amizade e, depois, um envolvimento. Tudo muito normal, que poderia acontecer a qualquer um.

Contudo, não sou trouxa a ponto de achar que, conhecendo como eles o amor que sinto pela Mônica, meus companheiros de banda tenham comprado essa ideia. Cris e os outros do staff, eu penso que sim, que os convenci, mas meus amigos mais próximos, não!

Não pretendo envolver mais ninguém nessa situação, não que eu não confie neles, apenas porque, quanto menos gente souber, mais veracidade o relacionamento vai passar.

Preciso de uma família estável para que as assistentes sociais me avaliem apto a estar com minha filha, e eu nunca poderia encontrar alguém mais perfeito que a Lara para construir isso comigo. Mesmo numa farsa – que eu espero ser por pouco tempo –, ela é a pessoa certa para o convencimento que preciso.

— Por que, então, vocês não fazem filmagens do tipo selfies? Sabe, iguais às que todo mundo posta nas *Stories* do *Instagram*? — Cris insiste no assunto, e eu acho uma boa saída. — Podemos usar uma ou outra no seu próprio perfil e...

— Achei que tínhamos combinado de que não íamos dar tanto enfoque assim ao novo relacionamento dele — Luti o contesta. — Lembra que discutimos o quanto o fato de ele ser casado poderia afetar as fãs e...

— Ah, Luti, ainda tem você na pista, mano! — retomo a gozação, dando um tapinha nas suas costas. — O último solteiro da Off-Road.

Ele me olha puto, e Cris gargalha, achando o slogan ótimo.

A reunião é animada, descontraída e muito produtiva. A sala do presidente da gravadora, Miguel Andreolli, mais parece um local de lazer, com mesa de sinuca, totó e decoração de *comics*. Ele é jovem, tem apenas 33 anos e assumiu o lugar do pai – dono da gravadora – no mesmo ano em que nos contratou.

Sempre quando eu vinha para alguma reunião aqui ele tinha à mão cerveja gelada e alguns petiscos, mas, desde que decidi parar, ele também adotou a minha luta, e então tomamos Coca-Cola e comemos pizza.

Eu nunca exigi que ninguém mudasse sua rotina por mim, mas saber que meus chegados fizeram isso voluntariamente, para me ajudar, para demonstrar apoio, é uma sensação gratificante. Saber que há pessoas que torcem pelo meu bem, pela minha recuperação, faz com que cada processo difícil que tenho passado nessa guerra diária contra o vício valha a pena.

Depois de sair do prédio da gravadora, penso em ir direto para casa, mas uma ligação de Angélica me faz desviar o caminho e ir encontrá-la. Tenho acompanhado sua evolução na terapia, mantido contato com ela por mensagens e torcido muito por sua recuperação.

Entro no seu apartamento e sou imediatamente abraçado.

— Que bom que você veio! — ela diz um tanto nervosa. — Eu preciso ir a um local para ver uns testes e simplesmente não consigo sair de casa.

Meu coração se aperta ao ouvir isso.

— Tudo bem, eu vou com você, Angel.

Ela sorri e me abraça forte mais uma vez.

Angélica já está pronta, então só pega sua bolsa, e nós dois descemos. Levo-a até o local e a aguardo por alguns minutos. Aproveito o tempo para mandar mensagem para a Lara, que tem aula o dia todo na ECA hoje.

Sentindo sua falta. Pensando muito no que aconteceu no estúdio. EU QUERO VOCÊ, LARA!

Sorrio imaginando a reação dela. Será que ela fica excitada como eu fico cada vez que penso nela? Será que, ao ler essa mensagem, ela vai conseguir sentir o quanto a quero de verdade e isso a ajudará a se decidir?

Angélica volta em meio aos meus questionamentos e, pelo seu rosto, posso dizer que tudo correu bem. Ela sorri e me abraça novamente, agradecendo o apoio e dizendo o quanto sou importante para ela.

O que eu não previ era que, instantes depois, ela iria me beijar.

— Angel... — Afasto-a. — Desculpa, mas eu estou aqui apenas como amigo.

— Eu sei! Nós sempre fomos amigos, Cadu! — Passa a mão pelo meu peito, e eu a detenho. — O que mudou nisso?

Respiro fundo.

— Você sabe que eu me casei.

Ela sorri.

— Sei também que Amanda tem a ver com essa decisão — não digo nada ante a sua constatação. — Eu te conheço, Cadu. Eu sei que você nunca se casaria com essa menina se não fosse algo relacionado à sua filha.

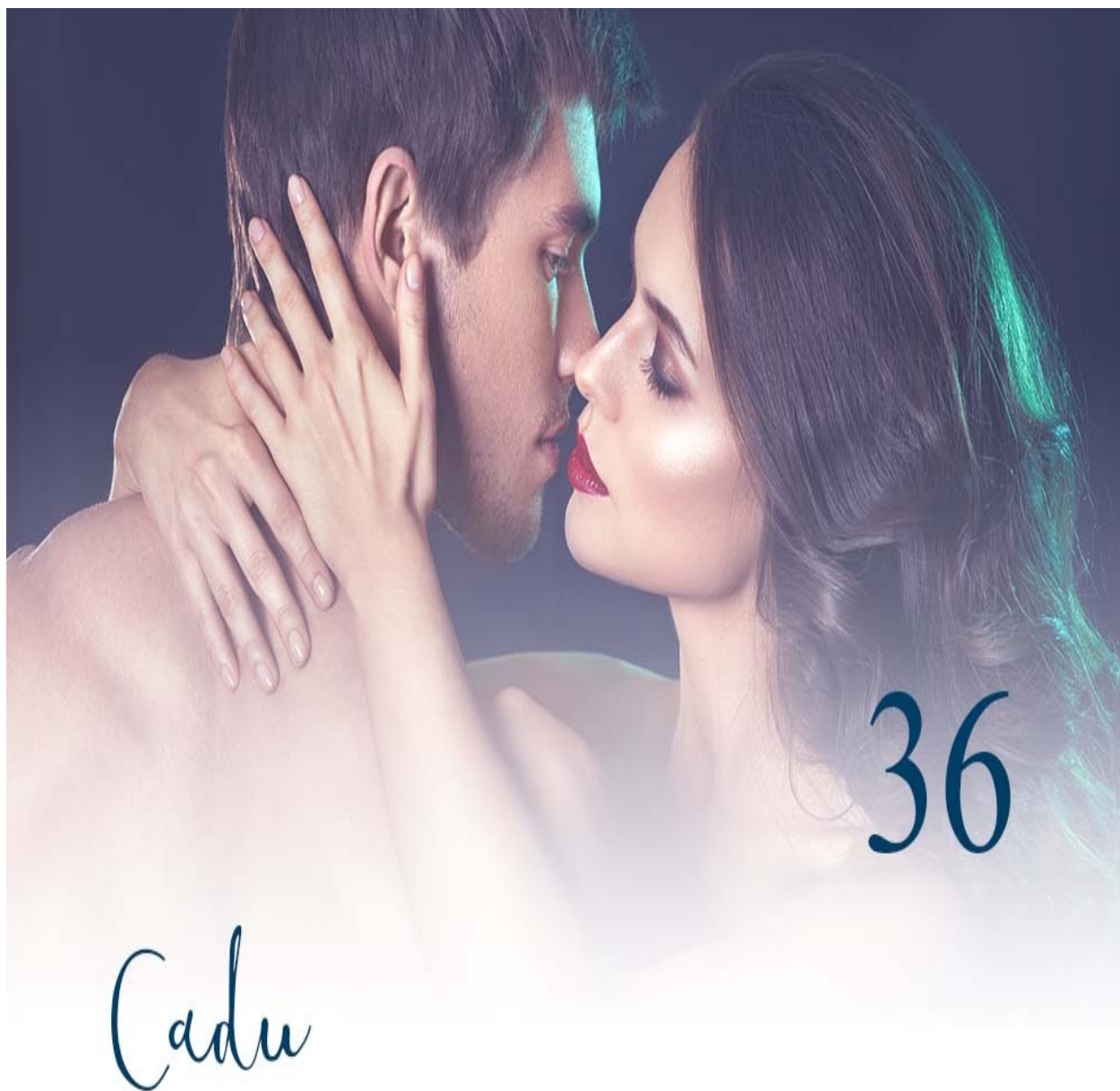
— Isso não muda as coisas — sou direto. — Nosso relacionamento de antes acabou, você sabe disso. O que me mantém aqui com você é a amizade e a vontade de te ver bem, e eu não espero nada mais do que isso.

— Certo, me desculpe. — Ri, sem jeito.

— Tudo bem. Vou levá-la para casa e...

— Antes podemos parar naquele café que eu gosto? — Ela faz um beicinho. — Há muito tempo que não vou lá e eu quero comemorar a conquista desse trabalho e te agradecer por tudo.

Olho para o relógio do painel do carro e penso em que Lara vai chegar e eu não estarei no apartamento. Angélica espera minha resposta, ansiosa, e eu me lembro de todas as vezes em que ela me suportou bêbado, de todas as vezes em que me carregou e me resgatou de algum local.

— Tudo bem, mas não posso demorar!
Ela aplaude, e eu sigo na rota do famoso café.

O café com Angélica demora mais do que eu gostaria e, quando chego a minha casa, acho um bilhete da Lara dizendo que está no antigo apartamento em que ela morava, pois é a comemoração do aniversário do Marlon, e que depois ela e seus amigos irão sair.

Mais uma vez me sinto jogado de lado, sem ter ideia das coisas que acontecem com ela. Eu não sabia que ela tinha uma festa para ir hoje! Não me entenda mal, eu não espero que Lara me peça permissão ou mesmo me faça saber de todos os seus movimentos, mas eu apenas gostaria de ter sabido e, quem sabe, recebido um convite para irmos juntos.

Entro na suíte, tirando a roupa e indo diretamente para o banho, pensando

no quanto eu gostaria que Lara me fizesse companhia neste momento. Estou louco para descobrir como é o sabor da sua pele, seu cheiro – não o do perfume, o natural –, sentir em minhas mãos a firmeza dos seus peitos.

Porra! Essa espera aliada à falta de resposta sobre quando e se poderei realizar todas essas fantasias me deixam no extremo desespero. Não é mais uma questão de foder por aí, de falta de sexo, é vontade de ter a Lara. Ela é a dona de todos os meus pensamentos sobre o assunto. Ela é a inspiração do meu tesão diário, o motivo pelo qual tenho me masturbado todas as noites. *Ela!*

Hoje, quando Angélica me beijou, eu não senti absolutamente nada. Meu pau nem emitiu sinal de vida, e, de verdade, nem mesmo para "tirar o atraso", eu pensei em ir para a cama com ela. Não! Eu entendo agora que minha necessidade não é mais ter sexo, isso é insignificante e insuficiente. A única coisa que me satisfará será conseguir me perder no corpo da Lara, levá-la ao extremo do prazer, ouvi-la gemendo meu nome enquanto meto cada vez mais forte e rápido.

Meus pensamentos fazem com que eu chegue ao gozo bem rápido e, após me libertar da ereção dolorida do dia, eu me deito, conferindo minhas mensagens no celular e ficando decepcionado por não ter nenhuma da Lara.

Minha agenda emite um aviso sobre o evento de premiação de um canal musical cuja indicação de melhor álbum de pop-rock a Off-Road está concorrendo. Mais cedo na reunião de hoje, nós comentamos o quanto esse prêmio será importante, bem como nossa apresentação no dia.

Tínhamos definido que cantaríamos alguma música famosa da banda, mas Cris deu a ideia de aproveitarmos que o *single* com a Lara vai ser lançado no mesmo dia e o clipe, no dia seguinte, e já o apresentarmos ao público.

Pedi um tempo para conversar sobre isso com minha esposa, mas a verdade é que eu também achei uma ideia excelente, não só para a banda, mas também para dar notoriedade ao meu recente relacionamento com ela. Lara e eu cantando juntos em um evento do tamanho desse e demonstrando toda nossa química... perfeito!

Lamento que ela não esteja aqui esta noite, senão eu poderia perguntar a ela.

Rio de mim mesmo, sabendo que isso seria a última coisa que estaria em minha mente caso ela estivesse em casa.

— Bom dia! — Lara me cumprimenta.

Estou tomando um copo d’água antes de iniciar minha rotina de corrida matinal quando a vejo descer as escadas com o rosto ainda sonolento, mas já vestida.

— Pensei que você não tivesse dormido em casa — disparo.

— Onde mais eu dormiria? — Ela pega uma fruta e a lava para comê-la.

Respiro fundo para não começar a questionar sobre ela não ter me chamado para ir à comemoração, para não demonstrar que fiquei com ciúmes ao pensar nela em alguma balada, para não demonstrar o quanto eu quero colocá-la em cima da mesa do café e devorá-la inteira.

— Justo. Aqui é sua casa. Só pensei que, como você saiu para uma balada e...

— Quem disse que fui numa balada? — Lara ri. — Fomos ao Hill, porque a Duda ofereceu o espaço VIP para a festa do Marlon. Eu cheguei em casa lá pela 1h da manhã.

— Tudo bem, Lara, eu não quero parecer controlador. — Suspiro. — Eu só esperava te encontrar aqui quando cheguei e poder conversar.

Ela fica um tempo parada, sem morder a maçã, encarando-me.

— Eu li sua mensagem — declara. — Eu ainda não sei se devemos...

— Tudo bem. — Finjo não ter importância. — Eu fui sincero com você, espero que nosso relacionamento – seja como for – sempre seja pautado na honestidade. Eu gosto de você, Lara, eu só não posso prometer sentir mais do que sou capaz.

Ela balança a cabeça, e, em seguida, escutamos o interfone tocar.

— Seu parceiro de corridas — ela diz, apontando para o aparelho.

— É, o Joaquim. — Caminho em direção à porta e de repente paro. — Lara — chamo-a —, você gostaria de assistir a uma sessão do A.A. comigo qualquer dia? Eu adoraria te apresentar a algumas pessoas.

Ela sorri, assentindo, e eu me sinto mais perto dela com apenas esse gesto.

Corro em silêncio ao lado do Joaquim, mas, assim que concluímos o trajeto, paramos para conversar. Eu o convidei para o casamento, mas ele tinha compromisso de trabalho no dia, então ainda não conhece a Lara.

— Convidei minha esposa para conhecer o grupo.

Ele sorri, satisfeito.

— Isso é bom, rapaz! — concorda, ofegante. — Apoio de quem a gente ama é o melhor incentivo.

— Você me falou sobre o grupo de apoio às famílias...

— Sim, existem algumas reuniões só para os familiares, para se darem apoio e ajuda. Se ela quiser se integrar, acho muito bom. Viver com um alcóolico, mesmo em recuperação, não é fácil. — Concordo com ele. — O amor

que ela sente por você a faz ficar firme, mas ela também precisa de ajuda e incentivo.

O amor que ela sente por mim... Imediatamente me pego imaginando como seria ser amado pela Lara. *Desastroso!* Com certeza ela se machucaria por eu não a corresponder. *Maravilhoso!* Lara é o tipo de pessoa que se entrega por inteiro, vi isso com minha filha, e ser amado assim é um presente.

— Ei... — Joaquim me chama aos risos. — Homem recém-casado! Cabeça nas nuvens, suspiro e essa cara... — Ri novamente. — Com certeza um homem apaixonado!

Rio, sem jeito, e ele gargalha.

Nós nos despedimos, e eu volto para casa já sabendo que Lara foi para a faculdade, lamentando não conseguir falar mais com ela. Mais uma vez lembro-me do evento e da ideia do pessoal sobre uma apresentação nossa e faço um lembrete mental de tocar nesse assunto durante o jantar.

Hoje tenho mais uma sessão com o doutor Steter e prometi à minha mãe que passaria em Itu para vê-la. Queria levar a Lara, mas sei que ela estuda até a parte da tarde e que, por isso, não pode me acompanhar.

Duas semanas se passaram desde aquela manhã em que conversamos antes da minha corrida. O evento da premiação começará daqui a algumas horas, e eu estou no meu quarto, terminando de me arrumar, enquanto Lara está no dela, fazendo o mesmo.

Sim, continuamos dormindo separados, embora as outras coisas do relacionamento progrediram muito. Estamos mais próximos, mais ainda do que antes e, mesmo com o tesão absurdo que ainda sinto por ela, conseguimos fazer várias coisas juntos, como casal.

Ela foi comigo ao A.A., conheceu o Joaquim e os outros companheiros, ouviu com lágrimas nos olhos cada um dos relatos e se interessou em fazer parte do grupo de apoio às famílias. Nesse dia, quando chegamos a casa, ela me abraçou forte e disse que sentia orgulho de mim.

Nós nos beijamos, e foi diferente dos beijos anteriores. Foi como se houvesse uma conexão entre nós, um carinho, algo tão bom que – claro, me deixou excitado, afinal, eu a estava beijando – eu pude perceber o quanto gosto dela e quão importante ela é para mim. Aquilo era mais do que apenas sexo, mais do que eu costumava ter antes de ela entrar na minha vida.

Terminamos a gravação da música e, como sugerido pelo Cris, nós fizemos

vários vídeos caseiros com nossos celulares – o dela, eu dei de presente com a desculpa de que a câmera seria melhor – e os enviamos para o produtor de audiovisual que cuida dos clipes da banda.

Quando vimos o resultado, no começo desta semana, ficamos surpresos de como ficamos parecendo realmente um casal apaixonado e feliz. As cenas dentro do estúdio durante a gravação misturadas com as que nós gravamos no nosso dia a dia deixaram aquele clipe o mais perfeito que a Off-Road já fez.

Lara ria em algumas cenas que fiz dela sem que percebesse: ela lavando louça e dançando enquanto o fazia, e eu aparecendo depois na filmagem fazendo cara de bobo; ela praticando em seu violino e anotando algo em seu caderno de partituras, concentrada; o dia em que decidimos assistir a um filme e fizemos um "rodízio" de pipoca de vários sabores.

A cada cena, eu me lembrava do momento e do quanto tudo aquilo foi real. Apareceram também algumas imagens do nosso casamento, inéditas até para nós mesmos, pois ainda não tinham entregado o vídeo e as fotos, e a última cena lá em casa nos deixou totalmente surpresos.

Nosso beijo ao piano. O momento em que conversávamos sobre como a filmagem tinha ficado ruim, eu fazendo carinho no rosto dela e Lara de olhos fechados, gostando do toque, até o momento em que a beijei com loucura e a puxei para o meu colo, quando ela ficou imprensada entre mim e o instrumento e gargalhou. Estava tudo lá, com a melodia e nossas vozes na canção deixando tudo romântico e especial.

Lara olhou para mim com os olhos arregalados, e eu dei de ombros, sem entender nada também.

— Como foi que essa... — comecei a questionar o Cris, mas ele me interrompeu.

— Foi a única filmagem que aproveitamos da câmera profissional que te emprestamos. — Ele sorriu. — Confesso que fiquei nervoso ao ver o vídeo e aliviado quando o celular interrompeu vocês.

Lara ficou tensa ao meu lado, e eu também, ao perceber que Cristóvão devia ter ouvido toda nossa conversa, mas logo nosso medo se desfez.

— O áudio da câmera estava desativado, e eu fiquei preocupado com aquele telefonema, com sua expressão depois, Cadu. — Ele me olhou. — Algum problema?

— Não. — Ri, aliviado. — Era a advogada me falando sobre os processos.

Ele assentiu, e apertei forte a mão da Lara, propondo-lhe:

— Se você quiser, peço a ele para tirar essa parte. Não sabíamos que estava sendo gravada.

— Não precisa. — Ela sorriu, linda. — O clipe ficou perfeito!

— Também achei.

Ficamos um tempo nos olhando, e o clima, como sempre, era perfeito. Esperar uma resposta dela tem sido difícil, mas não há nada que eu possa fazer. A decisão é da Lara! Por mim, naquele mesmo dia, quando saímos do estúdio, eu a teria levado ao meu quarto e realizado todas as coisas que têm rondado meus sonhos ultimamente.

Sei que, além do tipo de relacionamento que propus, o que está fazendo com que ela demore a responder é sua falta de experiência. Ela nunca me disse que era virgem, e eu nunca contei que sabia, mesmo porque acho que, se dissesse a ela que Milena e eu conversamos sobre o assunto, Lara ficaria muito constrangida.

Virgem... desde a Mônica, eu só saí com mulheres experientes e as preferia. Porém, saber que a Lara ainda não teve ninguém só me dá mais vontade de lhe ensinar, de mostrar a ela como pode ser gostosa a intimidade entre um casal. Ainda que parte de mim mande que eu recue, diga que não é justo levá-la para a cama e depois, quando nosso acordo terminar, deixá-la ir como se nada tivesse acontecido, eu não consigo não a querer.

Saio do quarto já vestido com a roupa que o pessoal que cuida da nossa imagem separou. Clayton conhece meu gosto e, ainda que mande peças novas e da moda, o faz dentro daquilo que eu gosto. Então, uso calças resinadas pretas com uma camisa de malha de tricô fina e bem justa e blazer preto de veludo molhado por cima.

Passo à porta da suíte da Lara e, por um momento, fico tentado a bater, tentado a entrar, desejando vê-la. Balanço a cabeça, não querendo seguir em frente com a ideia, deixando que ela termine de se arrumar tranquilamente.

Qual não é minha surpresa ao me deparar com ela lindamente vestida me esperando na sala de estar? Começo a rir, pensando que enrolei o máximo que pude no quarto para não ficar esperando muito tempo por ela, haja vista a costumeira demora de uma mulher ao se arrumar, e acabei a fazendo esperar por mim.

— Está aí há muito tempo? — pergunto, tentando ganhar tempo ante a sua maravilhosa visão em um vestido azul-escuro também de veludo molhado como meu blazer, colado em seu corpo e com um enorme decote nas costas. *Uau!*

Fico pensando que o Clayton – que foi quem mandou nossos figurinos, inclusive o da Lara, que irá cantar conosco nesta noite – conseguiu revelar o lado mais sensual da minha esposa, o que eu vejo ao olhar para ela, deixando para trás qualquer imagem de menininha que algum desavisado – como eu era antes – possa ter.

— Na verdade, sim. — Ela ri. — Você demora muito para se arrumar!

Caio na gargalhada e não resisto a abraçá-la pela cintura e a beijá-la. Lara já não se assusta mais com esse movimento, tão desejado entre nós, e sua resposta ao meu beijo é tão boa que a vontade que me dá é de lançar toda essa coisa de premiação pelos ares e ficar com ela, somente com ela dentro deste apartamento por dias inteiros.

— Vou borrar seu batom — falo baixinho com a boca ainda colada na dela.

— Ele não borra... — ela geme. — Pode beijar à vontade.

Porra, Lara!

Eu me afasto dela, desesperado com a reação do meu pau a isso, saber que ela pôs um batom para que eu possa beijá-la à vontade a noite inteira. Respiro fundo várias vezes, tentando esfriar a cabeça – a de cima e a de baixo – para que consigamos chegar ao evento sem que eu cometa uma loucura com ela.

Não, Cadu!, minha racionalidade brada dentro da minha cabeça. Eu tenho um compromisso de trabalho, um compromisso com meus amigos, com meus fãs e, além disso, a primeira vez de Lara não pode ser assim, na correria. Ela merece mais!

Eu estive pensando sobre isso, sobre a virgindade dela e, embora já não deem tanta importância a isso nos dias de hoje, eu quero dar uma primeira vez perfeita para Lara. Quero desbravar seu corpo lentamente, entre carícias, beijos e conversas, deixá-la relaxada, fazê-la me querer tanto quanto eu a quero, enlouquecê-la e, enfim, quando chegar o momento, quero que ela me receba com prazer.

Sei que vai doer, tive essa experiência antes e já sei como é. No entanto, hoje eu sou um homem mais experiente e vivido do que era há quase dez anos. A primeira vez da Mônica foi corrida, afobada e, embora inesquecível e boa, confesso que para ela foi um tanto dolorida demais.

Eu quero ver a Lara pingando de tesão, desesperada, implorando e pronta para o gozo. Balanço a cabeça para dispersar esses pensamentos, que não estão ajudando em nada a minha situação atual de pau duro e bolas doendo. Merda!

— Tudo bem aí? — ela indaga, e eu noto sua voz um pouco divertida.

Ah... está se divertindo em me torturar? Caminho de volta para ela e a aperto contra mim. Lara arregala os olhos ao sentir minha ereção dolorida contra sua barriga, e eu dou um sorriso malicioso para ela.

— Mais do que bem — respondo-lhe, beijando seu pescoço à mostra por causa do penteado. — Eu estou ótimo! Morrendo lentamente de tanto tesão, com a cueca ficando pegajosa de tanta vontade de te foder devagarzinho a noite inteira, até que você enlouqueça junto comigo.

— Cadu...

A forma como ela geme meu nome é um combustível extra para o tesão

entre nós. Arrasto meus dentes por sua pele branca e sensível, sentindo a veia jugular pulsando freneticamente, seguindo em direção ao lóbulo de sua orelha. Quando passo a língua, contornando-o, desviando-me dos brincos ao brincar com o lóbulo, gemo gostoso antes de dizer:

— Eu só preciso de você para ficar perfeito, Lara. — Ela joga a cabeça para trás, não contendo um gemido desesperado. — Só preciso de um sim...

O barulho do interfone é ensurdecedor, e o xingo baixinho, descansando a cabeça no ombro dela. Sorrio sem jeito ao olhá-la, suas íris castanhas brilhando e seu rosto mais rosado do que a maquiagem o deixou.

— Deve ser o motorista que veio nos buscar. — Lara apenas assente sem deixar de me encarar. — Precisa de um tempo para se retocar?

Ela expira o ar lentamente, tremendo, e um sorriso se desenha em meu rosto, satisfeito ao saber que todo o clima que senti, todo o desejo, também foi sentido por ela.

— Como estou? — ela me pergunta, passando a mão por seu vestido.

Aproveito para deslizar a ponta dos meus dedos por suas costas, sobre a pele quente, fazendo-a se arrepiar inteira.

— Linda! — Beijo-a. — Deliciosa!

Lara sorri, satisfeita com minha resposta.

— Vamos? — Eu concordo e vou até onde estão nossas malas. — Cadu, eu não sei se é boa ideia...

— Lara, vai ser incrível, fique tranquila.

Descemos e encontramos o carro a nos esperar em frente ao prédio. O motorista abre a porta para a Lara entrar, e eu a sigo no banco de trás. *Ah, pena não ser limusine!*, lamento ao imaginar o que poderíamos fazer na volta dentro do carro.

— Você confirmou onde estarei sentada? — ela me questiona preocupada, e eu pego sua mão fria e assinto. — O pessoal da produção do evento concordou com isso?

— Lara, pode ficar tranquila! O Cris e nosso staff combinaram tudo com o pessoal do evento. A gente combinou de fazer um pot-pourri com alguns dos nossos sucessos ao invés de cantar apenas um.

— É que, como não ensaiei com vocês lá no local...

— Não se preocupe, ok? — Ela concorda, mas ainda a sinto tensa. — Lara, confia em mim.

Ela sorri pela primeira desde que iniciamos o assunto dentro do carro.

Paramos no aeroporto, prontos para irmos ao Rio de Janeiro, local onde acontecerá a premiação. Mais uma vez a sinto tensa e sei o motivo: Lara nunca esteve em um avião antes.

— Vai dar tudo certo. A viagem é rápida, e teremos todo conforto.

— Eu deveria ter ido com vocês, mas eu tinha prova e...

— Lara. — Seguro seu rosto. — Hoje você vai fazer o Brasil inteiro se apaixonar por você!

Ela segura o fôlego por um momento e depois sorri.

O Brasil inteiro vai ser apaixonar por ela... O Brasil inteiro!

Seguro suas mãos com força, e subimos as escadas para entrar no jatinho.

Ao chegarmos ao Rio de Janeiro, o pessoal da banda já está todo reunido no local do evento. Teremos algumas entrevistas marcadas antes de “atravessar o tapete vermelho”. Lara e as esposas do Deco e do Pepê vão ficar numa outra sala, nos esperando.

— Tudo bem? — Luti me cumprimenta. — E a Lara, como está?

— Ótima, Luti! — respondo-lhe seco, não gostando de sua preocupação com minha esposa. — Quando vamos começar? — pergunto olhando em volta, procurando a jornalista do canal de TV fechada.

A entrevista é rápida e superficial. Geralmente respondemos sempre as mesmas perguntas sobre como estamos nos sentindo por nos apresentarmos nessa premiação tão importante e, principalmente, qual nossa expectativa de ganhar o prêmio para o qual fomos indicados.

Entro com o pessoal todo na sala de espera, onde estão vários músicos. Cumprimento alguns conhecidos e sou apresentado a alguns novos a que ainda não tinha sido apresentado pessoalmente. Cris me chama até um canto e avisa que seremos – Lara e eu – os últimos da banda a entrar na parte pública do evento.

O primeiro é o Luti, que, sozinho, vestido todo de preto, de óculos escuros e com os cabelos soltos, está dando uma entrevista bem no meio do tapete vermelho. Sempre o primeiro a entrar era eu, solteiro, levando a mulherada que fica na entrada à loucura. Agora, como estou acompanhado – olho para a Lara e sinto meu coração acelerar ao vê-la tão linda e integrada ao grupo de outras mulheres –, o posto de solteiro da banda é exclusivamente do Luti, e o Cris já começou a explorar isso.

— Ah, mas eu sempre digo isso para o Phelippe, sabe? — Vanessa, a esposa do Pepê, está falando para Lara quando eu chego. — Esses homens, Lara, são sempre como garotos, nunca crescem.

— “Somos só garotos... perto de uma mulher!” — canto um pedacinho da

música do Leoni, e ela ri muito, balançando a cabeça. — Pronta para entrarmos?

— Seja o que Deus quiser!

Depois do Pepê e do Deco e suas esposas, é a vez de mim e de Lara, que fica tensa com a sucessão de flashes. A noite já está começando, o que faz com que a luz das câmeras comece a incomodar para valer. Eu disse que não ia dar entrevistas, por isso Luti falou pela banda. Sigo direto para dentro e procuro nossos lugares.

Constato que, como em todos os anos, minha cadeira está ao lado da do Luti, e, se eu me sentar ao seu lado, ponho a Lara no corredor, e isso não é legal agora. Não tem jeito, ela terá que ficar entre mim e ele durante o evento, até o momento da nossa apresentação.

— Oi, Luti! — escuto-a cumprimentando-o, e ele pergunta como ela se sente. — Eu estou bem, mas tremendo inteira. — Ri de si mesma. — Eu nunca poderia imaginar estar vivendo isso!

— Já, já você se acostuma, ainda mais depois que fizer todos aqui ficarem babando por você e pela sua voz.

Rolo os olhos ante o comentário dele, mesmo sabendo ser verdade, e entrelaço meus dedos nos dela. Não que eu queira demarcar território, não é isso! É só para dar apoio a Lara, para que ela saiba que *eu* estou aqui ao seu lado.

Alguns minutos se passam, e o local está cheio. Perto do palco, estão os artistas convidados, e, já na segunda sessão, mais distante, o público em geral, que veio assistir às premiações e aos shows.

Os apresentadores começam, sempre com piadas e brincadeiras, a introduzir o evento, e, logo após, temos a primeira apresentação, de uma artista pop que está fazendo sucesso internacional, com quem gravamos no nosso último álbum.

O show dançante e animado contagia a Lara, que canta a música – segundo ela, aprendeu no Hill – e se balança sentada na poltrona ao meu lado. Fico feliz ao vê-la assim, tão solta e relaxada, pois assim esquece o que precisará fazer daqui a algum tempo.

A premiação começa, e logo o pessoal da organização chega para nos levar para a preparação do nosso show. Lara volta a ficar tensa.

— Ei, Larinha, vai dar tudo certo e...

Antes que Luti termine de confortá-la, eu a beijo e encosto minha testa na dela.

— Vai dar tudo certo. Confia no seu talento.

Ela assente, e eu vou com o resto da banda para trás do palco. No caminho, Luti toca meu ombro.

— Que porra foi aquela lá? — questiona-me. — Eu vi o clipe, claro, fiquei

puto ao pensar que você pediu a ela que encenasse aquilo com você ao piano, mas agora...

— Não é da sua conta, Luti! — corto-o. — Não se meta, ok?

Ele bufa.

— Caralho, Cadu, você disse que não ia misturar as coisas! — Continuo andando sem lhe dar atenção. — Mano, você vai machucar a Lara, e isso é a maior merda que fará na sua vida, porra!

Eu paro, irritado.

— Qual é a sua, Luti? Qual o seu interesse na minha mulher?

Ele arregala os olhos ante minha pergunta.

— *Sua mulher?!* — Ri. — Que porra é essa, Cadu? Eu sou amigo da Lara, gosto dela e acho que ela não merece ser magoada por um filho da...

— Ei, vocês dois! — Breno, o diretor musical que substituiu o Cassiano, nos apressa. — Vamos logo, vocês ainda vão mudar de roupa!

Paramos de nos encarar e seguimos na direção que ele nos apontou sem trocar mais nenhuma palavra. Eu não entendo qual é a do Luti de ficar se metendo entre mim e a Lara. A desconfiança de que meu amigo sente ou quer algo com ela me corrói por dentro, e eu me sinto bufar de raiva e ciúmes.

Eu sei que a Lara me quer, e isso é o suficiente para eu ter certeza de que ele não tem nenhuma chance com ela. Eu só não quero ter esse clima estranho na nossa amizade. Nós dois sempre fomos muito companheiros, e eu sou grato ao Luti por ter estado ao meu lado nas piores horas da minha vida. Não quero perder sua amizade e nem que ela fique estremecida, mas não gosto do jeito que ele trata minha mulher.

Minha mulher! Sim, ela ainda não o é, ainda é só a minha esposa de mentirinha. No entanto, eu pretendo que isso seja por pouco tempo!

Mais um prêmio é entregue, e eu me sinto cada vez mais angustiada sem saber exatamente quando será que a Off-Road entrará no palco. Tenho medo da coisa toda não funcionar, embora Cadu tenha me garantido que tudo dará certo, que eles ensaiaram tudo com a técnica do evento.

Aplaudo o ganhador de melhor cantor ao final de seu discurso e, sem nenhum aviso, o palco fica todo escuro. Uma luz se acende no canto extremo de onde estou sentada, e o som de uma guitarra invade tudo. Luti aparece, seus cabelos longos esvoaçando ao vento produzido por algum aparelho, todo vestido de preto. Uma camiseta deixa seus músculos e suas tatuagens aparentes, a calça surrada e desfiada e os coturnos completam o traje, deixando-o ainda mais sexy.

A mulherada toda está gritando enquanto ele executa um solo da primeira música deles que estourou no Brasil.

No telão ao fundo do palco aparecem o ano do lançamento da banda e imagens aleatórias do começo da carreira deles, bem como do prêmio de grupo revelação que eles ganharam.

É emocionante ouvir o público cantando enquanto ele toca, e, mesmo de longe, vejo-o sorrindo e curtindo isso também. Eu nunca assisti a um show deles ao vivo, e presenciar essa reação do público hoje me dá a dimensão de como é quando eles todos estão no palco. De repente, Luti para de tocar, a guitarra fica pendurada em seu corpo e ele prende os cabelos com seu famoso nó no alto da cabeça. Um sorriso safado e matador se forma em seu rosto, o que causa mais gritos ensurdecedores pela casa de espetáculos.

Olho para o meu lado, cujos lugares estão ocupados por músicos conhecidos, e todos estão sorrindo e comentando. O palco fica escuro novamente, mas é possível ouvir ao fundo o som de um instrumento de percussão e um baixo acompanhando, junto, claro, com a guitarra de Luti, que soa mais cadenciada e menos intensa do que no solo.

Então tudo para novamente. Não há mais som, nem nenhuma iluminação a não ser dos visores dos celulares na plateia. Fico tensa, sem saber se isso foi combinado ou se ocorreu algo. O público também fica em silêncio e, ao meu lado, vejo pessoas se entreolharem, curiosas. É nesse momento, sem nenhum aviso, que a voz de Cadu reverbera cantando as primeiras frases de “Seja Minha”.

O palco todo se ilumina, e labaredas são acionadas a cada pegada mais forte da música. A voz de Cadu, os efeitos no palco e o som da banda tocando ao vivo me deixam com o coração disparado, mas, quando o vejo, tudo o mais perde a importância, e eu fico completamente enfeitiçada por ele.

Cadu não está tocando e usa um enorme sobretudo preto e um chapéu também dessa cor. Consigo ver a ponta de um sapato social aparecendo pela barra do casaco e me pergunto o que ele está escondendo, pois não está com seus coturnos de sempre.

A banda relembra os maiores sucessos da carreira, muitos deles premiados por esse mesmo evento. Umas bailarinas entram no palco e começam a interagir com Cadu, e, somente ao final da música mais pauleira que eles têm, eu entendo o motivo do casaco.

A música fala de fama, sexo e vícios e conta a história de um personagem que perdeu a cabeça por conta disso tudo e, ao final da vida, reflete tudo o que fez, percebendo que nada valeu a pena. Ao término da canção, Cadu se abaixa, e as dançarinas o rodeiam, todas vestidas de negro como se fossem a

representação da morte, tampando-o do público em geral.

Quando ele ressurge, sem a indumentária que o cobria dos pés à cabeça, retenho o fôlego ao notar o smoking preto. Ele caminha pelo palco, somente uma luz a iluminá-lo, enquanto os outros integrantes da banda estão no escuro.

— Esta é uma noite especial — ele diz ao microfone. — Vocês devem estar se perguntando o motivo pelo qual estou vestido de pinguim agora. — Eu rio junto com toda a plateia. — É por causa dela. — Meu coração dá saltos de ansiedade, pois essa é minha deixa.

Uma pessoa surge, abaixada ao meu lado, e me entrega um equipamento. Ponho os fones do retorno nos ouvidos enquanto a moça da técnica pendura em meu vestido uma caixinha com os ajustes do microfone que me dá. Estou muito trêmula, respiro fundo várias vezes, tentando me acalmar, e mal escuto o que o Cadu fala agora.

— ...essa é uma fase inédita na minha vida e quero dividi-la com vocês em primeira mão. — Ele se senta em uma banqueta, e Luti é iluminado, sentado ao piano. — Essa é uma composição do Deco, e eu espero que vocês gostem.

Os primeiros acordes soam, e puxo o fôlego, lembrando todas as informações que eles me deram sobre o que devo fazer.

Quando Cadu canta a primeira palavra da música, eu canto junto com ele, interrompendo-o. O telão acende, e começa a passar nosso videoclipe. Ele se vira, como se estivesse surpreso, e fica olhando para trás, enquanto eu canto em sincronia perfeita com o clipe.

Algumas pessoas ao meu lado já perceberam que estou cantando ao vivo. As luzes de emergência das escadas se acendem, e eu me levanto, chamando ainda mais atenção das pessoas em volta, e vou caminhando para o palco.

Escuto uma gritaria enorme, muitos aplausos, e o Cadu olha para frente e abre um enorme sorriso ao me ver. Ele se levanta e vem em minha direção. O que se segue... eu nunca poderia imaginar e nem mesmo sonhar.

Exatamente na pausa entre minha parte e a de Cadu, Luti faz um solo ao piano, e eu vejo o palco se iluminar, mostrando o cenário lindo criado pelos telões de LED. O pessoal da banda está todo vestido a caráter, e Cadu pega minha mão, beija-a e me puxa para dançar com ele.

Tudo o mais deixa de importar para mim. Esqueço que estou entre milhares de pessoas, sendo transmitida ao vivo no canal de TV por assinatura e me deixo ser levada por ele.

Pode ser tudo uma encenação, um jogo de marketing do Cris, mas ainda assim adoro o jeito que Cadu me segura, como sua testa está colada à minha e sua respiração quente sopra em meu rosto. Nunca dancei assim com ninguém e não poderia ter acontecido com outra pessoa senão o homem por quem estou

apaixonada.

Ele se afasta e, em vez de cantar a música toda novamente, volta no refrão, e eu o sigo, fazendo o contralto que gravamos juntos.

A música acaba, ele sorri para mim e, antes que eu possa olhar para a plateia, que nos aplaude de pé, beija-me.

— Você esteve perfeita, Lara — afirma ainda com os lábios nos meus. — Obrigado!

Viramo-nos para agradecer ao público, e eu sorrio sem jeito.

— Lara Martins, pessoal, minha esposa.

Rio nervosa ao ver a multidão de pé e olho de soslaio para ele, que pisca para mim antes de sairmos juntos de mãos dadas pela parte traseira do palco.

— Uau, Lara, você arrasou! — Deco me cumprimenta assim que entramos nos bastidores. — Vocês dois juntos! Caramba, Cadu, agora entendo por que esse casamento tão repentino!

Sai gargalhando, deixando-me sem jeito.

Pepê passa e nos cumprimenta também, e Luti apenas balança a cabeça e segue para o camarim para trocar de roupa. Estranho sua falta de palavras, mas, achando que é por causa da adrenalina da apresentação, não me fixo muito nisso.

Um fotógrafo tira uma foto nossa para o site do canal, e, em seguida, Cadu é pressionado a trocar de roupa e voltar para seu lugar, pois o prêmio a que a banda concorre irá ser anunciado em breve.

— Até daqui a pouco — despede-se e me beija novamente.

Volto para a poltrona com uma moça da organização do evento e, instantes depois, Cadu senta-se ao meu lado, contudo, sem o Luti a acompanhá-lo.

— Cadê o Luti? — pergunto, mas ele dá de ombros, pegando minha mão. — Está tudo bem? Eu notei que...

Os apresentadores começam a falar sobre o prêmio de melhor grupo, e eu fico calada, pois sei que seremos filmados durante a indicação.

— O que está rolando entre o Cadu e o Luti? — Catarina, a esposa do Deco, me pergunta.

Estamos sentadas à mesa da festa da premiação, no salão de baile do Copacabana Palace. Eu quase não acreditei quando cheguei aqui e vi tudo isso decorado. Cadu, orgulhoso, portando o prêmio que a banda recebeu nesta noite, encaminhou-me à nossa mesa e se juntou aos companheiros para entrevistas e fotos.

— Não sei. Fiquei assustada quando todos subiram ao palco, menos o Luti.

— Ainda bem que ele logo apareceu — Vanessa comenta. — Ia ser no mínimo mais um ponto para fofocas, e é tudo o que não precisamos neste momento. Mais uma crise na Off.

Catarina dá uma cutucada nela e sorri sem jeito para mim.

Sim, eu sei que ela se referiu aos escândalos criados por Cadu e sua bebedeira, mas, desde que ele se dispôs a parar, nada de ruim acontece. Entendo a preocupação com relação à imagem da banda, afinal, é de onde vem o ganha-pão de suas famílias, e sei também que eles sempre apoiaram muito o Cadu, então o comentário dela não me incomoda.

— Cris foi um gênio ao montar aquela coisa toda entre vocês dois, Lara. — Concordo com Catarina. — Ficou lindo, e eu cheguei a suspirar! A música, o cenário e vocês dois juntos, tudo ficou perfeito!

— Eu gostei também, mas confesso que estava nervosa.

— Ah, que isso! Você canta bem e é linda! — Vanessa me elogia. — Ainda apareceu para botar juízo na cabeça do Cadu e fazê-lo sair daquele luto eterno e sem propósito! Onde já se viu? Um homem com vinte e tantos anos dizer que nunca mais amaria outra mulher depois que a Mônica morreu!

Catarina novamente sorri sem jeito, e tento desconversar perguntando a ela sobre seus filhos. Não gosto de ficar discutindo o assunto do meu casamento e, muito menos, a relação do Cadu com a Mônica. Sei que Vanessa não faz por mal, pois, desde nossa primeira conversa na sala de espera, eu percebi que ela não tem papas na língua.

A noite se arrasta, e eu fico o tempo todo longe do Cadu, que atende à imprensa, conversa com amigos e renova contatos com empresários e apresentadores. Cris está com ele o tempo todo, e eu vejo o Luti sentado numa banqueta do balcão de bebidas que foi montado para a decoração.

Catarina se levanta para ligar para casa e falar com a babá, e Vanessa é levada para a pista de dança pelo marido. Fico sozinha à mesa, tentando me divertir mesmo sem conhecer ninguém, preocupada com o Cadu e em como ele está ao se ver pela primeira vez cercado de tantas bebidas.

Deveríamos ter ido direto para o hotel onde iremos passar esta noite, mas ele disse que a festa era mais importante até que a premiação e que ficaria muito feio se nós dois não viéssemos.

— Lara Martins? — uma moça com crachá de imprensa me chama. — Posso tirar uma foto sua e fazer algumas perguntas?

Forço um sorriso, pois já conversei com um sem número de jornalistas hoje e estou cansada.

— Claro, sente-se. — Aponto para uma cadeira vazia.

Ela toma assento no lugar onde estava a Catarina e pega seu celular.

— Eu vou gravar, você se importa? — Nego. — Eu sou Janine França, tenho uma coluna sobre personalidades em uma revista. — Entrega-me seu cartão. — Eu tenho acompanhado a vida pessoal do Cadu há alguns anos e...

— Eu não vou falar sobre nossa vida pessoal, Janine — aviso-lhe. — Respondo sobre a música que cantamos juntos e algumas coisas superficiais sobre nosso relacionamento e...

— Ah, Lara, facilita, vai! Isso todo mundo sabe! O Cris fez um *publicity post* com um monte de revistas digitais, além daquela de gente famosa, sobre vocês, contando a história de como vocês se conheceram e outras coisas mais. — Começo a ficar incomodada com o jeito dela. — Não quero isso, mesmo porque sei que foi pura publicidade, pois, como já lhe falei, acompanho o Cadu há anos e sei que vocês nunca namoraram. — Ela ri. — Você nem ao menos faz o tipo dele!

Sinto meu sangue ferver ao ouvir isso. Estou cansada, sozinha e doida para ir para o hotel dormir. Mesmo não querendo ser grossa e prejudicar a banda de alguma forma, não sou obrigada a ouvir essas coisas calada.

— Não vou falar nada mais com você, Janine. — Levanto-me. — Tenha uma boa noite.

Ela me segura.

— Ah, qual é, Lara? Sei de uma fonte segura que essa história entre vocês é enganação para limpar um pouco a barra do Cadu. O cara fazia muita merda e, do nada, se emenda e ainda arranja uma esposa perfeita? — Ela ri. — Me responde só uma coisa, então, se realmente o casamento de vocês é para valer. — Ela mexe no celular e depois o vira para mim, quase que o enfiando na minha cara. — O relacionamento de vocês é aberto?

Uma foto do Cadu com uma mulher linda, parecendo uma modelo, aparece e, à medida que Janine desliza o dedo para o lado, outras vão surgindo, até culminar numa onde os dois aparecem se beijando dentro do carro dele, e eu vejo perfeitamente a aliança de ouro em seu dedo. A aliança que eu coloquei nele!

Viro as costas, sentindo-me arrasada ao descobrir que, enquanto ele me beija e jura que me quer, dizendo que está esperando minha decisão, tem saído por aí e procurado alívio com outras mulheres. Sinto-me traída, e isso dói tanto que aperto a mão para não demonstrar, sentindo os olhos arderem de lágrimas.

— Lara? — Luti me abraça pela cintura. — O que você tem?

Eu o encaro e noto sua expressão preocupada.

— Me leva para o hotel, Luti? — Ele assente e passa os olhos pelos convidados, provavelmente à procura do Cadu. — Me leva agora, por favor.

— Certo! — Ele começa a se encaminhar comigo para fora. — Ligo para o Cadu do carro.

— Não! — nego segurando as lágrimas. — Eu não quero falar com ele neste momento. Deixe-o aqui.

Ele resmunga alguma coisa, mas não contesta.

— ...você é um filho da puta de sorte, mano! — escuto o Breno falando, mas meus olhos e minha atenção estão na Lara, sentada à mesa com as esposas dos meus amigos. — Você tem noção de que a apresentação de hoje já viralizou na internet e que o nome da banda já está no *top ten* dos *trends topics* do *Twitter*?!

— Foi ainda melhor do que planejamos! — Cris me dá um tapinha no ombro. — O que foi aquela dança sensual de vocês dois lá no palco? Puta que pariu, Cadu! Pensei que vocês não iam mais continuar a música!

Rio e balanço a cabeça. É, foi no improviso, eu sei. Quando eu vi a Lara vindo em minha direção, linda e sensual, cantando, tudo no que pensei foi que a

queria em meus braços, queria mostrar a todos que ela era minha, que eu a venerava e a queria.

A dança foi isso. Foi a forma que eu escolhi de demonstrar, não só para o público em geral, mas principalmente para ela, a sua importância. Queria que a Lara entendesse o que ela faz comigo, o que esse tesão constante faz comigo. É enlouquecedor, é libertador e o responsável por me fazer sentir mais vivo.

— Senti uma tensão no Luti hoje — Cris comenta. — Sabe o que está rolando com ele?

— Não — respondo seco, não quero entrar nesse assunto do Luti, não enquanto não me sentar com ele em algum lugar e conversar. — Eu vou para a mesa com a Lara e...

— Ah, não! — Cris me puxa. — Preciso que você conheça uma pessoa.

Reviro os olhos e sigo o Cris para conhecer uma produtora que tem feito ótimos programas sobre música, e ficamos conversando com ela por mais tempo do que eu gostaria.

Assim que a conversa acaba, livro-me do Cris e vou à procura de Lara, pois fiquei longe dela quase a noite toda. Embora a tenha deixado junto às esposas de meus amigos, não é a mesma coisa.

Chego perto de Vanessa, a única à mesa ainda, e pergunto sobre a minha esposa.

— Eu não sei, Cadu. Quando saí para dançar com o Pepê, ela estava aqui.

Ligo para o celular dela, mas ninguém atende. Penso que, por causa do barulho, ela não o esteja ouvindo tocar. Espero por ela sentado à mesa, mas, depois de quase meia hora, começo a ficar preocupado.

Avisto Catarina conversando com outras pessoas próximo ao bar e vou até ela.

— Ei! — ela exclama e me beija. — Nem sabia que você estava por aqui ainda!

— Eu estava com o Cris. Você sabe onde está a Lara?

Ela fica séria e olha para os lados.

— Eu a vi sair com o Luti. — Dá de ombros. — Achei que você estava indo junto também.

— Saindo?

Ela concorda.

Agradeço e começo a ligar para Lara, sem entender o que está acontecendo. Mais uma vez a chamada cai diretamente na caixa de mensagens. Bufo de raiva e ligo para o telefone do Luti, que chama insistentemente, mas ele não atende. O que eles estão fazendo juntos, merda?!

Eu me sinto louco, andando de um lado para o outro na festa, não vendo

mais ninguém à minha frente. Insisto na ligação para os telefones de ambos várias vezes, mas nenhum atende.

— Senhor? — um garçom me aborda. — Alguma bebida?

Na bandeja em sua mão há uísque e bourbon, e eu fecho os olhos, tentando não pensar em besteira. Lara e Luti nunca fariam nada das coisas que minha mente está criando. Mesmo que eu desconfie de que há algum tipo de interesse pela parte dele, confio no meu amigo; quanto a Lara, eu sei que ela me quer.

Merda!

Pego um copo de uísque e agradeço. Meu corpo todo treme, minha garganta parece estar cheia de areia, e o cheiro da bebida me enfeitiça, inebriando meus sentidos. Olho para o líquido e, de novo, bufo de raiva.

Não devo fazer isso! Não posso ficar utilizando a bebida a cada vez que topo com uma contrariedade na minha vida. *Não posso!*

O celular treme na minha mão, e eu deixo o copo em cima de uma mesa qualquer, atendendo à chamada do Luti.

— Para onde você levou minha mulher, porra?! — grito com ele, já saindo em direção ao carro que Cris alugou para a gente aqui no Rio.

— Mano, relaxa. — Luti parece muito calmo. — Lara não estava se sentindo bem e eu a trouxe para o hotel. Ajudei-a a fazer o check-in, e ela já está deitada.

Faço sinal para o motorista que nos pegou no aeroporto, e ele imediatamente abre a porta do carro. Peço-lhe que me leve até o hotel onde estamos hospedados, na Barra da Tijuca, e para onde mandaram nossa bagagem.

— Luti, o que ela tem? É o coração? Ela está bem? — pergunto preocupado.

— Ela parece estar bem, não se preocupe. Mas, mano, ela negou que eu entrasse em contato contigo o tempo todo! Você andou fazendo merda?! — Ri. — Ela parece muito chateada.

Fico um tempo pensando sobre isso, e sim, claro que fiz merda! Levei-a para a festa e não consegui ficar um só instante com ela. Mancada feia!

Não consigo perguntar mais nada, pois ouço o Luti falando com alguém e fico logo alerta, voltando a estar louco de ciúmes.

— Você está na nossa suíte com ela?! — berro.

O desgraçado ri.

— Estou, sim, mas já estou saindo! Eu estava esperando ela sair do banho e...

Banho?! Só de pensar nela nua e com ele próximo, eu já fico querendo chutar a bunda dele para longe.

— Luti, seu filho da puta, saia daí agora, porra!

Ele ri mais uma vez, e o escuto se despedindo dela. Desgraçado!

— Hum... ela é muito cheirosa, hein? — bufo de raiva, mesmo sabendo que ele está falando isso só para me irritar. — Se eu não fosse teu amigo...

Babaca! Desligo o telefone e peço ao motorista que acelere, mas ele me explica que os bairros são longe um do outro, por isso, mesmo que ele vá o mais rápido possível, ainda assim irá demorar.

Porra!

Sempre que viemos ao Rio, o Cris reserva para a gente suítes no Villazza Barra da Tijuca. Eu gosto do hotel, do clima dele, das informações ambientais e, como conheço a qualidade dessa rede, toda vez que viajamos, se tiver um deles na cidade, nós nos hospedamos.

Quando finalmente chego ao hotel, passo pela recepção correndo, apenas informando que minha esposa já fez o check-in. Subo até a cobertura, onde estamos hospedados, e sigo diretamente para a suíte presidencial, onde pedi ao Cris que nos colocasse.

A suíte, é claro, parece um apartamento de tão grande, mas eu ignoro as salas e a decoração e sigo direto para o quarto, onde encontro Lara sentada na cama.

— Lara! — chamo-a sem fôlego. — O que você está sentindo? É algo com o coração e...

— Saia daqui, Cadu! — eu paraliso e meu coração dispara com o som da sua voz, triste e anasalada, como se tivesse chorado. — Amanhã conversaremos.

— Não! — Entro, e ela me encara. — Eu saí da festa como um louco, pensando no que poderia ter acontecido com você e agora te encontro assim! — Aponto para ela, de cabelos molhados, enrolada em um roupão e com o rosto vermelho. — Eu preciso saber o que fazer para te ajudar a...

— Não é nada no meu coração, droga! — ela reage, e eu tomo um susto. — Não haja dessa forma comigo! Eu sou saudável, não preciso que você banque meus pais e... — Respira fundo. — Sai, por favor!

Eu assinto e viro as costas, mas as suas palavras me desarmam:

— Fisicamente ele está bem.

Saio da suíte um tanto desnorteado e bato de frente com o Luti no corredor.

— Acho que sei o que houve. — Ele me estende um celular. — Antes de ela me pedir para trazê-la, a vi conversando com a Janine.

Porra! Aquela jornalista de fofoca é um urubu atrás de mim. Sempre me seguiu ou mandou o capanga do seu fotógrafo ficar me vigiando, e sua especialidade passou a ser meus escândalos por causa da bebida.

Vejo uma reportagem com uma foto da Lara e, ao lado, uma minha com Angélica, ressaltando a aliança no dedo. Puta que pariu!

Nem perco tempo ao ler as mentiras que a jornalista contou na reportagem, devolvo o celular para o Luti e entro correndo, mais uma vez, na suíte. Lara está de pé na sala de estar, olhando a noite e o reflexo da lua nas lagoas do hotel.

— Eu juro que não aconteceu nada entre mim e ela. — Lara não me olha e nem tem qualquer reação. — Eu estou ajudando-a, Lara. Ofereci a ajuda antes mesmo de propor nosso acordo e tenho mantido contato com ela por isso.

— O beijo...

— Sim, ela me beijou. — Lara me encara. — *Eu* não a beijei. Disse a ela que não haveria nada entre nós, que seríamos apenas amigos, e ela aceitou. — Aproximo-me dela. — Eu quero você! Eu não saio com ninguém há meses e, confesso, desde que você era a babá da Amanda, eu já te queria.

— Eu não sei se...

— Eu quero tornar isso real. — Seguro seu rosto. — Quero que sejamos uma família de verdade, você, Amanda e eu. Eu me importo com você, desejo você e te admiro. Pode funcionar, Lara!

— Eu também quero que funcione, Cadu, só não sei se será o suficien...

Eu a beijo, interrompendo seus argumentos contrários. Toco-a devagar, com carinho e não apenas com o tesão que sinto por ela. Eu quero me desculpar por tê-la magoado, por a ter deixado sozinha a noite toda, por ser um fodido com o coração morto que não pode amá-la como ela merece.

Pego-a no colo e a levo para o quarto, depositando-a na cama. Lara é linda, e, só de pensar que ela está nua debaixo desse roupão, meu corpo inteiro pede para se perder no dela, mas preciso ter paciência, pois sei de sua inexperiência, e esse não é o momento ideal para tê-la pela primeira vez.

— Cadu, eu não...

Ponho um dedo sobre seus lábios.

— Quero apenas te fazer carinho esta noite. — Apago a luz do quarto e acendo apenas o abajur ao lado da cama. — Não vou fazer nada além disso, Lara, prometo.

Ela assente, e eu me sento na cama aos seus pés. Abaixo-me lentamente, até estar bem perto deles e os beijo devagar, adorando-a como eu sempre quis fazer. Lara fala meu nome baixinho, mas não paro de passar meus lábios pela sua pele clara, notando suas unhas pintadas com esmalte. Os pés dela são lindos, finos e macios.

Eu nunca fui um cara com fetiches, mas Lara desperta em mim essa vontade de me dedicar a qualquer parte dela por horas, por uma noite inteira e conhecer a fundo cada reentrância de seu corpo, cada textura e sabor.

— Você é linda, Lara — digo isso com as mãos subindo por suas pernas, mas passando longe do local onde eu sonho em tocar. Debruço-me em cima dela,

olhando-a em seus lindos olhos, e sorrio. — Você é linda!

Ela passa uma das suas mãos pelos meus cabelos, e o carinho inesperado me faz fechar os olhos.

— Deixe-me mostrar o prazer para você — meu pedido soa quase como uma súplica.

— Eu não sei como... — Ela morde os lábios e sorri sem jeito. — Eu nunca fiz isso com ninguém.

Porra! Saber que ela é inexperiente é uma coisa, agora ouvi-la dizer que nunca fez sexo é ainda mais excitante. Estranho minha reação, essa possessividade, esse sentimento tão primitivo de saber que ela será só minha.

Só minha! Respiro fundo e traço com os dedos um caminho de carícias desde seu rosto até o vale entre os seios. Sinto-a ficar tensa e penso ser por causa da primeira vez.

— Hoje eu quero apenas te dar prazer, Lara — acalmo-a. — Quero preparar você, te acostumar ao meu toque, aprender como você gosta de ser tocada e te ver gozando sob minhas carícias.

Lara fecha os olhos e respira fundo.

— Eu não vou machucar você — prometo. Ela me encara. — Não vou!

Deslizo uma das abas do roupão para além de seu ombro, revelando a curva dos seios macios e brancos. Não resisto mais e beijo a curva de seu pescoço, arrastando meus lábios e língua ao longo de toda sua pele exposta, apertando levemente um dos seus seios com a mão.

Ela geme baixinho e se contorce embaixo de mim enquanto eu paro de beijá-la. Novamente me levanto e faço o mesmo com a outra aba do roupão, expondo a parte de cima do colo, mas ainda sem revelar os mamilos.

Vejo a cicatriz, mostra de todas as cirurgias que ela teve que fazer ao longo da vida e sinto uma enorme emoção ao me aperceber da mulher valente e guerreira que está na cama comigo. Dessa vez não a beijo no pescoço, mas bem no meio dos seios, exatamente em cima da marca que conta a história da sua superação, da sua vida.

Lara agarra meus cabelos ao sentir o caminho molhado que eu deixo em sua pele. Seu perfume é suave e sensual, mas o sabor da sua pele é incomparável.

Eu quero muito foder essa mulher! Tanto que chega a doer em mim, mas hoje vou cumprir minha promessa e apenas degustá-la.

Abro o cinto do roupão a encarando. Lara parece assustada, sua respiração está forte, mas ela não protesta ou me impede, o que me faz prosseguir. Afasto todo o tecido felpudo para as laterais de seu corpo e, ainda sem olhar para ele, toco-a com ambas as mãos.

Primeiro contorno seus seios, sentindo a firmeza macia e a delicadeza de

sua pele. Lara fecha os olhos e se deixa sentir, entrega-se às minhas carícias, confiando em mim, o que aumenta ainda mais o meu tesão.

Sigo em direção à sua barriga, sentindo as costelas sob os seios, deslizando por seu abdômen plano e cintura minúscula. Demoro nessa área, massageando, sentindo, conhecendo apenas com o tato o corpo dessa mulher que me enlouquece.

Lara se contorce a ponto de elevar-se da cama, seus gemidos roucos me ferindo sem dor, fazendo-me sangrar de vontade, desesperado por ela, mas sigo apenas a sentindo.

— Isso, Lara, se mostra para mim — gemo, já não resistindo a olhá-la.

Puta que pariu! Ela é uma visão melhor do que eu poderia ter previsto! Seus seios pequenos, que cabem perfeitamente dentro das minhas mãos, possuem bicos escuros e pequenos, coroados com um mamilo perfeito e completamente duro de prazer. Sua barriga, sua cintura e a curva dos quadris são perfeitas, magras, mas, ainda assim, perfeitas!

Rio ao ver a borda da calcinha branca, pensando em minha ingenuidade ao pensar que ela estaria nua por baixo do roupão. Meus dedos se aventuram pelo elástico da peça, mas não a abaixo e nem ao menos me esgueiro dentro dela. Um gemido rouco escapa da minha garganta, e eu não me seguro mais. Tocá-la e vê-la não é mais suficiente, eu preciso prová-la inteira, eu preciso provar sua pele, provar seu suor e sua excitação. Eu só preciso...

Avanço para cima dela e a beijo em desespero. Minha boca se move sobre a sua sem nenhum pudor ou barreira, dura, inflexível, exigindo que ela me corresponda da mesma forma.

Eu prometi ser paciente e não a machucar e vou cumprir. Mesmo que eu me machuque, que sinta minhas bolas doerem até murcharem, esta noite é sobre o prazer dela, e eu quero que ele seja foda!

Sugo sua saliva e sua língua, gemendo, erguendo os braços dela acima da cabeça e segurando seus pulsos juntos com uma só mão. Eu quero acesso livre para me perder nela, demonstrar com a boca e com as mãos o quanto eu a quero e o quanto preciso sentir seu orgasmo esta noite.

Mordo seu lábio inferior e depois o chupo, voltando a beijá-la profundamente em seguida, enfiando minha língua em sua garganta, arrastando-a contra a dela freneticamente.

Desço pelo seu queixo, movendo meus lábios no mesmo ritmo que estava fazendo em sua boca, arranhando a pele sensível com minha barba por fazer, arrancando dela gemidos incontroláveis.

— Isso, Lara, deixa acontecer... — Seguro a pontinha de seu queixo entre meus dentes e sigo em direção à sua garganta. — Eu quero você ensopada

quando eu te chupar... Quero sentir o cheiro do seu tesão impregnando meus lábios, minha barba, misturando-se ao meu cheiro.

Ela nega com a cabeça e abre os olhos, um tanto assustada com o que eu disse.

— Sim, Lara. — Passo a língua, lambendo como um felino por cima dos ossos de seu tórax. E sorrio malicioso. — Você vai me implorar por isso. Ainda esta noite, você vai implorar...

Estico-me todo para alcançar seus seios e abocanho um deles sem nenhuma piedade, chupando-o inteiro e depois me afastando para brincar apenas com seu mamilo. Ela é ainda mais gostosa do que eu poderia supor, seu gosto, ainda melhor que nos meus sonhos mais doloridos.

Gemo, sentindo meu pau apertado contra a calça jeans resinada, minha cueca molhada e as bolas implorando por libertação. Contudo, esta noite é dela. Ignoro tudo isso e continuo explorando seu corpo com a boca, beijando seus seios, segurando um enquanto chupo o outro e trocando várias e várias vezes.

Lara não contém mais os gemidos. Não estão mais baixos e roucos, soam agora desesperados, famintos, como se ela não soubesse o que está sentindo, como se quisesse algo e não fizesse ideia do que é.

Isso alimenta minha paixão, minha convicção de que estar dentro dela, com ela, é certo. Essa atração já dura tempo demais sendo abafada, escondida, encolhida, e tudo o que queremos agora, ambos, é poder dar asas a esse sentimento e curtir cada momento.

Detenho-me no umbigo e enfio a ponta da minha língua nele, arrastando-a até o topo de sua calcinha. Repito o movimento várias vezes, brincando, explorando, gostando da reação dela. Levanto o elástico com os dentes e depois o solto, chicoteando-a com sua própria lingerie e vibro ao ver o sorriso divertido – e safado – com o qual ela responde à provocação. Sorriso safado e lindo!

É como um soco na boca do meu estômago vê-la se descobrindo comigo. A emoção está presente, de mãos dadas com todo o desejo sexual, impregnando o ambiente, abraçando-me como uma amante carinhosa. É intenso o que sinto, é algo que nunca experimentei antes e, com toda a minha experiência, eu me sinto sendo ensinado também.

Paro a brincadeira, enfiando meu nariz sobre a peça de renda branca e cheirando-a bem forte. O cheiro da boceta de Lara, o cheiro da excitação, do tesão, arrepia todo o meu corpo e enche minha boca de saliva.

— Lara... — Gemo só de pensar em descobrir seu sabor mais íntimo ao me deliciar com seu cheiro.

Sigo a exploração olfativa pelas coxas dela, logo incluindo a língua, traçando um caminho molhado e quente por sua pele macia, indo até seus

joelhos e voltando até a virilha.

— Cadu...

Eu rio, satisfeito com o pedido no gemido dela.

— O que você quer, Lara? — Ela geme em resposta, contorcendo-se. — Basta pedir...

Toco-a por cima da calcinha, e ela retém o fôlego antes de gemer novamente. O tecido já está molhado e encharca meus dedos, e eu aproveito para espalhar a umidade por todo o fundo da calcinha, acariciando-a com movimentos circulares. Lara, inebriada de prazer, abre as pernas e se oferece para mim.

Porra! Eu rosno de tesão, controlando minha própria vontade para não me afundar nela, para não aceitar o convite além do que foi ofertado e continuo a tocá-la, olhando fixamente para sua expressão de prazer e urgência.

Esgueiro meus dedos por dentro da calcinha, pelos lados, e a afasto da carne quente e úmida, segurando-a entre meus dentes, sugando o tecido, enlouquecendo com o sabor dela. Com a peça presa em minha boca, fecho os olhos, toco-a sem nenhuma barreira e gemo dolorosamente ao sentir sua boceta pela primeira vez com meus dedos.

— Cadu... por favor...

Ignoro seus gemidos, seu pedido, seu desespero e, reverentemente, toco seus lábios, afastando-os, sentindo cada camada perfeita se abrindo para mim, deslizando meus dedos no puro mel de prazer que inunda toda sua entrada. Uso seus próprios sucos para untar seus clitóris, exposto, duro, um feixe de puro prazer à espera de estímulo.

Cada mulher é diferente da outra, cada corpo, diverso em suas características e sentidos. Eu ainda não conheço o da Lara, ainda não sei como ela gosta de ser tocada, e, ao contrário do que a maioria dos homens pensa, não há uma receita a ser seguida. É um processo totalmente empírico, de experimentação, de acertos e erros, até ficar perfeito.

Começo, então, a massagear o pequeno ponto devagar, com dois dedos, circulando-o, mexendo com ele, provocando-o. Os gemidos aumentam, assim como a lubrificação no entorno, a qual eu utilizo para deixar mais gostoso e deslizante o contanto.

Insiro os dedos entre suas dobras e vou ao encontro do clitóris por dentro, abrindo-a lentamente, até chegar novamente ao cume do prazer dela. Dessa vez esfrego mais rápido e com mais força e sorrio ante o desespero dos quadris dela, mexendo-se, rebolando em minha mão loucamente. *Porra, Lara!*

Com um solavanco só, puxo a calcinha com os dentes, e, como ela está deitada, a peça se agarra em seus quadris, o que me faz perder a paciência e, sem nenhum pudor, rasgo-a ao meio.

Lara arregala os olhos, e eu percebo como os sons animalescos que ouço estão saindo da minha garganta. Não penso em mais nada a não ser tê-la rebolando na minha cara, molhando-me todo com seu gozo, deslizando sua boceta pela minha boca, nariz e barba.

É foda o quanto eu quero essa mulher!

Minha mulher!

Abro a boca o máximo que posso antes de tomá-la de assalto. Meus lábios vão se fechando devagarzinho sobre sua carne quente, e eu vou sugando seus lábios, bebendo sua excitação como um sedento. Minha língua não se contém apenas com o que já escorreu de dentro dela, a abusada vai buscar dentro, invadindo um espaço nunca visitado, desbravando, explorando, conhecendo e adorando todas as sensações, texturas e sabores que encontra no percurso.

Lara é uma refeição completa, mas ter minha boca em sua boceta, ao invés de me saciar, apenas aumenta minha fome. Meus dedos voltam para ela, e minha boca vai à procura do clitóris. Meus cabelos são agarrados no momento em que a chupo com força bem em cima dele, e ela grita. Lara grita meu nome!

Meus dedos, não contentes com a simples exploração, deslizam para dentro dela, para o mesmo local onde minha língua esteve explorando há pouco, encontrando carne tenra, apertada e macia.

Controlo minha ansiedade, minha vontade de fodê-la mesmo com os dedos e apenas brinco em sua entrada. Prometi a ela que não a machucaria e não quero correr nenhum risco de quebrar minha palavra.

Paro de sugar e lambo-a como um felino, a língua toda para fora e deslizando sobre o clitóris até sua pélvis, olhando para ela sem parar.

— Por favor... — Seus olhos estão pesados, sua face, avermelhada, e ela, para meu deleite, segura seus seios, acariciando-se junto comigo. — Cadu...

— Me peça, Lara...

Ela se remexe, e vejo sua mão vindo na minha direção com o firme propósito de se aliviar. Rio e a afasto, sentindo-me o posseiro dessas terras, o dono.

— É só pedir. — Lambo os dois lados de sua virilha, um de cada vez, mas me mantenho distante do clitóris. — Eu estou à sua disposição para...

— Me chupa, Cadu! — ela quase grita, e eu sorrio satisfeito.

Claro que, mais do que depressa, eu a obedeço, colando meus lábios sobre seu ponto mais sensível e sugando sem parar, mastigando-o e voltando a sugar. Os gemidos da Lara ecoam pelo quarto e reverberam na sala vazia. Abro ainda mais suas pernas e ergo levemente seus quadris em minha direção sem tirar minha boca de sua boceta em nenhum momento.

— Ah, meu... — Sinto-a ficar trêmula. Sua respiração está ofegante, e seus

músculos, retesados.

Lara se agarra à colcha da cama e goza deliciosamente em minha boca, gritando, contorcendo-se, molhando meus dedos e me deixando completamente bêbado com seu prazer.

Assim que o orgasmo acaba, volto a lambê-la, resgatando cada gota do seu gozo, dando um tempo para ela até voltar a atacar seu clitóris, dessa vez com os dedos, e senti-la novamente desesperada pelo prazer.

Sorrio ante a cena, seus olhos arregalados nos meus, seu peito inchando de antecipação e o abdômen se contraindo até que tudo explode dentro dela, e tudo o que consegue fazer é fechar os olhos e se entregar a mim.

Ah, Lara... eu posso fazer isso a noite toda!

Acordo sonolenta, sentindo-me relaxada e completamente descansada, como nunca me senti antes. Um enorme sorriso enche meu rosto, anunciando uma manhã bem-humorada e um dia feliz.

Olho para o lado, para o homem dormindo pesado e ressonando. Cadu está usando sua calça de pijama favorita – pelo menos eu penso que é, uma vez que é a que ele mais usa – e sem camisa. Ele dorme de bruços, cabeça virada para o lado no travesseiro e os membros espalhados pela cama – que, graças à providência, é tamanho king.

Eu, como sempre, estou de lado, com as pernas dobradas e as mãos juntas embaixo do travesseiro. Sempre dormi assim e, mesmo agora, dividindo a cama

pela primeira vez, não perco a mania de toda uma vida. A posição, confesso, é boa, pois me permite olhá-lo mesmo sem me mexer na cama.

Ontem foi a noite mais incrível de toda a minha vida!

Não, eu ainda não perdi minha virgindade, mas Cadu me fez ir até o céu e voltar de tanto prazer, de tal forma que implorei para parar no fim das contas. Ele me destruiu, me exauriu, extraindo de mim todos os orgasmos que não tive ao longo da minha vida adulta, fazendo-me ter noção do que é e do porquê o sexo é tão importante na vida dos outros.

É delicioso!

Eu fiz sexo oral – na verdade, não fiz, recebi – pela primeira vez, e a experiência me mostrou o poder que tem a intimidade entre um casal. Confiar meu corpo ao Cadu era expor meus medos, minhas "nóias" de mulher acerca da minha aparência, dos meus defeitos, mas nada disso foi sequer pensado quando ele começou com suas carícias.

Eu só pude sentir.

Vejo-o abrir os olhos lentamente, um pouco incomodado com a claridade do quarto, pois nós não fechamos as cortinas. De repente, vendo-me aqui, ele abre um sorriso.

— Não foi um sonho, então — diz, sonolento, e estica um braço em minha direção, jogando-o sobre minha cintura. — O gosto em minha boca é realmente o seu!

Fecho os olhos, constrangida, e sinto meu rosto arder, embora esteja sorrindo.

Ele se vira, ficando de lado, movimentando o colchão, e sinto seus dedos passando por minha bochecha.

— Bom dia, Lara!

Encaro-o.

— Bom dia!

Ele fica sério por um momento e, em silêncio, olhamos um para o outro até que me sinto sendo puxada contra ele para receber um beijo gostoso.

— Agora, sim, é bom dia! — Ele esfrega seu nariz no meu. — Palavras às vezes são desnecessárias.

Concordo com ele. Seu beijo é o melhor cumprimento que eu poderia sonhar em ter.

— Dormimos demais? — Ele olha pela janela.

— Não sei. — Dou de ombros. — Acabei de acordar também. — Cadu se senta na cama e pega o celular na mezinha, conferindo as horas. — Temos que ir embora agora?

Ele nega e volta a se deitar.

— Eu havia pensando em passear contigo pela cidade. — Sorrio animada. — Você não conhece o Rio, conhece?

— Não. — Fico séria. — Na verdade, só conheço algumas cidades vizinhas à minha e a São Paulo.

Ele sorri e, mais uma vez, beija-me.

— Eu vou ficar feliz em te levar para conhecer o mundo, Lara.

Meu coração dispara com suas palavras carinhosas e o significado delas. Parece um sonho estar assim com ele, sentir esse clima maravilhoso entre nós e ver em seus olhos o quanto ele me quer.

Sim, eu vejo! Isso me faz sentir tão poderosa, tão feminina! Eu não tenho experiência alguma, o que conheço sobre o prazer, descobri sozinha, tocando meu corpo, por instinto. O que ele fez ontem abriu um enorme horizonte de possibilidades para mim. Eu estou louca para aprender, para fazer e usufruir de cada descoberta.

— Eu quero aprender, Cadu — solto as palavras antes mesmo de me dar conta de as estar pronunciando. Ele, claro, olha-me assustado, sem entender por um momento, mas depois sorri e assente. Tomo coragem de expor tudo, de *me* expor. — Eu não faço ideia de como te dar prazer, você vai ter que me...

Ele gargalha, pega minha mão por baixo do lençol e a leva até seu corpo. Quando toco seu pênis duro e quente, ainda contido pela fina calça de algodão, arregalo os olhos, arrancando mais risadas dele.

— Você não precisa saber fazer nada para me dar prazer, Lara. — Aproxima-se ainda mais de mim, apertando minha mão contra sua ereção. — Só precisa ser você, só precisa existir, que eu fico assim.

A felicidade de saber disso me contagia e traz não somente um sorriso para meu rosto, mas também a sensação de poder, de segurança, e isso me impele a tocá-lo de verdade, segurando seu pau envolvido pelo pijama.

Cadu geme e fecha os olhos. Abaixa a calça, fazendo-me soltá-lo por alguns minutos, mas logo reassumo o controle, sentindo a rigidez sedosa do seu membro duro e quente. Eu já vi pornografia, não sou santinha do pau oco, e começo a fazer os mesmos movimentos que vi as atrizes executando em seus parceiros de cena.

Ele geme, e sorrio, animada a prosseguir com o toque e os movimentos para cima e para baixo.

— Devagar... — ele me pede. — Eu ainda estou um pouco seco.

Passo o dedo indicador por sua cabeça, capturando uma gotinha de lubrificação e a usando para dar maior conforto a ele, mas ainda assim sei que é pouco.

A ideia passa por minha mente feito um relâmpago e, da mesma forma que

o fenômeno natural, dispara em mim correntes elétricas de excitação. Não sei se tenho coragem para fazer o que pensei, mas o pensamento me excita instantaneamente, e eu aperto minhas coxas, sentindo meu sexo molhado.

Ah... estar nua debaixo dos lençóis é uma delícia, ainda mais com a mão dele massageando minhas costas e descendo pelo meu bumbum. Fecho os olhos, deixando-me apenas com as sensações novas e incríveis. As mãos dele em mim, a minha segurando seu pênis e... sua boca na minha, como agora.

O beijo excitado de agora é diferente do de ontem, talvez por ele estar sendo tocado também, mas Cadu apenas apoia os lábios nos meus e agita a língua contra a minha, nossas bocas paradas e nossas línguas dançando enquanto nos tocamos.

O lençol é afastado do meu corpo, e sinto o frio do ar-condicionado. Minha pele inteira se arrepia, e tudo o que eu quero é olhar para ele, vê-lo nu, como ele me viu ontem, como também poderá me ver agora, à luz do dia. Isso não me incomoda mais, não depois que ele beijou e lambeu minha cicatriz no peito. Não depois da forma como ele me amou ontem à noite.

Ele se afasta, e eu abro os olhos.

Meu Pai! Cadu é lindo de verdade. *Todo lindo!* Seu corpo não é musculoso, ele é magro e muito definido, do tipo *sarado.* Não há pelos em seu tórax e nem em sua barriga, e... Seguro a respiração por um momento, vendo seu pênis em minha mão. A curiosidade é maior do que a vergonha, e eu me aproximo para ver melhor. Ele, safado, gargalha.

A cabeça é mais rosada que o resto, e seu membro se encurva levemente para cima. Cadu não tem aquela pele, eu vejo a cicatriz de uma cirurgia, e isso o deixa ainda mais perfeito esteticamente. Seu pau não é exageradamente grande e nem grosso, tem o tamanho perfeito, sobrando além da minha mão e a enchendo.

Nossos olhares se cruzam, e ele exibe um sorriso bem diferente, malicioso, selvagem.

— Gostou do que viu?

Fico sem jeito, rio e assinto.

— Porra, Lara, como não vou te foder agora?

E rola para cima de mim de repente, seu corpo esmagando o meu contra o colchão, sua boca exigindo a minha e suas mãos enfiadas em meus cabelos, segurando minha cabeça enquanto ele rebola esfregando seu pau em mim.

— Como vou conseguir esperar e te dar a primeira vez que você merece em vez de te comer como um bicho no cio como estou tentado a fazer agora? — Cadu segura seu pênis e o esfrega sem nenhum pudor na minha entrada. — Como não te tomar de assalto, hasteando minha bandeira de propriedade, tomando posse do que é meu?

— Não precisa esperar — respondo, e ele geme. — Eu quero agora.

Seu pau, já molhado de mim mesma – ou da nossa mistura –, esfrega-se sobre meu clitóris, e eu gemo, fechando os olhos.

— Não, Lara... — Chupa meus seios, um de cada vez. — Eu preciso esperar. Você merece mais do que uma foda matinal rápida. Muito mais.

Eu me contorço de prazer debaixo dele, pois ele não para de me masturbar com seu pau, e isso é torturante! Tenho vontade de pegá-lo e enfiá-lo de uma vez só dentro de mim, mas me contenho, apenas desfrutando das sensações, das mordidas dele em meu ombro, dos gemidos em minha orelha e das brincadeiras na minha entrada.

— Eu quero te ver gozar à luz da manhã. — Abro os olhos. — Quero saber como você é nua, gloriosa, minha.

Seus dedos assumem a massagem íntima, e meu corpo inteiro responde a isso. Penso nele, com seu próprio prazer sendo denegado novamente. Eu também quero senti-lo meu, ver seu prazer, sentir o gozo contra minha pele.

Meus pensamentos se confundem quando o orgasmo toma posse do meu corpo e faz vibrar da cabeça aos pés através de espasmos e arrepios.

Cadu ri, a boca colada na minha, os olhos abertos nos meus, sem perder nenhuma das minhas expressões de prazer e satisfação. Fico sem ar por um instante, ainda sentindo a energia do orgasmo transpassando cada terminação nervosa do meu corpo, quando ele rola para o lado.

Não paro muito tempo para raciocinar, impelida pela vontade de tê-lo sentindo o mesmo que eu. Sento-me na cama, logo me deitando de bruços e segurando seu pau. Cadu dá um gemido delicioso, quase um rugido, e eu aproveito para aprender um pouco mais sobre dar e receber prazer. Toco a cabeça sensível com a língua, e ele arregala os olhos.

— Me diz como você gosta. — Lambo-o de novo. — Me ensina a te dar prazer como você fez comigo.

— Porra, Lara... — Ele segura meus cabelos e me empurra contra si, e eu apenas abro a boca a tempo, recebendo-o por inteiro.

Sigo os movimentos de sua mão, chupando como louca, enquanto ele me faz subir e descer no seu pau. É uma sensação gostosa e me excita saber que ele está dentro de mim de alguma forma. Quando ele cessa o movimento, eu o seguro e continuo com a mão.

— Quero que você lamba tudo, Lara. — Ele toca sua virilha, suas bolas e depois retorna para seu pau em minha mão. — Quero sentir sua boca em todo o meu corpo. — Encara-me. — Eu sou seu, pode me explorar.

Sorrio e faço o que ele pede, começando pela parte sensível que abriga duas esferas idênticas, enquanto continuo a masturbação. Eu o escuto delirando,

falando meu nome, xingando, e tudo isso constrói o clima excitante entre nós.

Mal consigo voltar a chupá-lo, quando ele anuncia que irá gozar. Eu paro, apenas observando e ouvindo. Seus gemidos são mais fortes, o corpo está todo tenso e seu pau pulsando, expulsando o líquido esbranquiçado e viscoso.

Sexo pode ser viciante? Ah, meu Deus, quero isso o dia todo!

— Quer mais alguma coisa? — Cadu me pergunta à mesa do café da manhã.

— Não. — Limpo a boca. — Comi por um exército!

Ele gargalha, chamando-me de exagerada, levanta-se e me beija.

— Não quer mesmo dar uma caminhada no calçadão antes de irmos?

— Não. Vamos deixar para outro dia! — respondo. Ele concorda. — Estamos tomando o desjejum no horário do lanche da tarde. — Ele ri, malicioso. — Além disso, estou cansada.

O sorriso arrogante está estampado no seu rosto, e isso me diverte. Depois da brincadeira sexual matinal, nós dois tomamos banho juntos – o primeiro – e depois ficamos na cama entre cochilos e carícias. Uma manhã – e parte da tarde – preguiçosa, romântica e cheia de prazer.

Preciso ressaltar a força de vontade dele, pois cumpriu com sua palavra, e eu ainda continuo virgem – não é algo que eu tenha a comemorar –, embora tenha entendido e ficado comovida com a sua decisão de ser algo especial.

Descobrir o prazer nos braços dele tem sido um sonho, independentemente de como estamos chegando lá. Estou me descobrindo mulher, conhecendo meus pontos sensíveis, o que eu gosto e o que não gosto de que ele faça. Cadu me vê de um jeito tão inédito, sensual, feminina, gostosa, e isso me deixa ainda mais excitada.

Eu sei que, quando chegar o momento de consumarmos o ato, eu já estarei sensível ao seu toque, reconhecendo seu corpo e, mesmo que doa – afinal, há ainda uma barreira lá –, sei que vou sentir prazer.

Foi isso o que Cadu me disse enquanto estávamos deitados, eu com minha cabeça sobre o peito dele, nua, e ele com as nossas mãos entrelaçadas sobre sua barriga. Estamos construindo confiança e identificação um com o outro. O tesão, a atração já temos, e essas outras coisas são importantes para quebrar a tensão da primeira vez e torná-la mais agradável.

Eu nunca poderia imaginá-lo tão sensível assim, mas deveria, pois as letras de suas músicas sempre mostraram esse seu lado. Cadu pode até achar que

perdeu a capacidade de amar depois que Mônica faleceu, mas eu acho que ele está enganado. Não quero me iludir e nem criar falsas expectativas, afinal, ele deixou bem claro o que eu não posso esperar desse novo acordo. No entanto, sinto que ele ainda pode amar, acho que ele apenas não acredita nisso.

Há muitos anos eu não faço uma oração fervorosa, como fazia quando estava doente. Lembro-me que, no hospital, sem nenhuma perspectiva de melhora, cada vez mais fraca e sem forças, eu pedia a Deus para que me desse esperança, para que não a deixasse fenecer como acontecia comigo mesma.

Neste momento me sinto assim, não morrendo, mas pedindo a Deus uma esperança, querendo ser amada, correspondida e crendo que possa conseguir isso, mesmo sem perspectiva, mesmo já tendo uma negativa. Quem sabe o milagre que salvou minha vida daquela vez aconteça novamente?

Quem sabe?!

Voltamos para São Paulo junto com o resto da banda. Todos estavam falantes, risonhos, comentando sobre o dia de descanso no Rio com a família. No jatinho, os dois casais, Luti, Cris, Cadu e eu conversávamos sobre o evento e, principalmente, sobre os passeios no domingo de sol.

A cada hora em que alguém perguntava sobre quais lugares nós visitáramos, Cadu me olhava com um sorrisinho malicioso. Eu sentia meu rosto arder de constrangimento, pois tínhamos ficado entocados dentro do quarto o dia todo e eu não vira nada do Rio de Janeiro!

— Ah, eu adorei ter conseguido ir ao Cristo dessa vez! — Catarina comentou. — Sempre que viemos aqui, Deco e eu nunca conseguimos ir até lá!

— Ela me olha. — Você já foi até o Cristo, Lara?

Neguei.

— Mas já foi até o céu... — Cadu sussurrou no meu ouvido, e eu engasguei com a blasfêmia.

Ele riu e, em seguida, engatou numa conversa com o Cris. Meus olhos passaram sobre todos ali, reunidos como família, comemorando mais um prêmio e a ótima repercussão da noite. Sorri para o Luti, que mexia em seu celular, e ele me perguntou apenas mexendo os lábios como eu me sentia.

Sorri novamente e sussurrei um agradecimento. Ele se tornou um grande amigo para mim, quase um irmão. Apoiara-me muito na noite anterior, sem perguntas, apenas percebera que eu precisava sair daquela festa e me tirara de lá.

Cadu entrelaçou sua mão na minha, carinhoso, mostrando estar ao meu lado mesmo atento à conversa com o Cris. Eu suspirei e fechei os olhos, relaxando, sonolenta depois de uma noite e quase um dia inteiro de prazer nas mãos e na boca daquele homem incrível e sensual.

Um sorriso brincou em meus lábios, e eu cochilei, só despertando já para aterrissar no aeroporto em São Paulo.

Seguimos direto para casa. Cadu encomendou comida chinesa para o jantar e, mal entramos no apartamento, colou-me contra a porta e me beijou. Eu ri pelo beijo desesperado, sentindo já sua excitação contra meu corpo, adorando tê-lo daquele jeito.

Cadu segurou na minha cintura e me levantou, e eu abracei seus quadris com as pernas enquanto ele caminhava para o centro da sala. Foi uma delícia! Um amasso bem gostoso no sofá da sala, as mãos dele enlouquecendo meu corpo, os lábios e a língua explorando, penetrando, arrancando-me gemidos e gritos de êxtase.

Fomos interrompidos pelo interfone, e eu aproveitei a deixa e fui tomar meu banho. Entrei no meu quarto sentindo ser tão sem sentido estar separada de Cadu agora, mas sem mover nenhuma roupa sequer para a suíte dele, afinal, nós não havíamos falado como nosso relacionamento ia funcionar depois que voltássemos para casa.

Minha dúvida demorou apenas um instante, pois fui surpreendida com sua invasão no meu banheiro, mais especificamente no boxe, debaixo d’água comigo.

Ele me deu banho, e foi incrivelmente excitante.

No hotel no Rio, nós dois tomamos banho juntos, mas ficamos entre safadezas, risos e beijos. Naquele momento, não. Cadu apenas me ensaboou, fazendo massagem nos meus ombros, aproveitando a espuma criada pelo sabonete. Massageou também meus seios, minha cintura, meus quadris e,

quando avançou sobre o meio das minhas coxas, eu durei pouco, gemendo seu nome enquanto tremia.

Confesso que estava louca para que ele me levasse para a cama e me tomasse sua por inteiro, mas ele me secou, apenas, e disse que a comida ia esfriar, que precisávamos descer.

— Depois eu venho te ajudar a transferir umas coisas para a minha suíte. — Eu sorri com isso. — A não ser que você queira deixar tudo aqui...

— Algumas coisas, apenas — disse, beijando-o. — As que menos uso podem ficar no armário daqui. Você tem espaço para as minhas coisas lá?

Ele gargalhou e beijou a ponta do meu nariz.

— Se não tivesse, arranjaria. Seu lugar é comigo, Lara. No meu quarto, na minha cama...

Na sua vida!, eu complementei, mesmo que ele não tivesse dito nada. Eu sabia que ele sentia isso, embora não admitisse, embora acreditasse, por amar a falecida, que era impossível. Descemos e dividimos as caixas de frango agridoce e xadrez que ele pediu, tomamos refrigerante e assistimos ao noticiário abraçados no sofá.

Não sei como foi que dormi, apenas que amanheci na enorme cama da suíte de Cadu, sozinha, mas com um bilhete no travesseiro ao lado informando que ele havia ido para a corrida e que não queria me acordar. Arregalei os olhos, conferi que estava atrasada para a aula e disparei a me arrumar.

Desperto dos meus pensamentos percebendo que mal comi meu lanche.

— Me conta como está sendo a vida de casada? — Tiana me pergunta enquanto come seu sanduíche no intervalo entre uma aula e outra. — Ele tem sido gentil com você?

Rio sem jeito.

— Ah, Ti, ele é um sonho! — Ela balança a cabeça como se concordasse. — O que tenho vivido com ele... Eu nunca poderia nem sonhar.

— Isso é bom, Larinha! Eu vejo seus olhinhos brilhantes e um enorme néon na sua testa cintilando com a palavra “apaixonada”! — Gargalho. — Se eu conheço alguém que merece ser feliz, esse alguém é você, minha amiga!

Não resisto, levanto-me da mesa e a abraço apertado, rindo e me sentindo realmente uma mulher feliz. No entanto, assim que aprumo meu corpo, o sorriso morre ao dar de cara com a mulher que estava nas fotos com Cadu.

— Você é a Lara, não é?

Fico muda por um tempo, apenas olhando a beleza clássica e perfeita da mulher à minha frente. Ela é alta e esguia, tem cabelos lisos e castanho-claros, além de enormes olhos azuis enfeitarem um rosto digno de uma pintura. Deus do Céu, como ele conseguiu dizer não a ela?

— Sou — respondo. — Posso ajudá-la em algo?

— Sou Angélica Lanzzini — apresenta-se. — Será que poderíamos trocar algumas palavrinhas?

Tiana a olha com cara de poucos amigos e, com aquela sua sobrancelha erguida de quem não gostou de alguma coisa, encara-me. Eu sorrio para ela, como se a mulher que apareceu fosse alguém sem importância e me despeço.

— Ti, depois a gente se fala! — Beijo-a. Volto-me para a mulher. — Podemos conversar no gramado em frente ao prédio? — Angélica assente. — Ótimo, eu não posso demorar, tenho aula daqui a pouco.

Caminhamos por um tempo sem falar nada, saindo da cantina e indo em direção ao prédio onde terei aula. Angélica é bem mais alta que eu e deve ser da idade do Cadu, no máximo. Noto que ela chama a atenção – de homens e mulheres – enquanto caminha com seu casaco de couro branco e sua calça jeans *flaire*.

— Eu sinto muito sobre a matéria naquela revista de fofoca — ela dispara. — Eu vim para te dizer que não há mais nada entre mim e o Cadu.

— Há a foto de um beijo... — Encaro-a assim que chegamos ao lado de fora.

— Sim, eu sei. — Ela respira fundo. — Cadu e eu tivemos um relacionamento durante anos, Lara, e a imprensa sempre soube. Ele fodia uma e outra por aí, mas, quando eu estava no Brasil, só ficava comigo.

Tento parecer impassível diante da informação. Claro que eu nunca achei que ele tinha levado uma vida casta nesses anos todos sem a Mônica, mas eu nunca poderia ter imaginado que ele manteve uma constância com alguma mulher.

— Foi uma surpresa quando vocês se casaram. — Dá de ombros. — Mas eu entendi que, naquele momento, eu não era opção para um relacionamento mais sério, ainda mais para ajudá-lo com a guarda da Amanda.

Fico branca ao ouvi-la falar sobre isso.

— Cadu disse a você sobre...

— Ah, não! — Ri. — Ele é muito cavalheiro para comentar isso, não se preocupe. Eu só deduzi que esse foi o motivo, afinal, ele nunca me falou sobre você e, bem... nós estivemos “juntos” até bem pouco tempo.

Aperto a mão para não demonstrar o quanto isso me magoa.

— Eu vim aqui para me desculpar. Não vai acontecer de novo, prometo. — Ela fica séria. — Cadu me disse que não podemos ter nenhum envolvimento, e eu não quero prejudicá-lo na luta para ficar com a filha. Ele é um ótimo amigo, sabe? Tem me apoiado muito em um momento difícil, e eu não gostaria que o que aconteceu o afastasse. — Ela toca meu ombro. — Eu prometo que, enquanto

o acordo de vocês durar, o tratarei apenas como amigo.

— Certo. — Afasto-me do contato dela. — Cumpra sua promessa, então. — Aponto para o prédio. — Tenho compromisso agora.

— Sim, obrigada por me ouvir.

Despeço-me andando rapidamente, sentindo meu sangue ferver com a audácia dela de vir até aqui, como uma cobra, apenas para destilar suas más intenções. Angélica deve achar que eu sou idiota, que me compadeceria dela com essa história de "momento difícil".

Rio de nervosismo. A mulher falou manso, tentando parecer uma pessoa gentil e preocupada, apenas para me informar que ele me escolheu apenas porque ela não estava disponível e que, assim que ele conseguir a filha, vai voltar para ela.

Ai, que vontade de dar uns tapas no Cadu por ser amigo de alguém tão desprezível, mas não farei nada disso. Óbvio que não! Já li muito romance na minha vida para reconhecer a estratégia de uma vaca! Tudo o que ela quis com a visita de hoje foi que eu chegasse a minha casa pirando com o Cadu, falando mal dela, para depois ela contar sua própria versão de boa samaritana e ressaltar o quanto sou ciumenta e descontrolada.

Não comigo! Vou comentar com ele sobre a visita, sim, apenas comentar.

Enquanto o acordo durar o tratarei como amigo!

— Sei, Angélica, sei que vai — falo comigo mesma antes de entrar na sala de aula. — E eu nasci ontem!

Chego à rua de casa no cair da noite, respondendo às mensagens que o Cadu me mandou ao longo do dia enquanto eu estava com o celular desligado por causa das aulas. Rio com algumas desesperadas, dizendo que já sente falta do meu corpo, dos meus beijos, e suspiro ao ler a última, na qual ele diz apenas que está morrendo de saudade.

Ele insistiu que eu tivesse um motorista à minha disposição, mas eu neguei, bati o pé, dizendo que não queria, e agora, confesso, arrependo-me disso. Fiz a baldeação de sempre, amaldiçoando por não ter uma malha decente de metrô numa cidade do tamanho de São Paulo. Estou suada, cansada, louca por um banho e ainda puta com a visita de Angélica.

Cumprimento o porteiro e um dos faxineiros do prédio e sigo direto para a cobertura. Mal abro a porta, e Cadu se levanta rápido do sofá, vestido como se fosse sair, com casaco e tudo.

— Chegou! — Ele me abraça. — Muito cansada?

Eu rio.

— Um pouco. — Olho-o desconfiada, achando-o um tanto ansioso. — O que houve?

— Nada! Programei um jantar para nós, mas, se você estiver muito cansada, podemos cance...

Sorrio e nego.

— Só preciso de um banho. — Ele assente. — Local descontraído?

Ele diz que sim, para eu não me importar muito com a roupa, e eu subo as escadas correndo. Penso se devo tocar no assunto da visita da Angélica durante o jantar ou se isso irá quebrar nosso clima. Rio de mim mesma, sabendo que sim, irei falar! Eu me conheço, isso está engasgado. Mesmo só comentando por alto, preciso que ele saiba que sua ex andou me rondando.

Demoro pouco debaixo do chuveiro, coloco calça jeans, uma blusa de tricô e pego um casaco. Fico indecisa entre tênis e botas, mas escolho as últimas para ficar mais elegante, mesmo informal.

Ainda está bem frio, e eu não vejo a hora de a estação mudar, porque estudar de manhã e aguentar o vento gelado no rosto está sendo bem difícil.

— Estou pronta!

Ele, novamente, pula do sofá.

— Linda! — Beija-me com carinho. — Vamos?

Saímos de mãos dadas, entrando no elevador em seguida. Surpreendo-me quando ele aperta o botão do telhado, ao invés do térreo.

— Estamos indo para onde?

Ele sorri, malicioso, cheio de mistério e pisca.

— Surpresa!

Congelo ao ver um helicóptero pousado no telhado e noto que, no prédio, há um heliponto. Eu sabia que o Castellani era um dos prédios mais completos e caros daqui da cidade, mas ter um heliponto particular? Muito chique!

— Quando comprei a cobertura, além da vista linda, eu fiquei louco com a possibilidade de poder voar diretamente daqui. O apartamento era do irmão de um amigo meu e, assim que foi posta à venda, porque o homem ia casar, eu fechei o negócio. Fiz umas pequenas reformas, e ele ficou exatamente como eu sempre sonhei.

— Cadu... — chamo-o, e ele para de caminhar na direção do aparelho. — Eu também nunca voei numa coisa dessas!

Ele ri.

— Vai ser gostoso!

— Para onde nós vamos?! — Rio nervosa, sendo puxada a fim de continuar

andando.

Entramos juntos no aparelho, cumprimentamos o piloto e Cadu me auxilia com o cinto de segurança e os fones. Quando as hélices começam a girar, fico deslumbrada. Do alto, vejo as luzes da maior cidade do país. Os faróis e lanternas dos carros, parados no trânsito infernal, parecem luzinhas de Natal daqui de cima.

— É lindo! — grito na direção dele, e Cadu aponta para a haste do microfone. Eu rolo os olhos ante minha inexperiência com veículos barulhentos e repito o que disse.

— Você ainda não viu nada!

O percurso demora, e a cidade, aos poucos, vai dando lugar às arvores e montanhas. Fico cada vez mais curiosa sobre o restaurante a que ele está me levando, mas não pergunto mais sobre ele, pois, todas as vezes em que o fiz, ele vinha com aquele sorriso de gato que comeu o rato e dizia que era surpresa.

Não posso negar que estou me divertindo, mesmo estando um pouco cansada do dia intenso de aulas. Viver com o Cadu tem sido uma aventura! Quem poderia imaginar que a menina cujos pais não permitiam nem ir à escola direito estaria voando de helicóptero e sem destino certo!?

Novamente vejo as luzes de uma cidade, que não parece ser muito grande. Não faço ideia de onde estamos, mas não tiro os olhos de todos os detalhes. Surpreendo-me ao ver construções parecidas com castelos e franzo o cenho, cada vez mais curiosa. Afastamo-nos da cidade de novo e parece que nosso destino é algo como uma fazenda, com construções e árvores iluminadas, num espaço grande.

O aparelho começa a baixar, e, quando para de vez, vejo dois homens uniformizados à nossa espera.

— Bem-vinda! — Cadu diz, tirando os fones da minha cabeça.

— Onde estamos?

— Campos do Jordão. — Pisca. — Estava com vontade de comer uma fondue!

Gargalho com sua cara de pau e saio do helicóptero auxiliada por um dos homens vestindo uniformes de hotel. Vejo duas malas sendo colocadas no carrinho de bagagens e o encaro.

— Vamos dormir aqui?

— Amanhã você não tem aula! — Ele me abraça. — Vamos curtir o friozinho da montanha juntos!

Ai, meu Deus! Como não me apaixonar ainda mais por esse homem?

Eu esperava ser encaminhada a algum tipo de recepção, mas não, seguimos em direção a várias construções de madeira e pedra, com altas chaminés. Sorrio encantada para cada uma delas, distantes umas das outras, e entro em uma área cercada, para dar de frente para um enorme chalé solitário e totalmente privativo.

O homem que não carregou o carrinho – deve ser o gerente ou algo do tipo – abre a porta principal e chega para o lado, liberando nossa passagem.

— Você poderia deixar nossas malas lá primeiro? — Cadu pede, e o homem sorri, assentindo, e manda o carregador entrar.

Estremeço de frio, estranhando o motivo pelo qual não podemos entrar já, afinal, lá dentro parece estar quente, e eu estou quase congelando. Quando o carregador sai, Cadu me surpreende ao me pegar no colo.

— Ainda não é a lua de mel que você merece, mas espero que sirva.

Entramos, e, quando vejo tudo o que ele planejou, quase choro de emoção.

A sala enorme está apenas com a iluminação da lareira e dezenas de velas de vários tamanhos e cores. Na mesa, lindamente arrumada, estão os réchauds de fondue e seus acompanhamentos. No lugar do vinho, vejo uma bela garrafa de suco de uva integral.

— Cadu, está tudo lindo! — Sinto-me realmente deslumbrada.

Ele me beija, ainda me retendo em seus braços e me põe no chão devagar. Ficamos assim, parados, rostos colados, corações disparados, sentindo este momento tão único.

Não é possível que ele não sinta isso!

Seguimos para a mesa, o cheiro maravilhoso de queijo fazendo meu estômago roncar. Ele puxa a cadeira para que eu me sente e em seguida toma o lugar à minha frente. A fondue, claro, está maravilhosa e, enquanto comemos, conversamos sobre como foi o dia de cada um, ele me falando sobre a reunião que teve na gravadora, sobre a audiência de Amanda, que será na próxima semana, e sua consulta com o psiquiatra.

Eu falo das aulas e omito, de propósito, a visita da Angélica. Postergo o assunto chato para depois, pois não quero a mulher entre nós neste momento.

Depois de comermos a sobremesa, uma variedade enorme de frutas e doces – marshmallows, goiabada e beijinho – com o chocolate derretido, quente, no réchaud, Cadu me puxa para uma dança. A música suave, instrumental, deixa-me mais relaxada, e eu me deixo ser conduzida por ele.

— Eu quero que você seja minha esta noite, Lara — Cadu revela depois de

alguns minutos de dança. — Quero que essa seja a primeira de muitas noites em que teremos um ao outro.

Sorrio, nervosa, mas completamente inebriada com a perspectiva de ser dele para sempre.

Cadu me beija suavemente, saboreando a minha boca, enquanto suas mãos me tocam sobre a roupa. Ele desabotoa meu casaco e, em seguida, minha calça. Não para um segundo de me beijar e sobe minha blusa. Separamo-nos apenas o tempo necessário para nos livrarmos da peça e, quando ela está no chão, as mãos dele se enchem com os meus seios.

Gemo.

— Eu quero você, Lara. Não posso esperar mais.

Ele mal acaba de dizer isso e me suspende no colo de novo, caminhando decidido para o quarto, que, além das velas iluminando tudo, tem uma enorme cama com dossel e cortinado e milhares de pétalas vermelhas espalhadas pelo chão e sobre a colcha branca.

Em um canto, há uma banheira de casal, redonda e feita de louça branca, em um deque de madeira. Há buquês de rosas perto dela, e a vista da enorme janela que a circunda mostra um vale iluminado com tochas.

Não há como não achar tudo lindo, romântico e perfeito. E saber que Cadu teve esse cuidado todo com minha primeira vez – sim, porque sei que ele fez isso para mim, para que fosse especial – me faz suspirar e derramar lágrimas de emoção.

Ele me põe no chão e, sem perceber quão mexida estou com tudo isso, retira minha calça e descalça as minhas botas. Estou de pé, apenas de calcinha e sutiã, enquanto ele está todo vestido, olhando-me com fome, olhos verdes brilhando de paixão.

— Você é minha, Lara. — Eu concordo. — Só minha!

Vejo-o tirando a roupa e tenho vontade de ajudá-lo, mas não consigo me mover, inebriada pela visão do corpo dele, pelos sentimentos dentro de mim, pela felicidade que estou sentindo ao saber que minha primeira vez será com ele. Apenas com ele!

Cadu não tem intenção alguma de permanecer minimamente vestido, e eu o encaro, nu, excitado, parecendo um deus pagão.

Ele se aproxima e toca meu rosto, reverente, fazendo um carinho tão especial que fecho os olhos. Imediatamente após isso sinto sua boca na curva do meu pescoço, suas mãos afastando as alças do meu sutiã, enquanto ele segue fazendo uma trilha de beijos sobre meu ombro, em direção ao meu seio.

A lingerie cai ao chão, uma das mãos segura meu seio, enquanto o outro recebe beijos e lambidas. Agarro-o pelos cabelos, deliciando-me com o contato,

sentindo meu corpo inteiro vibrando ao ritmo de sua língua.

Cadu caminha comigo em direção à cama, e eu me deito de costas, sentindo o aroma das pétalas de rosa abaixo de mim. Ele não parece paciente, embora eu saiba que está se contendo ao máximo, e arranca minha calcinha com um só puxão, abaixando-se entre minhas pernas e me beijando como fez no hotel do Rio de Janeiro.

— Cadu!

Gemo seu nome sem parar enquanto ele mastiga, lambe e chupa meu clitóris. Seu dedo brinca na minha entrada, preparando-me, untando, abrindo caminho. É uma sensação única e maravilhosa saber que em breve serei preenchida por ele. Não temo a dor, sei que Cadu será bem cuidadoso e que fará de tudo para que eu esteja preparada – como já estou – para ter prazer. Estremeço inteira, sentindo o primeiro orgasmo me atingindo e, antes mesmo que eu consiga abrir os olhos, sinto-o me penetrar.

A sua respiração está pesada, sinto sua pele suada enquanto ele avança devagar dentro de mim.

— Lara. — Eu o encaro. — Você é minha.

E dá uma estocada longa. Sinto arder como fogo e tenho a sensação de algo se rompendo dentro de mim. Retenho a respiração por alguns segundos, enquanto ele permanece imóvel.

— Tudo bem?

Eu assinto, embora ainda sinta desconforto.

Cadu levanta seu tronco, afastando-se do meu, embora seu pênis continue todo no meu interior. Ele se balança um pouco, e fecho os olhos, um tanto incomodada, mas de repente os dedos dele começam a brincar no meu clitóris, e eu gemo.

— Porra, Lara! — Ele aumenta o ritmo de seus dedos e começa a se mexer devagarzinho. — Porra... — rosna sem parar de mexer nem os dedos, nem seu pau dentro de mim.

Quando ele sai, abro os olhos sem entender, até que o vejo rasgar um envelope de camisinha.

— Eu queria sentir você sem nenhuma barreira, mas estamos desprotegidos. — Eu assinto, pois não tomo ainda nenhum contraceptivo. — Está doendo muito? — Aproxima-se. — Quer parar?

— Não! — nego. — Por favor...

Ele sorri, beija-me, e o sinto entrar novamente. Ele se move devagar e profundamente, alternando com movimentos mais fortes. As sensações que tenho são incríveis e totalmente diferentes de tudo o que eu já experimentei. Não consigo parar de gemer, nem de sentir. Sim, eu me sinto viva, cada vez mais, a

cada estocada, a cada beijo molhado.

— Eu sou louco por você... — ele confessa ao meu ouvido antes de erguer minhas pernas, prendendo-as em sua cintura e aumentar a velocidade freneticamente.

Eu o aperto, arranho suas costas, mordo seu ombro. Sentindo.

Ele rebola dentro de mim, entra e sai sem parar, suas mãos por baixo da minha bunda me erguendo, apertando, enquanto soca em desespero. O suor de seu rosto pinga sobre o meu. Cadu desaba em cima de mim e se vira, colocando-me por cima.

Vê-lo assim, deitado, olhos fechados e sua expressão de prazer me impele a me mexer. Os seus gemidos a cada movimento que faço fazem minha pele se arrepiar. As mãos dele tomam posse dos meus seios, beliscando meus mamilos, apertando-os, acariciando-os. É bom demais!

Ele ergue seu quadril e começa a se movimentar dentro de mim. Meu clitóris roça contra sua pélvis, os pelos aparados espetando minha pele sensível, estimulando. Já não me seguro mais, sinto uma energia estranha subindo pela minha coluna e explodo em gemidos descontrolados, cabeça jogada para trás e corpo completamente entregue a ele.

Ouço os gemidos do gozo dele me seguindo e, quando desabo sobre seu corpo, sinto-o tremendo e seu coração disparado.

Eu amo você!, é tudo o que eu quero lhe dizer. As palavras dançam na minha garganta, lutando para saírem, mas me lembro do que ele me disse, sobre o que eu poderia esperar do nosso acordo e acho que, se me declarar a ele, porei tudo a perder.

Cadu me abraça forte, carinhoso, e eu sinto minhas lágrimas descerem.

— Obrigado, Lara — sua voz está embargada. — Obrigado por ter entrado na minha vida.

O que está acontecendo comigo?

Lara dorme nua ao meu lado enquanto eu não consigo pregar os olhos nem por um instante. Pelo tesão que sempre senti por ela, sabia que nossa noite seria deliciosa. Eu apenas não esperava que, além do prazer, eu fosse bombardeado com sentimentos desconhecidos e apavorantes.

Fecho os olhos, pensando que é a empolgação do momento, por finalmente tê-la, que está me confundindo desse jeito. Só pode! Levanto-me da cama, pisando no chão quentinho e sigo em direção à sala.

A lareira acesa aquece o ambiente, e as velas, todas apagadas, já não iluminam o cômodo ricamente mobiliado. Pego um roupão felpudo, forrado com

lã de carneiro, e me enrolo para ir até a sacada que dá visão para o vale lá embaixo. Eu preciso respirar!

O frio é cortante, afinal, estamos na montanha mais alta da cidade mais alta do Brasil, em pleno inverno! Campos do Jordão é conhecida como a Suíça Brasileira, e o apelido é merecido não só por causa das construções e do clima daqui, mas também pela organização, limpeza e os excelentes locais para hospedagem e gastronomia.

Eu escolhi o chalé antes mesmo de escolher a cidade. Era o que eu estava procurando, um ambiente romântico e acolhedor, e, quando vi que era em Campos do Jordão, fiquei animado pela proximidade. Não quis esperar o final de semana, não iria aguentar a semana inteira sem poder me enterrar em Lara e queria que fosse especial.

Fiz a reserva e combinei tudo pela manhã. Foi tudo muito corrido, mas a taxa extra que estou pagando compensa todo o transtorno causado por minha falta de planejamento. O chalé só está vazio porque é uma segunda-feira e o hóspede do final de semana foi embora cedo. Sorte! Ou destino.

Passei o dia todo ansioso pela chegada da Lara e, quando ela atrasou, fiquei louco! Claro que tudo isso eu fui justificando ao longo do dia, dizendo a mim mesmo que minha reação era porque eu queria fodê-la com urgência; não poderia meter nela em casa, porque era a sua primeira vez e tinha que ser especial; e foram tantas mais desculpas que eu quase me convenci.

Quase!

Tudo aqui foi diferente do que planejei. Eu gosto de estar com Lara, a companhia dela é ótima, sua risada tem uma sonoridade perfeita e seu olhar demonstra tanto que penso poder ver sua alma. Eu vejo claramente os sentimentos dela, o quanto está apaixonada de verdade, e isso, em vez de me repelir ou me deixar assustado, preenche um vazio enorme que eu nem sabia que tinha dentro de mim.

O amor da Lara me completa.

Seguro na grade de proteção da varada e fecho os olhos, respirando o ar gelado da madrugada. Estou confuso demais com o que venho sentindo por ela. No começo, achei que era amizade, depois veio essa atração e um carinho enorme misturado à gratidão pelo que ela fez por mim e por minha filha. Contudo, agora, antes mesmo de torná-la minha, eu já não sei mais o que estou sentindo.

Ainda amo a Mônica e sempre achei que, por não ter deixado de amá-la, não teria espaço para mais ninguém em meu coração, nunca mais.

A porta da sala range, e os braços de Lara me enlaçam pela cintura.

— Senti falta do seu calor na cama — ela comenta. — Algum problema?

Nego, adorando o carinho quando ela esfrega seu rosto em minhas costas como uma gatinha manhosa. Meu coração se aperta, fazendo-me parecer o filho da puta mais sortudo do mundo, deleitando-me por ser amado por essa mulher.

Viro-me e a abraço forte, tentando fazê-la entender o que se passa comigo, desejando que ela saiba e diga o que é. Meus dedos deslizam pelos seus cabelos. O calor do seu corpo, também envolto por um roupão, aquece o meu e acalma os batimentos do meu coração.

— Vamos entrar. — Ela me puxa. — Está muito frio aqui fora!

— Eu estou gelado, Lara — provoco-a. — Preciso de algo que me aqueça rápido.

Ela sorri constrangida, mas continua me encarando.

— Talvez eu saiba de algo...

— Você tem certeza? Está se sentindo bem? — Ela assente, e eu beijo seus olhos, seu nariz e, enfim, sua boca. — Então me mostre o que é!

Ela me puxa para dentro do chalé, e eu só tenho tempo de bater a porta antes de mergulhar nela e nas sensações que ela me causa.

O dia amanhece, e nós dois ainda estamos acordados depois de mais um sexo intenso e completamente arrebatador. Lara se mostrou uma parceira sedenta em aprender, em experimentar e, a cada nova descoberta, vejo-a gozar de prazer.

Estamos deitados, nus, a banheira de hidromassagem se enchendo de água tépida para nosso primeiro banho de imersão. Eu não consigo parar de olhar para ela, admirando cada detalhe do seu rosto e corpo, adorando-a, embriagado pelo que ela me faz sentir.

Acaricio seus seios, e ela geme em resposta.

— Safada! — brinco, e ela dá uma risadinha muito sexy em resposta.

Beijo-os demoradamente, mesmo sabendo que não vamos transar agora, pois acabamos de cair exaustos apenas alguns minutos atrás.

Continuo minha exploração pelo seu corpo, já iluminado pelo sol da manhã que se infiltra pela vidraça enorme da hidromassagem. Gosto de como ela se arrepia quando arrasto as pontas dos dedos nas laterais dos seus seios. Traço um desenho abaixo deles, contornando-os, e a sinto retesar quando toco sua cicatriz.

— É sensível? — pergunto, e ela nega. — Foram quantas cirurgias, Lara?

Ela abre os olhos e fica muda por um instante. Penso ser melhor me desculpar por tocar no assunto e voltar a distraí-la com minhas carícias. Todavia, ela responde:

— Quatro — respiro fundo com a informação, imaginando-a tão indefesa e suportando procedimentos tão invasivos. — Na primeira, eu tinha dois anos. — Deixo-a falar, sentindo pela primeira vez que ela quer se abrir comigo. — Nasci com coração univentricular, já diagnosticado no útero. Era sério, pensaram que eu talvez não resistisse ao nascimento, mas sobrevivi.

— Lara, se não quiser falar... — Limpo uma lágrima em seu rosto.

— Eu quero. — Sorri. — Eu evito falar sobre isso, mas eu quero. Você está me vendo como ninguém nunca me viu, e eu não quero expor apenas meu corpo para você.

— Eu fico feliz que confie em mim. — Beijo-a.

— A primeira cirurgia foi muito bem e me ajudou muito a me desenvolver, embora todos soubéssemos que, ao longo dos anos, teria que fazer outras. Só que a segunda não foi tão satisfatória, e a terceira foi um desastre. — Dá de ombros. — Peguei uma bactéria hospitalar séria, e isso comprometeu todo o processo, e eu piorei. Tudo o que havia conquistado foi perdido, e eu tive o pouco de independência perdida. A qualquer momento o coração poderia falhar, o que seria fatal.

— Lara... — Encosto minha testa na dela, agradecendo por ter conseguido superar, por ter se curado. — A quarta cirurgia deu certo, né?

Ela ri.

— Não tinha quarta cirurgia, Cadu. Meu coração estava tão comprometido que não havia mais nada a ser feito. — Franzo o cenho, não entendendo. — Eu tinha 16 anos, estava na fila para um novo coração e sem perspectiva nenhuma de um doador compatível. Numa noite, passei mal e fui internada às pressas e logo me transferiram para a capital, de tão sério que era meu estado. Eu sabia que ia morrer, vi meus pais tentando me animar, mas não segurando suas próprias lágrimas. Eu estava desligando, literalmente.

Não consigo ouvir isso sem sentir minhas próprias lágrimas caírem. Puxo-a para meus braços, apertando-a contra meu peito, desesperado ante a possibilidade de não a ter conhecido, de tê-la perdido sem ao menos encontrá-la.

— Foi aí que o milagre aconteceu, e um coração apareceu — sua voz ecoa, abafada em meu ombro, e eu não consigo soltá-la. — Eu tinha pouco tempo e já estava há mais de um ano esperando, e nada! Então, como um milagre, ele apareceu. — Sorrio, agradecido por isso. — Justamente quando eu mais precisei.

— Ainda bem, Lara. — Beijos seus olhos, sentindo o gosto salgado de suas lágrimas. — Agradeço por isso, senão não teria você comigo.

Ela fica me olhando por um tempo, sem falar nada, mas depois sorri.

— Eu sou muito grata a essa nova chance. Sei que só estou aqui porque, infelizmente, alguém perdeu a vida, mas saber que sua família ainda assim agiu

com solidariedade e pensou no próximo me faz ter vontade de saber quem eles são e lhe agradecer.

— Você não os conheceu?

Ela nega.

— Tentei saber, mas eles pediram sigilo. Há casos em que a família do doador e o receptor se conhecem e até se tornam amigos, mas não foi o meu. Eu espero que minha gratidão tenha sido capaz de consolá-los pelo menos um pouco.

Eu tenho certeza disso! Lara é a pessoa mais linda que eu já conheci, sem sombra de dúvidas, e agora, sabendo de tudo o que ela já passou e a forma como encara a vida, eu a admiro ainda mais. Meu coração se aperta, chamando-me de hipócrita, de covarde. Meus sentimentos são muito mais profundos do que mera admiração, mas ainda não me sinto seguro para nomeá-los.

A banheira já está cheia, e eu me levanto para desligar a água. Estendo minha mão para ela, chamando-a para o banho. Entro primeiro, e ela se aninha entre minhas coxas, deitada sobre meu peito. Envolvo-a com minhas pernas, parecendo tão desengonçado e grandalhão perto dela, tão delicada.

Lara ri quando eu a aperto contra mim com braços e pernas.

— Viro um polvo na água, agora você nunca mais vai poder se desgrudar de mim — brinco para descontrair o clima carregado de emoção, rindo, apertando-a ainda mais, beijando o topo de sua cabeça.

Lara suspira e se aconchega, relaxando o corpo.

— Ainda bem. Quero ficar assim para sempre.

Porra! Ouvir isso só confirma o que eu já sabia, e, contra todos os prognósticos de descobrir uma mulher apaixonada por mim, eu sorrio, feliz, sentindo-me vivo novamente.

A semana que se seguiu foi maravilhosa. Trabalhei bastante no estúdio com a banda, fizemos um show no final de semana, mas, na manhã seguinte, já estava na cama, agarrado a Lara.

Nunca pensei em viver nada assim, não achava ser possível me sentir tão feliz.

Claro que essa felicidade toda também me causa dor na consciência e um sentimento de traição em relação a Mônica, mas, todas as noites, quando Lara se aconchega em meus braços depois de fazermos amor, volto a me sentir um homem feliz.

Conversei com Milena sobre o assunto, e minha irmã só faltou esfregar na minha cara que eu estou apaixonado pela minha esposa. Claro que eu neguei, dizendo que era cedo demais para isso, além da impossibilidade, uma vez que continuo a amar a mãe da minha filha.

Minha irmã nos visitou duas vezes nessa semana, além de ter ido buscar a Lara na universidade e a levado às compras – de novo –, só que, dessa vez, para Amanda. As duas montaram um enxoval completo para minha filha, roupas novas, divertidas, de criança; sandálias com luzes, tênis de personagens, pijama de unicórnio; tudo para minha garotinha se sentir com a idade que tem.

Lara passou a gastar boa parte de seu tempo em casa com o quarto da minha pequena. Supervisionou a pintura, em cor-de-rosa e creme, a colocação do papel de parede – de nuvens e gotas de chuva em forma de coração –, além dos móveis. Cada detalhe da decoração foi pensado – e, às vezes, até feito por ela.

Entre seus livros e treinos no violino, vejo-a costurando a mão bonecas e apliques que serão usados no quarto. À noite, enquanto eu assisto ao jornal ou mesmo a algum programa esportivo, ela está de pijama, meias de lã – que compramos em Campos do Jordão – e inventando algo para alegrar Amanda.

Eu nunca tive tanta convicção de que irei vencer esse processo como tenho agora. Lara entrou na minha vida e mudou tudo! Ela me trouxe a possibilidade de ver mais a minha filha, trouxe-me esperança, amizade, felicidade e... ainda sou reticente com a palavra, mas sei que ela também me trouxe amor.

Afrouxo o nó da minha gravata, caminhando pelo corredor, indo até a suíte que será da minha filha muito em breve. Lara está parada nela, em um lindo vestido branco e preto de mangas longas e comprimento abaixo dos joelhos.

— Não vejo a hora de tê-la aqui — ela comenta, virando-se em minha direção. — Nossa, que elegância!

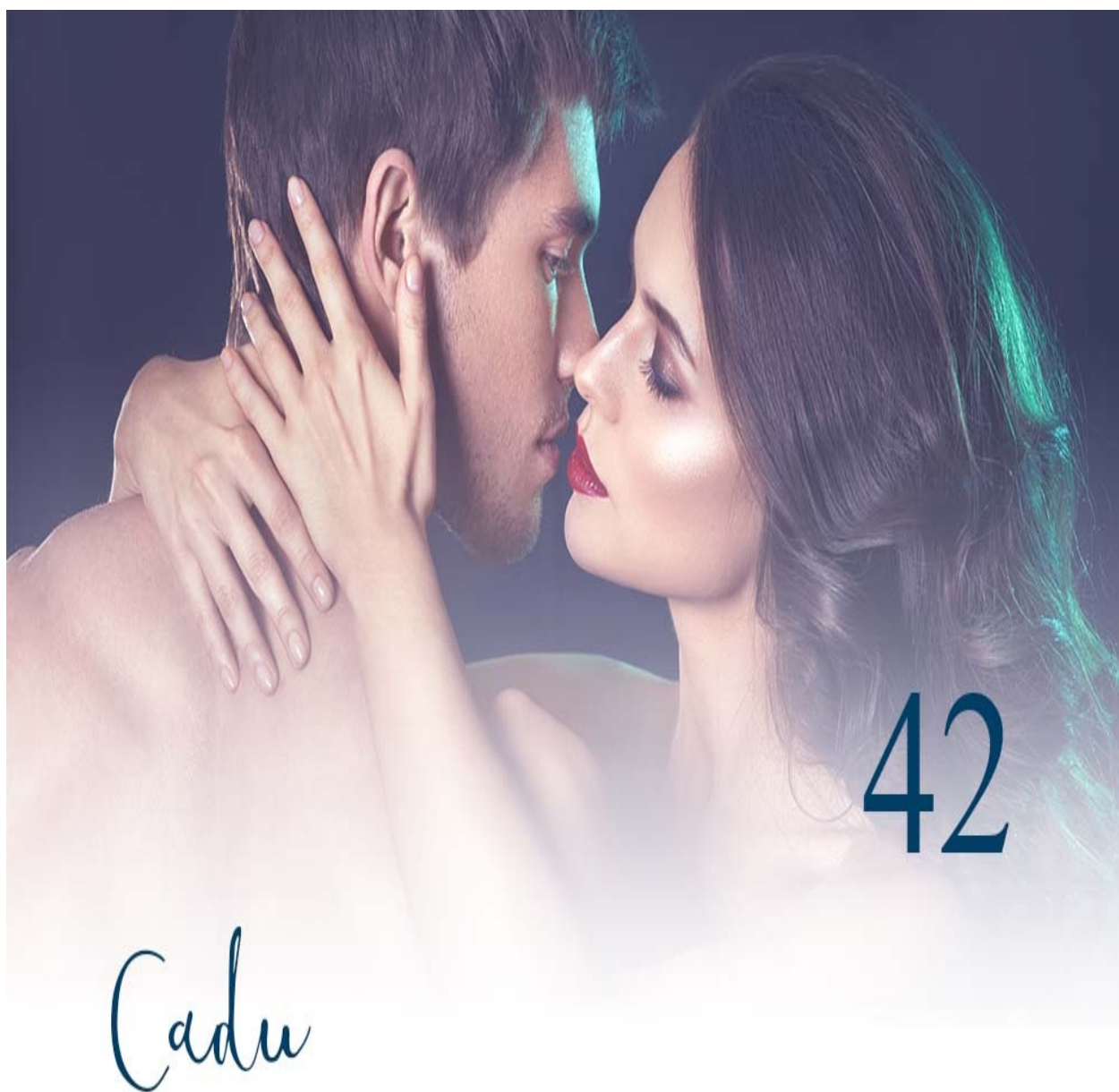
Ela aperta a gravata novamente, e eu resmungo.

— Odeio vestir isso! — Lara ri. — Me sufoca!

— Será por poucas horas. — Confere seu relógio de pulso. — Por falar nisso, é melhor irmos.

— Tudo bem em perder sua aula hoje? Não sei nem se dará tempo para você assistir ao resto do dia...

— Cadu, não se preocupe com isso. Eu nunca deixaria de estar com você hoje. — Beijo-a, agradecendo-lhe o apoio. — Vai dar tudo certo e, daqui a alguns dias, Amanda virá passar os finais de semana conosco.

Sim, ela virá e se sentirá muito feliz, não por estar aqui, neste quarto lindo, mas por ter a Lara por perto, como estou me sentindo agora.

A audiência foi melhor do que eu mesmo esperava, e saí de lá completamente confiante em ter o meu pedido atendido. Os advogados também estão confiantes, e o doutor Freitas me explicou que, em poucos dias, o juiz dará sua sentença, e, mesmo que os Kaufmanns recorram da decisão, ela não terá seu cumprimento suspenso. Se o juiz decidir ao meu favor, Amanda já poderá passar alguns dias comigo a partir da publicação da sentença.

Claro que isso me anima, saber que está tão perto de eu tê-la por mais tempo, mas ainda não é o suficiente. Cobrei a doutora Tessália acerca do outro processo, o de reversão da guarda, e ela me deu as explicações do motivo da demora. Nós ainda estamos pendentes de novos estudos, e a juíza da causa ainda

não determinou os técnicos que irão produzi-los. Solicitei que ela conversasse para saber o que está agarrando o andamento, mas ela, muito eficiente, já tem uma entrevista no gabinete da tal juíza ainda esta semana.

Estamos indo para casa agora, e eu só não me sinto exultante por causa do que aconteceu no corredor do fórum. Pelo canto dos olhos, vejo Lara no banco do carona de olhos fechados e semblante ainda triste.

Eu nunca poderia imaginar que Geórgia Kaufmann pudesse transferir para a minha esposa todo o rancor que sente por mim, afinal, Lara não tem absoluta culpa de nada do que aconteceu ao longo dos anos entre nós. Contudo, ao que parece, a mulher não pensa dessa forma.

Chegamos ao fórum e já nos encontramos com os doutores próximo à sala de audiências, aguardando nossa vez. Milena e Luti, minhas testemunhas, também já estavam presentes, porém, não havia sinal dos Kaufmanns.

Segundo a pauta de audiências, a nossa seria a próxima do dia. Perguntei se o não comparecimento do casal seria bom ou ruim para o nosso caso, e a doutora me informou que preferiria que eles viessem, porque o juiz não poderia julgar à revelia dos réus, sem sua presença, por se tratar de ação envolvendo interesse de uma criança. Se eles não viessem, a audiência provavelmente teria que ser remarcada.

No entanto, mal terminamos de conversar, e eles apareceram juntamente com suas duas testemunhas – Flaviana e Eliza –, empregadas da casa.

Lara ficou tensa com a presença deles, principalmente com o jeito que Geórgia a encarava. Eu disse a ela que não se preocupasse com eles, que tudo daria certo. Fomos chamados, e Lara, como não pôde ser listada a tempo como testemunha, permaneceu do lado de fora, esperando.

Quando a audiência acabou, o casal mais velho deixou a sala primeiro. Claro que houve, por parte deles, a alegação de que eu estive me aproximando de Amanda fora do horário previsto para a visita, mas a doutora Tessália refutou dizendo que eu apenas estava na mesma praça que minha filha, numa feliz coincidência. Eles não puderam provar o contrário, e Geórgia parecia que estava prestes a ter um ataque de raiva na sala de audiências.

Quando nós saímos, Lara se pôs de pé para saber notícias, mas, antes que eu pudesse me aproximar dela, Anselmo se adiantou.

— Lara — ele a chamou. — Como você está?

Ela sorriu sem jeito para ele.

— Eu estou bem, doutor, obrigada.

— Eu soube do seu casamento. — Ele me olhou. — Eu tentei entrar em contato várias vezes... — Para minha surpresa, ela assentiu. — Você não foi nas outras consultas e...

— Minha esposa está bem, doutor. — Eu a abracei pela cintura. — Agradeço a preocupação. — Olhei para ela. — Vamos?

Ela sorriu para o médico em despedida, mas ele a segurou pelo braço.

— Lara, se precisar de qualquer coisa, saiba que pode contar comigo! — Ele me encarou. — Esse matrimônio foi uma surpresa, e os motivos que te levaram a isso não importam...

— Meta-se com a sua vida! — perdi a cabeça e gritei com ele, tamanha sua cara de pau. — Qual é o seu interesse na minha esposa?! — Lara me puxou, mas eu a ignorei. — Lara não precisa de você, ela tem a mim!

O médico deu uma risada debochada.

— É isso que me preocupa, Carlos Eduardo. Eu apoiei minha filha quando ela se apaixonou por você, e tudo terminou em desgraça, não quero que aconteça novamente.

Bufei de raiva e, se Lara não tivesse me segurado, eu teria partido para cima dele. Como ele pôde ousar mentir daquele jeito? Eu nunca tive o apoio de nenhum deles, se tivesse tido, tudo seria diferente! Mônica teria se casado comigo, Amanda seria criada por mim e não por eles.

Ele virou as costas e foi embora, não antes de repetir para Lara que contasse com ele, e eu, tomado de ódio, cheio de ciúmes, encarei-a.

— Qual é o motivo do interesse dele em você? — disparei sem pensar.

— Cadu, eu não...

— Lara! — Bufei, tentando me controlar e não descontar o que estava sentindo em quem não tinha a menor culpa. — Ele tentou contato com você durante essas semanas?

— Sim, mas eu não atendi suas ligações.

Isso tudo me deixou ainda mais intrigado. Lara era uma empregada na casa deles e ficou lá por tão pouco tempo que não houve como eles terem criado algum tipo de vínculo. Desde quando ela passou mal e eu a levei até o HK que eu acho estranho o interesse do homem nela.

Abracei-a, pedindo desculpas pela minha insistência no assunto e pelo modo grosseiro que falei com ela. Eu não esperava, mas Lara me confessou que gostava de Anselmo, que achava que ele realmente se importava com Amanda.

— O homem é um mentiroso! — falei enquanto saíamos do fórum. — Dizer que me apoiava enquanto eu estava com a Mônica!

— Ele me contou sobre isso. — Eu a olhei surpreso. — Que ele não era contra o casamento quando ela engravidou.

Novamente a revolta tomou conta de mim diante da audácia do meu ex-sogro ao dizer mentiras para Lara e por fazê-la acreditar nele, não em mim.

— Se ele não fosse contra, Mônica e eu teríamos ficado juntos. — Lara

assentiu, mas seu rosto dizia que ela não acreditava em mim. — Não julgue o que você não sabe!

Ela abaixou os olhos, sem jeito.

— Desculpe-me. — Suspirou, e a senti tensa. — Eu realmente não quero me meter nesse assunto.

Porra, Cadu!

Imediatamente me senti um idiota por ter sido grosseiro mais uma vez. Pedi desculpas depois que entramos no carro, mas ela não disse nada e, desde então, continua muda e sem me olhar.

— Eu sou um idiota, Lara. Eu perco a cabeça por causa dos Kaufmanns, é sempre assim, mas não justifica ter falado daquele jeito contigo. — Ela não me responde. — Qualquer assunto referente a Mônica é muito sensível para mim, ainda mais porque sei que ele mentiu.

— Não quero mais falar sobre isso, Cadu. — Ela me encara. — Eu entendo sua revolta com eles, no entanto, doutor Anselmo sempre me tratou com consideração durante o tempo em que trabalhei em sua casa, e ele, sim, adora a Amanda.

— Ele não fez nada por você quando a esposa a mandou embora!

— Eu sei disso. Mesmo que ele tenha tentado falar comigo, ele não fez nada para que ela voltasse atrás, mas isso não anula o quanto ele foi gentil comigo e também com você ao não proibir os encontros, mesmo sabendo.

Dou de ombros, não achando possível sentir qualquer tipo de simpatia pelo homem e estranhando ainda mais seu interesse na Lara.

— Não o quero perto de você — declaro. — Não confio nele e nem conheço suas intenções. — Ela abre a boca para argumentar, mas continuo falando: — Não quero mandar na sua vida, mas eu não gosto do jeito que ele te olha e nem como se preocupa com você! — Lara disfarça um sorriso, e eu me sinto relaxar. — É, eu sinto ciúmes dele, sempre senti, desde que notei o quanto ele era próximo a você.

— Não tem motivos para...

— Eu sei, mas sinto. — Sorrio para ela. — Você é minha, Lara.

Pego sua mão e a beijo, com essa declaração martelando em minha mente.

No dia seguinte à audiência, tive que viajar com a banda. Tínhamos shows em três cidades próximas e, por isso, não retornamos para São Paulo.

Ficar longe da Lara em um momento tão gostoso quanto o que estamos

vivendo foi difícil, e eu a bombardeei de mensagens. Falava com ela antes de entrar no palco e depois, quando ia dormir, fazia chamadas de vídeo para vê-la deitada na minha cama.

— Já fez sexo virtual, Lara? — Ela riu, rosto corado, e negou. — Gostaria de saber como é?

— Cadu... — meu nome saiu parecendo um gemido. — Eu quero saber tudo com você.

A resposta me animou, e eu virei a câmera, mostrando para ela que estava nu e completamente excitado, masturbando-me para ela. Lara fechou os olhos, gemeu e se ajeitou na cama antes de se mostrar apenas de calcinha.

— Porra, Lara, se toca para mim — pedi, e ela atendeu. — Feche os olhos e sinta suas mãos como se fossem as minhas. Eu sou louco pela maciez da sua pele, pela forma como ela se arrepia quando arrasto meus dedos em você... — Continuei a mover a mão no meu pau. — Seus mamilos duros são um tesão... — Ela os segurou com os dedos. — Gosto principalmente de chupar seus peitos, mas não tanto quanto gosto de te lamber toda.

— Eu também gosto. — Ela abriu os olhos. — Sua boca me causa sensações indescritíveis.

— A sua tem o mesmo efeito em mim, Lara. — Gemi quando ela deslizou a mão para dentro da calcinha. — Você está molhada? — Assentiu. — Mostre-me.

Lara sorriu e, após retirar a mão do meio de suas pernas, ergueu-a e a aproximou da câmera. Pude ver seus dedos lambuzados, brilhando com seus sucos, e isso quase me fez gozar.

— Tira a calcinha — ordenei desesperado, e ela o fez. — Abre bem as pernas. Assim... — Pensei em um jeito de vê-la por completo. — Deite-se de frente para o espelho. — Ela se levantou, mudando a posição e se deitou de frente para a enorme porta espelhada do nosso banheiro. — Se toca para mim, Lara. Faz como se fosse eu aí com você, massageando sua boceta até te fazer gozar.

Ela começou, e a imagem que tive foi deliciosa. Minha boca se encheu de saliva ao lembrar do sabor daquela sua parte em especial, da maciez dos seus lábios, da dureza do seu clitóris contra minha língua, do sabor de sua excitação e do seu gozo.

Lara continuou se masturbando, ora apenas brincando com seu clitóris, ora penetrando sua boceta apertada com dois dedos. Isso, claro, enlouqueceu-me, pensar que ela estava lá, na minha cama, dando prazer a si mesma para que eu lhe assistisse.

— Prova, Lara. — Ela pareceu não entender meu pedido. — Põe seus dedos em sua boca e prova seu gosto. — Quando ela o fez, eu rosnei e aumentei a

velocidade de minha própria mão. — Eu sou viciado no seu sabor. É uma delícia!

— Eu gosto que você goste. — Riu, safada, e voltou a trabalhar em sua boceta. — Eu amo o seu também. Nunca pensei que iria gostar tanto de chupar um pau.

— Porra, Lara! — Desesperei-me. — Eu quero que você goste de tudo e que faça tudo comigo! Vou foder você em todas as posições possíveis, na sua boca, sua boceta e bunda, de qualquer jeito, você toda, minha!

Ela gemeu mais forte assim que eu disse isso, e, instantes depois, vi-a gozando, os músculos das suas coxas se retesando, enquanto ela gemia freneticamente o meu nome. Não pude fazer outra coisa senão acompanhá-la, e meu gozo espirrou longe, delicioso, apenas para ela.

Estou voltando hoje para São Paulo, pela manhã, pensando em tudo que fizemos à câmara na noite passada. Quando chego a casa, surpreendo Lara no banho. Ela deve estar se aprontando para ir estudar, ensaboando-se calmamente, enquanto eu, em silêncio e sem fazer qualquer barulho, fico observando-a.

Entro debaixo do chuveiro de roupa e tudo, abraçando-a pela cintura, assustando-a a ponto de fazê-la gritar.

— Sou eu... — digo, mordendo sua orelha. — Acabei de chegar.

— Você quase me matou agora! — Ri. — Que susto!

Minhas mãos começam a massagear seus seios, e ela relaxa contra o meu corpo. Os seus cabelos estão presos em um coque no alto da cabeça, e isso facilita meu acesso ao seu delicioso pescoço, que beijo, mordo e lambo como um vampiro vidrado, enquanto vou explorando e excitando seu corpo.

Metemos como loucos debaixo do chuveiro, minha camisa molhada agarrada contra minha pele, a calça jeans encharcada e embolada aos meus pés, enquanto a mantenho enganchada em meus quadris, contra a parede azulejada, e rebolo meu pau dentro dela. É uma foda rápida, gostosa e completamente insegura.

— Esquecemos a camisinha — aviso.

Lara demora a responder.

— Eu posso tomar a pílula do dia seguinte, mas não estou em período de risco. Minha menstruação sempre foi certinha e...

— Melhor tomar a pílula e aproveitar para marcar um ginecologista. — Ela assente. — Eu sei que agora parece ser tarde demais, mas eu queria que você soubesse que meus exames estão em dia e estou saudável.

Ela assente novamente.

— Você pensa em ter mais filhos, Cadu?

A pergunta me pega tão desprevenido que eu arregalo os olhos. Eu nunca

pensei nessa possibilidade depois da morte da Mônica. Em minha mente, Amanda sempre seria minha única filha, mas, olhando para a mulher à minha frente agora, não posso deixar de pensar que um bebê com a Lara seria ótimo.

— Não agora — respondo com sinceridade. — Somos jovens e temos tempo.

Ela sorri, provavelmente gostando da resposta, e eu a beijo na testa, sentindo-me de verdade um homem casado, um homem de família.

— Acabou de ser publicada, Cadu — doutora Tessália me informa ao telefone. — Vencemos! Você terá direito a estar com a Amanda dois dias por semana, com pernoite, desde que não altere a rotina de estudos dela.

Olho para Lara e para minha irmã, ambas sentadas à mesa para o almoço, balanço a cabeça afirmativamente, e as duas comemoram, pois sabem que eu estou falando com a advogada.

Finalmente! Finalmente minha filha virá para cá, dormirá aqui conosco, poderemos passear e brincar sem ninguém ficar fazendo relatórios. Eu não posso acreditar que esse dia chegou! Agradeço a presteza à doutora, que me atualiza sobre o outro processo e, quando desligo, vou rapidamente até minha mulher.

— Amanda... — falo para ela, emocionado, e Lara assente, abraçando-me com força. — Ela virá, Lara!

— Sim! — comemora com um enorme sorriso, e eu a beijo. — Eu estou muito feliz e morrendo de saudades dela.

— Ah... — Milena chora e sorri ao mesmo tempo. — Eu vou ver minha sobrinha!

Puxo-a para nosso abraço, e ela soluça.

Há anos a Mi não vê a Amanda pessoalmente, apenas por fotos e vídeos. Eu não posso mensurar a saudade que ela sente da minha pequena. Minha mãe e meu padrasto também poderão revê-la, matar as saudades, e Lara e eu poderemos deixar que ela seja criança.

Olho para minha esposa.

— Precisamos comprar brinquedos! — Lara assente. — Mobiliamos e decoramos o quarto, mas ela precisa brincar! Nada de somente ter aqueles jogos educativos. Amanda precisa de bonecas, panelinhas, carrinhos, ursos e...

— Videogames! — Milena completa, e eu gargalho ao lembrar que ela é uma viciada em games. — Meninas jogam também e não deixam nada a desejar em relação aos garotos!

— Certo, games para Amanda.

Ficamos conversando durante a refeição sobre o que mais uma menina de seis anos gostaria de ter para brincar e decidimos que iremos sair para fazer uma compra de brinquedos para ela.

Após o almoço, Milena segue para o trabalho, e eu levo a Lara para a ECA. Parados no estacionamento do campus, noto que ela quer me dizer algo, mas parece sem jeito.

— Eu conheci a Angélica — quando ela finalmente fala, fico branco de susto. — Ela veio aqui há alguns dias.

Angélica foi atrás de Lara? Por quê? Estranho a informação e, ainda mais, o fato de nenhuma das duas ter mencionado o encontro.

— Quando foi isso? — Lara dá de ombros. — Lara. — Seguro seu rosto e a faço me encarar. — O que ela queria contigo?

— Pedir desculpas. — Sinto-me aliviado. — Dizer que você é um amigo e que, enquanto nosso acordo durar, ela vai ser somente sua amiga.

O quê? Franzo o cenho, estupefato por Angélica ter dito algo assim para a Lara e tento imaginar o motivo que ela teve para isso e, o principal, como ela sabia sobre...

— Ela disse com essas palavras? Acordo? — Lara assente, e eu xingo. — Eu nunca disse sequer uma palavra sobre isso a ela, Lara.

— De alguma forma, parece que ela sabe que nós nos casamos apenas por

causa da Amanda.

Ouvir isso, mesmo que seja a verdade, me fere. Eu já não penso no nosso casamento apenas como um acordo. Já não vejo Lara como a amiga que aceitou me ajudar a ter minha filha de volta. Lara é a minha mulher! É quem eu vejo ao acordar e beijo a testa antes de sair para correr; por quem fico o dia todo ansioso, contando as horas para o final de suas aulas apenas para tê-la só para mim.

Seguro-a bem perto de mim, seu rosto de frente para o meu e a beijo para não deixar nenhuma dúvida de que ela é minha e de que nosso acordo mudou. Estamos casados, somos agora uma família, ela, Amanda e eu.

— Eu assumi um compromisso de ajudar Angélica — explico. — Vou continuar fazendo isso, mas de longe. — Lara abre a boca para protestar, mas não permito, dizendo: — Eu sei que você não me pediria isso, mas te incomodou, e, para ser sincero, a mim também. Eu não sei o que está havendo com a Angélica, mas vou deixar bem claro para ela que nós dois estamos juntos porque queremos estar.

— Cadu, não precisa...

— Eu escolhi você, Lara — meu coração dispara assim que profiro essas palavras, reconhecendo a verdade nelas. Eu a escolhi, talvez pensando somente em minha filha, mas ainda assim sabia que ela era a mulher ideal para estar ao meu lado. — E foi a melhor escolha que fiz.

Ela sorri, olhos brilhando, e assente. Beijo-a, despedindo-me dela e fico parado dentro do carro, olhando-a se afastar, pensando no quanto tudo isso que está acontecendo comigo é estranho, inesperado, mas me faz bem.

Lara foi o maior presente que a vida me deu depois de Amanda.

— Esse não, seu louco! — Lara tira um brinquedo colorido da minha mão. — Esse é para bebês.

Ela pega, então, uma enorme caixa com um jogo de panelinhas de inox.

— Ela vai cozinhar de verdade com isso?

— Não são perfeitas? — Suspira. — Eu amava brincar de panelinhas e não me conformo de nunca ter aprendido a cozinhar decentemente.

Rio dela.

— Seu macarrão com queijo é muito bom. — Ela rola os olhos. — E o sanduíche também!

— Duas fatias de pão, queijo e tomate? Qual é a dificuldade em fazer algo assim? — Rio e digo que não sei. — Você sabe, é apenas preguiçoso demais! A

Márcia disse que você pedia para entregarem comida mesmo tendo pronta em casa.

— Preguiça de esquentar — sou sincero, e ela me repreende, pegando mais brinquedos imitando coisas de cozinha. — Eu vi um tapete na internet, na verdade, era uma cama, eu acho... — Tento me lembrar, mas não consigo. — Não importa. O importante é que é como um enorme bicho de pelúcia, e posso encomendar o personagem que quiser.

— Cadu... — Gargalha. — Nós acabamos de comprar a cama dela!

Faço careta para Lara, pensando em como Amanda amaria dormir num enorme unicórnio ou mesmo no Mickey Mouse.

— Sabe aquele quarto que eu não uso? O que a Mi dormia? — Ela assente. — Poderíamos transformá-lo em um local só para os brinquedos!

— O quarto que reformamos para a Amanda, que, por sinal, era uma academia, é enorme, e nós pensamos em uma área de brinquedos para ela. — Lara me olha com uma das mãos na cintura, enquanto a outra abraça um monte de caixas. — Para de inventar desculpa só para comprar a tal cama, e nada de realizar todas as vontades dela, ok?

Agarro-a pelas costas, e umas caixas caem no chão, mas Lara não parece se importar quando beijo sua nuca e geme.

— Adorei a versão mandona. — Mordo sua orelha, e ela geme de novo.

Uma senhora com um menininho passa pela gente e faz cara feia. Lara ri, nervosa, tentando se soltar, e eu bufo, excitado, cheio de tesão em uma loja cheia de crianças. Merda!

— Comporte-se — ela me repreende enquanto caminhamos para a fila do caixa.

— Hipócrita, você bem que estava gostando!

Ela tenta ficar séria, mas sorri, e a vontade que tenho é de agarrá-la novamente.

Depois de passar por três lojas de brinquedos só no shopping onde estamos, resolvemos comer algo antes de irmos embora. Estamos passeando de mãos dadas, conversando, olhando vitrines, e eu noto que, além de muitas pessoas me reconhecerem e apontar para nós dois, há também um ou outro fotógrafo.

Eu sei que eles não estão aqui por minha causa, mas sim para pegar todo e qualquer "famoso" que aparecer no shopping hoje. Isso sempre me incomodou, mas agora não me causa mais nenhum tipo de sentimento. Tudo o que eles terão

para noticiar é que um casal feliz passeava no shopping em uma noite de sexta-feira.

— Pizza? — ela pergunta, e eu concordo. — No dia em que a Mi me trouxe aqui pela primeira vez, para fazer aquele enorme enxoval, eu fiquei deslumbrada com a pizza. É muito gostosa!

Concordo com ela, dando-me conta de que pedi à minha irmã para que comprasse um presente de boas-vindas para a Lara, mas que eu mesmo nunca comprei nada para ela. Imediatamente uma vitrine vem à minha mente, e eu sorrio, sabendo o que irei comprar.

Meu pau reage apenas com a imaginação, e eu olho em volta, tentando me conter, pois tudo o que não preciso é de uma matéria sobre como o vocalista da Off-Road parece um adolescente excitado ao lado de sua esposa.

Estou a caminho do aeroporto para ir fazer um show em Brasília. Lembro-me do dia de ontem, quando fui ao shopping com Lara, e faço uma parada rápida no mesmo. Compro o meu presente, escrevo um belo cartão e peço que entreguem no meu endereço antes de retomar meu percurso.

Passo todo o trajeto no avião imaginando a reação de Lara ao abrir o presente, imaginando-a sem jeito ao descobrir o que é e esperando ansiosamente que este final de semana acabe para que eu volte para ela. Só de pensar nisso me contorço na poltrona do jatinho, arrancando uma risada do Luti, porém, ignoro-o.

No cartão, pedi a Lara que me ligasse usando o que lhe mandei, mas não espero que ela tenha coragem para tal ação, afinal, Lara era virgem até uns dias atrás.

A ligação vem assim que eu chego ao hotel para descansar antes do show.

— Por que você me mandou isso?

— Não gostou? — Fico inseguro, achando que talvez tenha sido ousado demais. — Eu vi uma lingerie que me chamou a atenção na vitrine de uma loja, mas a roupa só me deu vontade de comprar o que te mandei... Usa para mim, Lara.

A ligação é terminada abruptamente, e começo a me preocupar que a tenha ofendido, até que ela liga por vídeo. O vibrador aparece primeiro, assustando-me. Ele é lilás e simples, nada muito ousado, apenas a sua potência, segundo a vendedora, é o que o diferencia dos demais.

— Você o testou antes? — Ela não responde, mas eu escuto seus gemidos.

— Lara...

— O que você quer que eu faça com ele?

Vejo-a passando o brinquedo sexual por seu corpo, o som da vibração ao fundo enquanto ela o esfrega, nua, contra seus peitos e segue em direção à sua boceta.

Demoro dois segundos para arrancar a minha roupa antes de começar a instruí-la em como se divertir sozinha, embora sob meus olhares.

Escuto o barulho na maçaneta e saio correndo pelo corredor em direção à suíte. Ajeito minha roupa e me escondo, controlando minha respiração e nervosismo, esperando-o pacientemente.

Cadu me fez uma surpresa ontem ao me presentear com um vibrador. Eu sempre quis ter um! Só não sabia que ganhar um brinquedo sexual do marido era algo tão sexy e que usá-lo sob suas instruções seria tão excitante. Ele me fez ir aos céus, mesmo a quilômetros de distância.

Por isso decidi que, hoje, serei eu a surpreendê-lo! Fui cedo ao parque e comprei balões de gás, escrevi alguns bilhetes e depois andei um bom tempo pela cidade, em pleno domingo, até encontrar alguns acessórios que queria.

Agora, com tudo pronto, fico tentando fazer o trajeto dele até aqui na mente, pensando que Cadu, ao abrir a porta, encontrou já o primeiro balão com um pisca-pisca de LED e um bilhete indicando que ele deve seguir as pistas. No começo da escada há outro balão, bem como no topo.

Prendi um também na maçaneta da suíte, e, nele, um bilhete o instrui a entrar de olhos fechados. Escuto o barulho dele entrando e confirmo se seguiu as ordens no bilhete. Sorrio ao vê-lo, sorrindo e desengonçado, de olhos fechados, caminhando até bater na cama.

— Lara?

Eu não respondo. Ando devagarinho por trás dele e passo uma venda (na verdade, é uma máscara de dormir) em seus olhos. Ele ri, nervoso, e joga as mãos para trás a fim de me segurar. No entanto, eu, já prevendo seus movimentos, afasto-me.

— Tira a roupa — ordeno.

— Como? — Ele ri. — Você me deixou no escuro!

Mal termina seu bobo protesto e começa a arrancar tudo. Eu me sinto à vontade com ele assim, sem poder me ver, sem enxergar minha expressão, e devoro cada pedacinho do seu corpo com meus olhos.

Seguro o fôlego quando ele tira a cueca, vendo seu pênis duro e apontando para cima. Passo a língua pelos lábios involuntariamente, faminta por ele, doida para provar seu corpo e deixá-lo louco de prazer.

Entretanto, sigo meus planos.

— Vire-se. — Ele gira e fica de frente para mim. — Deite-se devagar na cama. Isso. Mais para cima. — Ele chega no ponto exato. — Pronto.

— Lara, Lara... o que você está aprontando?

Subo na cama e prendo seus braços na cabeceira com a ajuda de duas algemas, uma de cada lado. A expressão de Cadu é uma mistura de excitação e diversão, e eu espero que ele continue assim. Pego o outro acessório recém-adquirido e sorrio ao pensar que ter lido *50 tons de Cinza* me inspirou, mas eu sempre quis ser o Christian.

Deslizo o chicote pelo seu tronco, e Cadu, dando-se conta do que é, fica sério.

— Lara...

Ele parece tenso, e eu não quero isso.

— Relaxa. Você confia em mim? — Ele assente. — Lembra que disse que queria tudo comigo? Eu também quero tudo com você. — Resolvo sair do personagem e ser sincera. — Nunca fiz nada disso, mas sempre fantasiei. Sempre quis ser a gostosa, a que manda... — Rio sem jeito. — Eu quero que você realize as minhas fantasias.

Ele geme.

— Eu quero *ser* as suas fantasias, Lara — essa resposta me excita. — Sem limites, sem pudores, quero tudo com você.

Continuo a deslizar o chicote e, quando chego a suas pernas, dou uma leve batidinha. Cadu ri, e eu também, ainda um pouco nervosos com a situação. Ele me pede para continuar, e decido mudar de tática. Pego o pote de sorvete e, com a ajuda de um pincel que achei na cozinha, começo a fazer um caminho gelado sobre sua pele.

— Lara...

Ele geme e se contorce quando começo a lamber seus mamilos, doces e gelados, sugar o sorvete que se empoçou no umbigo, colher com a ponta da língua a sobremesa na cabeça do seu pau.

A brincadeira, que para ele parece tortura, de tanto que geme e se agita, faz-me sentir poderosa. Lambuzo-o todo e o limpo com a boca para, então, repetir o processo. Meu rosto está melado, minhas mãos, grudentas e vermelhas, mas nada disso importa. Eu me sinto excitada, feminina, e tê-lo ao meu dispor, vendado e preso, é uma experiência poderosamente sensual.

Decido que é hora da segunda fase e me limpo um pouco, vou até ele, em pé na cama, e retiro sua venda. Cadu pisca uns momentos, mas, assim que me vê, arregala seus lindos olhos verdes.

— Puta que pariu, Lara! — Força as mãos nas algemas, tentando se libertar para me tocar, e eu apenas rio. — Puta que pariu!

— Gostou?

Dou uma voltinha, vestindo um dos conjuntos que ganhei no chá de lingerie. Quando vi o presente, fiquei pensando em quando poderia usar algo assim e pensava que não tão cedo. Agradeço mentalmente a Tiana por ser tão perspicaz e ter lembrado do quanto eu gostei da trilogia *50 tons*.

A calcinha e o sutiã de couro sintético preto com veludo vermelho é completamente sensual. Além disso, eu prendi o cabelo em um rabo de cavalo alto, coloquei uma gargantilha de couro e saltos vermelhos nos pés.

A meia arrastão até a metade das coxas me deixou ainda mais sexy, e o olhar do Cadu confirma isso.

Pego o vibrador que ele me deu de presente.

— Vamos brincar?

— Não! Eu quero que você use o meu hoje. — Olho para baixo, vendo-o completamente duro. — Lara!

Rio, ligando o brinquedo e o passando pelo meu corpo.

— Eu gostei mesmo de ontem e...

Ele dá um puxão de repente, e as algemas de plástico, infelizmente, não

aguentam o tranco. Arregalo os olhos quando ele sorri, cheio de malícia, e vem em minha direção.

— Agora vamos brincar! — Puxa-me sobre ele.

Eu me desequilibro e caio sentada em cima de seu peito. Sem nem conseguir protestar, ele me eleva e puxa até sua boca. Meus protestos sobre a brincadeira ser minha morrem antes mesmo que eu possa emiti-los assim que sinto os dentes de Cadu puxando minha calcinha, que é afastada por sua mão para que a língua tenha total acesso ao meu corpo.

— Rebola na minha cara, Lara.

Ele me dá um tapa na bunda, e eu lhe obedeço, rebolando enquanto ele me fode com a língua e me chupa gostoso. Eu amo o modo como a sua boca faz amor comigo. Cadu sabe me enlouquecer com sexo oral, sabe me dar prazer até que eu grite e peça para ele parar.

Excitada como estou, demoro pouquíssimo para gozar em sua boca. Ele me segura pela cintura, e nos levantamos juntos. Minhas pernas estão trêmulas, e sou apoiada contra a parede, em pé na cama, enquanto ele me penetra sem nem mesmo um aviso.

Ele não tem delicadeza, nem piedade e apenas se soca dentro de mim desesperado e sem freio. Estou enlouquecida, sendo espremida contra a parede, recebendo-o de uma forma que ele nunca fez, quando, de repente, ele se afasta, e eu tombo na cama.

— Fica de quatro! — ordena.

Eu gosto do tom da voz dele assim, louco de tesão, sem noção, com apenas o prazer em mente. Cadu me segura pelo rabo de cavalo enquanto monta sobre mim. Seus movimentos não são mais tão duros quanto antes, mas ainda assim continuam frenéticos e profundos. Eu consigo sentir toda a extensão de seu pau entrando e saindo, o cheiro do sexo no ambiente, os gemidos dos dois como uma canção antiga e perfeita.

O orgasmo me tira o fôlego, tamanha a intensidade, e em seguida sinto algo quente sendo espirrado em minhas costas e gemidos tão fortes que me fazem arrepiar inteira.

Saio correndo da faculdade e avisto o carro do Cadu já me esperando. Hoje é o primeiro dia da visita da Amanda, e nós dois estamos nervosos, felizes e emotivos. Acordamos cedo, fizemos amor e ajeitamos tudo para a chegada da nossa menina.

Eu sinto uma falta enorme dela e sei que, assim que a vir, não conseguirei segurar as lágrimas. Espero que ela ainda se lembre de mim com carinho e, principalmente, que não se ressinta do meu novo papel na vida de seu pai.

Tenho medo disso, confesso. Medo de ser rejeitada pela Amanda, medo de ela ter ciúmes do pai comigo e, principalmente, medo de que ela pense que eu quero roubar o lugar de sua mãe. Fecho os olhos e peço a Deus para que nenhum desses meus medos se concretizem.

— Vamos direto para lá? — pergunto assim que entro no carro.

Cadu me recebe com um beijo e responde afirmativamente, e logo seguimos em direção à mansão dos Kaufmanns, a fim de buscar Amanda. Eu o sinto nervoso e entendo os motivos que ele tem para estar assim, pois não sabemos como será a reação dos avós da menina ao terem que deixá-la vir com a gente.

Apoio minha mão sobre a coxa dele e a aperto de leve, transmitindo otimismo. Cadu me dá uma olhada rápida, um sorriso e, em seguida, segura minha mão com carinho. Eu estou muito feliz com tudo o que tem acontecido entre a gente e, quando digo isso, não estou falando somente do sexo – que é maravilhoso –, mas da nossa convivência, do carinho que ele demonstra ter por mim e, às vezes, do olhar dele.

Os olhos de Cadu me dizem coisas tão bonitas às vezes que seria fácil acreditar que ele sente por mim o que eu sinto por ele. Tento não pensar muito nisso, porque não quero ficar me iludindo. Sei que sou importante na sua vida, mas não sei se essa importância significa que ele me ame.

Eu quero que ele o faça! Quero me sentir amada, querida, além de desejada. Sonho que ele diz que me ama, que me quer ao seu lado para sempre. Nesses sonhos, povoados da minha própria expectativa, Cadu, Amanda e eu somos uma família de verdade e estamos juntos porque nos amamos.

Paramos o carro próximo à mansão. Cadu respira fundo e me puxa para um abraço apertado.

— Vai dar tudo certo! — tento acalmá-lo.

— Acha que ela vai gostar de ficar conosco?

Seu rosto está tão expressivo, vejo tanta insegurança, expectativa e amor nele que isso me consome. Beijo-o carinhosamente.

— Ela te ama e sempre quis ficar mais tempo contigo. — As palavras queimam em minha garganta, e meu coração faz pressão para que elas saiam, mas não acho que esse seja o momento certo de deixar claro para ele como eu me sinto. Eu só não posso mais ficar engolindo o sentimento. — Vá até lá e a traga para nosso lar.

Ele sorri, mas segura firme minha mão.

— Você também é parte disso. Vamos buscá-la juntos.

Saímos do carro e andamos, de mãos dadas, até o portão da casa da família Kaufmann. Tocamos o interfone, e Flaviana atende, dizendo que o doutor Anselmo está vindo com a neta.

Graças a Deus!, agradeço mentalmente por não ter nenhum tipo de resistência sobre o novo modelo de visitação.

Cadu aperta minha mão quando a porta principal é aberta e vemos, ao longe, o doutor Anselmo com Amanda de mão dada a ele.

A menina, em um vestido sóbrio, azul-marinho, vem séria ao lado do avô. O médico carrega uma pequena mala – completamente desnecessária, visto a enorme quantidade de roupa que compramos para ela usar – e fala algumas coisas para a criança no percurso.

O portão é aberto, e, quando Amanda me vê, arregala os olhos e não consegue conter o sorriso. Ela diz meu nome, e o avô a solta para, instantes depois, ela sair correndo e se jogar nos meus braços.

Ah! Eu estava com tanta saudade! Não consigo conter as lágrimas ao abraçá-la bem apertado, enquanto ela fala meu nome sem parar. Ergo os olhos para Cadu, e ele sorri, secando os olhos antes de cumprimentar o doutor Anselmo.

— Tente respeitar as regras — o médico retruca ao seu cumprimento. — Amanda deverá estar aqui após as aulas. Eu pedi ao nosso motorista para...

— Não! — Cadu o interrompe. — Eu a trarei, não se preocupe.

— Certo. — Mesmo ainda junto de Amanda, posso sentir o clima tenso entre os dois. — Ela já almoçou e tem lição de casa para fazer. — Ele me encara e sorri. — Mas isso não será problema, não é, Lara?

— Não. — Afasto Amanda e a beijo na bochecha. — Eu vou amar fazer a lição com meu Raio de Sol.

A menina gargalha ao ouvir o apelido, tão nosso, e pula nos meus braços de novo. Pego-a no colo e me ponho de pé ao lado do Cadu.

— Ela será bem cuidada, doutor.

— Não tenho dúvidas disso, Lara. — Cadu e ele se entreolham. — Agora, eu não tenho.

Cadu faz menção de refutar o comentário, mas eu ajo rapidamente, colocando Amanda – que é bem pesada – em seu colo e pegando a mala com o doutor.

— Papai... — Amanda ri. — Eu vou dormir na sua casa!

A animação dela é contagiante, e Cadu sorri e dança com ela no colo, comemorando. A cena dos dois juntos é linda e enternece meu coração, fazendo-me suspirar.

— Tudo bem? — Anselmo parece preocupado, e eu assinto. — Nós já recorremos, Lara.

— Por quê? — Aproximo-me dele, deixando pai e filha longe dessa situação por um instante. — O doutor mesmo me disse que não era contra, e agora eu também estou lá para cuidar dela e...

— Não podíamos fazer outra coisa senão recorrer. — Dá de ombros. — Mas não me agrada a ideia de afastá-la dele novamente e, muito menos, de você. Minha neta vai sofrer, e isso é tudo o que eu não quero que aconteça.

— Não deixe acontecer, doutor. — Ele sorri, triste, e eu entendo que o marido não pode nada contra a vontade da esposa. — Amanhã ela estará de volta.

— Vão com cuidado. — Ele se despede, acenando para a neta e, logo após, volta para casa.

— Vamos começar a diversão? — Cadu joga Amanda para o alto, e ela grita.

Ele a coloca sobre seus ombros, Amanda segura-se nos cabelos dele, e nós três vamos para o carro correndo e brincando como uma família feliz.

Acordo com o coração acelerado e os olhos cheios de lágrimas. Fico um tempo olhando para o teto, acalmando-me, lembrando que tudo já passou. Não estou mais doente e nem internada com o coração falhando, sendo monitorada a todo instante.

Olho para o lado, mas não vejo o Cadu deitado em nossa cama. Apenas seu travesseiro amassado e o edredom afastado mostram que ele se levantou há pouco. Olho para o relógio na mesa de cabeceira e suspiro, resignada a ter que me levantar mesmo não querendo, pois tenho aula hoje.

Fico pensativa e quieta nesta data. Agradeço por estar viva, pela nova chance que a vida me deu, mas, em respeito à família que me doou o coração, eu guardo o luto. Não é que eu fique triste, tento render algum tipo de homenagem a eles, compartilhar sua dor e sua perda.

Fecho os olhos, pensando em tudo o que esse gesto lindo, de doar o órgão, proporcionou-me. Tantos momentos especiais, tantas alegrias e a oportunidade de amar. Sorrio ao pensar em Cadu, em todos os momentos que estamos vivendo juntos e em Amanda. Eu nunca vi meu pequeno Raio de Sol tão feliz!

Dentro do carro, no percurso da casa dos avós dela até aqui, ela já estava radiante de felicidade. Contudo, ao chegar, ao ver o quarto e os brinquedos,

Amanda parecia sem saber o que fazer para demonstrar o que aquilo significava para ela.

A minha menina ficou paralisada à porta do cômodo, olhando cada coisa com detalhes, sorrindo e com os olhos cheios de lágrimas. Eu sei que, até por conhecer seu quarto na casa dos Kaufmanns, o que causou essa reação não foram a decoração e os brinquedos. Foi quem preparou aquilo tudo para ela.

Cadu pegou em sua mãozinha e mostrou cada coisa para a filha, dizendo que ele, Milena e eu planejamos tudo para ela. Amanda ficou deslumbrada!

Chamei-a para mudar de roupa, e ela mesma pôde escolher o que usar – calça legging e uma blusa da Minnie, com sapatilhas com luzes que piscavam. Eu nunca a vi tão solta e despojada. Fomos para o parque, e lá ela pôde correr com o pai, brincar de bola, e, no cair da tarde, voltamos, os três, tomando sorvete.

Eu a ajudei a fazer o dever de casa e depois a tomar banho, mas foi o pai quem a ajudou a se vestir – pijama de unicórnio que acendia no escuro, com capuz com o chifre único do bicho, orelhas e flores. Amanda calçou as pantufas combinando, e nós três assistimos juntos ao filme *Moana* – escolha dela – comendo pizza.

À noite, já com os dentes escovados, ela se deitou na sua cama com Cadu, que leu uma história inteira para que ela dormisse. Quando eu fui até lá, encontrei-o passando a mão pelos cabelos dela enquanto a menina ressonava.

— Não tenho vontade de sair de perto dela — confessou baixinho. — Ela estava exausta e dormiu logo no começo da história, mas eu não pude deixá-la.

Sorri, encantada com o carinho e o cuidado dele.

— Quer dormir aí com ela?

Ele negou e se levantou.

— Posso atrapalhar seu sono. — Abraçou-me. — Se ela acordar à noite, vamos ouvir. — Beijou meu pescoço. — Esse dia foi muito especial. Obrigado por fazer parte dele, da minha vida.

— Eu amei cada momento, Cadu. — Segui-o para nossa suíte. — Eu sou louca pela Amanda.

— Eu sei. — Senti suas mãos por dentro do meu pijama. — Eu sou louco por você.

Nessa noite, nosso sexo foi diferente. Cadu estava mais carinhoso e também contido, embora totalmente intenso. Senti cada toque leve, cada estocada profunda, cada beijo ou lambida de uma maneira diferente. Foi como se mais do que nossos corpos estivessem se tocando.

Nossas almas.

Na manhã seguinte, Amanda pulou em nossa cama, e era como se

realmente fôssemos uma família. *Nós somos uma família!* Eu posso não ter gerado a Amanda, mas a amo como se fosse minha filha. Nunca quis tomar ou substituir o lugar da mãe na vida dela, mas sei que ela tem esse vazio, essa falta. Não deve ser fácil para uma garotinha não ter a mãe por perto, não ter uma referência ou alguém para conversar.

Eu quero preencher esse vazio na vida dela. Quero ser a mãe que ela não pôde ter nesses seis anos desde que Mônica morreu. Não preciso que ela me chame assim, apenas que ela sinta que eu sempre estarei ao seu lado e sempre a amarei.

Nosso café da manhã foi divertido, com panquecas voadoras e concurso do melhor recheio – ganhou o de Nutella com morangos que Amanda fez. Márcia adorou a garotinha, e Amanda a elogiou dizendo que suas panquecas eram tão boas quanto as da Eliza.

O momento emocionante da manhã foi proporcionado por Milena e pelo Luti. Os dois são padrinhos da Amanda e estavam havia anos sem vê-la pessoalmente. Milena a abraçou tão apertado e chorou tanto que eu fiquei com medo de que pudesse assustar a criança, mas Amanda, para a surpresa de todos, consolou-a.

— Tia Mi, a gente sempre vai se ver agora. Não precisa chorar. — E secou as lágrimas da tia, enquanto eu começava a verter as minhas.

Com Luti, foi festa pura. Ele a jogou para o alto e lhe deu de presente – ao estilo Luti – uma blusa sinistra do Iron Maiden, arrancando gargalhadas de todos quando ela fez careta para o tecido preto.

Todos nós a levamos ao colégio, e Cadu foi de mãos dadas até dentro do prédio a fim de conhecer a professora e confirmar que seria ele a buscá-la mais tarde.

— Você quer que eu não vá na ECA hoje? — indaguei, sabendo que ele já estava de coração partido por ter de se despedir da filha e levá-la de volta para os Kaufmanns.

— Não, Lara, tudo bem. Vou te levar para lá e depois levo Amanda de volta.

— Tem certeza?

Ele assentiu e me beijou.

Quando cheguei a casa, à tarde, ele estava no estúdio e dedilhava repetidamente a mesma melodia em sua guitarra.

— Composição nova? — questionei, sentando-me ao seu lado.

— Oi! — Beijou-me em cumprimento. — Acho que sim, mas só consegui essas notas até agora.

— Belas notas! Como foi a volta da Amanda?

— Triste. Se eu pudesse, nunca mais a levaria lá, mas saber que na semana que vem nos veremos mais nos consola.

Mesmo falando isso, Cadu me pareceu abalado. E realmente estava! Foi a primeira noite em que não fizemos amor desde que nos amamos pela primeira vez e que fomos para a cama separados um do outro. Ele ficou no estúdio e, quando se deitou, eu já estava dormindo.

— E agora já saiu — completo meus pensamentos. — O que será que houve?

Levanto-me e tomo um banho longo, ainda sentindo o coração incomodado e uma angústia estranha me cercando. No closet, vestindo-me para ir à aula, vejo a caixinha onde guardo o tesouro que mais prezo, tanto que nem o uso por medo de perdê-lo.

Retiro a corrente, e o pingente balança à minha frente. Fecho os olhos, sentindo a emoção de tê-lo em minha mão mais uma vez nesta data. Seis anos completos hoje!

Aperto-o forte e ouço o soluço ecoar pelo armário enquanto minhas pernas tremem e eu me ajoelho, fazendo uma prece para que ela tenha paz onde estiver e para que seus familiares possam ser consolados no dia de hoje.

Obrigada! É pouco para a grandiosidade do gesto que me proporcionou continuar vivendo, mas eu gostaria de poder dizer-lhe o quanto sou grata, o quanto tenho apreço pelo que eles fizeram por mim, mesmo sem me conhecer.

Superar a dor da perda e ainda pensar no próximo é o maior gesto altruísta deste mundo. Como pensar em um momento em que seu coração está quebrado? Como abrir mão de parte de seu ente querido em prol de um desconhecido? Eles pensaram e fizeram isso, e eu só estou aqui por causa desse amor enorme pelo próximo.

— Lara? — ouço a voz do Cadu. — Lara?!

Ele toca meu ombro, seu tom temeroso por me encontrar assim, no chão acarpetado do closet, ajoelhada e chorando. Olho para ele e sorrio, limpando meu rosto. Ele, claro, não entende nada, e eu o abraço apertado.

— Você está bem? — ainda ouço preocupação em sua voz, então assinto.

Cadu está bem-vestido, inclusive usa sapatos ao invés de tênis ou botas, e, pelo casaco úmido, percebo que esteve na chuva por um tempo. Pela roupa, ele não estava correndo, o que me deixa intrigada.

— Eu estava rezando — respondo. Ele franze o cenho. — Agradecendo. — Nós nos levantamos do chão. — Pensei que você tinha saído para correr.

Cadu respira fundo.

— Não, hoje não. — Beija minha testa. — O que te fez agradecer tão fervorosamente assim?

— A nova oportunidade que tive ao receber o coração.

Ele sorri.

Eu me sento no canapé que fica no meio do armário, e ele faz o mesmo. Assim como eu, Cadu está quieto e reflexivo, o que me intriga.

— Eu não sou de rezar, Lara. Mas também agradeço por você ter recebido esse coração e ter podido sobreviver. — Pega minha mão livre, enquanto minha outra continua apertando o pingente. — Agradeço por você ter entrado na minha vida. Hoje é um dia estranho para mim, sabe? Muitas lembranças...

— Para mim também. — Ele me encara. — É um dia feliz e triste ao mesmo tempo. Eu queria tê-la conhecido ou podido agradecer à sua família.

— Quem?

Respiro fundo, porque nunca conversei isso com outra pessoa além da minha avó. Nunca!

— A minha doadora.

— Pensei que tivesse sido anônimo.

Assinto.

— Foi, mas sei que era uma mulher. — Olho em seu rosto para lhe contar a história que não disse nem mesmo aos meus pais. — Meses depois da cirurgia, já em casa, recebi uma carta e, junto dela, veio um presente.

— A família dela os enviou a você?

— Penso que sim. — Dou de ombros. — Não tinha nome. Só dizia para eu cuidar do coração e para que fosse muito feliz.

Cadu fica um tempo sem dizer nada, olhando para longe.

— Foi uma bela mensagem. — Sorri, ainda um pouco triste. — Foi nesta data que você recebeu a carta?

— Não. Foi nesta data que recebi a doação.

Ele me olha assustado.

— Neste dia? — Eu assinto, e ele parece ainda mais confuso. — Há quantos anos mesmo?

— Seis anos hoje.

Cadu se levanta de repente.

— Seis anos? — Ele parece não acreditar.

— Sim. — Rio. — Eu não erraria a data! — Ele continua pasmo. — O que foi?

Levanto-me e caminho até ele.

— É uma... — ele para de falar, olhando minha mão. — O que é isso?

Eu lhe mostro o pingente.

— Foi o presente que me enviaram junto com a carta. — Balanço o pingente no ar, vendo o brilho dos diamantes. — Desde que eu o recebi, sempre

o usei no pescoço, mas, quando vim morar em São Paulo, a Tiana disse que era perigoso. É uma joia de verdade, feita de...

— Platina e diamantes. — Ele a pega com a mão trêmula, fazendo o desenho de um coração parar de balançar, enquanto analisa todos os detalhes da peça.

Em seu rosto, eu vejo espanto, e sua respiração fica mais rápida e pesada.

— Cadu? Tudo bem?

Ele solta a joia de repente e, sem dizer nada, sai do closet, andando o mais rápido que já o vi fazer, batendo a porta do quarto com tamanha força que o som reverbera e eu salto de susto.

O que está acontecendo com ele?

Ter Amanda comigo foi maravilhoso, além disso, ajudou a amenizar a dor desta semana. A empolgação por tê-la, os preparativos e o amor de Lara, tudo isso diminuiu a depressão que sinto a cada ano em que esta data chega.

Todavia, não hoje, quando ela voltou para a casa dos avós e Lara estava na faculdade. Aqui, sozinho dentro do apartamento, eu lembro e revivo cada sensação da perda da mulher que eu amei, que preencheu minha vida com cor e movimento. Volto a me sentir triste e desgraçado por tê-la perdido, por não poder criar nossa filha, por não ter tido a oportunidade de continuar amando-a...

Respiro fundo, ouvindo as notas doloridas e lindas que estou tocando. Animo-me com a possibilidade de voltar a compor e fico aqui, repetindo e

repetindo as notas, esperando inspiração para mais, porém, tudo o que eu penso é que irei reviver a dor novamente.

Lara aparece, conversa um pouco comigo, mas eu não estou querendo preocupá-la ou mesmo assustá-la com esse meu lado mais obscuro. Então fico entocado no estúdio até que a madrugada chega e eu posso chorar, colocando todos os sentimentos pesados para fora em forma de lágrimas.

Seis anos completos, exatamente à 1h da manhã. Tudo mudou, o sonho se transformou em pesadelo e minha vida virou de cabeça para baixo. Eu perdi tudo naquele acidente... Eu perdi tudo.

Franzo a testa por essa frase me parecer tão errada neste momento. Eu sempre me senti assim, sempre pensei que havia perdido a razão de continuar seguindo em frente quando Mônica morreu, mas isso não parece mais ser verdade.

Imagens da Amanda aqui conosco enchem meu coração de esperança e me mostram o motivo pelo qual estou pensando diferente. Lara comigo, nos meus braços, sua mão na minha, seu sorriso apaixonado. Gemo, sentindo-me um traidor. Como posso pensar na Lara no aniversário da morte de Mônica? É horrível pensar que este ano não está tão dolorido porque eu a tenho ao meu lado. Eu não deixei de amar a mãe da minha filha, tenho certeza disso! Então, como é possível que eu esteja apaixonado pela Lara?

Levanto-me e fico dando voltas no estúdio, tentando entender o que se passa dentro de mim. Vou para o nosso quarto e fico um tempão olhando Lara dormir, tentando compreender que sentimento é esse que ela me desperta.

Acabo cochilando, mas, assim que o dia clareia, já estou acordado e, apesar da chuva, a caminho do cemitério onde a placa com o nome da Mônica está. É claro que o mármore no chão é apenas um simbolismo. O corpo dela não está aqui, pois foi cremada. No entanto, eu o visitei ano após ano, e não vou deixar de fazer isso.

Sento-me na grama molhada, com as mãos na lápide, sem saber o que dizer. Todos os anos eu venho aqui e lamento, questiono, renovo meu amor e peço para que ela me espere. Neste ano, porém, nada disso sai da minha boca.

— Mônica... Eu sinto muito sua falta. Eu sinto muito por você não ter tido a chance de ver como nossa filha é linda, inteligente e doce. Amanda ficou comigo, na minha casa, e você tinha que ter visto sua alegria. Ela está crescendo, Mônica. — Choro. — Ela está crescendo, e você não está vendo isso! Ela precisa tanto de você, e eu também, nós não temos ninguém... — Suspiro, e a imagem da Lara, assim como todos os momentos que vivemos, os três, inundam minha mente. Eu não posso continuar me enganando! — Eu conheci alguém, sabe? Foi através de nossa filha que Lara entrou na minha vida. Ela é incrível

com nossa pequena, Mônica! Graças a ela, eu estou conseguindo ter Amanda comigo, e eu sou muito grato a... — Respiro fundo e olho para o céu cinza e chuvoso, percebendo que estou dando voltas como se não quisesse admitir o que estou sentindo. — Não vou mentir para você. Eu amo a Lara, Mônica, e não sei como isso aconteceu! — minha voz soa desesperada, mas, ao mesmo tempo, um enorme alívio e uma sensação de paz toma conta do meu coração. — Não posso entender como, mesmo ainda te amando, posso também amá-la, mas é a verdade... Eu me apaixonei há muito tempo, mas não conseguia enxergar ou admitir. Eu sempre fui um tolo nessas questões, não é? — Rio. — Lara me ama também, eu sinto isso, sabe? É tão bom sentir o amor novamente, é tão... libertador.

Abaixo minha cabeça e fico um tempo quieto, como se ela pudesse me responder e eu esperasse ouvir sua voz. É claro que nada disso acontece, mas a paz que eu sinto é como uma resposta, como se ela dissesse que está tudo bem eu amar outra.

— Eu nunca vou te esquecer e não vou deixar que Amanda te esqueça também. Amar a Lara não anula a importância que você tem na minha vida. Eu apenas descobri que meu coração ainda vive e que posso ser feliz como, tenho certeza, você iria querer que eu fosse. — Passo a mão pela lápide, como se fosse um carinho. — Adeus, Mônica, descansa em paz.

Ao sair daqui, vou direto para meu apartamento, correndo o mais rápido que posso com o carro, querendo chegar a tempo de falar com Lara antes que ela vá para a aula. Eu não posso mais esconder o que sinto e preciso que ela me diga o que sente também.

Quero anular esse acordo idiota e pedir a ela que seja minha esposa de verdade, mais do que na cama, na vida. Sorrio, sentindo-me um filho da puta muito sortudo por ter tido a chance de recomeçar e ainda ter recebido a dádiva de ter conhecido a Lara.

Entro no apartamento, já encontrando a Márcia na sala de jantar, colocando o café na mesa. Pergunto por Lara, e ela me informa que minha esposa ainda não desceu. Estranho a demora, pois ela nunca perde a hora, e vou atrás dela na suíte.

— Lara? — A cama ainda está desarrumada, então sigo para o banheiro, mas, antes, vejo-a ajoelhada e chorando no chão do closet. — Lara?!

Corro para ela desesperado, o medo fazendo o meu corpo inteiro tremer ao pensar que ela está passando mal. Só sinto alívio quando ela sorri para mim, levanta-se e começa a me explicar sobre o motivo pelo qual está desse jeito.

Quero contar a ela sobre minha visita ao cemitério e lhe falar sobre meus sentimentos, mas não sei exatamente como irei abordar o assunto.

— Eu não sou de rezar, Lara. Mas também agradeço por você ter recebido

esse coração e ter podido sobreviver. — Pego sua mão, entrelaçando nossos dedos, querendo contato com ela para continuar: — Agradeço por você ter entrado na minha vida. Hoje é um dia estranho para mim, sabe? Muitas lembranças...

— Para mim também — interrompe-me, e eu me calo. — É um dia feliz e triste ao mesmo tempo. Eu queria tê-la conhecido ou podido agradecer à sua família.

— Quem? — pergunto intrigado, pois ela me disse que a família de sua doadora não quisera que ela soubesse nada sobre a doação.

— A minha doadora.

Doadora? No feminino?

— Pensei que tinha sido anônimo.

— Foi, mas sei que era uma mulher. — Ela me encara. — Meses depois da cirurgia, já em casa, recebi uma carta e, junto dela, veio um presente.

— A família dela enviou a você?

— Penso que sim. Não tinha nome. Só dizia para eu cuidar do coração e para que fosse muito feliz.

Fosse feliz! É tudo o que eu mais quero, vê-la feliz, e eu prometo a quem quer que tenha escrito essa mensagem que eu me esforçarei todos os dias para que o coração de Lara só tenha felicidade.

— Foi uma bela mensagem. — Penso no dia de hoje e na coincidência de Lara ter recebido a carta. — Foi nesta data que você recebeu a carta?

— Não. Foi nesta data que recebi a doação.

Olho-a assustado. Ela recebeu o coração no mesmo dia do aniversário da morte de Mônica?! A coincidência é absurda demais e... Meu coração dispara ao pensar no tempo. Mônica morreu há exatos seis anos, e Lara recebeu o coração aos 16, então... Não! É coincidência demais!

— Neste dia? — Ela afirma com a cabeça. — Há quantos anos mesmo?

— Seis anos hoje.

O espanto de saber que foi no mesmo dia me faz levantar, e eu fico andando de um lado para o outro, tentando processar a informação de que, na mesma data, eu perdi a mulher que amei e a que amo agora ganhou a chance de continuar vivendo. *No mesmo dia!*

— Seis anos? — repito a pergunta, ainda pasmo com a coincidência.

— Sim. — Ela ri. — Eu não erraria a data! — Lara parece intrigada com minha reação. — O que foi?

Ela vem até mim, e eu penso que é a oportunidade de dizer tudo para ela. Mônica perdeu a vida no mesmo dia em que Lara a ganhou de volta. *Incrível!* Eu nunca acreditei no destino, mas, depois dessa história, começarei a acreditar.

Não tem outra explicação!

— É uma... — começo a lhe explicar, porém, algo conhecido chama minha atenção. — O que é isso?

Ela abre a mão completamente e segura a fina corrente de platina que sustenta o pingente com a letra M do nome de Mônica. Fico branco ao ver a joia, cara e exclusiva, feita para ela em comemoração aos seus 15 anos em uma joalheria da Europa, uma legítima Cartier. A letra M foi desenhada de modo a se parecer com um coração, e a platina foi toda encrustada de diamantes.

— Foi o presente que me enviaram junto com a carta. — *Não! Isso não é possível! Essa joia era da Mônica, eu tenho certeza!* — Desde que eu o recebi, sempre o usei no pescoço, mas, quando vim morar em São Paulo, a Tiana disse que era perigoso. É uma joia de verdade, feita de...

Que loucura é essa?, questiono-me, completando a fala dela e segurando o objeto em minhas mãos, conferindo se é realmente de verdade:

— Platina e diamantes.

Não tenho mais dúvidas de que se trata do colar de Mônica ao ver a assinatura do designer de joias na parte de trás da peça, um símbolo tão pequeno, mas que traz ainda mais valor a esse objeto.

Minha cabeça começa a rodar, e eu não entendo o que está acontecendo, pois a história que Lara está me contando não condiz com a que eu sempre soube.

Em seu rosto, eu vejo espanto, e sua respiração fica mais rápida e pesada.

— Cadu? Tudo bem?

A incredulidade toma conta de mim, e eu penso em como é possível que Lara tenha essa joia, em como esse pingente tão valioso e exclusivo foi parar em suas mãos. Imediatamente a imagem do doutor Anselmo, tão interessado nela, tão preocupado e afetuoso, acende-me um sinal de alerta de que há algo nessa história que eu não sei.

Isso é loucura, Cadu! Solto o pingente e praticamente corro para longe de Lara, minha cabeça rodando e uma sucessão de imagens desfilando em minha mente. Após o acidente, eu fiquei desacordado por um bom tempo, principalmente porque operaram minha perna para colocar os parafusos. Quando despertei, tudo já havia acontecido, a notícia de que Mônica não resistira aos ferimentos e morrera e, por fim, sua cremação.

Foi tudo confuso, parecendo rápido demais, embora eu tenha demorado para ficar consciente, e o mais importante: informações incompletas. Traumatismo craniano, foi o que me disseram como motivo de sua morte, apenas isso. Em momento algum foi-se ventilada qualquer informação sobre uma possível doação de órgãos ou mesmo de morte cerebral.

Dirijo como um louco até o HK, onde sei que meu ex-sogro deve estar. Entro marchando no suntuoso hospital e sigo para a recepção.

— Quero falar com o diretor do hospital.

A recepcionista franze o cenho, mas logo me reconhece, ficando pálida. Claro que todos aqui devem saber da ligação que eu tenho com o Kaufmanns, por isso ela logo pega o telefone e fala com uma pessoa, sempre me olhando de esguelha.

— A secretária do doutor Anselmo disse que ele está em reunião e...

Não espero mais nenhum segundo para terminar de ouvir a desculpa do homem para não me atender. Escuto a voz desesperada da moça chamando meu nome enquanto ando em direção aos elevadores.

Um segurança é chamado, e ele logo vem correndo em minha direção, mas, para minha sorte, o elevador chega, e eu entro já apertando o botão de fechar as portas, não dando chance ao homem para me interceptar. Claro que eu sei que terá mais um segurança me aguardando no andar onde fica o escritório do doutor Anselmo. Entretanto, a ideia é usá-lo para chamar a atenção do meu ex-sogro e obrigá-lo a me receber.

Minha previsão não está errada, apenas no número de seguranças – dois me aguardam –, mas eu logo imponho resistência, empurrando-os e gritando:

— Anselmo! — Tento me livrar das mãos de um enquanto chuto o outro. — Anselmo, porra, aparece! — grito em direção à sua sala, e ela logo se abre. Assim que o vejo, paro de lutar e sou contido pelos dois brutamontes, que começam a me arrastar de volta para o elevador.

— Eu vi o pingente! — grito, e ele arregala os olhos. — Eu o vi com Lara!

O homem fecha os olhos e respira fundo.

— Soltem-no — ordena, e seus capangas obedecem imediatamente. — Mariana, eu vou para a sala de reuniões com o Carlos Eduardo e não quero ser interrompido e ninguém transitando pelo corredor. — A secretária assente cheia de receio. — Acompanhe-me.

Vira as costas e caminha na minha direção, passando direto por onde estou parado, seguindo por um enorme corredor. Eu me sinto em choque, sem conseguir acreditar que o que se passa pela minha mente pode ser verdade.

Não! Deve haver outra explicação! Anselmo gosta muito de Lara e pode a ter presenteado... Balanço a cabeça ao lembrar que ela não sabe quem lhe enviou a joia e que a mesma está com ela há anos, desde o transplante. Engulo em seco, segurando a vontade de gritar com o homem mais velho à minha frente, exigindo saber a verdade.

— Entra, Carlos Eduardo. — Eu o faço, e ele tranca a porta. — Você disse que...

— Eu vi o pingente da Mônica com a Lara! — disparo, andando de um lado para o outro dentro da sala de reuniões. — Mas não foi só isso. Ela me contou como ele foi parar em suas mãos!

O médico se apoia à mesa, abaixando a cabeça como se um enorme peso estivesse em suas costas.

— Você disse a ela que a joia era...

— Não! — Rio como louco. — Nem eu estava acreditando que se tratava da mesma joia! — Aproximo-me dele. — Me diga o que houve quando o acidente aconteceu. — Ele me encara. — Eu entendo o que tudo isso parece, mas não consigo acreditar!

Choro, desesperado, ao imaginar tudo o que ele irá me contar.

— Eu fui o primeiro a chegar lá quando me notificaram. — Anselmo senta-se na cadeira principal da sala. — Enquanto os médicos tentavam estabilizá-la, solicitei uma UTI aérea, tratei da sua transferência para ser operado aqui e tentei não me desesperar, apesar do quadro que vi ao chegar.

— Vocês me disseram que foi traumatismo craniano...

— Foi — confirma. — A pancada na cabeça quando ela foi arremessada contra o para-brisas... Eu ficava me perguntando por que vocês não usaram um dos meus carros com airbags, por que não usavam cinto de segurança e por que ela estava ao volante. — Lágrimas grossas rolam de seus olhos. — Eu sabia que ela dirigia e assim que fez 18 anos, dei de presente as aulas da autoescola, eu só não...

— O que aconteceu, doutor? — interrompo-o, pois sei disso tudo, respondi processo por tê-la deixado conduzir meu carro e ter assumido o risco. Fui absolvido porque entenderam que o evento resultante foi mais danoso do que qualquer pena que me imputassem.

— Ela estabilizou, seu coração normalizou, mas o traumatismo era muito sério e, por isso, não a movemos. Você foi para o HK, no entanto, ela não. Mônica ficou no hospital público, porque o inchaço no cérebro não diminuía, pelo contrário, a cada hora o edema era maior, e eu sabia que não haveria mais jeito. — Soluça. — Minha filha estava morrendo. Seu coração batia forte, embora mantido por aparelhos, mas seu cérebro estava se deteriorando. O neurologista me chamou para conversar e me informou que o quadro era irreversível. Horas se passaram, e já não havia mais nenhuma esperança. — Eu me agacho no meio da sala, apoiando minhas mãos no chão, sem conseguir conter minhas pernas. — Foi aí que falaram sobre uma possível doação.

Não! Eu sinto vontade de gritar diante da confirmação de toda essa situação absurda. Que tipo de brincadeira do destino é essa? As palavras de Lara me explicando como ela se sentia ao saber que uma família teve que perder seu ente

querido para que ela pudesse sobreviver me chocam, tiram-me o ar.

Eu perdi a mulher que amava!

Amanda perdeu a mãe que nunca pôde conhecer!

— O tempo era curto, e todos os exames para a constatação da morte encefálica foram feitos e ficou provado que não havia mais jeito, ela já havia partido. Os aparelhos a estavam mantendo, mas a qualquer momento Mônica poderia ter uma parada cardíaca, o que inviabilizaria uma doação. — Escuto-o tomar ar. — Eu concordei em doar, e acionaram os órgãos responsáveis que listaram os pacientes à espera. Lara, apesar do tempo na fila, não era a primeira, o coração ia para outro estado.

Aconteceu um milagre... as palavras dela martelam em minha mente o tempo todo.

— O paciente que iria receber o órgão foi a óbito enquanto preparavam a cirurgia para a retirada, então, rapidamente, o redirecionaram para a Lara, que estava internada no Hospital do Coração. Eu fiz questão de acompanhar tudo e conheci a história da menina que havia passado por tantas cirurgias, mas que estava morrendo aos poucos. Eu acompanhei, mesmo a contragosto dos outros médicos, a cirurgia do transplante e depois a visitei no hospital enquanto ainda estava sedada.

— Por que vocês nunca me falaram sobre isso? — mal consigo fazer a pergunta, minha respiração está pesada e difícil, e eu sinto dor física no peito.

— Geórgia não sabe. — Eu o encarro estupefato. — Por causa do acidente, o corpo da minha filha teve que ir ao IML, e eu usei isso como desculpa para a demora na liberação. Os órgãos foram todos doados, ela foi autopsiada e, por fim, cremada.

Levanto-me com dificuldade, ainda mantendo meus olhos nos dele.

— Você sempre soube que a Lara foi quem recebeu o coração da Mônica e ainda assim continuou guardando segredo? — Viro-me e soco a parede. — Você sempre soube! Foi de propósito que a aproximou de Amanda?

Ele nega, mas eu não acredito.

— Quando a vi entrar em minha casa, achei que tivesse descoberto e que tinha ido lá para nos conhecer. — Balança a cabeça. — Imagine meu espanto ao descobrir que ela era a nova professora de música da minha neta? E o pior... imagine como eu me senti ao saber que Amanda era louca pela moça?

— Porra! — Choro. — Isso não pode ser verdade!

— Quando soube dos encontros entre vocês e depois os vi aqui no hospital, fiquei desesperado. Eu não podia acreditar no que estava acontecendo!

Eu ainda não posso! Lara com o coração da Mônica! Aquela noite trágica para mim, o motivo de meu desespero durante anos foi o que salvou minha

esposa!

Gemo de dor ao pensar nisso. A morte de uma possibilitou a vida da outra, e, por algum motivo, o destino ligou nós três. Será que o amor que sinto pela Lara, na verdade, é só uma continuação do que sentia pela Mônica? De alguma forma meu coração sabia que o da Mônica continuava a bater?

A situação toda me confunde, e eu me sinto perdido. Sinto o doutor Anselmo me tocar no ombro e desabo mais uma vez, os soluços sacodindo meu corpo.

— Eu não sei o motivo pelo qual vocês se aproximaram, porém, tenha em mente o que eu vou lhe dizer. — Freio meu desespero, ouvindo o médico: — É só um órgão, Cadu — o uso do meu apelido o deixa mais próximo, e eu sinto que ele quer me consolar. — Lara não é a Mônica, as duas não se parecem absolutamente.

Eu o encaro.

— Como você explica eu nunca ter me apaixonado durante todos esses anos e agora amar a Lara? — Ele arregala os olhos. — Como você explica que ela me ame, apesar de meus defeitos e meu passado?

— Não siga por esse caminho...

Rio, sarcástico.

— Há outra explicação? — questiono. — Minha filha a ama, e eu sei que Lara corresponde aos sentimentos da Amanda. As duas juntas são como mãe e filha.

— É só um coração — ele ressalta. — O que está acontecendo com vocês dois não tem nada a ver com o que aconteceu no passado entre você e minha filha. Eu sei que a coincidência é gigante, mas não passa disso.

O que ele me diz cala fundo dentro de mim, e eu sou obrigado a concordar. É só um coração! Apesar de ser o coração da Mônica, ela não está mais ali, os sentimentos dela se foram quando morreu. E o que eu estou sentindo agora, todo o amor e paixão que sinto pela Lara nasceu pela nossa convivência, por eu estar próximo a ela, por querê-la.

Eu aprendi a amar a Lara de uma forma muito diferente do que aconteceu quando me apaixonei pela Mônica. As duas não são nada parecidas; ainda assim, eu me apaixonei por ambas. Não é justo que eu diminua o que sinto pensando se tratar apenas de uma repetição do sentimento por causa de um órgão doado. Não é justo comigo e, muito menos, com a Lara.

Eu a amo! Independentemente de quem era o coração que agora está em seu peito, eu a amo. Isso não faz diferença no que eu sinto por ela. Saber que ela tem o coração da Mônica foi um choque, mas não muda nada entre nós. Pelo menos para mim.

Respiro fundo ao pensar na reação dela ao saber quem foi sua doadora. Lara vai questionar meus sentimentos se eu me declarar agora. É importante que ela acredite no que sinto primeiro para depois saber sobre a doação, ou mesmo... Volto a encarar o médico, tendo uma ideia.

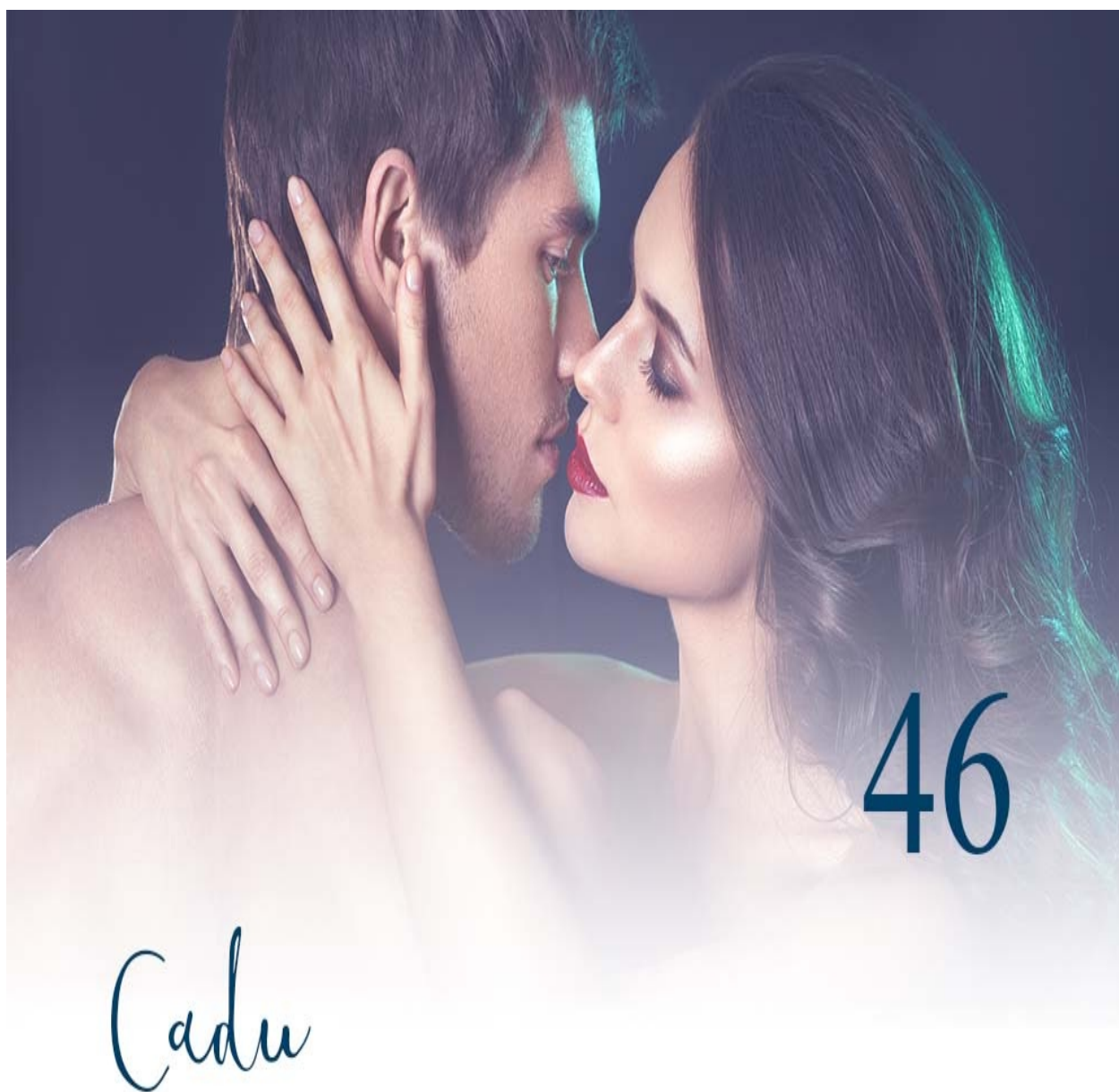
— Vamos manter o segredo. — Seu rosto demonstra sua surpresa. — Você tem seus motivos para não ter dito à sua esposa sobre a doação. Eu tenho os meus para não querer que a Lara saiba.

— Eu não sei se...

— Você teve a chance de contar tudo para ela quando Lara foi trabalhar em sua casa. Decidiu não o fazer e continuou omitindo de todos o que fez naquele dia. Eu sei que sua esposa não vai perdoá-lo por ter doado os órgãos da filha, tenho certeza disso. — Ele assente. — Vamos manter tudo isso em segredo.

— Certo. — Ele respira fundo. — Não vou revelar nada a ninguém.

Assinto, secando meu rosto, pensando em como agir daqui para frente com Lara sem demonstrar que sei de algo. Eu preciso que ela acredite no que sinto por ela, preciso saber se me ama também, e então formaremos uma família de verdade.

Ela não sabe quem é sua doadora e, devido às circunstâncias, é melhor continuar não sabendo. Minha consciência dói por estar escondendo algo tão importante dela, mas eu tento aliviá-la dizendo a mim mesmo que faço isso pela felicidade de Lara também.

Depois da revelação na sala de reuniões do HK, saio do prédio ainda muito confuso, mas com a certeza de que a decisão de manter o segredo é a melhor que podíamos ter tomado. Fico um bom tempo parado na entrada do hospital, apenas olhando para o nada, completamente chocado com as reviravoltas do destino.

Meu telefone apita notificações de mensagens o tempo todo, mas eu não consigo coordenar meus pensamentos a fim de checá-lo. Tudo o que há em minha mente neste momento é o fato de a mulher que eu amo possuir um pedaço ainda vivo da mulher que amei. Essa terrível coincidência, que nunca deveria ter acontecido, mas que é real e com a qual eu preciso aprender a lidar. Lara não pode saber!

Volto para casa tentando parar de tremer, obrigando-me a ficar calmo para que, quando ela retorne da faculdade, encontre-me o mais normal possível dentro das circunstâncias. Não quero preocupá-la e, muito menos, deixá-la desconfiada de que algo de errado ocorreu. Preciso de tempo para demonstrar a ela o que sinto, para deixá-la confiante do meu amor. Preciso que ela acredite que eu a amo!

O celular toca, e o nome de Angélica aparece na tela do carro. Respiro fundo, sabendo que esse é outro assunto que tenho que resolver e que não o fiz ainda porque ela estava fora de São Paulo em um trabalho.

Atendo.

— Oi, Angélica.

— Ei, Cadu! — sua voz é sexy e brincalhona. — Eu estou saudade e queria saber se...

A minha falta de paciência aliada ao medo de perder a Lara – por qualquer motivo – faz com que eu seja bem franco com ela.

— Qual foi o propósito de sua visita à minha esposa? — interrompo-a com a voz séria.

— Ela reclamou de mim? — Angélica parece assustada. — Eu só fui me desculpar pelas fotos nossas que a imprensa divulgou e deixar bem claro que você e eu somos apenas amigos.

Rolo os olhos ante sua voz completamente teatral, fingindo-se de inocente. Eu não entendo qual é o propósito dela. Definitivamente Angélica não é a mesma pessoa que eu conheci há anos.

— Lara não reclamou de você. Ela me contou exatamente isso. — Angélica fica muda ao telefone, e eu decido ser direto com ela: — Eu não sei qual foi a impressão que te passei sobre meu casamento, mas, ao contrário do que a imprensa ou você estão pensando, ele é de verdade. Eu não estou com a Lara por outro motivo senão por querer estar com ela.

— Cadu, eu não...

— Nós nos amamos, Angélica — não a deixo se defender. — Eu me ofereci como amigo a te ajudar, mas é apenas isso. Não vai haver mais nada entre nós, e eu pensei ter deixado isso claro depois daquele beijo. — Entro na garagem do prédio, e ela continua muda na linha. — Não vá mais atrás da Lara, sob nenhum pretexto. Ela é minha mulher, e eu vou protegê-la de quem quer que seja.

Escuto-a fungar.

— Eu sinto muito se causei algum tipo de problema entre vocês com minha...

— Não causou, mas também não convenceu, nem a ela e nem a mim, do motivo da visita. — Paro o carro. — O que está acontecendo, Angélica? Eu juro

que tentei não pensar que você teve algo a ver com aquelas fotos, mas essa sua visita a Lara me fez reconsiderar.

— Eu... — sua voz está trêmula. — Eu descobri que amo você.

Contenho a risada, pois a conheço e sei que esse não é o caso.

— Fale-me a verdade, Angélica. Eu acho que, depois de tantos anos de amizade, mereço isso.

Ela começa a chorar.

— Você vai me odiar — dessa vez não há nada teatral no seu choro. — Você vai me odiar...

Meu corpo inteiro se arrepia ao perceber que há algo muito sério ocorrendo e que eu não sei.

— Angélica? — As imagens dela me oferecendo bebidas, drogas, pedindo-me ajuda e depois interferindo no meu relacionamento parecem ter um só propósito. — Quem pediu a você que me prejudicasse?

Ela chora ainda mais.

— Cadu... eu não queria, mas voltei para cá sem dinheiro e cheia de dívidas e... — Fecho os olhos, sentindo a punhalada da traição nas costas. — Geórgia Kaufmann me deu dinheiro. Ela me procurou, sabendo do nosso relacionamento, e me pediu para manter você no vício.

Puta que pariu! Fecho os punhos, tamanha a raiva e soco o volante ao mesmo tempo em que grito um xingamento. Ouço os soluços de Angélica pelos alto-falantes do carro, mas já não sinto pena, só desprezo.

— Quando não consegui, inventei aquela história do aborto. Eu perdi meu contrato porque dormi com o marido da dona da agência, e ela descobriu. E não só me despediu, ela fechou todas as portas para mim, eu estava desesperada!

— Nada justifica, porra! — grito. — Você sempre soube da minha luta para ter Amanda comigo, sempre soube e se vendeu! Se precisava de grana, era só me pedir! Me procurasse! Éramos amigos!

— Eu sei... Eu só estava desesperada, e você tinha sumido por causa da reabilitação, então eu aceitei. Mas quis parar, disse a ela que não havia conseguido nada, no entanto, ela me obrigou a continuar tentando te desestabilizar. Eu tenho uma confissão de dívida com ela, Cadu. É muito dinheiro... — Bufo de raiva ao ouvir isso. — Eu nunca quis te prejudicar, nem ao seu casamento, eu só não tinha saída. Me perdoe...

Não consigo ouvir mais nada e termino a ligação antes que cometa uma loucura e fale algo de que possa me arrepender mais tarde.

Que dia! Ponho as mãos sobre o rosto, recitando a oração da serenidade, pedindo forças para lidar com cada situação que se mostra diante de mim hoje. Eu sabia que os Kaufmanns fariam qualquer coisa para me manter longe da

minha filha, mas nunca imaginei que jogariam tão sujo.

Se Angélica tivesse conseguido, neste momento eu estaria bêbado, drogado e sem nenhuma esperança de ter minha filha comigo. Eu não teria encontrado a Lara, não teria tido a chance de me apaixonar novamente, de me sentir vivo de verdade, de poder ter, enfim, uma família.

Mais do que nunca, eu preciso afastar minha filha do convívio daquela mulher mesquinha e vingativa. Eu preciso ter Amanda comigo!

Entro no apartamento ainda perturbado com os acontecimentos e me surpreendo ao ver a Lara na cozinha com a Márcia.

— Ei! — ela me cumprimenta, secando as mãos e vindo em minha direção. — Está tudo bem?

— Você não foi para a faculdade hoje?

Ela sorri e nega.

— Hoje não. — Abaixa o tom de voz e me toca o rosto: — Ainda mais depois da forma com que você saiu de manhã. O que houve?

Olho-a, sentindo o peso do segredo que decidi manter, ouvindo minha consciência gritando que ela merece a verdade, mas com meu coração apertado com o medo de perdê-la por isso.

Abraço-a forte, tremendo, temendo magoá-la ou perdê-la com a verdade. Seguro seu rosto. Lara olha-me sem entender, levemente assustada, e eu beijo sua testa, cheio de carinho.

— Descobri que Angélica foi paga para me prejudicar. — Lara arregala os olhos. — Pelos Kaufmanns.

Ela fecha os olhos, e noto que a informação lhe causa dor. Eu sei do apreço que ela tem pelo doutor Anselmo, pela forma carinhosa com que ele sempre a tratou e penso na mágoa que irá lhe causar saber que o médico só teve consideração com ela por causa do coração da filha.

Não! Ela não pode saber!

À noite, saio do banho já enrolado em um roupão e desço para encontrar minha mulher na sala. Ouço-a cantando baixinho e sinto um delicioso cheiro no ar. Um sorriso enorme se estampa em meu rosto quando consigo vê-la na cozinha, preparando seu famoso macarrão com queijo.

— Sabe que, se comermos isso todos os dias, vamos virar duas bolas, não sabe? — Lara se sobressalta com minha pergunta.

— Você está enganado! — Ela tem um sorriso vitorioso nos lábios. — Não

estou fazendo macarrão!

Aponto para a panela com molho de tomate, e ela pega uma travessa, na ilha do outro lado da cozinha, cheia de bifes grelhados.

— Márcia me ensinou a fazer filé à parmegiana — diz animada. — Estou testando.

— Lara, você não precisa cozinhar, podemos pedir co...

— Eu gosto! — Dá de ombros. — Eu sempre quis aprender, mas nunca tive oportunidade, então...

Agarro-a pela cintura, sentindo a mistura do perfume do seu xampu e o cheiro do molho, achando-a ainda mais deliciosa.

— Você vai mesmo me fazer de cobaia? — brinco.

— Vou, e você vai experimentar tudo como um bom menino. — Ela geme quando eu experimento o sabor da sua nuca. — E vai me dizer se ficou bom... — geme novamente quando eu sugo o lóbulo de sua orelha — ou não.

— Hum... — Encosto minha boca em sua orelha. — Sabe que esse negócio de experimentar me abriu outro apetite? — Ela ri, nervosa, e se espreme mais contra meu corpo. — O jantar pode esperar um pouco, não pode?

Lara não responde, simplesmente desliga o fogo que mantinha o molho fervendo. Sorrio ao perceber que ela me quer tanto quanto eu a quero. Para falar a verdade, estamos precisando mesmo de um momento só nosso, um dentro do outro, para melhorar este dia tão tenso e cheio de revelações.

Ergo-a em meus braços, fazendo-a sentar-se sobre o balcão principal da cozinha, que faz divisa com a sala de jantar. Sua boca corresponde à minha freneticamente, em um tórrido desespero, ambas desejosas, sedentas.

Meu corpo inteiro vibra reagindo a ela. O tesão que me toma é algo inexplicável, eu preciso de Lara. Sinto-me um bicho enjaulado, a vontade de senti-la percorrendo minhas veias, deixando-me frenético, fora de mim. A blusa de malha fininha que ela usa é rasgada de cima a baixo, deixando seus seios, cobertos por um sutiã de renda branca, expostos ao meu olhar.

Faço-a a se deitar no granito gelado e puxo sua calça, tirando-a e a jogando longe, deixando seu corpo quase sem barreiras para meu prazer.

— Lara... — Beijo suas coxas macias, escutando seus gemidos. — Eu preciso de você agora...

Ela assente, abrindo as pernas como em um convite.

Não penso duas vezes, tiro o roupão, revelando meu pau já completamente duro, e afasto sua calcinha para o lado, entrando nela sem nenhuma preliminar, louco de fome, gemendo sob a tortura de sentir minha carne penetrando a dela centímetro por centímetro.

Quente e molhada, é como ela está ao me receber. Puxo-a para a beirada do

balcão, e ela se senta novamente, suportando meu ritmo frenético e as estocadas fortes e desesperadas. O prazer é intenso, eu o sinto reverberando em cada célula, é dolorido, toma-me o fôlego, um eterno gozo sem ejaculação.

Abro meus olhos, e os dela prendem os meus, acalmando-me. Minhas mãos percorrem suas costas com carinho e cuidado, meu pau avança e recua devagar, e ela sorri.

— Eu amo você. — Fecho os olhos, sentindo o orgasmo me invadindo. — Eu amo você, Lara.

Encaro-a e paraliso ao ver lágrimas escorrendo pelo seu rosto. O pânico toma conta de mim, esfriando meu corpo, acalmando o tesão enlouquecido que me tomou por completo.

— Lara? — Toco seu rosto molhado com a ponta do meu dedo. — O que foi?

— O que você disse... — Meu coração dispara. — Você sente mesmo isso por mim?

Sorrio e a beijo, mais aliviado.

— Eu amo você. — Ela sorri. — Não sei quando aconteceu, mas foi há bastante tempo. Eu sei que disse que nunca ia acontecer e que...

Ela põe a mão sobre minha boca, impedindo-me de falar.

— Eu te amo também — sua voz é baixa e cheia de emoção. — Apaixonei-me desde a primeira vez em que te vi com Amanda.

A revelação me surpreende, pois, naquela época, eu achava que ela nem gostava de mim, quanto mais... Lembro-me do que ela me disse quando perguntei se ela era apaixonada por alguém e rio de mim mesmo.

— Eu era o babaca que não te enxergava? — Ela assente, sorrindo. — Ah, Lara... — Abraço-a apertado, ainda dentro dela. — Obrigado por não ter desistido de mim.

Beijamo-nos com carinho, entre risos e lágrimas. Novamente me sinto completo. Depois de anos achando que tinha perdido a capacidade de amar, que meu único amor havia morrido, eu a encontrei e tive uma nova chance de ser feliz.

Lara se move, rebolando devagar, e eu gemo, totalmente desperto novamente. O desejo desenfreado agora é mais calmo, porém, não menos intenso e delicioso. Faço amor com ela com atenção, com carinho, com a mulher que eu amo, sentindo o sentimento nos preencher. Antes de me perder no orgasmo, faço uma prece para que nada mais interfira em nossas vidas, para que possamos ser felizes.

Para que ela nunca saiba!

Podem acontecer dois milagres no mesmo dia?, pergunto-me enquanto tomo banho para ir até a faculdade. Ontem foi um dia muito especial, cheio de recordações, cheio de orações de agradecimento por ter tido a chance de continuar vivendo e, para aumentar ainda mais a importância da data, Cadu disse que me ama.

Um sorriso bobo aparece em meu rosto, e eu me sinto tão feliz que danço debaixo d’água.

Ele me ama! Ele me ama!

Braços enlaçam minha cintura, e um corpo firme se balança junto ao meu no chuveiro. Eu rio, adorando o contato com a pele dele.

— Alguém acordou bem-humorada hoje... — Suas mãos cobrem meus seios e os afagam com força. — Por que não me acordou para tomar banho com você?

— Era para ser um banho rápido para ir para a ECA — informo-lhe, mas isso não faz diferença para ele, que continua me acariciando. — Cadu...

— Meu corpo sentiu a falta do seu na cama, por isso acordei. — Ele desliza uma das mãos pelo meu abdômen até tocar meu clitóris. — Você é minha, Lara. Não só seu corpo, você inteira!

Giro em seus braços e o beijo cheia de vontade de me perder na loucura que criamos juntos a cada vez que nos amamos. O sexo ontem começou acelerado, mas, depois que Cadu se declarou, abrandou-se, porém, sem perder a intensidade. Esquecemos de vez o jantar e ficamos deitados no sofá da sala de televisão, tocando-nos, gozando, amando um ao outro como se fosse a primeira vez.

No meio da noite eu acordei. Estava ainda morrendo de vontade, excitada e, sem nenhum pudor, acordei-o com um boquete que o fez gemer alto e implorar. Sinto-me poderosa com ele em minha boca, vendo-o se derreter ante o meu carinho, levando-o ao desespero de tesão.

Ele não quis gozar com o sexo oral e me pediu para ficar de quatro. Fui ao céu primeiro com sua boca, comendo-me por trás, e depois quando ele entrou em mim, brincando com meu bumbum com o polegar.

Confesso que sempre tive medo de sexo anal, mas a curiosidade e a vontade de experimentar tudo com Cadu me fazem ficar excitada somente ao pensar em fazer. Eu quero tudo com ele! Quero que me mostre, que me ensine, que me faça provar... Eu quero ser dele por inteiro, como ele disse que é meu.

Cadu pega o sabonete líquido e o derrama sobre mim. O cheiro de limão e alecrim toma conta do ambiente enquanto ele vai espalhando-o sobre meu corpo, criando uma espuma espessa e muito cremosa, massageando minha pele. O olhar dele sobre mim é intenso e concentrado, suas mãos me lavam ao mesmo tempo em que me acariciam e excitam.

— Eu quero você, Lara. — Cadu se ajoelha no chão do boxe. — Preciso de você!

Ele afasta minhas pernas e imediatamente encosta a boca sobre mim, brincando com a língua no meu sexo. Eu me encosto contra a parede azulejada e levanto uma das pernas, dando-lhe mais acesso, e a apoio sobre as costas dele.

Cadu não se faz de rogado e me abocanha com fome, sugando e penetrando com sua língua, fazendo com que eu lhe agarre os cabelos molhados e arfe de prazer. Eu amo o jeito como ele me devora inteira, a forma como demonstra o quanto me deseja. É visceral, é poderosa, é tão forte quanto a vontade que eu

tenho dele.

Fecho os olhos quando ele começa a sugar meu clitóris ao mesmo tempo em que introduz dois dedos em mim. As sensações ainda são novas, e, a cada descoberta, eu me apaixono mais por ele e pelo jeito com que faz meu corpo vibrar de prazer.

Gozo com loucura, rebolando os quadris no seu rosto, segurando-me precariamente em seus cabelos enquanto travo o calcanhar em suas costas. Quando ele levanta, lambendo os lábios e com os olhos verdes brilhando de malícia, não consigo nem me recuperar da tremedeira do gozo, e ele já me empurra para o chão, segurando meus cabelos com força e metendo sem nenhuma piedade em minha boca.

Os seus gemidos são deliciosos e impressionantes, e eu o deixo extravasar um pouco, pois sei que ele logo irá se acalmar e fará amor comigo como aconteceu ontem. E isso não demora. Cadu me olha sorrindo enquanto eu o chupo, já sem o ritmo imposto por ele, apenas tomando-o em minha boca e sugando devagar, torturando-o, como sei que gosta.

Ele me pega no colo e se senta no aparador de xampus, invadindo-me devagarinho, deixando meu corpo inteiro trêmulo e à espera de mais um orgasmo.

— Eu te amo, Lara — diz quando eu já me encontro totalmente empalada por ele. — Nunca duvide disso. — Começa a se mover devagarinho. — Eu amo você!

Ouvir essa declaração enquanto ele me possui é como chegar ao paraíso.

Termino meu sanduíche o mais rápido que posso, já atrasada para retornar à aula. O clima aqui na faculdade anda estranho desde que souberam que eu sou casada com o Cadu e que me viram cantar com ele na premiação. Antes, eu pouco era notada, agora, todo mundo parece me ver, e isso não é algo que me agrade totalmente.

Marlon me disse para aproveitar, andar de cabeça erguida e me sentindo poderosa por ter fisgado um gato que muitas mulheres – e alguns homens – querem para si. No começo, por causa da precariedade do nosso acordo, eu ficava um tanto constrangida e não me sentia essa pessoa sortuda como meu amigo pintava, mas agora, sabendo que Cadu me ama, eu me sinto a própria sorte!

Jogo o resto do sanduíche no lixo e tomo mais um gole do suco natural que

preferi hoje, em vez da tradicional Coca-Cola, e confiro meu celular para ver as horas. Neste exato momento ele toca, e, no visor, aparece um número de telefone fixo que não está na minha agenda.

— Alô?

— Lara Martins? — uma mulher pergunta, e eu assinto. — Eu sou Rosane, a secretária do doutor Anselmo, direto do Hermman Kaufmann, tudo bem?

Eu conheço a Rosane, claro, de quando estive no hospital para a primeira bateria de exames que o meu ex-patrão me pediu para fazer, mas estranho que ela tenha me ligado.

— Posso ajudá-la em algo, Rosane?

— Estou ligando para confirmar o retorno agendado com o doutor Varella. — Fecho os olhos, lembrando-me de que, sim, deixei agendado o retorno com o cardiologista quando estive por lá meses atrás. — A consulta é na próxima segunda-feira, posso confirmar?

— Pode, sim — respondo já à porta da sala de aula, ouvindo as instruções sobre o horário e o consultório em que ele estará, antes de desligar.

Eu gostei muito do médico indicado pelo doutor Anselmo e, como os exames que fiz foram só de acompanhamento, não vejo problema algum em continuar com ele, mesmo estando extremamente decepcionada com o que os Kaufmanns tentaram fazer com meu marido.

Cadu viaja hoje para um show fora da cidade e só deve retornar na sexta-feira. Amanda irá passar o final de semana conosco, e nós já fizemos vários planejamentos para que meu pequeno Raio de Sol escolha o que fazer.

Entro sorridente na sala, sentindo-me de verdade em uma família feliz. Eu amo tanto aquela menina que sinto como se ela fosse minha. Sei que Amanda nunca irá me chamar de mamãe, e eu nem penso em encorajá-la a fazer isso, mas, se acontecesse, eu ficaria muito feliz, pois me sinto dessa forma. Penso na consulta com o ginecologista e na injeção de contraceptivo que tomei a fim de não engravidar. Sei que é cedo, que Cadu e eu apenas estamos começando nossa vida juntos e que temos muito tempo pela frente, mas realmente quero ter um filho com ele. Quero muito!

Durante as aulas do dia, a imagem de mim, Cadu, Amanda e um bebê não sai da minha mente, deixando-me um tanto aérea e sem muita concentração nos professores.

Chego ao apartamento morrendo de cansaço e de saudades e sinto um

aperto no peito ao ver a mala, pronta e fechada, perto da porta da sala. Eu sei que faz parte da profissão dele todas essas viagens, passar dias fora, mas confesso que queria um tempinho para curtir esse momento mágico que estamos vivendo.

Aqueles dois dias em Campos do Jordão foram muito gostosos, mas ainda não foi a nossa lua de mel. Temos que esperar a agenda dele e a minha rotina de aulas diminuírem para que possamos programá-la e ter esse momento de sossego só nosso.

— Chegou! — ele me cumprimenta, descendo as escadas de dois em dois degraus. — Estava com saudade!

Beija-me e me aperta em seus braços.

— Como foi seu dia? — pergunto.

— Como todos que antecedem os shows. — Dá de ombros. — O dia inteiro enfurnado no estúdio ensaiando. — De repente ele sorri. — Adivinha só: vou cantar contigo nessas apresentações.

— Vão reproduzir minha voz?

— Sim, enquanto o clipe passa nos telões. — Cadu encosta a testa na minha. — Queria que você fosse comigo, mas entendo que suas aulas não permitem.

— Eu também queria ir — lamento, embora também saiba que não posso parar minha vida para acompanhá-lo. — São só algumas noites, mas vou morrer de saudades!

— Eu também.

Seus lábios, dentes, língua brincam nos meus. Gosto dessa sensação de carinho e desejo misturados, pois, mesmo sem um beijo avassalador, sei que, se eu me encostar nele, vou sentir seu pênis duro e pronto para mim.

— Eu queria ter tempo para amar você antes de ir... — sua voz exprime seu lamento. — Mas logo o pessoal vai passar aqui para...

O celular dele toca, e nós rimos.

— Eu te amo! — Despeço-me. — Se cuida, por favor.

— Eu vou. — Pisca o olho. — Farei chamadas quando chegar.

Gargalho, já imaginando o teor dessas ligações.

Quando a porta se fecha, olho em volta do enorme apartamento, sentindo-me sozinha e suspiro. Quando, em meus mais secretos sonhos, eu poderia imaginar viver uma situação dessas? Casada e amada pelo Cadu Fontenelles.

Pego o *case* do meu violino e sigo para o estúdio. Estou sentindo a música fluindo dentro de mim e uma enorme vontade de tocar. Acendo a luz, e papéis sobre o piano me chamam a atenção. Pego o esboço, cheios de notas, compassos e uma letra rabiscada que parece ser de uma canção.

Cadu está voltando a compor! A alegria de descobrir isso me faz pular pelo

cômodo, pois sei o que isso significa. Ele não compõe desde que o acidente ocorreu e que Mônica morreu. Foram gravadas inúmeras músicas dele ao longo desses anos, mas todas foram compostas antes que a tragédia ocorresse. A sua inspiração estar voltando agora só prova que o que ele sente por mim é verdadeiro. É real! Eu me sinto a mulher mais sortuda do mundo por ter o amor dele, por amá-lo.

Pego meu instrumento preferido e, tentando entender as anotações dele, vou seguindo as notas mesmo sem conhecer a melodia. A música parece ser simples, mas soa extremamente sensível aos meus ouvidos e, quando menos espero, já improviso alguns arranjos novos entre os acordes da guitarra que só ouço em minha mente.

Será uma bela música, eu tenho certeza! A pegada bem pop que escuto em todas as suas composições, os solos de guitarra e sua voz rouca e potente cantando a letra que vai se construindo tão perfeitamente.

“...enfim te tenho de volta, sinto o corpo inteiro vibrar numa adrenalina louca de reconhecimento...”

Sorrio ao pensar na sensação que ele teve ao escrever essa parte da letra, a alegria de ter a inspiração de volta, de voltar a fazer o que ama. Eu sei o quanto isso o incomodava, a frustração de não conseguir escrever mais nada, nem letra, nem melodia. É um recomeço para ele, não só em seu coração, mas em sua vida, e eu estou muito orgulhosa por fazer parte disso.

Estou de volta! Meu sorriso é sincero ao agradecer o público depois desse show incrível. Eu voltei a sentir a música como antes, a ter prazer em estar no palco e a acreditar nas letras românticas que canto. Deixei de ser uma farsa, deixei de ser um homem incompleto, triste.

A perspectiva de ter minha filha comigo, mais real a cada dia que passa, e o amor de Lara são os responsáveis por essa mudança em mim. Eu estou me sentindo mais forte e confiante na luta diária contra o álcool, tenho prazer em viver e vontade de superar os bloqueios que ainda restam.

Eu voltei a ouvir a música do meu coração!

Muitos artistas denominam o que os inspira de outra forma, mas, no meu

caso, o que sempre me impeliu a escrever, foi essa canção que nunca parou de tocar dentro de mim. Eu sonhava com música, ouvia melodias enquanto dormia, ou ela simplesmente soprava em meus ouvidos. Sempre foi natural assim, a composição.

Depois, claro, vinha o trabalho, a técnica obtida ao longo de anos estudando – mesmo que fora de uma universidade – e horas testando arranjos e roupagens novas. Todavia, o diamante bruto da composição vinha de dentro de mim.

Depois que eu perdi Mônica, perdi Amanda e me afundei em autocomiseração, essa canção se calou. Claro que eu poderia pegar um violão e ficar lá, inventando melodias e letras, mas elas seriam desprovidas de emoção, pois eu não sentia mais nada.

Tudo mudou quando Lara entrou na minha vida, mesmo antes de eu conhecê-la, mesmo antes de nossos caminhos se cruzarem. Eu sei que ela me salvou. Independentemente do coração a pulsar em seu peito, eu entendo que tudo o que passamos teve o firme propósito de nos unir.

E eu sou grato! Agradeço a quem quer que resolveu – Deus, força ou destino – que eu merecia o privilégio de tê-la em minha vida e me deu a chance de um recomeço ao seu lado e ao de minha filha.

Cumprimento o público que lota um parque de exposições e saio do palco, encontrando-me com Luti, que me abraça emocionado.

— Eu me senti de volta ao começo, mano! — Bate sua testa na minha. — Bem-vindo de volta, meu amigo!

Eu sorrio e lhe agradeço.

— Foi a Lara, Luti. — Ele assente. — Eu não sei como, mas ela me ama, e eu sou completamente apaixonado por ela.

Ele sorri.

— Isso me faz muito feliz, Cadu! Eu amo você, mano, e gosto muito da Lara, e saber que vocês dois estão felizes me deixa feliz.

Eu sinto que ele está sendo sincero, mas, ainda assim, quero muito saber o motivo de seu comportamento estranho.

— Eu pensei que você estivesse interessado nela.

Luti gargalha.

— Quem não se interessaria pela Lara? — Fico tenso com a resposta. — Mas não. — Dá-me alguns tapinhas nas costas. — Aquela mulher é louca por você, eu sempre vi isso... eu só quis dar uma cutucada para você enxergar as coisas.

— Porra, Luti! — Dou-lhe um soco no peito, mas o puxo para um abraço apertado em seguida.

— Queria que o casamento de vocês fosse verdadeiro. — Ele sorri,

maquiavélico. — Para que eu permanecesse com o título de último solteiro da Off... — Gargalha, e eu o recrimino. — Mano, você tem ideia de como essa porra aumentou o assédio da mulherada?

Ele caminha em direção ao camarim, ainda rindo. Contudo, não me deixo enganar. Sei que ele queria que ficássemos juntos porque podíamos fazer um ao outro feliz. Entretanto, concordo que, para um pegador profissional como ele, esse marketing que o Cris inventou só veio a calhar.

Eu te amo! Sentindo muitas saudades! O show foi ótimo!

Envio a mensagem para a Lara e vou ao encontro dos meus amigos e companheiros, celebrar o recomeço da minha vida.

— Lara? — chamo-a assim que entro no apartamento, mas não tenho resposta. Confiro novamente as horas, constatando que ela deveria estar aqui. — Lara?

Tudo está escuro, a cozinha, impecavelmente arrumada, como Márcia sempre deixa, nenhum sinal da Lara pela sala. Franzo o cenho e vou em direção às escadas que levam ao primeiro andar. No entanto, paro ao me lembrar do estúdio.

Assim que abro a porta, um sorriso enorme se estampa em minha cara por ouvi-la tocar violino. Fico um tempo parado, oculto pela enorme porta antirruídos, apenas apreciando o som que ela extrai do instrumento. Lara é maravilhosa!

A melodia vai se construindo, e eu fico surpreso ao reconhecer alguns acordes. Sim, o ritmo e o arranjo estão diferentes, mas é a música na qual eu estive trabalhando antes de viajar.

Ela para de tocar, e eu abro mais a porta, vendo-a anotando algo em seu caderno, concentrada. Bato na madeira, e ela me olha sorrindo, embora feche o caderno rapidamente e fique vermelha.

— Não vai me dar boas-vindas? — brinco com ela.

Lara corre para meus braços, e eu a recebo apertando-a contra meu corpo e devorando sua boca com urgência. Eu preciso dela, senti sua falta a cada momento que passamos separados esta semana. Nós nos falamos, nos vimos por vídeo, mas nada se compara ao toque quente da pele dela, ao sabor de sua boca e ao cheiro de seu corpo.

— Senti saudades, Lara. — Pego-a no colo. — Preciso estar dentro de você

agora... necessito dos teus gemidos, do seu orgasmo... — Ela geme e se move, roçando-se no meu pau já duro. — Amo você, Lara.

Eu a sento sobre o piano, apoiando seus pés sobre o teclado. O som das notas soa alto quando abro suas pernas, exibindo a calcinha rosada que ela usa embaixo do vestido. Preciso dela!

Enfio-me entre suas pernas, voltando a beijar sua boca, sentindo as suas unhas cravadas nos meus ombros enquanto exploro seu corpo com minhas mãos, apertando seus seios, beliscando seus mamilos levemente, fazendo-a gemer contra meus lábios.

Puxo-a mais para a beirada do instrumento e abro a frente do vestido, abocanhando seu seio com loucura. Lara geme, derretendo-se em meus braços, deitando-se sobre o piano e me deixando livre acesso para lamber todo o seu corpo.

O vestido jaz embolado em sua cintura, e eu mordisco seu abdômen e brinco com seu umbigo, enquanto minha mão busca sua boceta em total desespero, afastando sua calcinha, tocando a carne úmida e quente que eu tanto desejo e da qual sinto falta. Sou louco pelo sabor da Lara, viciado em seus sucos, loucamente desesperado pela textura de seus lábios.

Solto um grunhido desesperado assim que a ponta da minha língua toca a sua entrada. Degusto, saboreio, embebedo-me dela, meu vício, o sabor de seu prazer inebriando meus sentidos, despertando o mais primitivo do meu ser.

Lamber é pouco, não me satisfaz apenas prová-la, preciso devorar tudo, sentir suas dobras inteiras na minha boca, penetrar sua vagina com minha língua até o máximo que consigo ir e beber o seu gozo. Abocanho-a como um faminto e a escuto arfar de prazer, contorcendo-se sobre o piano, tremendo ante as notas que a pressão de seus pés extrai.

Seguro firme em suas coxas, mantendo-as abertas para meu deleite. Roço a língua em seu ponto mais tenso, entre suas dobras, tocando seu clitóris estimulado, pronto para levá-la ao êxtase.

E Lara não se nega a sentir nada! Geme meu nome em total frenesi, levantando o tronco, rebolando os quadris, esfregando-se contra minha boca enquanto eu a sugo sem parar.

Sinto-a ficando cada vez mais úmida e lambuzo meus dedos em sua excitação, usando-a para untar seu rabo, um local em que ainda não estive, mas em que sonho estar se ela quiser, e, pela resposta que tenho dela ao penetrar sua bunda com o dedo, tenho certeza de que ela quer também.

Em minha mente passam imagens de vários *plugs*, e rosno de tesão ao apenas imaginá-la usando qualquer um deles para preparar seu cu para me receber inteiro, apertado, perfeito.

— Porra, Lara! — praguejo ao ouvir seus gemidos enlouquecidos pelo orgasmo.

Meu pau dói dentro da calça, e tudo o que eu penso em fazer é libertá-lo e o enfiar dentro dela. Desabotoo minha braguilha em desespero, apenas abaixando o jeans e puxo minha mulher para o meu colo, fazendo-a sentar no meu pau enquanto me sento no banco do piano.

— Cadu... — ela geme e rebola, cavalgando-me como uma amazona, usando os músculos das suas pernas para quicar no meu pau sem freio, como se sua vida dependesse de mais um orgasmo.

Eu a seguro pelos cabelos, puxando a cabeça de Lara levemente para trás, tendo total acesso ao seu pescoço, assistindo aos seus peitos balançarem a cada movimento. Fico hipnotizado com a forma com que ela se entrega, cada expressão no seu rosto lindo demonstrando o quanto está gostando, todo o prazer que sente.

— Rebola no meu pau, Lara! — Seguro-a, pressionando-a contra minha pélvis, batendo bem fundo dentro dela. Urro de tesão ao senti-la moendo seus quadris contra os meus, sua boceta depilada esfregando contra meus pelos aparados, sua bunda tocando minhas bolas. — Caralho, Lara, eu amo você!

Levanto-me, ainda todo enfiado dentro dela, e a levo para o sofá de dois lugares de couro preto, onde ela estava sentada fazendo anotações em seu caderno quando cheguei. Jogo tudo no chão e a deito, apoiando suas penas sobre meus ombros e me mexendo como um louco dentro dela.

Entrando e saindo.

Rápido.

Forte.

Profundo.

Molhado.

Fecho os olhos, travando meu maxilar, retardando a vontade de gozar dentro dela. Ainda quero comê-la, ainda preciso estar dentro dela e ter mais alguns de seus deliciosos orgasmos só para mim.

Os músculos de sua boceta se contraem, apertando-me, ordenhando meu pau, mas eu não permito meu gozo vir. Lara agarra o braço do sofá, mantendo seus braços para cima, e eu aproveito a posição e, mesmo esmagando-a um pouco, devoro os bicos duros de seus peitos.

É todo o estímulo que ela precisava. Seus gritos reverberam entre as paredes com isolamento acústico, suas pernas prendem meu pescoço, e meu pau fica completamente ensopado, o que causa um delicioso barulho toda vez que ele entra e sai dela.

— Goza, Lara! — gemo, já me permitindo sentir o prazer tomando conta de

mim. — Recebe meu gozo também!

Travo todo meu corpo, meu pau no mais profundo dela enquanto pulsa e libera todo o gozo acumulado, que guardei para ela, que pertence a ela e a mais ninguém.

Lara, minha Lara!

— Você voltou a compor — ela declara depois de um tempo em silêncio, tomando fôlego, deitada no estreito sofá, ainda em meus braços. — Eu nem pude acreditar quando vi a partitura.

Sorrio, feliz.

— Sim. O que você achou do pouco que consegui escrever?

— Perfeito! Letra e música são lindas! — Ela me encara, um tanto sem jeito, e eu a beijo. — Eu fiz alguns arranjos para ela. Não resisti, me desculpe.

Rio.

— Não precisa se desculpar. Eu a fiz para você, pensando em você. É sua! — Lara abre um enorme sorriso, e seus olhos brilham de felicidade. Porra, como eu amo essa mulher! — Você vai me mostrar as alterações que fez?

Ela assente, em seguida indaga:

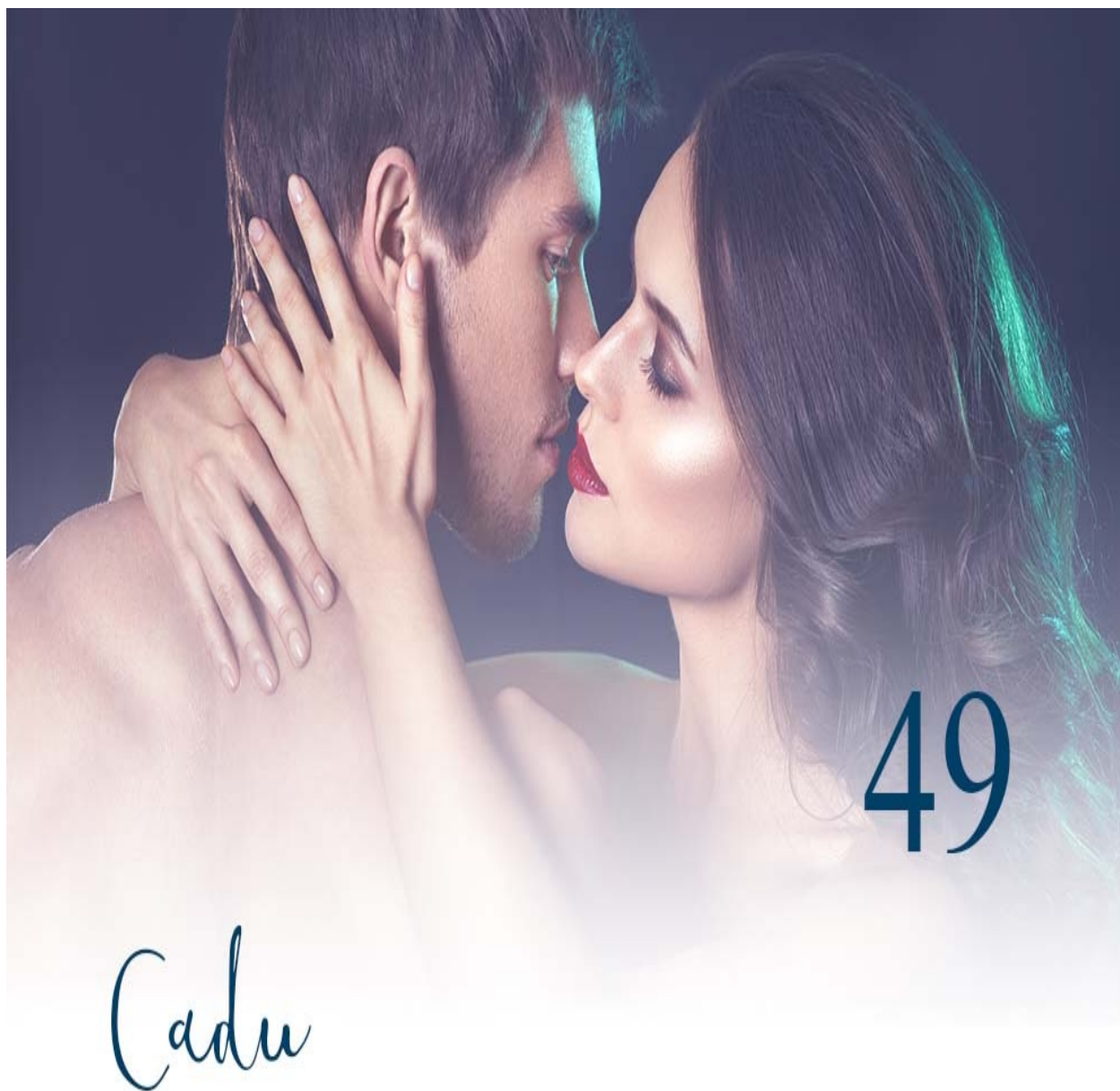
— Agora?

Minha mente projeta a imagem dela nua, tocando o violino, executando a música que fiz para ela. Gemo, achando que fazer música assim é a forma mais perfeita e inspiradora que existe no mundo, mas nego.

— Vamos subir. — Levanto-me e a auxilio. — Vamos ficar um tempo na água quentinha da banheira e depois passar a noite toda fazendo amor.

— Temos que buscar Amanda cedo na casa dos avós. — Ela me lembra, e eu me sinto ainda mais feliz por saber que minha filha passará todo o final de semana conosco.

— Podemos descansar entre uma vez e outra. — Pisco, e ela morde os lábios. — Eu sou louco por você, Lara. Eu amo tudo em você. Obrigado por me permitir ser seu.

— Eu sou sua, Cadu. Só sua.

Acordo eufórico, rindo, pulando da cama assim que o despertador do celular toca, embora morrendo de sono por ter passado boa parte da noite em claro entre safadezas e carinhos com Lara.

Olho para a cama e a vejo um tanto assustada pelo jeito que levantei, porém, basta que eu diga o nome de Amanda para ela se acalmar, suspirar e sorrir também, lembrando-se de que este é o nosso primeiro final de semana juntos como família. *Família!* Tento ignorar o que sei sobre o coração dela, pois, ainda que isso seja uma enorme coincidência, não passa disso. Lara não me ama porque tem o coração da Mônica, e, muito menos, todo esse carinho que sente pela minha filha quer dizer que seja algo remanescente da falecida mãe dela.

“É só um órgão!”, lembro-me das palavras do doutor Anselmo e concordo. Eu vi a Lara demonstrar carinho de uma forma que nunca vi Mônica fazer. Não me entenda mal, ela era incrível, mas nunca se deu tão bem com o pessoal da banda como Lara se dá. Mônica e minha irmã nunca foram amigas, e os padrinhos da nossa pequena só são Milena e Luti porque minha falecida esposa não tinha seus próprios amigos.

Suspiro, pensando também na diferença que noto entre ambas no tratamento da Amanda. Mônica era uma adolescente ainda, via Amanda mais como uma bonequinha na qual podia colocar laços e vestidinhos, mas sempre a deixava a cargo da babá, a não ser quando eu estava próximo para auxiliá-la.

Eu não quero, de forma alguma, desmerecer o amor que sentíamos um pelo outro – que foi forte e intenso – ou mesmo seu amor por nossa filha. Contudo, não sou cego – nunca fui – diante dos defeitos dela ou mesmo de seu jeito de ser. Lara não tem nada de Mônica, a não ser um pedaço de carne que a mantém viva.

Eu espero que, se ela souber dessa estranha coincidência, veja como eu vejo, que não pense, em momento algum, que o que sente por mim e o que eu sinto por ela sofre influência disso. Muito menos espero que esse acaso afete a relação tão linda que ela tem com minha filha.

Amanda precisa dela! Minha pequena precisa de um referencial de mulher em sua vida, e ninguém pode ser melhor que Lara para ser exemplo. Sim, minha esposa é uma pessoa incrível!

Vou até a cama e a beijo, cumprimentando-a.

— Bom dia! Estou indo buscar a Amanda. — Ela pergunta sobre as horas. — Falta algum tempo ainda para o horário combinado, não vou me atrasar, mesmo porque temos muitas atividades e...

— Cadu — ela ri —, não vamos conseguir fazer tudo aquilo que você planejou! Mesmo se deixarmos de dormir e comer!

Gargalho, dando-lhe razão.

— Teremos muitos encontros como esse para fazer todas as atividades que listei. — Olho-a, sentindo meu coração inchar de amor. — Somos uma família, Lara. Teremos muito tempo juntos!

Ela concorda e se ajeita mais na cama, bocejando.

Quando deixo o apartamento, a caminho do Jardim Paulistano, Lara já voltou a dormir. Percorro todo o caminho com um nó na boca do estômago ao pensar em como será minha reação ao vê-las juntas. Eu não quero ser afetado

pelo que descobri sobre o transplante, muito menos que isso influencie nosso relacionamento a ponto de deixar Lara insegura sobre o motivo de eu amá-la.

Lara trouxe a música de volta para mim, trouxe a esperança de eu ter Amanda comigo e restaurou meu coração, quebrado há tanto tempo. Nossa relação é madura, o amor que sinto por ela – embora intenso e desmedido – é menos desesperado do que quando me apaixonei por Mônica ainda na adolescência.

Tudo o que preciso fazer é cuidar para que ela não descubra sobre quem foi sua doadora ou deixá-la bastante segura sobre meu amor para que, se souber da verdade, saiba que eu a amo por ser quem é e não por ter o coração de outra pessoa.

Flaviana traz Amanda até o meu encontro, junto com sua mala de roupas – cujas peças não usaremos – e uma pasta.

— Amanda tem atividades para serem feitas com você — explica-me. — Coisa da escola.

Abro um enorme sorriso ao constatar que, pela primeira vez, vamos fazer um trabalho de pai e filha para o colégio. Rotina! Eu nunca tive nenhuma com Amanda, e a possibilidade de a ter é maravilhosa!

— Onde está a Lara? — Amanda pergunta-me enquanto afivelo o cinto da cadeira de elevação do carro.

— Em casa, esperando por você. — Sorrio. — Ela está com muita saudade!

— Eu também! Eu amo a Lara, papai!

Seus olhinhos verdes se fecham levemente quando ela sorri, e beijo sua testa.

— Papai também ama, pequena. Vocês duas são os amores da minha vida!

Ela sorri, mas depois fica séria.

— E a mamãe?

Respiro fundo, mesmo preparado para ter que responder a esse tipo de pergunta.

— Eu sempre vou amar sua mamãe, Amanda. Ela me deu você e foi muito importante na minha vida. Amar a Lara não significa que deixei de amar sua mãe, não estou trocando uma pela outra. Você disse que ama a Lara, não disse? — Ela assente. — Mas você também me ama e à mamãe?

— Sim! — Ela sorri. — E ao vovô e até a vovó!

Fico feliz por ela ter entendido, o sorriso solto de criança voltando a decorar seu lindo rostinho. Entro no carro e sigo com ela em direção ao meu apartamento para começar este final de semana intenso em atividades e repleto de carinho e risadas.

Contudo, antes que eu estacione o carro, Amanda – que, ao que parece,

ficou pensando sobre nossa conversa perto da casa de seus avós – me surpreende com uma pergunta mais uma vez:

— Eu posso chamar a Lara de mamãe?

Viro-me para ela, ficando gelado.

— Você quer chamá-la assim?

Amanda pensa um momento.

— A Maria Alice da minha escola fica dizendo que eu não tenho mãe. — Dá de ombros. — Eu disse a ela que você se casou com a Lara, mas ela disse que eu ganhei uma madrasta igual à da Branca de Neve. — Ela me olha ansiosa. — Lara não é como a madrasta da...

— Não, pequena, ela não é! — Sinto meu coração apertar. — Ela ama muito você, já amava mesmo antes de se casar com o papai.

— Você acha que ela vai ficar zangada se eu quiser chamá-la de mamãe?

Sorrio e nego.

— Tenho certeza que não!

Amanda parece relaxar, voltando a sorrir. Eu desligo o carro e a pego, deixando para trás sua mala com roupas que ela não vai usar enquanto estiver aqui. Caminhamos juntos, ela cantando alguma canção infantil, já demonstrando ser muito afinada, enganchada na minha cintura e segurando a pasta com o dever de casa.

Aprendo a música ainda no elevador, pois nada mais é que uma repetição sem fim e vou cantando com ela e fazendo caretas, o que lhe arranca muitas gargalhadas.

— Lara? — chamo-a assim que entramos. — Será que a senhora dorminhoca ainda está na cama?

Amanda dá gargalhadas.

— Não, senhor! — Ela surge no alto da escada. — Vocês demoraram!

Desce os degraus correndo, e Amanda se agita no meu colo para ir ao encontro dela. O abraço entre as duas me deixa sem palavras. A cena à minha frente me enche de uma emoção tão enorme e desconhecida que sinto meus cílios úmidos com as lágrimas.

Respiro fundo e vou caminhando para longe, tentando não pensar. Por que isso teve que acontecer? Por que o coração não poderia ter vindo de outra pessoa? Eu me sinto tão mexido com isso, com a maneira com que nossas vidas foram ligadas que, mesmo sabendo que é apenas um órgão, sinto-me emocionado.

— Seu pai lhe falou da lista dele? — Lara comenta animada com Amanda. — Vamos escolher algumas coisas para fazer hoje?

Volto-me para elas novamente, afastando a preocupação que sinto sobre a

omissão que estou cometendo com Lara, e tento entrar no clima animado que planejei para passar esses dias com minha pequena.

— Vamos começar com o piquenique no parque? — inquiro sorrindo, e as duas gritam afirmativamente.

Lara sobe com Amanda para trocar a roupa formal e sem graça que ela usa, e, quando as duas voltam, sinto todo o apartamento iluminar. Lara está de calça jeans com rasgões, tênis e uma blusa do Mickey Mouse, e minha filha se encontra vestida igual – com blusa da Minnie em vez do camundongo – e com óculos escuros de armação rosa-choque.

O cabelo de Amanda foi penteado e preso em um rabo de cavalo com prendedores coloridos e coisas penduradas e – eu noto com alegria – até os brincos foram trocados por um par mais infantil e divertido.

— Calça jeans! — Ela me mostra animada. — Minha roupa é igual à da Lara, papai!

— Eu vi! Vocês duas estão lindas! — Beijo minha esposa com carinho e, depois de pegar minha filha no colo, pego sua mão. — Prontas para muitas brincadeiras?

Ouço um sim bem alto dito pelas duas ao mesmo tempo e me sinto o homem mais sortudo da face da Terra por ter o privilégio de não só ter uma família, mas por elas serem essa família, por serem meu coração.

— Eu acho que ela dormiu, Cadu.

Levanto-me do sofá levemente e assinto ao ver Amanda deitada no ombro da Lara, dormindo. Depois de um dia intenso com brincadeiras no parque pela manhã, a ida ao clube para a aula de judô da Amanda, depois jogos em casa à tarde e, por fim, cineminha na sala de TV à noite, minha filha se rendeu ao cansaço em seu pijama listrado com capuz com orelhas e bigodes de gato.

Lara abaixa o volume da televisão, e eu pego Amanda nos braços para colocá-la em sua cama. No caminho, vou sentindo o cheirinho delicioso de seus cabelos recém-lavados e notando suas bochechas coradas de quem passou o dia ao ar livre se divertindo, como toda criança deveria fazer.

No quarto dela, acendo um abajur em formato de nuvem cor-de-rosa e a coloco na cama, cobrindo-a com seu edredom repleto de corações. Fico um bom tempo velando seu sono, sorrindo, com o coração inchado de ternura e transbordando de amor. Minha filha!

Passo a mão sobre seus cabelos, fininhos e lisos como eram os de sua mãe,

admirando a delicadeza de seus cílios fechados e pousados levemente em suas bochechas.

— Você é meu maior tesouro, Amanda. Nunca se esqueça do quanto eu te amo.

— Ela não vai, meu amor. — Lara toca meu ombro. — Mas, se você ficar aí, babando e falando com ela, vai acordá-la.

Sorrio e balanço a cabeça, concordando.

Saímos juntos, de mãos dadas, indo em direção à nossa suíte.

— Eu me sinto o homem mais completo deste mundo, Lara! Graças a você, ao nosso amor, à presença de Amanda nesta casa conosco, eu posso dizer que sou um homem de sorte.

— Nós também somos sortudas por ter você! — Eu a abraço. — Um dia quero dar irmãos a Amanda. Você acha que ela vai ficar bem com isso?

Retenho o fôlego apenas ao imaginar a Lara grávida, um filho meu crescendo dentro dela, seu corpo amadurecendo e ficando ainda mais lindo.

— Tenho certeza que sim! — Beijo-a. — Eu quero muito ter um filho com você.

— Mesmo correndo o risco de...

Ponho um dedo sobre seus lábios, impedindo-a de repetir o que ouvimos há tantos meses na casa de sua família.

— Eu só quero um filho com você para repartir nosso amor com ele e Amanda. — Ela assente. — Não pense em mais nada, só nisso.

— Você sabe que eu quero concluir a faculdade e talvez estudar fora do país antes.

— Eu sei e a apoio. Nós somos jovens, temos muito tempo ainda! — Abraço-a mais apertado. — Temos a vida inteira juntos e podemos treinar bastante enquanto isso.

Ela gargalha, e eu aproveito para beijá-la.

— Eu amo você, Lara.

Deito-a na nossa cama e retiro suas roupas entre beijos e carícias. Depois que me dispo totalmente, deito-me ao seu lado, abraçando-a, olhando-a nos olhos.

— Eu sou um homem de sorte por você me amar.

Lara rola para cima de mim, esfregando-se contra meu pau, levando-me à beira de um precipício de loucura. Eu nunca a vi usando-me para se masturbar, e isso, com certeza, é muito excitante. Apoio minhas mãos em seus quadris enquanto ela se esfrega para frente e para trás sobre mim.

As suas mãos estão apoiadas no meu peito, sua cabeça, inclinada para trás, olhos fechados e boca levemente aberta, de onde provêm gemidos deliciosos.

Sinto-me cada vez mais melado e escorregadio, e ser masturbado pelos lábios macios de seu sexo é delicioso, mas eu quero mais. Aumento a velocidade dos seus quadris, impulsionando seus movimentos com as mãos e rebolo, movendo meu pau contra ela. Lara geme mais alto, sua respiração fica mais acelerada até que ela goza como uma deusa em cima de mim.

Aproveito seu orgasmo e a ajeito sobre meu pau, deslizando-o inteiro dentro dela, sentindo as últimas contrações de sua vagina, metendo em desespero. Seguro seus cabelos com uma das minhas mãos e me sento na cama, aprofundando-me ainda mais dentro dela, fazendo-a rebolar no meu colo, beijando seu pescoço em total frenesi.

— Mais... — ela pede, e eu atendo com prazer, moendo minha virilha na dela. — Eu quero você inteiro, Cadu!

— Eu sou todo seu, amor. — Travo-a contra meu corpo, e ela abre os olhos. — Você é minha, e eu pertenço a você para sempre.

Solto-a, conduzindo seus movimentos sobre mim até que nós dois somos invadidos pelo êxtase ao mesmo tempo. Sinto meu gozo jorrando dentro dela, meu pau pulsando, seguindo o ritmo de sua boceta.

Muito depois do orgasmo, ficamos um longo tempo abraços, suados e ofegantes.

— Para sempre, Lara.

Ela sorri.

— Para sempre, Cadu.

O final de semana foi mais do que maravilhoso ao lado de Amanda e Cadu. Os momentos que passamos juntos foram inesquecíveis, assim como as risadas das duas pessoas que mais amo neste mundo, seus rostos felizes e o amor transparecendo a cada gesto dos dois.

Eu tenho uma família, minha própria família! Um marido que eu amo e que me ama e uma filha que, mesmo não vindo de dentro da minha barriga, conquistou meu coração desde o primeiro momento em que a vi. Amanda é minha também, eu a amei antes mesmo de saber que ela era filha do Cadu, tive empatia pela menina solitária e privada de ser criança, como eu era.

Quando me dispus a ajudá-la, primeiro a brincar mais, depois a ter mais

tempo com o pai, nunca poderia imaginar que isso aconteceria, que ela me ligaria para sempre ao homem que amo. Sim, eu devo toda minha felicidade a Amanda, foi ela quem nos uniu, e isso me faz amá-la ainda mais.

Suspiro de felicidade ao terminar de me arrumar para a consulta com o doutor Varela no Hermman Kaufmann.

As lembranças do domingo me assaltam, principalmente do amanhecer, quando Amanda foi para nosso quarto e se esgueirou na cama conosco, abraçando-me apertado e perguntando se podia me chamar de mamãe.

Eu fiquei sem ação, sem saber o que responder, mesmo tendo vontade de concordar e a beijar muito, apertando-a contra mim. Eu nunca pensei em substituir a mãe dela e tive receio do que o Cadu poderia vir a pensar disso. Encarei-o, e ele sorriu e assentiu.

Abracei Amanda mais forte, sentindo as lágrimas molhando meu rosto.

— Pode, sim, Raio de Sol! Pode me chamar de mamãe se quiser.

Amanda grudou em mim, agarrando meu pescoço com força e dormiu. Fiquei um bom tempo sem poder me mover, olhando Cadu, sentindo meu coração explodindo de felicidade.

— Tem certeza de que não tem problema? — questionei.

— Não. Ela já havia me perguntado se você gostaria. — Ele passou o braço por cima da filha até chegar a minha cintura e nos abraçou. — Ela sabe que a mãe dela é a Mônica, mas também ama você.

— Eu sei... — Beijei sua testa. — Eu te amo, princesinha!

Voltei a dormir e fui acordada com os dois me levando café da manhã em uma bandeja. Senti-me muito mimada. Tomamos juntos o desjejum e depois escolhemos algumas atividades para fazer juntos.

Depois do almoço, Cadu e ela foram para o escritório fazer o dever de casa. Era um projeto de brinquedos de sucata para ensinar a importância ecológica às crianças, principalmente no reaproveitamento de materiais. Os dois se divertiram muito fazendo um instrumento musical com garrafa pet.

À tardinha, Milena apareceu com uma torta de morango e chantilly maravilhosa. Luti não veio dessa vez, pois tinha ido visitar os pais no interior do estado. A mãe dele estava doente, e ele me pareceu bem preocupado com ela.

Faltando meia hora para Cadu levar Amanda de volta à mansão dos Kaufmann, ela, enfim, chamou-me de mãe.

— Vou sentir saudades, mamãe. — Eu senti a garganta apertar de emoção, e Milena abriu tanto os olhos de surpresa que eu pensei que eles iam saltar das órbitas.

— Eu também vou, Raio de Sol. Semana que vem nos veremos de novo. — Beijei-a com carinho, vendo-a no colo do Cadu, acenando sem parar com seus

olhinhos brilhando e indo embora.

Milena me abraçou, e só aí eu percebi que estava soluçando. Limpei as lágrimas, dando a ela um sorriso constrangido.

— Você não imagina como vocês estão me fazendo feliz! Eu sinto a alegria aqui como nunca a senti antes. — Ela olhou em volta. — Este apartamento é um lar, Lara. Meu irmão se preocupou com tantas coisas, espaço, localização, segurança, mas não via o mais importante. Até você entrar na vida dele.

— Ah, Mi, eu amo tanto aqueles dois!

Ela riu como se fosse óbvio e me abraçou apertado.

Ficamos conversando até o Cadu retornar da casa dos Kaufmanns. Eu sempre me preocupo com esses momentos, com medo de que ele discuta com os avós da Amanda ou mesmo que eles o provoquem. Além disso, meu marido sempre volta com certa tristeza por ter de deixar a filha lá.

Assim que ele chegou, percebi seu rosto chateado e questionei se havia ocorrido algo.

— Não, mas é difícil me despedir. — Bufou, mas me abraçou pelas costas, aspirando, na curva do meu pescoço, o meu perfume. — Eu quero vencer logo essa ação de guarda.

— Você vai, meu irmão! — Milena o animou e logo se despediu, deixando-nos a sós.

Cadu não perdeu tempo e logo me pegou no colo, e subimos para nossa suíte. Fizemos amor de um jeito que nunca tinha acontecido. A cada carícia, cada espasmo de prazer, ele dizia o quanto me amava e, mais do que as palavras, eu sentia esse amor. Tudo foi tão perfeito! Nosso final de semana com Amanda, nossa noite um nos braços do outro, o sono tranquilo depois de horas seguidas de prazer.

Quando acordei hoje de manhã, ele já havia saído para sua corrida matinal. Lembrei-me de não o ter avisado sobre a consulta com o cardiologista hoje, mas, como é só rotina, decidi que depois comento com ele, na hora do almoço.

Coloco meu casaco, porque, mesmo com a primavera já se aproximando, a temperatura ainda está baixa, principalmente de manhã, e pego minha bolsa, já chamando um Uber para me levar até o HK.

Faço uma anotação mental para ver as aulas de autoescola que o Cadu insiste tanto para que eu faça e para marcar, com a agência que indicou a Márcia, uma entrevista para um motorista, já que, quando Amanda se mudar para cá, nós precisaremos de um para nos levar para a aula e depois nos buscar.

Sorrio, tendo a certeza em meu coração de que ele vai conseguir reverter a guarda e que nossa menina irá morar conosco.

Uma família!

— Bom dia! — Márcia me cumprimenta quando eu desço para o piso inferior da cobertura. — Acabei de passar um café e...

O bipe de notificação do Uber apita no *App*, indicando que o carro já chegou.

— Eu preciso ir, obrigada, Márcia! Tomo alguma coisa quando chegar lá.

Ela se despede, e eu desço correndo, já verificando o nome do motorista e o cumprimentando. Durante o trajeto, reviso alguns materiais da aula de hoje que estou perdendo e acesso a área restrita para alunos. Minhas notas estão excelentes, muito melhores do que as do semestre passado, e eu, claro, atribuo a isso meu estado pleno de felicidade, além de horas de sono.

Respondo a algumas mensagens de minha mãe e também da Clara, além de deixar um "oi" no grupo do apartamento onde morava, sendo imediatamente respondida pela Helô e pelo Marlon. Pergunto pela Tiana, e eles me informam que ela foi com o pai visitar a avó materna que mora em Minas.

Convido-os para um jantarzinho lá em casa qualquer dia e fico apenas de confirmar a data com o Cadu, por causa da agenda de shows dele.

O carro me deixa em frente ao hospital, e eu vou diretamente à área de consultas e exames. Na recepção, entrego o cartão do meu plano de saúde e a identidade e logo sou redirecionada ao local de espera. Nem bem me sento por alguns minutos, e uma recepcionista vem ao meu encontro.

— Senhora Fontenelles? — Levo um tempo para entender que sou eu, pois quase não uso o sobrenome do Cadu. — O doutor Kaufmann pediu para que a senhora me acompanhe para esperar o atendimento lá em cima.

Respiro fundo, não querendo ser ingrata com o médico, pois, da primeira vez, fiz tudo à sua custa e fui tratada muito bem aqui no hospital. Sigo a mulher até o elevador e depois entro no quarto andar – local onde está o consultório do doutor Varella –, onde uma outra recepcionista me atende, já com a documentação pronta para eu assinar.

— Bom dia, Lara! — Viro-me na direção da voz do doutor Anselmo.

— Bom dia! — tento tratá-lo com a mesma consideração e respeito que sempre lhe tive, mas me é um tanto difícil, pois sei que, mesmo não sendo sua vontade, eles estão tentando prejudicar o Cadu. — Eu vim para a consulta com o doutor Varella.

— Eu sei, me informaram. — Ele aponta para uma das poltronas de couro. — Como você está? Amanda chegou muito animada em casa ontem.

Eu o encaro sem acreditar que ele realmente quer conversar comigo sobre isso, mesmo depois de tudo o que eles fizeram.

— O lugar dela é conosco, doutor. — Ele fica sério. — Ela fica feliz por isso. — Ele faz menção de falar algo, mas o corto: — Eu nunca manteria minha

menina longe de vocês. Eu a amo como se fosse minha filha e noto o quanto ela os aprecia. No entanto, vocês foram capazes de pagar uma mulher para tentar prejudicar a recuperação do pai dela e... — sinto meu coração apertar — acabar com nosso relacionamento.

Ele arregala os olhos.

— Do que você está falando, Lara?

— Angélica. É uma mulher com quem o Cadu saía e...

— Eu não a conheço e nem sabia que ele mantinha qualquer relacionamento até vocês dois casarem. — Doutor Anselmo fecha os olhos, parecendo cansado. — Eu achei que vocês tinham se casado apenas para conseguir a guarda da minha neta, mas... — Ele suspira e balança a cabeça. — Juro para você, pela alma da minha filha, que eu não sei do que você está falando.

Percebo que ele está sendo sincero, e a percepção de que Geórgia Kaufmann planejou tudo sozinha só demonstra o ódio que ela sente do meu marido. Um arrepio perpassa meu corpo ao me dar conta de que ela é capaz de qualquer coisa para manter Amanda longe do pai, qualquer coisa!

O doutor Varella aparece à porta do consultório, e eu me levanto para ir até lá, porém, o doutor Anselmo me intercepta.

— Eu gostaria de conversar com você depois da consulta. — Eu assinto. — Vá até minha sala, por favor.

Vejo-o indo embora e tomo a decisão de contar tudo o que sei e pedir a ele que não faça nada para impedir que Amanda fique conosco, nem que eu precise garantir – mesmo sem a vênia do Cadu – que ele terá livre acesso à criança. Eu realmente preciso tirar minha menina daquela casa!

Depois da consulta, subo mais dois andares até onde fica o escritório do presidente do hospital. O tempo, como era de se esperar, esquentou muito, e, embora o prédio seja climatizado, sinto calor ao usar o casaco tão pesado que coloquei, por isso tiro-o e o coloco sobre o braço.

Cumprimento a Rosane assim que chego, e ela me pede para aguardar um minuto, pois o doutor está em reunião com alguns médicos.

Viro-me para sentar em um dos sofás, mas trombo com ninguém menos que Geórgia Kaufmann. Meu coração parece que vai saltar pela boca, e, ao que parece, ela também não esperava me encontrar aqui.

— O que você está... — ela se interrompe, ficando pálida.

— Algum problema? — Preocupo-me com a expressão de assombro em seu rosto e tento me afastar quando ela estica suas mãos compridas e cheias de anéis em minha direção.

Ela segura meu cordão tão forte que eu penso que irá partir a corrente de platina, muito delicada. Tento me esquivar, mas ela parece hipnotizada pela joia que uso, provavelmente reconhecendo seu valor financeiro, mas sem saber que, mesmo se fosse feita de latão, seria sempre meu tesouro.

Ela me encara, olhos esbugalhados, e sua expressão, de assustada, passa para enraivecida. Sem nenhuma palavra, a distinta senhora puxa o pingente e arranca o cordão do meu pescoço.

— Ladra suja! — grita. — Você esteve na minha casa não só como a puta espiã do Carlos Eduardo, mas também para roubar o que nos pertence!

Fico sem reação, achando que provavelmente a mulher tenha enlouquecido de vez. Vejo a corrente arrebentada no chão e o valioso pingente em forma de coração em sua mão direita, preso, apertado.

— Senhora Kaufmann, eu nunca peguei nada de sua casa! Esse cordão é meu há muitos anos e...

— Puta mentirosa! — A bofetada vem sem nenhum aviso, pegando-me de surpresa, fazendo-me cambalear. — Rosane, chame a polícia imediatamente!

O resto de paciência – e respeito pela idade dela – que eu tinha se esgota. A mulher, além de me acusar de ladra, ainda me agride!

— Você está louca! — grito com ela e tento pegar meu pingente de volta. — Devolva o que é meu!

— Seu?! — Ela ri. — Oh, meu Deus, Lara, você me dá pena! Eu não sei o motivo de sua obsessão pela minha filha, mas você precisa se tratar! Pegou o homem que ela amava, quer a minha neta – filha dela – e ainda reivindica sua joia? — Ela ri, sarcástica. — A louca é você! Louca e ladra! — Ela olha para a recepcionista, que está ao telefone. — Está chamando a polícia?

O doutor Anselmo escancara a porta de repente, parecendo perseguido por demônios. Ele nos encara, intercalando olhares entre mim e sua esposa e finalmente vê o que ela fez.

— Ah, meu Deus!

Ele parece derrotado, e as palavras da senhora Kaufmann começam a fazer sentido para mim.

— Você acha que eu roubei uma joia da sua filha? — pergunto à senhora. — Essa joia?

— Não se faça de besta! — Ela levanta o pingente. — É a letra do nome dela, vê? — Arregalo os olhos ao perceber que o que eu sempre vi como sendo um coração, na verdade é uma letra M. — E aqui há a assinatura do designer e

da loja que a produziu. Não há desculpas! Você é uma ladra suja e...

— Não! — Anselmo a interrompe, enérgico. — Ela não é.

As palavras dele me deixam confusa, contudo, fazem-me gelar dos pés à cabeça.

— Anselmo, eu tenho certeza de que esse é o pingente da Mônica e...

— Eu dei a ela. — Fecho os olhos, sentindo uma dor tão forte que chego a me dobrar.

Não é possível!

— Do que você está falando?! — a voz estridente de Geórgia ecoa por toda a sala.

O médico diz algo à sua secretária, que imediatamente entra em seu escritório e fecha a porta, deixando-nos a sós na sala de espera.

— Do que você está falando? — repito a pergunta de sua esposa, e ele me olha desolado.

Não!

— Eu enviei a joia para a casa da Lara há quase seis anos.

Abaixo-me no chão, não querendo acreditar nisso, nessa brincadeira tão cruel do destino, mas então me lembro de todo o cuidado, todas as perguntas,

toda a preocupação que ele sempre teve pela minha saúde e por minha história.

Eu achava que ele apenas simpatizava comigo, mas percebo agora que tudo o que fez foi por causa do coração.

Eu carrego o coração de Mônica Kaufmann.

— Isso não faz nenhum sentido! — Geórgia acusa.

— Lara estava morrendo, assim como mais outras sete pessoas que receberam os órgãos da nossa filha. — Assim como eu, a senhora Kaufmann fica estupefata, confirmando o que eu já suspeitava.

Ela não sabia!

— Você... — A senhora me encara. — Você doou os órgãos da nossa filha sem falar comigo?

— Como médico, eu fiz um juramento de que faria de tudo ao meu alcance para salvar vidas, mas isso não me impediu de perder muitos pacientes ao longo dos anos de profissão. Mônica era jovem, saudável, apenas seu cérebro parou. — Ele soluça, mas se contém. — Era certo cremar tudo e não deixar que outras pessoas pudessem ter uma chance real? — Ele aponta para mim. — Lara não estaria aqui, não poderia viver sua vida, ser feliz. O senhor que recebeu um dos rins não teria visto seu neto nascer, e a moça que recebeu as córneas não teria tido a chance de ver um pôr do sol em sua lua de mel.

A constatação de que ele sabia de cada um de nós, que acompanhou nossas vidas me deixa sem fôlego. Um misto de sentimentos conflitantes se forma dentro de mim, pois, ao mesmo tempo em que eu quero abraçá-lo e lhe agradecer o gesto, quero gritar com ele sobre o motivo de ele não ter me contado.

Teria feito diferença se eu soubesse?

Penso em Amanda, abraçando-me forte, com sua vozinha linda me chamando de mamãe e – choro – penso em Cadu. Um terrível pressentimento assombra minha consciência, e eu estremeço inteira. Tento dizer a mim mesma que a probabilidade de ele ter sabido disso é mínima, pois nem a mãe de Mônica sabia até momentos atrás.

— Era nossa filha! Como você pôde espalhar pedaços dela por aí? — Ela me olha. — Para estranhos!

— Geórgia, eu fiz o que achava certo, eu pensei nas outras famílias. Nós não podíamos fazer mais nada pela nossa filha, mas eles ainda tinham uma chance!

A distinta senhora começa a gritar em desespero, e Anselmo corre até ela, segurando-a quando desmaia.

— Rosane! — a secretária aparece ao ouvir o grito. — Peça uma equipe aqui agora!

A secretária pega o telefone.

O tempo parece congelar enquanto eu, ainda no chão, olho para ele tentando reanimar a esposa. Anselmo a chama, toma sua pulsação, conferindo seus batimentos e, quando enfermeiros chegam com uma maca e kit de primeiros-socorros, ele volta a prestar atenção em mim.

— Eu tenho muito orgulho de o coração dela ter chegado a você, Lara. — Ele me estende a mão. — Muito!

— Por que o senhor não me contou a verdade quando nos conhecemos?

— Eu nunca quis que ninguém soubesse. Geórgia não sabia, eu não consegui contar a ela na época, e depois... — Dá de ombros. — Não é preciso identificar o doador, e eu preferi assim.

A pergunta que martela em minha mente, mas que eu achava ser incapaz de fazer, com medo da resposta, sai sem que eu planeje:

— Cadu sabe?

Anselmo tampa o rosto com as mãos e depois as passa pelos cabelos brancos.

— Ele não sabia...

Deus! Não!

— Há quanto tempo ele sabe? — sinto um nó tão grande em minha garganta que quase não consigo fazer a pergunta.

— Há alguns dias. — Ele pega o pingente, que jaz jogado no chão junto com a corrente quebrada e o coloca em minha mão. — Ele reconheceu a joia também.

Meu maior medo se torna real. Eu me lembro da manhã em que acordei e que peguei o pingente, até então guardado. Lembro-me da nossa conversa e da reação de Cadu ao ver a joia. Mais tarde, quando retornou, ele me contou sobre Angélica, e eu imaginei que sua estranheza se devia a isso.

Naquela mesma noite ele disse que me amava! Choro sentida, soluçando, ao perceber o que houve. Cadu disse-me que não poderia oferecer mais nada além do desejo que sentia por mim. Ele amava e sempre amaria uma só mulher: Mônica. As palavras apaixonadas, as carícias ternas, a felicidade... nada disso era porque ele me amava. Tudo foi por causa do coração e a quem ele pertenceu antes de estar em meu peito. Ele não *me* ama!

Tento me acalmar quando noto tudo silencioso ao meu redor. Não sei por quanto tempo fiquei chorando, sentindo a decepção de saber a verdade. Os enfermeiros, a maca, bem como o doutor Anselmo e sua esposa já não estão mais aqui comigo.

Abraço a mim mesma, sentindo-me sozinha, sentindo-me sem valor, apenas um corpo que guarda um tesouro. Pela primeira vez nesses anos todos, ponho a mão sobre meu peito e amaldiçoo ter recebido este coração.

Volto para casa de táxi, perdida em pensamentos sobre o que fazer. Obviamente não posso me sujeitar a ser uma peça substituta na vida do Cadu, mas também não quero que o meu sofrimento prejudique Amanda. Seco as lágrimas em meu rosto, ignorando os olhares do taxista pelo retrovisor, pensando em como ela ficaria caso eu saísse de suas vidas.

Eu não posso fazer isso! Independentemente dos meus sentimentos pelo Cadu, eu sempre quis reuni-los, sempre achei que o melhor para a menina era ficar com o pai, não apenas por ele ser o progenitor dela, mas porque ele a ama de verdade e quer o melhor para a filha.

Fico um bom tempo parada na portaria principal do edifício, tentando me acalmar, processar todas as coisas que descobri e reunindo coragem para fazer o que tenho de fazer. Eu lutaria por ele, como minha avó me disse para fazer, faria tudo o que pudesse para conseguir seu amor. No entanto, depois do que descobri hoje, percebo que não vale a pena lutar. Ele nunca vai me ver realmente ou mesmo me amar por quem sou. Eu sou apenas alguém que carrega o coração – justamente o coração – da mulher que ele amou a vida inteira, da mulher que ele ainda ama.

Fico aliviada quando percebo que ele não está em casa. Por mais que eu tente me fazer de forte, sei que estou me despedaçando por dentro e que a conversa que terei com ele me fará sangrar, mas será necessária.

Subo para o quarto e tomo um longo banho, dando vazão às lágrimas e à tristeza de saber que tudo não passou de uma ilusão. Fico um tempo me olhando no espelho, enrolada na toalha, tentando descobrir se Cadu vê Mônica em mim de alguma forma, pois não somos nada parecidas.

Toco meu peito, sentindo as batidas do coração dela, do coração que salvou minha vida e que, de alguma forma, possibilitou-me encontrar Cadu e o amar. Mônica teria querido isso? Ela gostaria de que ele encontrasse alguém que o amasse e o ajudasse a ser feliz novamente? Fecho os olhos, pensando que não, julgando-a pelas poucas informações que tive sobre ela.

Ela era muito jovem, mimada e não parecia considerar muito os sentimentos dos outros. Não duvido de que ela tenha realmente amado o Cadu, mas também se aproveitou das condições desiguais entre os dois para afrontar a mãe, o que o humilhou e magoou muitas vezes e criou toda essa tensão entre ele e os pais dela até hoje.

Não! Mônica não me parece ser do tipo que gostaria de vê-lo feliz sem ela.

Vou até a suíte na qual dormia antes de mudar o acordo com o Cadu e suspiro, vendo o armário quase vazio, com poucas roupas de festa penduradas nele, e o lençol da cama esticado, sem uso por semanas.

Durou tão pouco a minha ilusão!

Começo a separar minhas coisas na suíte principal para levá-las de volta para a outra, mesmo com vontade de deixar tudo para trás e sumir por uns tempos daqui. No entanto, engulo essa vontade de me refazer longe dele e continuo minha mudança para o quarto ao lado, pensando na ação de guarda.

Eu me casei com Cadu já apaixonada, mas ele só me fez essa proposta por causa das chances de ter Amanda de volta e, mesmo machucada e decepcionada, não é justo que eu ponha tudo a perder agora.

Pego mais alguns cabides no closet da suíte principal, mas, antes que eu chegue ao meu destino, encontro com Cadu no corredor.

Ele, que, até ver a roupa em meus braços, estava sorrindo, franze o cenho, notando algo errado.

— Algum problema com essas roupas?

Sinto minha garganta apertando, meu coração pula desesperado, e eu respiro fundo, tentando me controlar.

— Não. Eu estou transferindo minhas coisas de volta para a outra suíte.

Ele fica pálido.

— Por quê? — Caminha até onde estou. — O que houve, Lara?

Recuo antes que ele me toque, e Cadu para, parecendo ainda mais confuso.

— Eu estive no HK hoje para uma consulta.

Ele arregala os olhos.

— Você não me disse nada! Algum problema com o...

Rio, mesmo sentindo as lágrimas descendo, ante a sua preocupação com o coração da Mônica.

Cadu fica sem reação diante de meu riso amargo e meu choro.

— Não, nenhum problema com o coração. — Passo por ele, sentindo-me arrasada, tentando manter a calma para conversar.

Coloco as roupas em cima da cama e fico um tempo parada, olhos fechados, sentindo as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas.

— Você encontrou o doutor Anselmo por lá?

Eu me viro ao ouvir sua pergunta preocupada.

— Sim.

Ele fecha os olhos.

— O que ele te disse, Lara?

— Garantiu que não sabia sobre Angélica. — Cadu estranha a informação. — Ele não me contou sobre o coração, não propositalmente.

Vejo-o estremecer, reter o fôlego e, em seguida, caminhar com passos decididos até onde estou.

— Lara, eu... — Faz menção de me tocar, e eu o rejeito.

— Não me toque, Cadu! — Ele para. — Só... não me toque!

Não consigo conter as lágrimas, e vejo as dele também banhando seu rosto.

— Perdoe-me por não ter contado, por favor! — sua voz está trêmula. — Lara... por favor!

— Se eu não tivesse descoberto, você teria me contado? — Ele fica mudo, e eu confirmo que ele nunca teve intenção de me dizer sobre a doação, o que me magoa ainda mais, pois ele preferiu me enganar, viver sua ilusão de ter Mônica de volta. — Você nunca me quis de verdade...

— Eu quero, Lara! Eu amo...

— Não! Você não *me* quer, nunca *me* quis, não *a mim*! A única coisa com que você se importa é com isso! — Aponto para o meu peito. — Sinto lhe informar, Cadu, mas é só um pedaço de carne. Não há sentimento dela dentro dele, não há nada dela dentro de mim, entende? — minha voz soa desesperada até mesmo para meus próprios ouvidos, magoada, quebrada.

— Lara, não...

— Eu não sou a Mônica! — grito para que ele possa entender. — Eu nunca vou ser, mesmo tendo o coração dela batendo em mim. Lamento que você não a possa ter, de verdade. Mas não pode, nem através de mim.

— Eu sei. Eu sei disso! Não foi por isso que eu...

— O que me levou a amar Amanda não foi o amor que ela sentia. O que me fez amar você também não foi — interrompo-o, colocando tudo o que sinto para fora. — Eu só não posso aceitar receber um amor que pertence a outra pessoa.

— Eu não sabia, Lara — Cadu sussurra como se estivesse derrotado. — Eu não sabia sobre a doação, nunca me contaram.

— Mas quando soube também soube sobre mim, não foi?

Ele me encara, olhos vermelhos e molhados, rosto transformado pela dor. Nós dois fomos machucados por esta situação, eu sei, mas, ainda assim, ele não tinha o direito de me fazer viver uma ilusão. Ele não tinha o direito de mentir para mim sobre o que sentia!

— Sim, mas isso foi... — tenta se justificar.

— Antes de você se declarar para mim?

Ele abaixa a cabeça e nega.

— Não. Mas eu já havia percebido que amava você antes de saber a verdade, acredite em mim!

Quero tanto acreditar em suas palavras, mas me lembro de todas as vezes em que ele ressaltou seu amor imortal por ela, o modo como me pediu para mudar o acordo, garantindo-me que nunca poderia vir a me amar.

Ele se aproxima de mim, mas não tenta me tocar novamente. De onde está, posso sentir o cheiro do seu perfume e seu hálito quente tocando meu rosto. Mesmo sabendo de tudo, ainda o amo, ainda sinto vontade de ser abraçada por

ele, amada por ele.

— Perdoe-me por não ter contado, vejo agora que foi um erro. Mas eu garanto, Lara, que eu amo você. — Nego, não podendo acreditar nisso. — Por favor, acredite em mim e no que sinto.

— Não dá! — sou sincera sobre isso. — Eu lembro o quanto você a amava e todas as vezes que, mesmo sendo terno comigo, ressaltou como se sentia. Você me prometeu sinceridade, Cadu, mas mentiu para mim. — Novamente ele abaixa a cabeça e concorda. — Disse que não iria me iludir, me dar falsas esperanças, e eu aceitei, eu aceitei receber o que você podia me dar naquele momento. Não havia necessidade de mentir; ainda assim, você o fez!

— Não...

— Mentiu! — digo com firmeza. — Eu aceitaria passar a vida inteira à sombra dela se soubesse que você não poderia me amar e que era sincero comigo. — Não consigo segurar o soluço. — Mas não posso mais me enganar, Cadu. Eu quero ser amada! Por mim, não porque – Deus sabe o motivo! – carrego um pedaço da mulher que você ama.

— Eu amo você, Lara! — grita e me segura pelos ombros. — Eu amo você!

Não! Eu entendo que ele esteja desesperado para me manter ao seu lado por causa da Mônica, mas é cruel demais o modo como mente para mim ou tenta me convencer de algo que ele mesmo sempre disse que não iria acontecer.

— Eu preciso de um tempo. — Seco as minhas lágrimas, decidida. — Eu não posso sair da vida da Amanda de repente. — Ele geme meu nome dolorosamente. — Ela já perdeu a mãe, não precisa me perder também...

— Lara, não faça isso conosco. — Ajoelha-se aos meus pés, e isso só me faz sentir mais dor. — Não faça isso conosco!

— Eu não posso mais... — Viro as costas para não o ver nesse desespero – o mesmo que sinto –, pois sinto vontade de ir até ele e dizer que aceito o que ele pode me oferecer. Porém, não posso! Eu mereço ser amada por quem eu sou, não para manter a ilusão de ele ter a Mônica de volta. — Preciso pensar, Cadu.

— Lara, por favor — sua voz, baixa, soa derrotada. — Eu amo você! Aprendi a te amar antes mesmo de saber sobre o coração. Você, Lara Martins Fontenelles, é a mulher que eu amo.

Ah... como eu gostaria de acreditar nisso! Eu só não consigo fazer isso agora, talvez nunca consiga totalmente. Mônica sempre será uma sombra entre nós, principalmente por causa do coração. Eu sei disso e entendo que é só um órgão, mas posso imaginar a importância dele na vida do Cadu.

— Deixe-me sozinha — imploro. — Por favor.

Tudo fica em silêncio por um longo momento, embora eu saiba que ele continua aqui. Contudo, quando ouço a porta ser fechada, tenho a sensação de

que realmente acabou. A ilusão se foi, eu volto apenas a ser sua parceira na luta por Amanda, não mais sua esposa.

Caminho até a janela do quarto, olhando para a vista das árvores do Ibirapuera, pensando que tomei a atitude correta, embora a mais dolorida.

Isso não pode estar acontecendo!

Entro na suíte que, até poucas horas, eu dividia com a Lara e paro, olhando para a cama ainda repleta de cabides com roupas dela, sentindo-me quebrar por inteiro. Eu não posso perdê-la!

Estou trêmulo, coração agitado, os pensamentos a mil por hora, tentando achar um jeito de convencer Lara de que eu a amo, que já a amava antes mesmo de saber sobre o coração da Mônica. O desespero ameaça tomar conta de mim, mas o retenho, assim como o meu fôlego, sabendo que, se eu perder o controle agora, vai ser pior.

Eu não vou deixar Lara sair da minha vida! Não posso deixar!

Grito de dor, raiva e frustração por isso tudo ter acontecido, afinal, qual foi o propósito? Que tipo de brincadeira é essa que a vida aprontou comigo, conosco? Ando de um lado para o outro dentro da suíte, ansioso e agitado. Preciso me recompor, me acalmar para conversar com ela direito. Eu...

Lara me pediu um tempo, e eu acho justo que ela o tenha. Respiro fundo e encosto a cabeça contra a porta, sentindo-me solitário e, o pior, imaginando como ela está se sentindo. Isso era tudo o que eu queria evitar ao esconder dela sobre a doação. Lara é uma das pessoas que mais amo neste mundo e, por isso mesmo, vê-la sofrer me faz sofrer ainda mais. Sinto-me perdido, sem saber como agir, querendo ir até o quarto onde ela está e implorar que ela acredite em mim até convencê-la de que o que sinto por ela nada tem a ver com o órgão que ela carrega.

Fecho os olhos, tentando não imaginar que ela esteja questionando os seus próprios sentimentos por mim. Não! Ela sabe que não há nenhum sentido pensar que o amor que ela sente por minha filha e por mim mesmo tenha vindo da Mônica. Não faz sentido!

Lembro-me de suas palavras dizendo que o órgão era apenas um pedaço de carne e relaxo. Lara pensa como eu, ela entende que, embora seja o coração da Mônica dentro dela, os sentimentos são exclusivamente seus. Tudo o que eu preciso agora é achar um jeito de provar a ela que meu amor também é.

Vou para o banheiro, tomo um banho rápido, renovando minha esperança e vontade de lutar por ela. Bato à porta do quarto onde se instalou e, quando ela não responde, abro-a. Lara não está.

Desço atrás dela, mas, ao que parece, ela saiu. Estremeço apenas com a possibilidade de ela ter ido embora, de ter me abandonado, embora tenha dito que não faria isso. Só relaxo quando recebo uma mensagem da Milena dizendo que Lara está indo para seu apartamento e me perguntando se está tudo bem.

Não, Mi. Converse com ela, por favor!

Envio a mensagem e fico um tempo pensando no que fazer, mas sem chegar a nenhuma conclusão. Decido ir até o Luti para conversar também, desafogar todos esses sentimentos que estão dentro de mim desde que descobri sobre a doação e tive medo real de perder a Lara.

Ligo para o meu amigo assim que estaciono em frente ao seu prédio.

— Fala, mano...

— Luti, você está em casa? — Ele fica um momento mudo e depois confirma. — Eu preciso conversar.

— Algum problema? — Bufo, e ele parece entender. — Eu sempre estarei

aqui para você, mano. Pode vir!

Encontro-o à porta do apartamento, e, assim que ele me olha, arregala os olhos. Sim, eu estou um trapo! Minhas lágrimas não param de cair, o que deixa meus olhos e nariz vermelhos.

— Porra, Cadu, o que aconteceu? — Ele me abraça forte. — É com Amanda? Perdemos de novo?

Nego.

— Com Lara...

Luti fica branco.

— O coração? Ela está bem? Está internada?

Fico um tempo confuso pela enxurrada de perguntas dele até que consigo negar.

— Eu a perdi, Luti. — Soluço. — Eu não posso perdê-la!

Luti me puxa para dentro do seu apartamento, fechando a porta. Anda até a máquina de café e a aciona, depois olha para mim ainda sem entender nada e dispara:

— Qual é a merda que você fez, mano?

Eu rio de mim mesmo, limpando meu rosto, imaginando como será a reação dele ao saber de tudo.

— Eu escondi algo dela. — Luti cruza os braços. — Eu não a traí, Luti! Eu a amo, porra!

— Eu sei que *vocês* se amam, por isso não consigo entender o que está acontecendo! — Ele aponta para seu sofá de couro preto para eu me sentar. — O que você não contou a ela?

Respiro fundo, vendo-o se encaminhar com duas xícaras de café expresso nas mãos. Ele as coloca em cima da mesinha, no centro da sala, e se senta de frente para mim em uma cadeira.

— Lara quase morreu aos 16 anos, o que a salvou foi um transplante. — Luti fica paralisado, sério, tomando dimensão da gravidade do problema que Lara enfrentou. — Ela se recuperou, voltou para casa, e a família do doador lhe enviou um presente. Uma joia. — Ele franze o cenho, sem entender. — Eu reconheci o pingente assim que o vi, o pingente da Mônica.

— Puta que pariu! — Meu amigo se levanta, incapaz de ficar parado me ouvindo contar essa estranha coincidência da vida.

— Eu nunca soube que os órgãos dela tinham sido doados, nunca! — Tampo o rosto com as mãos por um momento. — Anselmo fez tudo isso sem comunicar nem a mim e nem sua própria esposa...

— Então ele sabia que a Lara tinha o coração da Mônica o tempo todo? — Confirmo. — Filho da puta!

— Eu já estava apaixonado e...

— Mano, você já estava apaixonado há muito tempo! — Luti ri. — É só tão teimoso e irritante com esse luto que nunca parou para analisar o que sentia pela Lara. Porra, cara, que loucura!

Sou obrigado a concordar com ele. Há muito tempo que eu amo a Lara, apenas negava a mim mesmo essa verdade. Ela me conquistou desde o começo, primeiro com seu jeito amoroso e preocupado com minha filha; depois, quanto mais a fui conhecendo, a pessoa maravilhosa que ela é, mais encantado ia ficando.

— Ela não acredita que eu a ame — digo, sem desespero, apenas constatando.

— Quando você descobriu?

— Há poucos dias. Confrontei o Anselmo e pedi a ele que continuasse a guardar segredo, pois sabia que isso iria acontecer. — Fico de pé. — Eu precisava de tempo para que ela entendesse que o que sinto pouco tem a ver com o coração...

— Eu sei, mano. — Ele me dá um tapinha nas costas. — Ela vai entender, Cadu, vocês se amam demais.

Eu me agarro à convicção dele para não entrar em desespero.

— Como ela soube?

— Não sei direito. Ela foi até o HK e, quando voltou, já sabia de tudo. — Fico imaginando se Anselmo fez isso de propósito ou... não, ele não faria isso. — Eu sei que errei ao esconder, mas eu tive medo de perdê-la quando ela soubesse. Tive medo de que ela pensasse que eu a amo apenas porque ela possui uma parte da Mônica.

Volto a me sentar e pego o café, bebendo um pouco para tentar desfazer esse nó na minha garganta, mas não consigo.

— Ela precisa de um tempo, apenas isso. — Assinto. — Lara é inteligente e vai perceber que o que une vocês é real. — Ele ri. — Eu sou um merda com relacionamentos, mas sei reconhecer um de verdade quando vejo. O dos meus pais era assim...

Lembro-me da mãe dele, internada, e sinto meu coração apertar ao ouvir essa frase.

— Luti?

— Nós a enterramos ontem. — Fico pálido. — Meu pai me pediu para sermos apenas nós, sem alarde, sem imprensa, e eu respeitei sua vontade.

— Mano, eu sinto muito! — Sinto-me mal por estar aqui jogando meus problemas em suas costas quando deveria ser eu a consolá-lo.

Luti dá de ombros.

— Ela teve paz, estava sofrendo muito. — Sorri, triste. — Vou sentir falta, sempre fomos muito unidos, mas foi melhor assim.

— Força, Luti. — Nós seguramos um a mão do outro. — Eu também sempre estarei aqui para você.

— Eu sei, Cadu. — Respira fundo, soltando minha mão para prender seus cabelos. — Agora precisamos pensar numa maneira de você mostrar para a Lara que ela é a mulher da sua vida!

Eu reconheço o olhar de obstinação dele, vejo isso sempre que ele põe algo na cabeça e enquanto batalha para o ter. Sei que essa minha situação é algo em que decidiu focar agora para anemizar a dor da sua própria perda, mas também porque é meu amigo.

— Sim, eu faço qualquer coisa para que ela saiba que eu a amo.

Ele sorri e bebe seu café.

Depois que saí da casa do Luti, recebi muitas mensagens da minha irmã – leia-se muitos *emojis* fazendo cara de assustado –, mas não liguei para ela, pensando que talvez Lara ainda estivesse lá.

Só que não estava. Minha esposa já havia voltado ao nosso apartamento e tirado todo e qualquer vestígio seu da minha suíte, o que fez minha esperança diminuir um pouco. O closet ficou tão solitário e vazio quanto eu mesmo me sinto. Os cabides pendurados, as gavetas vazias, o banheiro sem seus xampus e maquiagens.

Eu sei que ela está logo aqui ao lado, no outro quarto, mas a distância emocional é tão grande que parece ser impossível alcançá-la novamente. Sento-me na cama, olhando fixamente para a porta do closet aberta e o espaço dentro dele. Respiro fundo, aspirando o perfume dela, que ainda preenche o quarto, e passo as mãos sobre o lado da cama onde ela dormia. A realidade se abate sobre mim, as imagens de Lara sozinha, deitada na enorme cama do outro cômodo, enquanto eu estou aqui, tão solitário e infeliz quanto ela.

Vou até lá sem fazer barulho e me encosto à porta, tentando ouvir qualquer tipo de barulho que indique que ela esteja acordada. Giro a maçaneta devagar e olho o interior escuro, notando os contornos do corpo dela debaixo do edredom. Fecho os olhos e a porta do quarto, voltando para minha suíte com o coração quebrado e lágrimas caindo.

Eu preciso tê-la de volta!

Assino e entrego a última prova do semestre e vou já para o corredor conferir as notas das demais. Mais um período concluído na faculdade, apesar da dificuldade que foram esses dois últimos meses. Minhas notas sofreram quedas drásticas, mas, graças às ótimas que tirei no começo, eu não fiquei reprovada em nenhuma matéria.

Suspiro ao pensar na minha situação com o Cadu e a perspectiva de ter uma sentença sobre a guarda da Amanda muito em breve. Fecho os olhos ao pensar no meu Raio de Sol, tão amada, tão carinhosa e sinto meu coração apertado por não poder ficar com ela como gostaria.

Na próxima semana eu vou viajar para fora do país, minha segunda viagem

de avião, para fazer um curso de extensão com um maestro famoso da Bélgica. Eu nem acreditei quando fui selecionada juntamente com outros alunos. Esse tempo é tudo o que eu preciso para me restabelecer, embora me doa pensar em ficar longe.

Entretanto, preciso admitir que não está sendo fácil permanecer sob o mesmo teto que o Cadu, não está mesmo! Ele tem sido tudo o que sempre sonhei em um homem, romântico, atencioso. No entanto, eu ainda não consigo acreditar que tudo o que ele sente é por mim. Eu quero acreditar, quero mesmo, mas como ter certeza?

Na mesma noite em que o confrontei, eu o vi indo até meu quarto, conferindo se eu estava lá. Fiquei deitada olhando sua sombra na fresta da porta, sabendo que ele não podia notar que eu estava acordada. Meu coração estava acelerado, aguardando que ele entrasse a qualquer momento e pensando que, sinceramente, tudo o que eu queria era estar em seus braços. Eu o amo tanto que não sei como agir.

Na manhã seguinte vim para a ECA sem tomar café da manhã e sem falar com ele. Fiquei mais tempo do que o necessário aqui na faculdade, indo para casa apenas tarde da noite.

Cadu ficou fora alguns dias por causa dos shows, e eu voltei a vê-lo apenas quando Amanda voltou para sua visita semanal. Eu não queria passar nenhum tipo de tensão do que estava acontecendo para a menina, mas não foi fácil senti-lo tão perto, ver seus sorrisos e me manter firme no propósito de sair de sua vida.

Liguei para a minha avó, minha melhor conselheira, e contei tudo a ela.

— Lara, minha menina, você tem certeza de que é isso mesmo que você quer?

— Vó, eu não posso competir com ela! — respondi. — A senhora não sabe a dimensão do amor que ele sentia pela Mônica. E saber que eu carrego um pedaço dela...

— Ele disse a você que te amava, não foi? Você!

Eu respirei fundo.

— Disse... mas como ter certeza? Como ter esperança?

— Quem tem certeza no amor, Lara? Amar é isso, minha filha, é se jogar e esperar que alguém a ampare, é andar sem saber para onde ir, mas tendo a certeza de viver cada passo do caminho. Amor é isso, Lara.

Naquela noite ele me esperou chegar da faculdade com uma enorme barca de comida japonesa do nosso local favorito e uma seleção filmes na *Netflix*.

— Pensei em jantarmos juntos para conversar um pouco — ele se justificou. — Nós não podemos ficar assim para sempre, Lara. Nós não merecemos ficar assim para sempre.

Concordei com ele, deixei minhas coisas sobre o sofá e me sentei ao seu lado, em almofadões, próximo à mesinha na qual ele colocou a comida. Escolhemos o filme juntos, um romance que contava a história de dois amigos que quase ficaram juntos no dia de sua formatura, mas que depois mantiveram a amizade durante anos, mesmo ela sendo apaixonada por ele.

O filme, com final muito triste, deixou-nos mudos por um tempo.

— Eu amo você, Lara — Cadu disparou, fazendo-me encará-lo. — Amo você de verdade!

— Cadu... — ele pôs o indicador sobre meus lábios, calando-me.

— Eu fiquei apavorado quando descobri sobre a doação, sobre o coração. Sabe por quê? Medo de que você pensasse que o que eu sentia ou mesmo o que você sentia, fosse por causa disso. Não é, Lara! Eu vinha lutando contra o que sinto por você há muito tempo e...

— Por quê, Cadu? Por que você lutava contra?

Ele ficou um tempo me olhando como se não soubesse o que responder.

— Porque eu não admitia que podia amar outra além da Mônica. — Ele segurou meu rosto. — Mas eu estava enganado, Lara.

Eu queria tanto acreditar, tanto!

— Eu ter um pedaço dela dentro de mim facilitou as coisas...

— Não, Lara, porra! — Ele me puxou com força contra seu corpo. — Eu quero você. Eu passei noite inteiras pensando em você, me martirizando por te querer de um jeito que nunca quis mais ninguém, pensando que você nunca iria ser minha. Eu me apaixonei por quem você é, pela mulher incrível que eu conhecia cada dia mais. Eu não sou mais um adolescente deslumbrado, eu sou um homem que entendeu que o amor nem sempre acontece da mesma forma, mas isso também não significa que é menos intenso ou menos real. — Tomou fôlego. — O que eu vivi com a Mônica foi forte e único, mas passou. Ficaram as lembranças, o sentimento de respeito e saudade, além da gratidão por causa da minha filha, mas acabou. O amor se transformou, e isso só me faz ter certeza de que você é a mulher que eu amo.

Cadu me beijou tão intensamente, de forma tão desesperada, que eu apenas me deixei levar, desfrutando das sensações de estar novamente em seus braços. Nós nos agarramos um ao outro pelos cabelos, pelos ombros, em total combustão, trêmulos de desejo e saudade.

Ouvir tudo o que ele me disse mexeu comigo, embora eu não soubesse ainda se conseguiria lidar com toda nossa situação. A questão não era só acreditar no amor dele por mim, mas também conviver com o fantasma do relacionamento dele com a Mônica me rondando o tempo todo por causa desse coração.

— Lara, volta para mim, seja minha novamente.

Respirei fundo, sorri triste e neguei.

— Eu ainda não sei. Eu quero, não deixei de amar você, mas não sei se consigo lidar com toda essa confusão. — Pus-me de pé. — Não sei.

Depois desse dia ele saiu em turnê com a banda, eu me inscrevi para concorrer à vaga no curso na Bélgica – acreditando que não passaria –, mas não deixei de considerar em nenhum momento o que ele me pediu.

Meu telefone tocou numa tarde em que fui me encontrar com meus amigos para comemorar a contratação do Marlon em uma companhia grande de teatro. Ele saiu de vez do Hill – lamentando-se por deixar a Duda, que está passando por uma situação difícil – e vai se dedicar integralmente ao que ama. Era o doutor Anselmo, e eu, daquela vez, fiz questão de atender.

— Eu preciso conversar com você — ele me pediu.

— Tudo bem. — A situação toda me incomodava, e eu precisava resolver tudo. — No HK?

— Não, aqui em casa, pode ser?

Senti medo, ansiedade, mas quis enfrentar tudo.

— Pode, sim.

Marcamos o dia e o horário, e eu fui até lá. Depois de meses sem entrar na mansão, estava de volta. Dei um abraço apertado na Flaviana, matei a saudade do café da Eliza e fiquei aguardando o doutor chegar do hospital.

Não contei ao Cadu sobre a conversa, pois achei que ele não iria aprovar e, como ele estava na estrada com a banda, aproveitei para colocar tudo em pratos limpos com o médico. Eu sou grata a ele por seu gesto, mas não sou sua filha. Fiquei magoada ao perceber que toda a atenção e amizade que ele me dispensou foi somente por causa do coração, não por mim mesma.

Perguntei por Amanda, mesmo sabendo que ela estava em aula naquele horário, e Eliza me confidenciou que a menina era só alegria com as visitas ao pai.

Eu estava mastigando um pedaço de um bolo de laranja quando Flaviana me avisou da chegada do doutor. Ele me aguardava na sala íntima, no segundo piso da casa, local onde nunca tive qualquer reunião com eles enquanto trabalhava ali e que, como sabia, não era onde eles costumavam receber visitas; a minha maior surpresa, no entanto, foi ver Geórgia Kaufmann juntamente com o marido me esperando. Anselmo se pôs de pé assim que me viu, dando um sorriso constrangido, talvez por ter omitido que sua esposa estaria presente. Se eu soubesse, certamente não teria ido, mas foi melhor assim, pois conseguimos conversar.

— Obrigado por ter vindo, Lara. — Ele me apontou uma poltrona. —

Flaviana, traga-nos café, por favor.

Sentei-me de frente para o casal, os olhos de Geórgia fixos em mim, acompanhando cada movimento, como se quisessem ver além de mim ou, talvez, dentro de mim.

— Como vai, Lara? — ela me perguntou.

— Estou bem, obrigada. — Ela apenas balançou a cabeça. Suspirei com o clima pesado e decidi ser direta: — O que vocês querem conversar comigo?

Eles se entreolharam.

— Nós conversamos, e Geórgia me pediu para te convidar a vir — Anselmo começou. — Ela não sabia e, bem, agora ela quer te conhecer melhor e...

— Quero o pingente de volta — completou a mulher.

— O quê? — Anselmo olhou para ela apavorado. — Que absurdo é esse, Geórgia?

Fiquei sentada ali, paralisada, sem entender o que estava acontecendo, vendo o rosto da senhora Kaufmann duro como pedra e o do doutor Anselmo surpreso, dividido entre a total estupefação e o constrangimento.

— É uma joia valiosa, familiar, e a Lara não é da nossa família, mesmo que esteja usando o coração da minha filha.

Eu a olhei boquiaberta. Usando o coração da filha dela?! Senti-me quase como uma usurpadora de corações alheios! Eu tinha mandado consertar a corrente, que ela mesma partira, mas, desde então, não havia usado a joia mais. Abri a bolsa, peguei a caixinha de veludo vermelho e a coloquei sobre a mesinha de café.

— Infelizmente não posso devolver o coração — disse seca, olhando-a. — Se pudesse, o faria.

— Lara... — Eu olhei para o médico, pálido. — É seu!

— Não, não é. — Respirei fundo, tentando me acalmar. — Eu sou muito grata por tudo o que o senhor fez, não só por mim, mas por todos os outros que tiveram outra chance devido ao seu gesto. Não me entenda errado, eu não sou ingrata. Contudo, a senhora Kaufmann tem razão! Eu não sou da família, eu não sou sua filha...

— Eu te admiro independentemente disso tudo, Lara. — Ele se levantou. — Fiquei feliz pela escolha que fiz, pela vida, ainda mais depois de te conhecer. Eu senti orgulho, me sinto orgulhoso de ser você a ter o coração de Mônica.

Apenas assenti, sem poder dizer a ele o mesmo. Ainda me magoava muito pensar que Cadu e ele me tratavam com tanto carinho por causa do coração.

— Minha filha era muito melhor! — Geórgia frisou, recolhendo a caixinha com a joia de cima da mesa. — Até o Carlos Eduardo acha isso, afinal, só se

casou com Lara para tentar vencer o processo de guarda.

O tiro atingiu bem no centro do alvo, e as palavras envenenadas adoeceram meu coração. Fechei os olhos, sentindo a dor da verdade, embora acreditasse que tudo mudara depois, só não tinha certeza de quando. Eu não duvidava do amor de Cadu, a única dúvida era a quem pertencia esse sentimento.

— Lara? — a voz da professora Gilda desperta-me das lembranças. — Animada para o curso?

— Estou, sim! — respondo com sinceridade. — Eu não tinha passaporte até uns meses atrás, imagina minha felicidade com essa viagem.

— Ah, que bom! Tenho certeza de que esses dois meses em Bruxelas vão ser ótimos para o seu currículo. Seu marido vai acompanhá-la?

Sinto-me gelada ao pensar no Cadu e na sua reação quando eu disse que irei viajar. Foi após mais uma visita da Amanda, depois que fomos ao cinema e passeamos pelo shopping, notando as vitrines já enfeitadas para o Natal.

Minha pequena Raio de Sol, animada, comentou sobre a possibilidade de comemorar a data, pois nunca pôde, uma vez que seus avós não são cristãos. Cadu, então, pediu-me para ajudá-lo a planejar um Natal para Amanda, e dizer a ele que eu não estaria aqui para as festas foi terrível. Eu me senti mal, como se estivesse abandonando-os.

— O que significa isso, Lara? — ele me indagou.

— É uma oportunidade, apenas, eu nem pensei que passaria no processo seletivo — justifiquei.

— Por quanto tempo?

— Vou no começo de dezembro e retorno no final de janeiro.

— Quase dois meses. — Assenti. — É realmente uma oportunidade única! — Sorriu triste. — Parabéns.

— Cadu... — chamei-o, mas ele se afastou.

Desde então, eu quase não o vejo, e isso já faz duas semanas.

— Ele tem compromissos de trabalho aqui no país — respondo à professora. — Além disso, temos uma criança.

Ela se surpreende.

— Sua filha?

Paro um momento, lembrando-me da noite em que ela me abraçou na cama e me pediu para chamá-la de mamãe. O amor, o carinho que sinto por Amanda não mudaram, pelo contrário, ficam cada dia mais fortes... assim como pelo pai dela.

— É, sim, nossa filha.

Pego minha mala no carro de Milena e a coloco no carrinho de bagagem do aeroporto, embora ela nem esteja totalmente cheia, pois terei que comprar roupa de frio na Bélgica, já que o inverno por lá é bem rigoroso. Abraço minha cunhada, que me deu uma carona até aqui.

— Aproveite esse momento, essa oportunidade, mas volte para aqueles que a amam.

Eu assenti, mesmo com o coração em pedaços, com medo de já ter posto tudo a perder.

Cadu tem ficado com o Luti, dormindo em casa apenas quando Amanda está lá. Milena disse que ele apenas está me dando o tempo que pedi, mas sinto que não é isso, sinto que ele já se cansou. Minha incerteza e insegurança talvez o tenham feito desistir de esperar pela minha decisão.

— Mi, a sentença está para sair por esses dias, antes do recesso forense, então peço que ajude o Cadu com a Amanda enquanto eu estiver fora. — Suspiro, triste. — Eu me sinto tão mal por deixá-los neste momento tão importante e...

— Então não vá, Lara. — Pega minhas mãos. — Oportunidades assim acontecem de novo. Fique! Você esteve presente em cada passo dessa luta, merece comemorar essa vitória, merece ser a mãe da minha sobrinha e a mulher do meu irmão. Dê mais uma chance a vocês!

A Off-Road começou essa semana uma série de shows por Goiás, e eu não estive mais com o Cadu desde então. Ele tem evitado ficar em casa comigo não apenas à noite, permanecendo apenas quando Amanda está, e Luti me diz que ele passa o dia todo ocupado com coisas relacionadas à banda, além de estar indo mais vezes ao A.A., pois começou a trabalhar como voluntário.

Tudo o que sei sobre ele ultimamente ou foi Luti, ou Milena quem contou. Falamos o necessário quando estamos juntos, e isso é tão ruim que eu choro à noite, em minha cama, com saudades dele. Tenho saudade do seu toque, dos seus beijos, mas, acima de tudo, do seu olhar.

Suspiro e me despeço de Milena, entrando no aeroporto para fazer o check-in e aguardar o embarque. Encontro-me com alguns outros alunos selecionados, e ficamos conversando por um bom tempo, até que meu telefone apita notificando a chegada de mensagem.

É de Milena, e logo a abro, pensando que talvez tenha deixado algo para trás. Entretanto, não, ao que parece, é algo que ela quer que eu veja:

Acabei de receber de um dos fã-clubes da Off. Assista até o fim!

Lara!

Lara!

Lara!

Minha cabeça retumba o nome dela a cada segundo que se passa dentro do avião onde estou, indo ao encontro de minha mulher em São Paulo, esperando que dê tempo para lhe dizer o quanto eu a amo e que estarei aqui esperando por ela.

Quando saí de Goiânia, o dia ainda não tinha nem amanhecido. Tínhamos acabado de chegar de Rio Verde, uma cidade do interior de Goiás, para nosso show aqui na capital do estado hoje à noite. No aeroporto, eu só pensava em ir para casa e impedir que a Lara fosse para a Bélgica sem que soubesse que eu a

amo de verdade, sem ouvir dos lábios dela a promessa de que voltará para casa para ser minha novamente.

Foram dois longos meses de separação, doloridos para nós dois, de corações machucados e desejos reprimidos. Eu tentei, juro que tentei demonstrar-lhe o que sentia, mas ela não consegue superar a descoberta sobre o coração da Mônica.

Não posso culpá-la, também não sei como me sentiria ao saber que tenho algo dentro de mim de alguém que foi muito amado a ponto da obsessão. Lara quer ser amada por quem ela é, e foi isso que tentei demonstrar durante o tempo em que ficamos separados. Eu juro, pensei que estava conseguindo isso. No entanto, a notícia do curso que ela vai fazer teve o efeito de um balde d'água sobre minha cabeça.

Não entenda mal! Não estou me referindo a ela ficar longe, estudando, por dois meses, mas sim por ela ter se inscrevido em curso fora do país sem nem ao menos me contar sobre isso. Eu só fiquei sabendo que ela ia depois que ela foi selecionada, e isso me pareceu que ela estava tentando fugir, afastar-se de mim. Foi por esse motivo que desisti de tentar convencê-la do meu amor e, efetivamente, dei a ela o tempo que tinha solicitado.

Voltei a trabalhar como antes, como no começo da minha carreira, e ia todos os dias para o estúdio, ensaiava, compunha – sim, voltei a compor devagar – e trabalhava, com Luti e com nossos diretores, novos repertórios para os shows.

Joaquim me falou sobre a ajuda que o grupo estava precisando para uma das reuniões do A.A., e eu me candidatei para ser voluntário. É um trabalho que quero fazer, ajudar, durante minha caminhada, assim como meu padrinho faz. Infelizmente não sei se terei tempo para apadrinhar alguém no futuro, porque isso exige estar disponível para o afilhado e, por causa da minha agenda, talvez não seja possível.

Tive notícias da Angélica – que retornou de vez para o sul do país – através de um e-mail com o pedido de perdão mais longo da história, mas ao qual, por enquanto, eu ainda não tenho como responder com sinceridade. Ela poderia ter me prejudicado demais, e isso vindo de alguém em quem eu confiava.

O doutor Anselmo me chamou para conversar, o que eu estranhei, mas me encontrei com ele em seu escritório no HK. Ele me contou sobre um encontro tenso com minha esposa e tentou me devolver a joia de Mônica, que ele disse que Lara devolveu depois de uma atitude grosseira de sua esposa.

Também não quis ficar com a joia. Pedi a ele que a guardasse, pois todas as recordações que eu tinha de Mônica estavam em minha mente e o maior presente que ela me deixara, com certeza, tinha sido nossa filha.

— Eu acho que vamos perder a guarda da minha neta — ele me surpreendeu com essa declaração. — Na verdade, eu tenho certeza de que vamos.

— Por quê?

— Eu disse que você estava pronto para criá-la quando fui consultado pelo assistente social. — Arregalei os olhos, surpreso mais uma vez. — Vocês estão prontos para ficarem juntos, essa é a verdade.

A conversa que eu tivera com a Lara, havia tanto tempo, na saída do fórum, veio à minha recordação.

— Quando Mônica engravidou, o senhor permitiu que ela ficasse comigo?

Ele bufou.

— Minha filha, apesar daquele jeito maduro e da atitude adulta, era praticamente uma menina, Carlos Eduardo. Ela te amava muito, não duvide disso, mas tinha medo do desconhecido. Viver com você, longe do modo no qual ela foi criada, era se jogar no escuro, e ela não tinha coragem para fazer isso. — Fui obrigado a concordar, pois, ao mesmo tempo em que ela criticava tanto a sua “gaiola dourada”, estava sempre usando as melhores roupas e nunca abriu mão de nenhum tipo de comodidade que o dinheiro de sua família lhe oferecia. — Quando ela me contou que estava grávida, eu fiquei louco. Ela tinha pouco mais de 16 anos, eu sabia o inferno que seria a convivência dela com a mãe, então, me ofereci para ajudar vocês a pagarem aluguel de um apartamento maior e a lhe dar uma mesada para que ela não parasse de estudar.

Tive de me segurar na cadeira ao ouvir isso, pois era totalmente o contrário do que ela me contara na época.

— O que ela lhe disse quando recusou?

— Que preferia ficar em casa, pois você passava muitas noites tocando em bares e ela se sentiria muito só com a criança. — Não tirei a razão dela, pois, naquela época, tudo estava uma loucura. — Foi aí que ela me falou sobre um empresário que queria investir na banda de vocês e que, se tudo desse certo, vocês logo poderiam ficar juntos sem depender de mim. Minha filha acreditava muito no seu talento e ela não estava errada.

— Parece que não. — Dei de ombros, ainda sem saber o que achar sobre suas revelações. — Quando sair a sentença e Amanda passar a morar comigo, saiba que o senhor será bem-vindo para vê-la e visitá-la. — Ele sorriu. — Não quero mais viver nessa guerra infinita.

— Nem eu. — Sorriu agradecido. — Eu garanto a vocês que nós não iremos recorrer da decisão. — Eu me despedi, mas, antes que saísse, ele me chamou. — Peça desculpas a Lara pelo que houve lá em casa e, se puder, diga-lhe que sinto profunda amizade por ela, independentemente de ser o coração da

Mônica a bater em seu peito.

Eu apenas assenti, pois já não estava tendo muito contato com minha esposa.

No dia seguinte a essa conversa, a Off viajou para a região central do Brasil com nosso novo show. Fizemos apresentações em Campo Grande e Bonito no Mato Grosso do Sul, depois seguimos para Itumbiara, Rio Verde e agora teremos Goiânia, em Goiás, e Brasília. Estar de volta à estrada desse jeito tem sido maravilhoso, pois tenho conseguido sentir o público novamente, a receptividade com nossa música e o carinho dos fãs.

Fecho os olhos, lembrando-me da noite de ontem, do show em Rio Verde, onde eu fiz questão de mostrar minha primeira composição depois de anos. A banda e eu tínhamos ensaiado a música algumas vezes durante a semana, mas, ainda assim, eu estava suando de nervosismo.

— Eu quero mostrar a vocês uma música ainda inédita — falei ao público, já pegando minha guitarra. — Depois de muitos anos, eu voltei a compor e acho que vocês, que me acompanham, sabem que voltei a amar. — Sorri sem jeito quando ouvi uma gritaria. — Eu sou imensamente grato a cada um de vocês que esteve conosco durante todos esses anos. Além da amizade que une cada um de nós — apontei para meus companheiros —, o apoio de vocês ajudou a nos manter juntos e não desistir do sonho quando tudo estava mais difícil. Obrigado!

Comecei a tocar a introdução, Luti me acompanhando ao teclado, Deco, em sua bateria, e Pepê, no contrabaixo. Todos estavam com microfones posicionados, pois, enquanto estava compondo a música, ouvia-os cantando comigo.

Deixa essa música viajar
Soprar em seus ouvidos onde você está
Longe, não importa o seu destino
Eu sei que a minha voz vai te encontrar

Abrir as suas asas, fazer você voar
Realizar seus sonhos, te alegrar
Mas quando estiver sem forças pra continuar
O som da minha voz vai te fazer voltar.

Volta!
Me promete que vai voltar
Fazer com que nosso amor dure para sempre.
Volta!

Não podemos viver assim
Nossa história não teve fim
É só o começo.

Feche os teus olhos, me sinta te tocar
(É o som da minha voz a te buscar)
Deixe a tristeza, lembre do meu olhar
(É o som da minha voz a te buscar)
Ouça minha voz, me deixa te amar
É o som do meu coração a te chamar.

Na hora da repetição, a partir da segunda estrofe, eu desabei, chorando como um bebê, sentindo dentro de mim uma mistura de liberdade por ter conseguido voltar a compor, a ouvir a música de novo, e de desesperança, pois tudo o que eu queria era poder cantar para Lara antes que ela fosse embora no dia seguinte.

Recompus-me para voltar a cantar com a banda, mas essa vontade de vê-la antes que ela fosse para Bruxelas estava me matando. Luti percebeu que eu estava agitado e, sem que eu falasse uma só palavra, ele me olhou e me disse para ir atrás dela.

— Não a deixe ir sem saber que você estará esperando por ela — aconselhou-me assim que consegui comprar passagem para o primeiro voo em direção a São Paulo.

— Eu não sei se dará tempo, mas vou tentar.

O aeroporto, por sorte, é o mesmo de onde ela vai partir – Guarulhos –, eu só terei que correr até o setor de embarque internacional e torcer para conseguir achá-la.

Ouço o aviso para afivelar o cinto de segurança, o piloto informa as condições do tempo na cidade e agradece a companhia durante a viagem. Eu não despachei bagagem, então, assim que desembarco, já corro feito um louco, percorrendo a enorme distância entre um terminal e outro.

Ligo para Lara o tempo todo, mas seu celular dá desligado, assim como o da minha irmã. Confiro as horas e constato que Milena deve estar em sala de aula, pois o ano letivo nas escolas ainda não findou.

Já no terminal de embarque internacional, confiro os painéis a fim de descobrir qual é o voo que levará Lara para longe. Corro até o balcão da companhia aérea e, munido com meu passaporte, entro na fila para comprar uma passagem. Não tenho intenção de embarcar, mas preciso acessar a área onde ela deve estar aguardando o embarque e, sem passagem comprada, não posso fazer

isso.

Torço para que o voo não esteja esgotado e tento lembrar se há necessidade de visto para ir até a Bélgica; penso que não.

— Pois não? — a funcionária da companhia aérea me atende, olhando-me de modo estranho, talvez me reconhecendo.

— Preciso de uma passagem para Bruxelas com urgência nesse voo que sai agora. — Ela franze a testa. — Eu só preciso me despedir de uma pessoa lá dentro.

Pelo seu rosto, sei que a notícia não é boa.

— Os preparativos para decolagem já começaram, senhor. — Ela aponta para o painel atrás dela. — Eu sinto muito.

— Por favor, eu só preciso mesmo...

— O portão de embarque já fechou, sinto muito. — Suspiro, desanimado. — Você poderia me dá um autógrafo?

A pergunta me surpreende, mas eu, mesmo com o coração estraçalhado por ter perdido a oportunidade de dizer a Lara tudo o que vim dizer, sorrio e rabisco o papel que ela disfarçadamente me estende.

Como eu não consegui voo para voltar imediatamente para Goiânia, decidi vir até o nosso apartamento, ficar um pouco em contato com as coisas de Lara, matar a saudade de seu perfume, mesmo através das roupas deixadas para trás.

Estou há dias sem pisar aqui, e, quando chego, soluço como um menino de colo, já sentindo falta dela, mesmo sabendo que em dois meses ela estará de volta. Penso em ver a possibilidade de adiar alguns shows e ir, juntamente com Amanda, encontrar-me com ela em janeiro, mas, antes, preciso conversar com a Lara, ainda que por telefone.

Sigo diretamente para o quarto dela, pego o vestido que mais gosto de vê-la usar e o cheiro, cheio de saudades. Lara entrou na minha vida e transformou tudo, ela me fez reviver, me fez voltar a ser feliz. Não posso simplesmente deixá-la sair da minha vida sem lutar.

Ouço a porta de entrada bater e, pelo horário, penso ser Márcia vindo para alguma faxina ou mesmo do supermercado. Acho melhor descer e anunciar minha presença para que ela não se assuste, mas, assim que chego ao topo das escadas, paraliso, trêmulo e sem poder acreditar nos meus olhos.

— Lara...?

Ela olha para cima, olhos vermelhos de chorar, e abre um enorme sorriso ao

me ver. Fecho os olhos com força, achando que minha frustração por ter chegado tarde demais está me fazendo ter ilusões, mas, quando os reabro, ela continua ali, parada no meio da sala, entre sorrisos e lágrimas.

Desço as escadas correndo, vencendo a distância que nos separa e, assim que a alcanço, aperto-a em meus braços em franco desespero, beijando seu rosto molhado pelas lágrimas e sua boca com toda a paixão reprimida nesses últimos tempos.

— Eu tentei ir atrás de você e te pedir para...

— Eu não pude ir. Só pensava em Amanda e em você aqui, sozinhos, durante as festas, nas férias dela da escola, e então Milena me enviou o vídeo...

— Vídeo? — questiono sem entender.

— Sua apresentação de ontem à noite. — Eu assinto. — A música que você compôs me pedindo para voltar... — Ela ri. — Eu só não pude ir.

Encosto minha testa na dela.

— Era uma oportunidade ótima para seu futuro e...

— Vocês são meu futuro, Cadu. Eu sei que terei outras oportunidades de estudar fora, ainda tenho um longo caminho, mas sinto que este momento é o de construir e fortalecer nosso amor, nossa família. É isso o que meu coração está me pedindo para fazer.

Sorrio, feliz.

— Você me perdoou, Lara? — Ela assente, sorrindo. — Prometo não esconder mais nada de você, mesmo correndo o risco de...

Ela me beija, calando-me.

— Eu amo você, Cadu. E quero apenas que você me ame de volta.

— Eu amo, Lara. — Rio. — Desesperadamente, como um louco, eu amo você!

Ela sorri e me agarra pelo pescoço, e eu a amparo em meu colo. Quero conversar mais com ela, garantir que o que sinto é única e exclusivamente dela, mas Lara parece ter outros planos quando começa a beijar meu pescoço e rebolar contra meu pau.

Tanto tempo sonhando com ela, desejando-a, sofrendo com sua distância e com o medo de tê-la perdido para sempre... Temos muito a ajustar, mas isso pode esperar, afinal, temos a vida inteira pela frente.

Começo a andar rapidamente em direção às escadas, louco para amá-la como merece, em minha cama.

A vida inteira nunca me pareceu um tempo tão delicioso!

Quando Amanda veio, finalmente, morar conosco, faltava uma semana para o Natal. Eu não posso descrever a reação do Cadu quando ela entrou pela nossa porta de forma definitiva, como moradora permanente e não só como visita. Os olhos verdes de pai e filha estavam marejados. No entanto, havia um enorme sorriso em seus rostos.

Muita coisa que estava na mansão dos Kaufmanns veio para o nosso apartamento, coisas pessoais de Amanda, lembranças, fotos e alguns brinquedos. Para os avós dela, foi combinada uma visita semanal, sem pernoite, mas Cadu garantiu ao doutor Anselmo acesso livre à menina.

Quanto a Geórgia, nós não falamos com ela, que, por sua vez, não se

dignou nem a se despedir da neta. Amanda pareceu ficar chateada, óbvio, mas, depois de ser beijada e abraçada por todos os funcionários da mansão, a menina já estava se sentindo melhor.

Dona Felícia, minha sogra, e eu nos empenhamos para enfeitar o apartamento com muitos artigos natalinos, inclusive com um imenso pinheiro na sala. O guarda-corpo da escada estava todo envolvido com festão nevado, lampadinhas e meias de lã. Em cima de todos os móveis, havia pelo menos um pequeno Papai Noel, rena, boneco de neve ou o biscoito de gengibre em forma de boneco.

A casa estava acolhedora, cheirosa com os arranjos florais nas mesas ou mesmo com o cheiro de canela e chocolate dos quitutes que Márcia estava preparando.

Nós programamos uma ceia em família, e todos – inclusive meus pais, a vovó e minha irmã – se animaram para a festa. Minha família ainda não conhecia a Amanda, embora eu já tivesse falado dela, seria a primeira vez em que teriam contato, e eu esperava que eles gostassem dela e que aceitassem que eu a amo como se fosse minha filha.

A família do Cadu também estaria aqui, bem como seus amigos da banda – ficariam por um tempo e depois seguiriam para suas próprias famílias – e o Joaquim, o padrinho do Cadu no A.A.

Eu tenho notado meu marido tão feliz que fico pensando em como eu poderia ter ido viajar e o deixado aqui com Amanda, sem mim. Eles são o que tenho de mais importante na vida, minha família, meu suporte, e eu não os deixaria sozinhos sofrendo numa data tão especial. Nosso primeiro Natal juntos como uma família feliz!

A comemoração foi especial. Além dos enfeites, Márcia preparou uma infinidade de comida e sobremesas para nossa ceia. Minha família chegou no dia anterior à véspera de Natal e ficou toda conosco. Clara dormiu com Amanda, meus pais, no quarto de hóspedes, e vovó, no que era meu.

Na véspera do feriado, mamãe fez seu famoso pudim, e eu vi um Luti boquiaberto dando mole para minha irmã descaradamente. Comentei com o Cadu sobre o ocorrido, e ele me confirmou que o amigo tinha ficado muito impressionado com a Clara. Isso me deixou um tanto triste, porque eu sei que, no fundo, Milena ainda nutre sentimentos por ele, mesmo ela negando. Não posso entender o motivo pelo qual os dois ainda não ficaram juntos, mas sempre sinto uma energia diferente quando ambos estão presentes. Há uma certa cumplicidade entre eles, mas, ao mesmo tempo, ambos vivem se alfinetando. É o relacionamento mais estranho que eu já presenciei.

À noite, o apartamento estava lotado com nossos amigos e familiares, e,

pouco antes da meia-noite, ceamos, e Cadu levantou a Amanda até o topo da árvore para colocar a estrela. Assim que o relógio bateu meia-noite, trocamos presentes.

Cadu me surpreendeu ao me dar uma boina vermelha. Eu nunca usara algo assim e, quando vi Amanda tirar uma igualzinha da sua embalagem, olhei para ele curiosa.

— Pensei que vocês duas gostariam de ficar a caráter! — Deu de ombros. — O presente, na verdade, são os 15 dias de férias que consegui e a viagem que vamos fazer.

Amanda começou a saltitar animada, e eu não sabia o que fazer. Cadu se aproximou de mim, pegando minhas mãos.

— Nunca tivemos nossa lua de mel, e — olhou para Amanda —, mesmo sendo a três, eu gostaria que ela fosse especial.

— É exatamente por isso que ela será — respondi com o coração cheio de alegria.

— Vamos para Paris.

Suspiro, lembrando-me da minha reação à sua revelação e de todos os concertos e apresentações que ele reservou lugar para assistirmos. Olho pela janela da minha suíte e vejo a ponta da Torre Eiffel ao fundo, sentindo-me a mulher mais realizada deste mundo. Não por estar aqui, na cidade mais romântica do mundo, há mais de uma semana, mas por ter uma filha linda e saudável e um homem que me ama por quem sou.

Termino de fechar o vestido vermelho, colado ao meu corpo, e confiro meu novo corte de cabelos, um pouco abaixo das orelhas e com mechas mais claras, embora não tenha ficado loira. Cadu se surpreendeu quando voltei assim do salão, aqui em Paris, mas aprovou a mudança. Pego o pesado sobretudo, pronta para sair, quando ele entra no quarto.

— Amanda dormiu — avisa.

Eu rio e recoloco o casaco no guarda-roupa, imaginando que não iremos mais sair para jantar em comemoração ao seu aniversário, uma vez que nossa pequena Raio de Sol correu e saltou nas praças o dia todo.

— Amanhã vamos fazer o passeio por Chantilly, conhecer os castelos e os museus — informa. Eu sorrio, adorando a ideia, e ele beija meu pescoço. — Hum... eu gostei de Amanda ter dormido agora.

Rio.

— Não está com fome?

As mãos dele trabalham no fecho do meu vestido enquanto sua língua brinca no lóbulo da minha orelha.

— Eu estou faminto, Lara. — Morde meu pescoço. — Sempre estou

faminto por você.

O vestido cai ao chão, deixando-me apenas de lingerie vermelha. Cadu se afasta e olha-me demoradamente, absorvendo cada detalhe do conjunto sobre minha pele clara. Seus dedos percorrem a parte superior dos meus seios, pressionados contra o bojo do sutiã, contornando os pequenos relevos e fazendo com que minha pele fique totalmente arrepiada.

Não deixamos de encarar um ao outro nem mesmo por um instante enquanto o sinto explorando meu corpo com as mãos. O jeito que ele me toca é intenso. Não é apenas uma passada de mãos, é forte, sinto-o me apertando em alguns pontos – minha cintura, a curva dos meus quadris, minhas nádegas – e me fazendo gemer de prazer.

— Diz que você me quer, Lara...

Sorrio ante o desespero em sua voz, ainda mais rouca por causa do tesão.

— Eu quero você, Carlos Eduardo.

— Quanto? — Ele me puxa para seus braços. — Como? — Lambe minha orelha. — Onde?

Minha calcinha é levemente afastada do corpo, no bumbum, e ele desliza seus dedos entre minhas nádegas, sempre as apertando. Sua boca avança pelo meu colo enquanto a outra mão solta o fecho do sutiã para que ele abocanhe meu mamilo.

Deliro com a sucção, as mordidas e lambidas nos meus seios enquanto sua mão continua massageando minha bunda sem nenhum pudor.

— Eu sou toda sua... — gemo quando ele desce mais a mão, passando os dedos pelos meus lábios já molhados e o clitóris rijo. — Completamente sua...

Escuto-o emitir um som rouco e me seguro em seus ombros quando ele me ergue do chão e me encosta na parede. Eu abraço sua cintura com minhas pernas, e ele rapidamente abre a braguilha de sua calça, abaixando a cueca boxer o suficiente para expor seu pênis e esfregá-lo sobre minha calcinha.

Fecho os olhos, encostando minha cabeça contra a parede do quarto, sentindo-me ficar cada vez mais úmida e quente, minha peça íntima encharcando e ele usando essa umidade para deslizar a cabeça de seu pau em mim, levando-me ao limite do prazer.

— Eu adoro essas calcinhas de seda que você comprou... — Eu rio, pois, da pequena coleção que adquiri, restam-me poucas peças que ele ainda não rasgou. — Elas são lisinhas, meu pau desliza fácil, são suaves e molham rápido... — Ri. — Isso não é mérito da calcinha, eu sei. — Eu gargalho de seu olhar cheio de tesão. — O que mais gosto delas é que são bem frágeis.

Ao dizer isso, dá um puxão em uma das laterais, e lá se vai mais uma calcinha para o lixo!

Abro a boca para protestar dessa mania e logo sou sufocada pela sua boca, sôfrega, sobre a minha, enquanto me penetra de uma só vez. Fico sem fôlego ao senti-lo entrar centímetro por centímetro, trêmula com o tesão da sensação da sua pele contra a minha, sua lubrificação se misturando à minha, fazendo ferver tudo dentro de mim.

Agarro-me em seus cabelos, gemendo contra sua boca, enquanto ele entra e sai sem parar, sem diminuir o ritmo, deixando-me próxima demais do ápice, até que – *Ah!* – grito, abrindo meus braços contra a parede, arranhando o papel floral com as unhas, gemendo como louca.

Cadu não para nem mesmo quando eu, feito gelatina, desabo sobre seu ombro, ainda sentindo os espasmos do gozo maravilhoso que senti, pronta para mais uma onda de prazer. E quando ela vem, ele me segue, rosnando em meus ouvidos, mordendo meu pescoço e – o mais gostoso – dizendo o que eu amo ouvir:

— Você é minha, Lara, para sempre, assim como eu sou seu.

Ficamos ainda de pé, apoiados um no outro, esperando a respiração voltar ao normal e as sensações inebriantes deixarem nossos cérebros. O olhar de Cadu para mim transmite tudo o que ele acabou de me dizer, e eu o beijo lentamente, sua boca, seu nariz, seus olhos.

— Feliz aniversário. Eu amo você!

Ele sorri satisfeito e me abraça apertado.

— Para sempre, Lara.

Eu assinto.

— Para sempre, Cadu.

Cinco anos depois.

Escuto a multidão pedindo para tocarmos *Recomeço* e sinto meus olhos transbordarem de lágrimas, emocionado, satisfeito, mas, acima de tudo, consciente de que essa canção foi feita em uns dos momentos mais emocionantes da minha vida: quando completei meu primeiro ano sem beber.

Foi organizada uma festa no A.A. que frequento, Joaquim reuniu os companheiros que, assim como eu, trilhavam cada passo com vontade e respeito. Não é fácil, nunca será, o que temos que fazer é não olhar para trás e nem desviar do nosso caminho.

Um dia de cada vez!

Além da festinha no grupo, Lara promoveu um almoço para minha família, e, lá, rodeado de pessoas que sempre estiveram do meu lado, que me amaram mesmo nos momentos mais difíceis, a melodia tocou no meu coração. Fiquei louco, peguei um violão, e Lara, sabendo que eu havia encontrado alguma inspiração, logo ligou o gravador do seu celular.

Depois, já sozinhos, com Amanda dormindo em seu quarto calmamente, Lara me ajudou a lapidar a canção e a escrever a letra, tornando-se, a partir daquele momento, minha parceira musical, além de esposa e parceira para a vida toda. Já nem sei mais o número de músicas que compomos juntos. Algumas foram gravadas pela Off-Road, outras, por vários nomes importantes da nossa música. Lara, mesmo depois de receber ofertas para se profissionalizar como cantora ou musicista, recusou e, após se formar, começou a lecionar em colégios e agora, já terminando o mestrado, pensa em ensinar na universidade. Ela ama ensinar, é esse seu dom, e eu entendi isso, apoiei-a e vibrei a cada conquista dela nessa área.

Um pouco antes de sua graduação, ela teve novamente a oportunidade de estudar fora do Brasil e ficou dois meses na Alemanha. A saudade quase me matou, pois eu estava com a agenda de shows apertada e não podia ir com ela. No entanto, namoramos muito por vídeo, fazendo várias safadezas virtuais.

Um tempo depois, sua amiga, a Tiana, pediu a ela que fizesse a trilha para um filme em que ela estava trabalhando na produção, e Lara fez uma preciosidade musical, orquestrada, digna de um Oscar! Ganhou o Festival de Gramado como a melhor canção original; o Globo de Ouro em Trilha Sonora, e nós ficamos esperando indicação ao prêmio máximo do cinema, mas ele não veio, infelizmente.

Eu tenho muito orgulho da minha esposa! Muito! Não só por suas composições, seus prêmios e o nome que ela tem construído no meio com tão pouca idade. Sobretudo tenho orgulho dela por conhecer sua história, sua superação e ter certeza de que todas as suas realizações, mínimas que sejam, fazem com que ela seja grata pela oportunidade de continuar vivendo.

Eu também sou, muito! Ela me ensinou a agradecer, a ter fé, a ver sempre o lado positivo das coisas. Eu pareço muito apaixonado, não pareço? É porque sou mesmo! A paixão que sinto por ela transcende qualquer sentimento carnal, sou apaixonado por sua força de vontade, por sua dedicação, por sua entrega a tudo o que faz. Sou apaixonado pela Lara, minha esposa, mãe da minha filha, mulher bem-sucedida, de opinião e que luta pelos seus mais do que por ela mesma.

Como não amar uma pessoa assim? Como não querer beijar seus pés todas as noites e dizer, sem medo de parecer repetitivo, o quanto eu a amo? Parece

exagerado para você? Não é nem o começo!

Foi no meio de um show como este, para uma multidão no Maracanã, há um ano, que tudo silenciou e as luzes do palco se apagaram. Eu olhei para trás, à procura da minha equipe, quando vi a Lara aparecer no telão. Ela estava com Amanda e tinha um violão no colo. Começou a tocar *Sinfonia* – a canção que fiz quando minha filha nasceu – e, quando a música terminou, Amanda, sorrindo, mandou-me um recado:

— Papai, essa já é minha, você vai ter que fazer outra! — Riu. — Eu vou ter um irmãozinho!

Eu ouvi gritos e aplausos dos fãs da banda e fiquei parado no meio do palco, com a luz direcionada em mim, chorando como um bebê ao pensar que seria pai novamente e na alegria de dividir esse momento com a mulher que eu amava, ver sua barriga crescer, acompanhar cada momento da gestação e depois ter nosso filho conosco. Uma família completa!

— Estamos te esperando em casa — Lara disse. — Mas, antes, tenho certeza de que todo mundo aí quer um bis!

Ela me mandou um beijo, e as luzes voltaram a se acender. Luti gargalhava atrás do teclado, e eu apontei o dedo para ele, sussurrando que não tinha condições de continuar a cantar.

Ele introduziu a música que minha esposa tinha acabado de tocar para revelar que íamos ser pais, e eu olhei para o público feliz, torcendo pela gente, e entendi que, mesmo sendo mais um dos marketings do Cris, foi especial dividir aquele momento com cada um ali presente, afinal, sem eles, a Off não estaria havia quase 12 anos na estrada.

Quando o show terminou, entrei no jatinho e fui encontrar minha família em São Paulo. Foi um momento único, especial, e eu só conseguia dizer a Lara o quanto a amava e estava feliz, prometendo ser um marido companheiro e um pai participativo.

Eu cumpri essa promessa. Fui a cada consulta, exame, participei do enxoval, chá de revelação, chá de bebê e cursos de parto natural. Eu, em muitos momentos, estava onde só havia mulheres grávidas, às vezes era o único homem, fazendo questão de me sentir grávido também, afinal, Lara estava gerando uma criança nossa.

Quando Lorenzo nasceu, eu fui o primeiro a apará-lo em meus braços e o levei até ela. Um menino saudável, com um tufo de cabelo castanho na cabeça e olhos verdes. Nosso filho, nosso amor encarnado e perpetuado.

Tirei licença e fiquei com minha mulher durante três meses, curtindo nosso bebê, acordando de madrugada, trocando fraldas, segurando-o para arrotar enquanto ela voltava a dormir. Cansativo? Foi, sim, mas eu amei cada momento!

— Cadu? — Luti me chama, e eu percebo que perdi a entrada da música.

— Pois é, Fortaleza, eu sou um homem apaixonado! — Escuto assobios. — Quem aí já perdeu um grande amor e achou que era o fim? — Todos gritam, e eu rio. — Eu sei como é, mas, acreditem em mim, sempre há um *recomeço!*

Luti introduz a canção novamente, e eu canto junto com milhares de pessoas, fazendo o meu trabalho, curtindo poder fazer o que amo, mas louco para voltar para casa.

Fim

J. Marquesi é uma faz-tudo de 33 anos que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia poder mostrar suas histórias a alguém. Já lançou cinco livros no site *Amazon*, a série Família Villazza, com quatro livros e um *spinoff*, série que está para ser lançada em formato físico.

Outras obras

DUAS VIDAS

Série *Recomeço*, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Fanpage | Instagram

Wattpad | Grupo do Facebook

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na Amazon indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Nota da autora: Escola de Comunicação e Artes da USP.

[←2]

Nota da autora: Atividade Acadêmico-Científico-Culturais.

[←3] Nota da autora: drinque feito com licor de cacau, conhaque, creme de leite e canela.

[←4]

Nota da autora: *Hanukkah* (chanucá) – Festa das Luzes para os judeus, que acontece próxima ao Natal.

[←5]

Nota da autora: *Gói* (Goy) – palavra que judeus usam para se referirem a não-judeus (gentios).

[←6]

Nota da autora: *Promete*, Ana Vilela, 2017. As partes entre aspas foram modificadas para encaixarem no enredo (“Promete ser para sempre o meu menino” e “meu guri”).

[← 7]

Nota da autora: Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) – compositor russo.